Estudos Psíquicos

Pelo Progresso e Prestígio do Espiritismo — Pela União Fraternal da Família Espirita

DIRECTOR E PROPRIETÁRIO
Isidoro Duarte Santos

EDITOR
Pedro C. Dias de Sousa

ANO 2.º — LISBOA, JANEIRO-FEVEREIRO DE 1941 — N.º 9

A FALÊNCIA DO MATERIALISMO

por Isidoro Duarte Santos

III

VAMOS entrar num campo vastíssimo, em que o mistério do ser assumirá as mais variadas cambiantes.

Dissemos que provaríamos a verdade da sobrevivência da alma, tão combatida por adversários que não fazem questão de negar sem detido exame. É o que vamos fazer, não só com o testemunho dos sábios que gastaram muitos anos no estudo dêste grande problema, como, também, com a explanação da fenomenografia psíquica e espirita, que tantos engulhos causa ao raciocínio materialista, subjugado a critérios apriorísticos, a âmbitos estreitos que representam a negação, pura e simples, do mil vezes decantado espírito científico. E assim temos de alterar, fundamentalmente, o plano que esboçáramos, visto ser impossível resumir num só artigo o que anda disperso por dezenas de volumes.

De tôdas as locubrações humanas, uma há que está sempre presente e sobreleva tudo o que, porventura, nos pareça interessar verdadeiramente. Consiste na interrogação que se levanta, dia a dia, hora a hora, nos recessos da consciência de quem estuda e analisa:

— ¿Quem somos? ¿Donde viemos? ¿Para onde vamos?

Não há ninguém, por mais comodista ou desprendido que seja, que não tenha formulado a si mesmo estas estranhas preguntas. A análise feita à natureza que nos cerca leva a conclusões que limitam extraordinàriamente os nossos fracos conhecimentos e provam que o sistema planetário a que pertencemos não passa de poeira electrónica, comparado com os milhões de mundos disseminados pelo infinito. E quanto mais observamos e analisamos, auxiliados por aparelhagem que aumenta intensamente os efeitos das nossas pesquisas, mais nos aproximamos da realidade incontestável que milhares de pessoas teimam em repudiar.

O estudo dos astros exerce no homem a mesma acção que o estudo do electromagnetismo ou da fôrça molecular. Num e noutro campo, a limitação refreia os ímpetos do sábio, que não pode ir além do alcance dos seus instrumentos ópticos. E, todavia, sente-se que, para além dêsse limite, a fôrça e a matéria continuam a existir, sob modalidades infinitamente variadas, fora da órbita dos nossos sentidos físicos. ¡Pobres de nós que, incapazes de nos mantermos de pé alguns instantes, pretendemos iniciar jornadas utópicas através da matéria! ¡Pobres de nós, que vivemos num oceano de mistérios e temos de recuar ante o insondável, o incognoscível!

Contudo, verifica-se a existência dum plano

universal cientificamente ordenado, onde tudo se harmoniza e liga com perfeição absoluta. As leis que regem o infinitamente grande, regem o infinitamente pequeno. Dentro dum grânulo de pó há verdadeiros sistemas planetários formados por iões e electrões, cuja órbita, guardadas as devidas proporções, é semelhante à dos planetas do grupo a que pertence o nosso globo. A teoria cinética da matéria, entrevista por Daniel Bernouille, leva-nos a conclusões espantosas. Se nos lembrarmos de que as moléculas atmosféricas caminham à velocidade de quinhentos metros por segundo (1.800 km por hora) e que uma gôta de água de dois milímetros de diâmetro é formada por tantas moléculas que levariam quatro mil anos a contar, à razão de mil por segundo; se nos lembrarmos, igualmente, de que o Sol é 1.326.472 vezes maior do que a Terra e de que Andrómeda é 232 triliões de vezes maior do que o Sol, outras nebulosas havendo de dimensões incomparàvelmente maiores, ainda, tôdas elas girando com velocidades fantásticas, sem se afastarem um milímetro, sequer, da sua órbita, seremos levados, imediatamente, a pensar na Inteligência Suprema que dirige esta máquina portentosa, visto que o ateísmo é incompatível com o estudo da origem dos mundos e da vida.

O materialismo caíu nos mesmos êrros das religiões dogmáticas e lançou a humanidade num remoinhar de sentimentos negativos que lhe impediram a marcha ascendente e equilibrada, através das verdadeiras sendas da evolução. Repelindo a crença na vida futura e dando à morte significado niilista conducente à paralização da vontade individual, o materialismo tornou-se réu de crime nefando: aniquilou as nobres virtudes que exornavam a alma humana, substituíndo-as pelos espinhos crudelíssimos do orgulho que deixam chagas incuráveis.

Felizmente, há necessidade de quebrar as amarras que empolgam o espírito, sequioso de conhecimentos. A fé cega seguiu o destino do raciocínio estreito. O pensamento retomou as asas milenárias e dirige-se para o Alto e para Deus, fontes inesgotáveis de Verdade e de Amor, sem as quais não passaríamos de mísera engrenagem, sujeita à inconstância do movimento. E porque o materialismo não pôde ou não quis fornecer elementos que levassem a criatura à conquista de certezas morais, como resposta a naturais aspirações, o homem volta-se para doutrinas racionais que, aliadas à evolução científica dos tempos modernos, preenchem lacunas que permaneceram abertas durante muitos e muitos séculos.

O Espiritismo surgiu, pois, na altura própria, quando os chamados positivistas desnorteavam as multidões com ditirambos ôcos, de fúria iconoclasta, erguendo pedestais à *Razão*, endeuzada por Augusto Comte. Apresentou-se como concepção filosófica que satisfazia as interrogações do espírito racionalista da época, ao mesmo tempo que abria novos horizontes espirituais à humanidade.

A opinião de Charles Richet

Os fenómenos psíquicos aparecem, geralmente, envolvidos de certo mistério que choca extraordinàriamente a imaginação, não só das pessoas crédulas e simples, como, também, dos próprios sábios, que não deixam de ser influenciados, em virtude da curiosidade que sentem, em presença de qualquer coisa insólita ou inhabitual. Esta circunstância conduz muita gente à deturpação dos factos, atribuíndo-lhes significado que não têm. Quando se ignora, por exemplo, a causa dum ruído ou da deslocação dum objecto sem contacto aparente, o dever é indagá-la, com método, até a encontrar. Talvez se verifique, depois, a simplicidade daquilo a que se deu foros de... sobrenatural. Qualquer opinião prematura, apenas servirá de obstáculo à investigação cuidada e judiciosa. Às vezes, o fenómeno em si está na razão inversa do exagêro de precauções tomadas pelo investigador, sobretudo, quando êle tem prática de laboratório, onde as pesquisas se limitam à matéria orgânica e os fenómenos se repetem com as mesmas características, desde que o ambiente não tenha sido modificado. Isto não significa, de nossa parte, objecção ao rigorismo de certos experimentadores que descem aos mais insignificantes pormenores, a-fim-de reduzir ao mínimo a probabilidade de ilusão, durante os seus trabalhos. Achamos muito bem que se eliminem todos os factores que possam induzir em êrro, visto que os fenómenos mal observados não merecem confiança e justificam o desdém que lhes votam os verdadeiros sábios, que se abstêm de negar *a priori* e que não temem confessar ignorância àcêrca daquilo que não estudaram.

Sabemos que há fenómenos autênticos, cuja génese permanece incompreensível, no estado actual dos nossos conhecimentos. Mas o que não se explica hoje, explicar-se-á àmanhã.

Estudemos, pois, os fenómenos psíquicos. As conclusões aconselharão o rumo a seguir pelo homem consciencioso e infenso a preconceitos científicos. E para que os leitores nos acompanhem confiadamente, certos de que chegarão a compreender a realidade da alma humana e a sua sobrevivência à morte do corpo (morte no sentido de transformação), vamos transcrever alguns passos dum trabalho que o eminente fisiologista Charles Richet escreveu nos *Annales des Sciences Psychiques*, há cêrca de trinta anos, quando as suas investigações estavam, para assim dizer, no auge:

As ciências experimentais: física, química, fisiologia — são tão positivas como as ciências matemáticas; mas diferem destas, em virtude de não poderem apresentar negações. Fornecem factos, mas não podem provar, jámais, que outros factos (não contraditórios) são impossíveis.

Assim, o oxigénio combina-se com o hidrogénio para formar água. É um facto, contra o qual nenhum outro facto se poderá erguer; contudo, é perfeitamente admissível que o oxigénio, que nos parecia hoje um corpo simples, seja um dia desdobrado noutros corpos simples. É muito possível, até mesmo verossimil, que as nossas teorias acêrca da natureza íntima do fenómeno químico da combinação sejam completamente modificadas.

Pouco importa que, nas condições actuais, o oxigénio se combine com o hidrogénio, para formar água. Todavia, há nesta proposição um incidente fundamental. Nas *condições actuais*, o oxigénio combina-se com o hidrogénio. Ora, podem dar-se outras condições, em que a combinação seja impossível. Suponhamos, por exemplo, uma pressão extremamente fraca, outros gases misturados em grande volume e temperatura muito baixa. Pode muito bem acontecer que se torne impraticável a combinação do oxigénio e, neste caso, o químico não teria desculpa por não querer examinar as experiências, nas quais se falava da impossibilidade, para o oxigénio, de se combinar com o hidrogénio, em *certas condições*.

Também, quando se diz que o oxigénio se combina com o hidrogénio, não se pode provar a negativa, visto que, mudando as condições, é bem natural que a combinação seja irrealizável.

A base será encontrar condições novas, diferentes das condições conhecidas, há pouco descritas e determinadas. Qualquer fôrça desconhecida pode sempre modificar um fenómeno, de forma que a negação de impossibilidade experimental levaria a esta conseqüência absurda: *nenhuma fôrça, conhecida ou desconhecida, pode suspender ou acelerar a combinação do oxigénio com o hidrogénio.*

Tomemos outro exemplo. É geralmente sabido que os corpos insusceptíveis de modificações químicas não produzem calor. Aqui está, segundo parece, uma lei certa, absoluta, universalmente clássica, estabelecida como base inquebrantável da física geral. Ora, a descoberta do *radium* destruiu a generalidade absoluta do facto, pois que o *radium* desenvolve perpetuamente notáveis quantidades de calor, sem modificação química apreciável.

Êste fenómeno não contradiz as experiências anteriores. É um fenómeno novo, eis tudo. E o sábio que se recusasse a examinar um facto, lá porque êle fôsse, aparentemente, contraditório dos factos clássicos, seria um pobre diabo.

Entretanto, a única razão dos ataques *a priori*, aos fenómenos do Espiritismo, está, precisamente, na singularidade dos mesmos, pois que se não pode encontrar nos factos do Espiritismo a mínima coisa que contradiga, formalmente, os dados estabelecidos pela ciência.

Escolhamos o mais extraordinário, dentre os inumeráveis fenómenos alegados pelos espiritas: uma aparição, por exemplo, — a materialização do ser. O exemplo clássico seria o de Katie King, observado por Sir William Crookes.

Não há dúvida de que existe ali um fenómeno estranho, prodigioso, inverossímil. Por mais tratos que se dê à imaginação, não se encontrarão palavras para classificar o fenómeno da aparição dum fantasma, sêr que tem pêso, circulação, inteligência e vontade, ao mesmo tempo que o médium, ao lado desta nova entidade, conserva, igualmente, o seu pêso próprio, circulação, inteligência e vontade. Todavia, por muito singular que seja a existência dum fantasma, não é absurda, nem contradiz a ciência estabelecida. ¿Onde se encontra a experiência demonstrativa de que uma forma humana não pode aparecer?

Da mesma forma para os «raps» ou golpes inteligentes vibrados nos objectos inertes. Da mesma forma para a transmissão de pensamentos ou lucidez. Da mesma forma para o movimento de objecto a distância. A ciência não negou estes factos, nem os pode negar.

Recuso-me a admitir êste argumento simplista: «É impossível, porque o bom-senso me diz que é impossível». ¿Imposível, porquê? ¿Quem é que já delimitou o que é ou não impossível? É preciso não esquecer

que tôdas as conquistas da ciência e da indústria foram consideradas, outrora, como impossíveis.

Eis o que disse Charles Richet, lente catedrático da Universidade de Paris, membro da Academia Francesa, um dos primeiros fisiologistas do mundo, a respeito dos fenómenos psíquicos.

Richet estudou grande parte das ciências e distinguiu-se nas investigações acêrca do calor animal e da acção biológica dos alimentos. Depois, descobriu a *anafilaxia*, fenómeno contrário à vacinação, o qual foi confirmado pelas investigações de Auguste Lumière sôbre os colóides. Além disso, dirigiu o magnífico «Dicionário de Fisiologia» e escreveu, de colaboração com seu filho, um «Tratado de Fisiologia Médico-cirúrgica». Foram tão extraordinários os seus trabalhos científicos, que em 1914 era distinguido com o prémio Nobel.

O estudo do sistema nervoso levou-o a escrever um «Ensaio de Psicologia Geral», que atingiu dezenas de edições. Foi colaborador de Sully-Prudhomme e discutiu as teorias darvinistas, deixando brilhantes traços das suas lucubrações filosóficas em muitas publicações da especialidade. Foi historiador e literato, rehabilitou o magnetismo animal, há cêrca de setenta anos, provando que não havia fraude nos estados magnéticos ou hipnóticos e estabeleceu a psicologia do sonambulismo provocado. A sua obra «O Homem e a Inteligência» é o reflexo dessas lutas científicas e filosóficas. Mais tarde, dedicou-se às experiências telepáticas e de clarividência e aos fenómenos físicos da metapsíquica, estes últimos com as médiuns Marthe Béraud (Eva Carrière) e Eusápia Palladino. Finalmente, publicou o volumoso «Tratado de Metapsíquica», onde coordenou copiosa documentação, concernente aos fenómenos que desejamos analisar.

Vê-se, pois, claramente, quão grande, quão inconfundível não é a autoridade intelectual do sábio, cuja opinião tomamos para base do nosso estudo.

Mas não se trata só de Richet, o criador da metapsíquica que, em carta escrita, pouco antes da sua morte, ao professor Bozzano, se declarou convencido da verdade do Espiritismo.

— ¡Foi a sua obra que me convenceu! — exclamou êle, num momento de sinceridade e de franqueza.

Bozzano tem direito à nossa gratidão, por ter conseguido a conversão daquele sábio.

A opinião de sir William Crookes

Não se trata apenas de Richet, dissemos nós. Sim, não se trata apenas de Richet. Entre as centenas de autoridades que estudaram êste problema, uma avulta, que ninguém poderá menosprezar, tão alto subiu a sua auréola científica, tão profundamente escrutou os misteriosos arcanos da natureza: William Crookes.

O Professor William Crookes tem lugar de relêvo entre a plêade de médicos, físicos, químicos, astrónomos, matemáticos, escritores, filósofos, homens de estado, militares, que mergulharam o intelecto no mar largo dos fenómenos *inhabituais*, de Richet. Crookes pode ser apontado como o maior físico do seu tempo e um dos maiores sábios dos últimos cem anos. Foi tal a sua precocidade, que aos vinte anos de idade chamou a atenção de muitas academias para os seus trabalhos acêrca da polarização da luz, trabalhos que ampliou, chegando às famosas descobertas dos espectros luminosos. Inventou o microscópio e o fotómetro de polarização, além do espectroscópio, que permitiu aos astrónomos conhecer a constituïção físico-química dos astros. Fêz progredir intensamente a astronomia. Os seus numerosos trabalhos, relativos à análise dos corpos celestes, e os novos processos de fotografia astronómica, conduziram a inesperadas descobertas.

Como químico, inventou processos de amalgamação do ouro e da prata, que se tornaram clássicos em todo o mundo. Descobriu o *thalium*. Deve-se-lhe a maior descoberta do século dezanove: o estado radiante da matéria, que deitou abaixo ideas antigas e abriu o caminho aos raios de Roentgen.

Mereceu a admiração dos sábios e a estima dos reis de Inglaterra.

Em 1871, empreendeu o estudo dos fenómenos psíquicos, com auxílio de diversos médiuns. As suas experiências tornaram-se célebres, não só pela categoria do investigador, como pela dos sábios que nelas tomaram parte.

Cinco anos depois, o grande Crookes, cuja inteligência e espírito científico ninguém, até ali, ousara pôr em dúvida, concluiu que os

fenómenos não só eram possíveis; eram reais (1).

Esta afirmação abalou os fundamentos do materialismo da época, pois nenhum sábio de tal categoria ousara fazer semelhante profissão de fé, mau grado os preconceitos académicos. Acoimado de louco pelos seus colegas, Crookes não hesitou em renovar a sua declaração, sempre que achava oportunidade para isso. Certo dia, alguns críticos lembraram-se de propalar que o sábio se havia enganado e reconhecera o lôgro em que caíra. O desmentido, porém, não se fêz esperar, em carta escrita ao Dr. Elliot Cones:

«Peço-vos que oponhais o mais formal desmentido aos boatos, segundo os quais estou convencido de me haver enganado nas minhas experiências psíquicas».

Crookes não se enganou, nem repudiou declarações que fizera. Foi sempre homem digno e tinha a coragem das suas afirmações, como se vê pelo discurso que proferiu em 1898, ao ser eleito Presidente do Congresso da Associação Britânica para o Progresso das Ciências.

Nesse discurso de abertura, que ficou célebre e perdurou durante muito tempo na memória dos congressistas e de quantos o leram nos jornais de grande circulação, disse o descobridor dos raios catódicos e da rarefacção da matéria:

Há trinta anos que publiquei o relato das minhas experiências, tendentes a demonstrar que existe uma fôrça utilizada por inteligências diferentes das inteligências humanas. Êste episódio da minha vida é bem conhecido daqueles que me convidaram a presidir êste congresso. Há, talvez, no auditório, algumas pessoas que gostariam de saber se eu falarei ou não dessa particularidade. Falarei, sim, embora brevemente. Passar tal facto em silêncio, seria cobardia moral, que eu estou muito longe de experimentar. Nada tenho a retratar. Confirmo as declarações que anteriormente publiquei e podia acrescentar-lhes, ainda, muita coisa importante.

Mais tarde, em Fevereiro de 1909, escreveu, novamente:

Depois das minhas experiências em matéria de néo-espiritualismo, iniciadas há trinta e oito anos, não vejo razão alguma para modificar a minha opinião doutrora. Seria cobardia moral recusar-lhes o meu testemunho, convencido, como estou, da sua verdade.

A opinião de sir Oliver Lodge

Ao lado de Crookes e Richet, aparece outro sábio de notabilíssimas faculdades, cuja obra atravessou tôdas as fronteiras do mundo culto. É *sir* Oliver Lodge, que acaba de desencarnar com perto de noventa anos de idade, verdadeiro fundador da física moderna e doutor por onze universidades, inglêsas e australianas. Êste cientista era considerado o verdadeiro campião da sobrevivência, tal a tenacidade com que propagava esta verdade eminentemente consoladora.

Estou convencido da sobrevivência da personalidade depois da morte, como o estou da minha existência na terra — diz êle no «Raymond» —. Poderão alegar que essa convicção não se baseia na experiência dos meus sentidos. Um cientista especializado em física, não está sempre limitado pelas impressões sensoriais directas; lida com multidões de coisas e conceitos, para os quais os sentidos são como inexistentes. A teoria dinâmica do calor, por exemplo, e a dos gases; a teoria da electricidade, do magnetismo, das afinidades químicas, da coesão e até o conceito do Éter levam-no a regiões, onde a vista, o ouvido, o olfato e o tacto são impotentes para qualquer testemunho directo. Em tais regiões tudo tem de ser interpretado em termos do insensível, do insubstancial e do imaginário. Não obstante, essas regiões do conhecimento tornam-se-lhe tão claras e vivas, como as coisas materiais. Fenómenos comunissimos requerem interpretação baseada nas ideas mais subtis — a própria solidez aparente da matéria pede explanação — e as entidades não-materiais com que os físicos jogam, gradualmente revelam tanta realidade, como tudo o que êle conhece sensorialmente. Como Lord Kelvin costumava dizer, nós, de facto, sabemos mais a respeito da electricidade, do que da matéria.

E como é assim, irei mais longe, dizendo que estou convencido da existência de «graus do ser», não sòmente mais baixos na escala do que o homem, como também mais altos-graus de tôda a ordem e magnitude, de zero ao infinito. E sei, por experiência, que entre os sêres alguns existem empenhados em ajudar e guiar a humanidade, não desdenhando de entrar em mínimos pormenores, se dêsse modo puderem assistir às almas que lutam por elevar-se. E creio ainda que, entre êsses altos sêres, Um existe, ao qual, por instinto, o cristianismo consagra reverência e devoção.

(1) Ver «Factos Espiritas», por William Crookes, onde se descrevem, pormenorizadamente, as experiências dêste eminente sábio com o espírito de Katie King, auxiliado pela médium Florence Cook.

A sua bibliografia científica e filosófica é enorme: «O Homem e o Universo», «Razão e Crença», «Ciência e Religião», «Vida e Matéria», «A Formação do Homem», «Evolução e Criação», «A Ciência e o Progresso Humano», «Ideas Científicas Modernas», «Raymond, ou a Vida e a Morte», «Por que creio na Imortalidade Pessoal», «A Sobrevivência do Homem», «O Éter e a Realidade», «Paredes Fantasmas», «Para Além da Física», «A Minha Filosofia», «A Realidade do Mundo Espiritual», etc., etc., etc., pois não vale a pena gastar muitas palavras acêrca dum homem que todos os estudiosos conhecem, que foi Presidente da Secção de Matemática da *British Association*, detentor da medalha Rumford da *Royal Society*, presidente da Sociedade Física de Londres e da Sociedade de Investigações Psíquicas da mesma cidade.

Se nos referimos a êste luminar da ciência moderna, é por desejarmos que o nosso trabalho assente sôbre pirâmide triangular inamovível: Richet, Crookes e Lodge, qual dêles mais severo nas suas investigações, homens de laboratório afeitos a trabalho verdadeiramente científico, portadores de obra honesta e duradoura, que ninguém de boa fé poderá amesquinhar.

Se quiséssemos, apresentaríamos imensa lista de sábios (antigos materialistas), que estudaram os fenómenos e acabaram por se convencer da sua realidade. Basta, porém, inscrever no pórtico estes três nomes, representativos doutras tantas fases do progresso das ciências, que êles tão bem souberam impulsionar, com trabalho fecundo e luminosa inteligência.

À medida que avançarmos nesta ladeira pedregosa, iremos apresentando nomes célebres que experimentaram sinceramente, olhos postos na Verdade que buscavam, pouco se importando de que lhes chamassem loucos.

Geralmente, os críticos do Espiritismo atacam sem argumentos sérios e inventam teorias muito mais complicadas para explicar um fenómeno simples. Têm horror ao que não compreendem, nem podem explicar, e apelam para o *bom-senso*, de que fala Richet, a-fim-de negar o que não admitem.

Se êles pudessem conhecer, *absolutamente*, a causa do mais simples fenómeno físico, químico ou biológico, teriam obtido a explicação de todos os outros fenómenos, teriam penetrado nos arcanos científicos do Universo.

Infelizmente, o Dr. Alberto Seabra tem razão: nem o maior génio de todos os tempos chegou, jámais, a compreender um simples fenómeno físico.

CONFISSÃO

pelo Dr. Alfredo Mota

II

Continuando a explanar as minhas ideas e a mostrar como elas se têm aproximado da Verdade, sou hoje a dizer que as minhas leituras espiritas me levaram a conhecer melhor as Leis da Vida, e, na posse dêsse conhecimento, tomei a firme resolução de me abster de produtos cadavéricos de nossos irmãos inferiores, na minha alimentação. Com os produtos cadavéricos bani também da minha mesa as bebidas alcoólicas ou fermentadas e venho lutando para banir igualmente o fumo que consegui reduzir de 80 cigarros diários a 4 ou 5, o máximo.

E foi também num livro precioso do grande escritor espirita Léon Denis «Cristianismo e Espiritismo» a páginas 191, que encontrei a confirmação das leis da Homeopatia, nas seguintes linhas: «William Crookes conseguiu demonstrar que a matéria, tornada invisível, reduzida a quantidades infinitesimais, adquire energias, potencialidades incalculáveis, e que essas energias aumentam sem cessar à medida que a matéria mais se rarefaz».

É certamente o conhecimento desta lei que leva os homeópatas norte-americanos a empregarem, na sua brilhante clínica, medicamentos nas mais altas dinamizações (tantíssimos na 1.000.ª) com magníficos resultados.

E é também a minha convicção de me achar mais próximo da Verdade do que me achava antes de conhecer as doutrinas espiritas, que me leva a lutar corajosamente pela propagação destas doutrinas e pela homeopatia que abracei, num meio hóstil como é o português, onde os interêsses criados me fazem guerra sem quartel, mas onde vou conseguindo alguns adeptos e realizando curas que têm surpreendido os que delas têm conhecimento.

22 de Janeiro de 1941.

ESPIRITOFOBIA PROTESTANTE

pelo Dr. Sebastião Elviro Martins

III

NOS dois primeiros artigos da série que nos propusemos escrever, para impugnar as afirmações gratuitas publicadas no já citado opúsculo de Mr. Kernahan, analisámos três capítulos, dos sete de que êle se compõe.

Neste, vamos *ciscar* o quarto e o quinto capítulos, intitulados respectivamente «Telepatia» e «Esterilidade do Espiritismo». Como se vê, os títulos são sugestivos e prometem.

Não julguem os meus leitores que Mr. Kernahan faça acto de contrição e arripie caminho... tão estranho, através de seara alheia. Pelo contrário, segue sereno e imperturbável a rota que traçou e com ela se julga cada vez mais satisfeito.

Talvez calcule que com as suas *opiniões incontroversas e fulminantes,* destrua uma filosofia e uma ciência já quási centenárias. Não seremos nós, porém, que o acordemos dêsse sonho... protestante. Deixá-lo invectivar contra nós, os espiritas, que dos tolos não reza a história.

Os corifêus protestantes, como Mr. Kernahan, ainda estão demasiadamente agarrados à casca da letra da Biblia e não querem ou não podem compreender mais nada do que êsse texto destinado a uma civilização do tempo de Cristo.

Se êle a quisesse interpretar como nós, em espírito, e, sobretudo, se alijassem os resíduos da teologia católica, como lastro indesejável, então sim, seguiriam o que dizem os Provérbios, XVIII — 13: «É uma loucura e uma vergonha rejeitar um assunto antes de conhecê-lo».

Ora Mr. Kernahan, assistindo a uma única sessão espirita, arroga-se o direito de *conhecer* e condenar a nossa doutrina, fundada em sólidas bases científicas e demonstrada em milhares de factos indiscutíveis. Logo, está em contradição com um dos 66 livros canónicos, mesmo interpretados à letra...

A telepatia, segundo Mr. Kernahan

> «Os espiritistas crêem ver em certos fenómenos que a nosso ver não passam de telepatia, uma prova das suas asserções. É claro que eu não nego que a telepatia seja uma maravilha, mas quando a telepatia, após um esfôrço de investigação, coordenação e estudo, se tornar a bem dizer uma ciência exacta, então não serão mais as suas maravilhas exploradas pelos ocultistas e espiritistas para assim provarem as suas teorias».

Por esta amostra da prosa de Mr. Kernahan, parece que êle não condena nem descrê na telepatia; apenas afirma que depois dela se tornar uma *ciência exacta,* não serão as suas maravilhas exploradas pelos ocultistas e espiritistas.

Para o nosso contraditor, os ocultistas e os espiritistas *exploram* as maravilhas da telepatia. É desnecessário acrescentar que Mr. Kernahan não cita um único autor ocultista ou espiritista que tenha *explorado* essa maravilhosa *mina* da telepatia para *provar* as suas teorias. Queremos dizer, cita apenas dois: Conan Doyle e Oliver Lodge. Devemos convir que é pouco para quem, da sua cátedra, quere fulminar o Espiritismo.

Esclareçamos, pois, Mr. Kernahan:

A telepatia, como todos os fenómenos psíquicos, embora não seja ainda considerada uma ciência exacta pelas Academias Científicas, está entretanto bem estudada em todos os seus pormenores, devido aos esforços dos investigadores espiritas e metapsiquistas, consagrados a essas experiências interessantíssimas.

Desde Kardec, que nos seus livros «O Livro dos Espíritos» e o «Livro dos Médiuns», consagrou capítulos inteiros a essa categoria de fenómenos, até Camilo Flammarion, que no seu inquérito de Março de 1899 colheu mais de 2.000 respostas, aumentadas com as investigações mais recentes de Carlos Richet, assim como de Bozzano e outros; quási podíamos afirmar que êsses fenómenos, pela sua cuidadosa selecção, comparação, análise crítica e depurados pelo crivo dos cálculos de probabilidade, êsses fenómenos telepáticos, repetimos, constituem hoje, para os metapsiquistas sem *parti-pris,* uma ciência exacta e inatacável.

Pelo menos, assim o afirma Richet, ao prefaciar a tradução francesa do livro de Myers, Gurney e Podmore, intitulado «Phantasms of the Living», que em francês se intitula, erradamente, «Hallucinations télépathiques»:

«É a primeira vez que se ousa estudar *científica-*

mente o dia imediato ao da morte. Mas quem ousará dizer, sem ter lido prèviamente êste livro, que isso é uma loucura?»

Ousou-o Mr. Kernahan, sem ter lido nem estudado os factos observados e analisados pelos investigadores imparciais de todos os continentes. E o mais interessante de tudo isto é que foi exactamente no seu país onde se estudaram e investigaram mais estes problemas psíquicos.

A literatura espirita em Inglaterra é das mais vastas e dignas de apreço. Os centros, jornais e revistas neo-espiritualistas, pululam em todo o Reino Unido e quási não há um inglês que não creia em *espíritos*.

A própria imprensa profana, amiúdadas vezes ocupa-se dos fenómenos supranormais, confirmando os factos divulgados pela imprensa espirita.

Conseqüências do véu...

Mr. Kernanhan está tão imbuído do espírito seitista, que não consegue enxergar nada à sua volta. Para êle, o Espiritismo é uma praga, uma doença endémica, cujo contágio é preciso evitar a todo o transe. É o que nos demonstra êste bocadinho da sua prosa antiespirita:

> «O Espiritismo parece privar os indivíduos da faculdade de discernimento, bem como da visão interior — pelo menos no que respeita a assuntos espirituais. Por isso é impossível para os espiritistas o reconsiderarem calmamente e sem preconceitos as suas teorias ou doutrinas».

¿Que tal? ¿Compreenderam êste mistifório?

¿Que nos responderia qualquer protestante sério e bem equilibrado, se chegássemos ao pé dêle e lhe atirássemos à queima roupa esta linda tirada:

— O Protestantismo priva os protestantes da faculdade de discernir, pelo menos no que respeita a assuntos bíblicos; por isso, para êles torna-se impossível analisarem com calma e ponderação as suas doutrinas e teorias, porque estão prêsos aos preconceitos inibitórios e ridículos da sua religião absurda e anti-científica?

Quere-nos bem parecer que o nosso amigo protestante daria de ombros, ou nos julgaria fugidos de algum manicómio. Não seria para menos.

Pois é assim mesmo que Mr. Kernahan considera os espiritas. Se nos fôsse possível *reconsiderar calmamente*, preguntar-lhe-iamos se os princípios cristãos são monopólio da sua Igreja e se os seus adeptos são infalíveis... como o papa.

Em tôdas as páginas do opúsculo protestante encontramos acervos de afirmações inconcebíveis e inteiramente desprovidas de citações abonatórias. Só vemos má vontade e uma sistemática fobia contra os espiritistas. O autor faz a conspiração do silêncio contra os factos apontados pelos seus compatriotas e denigre, mistifica tudo o que possa favorecer os nossos pontos de vista, aliás aceitos já por muitos milhares de representantes das academias de todo o mundo.

O Espiritismo já não constitue segrêdo para a maioria dos homens de ciência. Haja em vista os inúmeros institutos de investigações psíquicas, tanto na Inglaterra, como na América e Brasil. A literatura espiritualista já lançou no mercado milhões de volumes de tôda a espécie: desde o romance às dissertações mediúnicas; desde o inquérito aos tratados de psicofisiologia para demonstração científica da existência do perispírito — o corpo espiritual, segundo Paulo, ou corpo astral, segundo os teósofos — como intermediário entre o espírito e o corpo físico.

Porque é necessário acentuar, emquanto a medicina alopática não perfilhar êste princípio, tão vulgar dos ocultistas e espiritas, justificam-se estas palavras de Gabriel Delanne:

«A fonte de todos os mal-entendidos que dividem os materialistas e espiritualistas dos espiritistas, deriva da ignorância em que se mantêm os sábios e os filósofos, no concernente à existência e natureza do perispírito».

Mas infelizmente, no dizer do espírito de Emmanuel, «a intelectualidade académica está fechada no círculo da opinião dos catedráticos, como a idea religiosa está presa no cárcere dos dogmas absurdos». Quando tôdas estas teias de aranha preconceituosas saírem dos cérebros dos *sábios* oficiais e dos corifêus ortodoxos, a religião e a ciência progredirão sem peias de laboratório ou sacristia...

O protestantismo liberal

Para vermos como o Espiritismo é tolerante e eclético, respeitando tôdas as crenças e opiniões e não nutrindo contra qualquer princípio filosófico ou religioso a mínima *fobia*, como nutre o autor inglês em causa, vejamos o que nos diz Léon Denis no seu livro «Cristianismo e Espiritismo»:

«Há cêrca de um século, consideráveis trabalhos empreendidos, nos diversos países cristãos, por homens de elevada posição nas igrejas e nas universidades, permitiram reconstituir as verdadeiras origens e as fases sucessivas da tradição evangélica».

E cita depois que foi F. Lichtenberger, na sua «*Enciclopédia das Ciências Religiosas*»; Eduardo Reuss, professor de teologia em Strasburgo, com a sua «*História da teologia cristã no século apostólico*» e finalmente Harnack, com o seu livro intitulado «*A essência do cristianismo*», que no século passado contribuíram

para uma reconstituïção científica e histórica dos textos sagrados.

Até aí reinava o obscurantismo e imperava o dogma indiscutível. Depois dêsses esgotantes trabalhos fêz-se luz nos cérebros e a projecção do Cristo, desenterrado do pó das bibliotecas católicas e protestantes, alargou-se e humanizou-se. É a êsses tenazes investigadores, desligados dos interêsses de tôdas as ortodoxias religiosas ou científicas que se deve a nova exegese bíblica e que serve de fonte inexaurível para espiritas e protestantes beberem as suas inspirações para a execução dos seus trabalhos literários.

Êsses conceituados historiadores, imparciais e amigos da verdade com V maiúsculo, pertenciam ao partido, formado à margem do Protestantismo, sob a designação de protestantes liberais. ¿E porquê? Porque repudiavam os dogmas e limitavam-se a reconhecer e exaltar e grandeza moral de Jesus e de seus ensinamentos puros. Êsses homens eram dotados de um louvável sentimento de tolerância e de amigos do progresso.

Comparemos a atitude de Mr. Kernahan com êstes seus confrades, para constatarmos a diferença que os separa. É talvez daí a origem da pulverização da Igreja Reformada em tantas comunidades antagónicas e que se anatematizam umas às outras.

Êsses homens estavam, portanto, mais perto do Espitismo, que do Protestantismo. Êles não aceitavam os dogmas da trindade, da predestinação, nem muito menos os do pecado original e das penas eternas.

De todos os dogmas ainda impostos pela Reforma, só uma coisa êles aceitavam: a moral evangélica. Ora é êsse, precisamente, o ponto de vista religioso do Espiritismo.

A-pesar-de Mr. Kernahan afirmar que os espiritas *deshonram o Altíssimo,* são êles os que mais e melhor interpretam os livros sagrados. Desde Kardec com o seu livro «*O Evangelho segundo o Espiritismo*» até Sayão, com as suas «*Elucidações Evangélicas*», todos nós procuramos honrar e venerar Jesus e os seus princípios, disseminados hoje por tôda a parte, pelo Espírito de Verdade ou Consolador prometido por Êle.

Dêste modo o Espiritismo não teme as setas ervadas de qualquer sector religioso, porque tem a consciência de que, pugnando pela pureza do Evangelho, é porque entende que o Cristianismo, depurado da ganga teológica que o desfigura, será no futuro um elemento apreciável de progresso e o verdadeiro código moral e social da humanidade.

A ignorância de Mr. Kernahan...

> «O espiritismo moderno, espalhando aos quatro ventos que é um grande movimento, não tem sequer — e isto é surpreendente — uma literatura digna dêsse nome». E mais adiante: «Porém o espiritismo ainda não acrescentou uma linha sequer à boa literatura. Os próprios homens e mulheres de valor que enfileiram no espiritismo, parece até que, quando sôbre êle escrevem, se tornam inferiores a si próprios».

Estes períodos são o reflexo da ignorância de Mr. Kernahan, àcêrca do movimento espirita em todo o mundo, e especialmente no seu próprio país. Pois bem, para que êle e os seus sequazes não fiquem desconhecendo essa avalanche de boa literatura espirita, citemos-lhes apenas isto:

Só a Federação Espirita Brasileira, em 8 anos, publicou mais de um milhão e duzentos mil exemplares de obras originais e traduções dos melhores autores estrangeiros.

Na América do Norte, a «*Grande Síntese*», de Pietro Ubaldi, já esgotou duas edições e os livros de Bozzano são disputadíssimos. E não designamos os títulos e tiragens formidáveis das centenas de jornais e revistas que espalham a boa doutrina do doce rabi da Galileia. Junte-se a esta espantosa actividade publicitária a contribuïção dos milhares de centros espalhados pelo gigante Brasil, dos seus congéneres sul-americanos e o movimento espirita, cada vez mais avassalador na própria Inglaterra, França e Itália, e far-se-á uma idea desta bola de neve, nascida em Hydesville, na América do Norte, em 1848, transformada numa avalanche ciclópica, que transmutará a face do mundo moral. E todo êste esfôrço titânico se deve às injunções do Alto, donde partem as directrizes a imprimir a tôda esta grandiosa manifestação volitiva do Espírito de Verdade.

Quer queiram, quer não, os protestantes de todos os ritos têm de reconhecer esta verdade, porque ela está bem patente e contra factos não há argumentos que os nulifiquem.

O nosso confrade Dr. Viriato Correia, numa conferência que pronunciou na séde da Federação Espirita Brasileira, conferência notável e que constituiu a sua pública conversão ao Espiritismo, citou a história do coelho da toca que, teimoso em sair da lura onde era rei, se sentia feliz e satisfeito da vida farta e regalada que usufruía. Um dia, porém, os coelhos vassalos, abandonando-o na sua gruta escura, o coelho-rei não teve outro remédio senão transpor a porta e engolfar-se no mundo exterior, a-pesar-de ao princípio o espectáculo da Natureza o ofuscar e emocionar com tanto deslumbramento.

Pois Mr. Kernahan também se julga feliz na sua furna do protestantismo, onde se imagina omnipotente e orgulhoso do seu pequenino reino ortodoxo, qual o coelho da fábula. Como êste, não quere saír da lura

reformista, emquanto os seus asseclas o servem e apoiam incondicionalmente.

Um dia, porém, os seus sequazes, como os coelhos vassalos, fugir-lhe-ão um a um e não mais o apoiarão. Então, vendo-se sòzinho na gruta, ver-se-á compelido a abandonar de vez o sectarismo luterano e defrontar, com sofreguidão, a vastidão imensurável dos postulados espiritas, como já o fizeram e estão fazendo muitos dos seus correlegionários. Será a sua estrada de Damasco, como a de Paulo de Tarso.

Todo êste exórdio vem a propósito dêle afirmar que, a-pesar-de «*há mais de quarenta anos ter lido e ouvido sôbre o Espiritismo*», ripostando a uma frase de Conan Doyle, pregunta com a mesma ingenuidade do coelho da fábula:

> «¿Que é que já fêz o Espiritismo para melhoramento da humanidade neste mundo, êle, que pretende ter lançado tanta luz sôbre o outro?
>
> «¿Poderá o sr. Conan Doyle citar uma simples instituïção de beneficência criada e mantida pelos espiritistas, um hospital, um asilo para velhos, doentes, pobres ou aflitos, tais como as igrejas têm organizado aos milhares, e ainda estão hoje organizando e mantendo?»

Res non verba...

Já que, como o coelho da fábula, Mr. Kernahan não quere saír da toca acanhada do seu mundo ortodoxo protestante, entremos nós no seu real paço para responder, por Conan Doyle, às suas interrogações enfáticas e capciosas:

O Espiritismo tem no seu activo uma obra gigantesca de beneficência. Na própria Grã-Bretanha, as curas obtidas são relatadas em todos os jornais e revistas, tais como o «Psychic News», «The Two Worlds», «The Greater World» e muitos outros. Onde, porém, tem florescido em maior escala e caminhado a passos agigantados é no Brasil, a Pátria do Evangelho.

Apontemos, ao acaso, algumas das numerosas e operosíssimas instituïções de tôda a espécie, que na pátria brasileira progridem e prosperam com a ajuda do próprio Estado, que as considera de utilidade pública.

Três agremiações de Penambuco, instruem cêrca de 600 crianças em várias escolas, mantidas pelos seus protectores, segundo nos informa «*O Mundo Espirita*», semanário que se vende nas ruas do Rio de Janeiro, como os matutinos materialistas.

A Federação Espirita Brasileira, casa máter do Espiritismo, que há perto de 60 anos exerce a sua acção altruista, tem pugnado pela propaganda, orientação e fundação de vários orfanatos, Abrigos, Escolas, Hospitais, Ginásios, Albergues Nocturnos, Ambulatórios Médicos e Odontológicos, Assistência aos necessitados, etc. etc.

E ainda não nos referimos aos sanatórios, policínicas e à Hora Espirita Radiofónica, utilíssima e oportuna iniciativa mais recente dos nossos irmãos de além Atlântico.

Essas obras proclamam bem alto os objectivos altruístas da nossa Causa, a-pesar-de centenária. Imagine-se o que não terá executado ao fim de dois milénios, quais o da existência da igreja católica.

Outro exemplo típico é o hospital ambulatório e policlínica que a Tenda Espirita Mirim está erguendo no Rio para uma assistência de 1200 pessoas nas suas salas de conferências, e que custará cêrca de 500 contos brasileiros.

Seria interminável a lista das instituïções que os nossos irmãos brasileiros sustentam para espalhar o bem e aliviar as dores físicas e espirituais da humanidade sofredora. E todo êsse sacerdócio é exercido sem se indagar do credo político ou religioso do necessitado e — acentue-se bem — gratuíta e cristãmente, sem a mira da recompensa terrestre, como o ensinou Jesus Cristo!

Preguntamos: ¿Se de facto a Igreja fundou e mantém instituïções de caridade — o que nunca negámos — porque não reconhece a existência das que o Espiritismo fundou e mantém?

¿Essa atitude negativista não será contrária aos princípios cristãos?

Êste artigo já vai longo. É necessário pôr-lhe o ponto final.

Já destruímos, com factos, as asserções inexactas e as interrogações presunçosas e impertinentes de Mr. Kernahan.

No próximo e último artigo concluíremos a análise do célebre opúsculo do nosso contraditor protestante.

Para terminar as nossas considerações aconselhamos, contudo, a Mr. Kernahan e aos seus partidários a meditarem nestas sensatas palavras de Léon Denis:

«Sejamos cristãos, mas elevando-nos, acima das diversas confissões, até à fonte pura de que brotou o Evangelho. Amemos o Cristo, mas coloquemo-lo superior às seitas intolerantes, às igrejas que se excluem mùtuamente e se anatematizam. O Cristo não pode ser jansenista nem jesuíta, nem huguenote; os seus braços estão amplamente erguidos a tôda a humanidade».

Parece-nos que o Espiritismo, preconizando estes princípios, não *deshonra o Altíssimo*, como o pretende Mr. Kernahan, talvez um dos últimos abencerragens duma igreja em declínio...

O FACTO ESPIRITA

pelo coronel Faure da Rosa

II

TÔDA a gente quere provas visíveis do facto espirita, provas que satisfaçam e perdurem, que dispensem até de assistir a experiências mais ou menos obscuras e das quais, muitas vezes, se duvida. (Paul Corquin).

A mais clara e duradoura das provas objectivas — porque além de visível é palpável — é a que se deve a Aksakof e, posteriormente, ao Dr. Geley: a moldagem de membros humanos materializados.

Os moldes que foram fotografados demonstram que a matéria subtil e invisível pode concretizar-se, de tal maneira, que aparece com as qualidades de um sólido, tão sólido, que pode imprimir a sua forma na parafina.

O molde de duas mãos cruzadas constitue uma prova irrefragável, porque só mãos fluídicas podem retirar-se do molde, sem o deteriorar. É um argumento irresistível contra todos aquêles que negam a materialização do Invisível. (Aksakof).

A obscuridade não é condição essencial para a obtenção de materializações, completas ou incompletas. O célebre médium inglês Dunglas Home — a quem chamavam o príncipe dos médiuns — produziu materializações em plena luz.

Landsay — mais tarde conde de Crawford — narra o seguinte caso de materialização completa acontecido com Home: «Numa noite em que perdi o último combóio para o Palácio de Cristal, tive de ficar em Norword, no quarto de Home, onde, sôbre um sofá, improvisei uma cama. Pouco depois, vi ao pé do sofá a forma de uma mulher, de perfil. Preguntei a Home se via alguma coisa. Respondeu-me que via uma mulher a olhar para êle».

Landsay distinguiu perfeitamente as feições da aparição e fixou-as na memória. Pareceu-lhe que a figura vestia uma túnica comprida e larga, sem cintura. Home declarou que era a mulher dêle que costumava visitá-lo amiúde. No dia imediato, entre várias fotografias, Landsay reconheceu a da aparição da véspera: a falecida espôsa de Home.

Um dia, numa sessão experimental em que Home era médium, viu-se formar o fantasma completo de uma mulher que se aproximou do médium e o beijou. O fantasma colocou-se ao lado de Home, junto da janela; recebia, assim, a luz do dia, em cheio. Todos os assistentes verificaram que o fantasma interceptava a luz do dia como se fôsse um corpo sólido. A figura do fastasma parecia tão material como a do próprio Home. Ninguém podia dizer. com segurança, qual era o corpo físico e qual era o espírito materializado.

São notáveis as materializações que William Crookes obteve com o médium Home. O Dr. Charles Richet considera-as as mais célebres, as mais decisivas, até à data em que escreveu o seu *Traité de Metapsychique*.

A narrativa é do próprio Crookes:

«Uma pequena mão, de forma muito bela, surgiu da mêsa de jantar e deu-me uma flôr. A mão apareceu por três vezes, dando tôda a facilidade para eu me convencer de que a aparição era tão real como a minha própria mão. Isto passou-se à luz do dia, no meu quarto.

«Numerosas vezes, outras pessoas viram uma mão premir as teclas da harmónica... Viram-se dois dedos arrancar as pétalas duma flor que Home trazia na lapela.

«As mãos e os dedos não me pareceram sempre sólidos... Algumas vezes ofereciam, antes, a aparência de uma nuvem vaporosa condensada. Uma nuvem luminosa parecia formar-se em volta de um objecto; depois concentrava-se, tomava uma forma e transformava-se em mão perfeita. A carne parecia tão humana como a das pessoas presentes. No pulso e no braço tornava-se vaporosa e perdia-se numa nuvem luminosa.

«Retive uma dessas mãos nas minhas, bem resolvido a não a deixar escapar. Nenhuma tentativa se fêz para que eu largasse a minha prêsa; mas, pouco a pouco essa mão parecia transformar-se em vapor e foi, assim, que ela desapareceu dentre as minhas mãos.

«De outra vez, em minha casa, vi agitarem-se os cortinados de uma janela que ficava, aproximadamente, a oito pés (cêrca de 2,^{m}5) de distância de Home. Uma forma sombria, semi-transparente, semelhante a uma figura humana, foi vista por todos os assistentes, de pé, perto da janela a agitar o cortinado com a mão. Emquanto nós a olhávamos, desvaneceu-se e os cortinados deixaram de mexer.

«Um dia, um fantasma avançou de um canto do quarto e pegou numa harmónica. Em seguida, deslisou

pela casa tocando o instrumento. Êste fantasma foi visível durante muitos minutos, sem nunca se ter deixado de ver o médium. O fantasma acercou-se duma senhora sentada a alguma distância e como a dama tivesse dado um gritinho, o fantasma desapareceu imediatamente».

As materializações não se conseguem com rapidez. Às vezes é preciso muito tempo para que os fenómenos se produzam. Em muitas ocasiões há que esperar uma, duas a até três horas para obter qualquer manifestação. Todavia acontece, excepcionalmente, conseguir-se uma ou outra manifestação após curta concentração.

O objecto materializado tem, quási sempre, a forma do ser humano: quere dizer, é quási sempre um fantasma que se forma. Por vezes, do fantasma só é visível a mão ou um dedo, apenas.

Conquanto a presença de um fantasma completo seja mais dramática que a de um dedo ou de uma simples falange, o processo de produção do fenómeno é o mesmo.

Uma mão articulada, quente, flexível, móvel, resistente, inteiramente idêntica à mão humana, não é fenómeno menos extraordinário que o fantasma que vê, passeia e fala. A dificuldade é a mesma.

Richet entende que não vale a pena perder tempo a ennumerar os absurdos psico-fisiológicos que deveriam impossibilitar a realização dêste fenómeno. Um ser vivo, uma matéria viva que se forma à nossa vista, que tem calor próprio e, indubitàvelmente, respiração; que tem uma espécie de personalidade psíquica, visto que possue uma vontade diferente da vontade do médium... numa palavra, um novo ser humano que aparece, é o cúmulo do maravilhoso. E, entretanto, — conclue Richet — *o facto existe* (1).

O Dr. Gustave Geley viu e estudou as materializações produzidas em várias sessões experimentais, com diferentes médiuns. Viu e estudou aquilo que uma centena de homens de ciência, pelo menos — especialmente médicos — têm observado e juntam o seu testemunho ao dêle, Geley. Ao testemunho dos sentidos, Geley pôde juntar o dos instrumentos de registo e o da fotografia (2).

O modo de operar consistia em hipnotizar o médium; isto é, em levá-lo ao estado de hipnose supercial que, contudo, atingia o esquecimento da personalidade normal. Depois, o experimentador mandava-o sentar no gabinete negro.

Note-se que o gabinete negro das materializações, tem ùnicamente por fim subtrair o médium às influências perturbadoras do ambiente e, especialmente, à acção da luz. Dêste modo pode-se conservar na sala a iluminação suficiente para observar o fenómeno.

Nas experiências que Geley efectuou com a médium Eva, a produção dos fenómenos principiava sempre por sensações dolorosas da médium: suspiros e queixumes intermitentes, inteiramente parecidos com os de uma mulher em trabalho de parto. Tais queixumes atingiam o paroxismo no próprio momento do comêço aparente do fenómeno. Deminuiam ou cessavam quando a manifestação se completava.

O processo resume-se no seguinte: Do corpo do médium sai, exterioriza-se uma substância, denominada ectoplasma, que, de comêço, pode ser amorfa ou polimorfa. Esta substância desenvolve-se, constituindo representações de órgãos mais ou menos complexos. O aparecimento do ectoplasma é anunciado, geralmente, por umas manchas líquidas e brancas e luminosas, cujas dimensões vão, desde as de uma ervilha, às de uma moeda de cinco francos, espalhadas por vários pontos do calçado, principalmente no do pé esquerdo.

Com a médium Eva, o ectoplasma brotava de todo o corpo da médium; mas, especialmente, dos orifícios naturais e das extremidades; do alto da cabeça, do bico dos seios e das pontas dos dedos. A abertura por onde saía com mais freqüência e mais fàcilmente se podia observar, era a da bôca. Via-se, então, o ectoplasma sair da superfície interna das faces, do céu da bôca e das gengivas.

O ectoplasma apresenta aspectos variados: umas vezes — e é êste o mais característico — reveste o aspecto de uma pasta maleável, verdadeira massa protoplásmica. Outras vezes, apresenta fios miúdos e numerosos. Ora aparece com a forma de cordões de diversas grossuras — de traços delgados e rígidos — ora com a de uma faixa larga. Tão depressa parece uma membrana como pode afigurar-se-nos um pedaço de estôfo, de um tecido delgado com contornos indefinidos e irregulares.

O mais curioso dos aspectos é o de uma membrana larga orlada de franja. Em suma, o ectoplasma é essencialmente amorfo, ou melhor, essencialmente polimorfo.

A quantidade de ectoplasma exteriorizado é muito variável: umas vezes é pequeníssima, outras é considerável. Há ocasiões em que cobre o médium todo como se fôsse um manto.

O ectoplasma apresenta três côres diferentes: branca ou preta ou cinzenta. A mais freqüente é a branca, talvez por ser a mais fácil de observar. Acontece, às vezes, apresentar as três côres simultâneamente.

Ao contacto, o ectoplasma dá impressões variáveis.

---

(1) Charles Richet — *Traité de Metapsychique*, pág. 196.

(2) Conferência do Dr. Geley realizada em 28 de Janeiro de 1918, no *Collège de France* — *Revue Spirite* de 1918, pág. 339.

em regra, é úmido e frio; às vezes pegajoso, viscoso. Raramente é sêco e duro. A impressão ao tacto depende da forma. Quando se estende, parece mole e um tanto elástico; duro, nodoso ou fibroso, quando forma cordões. Às vezes dá a sensação de uma teia de aranha ao roçar a mão dos observadores. Em certos casos, os fios do ectoplasma são rígidos e, ao mesmo tempo, elásticos.

O ectoplasma movimenta-se: ora evolue lentamente — sobe, desce, passeia por cima do médium, pelos ombros, pelo peito, pelos joelhos, com movimentos de arrasto que fazem lembrar os de um réptil — ora tem evoluções bruscas e rápidas — aparece e desaparece como um relâmpago. É extremamente sensível: a sua sensibilidade confunde-se com a do médium hiperesteziado. O menor contacto reprecute-se dolorosamente no médium. Se o contacto é tal que magôe, por pouco que seja, ou demore, o médium sente uma dor comparável à que causa uma pancada na carne viva. O ectoplasma tem tendência irresistível e imediata para organizar formas. Acontece, freqüentemente, fazer-se a organização com tanta rapidez, que não é possível ver a substância primordial. Outras vezes, vê-se, simultâneamente, tanto a substância amorfa como as representações mais ou menos completas englobadas na sua massa. Por exemplo, um dedo humano pendente da franja do ectoplasma. Vêem-se até cabeças, rostos envolvidos no ectoplasma.

As representações são muitíssimo diversas. Algumas vezes, são formações inorgânicas indeterminadas; mas, a maioria das vezes, são formações orgânicas, variáveis, como complexidade e perfeição.

Crookes, entre outros experimentadores, descreveu materializações completas. Tratava-se, não de fantasmas, no sentido vulgar da palavra, mas de sêres que possuíam, momentâneamente, tôdas as particularidades vitais dos sêres vivos; cujo coração batia, cujos pulmões respiravam, cuja aparência corporal era perfeita.

Geley viu dedos admiràvelmente modelados, aos quais nem unhas faltavam. Viu mãos completas com ossos e articulações. Viu um crânio com vida, ao qual apalpou os ossos por baixo de uma espêssa cabeleira. ¡Viu rostos bem formados, rostos com vida, rostos humanos!

Há uma categoria extravagante de formações, a-par das que se produzem, completa ou incompletamente: são imitações de órgãos, mais ou menos perfeitas, mais ou menos grosseiras. São verdadeiros simulacros. Simulacro de um dedo, sem dêste órgão ter mais que a forma geral, sem calor, sem agilidade, sem articulações. Simulacro de caras que parecem imagens, recortes ou máscaras. Simulacro de tufos de cabelo aderentes a formações indefinidas... Estes simulacros desconcertaram muitos observadores. «Dir-se-ia — exclamava um dêles — que uma espécie de génio maléfico zomba dos observadores!»

Geley entende que os simulacros se explicam, fàcilmente. São o produto de uma fôrça de rendimento mediocre, com meios de execução ainda mais medíocres, fôrça que faz o que pode; isto é, pouco faz, porque pouco pode.

Não há que estranhar — acrescenta Geley — pois a própria fisiologia normal apresenta simulacros. A par de organizações bem feitas, de produções fetais completas, há abôrtos, monstruosidades, representações aberrantes.

Geley conclue que «os fenómenos de materialização demonstram, com evidência indiscutível, que é falsa a concepção do universo chamada materialista. Pode afirmar-se, sem reservas, que há no indivíduo outra coisa muito diferente de um «complexus» de células, como há no universo outra coisa muito diferente de um agregado de átomos».

E esta demonstração é feita pelo facto espirita.

* * *

A prova subjectiva da sobrevivência da individualidade, não tem menos clareza nem menos evidência do que a prova objectiva das materializações. É também o facto espirita que fornece a prova subjectiva por excelência: as «correspondências cruzadas». *Cross correspondance* lhe chamam os ingleses e americanos, aquêles que mais praticaram e desenvolveram estudos desta natureza. Michel Sage entende que a única prova incontestável da sobrevivência de uma inteligência, é a que se mostrar activa na actualidade. Tal prova é dada pelas correspondências cruzadas quando dimanem de desencarnados.

De um modo geral e em síntese, as correspondências cruzadas consistem em comunicações fragmentárias recebidas por dois ou mais médiuns, juntos ou distantes uns dos outros, seja qual fôr a distância que os separe. Se os comunicantes forem espíritos desencarnados e as palavras pronunciadas demonstrarem actividade intelectual actual dos comunicantes, a prova da sobrevivência da individualidade humana é irrefutável.

Dentre as muitas e variadas correspondências cruzadas em que trabalharam médiuns notáveis pela sua cultura intelectual e integridade moral, sobressai a que respeita à individualidade de Myers e foi recebida pelas médiuns sr.as Piper e Verrall.

A correspondência cruzada é uma espécie de labirinto ou enigma para cuja decifração é indispensável encontrar a chave como acontece com os enigmas vulgares.

Sage, Balfour, a sr.ª Sidgwick e outros experimen-

VERGONHA CIENTÍFICA

por J. Vendrell i Mercadal

I

HÁ muitos anos que a Humanidade faz esforços para decifrar o problema da morte, preguntando se a alma é imortal, crença esta que foi admitida pela maioria dos homens, talvez mais em virtude dos ensinos religiosos, do que das conclusões científicas. E, dêste modo, a pregunta ainda se encontra de pé, para gáudio duma espécie de indivíduos insatisfeitos de fé dogmática.

Quer pela religião, quer pela filosofia a até mesmo pelo estudo da história natural, aventaram-se grande número de suposições. As religiões arcaicas, por exemplo, dizem-nos que, depois da morte do corpo físico, a alma irá directamente receber o prémio ou o castigo de que fôr merecedora, segundo o seu procedimento, durante a sua passagem pela terra. Ora, é inegável que, naqueles tempos, tal crença serviu de excelente base para firmar uma moral adequada e conveniente, de modo que travasse os instintos egoístas do homem, criando, igualmente, uma religião que, a par de mística, induzisse os povos a temer as cruciantes punições das chamas vingadoras.

Mas os cérebros modernos, os espíritos sedentos de conhecimentos reais, não se contentam com vagas teorias, sem outra base, além da fé cega.

Pela filosofia, verificamos que os dogmas religiosos não suportam qualquer análise lógica; e o combate entre o dogma e a inteligência, a qual se apoia ùnicamente em estudos racionais, deduções e factos experimentais, acabou por aniquilar, quási por completo, a fé religiosa, levando o mundo a nefasto materialismo, mais ou menos encoberto, com seu inevitável cortêjo de guerras sangrentas, imperialismos despóticos e desenfreados egoísmos, conseqüência natural da descrença numa vida espiritual *post-morten* e falta de confiança numa compensação pelos sacrifícios feitos.

A-pesar dêste problema ser o mais importante e que maiores conseqüências traria a todos os ramos científicos, morais e espirituais, vemos, com espanto, que a maioria dos cientistas voltam costas a esta questão, desprezando o seu estudo, podendo nós classificar de vergonha científica o facto da chamada ciência oficial menosprezar o estudo da morte e do além.

A Física seguiu nas pègadas do materialismo e riscou dê seus estudos o sobrenatural. Justa determinação. O pior foi ter riscado também o transcendente da natureza, confundindo sobrenatural com supranormal.

Dizer que cs cientistas repudiam os estudos psíquicos seria enorme injustiça. É certo que muitos dêles, mesmo sem ter experimentado, se atrevem a dar opiniões e a formular teorias, alguns impugnando a veracidade dos fenómenos e atribuindo-os à imaginação dos médiuns e à sugestibilidade dos experimentadores, emquanto outros declaram que tudo é efeito da imaginação. E não faltam, mesmo, aqueles que, pretendendo simplificar a coisa, enveredam por invias sendas, insinuando a existência duma complicada matéria, só revelável com a colaboração de anormalidades psíquicas.

Há, também, outros cientistas de grande valimento e nomeada que, desprezando o riso do ignorante, têm dedicado grande parte da sua vida ao estudo dos problemas transcendentais, procedendo às mais rigorosas experiências, comprovando e demonstrando a imortalidade da alma humana.

O Espiritismo, sendo, em parte, uma filosofia sincrética, pode considerar-se ciência integral e positiva, pois, quando procura a demonstração da existência da alma, como realidade substancial, apoia-se em factos concretos e devidamente controlados. Claro que tal demonstração não pode consistir em análise laboratorial, visto não podermos encontrar a alma num crisol

---

tadores, entendem que estes enigmas são preparados por inteligências que não podem ser as dos médiuns receptores das comunicações. A correspondência cruzada é obra de uma inteligência que sabe fazer-se compreender e quere impressionar, especialmente, o médium de que se serve. Assim, já não é possível supor que intervém o subconsciente dos médiuns ou dos assistentes. Demais, se o subconsciente pudesse pensar, seria consciente.

Entretanto, não basta conhecer a doutrina e compreender o facto espirita: é indispensável pôr em prática os seus ensinamentos.

Conhecer a doutrina e proceder em oposição aos seus preceitos mais elementares, não é senti-la, é praticar embustes.

¡E quão graves são as responsabilidades de todos os tartufos!

É o *facto espirita* que, assim, o demonstra todos os dias e a todo o instante, com a sua justiça kármica.

ou numa retorta. Contudo, a demonstração é feita segundo o próprio raciocínio materialista, pois que os espíritos fizeram-se ouvir e deixaram-se ver, tocar, pesar e até auscultar, muitas e muitas centenas de vezes.

O Espiritismo, não proveio de nenhum credo ou dogma religioso; não teve origem em qualquer teoria nascida de circunstâncias fortuitas, ou moral convencional; não foi engendrado, inventado ou descoberto. Teve, sim, um codificador: Allan Kardec, a quem a história, sempre justa em seus juízos e indiferente às paixões dos homens, qualifica de precursor. Mas o Espiritismo nasceu sòzinho: dos factos e da realidade. Nasceu, como resultante da própria existência dos espíritos.

A antiguidade dos fenómenos espiritas e da crença na imortalidade da alma perde-se na noite dos tempos. Todos os povos, nos seus princípios religiosos, possuem, como base fundamental, a crença numa vida futura, vida mais subtil, de natureza material. Tal crença pode considerar-se universal, o mesmo critério se aplicando à fé no poder da comunicação com os que abandonam o mundo físico.

Nos mais antigos tempos da tradição esotérica, encontramos as evocações aos chamados mortos. Em tôda a Ásia existiu sempre uma religião cuja base residia na possibilidade da relação directa com aqueles que haviam desencarnado, em viagem para o Além.

Por antiquíssimos documentos, recolhidos por Mr. Sydeny King, no seu contacto com os bonzos, sabe-se que, nos ofícios religiosos, dos sacerdotes chins, costumava haver duas cadeiras a mais, destinadas a ser ocupadas por fantasmas brancos que ali acorriam, mediante evocação.

Na Índia, os brâmanes gozavam do poder de evocar os espíritos dos mortos. No «Rubihyar», livro sagrado dos hindus, lê-se o seguinte passo: «Fácil vos será reconhecer os Mestres, cujo espírito transparente está próximo a elevar-se. Vê-los-eis imaterializados, quando a palavra santa saír de seus lábios. O seu corpo físico será levitado por diversas vezes...» E, nos nossos dias, são os *arghis* e os *yoghis* os depositários dêstes conhecimentos esotéricos que só poderão compreender aquêles que um dia conseguiram penetrar nos misteriosos santuários tibetanos, para se entregar à comunicação entre encarnados e desencarnados.

Tôdas estas crenças, porém, tiveram origem no antigo Egipto. Os faraós viviam rodeados de magos — médiuns lhes chamaríamos hoje — que tinham o poder de materializar os espíritos desencarnados. Segundo conta o sábio egiptólogo Ruduard Gley, era de sete em sete anos que os familiares dum notável defunto se reüniam na sala contígua àquela em que o seu corpo estava encerrado. Acompanhados dum médium, evocavam o espírito durante três dias consecutivos, mediante rigoroso jejum e constante prece mental. O médium caía em transe e aparecia uma materialização branca de tal realidade, que, ainda segundo o mesmo egiptólogo, em nada se diferenciava do sêr, quando encarnado. E falava aos assistentes, aconselhando-os àcêrca da maneira de conseguirem a evolução espiritual.

Os judeus tinham, também, a mesma crença. Para comunicar com o Além, era necessário estar iniciado e submeter-se a três períodos de purificação, de sete anos cada um.

O sábio historiador israelita Josefo fêz pública confissão de fé reencarnacionista. E o padre Didon, na sua «Vida de Jesus», diz que o povo israelita acreditava na volta do espírito, reencarnando noutros corpos e que esta doutrina era ensinada nas escolas da Judeia.

No Zohar, livro sagrado dos judeus, ensina-se a crença reencarnacionista. O povo persa e o caldeu, atingiram alto grau de cultura sôbre a magia daquêle tempo e faziam evocações de espíritos, com os quais comunicavam.

Entre os incas da América, as materializações atingiam tão elevada perfeição, que, no dizer do historiador Max Saurer, bem conhecido pelos seus estudos esotéricos, eram duma perfeição máxima.

Na Grécia e em Roma, as pitonizas e sibilas passaram à história, em virtude de suas maravilhosas comunicações e de seus oráculos, que eram dados em transe, depois de grande concentração e preparação de jejuns e preces.

Na Idade Média, constituíam verdadeiras legiões em todo o mundo os que se relacionavam com o Além, pretendendo estabelecer contacto directo com os espíritos dos mortais. Mas a intolerância fanática amordaçou as consciências e proïbiu os estudos esotéricos, criando os tribunais da Inquisição, cujos crimes ainda hoje fazem estremecer.

Entre os numerosos sábios que foram perseguidos por estes tribunais, citaremos os seguintes: Galileu, que demonstrou a rotação da Terra em volta do Sol; Pierre d'Albano, autor do «Tratado de Astronomia», e que, por sustentar teoria idêntica, foi queimado em esfinge, em Bolonha, em 1327; Ceco, que foi queimado vivo, no mesmo ano, em Florença. Em 1600, foi também queimado Jordano Bruno e em 1625 desenterraram o cadáver do sábio físico António Dominis, a-fim-de ser queimado — pois teve o arrôjo de morrer na prisão, antes de sofrer aquela suprema tortura.

* * *

A-pesar da terrível perseguição de Roma e da interminável lista de vítimas da intolerância religiosa,

e da sistemática oposição da mor parte dos cientistas, contra todo e qualquer descobrimento contrário à crença ou lei estabelecida, foram, no entanto, dezenas os sábios que já na época medieval estudaram e demonstraram a verdade da comunicação dos espíritos.

O místico Bohene escreveu em 1375 um belo livro, intitulado «Da vida com os mortos». Paracelso, o grande médico e astrólogo, publicou em 1493 várias obras, àcêrca da forma de estabelecer as relações directas com os espíritos. E, desde então até os nossos dias, uma plêade de sábios saltou por cima da ortodoxia científica e deu o seu apôio ao estudo do psiquismo.

O juiz Edmonds, presidente do Senado Norte Americano, foi um dos precursores das sessões experimentais submetidas a rigoroso contrôlo. Êle e sua filha, revelaram-se excelentes médiuns. O Dr. Robert Hare, professor da Universidade de Pensilvânia, utilizou aparelhos de precisão nas suas sessões experimentais. O notável naturalista Alfred Russel Wallace estudou cientìficamente os fenómenos espiritas e, do seu depoïmento, resultou que a Sociedade Dialética de Londres nomeasse uma comissão de sábios para experimentarem e se pronunciarem sôbre a autenticidade dos mesmos fenómenos. As conclusões dêste importante inquérito foram as seguintes:

«1.ª — Produzem-se sons de carácter muito variado, parecendo provir dos móveis, do sobrado e das paredes das salas, sem que possam ser atribuídos a uma acção muscular ou mecânica; 2.ª — Efectuam-se movimentos de corpos pesados sem qualquer intervenção mecânica ou acção muscular correspondente por parte das pessoas presentes e freqüentemente fora do contacto ou da proximidade de quem quer que seja; 3.ª — Estes ruídos e movimentos produzem-se muitas vezes no momento e nas condições pedidas pelos asistentes e, por meio dum simples código de sinais, respondem às preguntas ou ditam alfabèticamente mensagens coerentes; 4.ª — As respostas e mensagens assim obtidas são, na maior parte, dum carácter banal, mas têm sido revelados, por vezes com exactidão, factos conhecidos apenas de uma das pessoas presentes; 5.ª — As condições de produção dos fenómenos são variáveis, notando-se, sobretudo, que a presença de certas pessoas parece necessária à sua produção e, pelo contrário, outras a contrariam, mas esta aparência não parece depender da crença ou da incredulidade a respeito dos fenómenos; 6.ª — Entretanto, a produção dos fenómenos não é assegurada pela presença ou ausência desta ou daquela pessoa».

Juntamente com tão concludente afirmação da comissão nomeada pela dita Sociedade Dialética, veio o depoïmento do Dr. Cronwell Varley, físico distinto e membro da Sociedade Real de Londres, que certificou: «Eu tenho-me podido assegurar de que os Espíritos dos nossos parentes nos visitam, realmente, e de que: 1.º — Tenho-os visto distintamente em várias circunstâncias; 2.º — Em vários casos, coisas conhecidas de mim apenas e das pessoas falecidas que se julgava comunicavam comigo, têm sido correctamente recordadas, ainda que o médium ignorasse absolutamente tôdas estas circunstâncias; 3.º — Muitas vezes, factos conhecidos de nós dois apenas e *que eu tinha totalmente esquecido,* têm-me sido recordados por comunicações dos Espíritos; *portanto não eram casos de leitura do pensamento;* 4.º — Em alguns casos, as comunicações eram respostas a preguntas feitas mentalmente e o médium, que era uma senhora da minha amizade, numa situação social independente, escrevia as respostas, ainda que não tivesse noção alguma do sentido das comunicações; 5.º — A data e natureza de acontecimentos futuros, tão desconhecidos do médium, como de mim próprio, têm-me sido anunciados por mais de uma vez, com alguns dias de antecedência.

«Como os meus correspondentes invisíveis me diziam a verdade em relação aos acontecimentos futuros e afirmavam ao mesmo tempo que eram espíritos; como, por outro lado, nenhuma das pessoas presentes na sala conhecia o quer que fôsse dos factos comunicados, não vejo razão alguma para me recusar a acreditá-los».

Perante estes e muitos outros testemunhos de sábios de renome mundial, o eminente físico Sir William Crookes, também membro da Sociedade Real de Londres e que tanto se destacou com os seus estudos de fotografia da lua, e sôbre a peste bovina, inventor de diversos aparelhos eléctricos e de medição da intensidade da luz; descobridor da amalgamação do ouro, com o auxílio do sódio, dando a conhecer um novo corpo simples metálico: o *Thalium,* e, mais tarde, com a sensacional descoberta da *matéria radiante,* que abriu o caminho dos mais importantes inventos da nossa época, emfim, Crookes, um dos maiores sábios do nosso século, com a sua autoridade científica e moral, quis desvendar o mistério e acabar com as dúvidas sôbre a existência ou não de espíritos desencarnados, que se comunicam com habitantes da Terra. E fazendo as mais rigorosas experiências, sob a maior fiscalização e precaução contra fraudes ou sujestões, empregando grande número de aparelhos eléctricos registadores, declarou, depois de cêrca de quatro anos consecutivos de intensos estudos, «que tinha observado e conversado com os espíritos, que os tinha visto, pesado, medido, registado, auscultado, fotografado, etc.» ...e perante certas hipóteses apontadas por outros cientistas, que, não se atrevendo a contra-

dizer tão grande sábio, procuravam argumentos basilares com que justificar uma contradição, Crookes declarou categòricamente: «*Eu não digo que o fenómeno é possível, digo que é real*».

Muitos outros nomes, não menos ilustres, poderíamos acrescentar a esta lista de sábios que certificaram a verdade do fenómeno espirita, como por exemplo: O Dr. Paulo Gibier, Charles Richet, autor do «Tratado de Metapsíquica», Sir Olivier Lodge, o físico Myers, Dr. Gustave Geley, fundador do Instituto Metapsíquico Internacional, César Lombroso, Varley, Zoellner, Carl du Prel, Aksakof, coronel de Rochas, professor Deuton, Epes Sargent, Oxley, Durand de Gros, Gurney, Dr. Hitchman, presidente da Sociedente de Antropologia de Liverpool, Bozzano, o astrónomo Flammarion... etc. e, em Portugal, os Drs. Freire, Lôbo Vilela... e tantos outros... Escritores e filósofos como Vítor Hugo, Alexandre Dumas, Teófilo Gautier, Conan Doyle, etc....

¡Pois, a-pesar dêste desfile de celebridades, ainda há quem, chamando-se ou sendo, mesmo, autêntico cientista, se atreve a acusá-los de fanáticos ou ignorantes e nega a sobrevivência da alma e os fenómenos espiritas! ¿Ignorantes ou fanáticos sábios como Crookes, Sir Oliver Lodge e os outros que nomeámos?... ¡Sim, ainda há quem isto afirme! Ainda há quem sorria vaidosamente perante as afirmativas dêstes homens gloriosos. Há os que negam «a priori», negação que, segundo Vítor Hugo, é negação de estupidez. Negam por sistema, que é o reflexo da ignorância. Negam sem conhecimento de causa, sem nunca terem assistido a nenhuma sessão experimental, sem terem estudado nenhum dos milhares de livros publicados sôbre estudos psíquicos, de filosofia espirita, fenómenos espiritas... mas são estes mesmos céptico que leiem com avidez e aceitam, não por compreensão ou conformidade, mas por «snobismo», as teorias da psico-análise de Freud...

Muitos cientistas negam por não sentirem dentro de si o espírito, pois, percebendo, ùnicamente, o corpo material, com as correspondentes necessidades fisiológicas, concluem que tudo se resume num sistema de actividade cerebral movimentada pelo sistemo nervoso e, falando-nos de funções glandulares, fica o homem reduzido a semi-autómato, que vive até vibrar a última célula. ¿Como querem, pois, encontrar a alma, se ela é invisível e impalpável?...

Em vez de guerrear-se, tôda a humanidade deve auxiliar-se e procurar estabelecer entre si um amparo que possa servir em tôdas as contingências, dêem-lhe, muito embora, os nomes de caridade, fraternidade ou solidariedade — que, no fim, tudo é fraternizar.

(D'«O Mensageiro Espirita», n.º 49)

Efemérides do Centro Espiritualista Luz e Amor

(Conclusão)

27-9-925 — Realiza-se o 5.º passeio de confraternização ao Estoril.

24-10-925 — O Centro muda a sua sede para a Rua Sampaio e Pina, H. A., 3.º, D.

29-11-925 — É feita a proposta, em sessão da Direcção e com a presença dos demais Corpos Gerentes, para que o Centro entre em massa na Federação. O proponente, Sr. Dr. António Freire, defendendo, embora, brilhantemente, êste ponto de vista, não conseguiu acôrdo unânime, havendo quem fôsse de parecer que o Centro deveria conservar uma minoria de sócios que lhe garantisse vida própria.

26-12-925 — Resolve-se fazer funcionar na sede do Centro, em trabalhos experimentais, alguns Grupos Familiares, convidando-se para seus directores os srs. Drs. Adolfo Sena, António Freire, General Passaláqua, D. Maria O'Neill e Pedro Dias de Sousa.

7-2-926 — Festa artística e de propaganda realizada no Asilo de Santo António. Rendeu Esc. 1.436$00, com que se deu um bôdo a 63 crianças que foram contempladas com bibes, vestidos, camisas, alpargatas, merendas e brinquedos.

16-2-926 — Tendo desencarnado, no dia 14, o Presidente da Assembleia Geral do Centro, General Passaláqua, a Direcção reúne-se expressamente para lhe prestar reconhecida homenagem.

18-4-926 — Inauguração oficial da sede do Centro e da sua biblioteca. Nesta data comemora-se, igualmente, o 3.º aniversário do Centro e presta-se homenagem ao General Passaláqua, descerrando o seu retrato.

3-6-926 — O Centro recebe convite da Federação Espirita Internacional para se fazer representar, em nome dos espiritas portugueses, no seu Comité Executivo e Comité Geral.

20-6-926 — São apresentadas mais 36 propostas para sócios. A Direcção toma conhecimento de terem sido aprovados pela autoridade competente os Estatutos da Federação Espirita Portuguesa. Eis as últimas palavras desta acta: «Como não houvesse mais assuntos a resolver, foi encerrada a reünião, sendo a próxima marcada «*sine die*».

5-2-939 — Na residência da antiga directora D. Emília Marques, depois de quási 13 anos de inactividade, realiza-se nova reünião da Direcção do Centro, na qual se resolve retomar a marcha interrompida, solicitando, para isso, o concurso de antigos sócios.

Nota — Por lapso não se indicou a data em que foi eleito o Conselho Fiscal do Centro e o nome dos sócios que dêle faziam parte. Embora deslocada cronològicamente, aqui deixamos essa efeméride. Foi em 13 de Abril de 1924 que a Assembleia Geral elegeu para aquêle Corpo Gerente os srs. César Gonçalves, António Joaquim Correia e António Mendes da Silva.

nº 9, Jan./Fev/41

COMO EU COMPREENDO A SOLIDARIEDADE

por Dinah Santos Lima

II

SEGUNDO o meu critério, parece-me que a nossa evolução se tem feito com a mesma morosa dificuldade com que caminha um carro que encontra muitos atritos.

Para êste carro atingir o seu destino — para nós ignorado — tem, fatalmente, de esboroar, desfazer, recalcar até à inutilização completa da oposição, tôdas as pedras e obstáculos que se lhe deparem, porque também não podem furtar-se ao seu destino de serem esmagados e triturados.

Tudo quanto impeça a sua marcha sapiente e dolorosa, tudo será aplanado. É inútil opôr-lhe resistência; o carro não se afastará nem um milímetro do seu trajecto, nem, tão pouco, se compadecerá dos lamentos que o seu rodar arranque.

Só nós, as pedras ruins e ignorantes, seremos recalcadas, pisadas e moídas, até que não façamos obstáculo ao carro triunfal da evolução.

Deus não quere que nos deixemos esmagar; Deus quere que se vibre, que se reaja, que se evolua.

Emfim, Deus quere que nos furtemos ao esmagamento, não fazendo concha na terra e acomodando-nos à nulidade do ambiente, mas, pelo contrário, Êle quere é que o nosso corpo se torne tão fluídico e quintessenciado, que o carro avance e não encontre atritos que o perturbem nem atrazem.

Devemos cuidar da auto-evolução para melhor comprendermos e cumprimos as ordens do nosso Chefe Supremo.

O que não oferece dúvidas é que temos de sofrer para evoluir. ¿Mas que importa a dôr, se o sofrimento é transitório e a evolução é definitiva?

Resta-nos afastar as lágrimas fantasiosas sôbre o nosso destino de torturados, porque elas de nada servem; pertumbam-nos, e nada mais. É preferível que tenhamos a consciência do nosso papel e que não disperçamos as nossas energias em movimentos inúteis.

Mãos à obra, mas executemo-la, cantando. Será mais doce para nós e para o Pai que está nos céus e que vê a alegria com que os seus semeadores trabalham na sua seara.

Por tudo isto, concluo que é de incisiva oportunidade que se estabeleça o primado do trabalho consciente e produtivo sôbre o das inutilidades consagradas e improdutivas.

Como trabalho consciente e produtivo comprendo a luta encaminhada para o bem.

Como inutilidades consagradas e improdutivas compreendo as lágrimas inúteis, as lamentações vistosas, as palavras estéreis e vasias, as acções desirmanadas do amor e da razão ou ainda a cultura intelectual sem a cultura moral.

Tudo isto é obra que será posta de lado ao primeiro olhar do Chefe.

Seremos forçados a recomeçar, o que custa muito.

É, pois, inadiável, mas sem hesitações, que se coloque a auto-evolução no primeiro plano de reforma da humanidade em substituïção das fantasias maravilhosas com que nos deixamos embalar, como se ainda fôssemos crianças ou como se não tivessemos um cérebro próprio.

¿Porque deixaremos a nossa Idea na infância e a impediremos de tomar um corpo mais humanitário, mais em harmonia com as exigências do ambiente de hoje? Se a moldássemos pelas necessidades actuais — bondade, inteligência e decisão — nós próprios adquiriríamos uma forma mais subtil, mais leve e imponderável que melhor nos permitiria o movimento para a perfeição.

Já Paulo nos disse: «Quando eu era criancinha, raciocinava como criancinha, mas quando me fiz homem, despi-me do que pertencia à criança».

¡É tão diferente a vida que se vive hoje, daquela em que penetrámos no Mundo!...

Se essa outra vida era tôda feita de ânsia de movimento e de viver e se, agora que estamos no apogeu da nossa fôrça, não recionalizarmos êsse movimento e não canalizarmos essa ânsia de viver para uma finalidade nobre e útil, ¿que objectivo terá, portanto, a nossa existência?

Querendo — mas para querer também é preciso saber querer — fàcilmente substituïremos as belas asas transparentes da quimera que tanto nos acompanharam nos nosso brinquedos, por umas outras asas mais sólidas, mais hábeis, que nos transportem ao mundo do real.

Querendo, podemos tirar todo o partido daquela maravilhosa e fértil imaginação infantil que nos fazia conceber e transportar para o campo das realizações, os nossos mais fantásticos sonhos.

Eu prefiro a nudez forte da verdade, sem o manto diáfano da fantasia...

¿Como poderemos remediar, substituir, construir, se a fantasia, qual nimbo prestidigitador nos encobrir a verdade?

¿Não será um suïcídio deixar morrer em nós a sublimidade do espírito e os seus nobilíssimos atributos e consentir que o materialismo seja o apanágio da nossa existência?

Nós, sobretudo nós, espiritas, que conhecemos os Evangelhos e que temos rigorosíssimos deveres a cumprir para com os nossos irmãos e para connôsco, vivermos molemente instalados na nossa fraca sabedoria que mal praticamos, presos, talvez, a insulsos proconceitos ou a um narcisismo grotêsco, ¿não seremos muito mais culpados do que os materialistas que combatemos ou que pretendemos leccionar?

A responsabilidade de quem conhece é bem mais tremenda do que a de quem ignora...

Eu creio, eu afirmo, convicta, de que o momento exige acções geradas por um idealismo são e prático.

Para mim, é criminoso todo aquêle que habite os páramos da mais luminosa fantasia, ou que vibre num plano de indiferentismo consciente, ou ainda que, instalado na mais sublice espiritualidade, por uma comodidade que não posso deixar de cognominar de egoística, não desça do seu edénico pais e não venha à Terra, ao âmago da vida, verificar como nela nascem, vegetam e morrem os seus irmãos.

¡É criminoso!

Não tentar abrir as garras do Karma — embora justo, segundo a nossa Lei — para que elas não asfixiem a garganta das crianças, dos inválidos, das mulheres e dos que vivem arrastando uma cruz pesadíssima, é deshumano, é estar à margem do cristianismo e de todo o ensinamento messiânico.

¡Fora da caridade não há salvação!...

O sofrimento depura, é certo, mas quando é excessivo — e é-o muitas vezes por falta de solidariedade — para aquêles que não conhecem o Espiritismo e que supõem que a vida termina no túmulo, para aquêles que vêem a inverossimilhança das leis da Terra e o predomínio do mal sôbre o bem, para êsses, o sofrimento já não depura, revolta ou mata a alma e a criatura cai e perde-se.

* * *

É preciso radicular em nós os sentimento do bem; é preciso implantar a supremacia do bem.

A propósito, ocorre-me agora uma máxima de grande verdade e oportunidade: «nem todos podem ser grandes, mas todos podem ser bons».

Ser bom é ser espirita e ser espirita é compreender, meditar sôbre os Evangelhos e, ao mesmo tempo, cumpri-los. Isto é progredir.

¿De que serve a leitura de tamanha maravilha, se não a assimilarmos, dando à nossa alma superioridade sôbre os nossos vícios?

Se, tendo poderes de radioctividade, ficarmos a vida inteira a olhar para a beleza que desta doutrina se expande e não a difundirmos sôbre aqueles que caiem neste combate renhido que é a luta pela vida, ¿não cometeremos um crime contra êles e contra nós próprios?

Diz-nos Léon Tolstoi na sua «Correspondência»:

«O cristianismo é o impulso, na direcção indicada por Jesus Cristo, para a verdade, para a completa perfeição do Eterno Pai.

«E o cristianismo será tanto mais verdadeiro quanto mais *activo e acelerado.*

«O ladrão na cruz, a prostituta no prostíbulo, são mais cristãos que os fariseus.

«Todo o homem, por mais envilecido que esteja, pode aspirar a ser cristão, mover-se e acelerar o movimento até o infinito». (Note-se que nada há mais belo e comovedor do que êsse sentimento do pecador arrependido).

E diz-nos, ainda mais, Léon Tolstoi: «tôda a infelicidade humana parte da nossa miséria interior».

Está, pois, aberto o caminho para a felicidade, desde que se siga na direcção indicada por Jesus Cristo — o arrependimento e a regeneração —.

Todavia, nem todos têm ainda a fôrça precisa para mover o raciocínio na direcção do arrependimento e, conseqüentemente, a preparação suficiente para se regenerar, extirpando-se da sua miséria interior. Mas têm-na os espiritas; temo-la nós, ou, pelo menos, devemos tê-la.

Porque conhecemos que a nossa doutrina é das melhores para nos proporcionar e aos nossos irmãos o poder de extirpação ou de resignação para a dor, a calma para a injúria, a verdade para a mentira, a fé para a luta, o perdão para os que prevaricam, o desinterêsse para o egoísmo e uma pródiga solidariedade para os que sofrem e mais ainda para os que caiem, por isso mesmo, não devemos ceder ao mal um centímetro do nosso terreno e devemos roubar-lhe todo aquêle que, caído, pode estar prestes a cair mais fundo, por falta de coragem para se extirpar da sua miséria interior.

Para os que caiem, mais do que para todos os

outros, a luz do espirita deve irradiar, brilhante e pura.

Para estes, que o vulgo cumula de desprêso e desampara, deve o espirita guardar o melhor e o mais amorável dos seus tesoiros: a sua solidariedade.

Nivelando-se com êles, tomando o quinhão que lhe compete no seu sofrimento e na sua desdita, fará tudo aquilo quanto deve fazer o espirita, não esquecendo que consolar e aliviar a alma não é o bastante para salvar e manter a vida.

Para tudo o que é terreno, não basta só o consôlo da palavra e do amor; é condição imperiosa para habitar a Terra, que não se dissociem os cuidados do espírito dos cuidados da matéria, pois não devemos esquecer que se êle representa o nosso máximo poder, ela, por outro lado, é o veículo — o corpo físico — de que o espírito não prescinde para evoluir.

Da perfeita comprensão que deve existir entre o que pertence a um e o que pertence a outro é que surgirá a prática pura da Solidariedade, que dá a Deus o que é de Deus e a César o que é de César.

* * *

Deram-nos um mandato, temos de o cumprir.

Pior ainda: deram-nos um problema, temos de o resolver.

Não podemos esquivar-nos à sua solução, escudando-nos na ignorância, porque conhecemos a doutrina do Cristo que nos aponta nitidamente a Lei; não podemos representar de indiferentes, porque ser indiferente é ser conivente; e mais ainda, porque sabemos que todo aquêle que faz um êrro e podendo, mais não faz, por bom o terás, segundo diz o ditado.

¿Quantas criaturas se perdem, porque ignoram que Deus existe, que de tudo o que se criou, nada se perde e tudo se transforma, que além desta vida outra vida continua e que quanto mais se sobrecarregarem de efeitos maus, maior será o número de causas que os hão de trazer cá a baixo?

¿E o que é a Terra, senão uma prisão onde estão enclausurados todos aquêles que transgrediram a Lei?

Ser espirita é ser bom e aquêle que pretenda sê-lo, de boa vontade, começou desde essa hora, a trabalhar para a sue regeneração e para a construção dos alicerces duma sociedade melhor.

Também se diz, na «Correspondência» de Tolstoi: *«o bem não pode ser, senão favorecendo a maioria forte e laboriosa em que repousa tôda a sociedade».*

¿Quanto é preciso trabalhar para que esta íntima aspiração se transforme num facto palpável e eficaz?

Se temos em nós a semente luminosa dos conhecimentos evangélicos, nada mais temos a fazer do que contribuir para que ela se reproduza na alma dos nossos irmãos.

É certo que nos espera uma vida de sacrifícios e abnegações e que os nosos heroísmos ficarão desconhecidos dos homens; as nossas lutas interiores ninguém as verá e delas ninguém falará. Mas, não importa. Deus o sabe e Deus o vê.

Haja, pois, a luta e a ânsia de tudo conquistar, dentro de nós; e fora de nós, haja sempre a paz e a certeza na vitória.

«¡Podemos esmorecer, pecar, enganarmo-nos, mas a directriz da nossa vida não mudará!»

¡Se a luta um dia fôr mais acêsa e o nosso braço cance, lembremo-nos de que, se aparentemente estamos divididos em parentes e amigos, o que somos, em pura verdade, é, simplesmente, irmãos!

Isto nos dará alento para prosseguir.

* * *

Chegámos ao fulcro principal destas considerações:

Somos células vivas de um Todo, sêres fasciculados dum Sêr Supremo, filhos dum mesmo Criador e, dentro do Espiritismo, mais do que dentro de qualquer outra religião, é que nos sentimos verdadeiramente irmãos.

Dentro do Espiritismo não há distinção de classes, nem há aristocracias, a não ser a do bem, que seria a única admissível.

Não deixemos, portanto, abolorecer na nossa alma a doutrina divina, e a solidariedade é o sumo delicadíssimo duma alma boa.

Sentimento de pura fraternidade, só por si, supre a escassez de outros sentimentos.

É ela que nos faz amar o próximo como a nós mesmos, que nos leva a pedir-lhe a sua cruz e a dizer-lhe, «dá-ma, eu compartilho do seu pêso».

Mas, está ainda tão mal comprendida entre nós, entre a grande maioria, pelo menos — que dificilmente a praticam e, ainda quando a praticam, não amam.

E já Rabindranath Tagore nos ensinou que «onde o amor não trabalha, não há mais que um mundo morto».

E Tolstoi continua dizendo-nos: «se realizas uma obra que julgas boa e não sentes aumentar o amor na tua alma, sabe que a obra que realizar não é boa».

Mas, a-pesar do que nos diz o grande poeta e educador Rabindranath Tagore e do que nos diz Léon Tolstoi, figura bem demarcada no cristianismo, o poderio do atraso moral de muitos é de tal maneira vasto, que a consciência, nêles, não tem voz, é inteiramente muda.

Vejamos, agora, num salto rápido do pensamento, como se pratica a solidariedade entre os humildes.

Êles nada têm, senão pão duro e pouco mais. Os seus móveis são desconjuntados e reduzidos. As suas

camas são umas tábuas, com maus abafos, mas se àquela mãi a morte a levou, as vizinhas, tão pobres como ela, recolhem-lhe os filhos, dão-lhes do seu caldo, do seu calor, do seu pão.

Duns trapos pretos faz-se um luto e a caridade de quem passa, indiferente, na rua, faz o resto.

¡Quantos exemplos êles dão àqueles que lhes vão mitigar a fome sem lhes enxugar as lágrimas!

¡Êles, a quem ainda ninguém disse que por todo o bem que fizerem serão glorificados!

E os outros que, cintilantes de alegrias, supõem que Deus lhes premiará o gesto — quando a alma nem sequer sofreu e ficou fria — que inimaginável vergonha não sofrerão quando virem, um dia, êsses miseráveis, êsses sêres ínfimos, sujos, que não sabem dizer palavras lindas, que são rudes e brutos, mas que vivem, afagados por Deus e dizer-lhes:

«Entrem, sereis fartos e saciados, porque muito sofrestes, e aqueles, não! Não serão do meu reino, porque é mais fácil passar um camêlo pelo fundo de uma agulha do que um rico entrar no reino dos Céus...»

Essa amálgama ignorada e ignorante, humilde e tímida, feia e desgrenhada, ela e só ela é que, de facto, é solidária.

Para dar ao seu semelhante aquilo que muitas vezes lhes faz falta, não precisa de estímulos verdadeiramente ofensivos da pura moral cristã; não é cruel, porque não vai mitigar a fome, rojando sêdas e jóias, e, como os modernos fariseus, não manda as trombetas anunciar as suas dádivas.

¡Ela é que ainda hoje nos prova que alguma coisa ficou no mundo, dêsse Testamento sublime que o Cristo nos legou — o seu grande e imperecível exemplo!

Para concluir, vou dizer como comprendo a Solidariedade, e como, segundo o meu critério, se poderia resolver tão grave e sério problema:

1.º — Restituindo a dignidade e o pudor à mulher. ¿Como? Condição *sine qua non:* acabar com a prostituïção e, principalmente, regulamentada; não consentir à mulher outra profissão que não seja o trabalho, mas pago condignamente. «A prostituïção é um insulto à nossa inteligência».

2.º — Dando à criança o ambiente moral e material que ela requere para se poder desenvolver e preparar para a vida. ¿Como? Amparando-a desde o primeiro instante da sua gestação, até ao nascimento e daí para cá, continuando sempre a ampará-la, roubando-a à promiscuïdade das ruas e de lares que são, muitas vezes, a pior das escolas.

Facilitando-lhe a escôlha da profissão, orientando-a na sua tendência.

Não a iludir nem sonegar-lhe a vida, para que a compreenda e se adapte a ela, pois é esta vida de luta, entretecida de derrotas e de vitórias, que ela tem de viver.

Não a atabafar no seio da família e da civilização, porque a criança não é só de uma nem de outra, é do futuro, o nosso próprio futuro, pois muitas vezes, ainda, teremos de ser crianças.

3.º — Organizando a sociedade, de maneira que tôda a gente tenha trabalho. O desemprêgo é chaga tão perigosa como a prostituïção. Ambas corrompem, depravam e arrastam a pessoa humana ao rebaixamento.

4.º — Dando ao inválido a garantia da sua existência, asegurando-lhe o futuro, dando-lhe o confôrto e a alegria que perdeu, não o considerando nunca como um farrapo inútil. Lembremo-nos de que um dia podemos ser iguais a êle e que embora hoje não produza, já produziu.

Semeemos ideias, para que nasçam obras.

CENTRO ESPIRITUALISTA LUZ E AMOR

A Direcção dêste Centro comunica a todos os sócios que se viu na necessidade de aumentar ligeiramente as cotas daqueles que se inscreverem a partir desta data, em virtude da manutenção da sede exigir recursos de que o Centro não dispõe, actualmente, não obstante a cotização suplementar oferecida por alguns amigos. Êsse aumento é de $50 centavos para tôdas as modalidades: SÓCIOS DE LISBOA, 3$00; SÓCIOS DA PROVÍNCIA, 2$00; SÓCIOS DAS COLÓNIAS, 4$00; SÓCIOS QUE VIVAM SOB A DEPENDÊNCIA ECONÓMICA DOUTROS SÓCIOS, 1$50.

A Direcção apela para todos os sócios inscritos, no sentido de aumentarem, voluntàriamente, as suas cotas até àquelas importâncias, pois só assim se poderá enfrentar um estado de coisas que muito perturba a vida do Centro.

Se êste apêlo fôr compreendido, muito lucrará a Causa que se defende, com a maior dedicação e desinterêsse.

A Direcção aproveita o ensejo para comunicar que as sessões experimentais gerais se realizarão todos os domingos, às horas anunciadas no respectivo programa, publicado na última página desta revista.

O JUIZ E O ESPIRITISMO

por Henrique Magalhães

Representante de «Estudos Psíquicos» no Rio de Janeiro

O Dr. A. Cruz, depois de um curso brilhante, formou-se em Direito. Jovem ainda, querendo desenvolver a sua capacidade de trabalho, conseguiu, após exaustivo concurso, nomeação como juiz.

Sua entrada no magistério obedeceu ao critério de há muito adoptado em casos tais. Começaria, portanto, a exercer as suas actividades num dos Estados da Confederação. É assim que vamos encontrá-lo em pleno exercício de suas novas funções no interior do Estado de Goiás.

Num belo dia em que, pelos seus muitos afazeres, percorria a comarca, divisou uma choupana que se ocultava sob frondoso arvorêdo. Veio-lhe a idea de pedir um café naquele rancho e, ao mesmo tempo, descansar um pouco. Aproximando-se da habitação, viu, brincando no terreiro, várias crianças, a mais velha das quais deveria ter uns onze anos.

Apeando-se, dirigiu-se a esta e pediu-lhe que fôsse chamar o pai.

— Papai está trabalhando na roça — respondeu a criança.

— Então chame sua mãi — disse o juíz.

A menina saiu célere e, daí a pouco, voltou acompanhada de sua genitora.

— ¿Que deseja, môço? — preguntou ela.

— Venho pedir-lhe um café, minha senhora; pagar-lhe-ei generosamente.

— ¡Ah, môço! Vossimicê mi ofende — retrucou a cabôcla: — Fazer o café, faço, mas recebê dinheiro, não. Espere um pouco, lhe mando já.

Daí a momentos, surgiu Luíza (assim se chamava a menina de onze anos), com o café que ofereceu ao visitante.

Êste, emquanto saboreava a bebida, palestrava com a menina, nascendo dali uma certa afeição entre ambos.

Ao terminar, tirou do bolso uma cédula de cinco mil reis e deu-a a Luíza, dizendo:

— Isto é para comprar doces para você e seus irmãos.

Nesse instante, surge a mãi das crianças e, vendo o dinheiro na mão da filha, protestou e fêz com que ela o entregasse ao seu bemfeitor.

— ¿Eu não disse, môço, que não recebia dinheiro? ¿Como é que vossimicê está teimando?

O juiz ficou meio desconcertado e propôs-lhe:

— ¿Quere a senhora dar-me essa menina para eu educar? T'enho espôsa e podemos dar-lhe uma educação condigna. Farei como se minha filha fôsse.

— ¿Quem é o sinhô? — pregunta a cabôcla, desconfiada.

O juiz dá-lhe um cartão, dizendo:

— Sou o Dr. A. Cruz, juíz desta comarca.

— ¡Ah, doutô! — exclama ela admirada. — Foi bom o doutô vir aqui. O meu marido qué falá com o sinhô, mas não tem tido tempo. Eu vou falá com êle o que o sinhô disse e êle despois fala com o doutô.

Pouco depois, despediram-se, seguindo o juíz o seu caminho.

Alguns dias depois, o pai de Luíza levou-a à casa do magistrado e é aí que vamos encontrá-la, alguns anos mais tarde. A esta altura, tinha Luiza dezassete anos de idade.

O juiz acha-se sentado à sua mesa de trabalho, despachando volumoso número de processos.

— Sinhá, grita êle à sua espôsa — manda-me um cafézinho.

Daí a pouco, aparece Luíza, trazendo o café numa bandeja. Ao chegar perto do seu bemfeitor, algo de anormal processa-se na sua fisionomia; a bandeja treme-lhe nas mãos e, a custo, pousa-a na escrevaninha.

— ¿Que é isso, Luíza? — pregunta-lhe o magistrado, surpreso, — ¿Vovê está doente?

Transforma-se o porte da adolescente, desaparece a timidez do seu olhar e ela esclarece:

— Não é Luíza que te fala neste momento, meu amigo, por mais paradoxal que te pareça. Ouves António Galvão, o que foi teu colega na Faculdade.

O magistrado ficou perplexo, visto não acreditar no Espiritismo; seus cabelos se eriçaram e a custo respondeu:

— ¿Como pode ser isso? Aquêle que assim se chamava era meu colega e particular amigo, porém, já faleceu há muitos anos.

— Enganas-te, meu amigo, quanto à morte — respondeu a entidade que no momento falava por intermédio de Luíza. — Não compreendeste ainda o que é o que chamas morte. Fiz, sim, a minha passagem na vida material para o plano espiritual, três meses após a minha formatura, como bem sabes; encontro-me, porém, mais vivo do que nunca e a prova é que estou fa-

lando contigo e, para isto, prevaleci-me dêste aparêlho maravilhoso, que é a tua pupila.

— ¿Que desejas de mim? — pregunta o juiz.

— Em primeiro lugar — continuou a entidade — venho chamar-te ao cumprimento do dever, do qual te desvias às vezes (neste ponto, a entidade lembra ao magistrado alguns casos em que êle laborara em êrro e mostra-lhe o caminho a seguir, com uma precisão tal, que deslumbra o seu interlocutor). Venho ainda — prossegue — pedir-te uma fineza.

— Fala — diz-lhe o juiz.

— Sabes que tenho aí na terra aquêle que foi meu irmão, o qual tu conheces, pois que privou contigo. Talvez só tu estejas em condições de ampará-lo e eu peço o teu auxílio.

— Farei por êle tudo o que desejares — respondeu o juiz.

— Não se trata de dinheiro, meu amigo, conforme estás pensando. O auxílio que quero de ti é o seguinte: êsse meu irmão está à beira de um abismo. Sua vida desregrada está desviando-o cada vez mais para o caminho da perdição e, se não encontrar mão amiga que o guie, caïrá fatalmente no despenhadeiro.

— ¿Que posso fazer em seu benefício? — preguntou o juiz.

— Escrever-lhe-ás, dando-lhe conselhos, como se teu filho fôsse. Talvez êle te atenda. Será a única maneira de salvá-lo.

— Pois bem — diz o juiz; — farei tudo o que estiver ao meu alcance para satisfazer ao teu pedido.

— Fica na paz de Deus, meu amigo, — diz a entidade espiritual ao despedir-se. — Parto satisfeito, pois que consegui o que há muito almejava. Velarei por ti e por êle.

Nisto, Luíza volta ao seu natural e, amedrontada e trémula, pregunta ao magistrado:

— ¿Que aconteceu, Doutor? ¿Que fiz eu?

— Nada de mal, menina; vai para a cozinha.

Imediatamente, o juiz pegou na pena e começou a escrever àquele que trilhava o caminho do vício. Naquela missiva foram impressos conselhos de tamanha elevação que surpreendeu ao próprio autor, ao reler o documento.

Com aquela carta e outras que se seguiram, o transviado modificou-se, tornando-se bom e virtuoso. E o magistrado, que, antes, metido na sua toga, zombava do Espiritismo, entrou a estudar, por intermédio da filha adoptiva, a nova e consoladora ciência.

Agora, o austero juiz de ontem é um trabalhador das hostes de Jesus.

Foi assim que o digníssimo juiz se fêz espirita. ¿Quantos terão passado por esta história verdadeira? ¿E a quantos irá acontecer o mesmo? Ignoramo-lo, mas parece-nos que êsses casos multiplicar-se-ão.

ESPERANÇA E FÉ

(2.º prémio dos Jogos Florais Espiritualista de 1940, organizados pelo Centro Espiritualista Luz e Amor)

O pequenino ser, qual mágica alvorada,
Era tudo p'ra ela; o resto..., quási nada.

Mas Deus, Nosso Senhor, marcara no destino
Da vida dessa mãi um dia amarantino:
— A pequenina flor, qual rosa mal florida
Que o vendalval desfez e ao chão finar-se vem,
Partiu, largou no mundo a Morte desta vida,
Levada pela morte à Vida do Além.

E assim nasceu na Terra — alfôbre de miséria —
Mais uma cruz nascida em uma cruz funérea.

Emmurchecida a face e macerado o olhar,
Febril de não dormir, exausta de chorar,
Aos céus dispara a dor em queixas incontidas,
Onde se sente a mágoa e vibra, a soluçar,
O cálido amargor das lágrimas vertidas.

— ¡Meus Deus! Viver ainda é estranha maravilha,
Se a alma tenho longe ao pé da minha filha.
Se pouco tempo após havias de tirar-ma
P'ra quê então, meu Deus, havias de tu dar-ma?
¡Quiseste um anjo mais! Se tantos há no Céu,
¿Que falta te fazia aquêle que era meu?

* * *

Andante cavaleiro, o tempo decorria,
E a mágoa dessa mãi — a mágoa de Maria —
Sendo na mesma intensa, era serena agora.
— É o mesmo do sol-posto o Sol de todo o dia
E a sua luz doirada é pálida na aurora.

Agora sabe, vê; agora vive e sente
A Vida que da vida as causas descortina.
O pequenino ser, a mágica alvorada,
Que era tudo p'ra ela — o resto quási nada —
O sente, o sabe, o vê, à luz adamantina
Da crença que lhe deu aquela fé confiada
Que aos crentes abre e mostra alevantado norte.
Acorrentando o horror fastástico da Morte.

Domine-a embora ainda a angústia da saüdade,
A treva dessa dor cedeu à claridade
Que a crença do Além nas almas irradia.
Na forma imaterial que as aproxima e une
Aquela mãi concentra, aquela reúne,
Todo o confôrto e vida e única alegria.

* * *

Por fim, surge p'ra ela um mágico arebol
De nova esperança — um céu, um astro, estrêla, um Sol,
Que a vida lhe entreabre a novos horizontes.
— Meigo beijo de amor que na aridez dos montes
O orvalho deposita em noites estreladas.

— ¡Na Noite desta vida há horas bem fadadas!

E aquela mãi infeliz confia à fé sincera
A inegualável dita imensa que seria
T'ornar a ver — ¡talvez! — naquele que ela espera,
O pequenino ser que aos Céus subiu um dia...

Luanda — Luiz Filipe Lôbo de Aguilar

Notas & Comentários

A opinião dos juízes...

Muita gente fala de Espiritismo, ora discreteando, ora mofando, ora atacando, como se se tratasse, realmente, dum brinquedo de mau gôsto ou teoria dissolvente dos bons costumes, apanágio de indivíduos profundamente equilibrados e de inteligências positivas, *infensas a bagatelas atribuídas a almas do outro mundo... E, contudo, pessoas existem que abandonaram o cepticismo de ontem e se lançaram no estudo dessa* frioleira *que tanto engulho causa aos cérebros fortes, pesados e graníticos, de certos contemporâneos, públicos e notórios. Ainda há quem tenha curiosidade científica, quem deseje investigar conscienciosamente, para, depois, emitir a sua humilde opinião.*

Está nesse caso o juiz Ribas Carneiro, da 1.ª vara, do Rio de Janeiro. Ao ser nomeado para êste cargo, resolveu ler as obras fundamentais do Espiritismo, a-fim-de poder julgar, como magistrado idóneo, as questões relacionadas com a Doutrina, especialmente aquelas que digam respeito a médiuns.

Eis a sua opinião, imparcial e sensata, para a qual chamamos a atenção dos meritíssimos juízes portugueses:

«Quanto ao Espiritismo, há que distinguir: o «Espiritismo pròpriamente dito», e o «baixo Espiritismo».

«O Espiritismo pròpriamente dito é um conjunto de condições que se firmam no mais alto conceito moral, ajustando-se, a rigor, aos mais respeitáveis interêsses da ordem social, sendo, como religião, das que mais fielmente se articulam com os preceitos cristãos. Assim, o Espiritismo na sua pureza está garantido pelos princípios constitucionais que regem o Brasil e praticar o Espiritismo é concitar aos homens que se irmanem, se respeitem, se auxiliem, é prègar a paz e a justiça, é estimular as inteligências ao aperfeiçoamento pelo estudo e meditação, é elevar o pensamento à perfeição.

«O que é crime, o que constitue acto ilícito, sujeito às penas da lei é o que a própria lei denomina o «baixo espiritismo», que se caracteriza por meio de magias, de bruxêdos, de sortilégios e «cangerê» e «macumba», nas expressões africanas que já foram encorporadas na linguagem brasileira, tôdas aquelas feitiçarias que fogem radicalmente aos altos princípios do altruísmo, por ofensivas aos bons costumes, à paz e à tranqüilidade das famílias, à ordem pública, que perturbam a sensibilidade e a inteligência, que criam nos estados mentais graves perturbações, que chegam a provocar a loucura. É o «falso Espiritismo», meio corruptor da mentalidade que a lei incrimina e só ela e não o Espiritismo verdadeiro, tão elevado na sua natureza de crença cristã e tão salutar nos seus propósitos, segundo as atentas leituras que tenho procurado para bem firmar um conceito próprio».

— Há que distinguir entre Espiritismo e «baixo espiritismo» — declara o Dr. Ribas Carneiro.

Assim é, na verdade. São coisas diferentes e antagónicas. Onde um está, não está o outro.

O verdadeiro Espiritismo, que se propaga nestas colunas, é digno de ser estudado por tôda a gente ansiosa de conhecimentos; o «baixo espiritismo», como lhe chama o magistrado brasileiro, pertence aos domínios da profilaxia social. São coisas diferentes, são coisas diferentes...

A opinião dos mentecaptos...

Confrade e amigo, cujo nome não vem ao caso, fêz-nos chegar às mãos «O Trabalhador», jornal católico da Emprêsa Renascença e no qual um anónimo qualquer discreteia àcêrca de Espiritismo, em secção intitulada «Migalhas de Ciência». E fá-lo com tamanha propriedade, com tão esclarecido conhecimento, que os leitores devem sentir-se profundamente orgulhosos do seu exímio orientador...

Principia assim o arrazoado:

«Todos sabem o que é espiritismo. Há muita gente que está convencida de que as almas do outro mundo podem ser chamadas a «falar» à gente cá da terra, por meio de uns indivíduos ou «indivíduas» com faculdades especiais e a que se chama médiuns».

Àparte a facécia sintática, que é de respeito, a-pesar-do homenzinho se dirigir a proletários, mais habituados ao manejo de instrumentos de trabalho, que às leituras de formação científica, o resto é ária cantada e decantada por tenores rotundos em demasia, para caberem no pentagrama musical...

Em todo o caso, o articulista sempre vai encaixando o assunto em Migalhas de Ciência, *prova evidente de que se não trata de qualquer beberagem insulsa, tão do agrado de certas inteligências cujos partos mentais pertencem aos domínios do microscópio.*

— Todos sabem o que é espiritismo — diz êle, displicentemente, como se falasse ex-professo, *entre dois sôrvos de mau grogue.*

Se todos soubessem o que é Espiritismo, a começar pelo articulista, não se tomaria tanta vez a nuvem por Juno, em assuntos desta natureza. E assim como se não pescam trutas a bragas enxutas, nem apascentam ovelhas em água salgada, também se não vulgariza seja que fôr, sem o necessário conhecimento da seara em que se mete inexperiente foice.

Lá porque certa revista inglêsa publicou algumas comunicações mediúnicas dando a guerra como improvável, não se segue que se acoime o Espiritismo de frioleira jôco-séria. A culpa é daqueles que fazem preguntas infantis, ignorando que os Espíritos não prevêem o futuro com rigor matemático, atendendo aos factores psicológicos sempre instáveis que entram na premonição.

E o articulista continúa:

«Pode ser — há muito boa gente que nem nisso crê — pode ser que haja nos factos do Espiritismo qualquer coisa que a ciência ainda não explica, e tam-

bém pode ser que o Espiritismo seja arma do demónio para explorar os que perderam a verdadeira fé e vão atrás das revelações dos médiuns. Mas o que temos a afirmar, sem «pode ser», mas com plena certeza, é que Deus não permite que aí qualquer sujeito ou sujeita anormal, quando lhe apetece, tenha faculdades especiais para se pôr em comunicação com o outro mundo e chamar ao microfone *esta ou aquela alma».*

¿Quem será o fariseu que escreve semelhantes patacuadas? ¿Que autoridade terá êle para afirmar, com «plena certeza», que Deus não permite isto ou aquilo? Se há factos no Espiritismo, como declara o autor de «Migalhas de Ciência» do jornal católico «O Trabalhador», há que verificá-los. Não pode ser outra a atitude do sábio.

Infelizmente, há menos sábios, que «Migalhas de Ciência», as quais abundam, onde nunca houve, nem há espírito científico. Se pensarmos bem, é mais fácil entrar um calabre pelo fundo duma agulha, do que levar o insensato a medir afirmações irresponsáveis...

Regeneração

Há meses, O Clarim, *de Matão, inseriu uma carta de Benedito Alves de Almeida, recluso da Cadeia Pública de Rio Preto, onde está a cumprir a pena de trinta anos de prisão. Êsse documento, tão significativo e palpitante de verdade, foi dirigido àquele mensário, por intermédio da senhora D. Ilda Pincelli e publicado sob o título: «De como o Espiritismo opera a transformação do homem».*

Segue a transcrição da carta, que merece arquivo nestas colunas:

Meus prezados confrades e irmãos:

Achando-me encarcerado há mais de dois anos e não me conformando com a condenação, passei essa temporada muitíssimo agitado.

Inesperadamente, talvez de mãos divinas, recebi diversos livros, entre os quais algumas obras de Allan Kardec.

Com a leitura dessas obras, compreendi logo a realidade da vida e vislumbrei o futuro que nos espera. Estou certo de que hoje, felizmente, só os espiritas estão habilitados a instruir tôdas as pessoas que, ignorando a verdadeira doutrina de Jesus, vivem na escuridão.

Faço a comparação com a minha própria pessoa, pois vivi sempre nas trevas. Hoje, porém, sinto-me satisfeito, a-pesar do pouco que sei dessa doutrina, que tanto devemos amar. ¿ Por que falo assim ? Porque ela me ensinou os mais sublimes ensinamentos, que me darão a luz e a salvação. Estou absolutamente convencido de que, se conhecesse há mais tempo o Espiritismo, não estaria, agora, encarcerado. Tenho dirigido estas palavras aos meus companheiros de infortúnio: «devemos seguir a doutrina espirita, a-fim-de reconhecermos os falsos caminhos que percorremos».

Caros irmãos, ouvi as palavras de um sentenciado: quem tiver filhos, deve baptizá-los com os ensinamentos do Evangelho, para que cresçam amando a Deus e ao próximo, como a si mesmos.

Termino, confessando-me muito grato aos irmãos do Centro Espirita Allan Kardec, de Rio Preto.

Outrossim, fico penhoradamente agradecido ao sr. Luiz Gonzaga dos Santos, carcereiro da Cadeia Pública de Rio Preto, pelo auxílio espiritual que me concedeu.

No número um desta revista, publicámos uma nótula, segundo a qual um general alemão abandonou arraigadas ideas acêrca da necessidade da guerra, devido a ter-se entregado a investigações psíquicas que lhe deram a chave de muitos problemas importantes. Hoje, publicamos a carta dum condenado que vem confessar-se arrependido, afirmando que, «se conhecesse há mais tempo o Espiritismo, não estaria, agora, encarcerado».

A carta que acaba de ler-se é um grito de alma que todos os condenados deviam meditar a fundo, a-fim-de procurarem o caminho da regeneração, em vez de refinarem no crime. O Espiritismo é susceptível de fornecer as verdadeiras bases da felicidade humana àqueles que venham de boa fé, dispostos a estudar e a observar. Assim, os maus tornam-se bons e os bons tornam-se melhores, depois de compreenderem a finalidade da existência planetária e estarem seguros de que o mal e o bem que se pratica, sôbre nós recai, inexoràvelmente.

Ao recluso Benedito Alves de Almeida, bastou a simples leitura de alguns livros de Kardec para encontrar a regeneração do espírito, até ali engolfado em trevas. Leu e compreendeu. Fêz exame de consciência e declarou que não seria criminoso, «se há mais tempo conhecesse o Espiritismo».

¿ Querem prova mais eloqüente de quanto vale a nossa doutrina ? ¿ Querem prova mais clara de que o Espiritismo procura a salvação do homem e não a sua perda, como afirmam os seus adversários desleais?

Temos, pois, que agradecer, ao Centro Espirita Allan Kardec, a larga distribuïção de livros, folhetos e jornais espiritas, pelos reclusos da cadeia de Rio Preto.

Distribuïção semelhante está, também, no nosso programa. Alguns já distribuímos e outros distribuïremos, certos de que alguma coisa de útil faremos em prol da regeneração da humanidade.

I. D. S.

A ACÇÃO DOS ESPIRITOS

A acção dum espírito sôbre outro, à distância, principalmente em circunstâncias tão graves como a da morte, e da morte súbita em particular, a transmissão do pensamento, a sugestão mental, a comunicação à distância, não são mais extraordinárias do que a acção do imã sôbre o ferro, a atracção da lua sôbre o mar, o transporte da voz humana pela electricidade, a revelação da constituïção química duma estrêla pela análise da sua luz e do que tôdas as maravilhas da ciência contemporânea. A diferença consiste apenas em que tais transmissões psíquicas são de ordem mais elevada e podem levar-nos ao conhecimento do sêr humano.

Camille Flammarion (L'Inconnu)

OS FACTOS ENTRE NÓS

por J. Vendrell i Mercadal

Bilocação do espírito dum vivo

NAS sessões de tiptologia a que me referi no último número desta revista, realizadas na Rua do Montepio Geral, 1, Lisboa, antiga residência de minha prima D. Cármen Vendrell i Serra, tivemos várias comunicações bem interessantes e identificadas, dentre as quais vou narrar a do espírito duma pessoa viva.

Fac-simile do postal enviado ao sr. Vendrell por Luiz Xarrié, de Barcelona

Na sessão que realizámos em 8 de Novembro de 1938, comunicou-se um espírito que deu o nome de Xarrié. Respondi-lhe que ignorava se tal palavra era nome ou apelido de qualquer pessoa, em face do que o espírito repetiu a mesma palavra três vezes seguidas e com energia. Perante semelhante afirmação, preguntei-lhe se tinha interêsse em nos dizer alguma coisa. A resposta foi a seguinte, que traduzo, textualmente do catalão:

«Vocês podem fazer-me um grande favor. Escrevam ao sr. Xarrié, Rua Valência, 221, 1.º, 1.ª —Xarrié. Digam-lhe que seu filho Luiz morreu na frente da Catalunha, defendendo a República. Que procure a maneira de poder comunicar comigo. Tenho uma notícia que só a êle posso dizer e que me faz sofrer muito. Luiz».

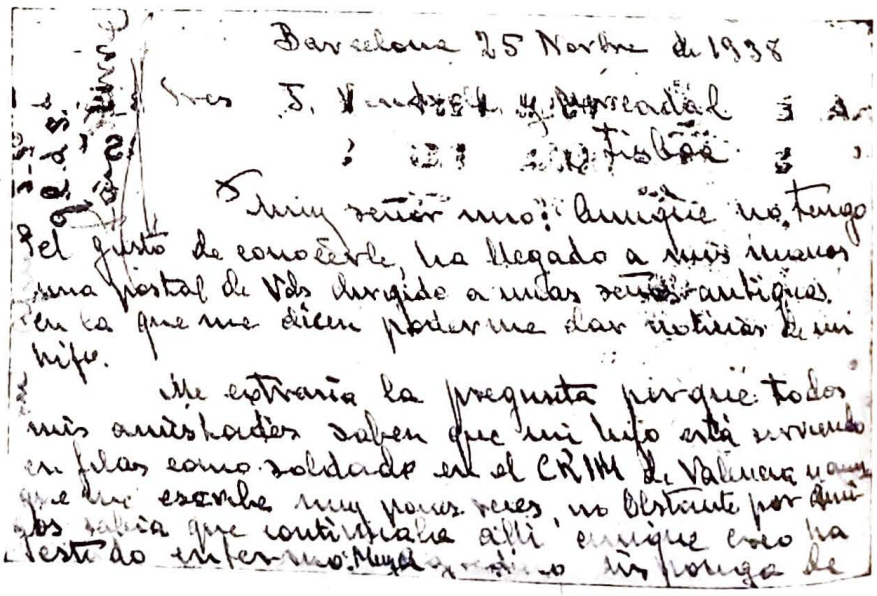
Em virtude da minha dúvida àcêrca da palavra Xarrié, pedi-lhe a rectificação do enderêço. A mesa soletrou, então, por duas vezes seguidas: *Luiz Xarrié Gerez.*

Receando que êste Xarrié não existisse e devido à dificuldade de nos correspondermos com a Catalunha, que se encontrava em guerra, escrevi um postal àquêle indivíduo, preguntando-lhe se queria pôr-se em comunicação directa comigo, pois tinha notícias importantes a dar-lhe, a respeito de seu filho Luiz.

Transcurridos uns dias, recebi carta dum despachante da Alfândega, dizendo ter recebido o meu postal, mas que, residindo, efectivamente, no enderêço mencionado, não conhecia pessoa alguma chamada Xarrié. Contudo, iria falar com os vizinhos.

Êste meu correspondente pediu-nos notícias dum seu irmão, na persuassão de que nós lhe poderíamos dar notícias dos combatentes *governamentais*, o que, infelizmente, não pudemos fazer.

Como se depreende, ficámos desanimados, pois julgávamos que a comunicação recebida não era autêntica. Todavia, passados uns dias, tivemos a grande susprêsa de receber o postal cuja zincogravura acompanha esta narração. Nêle, o sr. *Luiz Xarrié* nos diz em espanhol:



Outro aspecto do mesmo postal

Barcelona, 25 Novbro de 1938.

Sr. J. Vendrell i Mercadal

Lisboa

Muy sr. mio:

Aunque no tengo el gusto de conocerle, ha llegado a mis manos una postal de Vd. dirigida a unas señas antigas, en la que me dicen poderme dar noticias de mi hijo. Me estraña la pregunta porque todas mis amistades saben que mi hijo está serviendo en filas como soldado en el CRIM de Valencia y aun que me escribe muy pocas veces, no obstante por amigos sabia que continuaba alli, aunque creo ha estado enfermo.

Muy agradecido, disponga de

su affmo. S.S.

Luiz Xarrié

Ficou, assim, confirmada a existência dum tal *Luiz Xarrié*, bem como a afirmação de que tinha um filho na guerra, tudo em perfeita concordância com as manifestações do espírito comunicante. Escrevi então, com natural mágua, àquêle pai, dando-lhe conta do trespasse de seu filho, tudo segundo os desejos do espírito, mas com as devidas precauções e consolações, chegando, mesmo, a dizer-lhe: «é possível que não seja verdade e se trate, apenas, de má interpretação da nossa parte, etc., etc.».

Terminada a guerra de Espanha, minha cunhada D. Josefa Soler e minha sobrinha D. Nieves Vendrell foram a Barcelona e pretenderam avistar-se com o sr. Xarrié, o que não conseguiram, devido a ter mudado a residência para Madrid, onde, finalmente, o encontraram, na volta a Lisboa, verificando que estava convertido ao Espiritismo e muito admirado e confundido com os fenómenos psíquicos. Confessou que tinha um filho chamado Luiz Xarrié Gerez; que residira na Rua Valência, 211, 1.º, 1.ª, donde o seu filho saiu para a guerra. que êste lutou ao lado dos republicanos na frente de Valência e que caiu gravemente ferido e esteve internado num hospital desta cidade, na época em que recebemos a comunicação tiptológica; que, a-final, não tinha morrido e continuava de perfeita saúde.

Bela prova de comunicação do espírito dum vivo e facto bem identificado, pelo que é lógico deduzir que, estando o corpo gravemente ferido e sem sentidos, o espírito se deslocou e nos fêz a comunicação que desejava transmitissemos a seu pai, certamente por se julgar morto, sugestão esta que lhe devia ter ficado, ao sentir-se ferido e em estado de inconsciência.

Julgo desnecessário declarar que nem eu, nem qualquer dos assistentes à sessão tínhamos conhecimento da existência de tal família, tanto assim que julgámos até não ter fundamento o apelido Xerrié. O próprio sr. Xerrié, respondendo a uma pregunta de minha cunhada, disse que nunca conhecera pessoa alguma com o nome de Vendrell.

Lisboa, Janeiro de 1941.

Sinto-me confundido e envergonhado por tanto tempo ter combatido os fenómenos espiritas.

C. Lombroso

INCOERÊNCIAS

por Florindo de Oliveira

NUMA das suas produções, como brado de revoltada sensibilidade pelas incoerências do procedimento humano, diz Guerra Junqueiro: «A Vida é o Mal!...» E, seguindo nos seus conceitos de flagrante justiça, conclue: «O homem é a fera dilatada!...»

Deixemos a continuação das suas locubrações sôbre o assunto, pois estas duas frazes nos bastam para a exposição da desoladora verdade: «A Vida é o mal», porque «o homem é a fera dilatada!»

O homem, com a centelha divina da consciência, o sentimento admirável e grandioso que o aproxima de Deus, é a «fera dilatada!»

Verdade horrível a que, infelizmente, temos de reconhecer indiscutível evidência!...

De tantos males de que sofre a humanidade, apenas um pequeno, um insignificante número, vêm da Natureza ou de causas inconscientes. O maior número, os mais dolorosos, os mais espantosos males, vêm das criaturas, das suas relações entre si.

Cada ser que ambicione, ardentemente, a felicidade, e a busque por tôdas as formas, só a infelicidade alheia causa, e procura mesmo causá-la, na errada noção da luta pelo que julga os seus direitos, que brigam irremediavelmente com os dos seus semelhantes. E sendo fatal o choque de interêsses e direitos, é contínua a luta, o desacôrdo permanente, quando o contrário é que seria digno de sêres a quem foi dado o valioso dom da compreensão.

Dizem os ambiciosos e os comodistas — tão egoistas uns como os outros — que não há remédio possivel para o mal, porque emquanto houver dois homens haverá dois antagonistas que defendem e pretendem fazer respeitar direitos que se entrechocam. E como ninguém transige nos seus direitos, ninguém cumpre os seus deveres, quando seria, precisamente, cumprindo-os, que a consciência se evidenciava.

¡ É êste o simples, o único remédio ! Tão simples e tão fácil de empregar, que se não compreende porque o não buscam as criaturas para ter a felicidade, a única felicidade terrena: a vida no amor e na harmonia.

E, se é êste o remédio, ¿ porque não empregá-lo ? Se todos desejam ser felizes, ¿ porque o não procuram ser desta maneira ? ¿ Pode compreender-se procedimento contrário ? ¿ Porque procurar a felicidade à custa do prejuizo alheio, se buscando não causar prejuizos é que dá felicidade ?

Meditemos um pouco sôbre êste ponto e logo verificaremos como é certo o seu resultado feliz. Não há ninguém que não tenha sentido alguma vez a satisfação de ser útil ao seu semelhante; essa satisfação é, sem dúvida, maior, do que aquela que se sente quando recebemos o beneficio.

Lutando, cègamente, por tudo o que julgamos ser os nossos direitos, igualamo-nos aos animais irracionais. Estes, lutam entre si, pelo que pretendem, porque a sua condição de sêres inconscientes lhes não faculta a compreensão de quaisquer deveres; mas nós, sêres conscientes, conhecendo o direito que todos

BIBLIOGRAFIA

O DESCONHECIDO E OS PROBLEMAS PSÍQUICOS, por *Camille Flammarion*. Tradução de *Arnaldo S. Tiago*. 555 pág. 1940. Edição da Livraria da Federação Espirita Brasileira

O labor, cada vez mais fecundo, da Livraria Editora da Federação Espirita Brasileira, é alguma coisa de grandioso que desperta a admiração do público das duas nações atlânticas, que falam a mesma língua e vivem das mesmas tradições. Após a vulgarização das obras primas de Delanne, — escalpelizador do materialismo, senhor absoluto do verdadeiro argumento científico, — uma obra do grande Flammarion, cerebridade poliforme que abarcou, para assim dizer, tôda a gama dos conhecimentos humanos.

O Desconhecido e os problemas psíquicos é obra de fôlego e chega a ser exaustiva, à fôrça de argumentos. Demonstra, igualmente, que o seu autor investigou durante muito tempo, antes de se abalançar à publicação das suas conclusões.

Compõe-se de nove capítulos. Os dois primeiros são dedicados a crédulos e incrédulos e tendem a provar o perigo dêstes dois extremos da fé; e, para evitar erros e prevenir desilusões, o expositor coloca-se em campo neutro, dizendo: «não percam de vista que me conservo constantemente em guarda: **eu investigo**». E entra, a seguir, na exposição dos factos, apoiado na divisa de Jean-Jacques: *vitam impendere vero*. Acêrca das «Manifestações telepáticas de agonizantes e as aparições», apresenta 180 casos bem curiosos, uns contados por indivíduos de suas relações, outros enviados aos *Anais Políticos e Literários*, onde o sábio astrónomo abriu um inquérito, a que responderam milhares de leitores.

Depois, passa à «Admissão dos factos» e faz as seguintes afirmações:

— «Êste estudo é *essencialmente científico*, como se tratássemos de astronomia, de física ou de química».

— «Parece-nos mais científico procurar conhecer estes fenómenos, do que negá-los sem exame».

— «Todo espírito isento de prejuízos, não pode recusar-se a admiti-los».

Prova, também, que a alucinação não explica os factos e conclue o capítulo V com três afirmações que merecem ser conhecidas:

A telepatia pode e deve ser inscrita na ciência, como realidade incontestável.

Os espíritos podem agir uns sôbre os outros, sem necessidade dos sentidos.

A fôrça psíquica existe. Sua natureza permanece desconhecida.

«O mundos dos sonhos» é objecto de setenta casos de manifestações de moribundos, recebidas durante o sono, e de quarenta e oito de visão à distância, em sonhos, declarando que «a visão não pode mais ser negada» e que «as correntes psíquicas devem ser admitidas como realidades».

Capítulo curioso é o que se refere aos «sonhos premonitórios e a adivinhação do futuro». Apresenta setenta e seis casos comprovativos da sua tese e termina com êste período:

«As manifestações telepáticas de moribundos, a transmissão do pensamento, a acção psíquica dum sêr humano sôbre outro, à distância, e a previsão do futuro, em sonho e em estado sonambúlico, constituem, para nós, *factos positivos*».

Emfim, êste livro não pode analisar-se numa só página de revista. Seria necessário uma série de artigos para resumir o seu conteúdo.

A tradução satisfaz, embora haja deslises de construção que deixam entrever certo apêgo à letra. Mas é trabalho honesto que honra o confrade Arnaldo S. Tiago, cuja colaboração no *Reformador* o tem imposto à consideração do público espirita.

I. D. S.

---

temos a uma parte da vida, sabendo como encontrá-la, tendo a clara noção da causa e do efeito, cumpre-nos proceder doutra forma, pois a felicidade reside na harmonia entre todos.

¿ E será, porventura, isto difícil?... O «faz aos outros o que desejas te seja feito», — base máxima da fraternidade cristã, da mais flagrante justiça entre os sêres conscientes — é apenas uma questão de decidida vontade. E aqueles que assim procedem só a felicidade encontram, porque só desejando o bem, o bem lhes é retribuído.

Desde que cada um procure cumprir os seus deveres para com o próximo, buscando, amoràvelmente, salvaguardar e atender os seus direitos, na retribuïção terá os seus direitos atendidos. ¡ Quem dá, recebe !... E estava achada a verdadeira felicidade.

Como, até agora, os homens só inimizade oferecem — no absurdo egoísmo de cada um querer para si o máximo — só inimizades colhem, numa infindável luta, que torna verdadeira a dolorosa frase do poeta: «A Vida é o Mal!»

A prova está demasiado feita para que se não busque o infalível remédio que a cegueira inconcebível dos homens tem desprezado, criando, com as falsas noções dos seus verdadeiros interêsses, um autêntico inferno em que a humanidade está condenada ao perpétuo sofrimento.

E como quem dá recebe e do mal só o mal resulta, busquemos receber o bem, oferecendo apenas o bem, desejando-o sincera e firmemente.

¡ Basta que cada um deseje ser útil ao seu próximo, procure sempre o seu bem, para que o Amor e a Harmonia sejam uma realidade, porque para viver no amor e na harmonia é que existimos sôbre a Terra !...

Ler no próximo número um interessante trabalho do Dr. António J. Freire, intitulado «O Éter Cósmico».

Crónica Estrangeira

por Isidoro Duarte Santos

Coisas espantosas

Na verdade, são profundamente espantosas as coisas que passamos a contar, sem que, para elas encontremos razão suficientemente explicativa.

Sabemos que, em muitos pontos, os vivos são governados pelos *mortos* e que o «visível» é minúscula partícula do universo, quási todo êle oculto aos nossos sentidos físicos. Por isso, não comentaremos os factos. Deixaremos o comentário a cargo do leitor interessado, que, de-certo, não deixará de meditar no assunto.

Foi no princípio da Grande Guerra que os fenómenos começaram a desenrolar-se, segundo relato do grande semanário alemão *Woche*, que publicou a notícia, em termos absolutamente imparciais.

Após uma manobra difícil, alguns barcos de guerra alemãis aprisionaram determinados vapores ingleses, entre os quais se encontrava o «Dundee», que se empregava no transporte de carga e que imediatamente se transformou em guarda-costas, tripulado por marinheiros germânicos e encorporado numa esquadrilha, de que fazia parte o «Weser», como navio chefe.

Logo que o «Dundee» içou a bandeira alemã, deram-se a bordo coisas espantosas. Primeiro, desinteligências e equívocos na transmissão e execução de ordens, não obstante a competência do comandante e o adestramento da tripulação, o que motivou êrros inevitáveis de manobra, cuja origem ficou sempre envolta em mistério. Uma vez, os submarinos ingleses aproveitaram a noite para minar certo local, onde passaria o combóio a que pertencia o «Dundee». Pois, na altura do campo de minas, êste cargueiro abandonou inesperadamente o rumo que seguia, contornou o perigo e só voltou ao rumo, quando ultrapassou o campo. Os restantes navios atravessaram o local, sem nada pressentir, e um dêles explodiu. Ninguém pôde averiguar a causa da manobra. A-pesar-de ter havido aparentes desobediências e algumas punições, tudo ficou na mesma.

A tripulação andava inquieta e intrigada. Por pouco, não houve abalroamentos com o «Weser», contra o qual parecia recair a estranha «fúria» do «Dundee».

No fim da guerra, o «Dundee» foi entregue à Inglaterra, juntamente com outros navios mercantes; e, muito antes dêstes últimos largarem de Heligoland, largou o «Dundee», cujas caldeiras, por estranho mal-entendido, foram mandadas acender pelo capitão. O mais interessante é que o misterioso navio ficou inopinadamente desgovernado ao deixar o pôrto e descreveu uma volta, durante a qual passou ameaçadoramente junto do «Weser», em ar de desafio.

Estas informações foram dadas pelo capitão do «Veser», que, por sua vez, as transmitiu a Hans Friederich Bunck, autor do relato.

Mais tarde, cada navio seguiu o seu destino, na faina de servir a economia geral dos povos. O capitão do «Weser», ao passar um dia pelo «Dundee», sentiu não poder cumprimentar o seu «inimigo». O «Dundee», porém, foi ao seu encontro, passou-lhe por bombordo e o capitão do «Weser» sentiu em tôrno de si uma forte rajada de vento que lhe atirou o boné ao mar. De-repente, a rajada extinguiu-se. O capitão diz que nunca lhe aconteceu semelhante coisa, na sua longa carreira de marinheiro. Tem o crânio possante e os marujos costumam puxar o boné até às orelhas. O fenómeno deu-lhe a impressão dum indivíduo que lhe tirasse o boné e o lançasse ao mar.

O capitão do «Weser» conta outro caso ainda mais espantoso. Passados anos, o «Weser» vinha do Levante com mercadorias, teve que fazer escala por Gravesand e subiu o Tamisa, com a preamar. Ao passar o Regent Canal, sobreveio a baixa-mar e fundeou perto do cais, precisamente quando o «Dundee» descia, com a maré baixa.

A despeito da boa visibilidade e da calmaria, êste último mudou sùbitamente o rumo e avançou sôbre o «Weser», abalroando com êle.

Feito o necessário inquérito, verificou-se que não houvera êrro de navegação, nem defeito nas máquinas e que o espaço era suficiente para a passagem.

O capitão do «Dundee» e o tribunal de justiça encontraram-se em frente dum enigma insolúvel. Pouco depois, o «Dundee» naufragava na Biscaia, arrastando consigo mais de metade da tripulação.

Aqui está, em síntese, uma série de peripécias bem difíceis de explicar, sobretudo para os materialistas, antigos e modernos, que apenas acreditam naquilo que directamente os impressiona. Embora, como dissemos acima, não pretendamos explicar o fenómeno, não nos repugna admitir a influência de entidades desencarnadas que, em certas condições, podem agir sôbre a matéria, quer movendo objectos, quer deixando marcas indeléveis. No caso em aprêço, o cérebro e os braços dos tripulantes teriam sido influenciados para dirigir e executar manobras involuntárias e contraditórias, em obediência a desígnios e vontades incompreensíveis. Duma forma ou de outra, trata-se, realmente, de coisas espantosas, que confundem a razão humana.

O fumo, o álcool e a mediunidade

Psychic News publicou há tempos um artigo intitulado «O fumo, o álcool e a mediunidade», no qual se expõem magníficos preceitos a observar. Tanto basta

para que nos façamos eco de tão belas e judiciosas palavras.

¿Que influência tem o fumo e o álcool sôbre a mediunidade?

¿Podem os médiuns entregar-se a êsses vícios?

¿Tem isto alguma influência no corpo fluídico?

Depois de observar que ainda se não procedeu a experiências sistemáticas, pelas quais se pudesse verificar, rigorosamente, se a mediunidade sofre ou não com isso, prova que os melhores fenómenos foram obtidos com o auxílio de médiuns abstinentes dêstes vícios. J. J. Morse, E. W. Wallis, Hudson Tuttle, A. J. Davis, Dr. Peetles e Cora Richmond foram médiuns célebres, mas o primeiro suplantou os outros, deixando a impressão — segundo o articulista — de que a referida abstinência favorece consideràvelmente o trabalho mediúnico, colocando o médium em condições especiais para o trabalho espiritual e facilitando a aproximação das entidades invisíveis. Além disso, tudo o que prejudique a saúde do corpo, deve prejudicar o funcionamento das faculdades mediúnicas. Neste sentido, operam os guias, aconselhando os seus instrumentos a manter o maior equilíbrio físico e moral.

As faculdades psíquicas não devem reprimir-se. Isso prejudica o citado equilíbrio. O que é facto é os guias insistirem sempre na integridade e pureza dos médiuns. Nestas circunstâncias, indicam a abstinência do fumo e do álcool, visto que nenhum dêstes estimulantes concorre para a cristalização da atmosfera do médium.

Além de estar em desacôrdo com os ensinamentos de Jesus, a acção do fumo e do álcool entorpece a vontade. Daí, a inquietação produzida pela abstinência forçada.

— Nas manifestações espiritas — escreve o articulista — o espírito actua no sistema nervoso do médium, a-fim-de poder exercer o seu verdadeiro contrôlo. Tudo, pois, que enfraqueça, envenene ou deminua a eficiência do sistema nervoso dificultará a acção dos espíritos.

«Quando J. J. Morse começou a sua actividade mediúnica, os guias pediram-lhe que deixasse de fumar. Morse não quis abandonar. logo, o seu cachimbo, mas os guias resolveram agir com prontidão. Um dia, Morse andava a passear e a saborear o cachimbo. Sùbitamente, notou que o fumo desaparecera e estava aspirando o ar puro. Compreendeu a advertência e deixou, então de fumar.

«Se o fumo não fôsse prejudicial à mediunidade, os guias de Morse não teriam insistido tanto com êle para abandonar o cachimbo.

«Estes hábitos, puramente materiais, perduram até depois da desencarnação, causando inquietações ao espírito. Devemos lembrar-nos do nosso corpo fluídico, causa dos nossos desejos.

«¿Mas qual será a conseqüência de tais vícios, na vida espiritual? Diz, ainda, o espírito instrutor:

— «Eu posso afirmar que o desejo dêstes vícios persiste muito tempo e causa certo mal-estar ao espírito. Aos 20 anos, costumava fumar. Depois abandonei o vício. Todavia, a-pesar da minha completa abstinência, muitas vezes pensava nas «delícias» de um bom cigarro. Felizmente, sempre pude resistir ao vício, embora sentisse, durante algum tempo, a falta do vício a que me entregara».

«Não se dará o mesmo com os desencarnados, que entram no mundo espiritual com o corpo fluídico revestido de todos estes desejos e atributos?

Quanto ao abuso do álcool, o articulista transcreve a seguinte comunicação recebida por S. Morses:

«Êles começam por satisfazer os desejos da animalidade e acabam escravos da carne. As nobres aspirações, o desejo de progresso moral, a consciência, emfim, tudo é subjugado e, no lugar do espírito, a carne assume a ditadura suprema, apagando a luz moral e intelectual e envolvendo o espírito em atmosfera impura.

«O espírito que assim procede é digno de compaixão, visto que os Guias se afastam por não poderem manter-se no ambiente. E outros espíritos os substituem, por ali encontrarem os elementos próprios à satisfação dos seus vícios, de que se tornaram escravos na vida material. Esta tendência da reprodução do vício é das mais terríveis conseqüências da transgressão consciente das leis da natureza».

O artigo termina com os seguintes parágrafos profundamente judiciosos:

«O espírito viciado, depois de desencarnar, fica rondando os lugares dos prazeres antigos, procurando viver a vida material nos vícios dos outros e buscando nesta sensação aparente aquilo que julga ser a felicidade.

«O exercício das faculdades psíquicas, principalmente no caso da mediunidade de efeitos físicos, exige do médium algum tempo de repouso para restabelecimento das energias gastas.

«Neste período, é necessário o maior cuidado. Infelmente, ainda há insensatos que, depois das sessões de efeitos físicos, dão aos médiuns bebidas alcoólicas, ignorando que cavam a ruína dos médiuns e assumem grande responsabilidade ante o mundo espiritual.

«Os médiuns devem manter-se à altura da sua vocação. Devem ser senhores de suas casas, devem ter contrôlo sôbre si mesmos e saber dizer *sim* ou *não* e nunca serem escravos dos vícios».

Preconceito científico...

Há uma expressão, pesada e agressiva, que importa esclarecer: «o objectivo do meu trabalho não é sério». Noutros termos; não queremos saber se tendes ou não tendes razão; basta-nos saber que a verdade, cuja defesa pretendeis fazer, não pertence ao número das verdades catalogadas e autorizadas, que se podem ventilar sem compromisso, verdades confessáveis, *verdades sérias*. Existem verdades ridículas. ¡Tanto pior para elas! Talvez chegue a sua oportunidade e então as pessoas respeitáveis dignar-se-ão tomá-las sob a sua protecção; mas, ao aguardar essa oportunidade e sempre que haja pessoas que pisquem os olhos ao ouvirem tais verdades, será de mau gôsto afrontar o clamor da opinião estabelecida. ¡Não nos faleis da verdade! Trata-se de guardar as conveniências, de ter compostura, de não se afastar da senda por onde marcham, em fileira, os homens sérios.

Conde Angenor de Gasparin («As mesas girantes»)

NOTICIÁRIO

Números esgotados

Achando-se esgotados os números 1, 3 e 5 de *Estudos Psíquicos*, rogamos a todos os consócios e assinantes, que não façam colecção, o favor de nos dispensarem êsses exemplares, destinados às nossas colecções. Em troca, enviaremos folhetos de propaganda.

Desde já agradecemos os exemplares que nos puderem arranjar.

O atraso dêste número

Em virtude de avaria na máquina de compor, que não pôde ser imediatamente reparada, fomos obrigados a dilatar a saída dêste número de *Estudos Psíquicos*, do que pedimos desculpa aos nossos leitores.

Oferta de livros

O nosso estimado consócio Fernando da Cruz Ferreira teve a amabilidade de oferecer ao Centro 12 exemplares do seu recente livro, intitulado «Amor, Vida e Evolução», cujo produto se destina à Comissão de Beneficência. Gratos pela oferta, aqui deixamos consignado o nosso reconhecimento a tão prestimoso confrade, a quem o Centro deve os mais assinalados serviços.

Fôlhas do Natal

Da autoria de Ypoméa e Luiz de Oliveira, directores do Asilo Deus, Cristo e Caridade, de Santa Fé, Cachoeiro de Itapemirim, Estado do Espírito Santo, Brasil, recebemos um pequeno opúsculo intitulado «Fôlhas do Natal», compreendendo o acto em prosa «Almas Cristãs», a poesia «Olhar de Jesus» e a palestra «Semeador Cristão», em que se reflecte o grande amor à Causa. Agradecemos a amável dedicatória e desejamos aos seus autores tôdas as felicidades de que são dignos, pela bela obra que estão a realizar.

O meu livro

A médium Ernestina que durante três anos (1920--1923) prestou ao Grupo «Luz e Amor» o concurso da sua excelente mediunidade, deixou reünidas em volume por ela própria manuscrito, as comunicações que recebeu.

Com a transformação do Grupo em Centro, êsse repositório de mensagens mediúnicas que a própria médium denominou «O Meu Livro», passou a fazer parte do património da nova agremiação.

Quando se resolveu suspender a actividade do Centro Espiritualista Luz e Amor, para que a maioria dos seus sócios entrasse em massa na Federação Espirita Portuguesa, cujos Estatutos acabavam de ser aprovados pela autoridade competente, foi «O Meu Livro» confiado à guarda da sr.ª D. Maria Veleda, ao tempo Presidente da Direcção do Centro, e em seu poder se tem conservado.

Encerra «O Meu Livro», nas suas 120 páginas, 40 interessantes comunicações, algumas delas de grande alcance filosófico e moral, já publicadas na revista «A Asa»

Quis a sr.ª D. Maria Veleda que êsse feixe de ensinamentos recebidos por um dos melhores médiuns portugueses fôsse confiado à actual Direcção do Centro Espiritualista Luz e Amor e, nesse intento, acaba de no-lo enviar.

A Direcção do Centro, que já teve ocasião de, particularmente, agradecer o gesto da sua estimada confreira, aqui deixa público testemunho do seu reconhecimento e louva-se por poder anunciar o regrêsso, ao património do Centro, de mais um livro que, como outros, lhe pertencia e, como êles, não chegou a conhecer outro proprietário.

As nossas conferências

Realizaram conferências na sede do Centro, os srs. Tenente Isidoro Duarte Santos, J. Vendrell i Mercadall, Drs. António J. Freire e Sebastião Elviro Martins, os quais versaram, respectivamente, os seguintes temas: «O Espiritismo e a Juventude», «O Espiritismo perante e ciência», «Alguns aspectos do Espiritismo Experimental» e «A Reencarnação».

Estas conferências foram distinguidas com selecta e numerosa assistência, demonstrando, assim, o interêsse que estas assuntos têm despertado.

Secretário da redacção

Por o sr. Dr. José Joaquim Gaita, devido às suas ocupações particulares, nunca ter podido desempenhar o cargo de Secretário da Redacção, tendo o Director que acumular aquelas funções, fica, desde hoje, extinto o referido cargo.

Jogos Florais Espiritualistas

A exemplo do que sucedeu no ano que findou, o Centro E. Luz e Amor vai promover a realização de jogos florais, cuja inauguração terá lugar no dia 9 de Novembro próximo futuro.

A êste interessante torneio literário poderão concorrer, com trabalhos inéditos, todos os poetas e prosadores portugueses, espanhóis e brasileiros.

As produções devem ser de carácter acentuadamente espirita e assinadas com legenda ou pseudónimo e enviadas ao Centro até o dia 1 de Outubro, em sobrescrito fechado, com a seguinte indicação: «Jogos Florais Neo-Espiritualistas de 1941».

Êste sobrescrito será acompanhado de outro, *fechado e lacrado*, contendo o nome e endereço do concorrente. Exteriormente, êste último sobrescrito inserirá a legenda ou pseudónimo que subscrever a produção.

O júri atribuïrá alguns prémios que, a seu tempo, serão tornados conhecidos.

Sócio Honorário

A Direcção do Centro E. Luz e Amor resolveu conceder o diploma de sócio honorário à Fundação Marieta Gaio, do Rio de Janeiro, atendendo aos relevantes serviços que nos tem prestado. Os seus constantes e preciosos auxílios muito hão concorrido para que a nossa obra alargue os objectivos e leve grande número de pessoas a interessarem-se por ela.

Auxílio a «Estudos Psíquicos»

Caixa de Propaganda, para auxílio do n.º 8	260$00
C. V. J.	230$00
Dr. Fred Wachsmann	10$00
Alfredo Oliveira Sá Carneiro, do Pôrto	8$00
D. Maria Ferreira Soares, de S. Tiago de Castelões, Famalicão	20$00
Jorge Rodrigues Gomes, de Lisboa	3$00
Tomaz Domingues d'Oliveira, de Pôrto de Mós	2$00
	533$00

Caixa de Propaganda

N. S. J. C.	5$00

Beneficência

J. A. M.	50$00
António Castanheira de Moura	27$50
Américo Vieira da Silva	1$50
Fernando Falcão	1$50
Hetnrique Vieira da Silva	1$50
	82$00

Por lapso, não foram publicados no último número os seguintes donativos, destinados à Comissão de Beneficência:

D. Montserrat Vendrell	10$00
D. Nieves Soler	13$00
J. Vendrell	10$00
D. Josefa Soler	14$00
	47$00

Comunicações

O *Centro Literário Excelcior*, de S. Paulo, fundado em 1916 e cuja obra tem exercido grande influência na mocidade brasileira daquela cidade, escreveu-nos, no sentido de lhe enviarmos livros, revistas ou jornais, destinados à sua sala de leitura. Com o maior prazer que lhe remeteremos uma colecção de *Estudos Psíquicos*, bem como os números que, de futuro, forem publicados. Muito nos apraz registar esta solicitação que, sobremaneira, nos distingue.

Sessões experimentais

Doràvante, serão intensificadas as sessões esperimentais gerais que, até aqui, se realizavam, quinzenalmente, na sede do Centro E. Luz e Amor. Como alguns sócios manifestaram o desejo de que estas sessões tivessem lugar à tarde, a-fim-de poderem assistir, sem prejuízo de suas ocupações, chamamos a atenção dos interessados para o programa dos trabalhos, que vai inserto noutro lugar desta secção e que satisfará gregos e troianos.

Programa dos trabalhos do Centro, durante os meses de Março e Abril, na Rua do Salitre, 149, 1.º

Dia 9 de Março, às 21.00 — Sessão experimental geral.

Dia 16 de Março, às 21.00 — Sessão experimental geral.

Dia 23 de Março, às 16.00 — Conferência pelo sr. Dr. Fred, intitulada: «Concepções modernas sôbre origem, evolução e relações recíprocas de matéria, energia, princípio vital e intelectual, dos astros, da terra, do homem e do complexo alma-espírito».

Dia 23 de Março, às 21.00 — Sessão experimental geral.

Dia 30 de Março, às 16.00 — Sessão experimental geral.

Dia 6 de Abril, às 21.00 — Sessão experimental geral.

Dia 13 de Abril, às 16.00 — Sessão experimental geral.

Dia 20 de Abril, às 15.30 — Conferência pelo Dr. António J. Freire, intitulada: «Formas astro-mentais».

Dia 20 de Abril, às 21.00 — Sessão experimental geral.

Dia 27 de Abril, às 16.00 — Sessão experimental geral.

Falta de espaço

Em virtude da falta de espaço, tivemos que retirar as secções «Por êsse mundo...», «Ecos da imprensa espirita», parte da «Crónica Estrangeira» e da «Bibliografia», do que pedimos desculpa aos leitores.

Ler brevemente em ESTUDOS PSÍQUICOS três ensaios psicológicos àcêrca de Allan Kardec, Gustave Geley e Camille Flammarion, da autoria do Dr. Luiz M. di Cristóforo, nosso redactor-correspondente em Buenos Aires.

Estudos Psíquicos

Pelo Progresso e Prestígio do Espiritismo

Pela União Fraternal da Família Espírita

DIRECTOR E PROPRIETÁRIO
Isidoro Duarte Santos

EDITOR
Pedro C. Dias de Sousa

ANO 2.º | LISBOA, MARÇO-ABRIL DE 1941 | N.º 10

O ÉTER CÓSMICO

pelo Dr. António J. Freire

AS especulações relativas ao éter ocupam actualmente um largo espaço no campo da ciência, especialmente nas ciências físico-químicas. Sendo o electrão de filiação etérea, a base material e fluídica do Universo é consubstanciada no éter cósmico. Êste proteu, de proporções gigantescas, faz surgir do seu ventre fecundo céus, terras e mares, ora condensando-se no polimorfismo da matéria sensível, ora constituíndo um meio vibratório ideal, ligando na mais íntima solidariedade os sóis mais distantes, as estrêlas mais longínquas. Se acrescentarmos que tôdas as fôrças naturais: calor, luz, electricidade, magnetismo, etc., são meras vibrações etéreas, a consagração do éter é legítima e racional, impondo-se o seu estudo como um dos mais importantes capítulos da Física moderna. Não é, pois, motivo de excessiva estranheza que alguns cientistas, dominados pelo poder *omnipotente* do éter, tenham ido até deificá-lo como o supremo criador dos mundos, no seu delírio materialista.

Embora o éter espacial não tenha sido visto, nem pesado, na sua natureza íntima, mesmo pelos instrumentos mais aperfeiçoados da técnica laboratorial, a sua existência vai além dum simples postulado, duma mera hipótese, pela evidência dos seus efeitos electromagnéticos.

A ciência considera o éter cósmico como um fluido imponderável, contínuo, preenchendo todo o espaço sem solução de continuïdade, elástico, interpenetrando todos os corpos, compressível, transparente, incolôr a baixa condensação, possuíndo qualidades únicas, exclusivas, que lhe conferem uma individualidade própria, característica, sem paralelo com as falsas aparências da matéria sensível. Para alguns autores, a fôrça expansiva do fluido etéreo é proporcional à sua condensação, vibrando por expansão esférica, em ondulações cósmicas.

Para todos aquêles que não estejam familiarizados com a Física moderna, causará estranheza, com justificados motivos, o facto de turbilhões de éter imaterial, imponderável, formarem placas de aço ou blocos de granito duma materialidade de observação evidente. Ora a rigidez da matéria é devida, única e exclusivamente, à velocidade vertiginosa dos electrões, à energia intra-atómica. Se essa velocidade, da ordem da luz (300.000 quilómetros por segundo), fôsse suspensa — um

momento só que fôsse — tôda a matéria que constitue o nosso Universo desapareceria instantaneamente, volatilizando-se, para regressar ao éter primordial, onde está radicada a sua origem. A velocidade dos electrões é a causa determinante da rigidez e impenetrabilidade da matéria. Um exemplo demonstrativo: uma espada bem afiada, manejada por mão vigorosa, não corta uma coluna de água de dois centímetros de diâmetro e de quinhentos metros de altura.

«*A velocidade*, diz G. Le Bon, *é uma das condições fundamentais da existência da matéria. A velocidade nasceu no dia em que os turbilhões de éter adquiriram, por sua condensação crescente, uma rapidez suficiente para produzir a coesão da matéria. A velhice da matéria irá avançando à medida que esta velocidade deminua. A matéria deixará de existir, desde que as suas partículas (electrões) percam o seu movimento*».

Os conceitos de G. Le Bon permitem concluir que matéria e velocidade são termos correlativos, indissociáveis, e que a morte do nosso planeta será produzida lentamente pela desmaterialização da matéria, passando gradualmente ao estado de fluido etéreo. Esta transmutação, atendendo às investigações científicas sôbre o coeficiente radioactivo da matéria, levará milénios sem conta para a sua realização efectiva e integral. Depois, nem tudo o que teòricamente é demonstrável, entra nos domínios da realidade. Os pusilânimes, os tímidos, não devem ter motivo para sustos, nem para si, nem para as gerações vindouras. *O santo éter omnipotente* não é, certamente, um fogoso cavalo desbocado...

Um dos conceitos mais originais do éter, na sua relação com a matéria, é dado pelo pensador português, A. A. de Morais Carvalho (*Le Problème de l'Univers*, Lisboa, 1920, pgs. 532-534): «As duas substâncias — matéria e fluido etéreo — não têm uma única propriedade comum. O fluido etéreo é a *antítese* da matéria, e, quando puro ou quási puro, é dotado de propriedades psíquicas que a matéria não possue. Pode-se, pois, dar-lhe também o nome de espírito. A matéria e o espírito são as únicas realidades absolutas da natureza. O espaço e o tempo são apenas realidades relativas, realidades que para existir dependem da existência doutras realidades.»

Mais adiante:

«A matéria e o espírito são incriados, existiram de todo o tempo. Tôda a idea duma criação de substâncias primordiais determinaria dificuldades cientìficamente insolúveis. Quando se pretenda prosseguir a regressão serial das causas, remontando de criação em criação, é sempre necessário permanecer perante qualquer coisa incriada. As duas substâncias — matéria e espírito — são indestrutíveis, incorruptíveis, eternas, hão de existir sempre na eternidade do futuro, como têm existido na eternidade do passado. Uma cosmogonia do Universo não tem sentido — o Universo não teve princípio, nem terá fim. Mas todos os corpos, os corpos terrestres como os corpos celestes, ao contrário das substâncias primordiais de que são formados, têm tido um comêço ou uma criação. É, pois, legítimo investigar o modo de formação dêstes sistemas solares que constituem os mundos.»

* * *

Lançando um golpe de vista às doutrinas milenárias que alguns sistemas neo-espiritualistas têm actualizado e difundido na Europa, nomeadamente a Teosofia, encontram-se manifestos pontos de contacto com as melhores concepções da ciência contemporânea, diferindo mais na terminologia do que no seu significado objectivo.

As mais recentes descobertas e especulações da ciência contemporânea relativas ao Éter Cósmico são velhas e revelhas à face das mais antigas filosofias orientais. A ciência só veio comprovar, rehabilitar e reeditar em novos figurinos os princípios que fundamentavam a Sabedoria Antiga, desde as criptas do Himalaia aos santuários do Egito arcaico e da antiga Hélada.

Há, no entanto, uma diferença profunda: emquanto a ciência moderna é essencialmente orientada na análise e medularmente materialista e agnóstica, a Sabedoria Antiga elevava-se da análise à síntese, sendo profundamente espiritualista. A morfologia dos sêres e das coisas no seu rico e variadíssimo poliformismo policromático, não empanava a lucidez da sua observação. Por dentro da sombra fugidia da forma dos sêres e das coisas, sempre transitória e efémera, a Sabedoria Antiga compreendia a Vida como divina expressão do Espírito.

A Sabedoria Antiga, coberta de descrédito e de ridículo pela ciência moderna, representa no entanto a parte esotérica, secreta, duma filosofia-científica, vasta e profunda, sintética e analógica, abrangendo a origem e finalidade do Cosmos, interpretando os mais angustiosos problemas da Existência. Foi a orientadora máxima das mais brilhantes civilizações dêsse passado longínquo que encheu de assombro os modernos investigadores. Foi a Sabedoria Antiga que numa refulgente braçada para o Ocidente instruiu e iluminou os Mistérios Gregos, desde Apolo a Delfos e Eleusis, donde surgiu êsse fecundo e inesgotável manancial de ciências, filosofias e artes, realizando o esplendor da antiga civilização helénica, de que, ainda agora, as ciências, as filosofias, as religiões e as mais belas expressões artísticas se nutrem fartamente, inspirando-se nêsses modelos clássicos, glória da Humanidade.

O Éter Cósmico tinha, na Sabedoria Antiga, um significado infinitamente mais vasto, complexo e profundo do que aquêle que lhe é dado pela ciência contemporânea.

Os hindus, nossos ancestros arianos, do ciclo védico, tinham um conceito do Éter espacial da maior transcendência espiritualista. Denominavam-no *Akasa* ou *Aditi,* irradiando das esferas ou planos mais elevados do Cosmos. É *a Virgem-mãi,* a substância-princípio, donde se originam tôdas as formas e sêres existentes. Mas só depois de vivificado pelo *Espírito Divino* poderia dar existência à Vida e à Matéria, passando do estado virtual ao estado objectivo, imprimindo-lhe tôdas as manifestações materiais, psíquicas e espirituais. O *Akasa* era para os hindus védicos a substância primordial — *a Matéria virgem* — correspondendo ao fluido universal do grande físico J. J. Tompson, mas todo o seu dinamismo era a resultante do Influxo Divino no conceito védico. Na sua essência, o *Akasa* está muito acima do conceito científico do éter, que é apenas um reflexo vibratório do *Akasa,* já num plano muito inferior da natureza física. Como diz H. Blavatsky (La Doctrine Secrète): «*O Éter, da mesma forma que o Akasa, tem por origem o Elemento Único. O éter dos físicos é um éter inferior, constituído por subdivisões do nósso plano (terrestre). É a Luz Astral dos cabalistas, com todos os seus bons e maus efeitos. O éter positivo, fenomenal, sempre activo, é uma fôrça-substância, emquanto que o Aether omnipresente e omnipotente é o noumeno do primeiro, isto é, o Akasa.*»

Nos tempos heróicos do Vedismo e do Bramanismo primitivo, o Akasa era considerado o Espaço Universal, contendo a eterna Ideação do Universo, causa suprema de todos os fenómenos, derramando o *fluido vital (Jiva-Prana)* através-de todos os planos da natureza, pondo em comunicação todos os sêres animados e inanimados, visíveis e invisíveis. Tôdas as fôrças da natureza são modalidades vibratórias mais ou menos degradadas, do fluido akásico. Para alguns brâmanes, o Akasa é o veículo do pensamento activo da Alma Universal, percorrendo todo o Cosmos em correntes fluídicas ligando as almas entre si, vivificando todos os organismos físicos e psíquicos. A meditação espiritual e a prece, isenta de todo o egoísmo, constituem focos atractivos para receber êste influxo divino que depura e revigora as almas para melhor poderem progredir no seu caminho de resgate e de redenção, na conquista ingente do Divino.

Os *Puranas,* que em antiguìdade seguem os *Vedas,* simbolizam no Akasa — o Verbo, o Logos, o Deus manifestado através dos *tattwas.*

O 1.° *tattwa* é sonoro, dando origem aos quatro *tattwas* inferiores correspondentes aos quatro planos cósmicos, onde se desenvolve a actual evolução da Humanidade. Os *tattwas* representam a forma da manifestação, emquanto que os cinco tanmatras correspondem às formas particulares de energia para cada plano da natureza, particularizando os limites das possibilidades vibratórias.

É instrutiva a forma de alta espiritualidade como é considerado o Akasa no *Bhagavad-Gita,* (tradução de Burnouf), o Cântico do Senhor, (Krishna), escrito 3.000 anos A. C. — «É no seio do *Akasa* que residem todos os sêres vivos, compreendeio-o; porque a produção e dissolução do Universo, sou Eu próprio (a Grande Natureza Primordial); acima de mim está suspenso o Universo, como as pérolas no fio dum colar. Eu sou nas águas o Sabor, filho de Kunti (Ardjuna); Eu sou a Luz na lua e no sol; a linguagem em todos os Vedas; o som no ar; a fôrça masculina nos homens; o puro perfume na terra; no fôgo, o esplendor; a vida em todos

os sêres; a continência nos ascetas. Sabe, filho de Prithâ, que sou o germe inesgotável de todos os viventes; a ciência dos sábios; a coragem dos valentes; a virtude dos fortes, isenta de paixão e de desejo, etc.»

Esta breve citação traduz o alto conceito espiritualista em que era tido o Éter Cósmico pelos antigos árias industânicos, sob a designação de Akasa, numa tendência nitidamente criacionista, ondulando em manifestações panteístas, através-de todos os planos ou esferas do Cosmos ao influxo da Energia Universal, da Omnipotência Divina. A nossa ciência vem dos últimos séculos a passos de gigante; o Bhagavad-Gita é cinco vezes milenário.

O esoterismo egípcio (Hermetismo) tinha uma noção perfeita do Éter Cósmico que pode pedir meças com os melhores conceitos da ciência contemporânea. É demonstrativo e concludente um trecho duma tese arcaica, multimilenária, que uma iniciada apresentou para ascender ao grau de Palacida num santuário do antigo Egito: «Eu começarei por dizer que no mundo só existe uma única fôrça ou energia — o éter, *(Telesmo)*. É êle que nos ilumina, movimenta, transporta e nos produz. É o éter que aglomera, reúne, sintetiza as moléculas, de qualquer natureza que sejam. Numa palavra: é o fluido que gerou tudo o que existe. Sem êle nada existiria e com êle tudo pode ser produzido. E, facto digno de atenção, o éter que é tudo e está em tôda a parte, que é o grande motor das almas e dos mundos, é, no entanto, invisível para a maior parte da Humanidade. Êste fluido imponderável é dotado duma energia incalculável. Se os homens soubessem captá-lo, armazená-lo, dirigi-lo, poderiam moer o seu grão, amassar a sua farinha, cozer o seu pão e produzir a vida planetária em tôdas as suas modalidades» (1).

Alguns filósofos anteriores a Moisés já conheciam as misteriosas propriedades do Éter Cósmico, acalentando na sua natureza íntima os germes da Criação, saindo do caos primordial. Era para estes filósofos o Proteu-Gigante, o alento da Alma Universal (2).

No politeísmo arcaico, o Éter Cósmico era adorado, entre alguns povos, sob o nome de Pai Omnipotente Aether.

O termo éter deriva do grego — *Aether* — cujo significado literal é — *abismo do Céu* — designando a substância primordial, o princípio criador de todos os mundos, a substância universal donde surgem todos os corpos, tudo o que vive (E. Bosc.) Para o politeísmo grego era divina substância criadora da Luz, inundando todo o Universo, o envoltório áurico de Zeus-Zên ou Júpiter, o Senhor do Olimpo, irradiando por todo o Cosmos.

Para os alquimistas, o Éter Cósmico era designado pelo termo geral — *Azoth* — variando o seu nome de país para país, com significado mais ou menos equivalente, sendo considerado o agente universal que põe em movimento tôda a natureza, produzindo e impulsionando os germes de todos os seres a multiplicar as espécies. Para os espagiristas era o *Arqueu* da natureza; para os alquimistas gregos — o *Hilé;* para os alquimistas alemães — o *Iler-Staff;* para Roger Bacon — o *Protilo;* para Jacob Boëhme — a *Substancialidade;* para Paracelso — o Grande Mistério *(Mysterium Magnum)*.

* * *

Mais uma vez se comprova que grande número de descobertas de que a ciência moderna se ufana e glorifica são, em última análise, meras re-inovações de que a Sabedoria Antiga, apanágio dos arcaicos Santuários, tinha pleno conhecimento nas épocas mais remotas da nossa civilização (3). Mas, emquanto a ciência dos nossos dias é fundamentalmente materialista e agnóstica, mecânica e naturalista, aviltando-se numa teofobia improgressiva e grosseira, a Sabedoria Antiga era homogénea e plenamente espiritualista, até mesmo nas suas transcendentes concepções panteístas.

---

(1) Ernest Bosc — Isis Dévoilée (Egyptologie Sacrée).

(2) H. Blavatsky — Glosário Teosófico, trad. espanhola, 1920 — vol. I, pág. 237.

(3) Dutens — *Origines des découvertes attribuées aux modernes.*

Emquanto houver possibilidade de progresso, haverá fenómenos por explicar; e quanto mais impossíveis nos parecerem êsses fenómenos, mais aptos serão de nos levar ao conhecimento do universo.

Charles du Prel

m/cb/41

AS INVENÇÕES DOS HOMENS

pelo coronel Faure da Rosa

OS aturados estudos entomológicos a que Maurice Maeterlinck se entregou durante uma grande parte da sua vida, deram-lhe a convicção de que muitas das invenções humanas — das quais as mais elementares e as mais antigas remontam a três ou quatro séculos e as mais modernas a algumas décadas — muitas das invenções humanas já estavam realizadas nos tempos pré-históricos pelos únicos rivais que precederam o homem: os insectos (1).

Dizia o Dr. Charles Richet que, para se fazer uma idea do poder do espírito, era necessário observá-lo nos infinitamente pequenos: o microscópio diz-nos mais dos infinitamente pequenos do que o telescópio dos infinitamente grandes.

A *Aranha de Vidro* — que vem a ser a *argironete* aquática, um minúsculo aracnídeo — embora seja provida dum sistema respiratório aéreo, vive, paradoxalmente, debaixo da água estagnada, dentro duma espécie de casulo ou sino de mergulhador, tecido por ela própria e dentro do qual acumula ar por meio de pequenas bôlhas fixas ao abdómen. Portanto, a *Aranha de Vidro,* muito tempo antes do homem, inventou o escafandro.

Outros animais, que qualificamos de inferiores, têm sôbre nós um avanço incontestável. A tremelga, por exemplo, peixe semelhante à raia, possue na base da cabeça um aparelho eléctrico que produz descargas capazes de, momentaneamente, paralizarem a mão que queira agarrá-lo ou de matarem outros peixes. Nas grandes profundidades, encontram-se peixes que dispõem de deslumbrantes projectores.

«Se nós soubessemos aproveitar, proporcionalmente à nossa estatura, o poder iluminante do minúsculo pirilampo e, sobretudo, o do fúlguro tropical, poderíamos iluminar as nossas noites como se usássemos archotes ou faróis de potente esplendor» (Maeterlinck).

Pirilampos ou vagalumes, não há quem os não conheça. Já o mesmo se não pode dizer dos fúlguros, grandes e belas borboletas da América tropical, que, durante a noite, têm um brilho fosfórico. Afirma-se que a luz dos *fúlguros porta-lanternas* é tão considerável que permite ler os caracteres mais meúdos.

O mundo dos insectos desconcerta-nos — escreve Maeterlinck — porque não «raciocina» como nós. Nem por isso, porém, deixa de lutar com a natureza hostil. Da mesma forma que nós, humanos, os insectos, para poderem viver, têm que a dominar ou que adaptar-se. A acção dos homens, inteligente, científica, técnica... deu os resultados que todos conhecem e apregoam. A acção dos insectos exerce-se sem êsse estardalhaço: sem professores, sem engenheiros, sem comissões de estudo... Mais: exerce-se, sem que cada um dos indivíduos disponha doutros instrumentos além dos próprios órgãos. Assim, a abelha organizou-se a si mesma em máquina de refinar o açúcar extraído das flores. Certas formigas doceiras, nem dêsse trabalho de distilação precisam: transformam-se em «ôdres» de reserva e, nessa qualidade, suspendem-se do teto das galerias. A térmite — a formiga branca, que mina e rói a madeira— dispõe de operárias auxiliares para betonar a termiteira e de outras que constituem a fôrça armada incumbida da sua defêsa.

O perfurador e a colher de pedreiro estão encorporados nas térmites operárias e a armadura e a lança estão talhadas na própria carne da térmite-soldado, exactamente como a serra no corpo do ralo e a fieira viscosa no corpo dos aracnídeos.

A aranha, por noções infusas de mecânica racional, visto não ter escolas nem mestres, tece a sua teia, segundo as mesmas linhas de resistência, que imortalizaram o inventor das pontes suspensas.

Armada de antenas que, simultâneamente, servem de pinça e de ancinho e provida de tarsos guarnecidos de ganchos, a aranha mígala cava na terra argilosa um buraco sufi-

(1) Maurice Maeterlinck — *L'Araignée de Verre.*

cientemente largo e profundo, que reveste de sêda e ao longo do qual pode fàcilmente subir ou descer. Cobre êste buraco, que virá a ser a sua casa, com um disco de grêda muito fina, entremeada de fios, disco que encaixa, exactamente, no orifício do buraco e que tem, do lado de fora, para não chamar a atenção, o aspecto rugoso da terra, emquanto a face interna é cuidadosamente polida e atapetada de sêda. Esta tampa ou porta é muito engenhosa: quando a aranha a levanta para sair, gira em torno duma charneira feita dum tecido sólido e sedoso. Em frente da charneira, há um semi-círculo com pequenos buracos, nos quais a aranha crava as garras para aferrolhar a porta em caso de alarme.

As pequenas aranhas que, freqüentemente, aparecem nas nossas habitações, trazem os seus casulos entre as antenas, durante tôda a incubação, o que as impede de comer, as condena a completo jejum.

As aranhas vulgares, que abundam entre as ervas, tecem em volta do casulo central, um outro maior, de grandes dimensões, formando, assim, uma «nursey», como que um átrio ou jardim de crianças, onde as pequeninas aranhas, mais tarde, ensaiarão os seus primeiros passos e que será, sucessivamente, alargado, até a mãi morrer de esgotamento.

Umas aranhas, das que habitam os mares tropicais, escolhem um buraco numa pedra porosa e, quando a água sobe, já têm tecido, em frente da entrada, uma rede de sêda impermeável.

Uma outra variedade de aranhas, constrói, como a *argironete*, uma espécie de sino de mergulhador onde põe os ovos.

¿Quem ensinou as aranhas?

¡Quantas tentativas nas noites da pre-história — exclama Maeterlinck — teriam produzido as aranhas para conseguirem construir o escafandro, umas, e outras a «nursey», a tampa impermeável, a porta girando em torno duma charneira!...

¡Quantas coisas a humilde aranha sabia antes dos homens!

«¿Foi a experiência que a ensinou, ou trata-se duma ciência inata, fruto de tentativas ancestrais imemorialmente acumuladas?

«Mas, ¿quem teve ou deu a idea de fazer as primeiras tentativas?»

Segundo Félix Plateau, a *argironete* constrói dois sinos muitas vezes, um leve e transparente para domicílio de verão e outro de sêda mais espêssa e opaca, reservado para o inverno.

Na hora do amor a *argironete* macho constrói um sino perto do da fêmea e um túnel de comunicação entre os dois. Concluído o himeneu o macho regressa à sua casa são e salvo, o que é raro nas núpcias aerícolas nas quais, habitualmente, a fêmea devora o macho.

«Pondo de parte os problemas químicos da produção, tecedura, impermeabilidade, vitrificação da sêda — que os homens são incapazes de penetrar, como são incapazes de criar a vida, mas que a Natureza resolveu, como todos os outros problemas — ¿onde adquiriu a *argironete* o que sabe de física, de história natural, de hidrostática, de biologia?

«¿Como soube a *argironete* que as bôlhas de ar podiam aderir aos seus pêlos, emquanto não excedessem certo volume?

«¿Donde vêm e aonde conduzem êstes mistérios?

Anatole France (1), a-propósito da reconstituïção de tecidos orgânicos só poder conseguir-se pelos meios que a Natureza empregou para os constituir, também pregunta: ¿Que meios são êsses? ¿Quais são os processos da Natureza?

A Natureza não conhece nem a mão nem o instrumento: é subtil, é espiritual. Nas suas mais potentes e maciças construções emprega partículas infinitamente ténues da matéria...

Do impalpável nevoeiro, a Natureza faz rochedos, metais, plantas, animais, homens... ¿Como?...

«Por atracção, gravitação, transpiração, penetração, inibição, endosmose, capilaridade, afinidade, simpatia... A Natureza não forma um grão de areia de maneira diferente daquela por que formou a Via-Láctea...

«Entre as estrêlas do céu e as poeiras que dançam no raio de sol que atravesse um quarto, através duma frincha, não há nenhuma diferença de estrutura. A menor dessas poeiras é tão admirável como a Sirius, porque a maravilha de todos os corpos do universo está no infinitamente pequeno que os forma e os anima.

«Do imperceptível, do impalpável, do imponderável, a Natureza tirou o vasto mundo acessível aos nossos sentidos, que o nosso es-

(1) *Les sept femmes de La Barbe-Bleue.*

pírito pesa e mede; e aquilo com que nos fêz a nós mesmos, é menos do que um sôpro».

* * *

Para Henri Bergson, o grande renovador do pensamento contemporâneo, há pouco tempo falecido, a vida e todos os fenómenos, sem distinção, pelos quais ela evolue, exigem, para serem compreensíveis, a presença duma alma imaterial. Assim como existe a energia dos físicos, forçoso é que exista uma «energia espiritual». É do consórcio destas duas energias — a de uma alma e a de um corpo — que resulta todo o ser vivo, desde o mais humilde ao mais sublime.

O biologista Paul Vignon (1) desenvolve a tese do filósofo Bergson: a «idea» latente no mais íntimo da infra-psicologia animal a que chamamos «instinto» — representação de um fim e vontade de atingi-lo — preside à formação do órgão destinado a realizar o plano. Numa palavra, a idea é organo-formadora. No caso das indústrias alimentares ou defensivas — abelha, formiga doceira e térmite — que são de utilidade vital, o fenómeno é evidente.

Acontece, porém, que numerosos factos mimétricos (2) *ultrapassam a utilidade*. Casos há, até, em que o mimetismo, longe de favorecer a espécie, prejudica-a dando-lhe a ilusão duma falsa segurança. E, assim, os animais miméticos obrigariam os biologistas a admitir que a vida animal é «animada, por uma alma que *comandaria a matéria organizada* (Jean Labadié).

* * *

«Dizem que os insectos não são inteligentes... Mas então... ¿quem lhes inspira e executa por êles actos incontestavelmente inteligentes? — pregunta Maeterlinck —. «¿Que é a inteligência? ¿Donde emana? ¿Quem a capta e utiliza? ¿Vem de Deus, — como afirmam os crentes? — pregunta Maeterlinck (3):

«A principal diferença entre o Deus dos crentes e o meu está em êles acreditarem que conhecem o seu, em se gabarem de saber quem Êle é, o que Êle diz, o que Êle quere, como se com Êle tivessem vivido na mesma pensão de família.

«Eu confesso, humildemente, que ainda não conheço o meu. É por êsse motivo que o procuro por tôda a parte incessantemente.

«O que acima de tudo mais importava era a aproximação dessa origem divina ou natural; era chamá-la, captá-la, canalizá-la para nós, tornarmo-nos seus bons condutores, condensadores ou acumuladores; era tentar subjugá-la como à electricidade, da qual, talvez, seja, apenas, uma forma mais subtil. E é muitíssimo possível que seja êsse o grande problema, a grande pesquisa, a grande conquista de amanhã.»

Charles Quartier (4) no comentário que faz ao livro de Maeterlinck *(L'Araiguée de Verre)*, diz que essa grande pesquisa a empreendeu a Metapsíquica. Perante os fenómenos do conhecimento supranormal de acontecimentos, quer decorrentes, quer passados ou futuros, ou da acção supranormal sôbre a matéria, a metapsíquica tem procurado e continua a procurar-lhe o determinismo e a natureza.

«A metapsíquica teve que reconhecer que a explicação materialista era insuficiente porque não dava a razão dos factos em tôda a sua complexidade.

«Raros terão sido os sábios que, tendo dedicado longos anos ao estudo dos fenómenos psíquicos, não tenham abandonado os dogmas materialistas da sua mocidade e não admitam a existência de «qualquer coisa» que os ultrapasse infinitamente.

«É inegável que o homem participa da superconsciência dessa «qualquer coisa», dessa Memória infinita. Por isso, verossímil é que escape à morte.

«Desde que há sêres conscientes na Terra, a Morte e a Vida combatem-se sem tréguas.

O cronista metapsíquico espera que um dia, graças à investigação metapsíquica, a Morte venha a ser despojada do pavor que a reveste, pavor que é todo o seu prestígio.

---

(1) *Introduction à la Biologie Experimentale.*

(2) *Mimetismo:* semelhança que tomam certos sêres quer com o meio em que se encontram, quer com as espécies mais bem protegidas ou com aquelas à custa das quais vivem.

Há três espécies de mimetismo: 1.ª a *homocromia mimética* que é a semelhança dos animais com o meio onde vivem (pele branca dos animais que vivem na neve, peixes que tomam a côr da areia, etc.): — 2.ª o *mimetismo protetor*, pelo qual os animais inofensivos, especialmente as fêmeas, tomam o aspecto das espécies perigosas ou repulsivas; — 3.ª o *mimetismo ofensivo*, em virtude do qual certas espécies carnívoras revestem o aspecto das espécies de que fazem prêsa.

(3) *L'Araignée de Verre.*

(4) *Revue Metapsychique* n.º 3, de 1932, p. 226.

ESPIRITOFOBIA PROTESTANTE

pelo Dr. Sebastião Elviro Martins

IV

COM o presente artigo terminamos a série que nos propusemos escrever nesta revista, para refutar, à boa paz, as inexactidões bolsadas contra o Espiritismo, pelo corifeu protestante inglês Mr. Kernahan, no seu folheto já várias vezes mencionado.

Os dois últimos capítulos a analisar intitulam-se «*Na falta de fé está o início do pecado*» e «*Fogos fátuos*».

Como os outros, êstes últimos capítulos são pobres de factos científicos convincentes, e por isso o seu valor literário ou religioso fica reduzido a fracas proporções. Porém, como o nosso objectivo, ao fazermos esta crítica, é pôrmos em evidência, pelo estudo comparativo, os postulados espiritas, vamos hoje completar a sua análise, para os leitores apreciarem até ao fim a espiritofobia protestante.

Já sabemos como os partidários de Lutero interpretam os textos bíblicos. Incapazes de os compreenderem à luz da ciência; impossibilitados de os transformarem em códigos *up-to-date,* de forma a saciar-lhes tôda a sêde insaciável do saber; torturados por não os poderem actualizar e amoldar à forma e expressão das ideas do nosso século, êles, os sectários firmes e imutáveis das ideas reformistas, repelem tôdas as innovações espirituais como artes do demónio e resolvem não lhes dar ouvidos, para não deshonrarem o Altíssimo!

Eis o resultado da fé cega e dogmática, aceitando como verdades infalíveis o que não está provado pelo raciocínio ou pela ciência.

Compare-se esta estranha maneira de pensar da ortodoxia protestante com a máxima perfilhada pelo Espiritismo: «A fé inabalável é sòmente aquela que pode encarar a razão face a face, em tôdas as épocas da humanidade».

O êxito e a expansão da nossa Causa está exactamente em se basear na razão, na observação e na experiência dos factos acumulados desde há quási um século, factos que, a-pesar-de contraditados pelas correntes adversas, não foram desmentidos por nenhuma delas; antes se avolumam de tal maneira, que acabarão por esmagar os misoneistas, e destruïrão tôdas as teorias opositoras.

O Espiritismo, na sua propagação pelo mundo, é como a avalanche, a que nada resiste; pode-se atrasar a sua marcha, mas nada o fará recuar, porque a fôrça que o impele é divina e não humana.

Tudo isto vem a-propósito da pobreza de ideas contidas no opúsculo de Mr. Kernahan.

Para Mr. Kernahan o homem é um pecador impenitente e, segundo êle, «o pecado começa onde falta a fé...» protestante. Para o nosso opositor, o Espiritismo não inspira a fé em Deus; logo, induz o espirita em pecador sem remissão possível.

> «Tendo-se fé, mas uma fé sincera e firme — base fundamental para uma vida cristã — tudo o mais necessário à vida e à felicidade se seguirá natural, lógica e inevitàvelmente. A fé é o primeiro incentivo para as *obras*. Crer absolutamente em Deus, confiar n'Êle, amá-lo, servi-lo e fazer a sua vontade».

Êste passo parece inofensivo e podia servir de modêlo para qualquer espirita. Não se encontra nêle qualquer expressão antiespirita e a moral expendida é absolutamente cristã. Mas não nos iludamos.

Não é a fé preconizada por Mr. Kernahan que nos convém, porque se baseia nos dogmas ainda aceitos pelos reformistas.

Além disso a fé de que êle nos fala é limitada aos conceitos luteranos e muito vaga e nebulosa para cérebros ávidos de luz e saber, como se observa na nossa época. Nenhuma religião ortodoxa pode resistir ao influxo do progresso; se o fizer estratifica-se e morre. Eis a razão por que o Espiritismo, marchando sempre ao lado da ciência satisfaz todos os desiludidos dos outros credos e vai engrossando as suas fileiras.

Palavras sibilinas

Sabemos como as ortodoxias religiosas, encrustadas na rotina e nas letras canónicas dos textos decretados pelos concílios, se opõem terminantemente ao reconhecimento de factos, que não estejam dentro dos princípios dogmáticos em uso pelas suas igrejas. Não

seremos nós, espiritas, que somos por princípio tolerantes, que iremos impugnar essa rotina estéril, a-pesar do progresso científico estar sempre em contradição com os princípios conservadores.

O que não toleramos é o ataque preconcebido e a deturpação dos nossos postulados, quando a-final não censuramos ou anatematizamos qualquer credo religioso, porque o homem tem o seu livre arbítrio e a liberdade de consciência.

O Espiritismo não impugna as religiões, antes pelo contrário, procura completá-las e pô-las em sintonização com os princípios evangélicos, que são o código universal da cristandade.

O Cristo abre os braços a tôda a humanidade e aos crentes sinceros, sejam êles quais fôrem.

Por isso não dizemos ao protestante ou ao católico que abandonem as suas crenças; só exigimos dêles que respeitem os nossos princípios, como nós respeitamos os dêles.

Quando nos atacarem, só pedimos que sejam justos, correctos e escravos da verdade, como demonstramos sempre nas nossas polémicas construtivas.

Não é essa atitude que encontramos no opúsculo de Mr. Kernahan.

Emquanto apresentamos os factos que a história, a observação e a experiência atestam, os nossos adversários, por processos cavilosos, torcem sempre a verdade ao seu modo, de maneira a desfigurá-la e a prestar-se às suas conveniências. A prova disto está neste passo do celebérrimo opúsculo:

> «O Espiritismo, segundo a minha maneira de ver, começa na dúvida e acaba na desobediência. O Espiritismo torna inferior e vulgar o que é santo, e faz isto sem acrescentar aos nossos conhecimentos o que quer que seja possa auxiliar-nos, ou que tenha algum valor real».

Quere dizer, o autor inglês faz tábua rasa de tudo quanto o psiquismo moderno demonstrou para o conhecimento e esclarecimento das dúvidas que muitos teólogos ainda mantêm, e não diz uma palavra, por simples que seja, nem cita um facto abonatório em prol das verdades que o Espiritismo divulgou e provou, empregando os métodos científicos utilizados pelos laboratórios de física e química.

E ainda mais: prima pelo silêncio sistemático em volta da formidável actividade das igrejas espiritualistas do seu país e, a não ser Conan Doyle e Oliver Lodge, não lhe vislumbramos mais nomes de tantos que contribuiram para a obra imorredoira da terceira revelação.

A abundância dos factos

Mr. Kernahan, como já os leitores viram pela amostra da sua prosa, desconhece, ou finge desconhecer, os factos supranormais que deslumbraram todo o mundo científico, a-pesar-de já ter confessado que lê obras espiritas há mais de quarenta anos! ¡É fantástico, quási inacreditável, conhecer tão pouco uma literatura, ao fim de tanto tempo! Razão temos para o comparar com o coelho da toca, de que falámos no artigo anterior...

Seria fastidioso citarmos aqui, um por um, o numeroso grupo de homens de ciência que, em anos porfiados de investigações laboriosas, construíram um corpo de doutrina inatacável e desafiam tôda a crítica.

O trabalho dêsses homens, portadores de nomes já clássicos, fêz convergir para o Espiritismo a atenção dos estudiosos e imparcialistas.

Depois das locubrações magistrais dos filósofos e das investigações dos sábios, chegou-se à conclusão de afirmar e provar que o Espiritismo não é uma superstição, filha de uma crença banal, ou de uma credulidade própria de cérebros doentes. Não, o Espiritismo é uma ciência, e como tal há de impôr-se à consciência de todos, quer queiram, quer não. Os factos omitem-se, mas não se destróiem, porque a evidência dêles é mais forte do que o interêsse mesquinho em os diminuir ou negar.

Parece inacreditável, como, depois da teoria espirita ter sido estudada, em todos os seus pormenores e facetas; depois de todos os investigadores metapsiquistas terem provado a existência de fenómenos supranormais, prova de que a alma existe; depois duma longa e exaustiva propaganda dêsses fenómenos através-de milhares de livros e revistas; parece inacreditável, dizíamos, como ainda aparecem adversários tão relapsos, como Mr. Kernahan e quejandos...

Mas é assim mesmo. Por quanto tempo, não sabemos, mas é possível que os últimos abencerragens de doutrinas cristalizadas aparecerão sempre, não obstante o progresso inevitável das ideas.

> «Estou firmemente convencido de que o pecado começa onde falta a fé. Tivesse sido firme a fé de Adão, e êle não teria prestado ouvidos à voz que lhe segredou palavras de desconfiança. Devêra antes êle, com justa indignação, sufocar essa voz, esmagá-la, tal como qualquer de nós faria a uma víbora que tivesse ousado agarrar-se-nos às vestes e trepar pelo nosso corpo».

Êste passo extraído do opúsculo de Mr. Kernahan,

revela a puerilidade com que os protestantes aceitam os factos descritos na Bíblia, e como os tomam à letra, sem raciocinar, nem verem nêles apenas símbolos e verdades morais, sob figuras materiais, para elucidar a humanidade.

Essas figuras, copiadas das mitologias, interpretadas dêsse modo, são inteiramente absurdas; especialmente os diálogos com animais, como o caso da serpente insinuar Eva a comer a maçã, e assegurando-lhe que não morreria por comer a fruto proibido.

Lendo-se o texto do opúsculo em causa, verifica-se que o seu autor aceita êste e tantos outros factos simbólicos como naturais e verídicos. Conseqüências dos dogmas e do véu da letra...

A ciência já demonstrou a infantilidade dessas afirmações bíblicas e deu-lhes a interpretação justa, em harmonia com a observação e a experiência.

Assim como ninguém crê nas maravilhas pagãs, por serem inverossímeis, também não se devem aceitar como *verdadeiras* e *possíveis* as alegorias do Velho Testamento, por não se poderem confirmar e provar à luz dos métodos positivistas do século vinte.

Isto é lógico e racional. Nós, não, mas os partidários de certas religiões aceitam tudo o que o dogma estabelece como verdade insofismável e intangível, mesmo que essa intangibilidade não resista à primeira arremetida filosófica ou científica.

Robert Dale Owen, pastor protestante, no seu livro «Região em litígio», ao comentar o valor teórico dos textos bíblicos, exprime-se assim:

«A Igreja de Roma deu imensa vantagem ao Protestantismo, reafirmando a infalibilidade do Papa; mas o Protestantismo não se aproveitará dessa vantagem, se continuar agregado aos restos do que herdou do Catolicismo, que são totalmente insustentáveis, principalmente quando afirmam a inspiração plenária de todos os escritores da Bíblia. É um êrro tão fatal o declarar infalível um homem, como um grupo de homens».

Isto é sensato e compreensível. Infalível, só Deus. Nós, espíritas, ao proclamarmos as verdades demonstráveis dos fenómenos, nunca afirmámos a infalibilidade de qualquer pesquisador. Por mais arguto e metódico que êle seja, é susceptível de errar. Demais, o investigador dos fenómenos psíquicos é um homem de ciência, como qualquer outro; dêste modo, nunca atingirá o fim, nem a perfeição, porque a ciência é infinita, como o espaço onde gravitam miríades de mundos.

De tudo isto se conclue que o Protestantismo está em decadência. Já o demonstrámos nos artigos anteriores. Mas certamente êle reagirá contra o *in pace* em que está metido, porquanto, uma grande parte dos Chefes das várias comunidades cristãs, especialmente na Inglaterra e na América, já se dedicam, e a fundo, aos problemas psíquicos. Dêsse estudo aturado e persistente deve resultar a transformação visceral duma Igreja duplamente simpática para todos nós, pela sua acção formidável a favor do livre arbítrio e da liberdade de crenças que ela proclamou como necessidade intrínseca do homem.

O testemunho dos teólogos anglicanos

Já relatámos nos artigos anteriores o movimento de simpatia pelo Espiritismo que se desenhou na Grã Bretanha, após a conclusão do relatório da Comissão nomeada pelo Arcebispo de Cantuária, para estudar os fenómenos espiritistas. Êsse relatório foi francamente favorável à nossa Causa, porque a maioria dos membros dessa Comissão, composta pelos cónegos Anson e Grensted; Drs. W. Brown e Mathews e outros se pronunciou pela aceitação dos factos espíritas como autênticos. Pena foi que o Arcebispo, ao aperceber-se disto não publicasse o relatório assinado por todos os membros. Presentemente, outros problemas preocupam os filhos da velha Albion e êsse assunto deve estar suspenso. Dada, porém, a tenacidade do povo inglês, é de esperar que em melhores dias êle será de novo posto em foco para ter a solução conveniente e oportuna.

É pena que Mr. Kernahan não consagre uma palavra sequer a êste movimento sensacional no seu país. ¡Torna-se paradoxal que um estrangeiro lhe lembre e mostre o que vai pela sua pátria, em matéria religiosa e filosófica!

Mas a verdade é esta.

Em geral os sectários de qualquer credo ortodoxo vivem em compartimentos estanques, como o coelho da fábula vivia na sua toca, onde era rei. Se nesses compartimentos abrissem janelas para o mundo, ficariam cegos pela intensidade da pequena luz que lá entrasse. Preferem, tal qual o coelho, viver nessas trevas, onde se sentem reis. Não seremos nós que os demoveremos a saír da toca ortodoxa, mas ao menos mostrar-lhes-emos o nosso mundo, para ver se êles, ao vislumbrá-lo, a abandonam sem constrangimentos; antes pelo contrário, com o entusiasmo natural com que o coelho da fábula, ao ver-se privado dos seus vassalos, preferiu a luz do dia à escuridão da lura.

Pois é exactamente êsse papel que têm feito muitos corifeus anglicanos que, aprofundando os fenómenos supranormais, se converteram pùblicamente às nossas ideas, sem por isso abandonarem a sua Igreja.

Nielson, islandês, autor do livro «Minhas experiências espiritas», cita, só em Londres, mais de 50 eclesiásticos que se interessam pelas pesquisas psíquicas ou são espiritas convictos.

Thomas Colley, pastor em Stockton, trabalhou durante 30 anos na difusão do Espiritismo, tendo obtido os mais notáveis fenómenos, com um outro pastor que lhe servia de médium.

O Dr. Hensley Henson, bispo de Durham, recomendava ao clero da sua diocese a leitura do livro «*Talks With the Invisible*» (Conversações com o Invisível), livro escrito pelo reverendo H. T. Lovejoy, resumo de 30 anos de pesquisas.

O bispo de Grantham é favorável ao Espiritismo.

O bispo de Lincoln recomendava aos candidatos à ordenação, o estudo do livro intitulado «*The challenge of Spiritualism*» (O repto do Espiritismo), da autoria do rev. Elliott.

Isto diz-nos o semanário «Psychic News», de Londres, de Março de 1940.

Muitos outros representantes da Igreja Anglicana — a religião fundada por Henrique VIII e sua filha Isabel — estudam afincadamente o Espiritismo; êsse facto é de uma importância incalculável, pelos efeitos futuros que possam produzir na mentalidade dos paroquianos que, copiando o exemplo dos seus mentores, fatalmente lhes seguirão as pègadas...

Considerações finais

> «Mas, para mim, há uma razão ainda mais alta para se ter fé em Deus. Creio que confiar em Deus é alegrá-lo. Desconfiar d'Êle é magoá-lo».

Êste é um dos argumentos basilares de que se servem as ortodoxias, para fazer prevalecer o seu credo e o seu sistema particularista da crença em Deus. Sabemos como o Protestantismo se pulverizou em dezenas de igrejas e cada uma tendo a pretensão de possuir a Verdade nêste ou naquêle ponto da hermenêutica evangélica.

Êsse o maior êrro de tôdas elas, porque a fragmentação e o exclusivismo só concorrem para a deserção dos crentes, por não lhes oferecer uma base onde possam apoiar os seus raciocínios sôbre os problemas psíquicos e da vida *post mortem,* tantas vezes debatidos nos púlpitos das igrejas. Daí a decadência das comunidades evangélicas e o incremento que se nota nas agremiações espiritas, em constante progresso.

Ernesto W. Oaten, no seu depoïmento feito perante a Comissão de Inquérito aos fenómenos espiritas, disse:

«Eu mesmo, cheguei aos dezanove anos sem ter a convicção de que há uma vida além da morte. Orava, lia, mas as minhas dúvidas subsistiam. Os meus superiores espirituais ladeavam tôdas as minhas preguntas e asseguravam-me que *a dúvida era uma ofensa a Deus*».

Compare-se esta resposta com a que acima vem transcrita, e confirmar-se-á a maneira capciosa como os teólogos luteranos resolvem as questões delicadas inerentes aos factos obscuros e inexplicáveis.

Por isso as religiões estão decadentes, por serem incapazes de resolverem cabalmente os problemas psíquicos que se lhes antolham dia a dia.

Além disso, «todos em luta entre si, exclusivistas, quanto à posse da Verdade, e isso em nome do próprio Deus» — segundo a «Grande Síntese, V» — ¿que autoridade e crédito nos podem merecer?

Estes e outros argumentos nascidos das dúvidas e da incapacidade explicativa dos corifeus ortodoxos, provocaram a deserção de muitos adeptos das várias religiões e lançaram-nos no seio das novas correntes neo-esperitualistas, às quais o Espiritismo se honra de pertencer.

Se Mr. Kernahan, qual coelho da fábula, saír da toca reformista, certamente ficará *contagiado* da nossa doutrina, como milhares dos seus correligionários. E garantimos-lhe que será bem recebido, porque nós não somos exclusivistas nem levamos a mal que qualquer crente abrace a nossa causa, após um livre-exame à sua consciência, tão inglòriamente submetida aos dogmas bafientos e estéreis das suas igrejas decadentes...

Terminámos as nossas considerações.

Mostrámos aos leitores de *Estudos Psíquicos* a posição actual do Protestantismo e o perigo que o ameaça se não arripiar caminho. Vimos como os mentores da religião reformada encaram os problemas psíquicos, que tanto apaixonam o público intelectual de todos os países civilizados. Observámos o ódio incontido com que certos representantes dessa religião mimoseiam os espiritas. São portanto espiritófobos e daí o título de demos a esta série de quatro artigos de *Espiritofobia Protestante.*

De tudo quanto afirmámos nenhum ressentimento nos fica contra os sectários de Lutero, Calvino, Knox, ou Zwinglio. Pelo contrário, teríamos muito prazer em estender-lhes a nossa mão fraternal como irmãos da mesma crença em Deus e seu filho Jesus Cristo. O nosso credo é o mesmo. Só difere em admitirmos a sobrevivência da alma e a confabulação dos espiritos encarnados com os desencarnados, assim como a lei de causa e efeito, em vez do inferno e do paraíso, que ninguém sabe onde ficam.

A crença reformista é virtual; a nossa é real: a dêles é abstracta, a nossa é concreta; o protestante crê, mas não raciocina; o espirita crê, porque a observação e a experiência lhe mostram a verdade dos factos. E contra factos não há argumentos.

Mas o Espiritismo não blasona de ter encontrado a

Allan Kardec, homem de génio e de coragem

NAS efemérides espiritas mundiais, o dia 31 de Março assinala a desencarnação de Allan Kardec, o insigne codificador do Espiritismo. Bastava esta circunstância, para que *Estudos Psíquicos* não deixasse de lhe prestar reverente homenagem, filha da grande admiração que sente por quem tão alto soube elevar a doutrina que se defende e vulgariza nestas colunas.

O Dr. Hipolite Denizard Rivail e Allan Kardec são duas facetas do mesmo génio polimorfo que soube difundir os mais variados conhecimentos, ao serviço dum Ideal humanista. Os estudos do doutor serviram de base à acção do missionário. Dêste modo, o Apóstolo pôde enfrentar a celeuma levantada pelo tradicionalismo que se opunha à revisão dos dogmas científicos. Os seus conhecimentos de física, química, astronomia e fisiologia, além do manêjo fácil de meia dúzia de línguas, que dominava em absoluto, davam-lhe reconhecida vantagem nas pugnas mantidas com numerosos e violentos adversários.

A preparação literária, a prática das obras didáticas, às quais se dedicara durante longo tempo, além da experiência dos anos e a coragem que demonstrara em tantas dificuldades, davam-lhe preciosos elementos de triunfo, pois só um paladino da sua têmpera e da sua envergadura moral e intelectual conseguiria agitar o mundo culto e levar tanta gente ao estudo daquilo a que chamou a Doutrina dos Espíritos.

Allan Kardec soube querer, soube trabalhar denodadamente, esquecendo agravos, invejas e traições de certos indivíduos que lhe não perdoaram jàmais o ter dado vida a tão gigantesco movimento; soube prosseguir firmemente na sua rota, apoiado pelos seus Guias Familiares, alicerçado em sólidos fundamentos, tão sólidos, que ainda hoje, decorridos setenta e dois anos após a seu desenlace, o Espiritismo se apresenta vicejante e cheio de magníficas promessas.

Outro qualquer teria desanimado, em face da ruína financeira. Êle, não. Êle continuou, como sempre, a exercer a caridade, a desejar o bem do próximo. O seguinte passo, extraído das suas «Obras Póstumas», é bem elucidativo:

— Continuarei a fazer o bem e a estender a mão aos meus inimigos, porque o ódio não me cega.

Esta frase característica define o nosso homenageado. Por ela, podemos avaliar os tesouros de bondade que se albergavam no seu coração, sendo fácil de concluir que um dos segredos do seu triunfo residia, precisamente, na tolerância de que usou sempre para com as crenças e opiniões alheias.

Êle o dizia, em 1868:

«— A tolerância impõe-nos o dever de respeitar tôdas as crenças. Não se atirando pedras a ninguém, desaparece o pretexto de represálias, ficando os dissidentes com a responsabilidade das suas palavras e dos seus actos. Se eu tiver razão, os outros acabarão por pensar como eu. Se eu não tiver razão, acabarei por pensar como os outros.»

Com semelhantes normas, onde transparece a maior elevação moral, Allan Kardec impôs-se a tôdas as classes sociais, principalmente aos operários, que tão bem compreenderam os ensinamentos da Doutrina Espirita.

Se, como homem, Allan Kardec soube vencer tôdas as dificuldades, como missionário escolhido pelo Alto para dar corpo e vida ao Espiritismo Moderno, soube, igualmente, portar-se à altura da sua tarefa, estudando, comparando, discutindo os problemas e aparando os ataques daqueles que o pretendiam aniquilar.

Uma vez lançado no seu rumo, não pára um instante, não perde um minuto, não deixa de aproveitar

---

Verdade, nem afirma que a sua doutrina é exclusiva.

Nisto reside o seu êxito e a sua projecção em todos os continentes...

A crença do espirita não está sujeita a dúvidas inquietantes, não obstante alguns problemas, ainda transcendentes, não estarem completamente resolvidos.

A actividade dos investigadores, porém, não fraqueja e, quais outras lacunas que a ciência oficial não preencheu, mas que trabalha afanosamente para as vencer, o Espiritismo também vencerá as suas dificuldades, ainda insuperáveis, para benefício e progresso da pobre humanidade sofredora e sem norte.

Um facto — e o mais importante — está, porém, assente em argumentos incontroversos: é a da sobrevivência do espírito à morte física. Sôbre esta tese, perfilhamos tôdas estas palavras, escritas por H. Dennis Bradley, no seu livro («Towards the Stars»), traduzido em português com o sugestivo título «Rumo às Estrêlas».

«A vida na terra não passa de sombra da existência. Vivemos por tôda a eternidade, de esfera em esfera, e à medida que aprendemos e nos desenvolvemos, aproximamo-nos mais e mais da inteligência do grande e incompreensível Deus, que é a inspiração do universo».

¡Que diferença entre estas palavras tão claras, simples e lógicas, comparadas com as afirmações abstractas e ambíguas de Mr. Kernahan!...

todos os ensejos de servir a Causa, publicando livros, realizando conferências e lançando a *Revue Spirite, sem ter um único assinante*. Embora a questão da publicação da revista fôsse aconselhada pelo seu Espírito Familiar, era preciso ser dotado de grande fé, para se abalançar a semelhante emprêsa.

«— Apressei-me — diz êle — a redigir o primeiro número e fi-lo aparecer em 1 de Janeiro de 1858, sem ter prevenido pessoa alguma. Não tinha um só assinante, nem qualquer capitalista que garantisse a existência da revista. Fi-lo, pois, exclusivamente, por minha conta e não tive de que me arrepender, porque o sucesso excedeu a minha expectativa. A partir de 1 de Janeiro, os números sucederam-se sem interrupção e, como fôra previsto pelo Espírito, o jornal serviu-me de poderoso auxiliar. Reconheci mais tarde que fôra melhor não ter comanditário, porque tive sempre inteira liberdade, ao passo que, havendo outros interessados, poderiam querer impor-me as suas ideas e vontades. Sozinho, não tinha que dar contas a ninguém, por mais pesado que me fôsse o trabalho».

A obra de Allan Kardec teve repercussões interessantíssimas em todos os países, pois em todos os países se formaram centros e sociedades de estudos psíquicos e espiritas, dirigidos por individualidades eminentes.

Um dos episódios mais notáveis da sua vida de missionário, foi, sem dúvida, o dô auto de fé de Barcelona, no qual foram destruídos mais de trezentos volumes espiritas, em obediência aos desígnios do bispo daquela cidade. E — caso curioso — emquanto a imprensa liberal espanhola verberava severamente a decisão das autoridades eclesiásticas catalãs, os jornais franceses limitavam-se a publicar a notícia sem comentários.

Semelhante auto de fé produziu efeitos surpreendentes na propaganda do Espiritismo. Os próprios Espíritos não foram estranhos ao acontecimento e manifestaram-se em dezenas de lugares, dando centenas de comunicações. Eis a que foi recebida na Sociedade de Estudos Espiritas de Paris, em 19 de Outubro de 1861, quando o Mestre regressava de Bordeus, onde tinha ido, em viagem de propaganda:

«Era preciso que alguma coisa abalasse violentamente certos espíritos encarnados, para que se decidissem a ocupar-se desta grande doutrina que há de regenerar o mundo.

«Nada se perde na Terra e por isso nós, que inspirámos o auto de fé de Barcelona, sabíamos que por aquêle meio obrigávamos a dar um grande passo adiante. Êste facto, inaudito nos tempos actuais, foi consumado para atrair a atenção dos jornalistas, indiferentes à profunda agitação que se operava nas cidades e centros espiritas; êles não se ocupavam dessa agitação, antes se obstinavam em cerrar os ouvidos e em responder pelo mutismo ao desejo de propaganda dos adeptos do Espiritismo. Por bem ou por mal, é preciso que falem. Provando uns a verdade do facto de Barcelona e desmentindo-o outros, dão lugar a polémica, que dará a volta ao mundo, do que aproveitará o Espiritismo. Eis, por que hoje, e por vontade nossa, a rectaguarda da inquisição fêz o seu último auto de fé».

Assim foi, com efeito. A brutalidade com que o bispo de Barcelona quis sufocar a doutrina espirita deu resultados negativos e teve o mérito de chamar a atenção de tôdas as classes sociais para a filosofia espirita.

Se aquêle prelado soubesse um pouco de psicologia e não estivesse obcecado por ideas retrógradas, de-certo reconheceria que a única maneira de entravar a marcha do Espiritismo era opôr-lhe, racionalmente, os argumentos adequados ao fim em vista, pois só a oposição racional, baseada na lealdade e na elevação de conceitos, evitaria a expansão espirita, a que o auto de fé deu corpo e forma.

Allan Kardec empregou a fundo tôdas as suas fôrças, tôdas as suas energias, aliadas ao talento proteiforme que o distinguia desde os mais verdes anos. Êle próprio sabia que tinha de lutar. Os amigos do espaço diziam-lho, abertamente:

— A missão dos reformadores é cheia de escolhos e perigos, A tua é rude. Previno-te, porque é o mundo inteiro que se trata de agitar e transformar.

E acrescentavam que não lhe bastaria publicar muitos livros e ficar tranqüilo em casa, mas que era necessário mostrar-se no conflito, para enfrentar a sanha de inimigos implacáveis.

Não há dúvida. Todos os que metem ombros à tarefa de evangelizar e reformar, estão expostos à calúnia, à maledicência e à traição, porque as suas melhores ideas são desvirtuadas. Entram numa verdadeira luta de nervos e acabam, muitas vezes, por desistir, se lhes falta o apoio da fé, que ainda é a melhor alavanca dos grandes êxitos.

Sabêmo-lo, por experiência própria. Por isso, avaliamos bem a tenacidade dum missionário que experimentou tôdas as vissicitudes que lhe foram anunciadas pelos Espíritos, mas que conseguiu triunfar do ódio, da calúnia e do ciúme.

Numa nota escrita me 1867, dizia êle, amargamente:

— Tenho sido alvo do ódio de implacáveis inimigos. Têm sido publicados contra mim libelos infamantes. As minhas melhores instruções têm sido desnaturadas. Tenho sido traído por aquêles em quem depositava confiança e pago com ingratidão por aquêles a quem tenho prestado serviços. A Sociedade Espirita de Paris tem sido um contínuo foco de intrigas, urdidas por aquêles que se diziam a meu favor e que, mostrando-se amáveis na minha presença, me caluniavam na ausência. Disseram que os que me seguiam eram assalariados com o dinheiro que eu arrecadava do Espiritismo. Não mais conheci repouso e mais de uma vez sucumbi sob o pêso do trabalho. Tem-se-me alterado a saúde e comprometido a vida.

¿Mas quem eram, a-final, os invejosos que pretendiam obstruir-lhe o caminho? ¡Sabe-se lá!... Os seus nomes esqueceram. Dêles, não resta a minha lembrança. Ficaram sepultos na própria sombra, como sucede aos que se alcandoram em posições, para que não têm competência.

Como homem e como missionário, o nosso homenageado marcou, brilhantemente, a sua posição no campo espirita. Foi sábio, filósofo, educador e apóstolo. Foi o obreiro máximo do Espiritismo Moderno. As suas obras magistrais são verdadeiros monumentos de sabedoria que desafiam tôdas as críticas e têm servido de consôlo a milhões de indivíduos que nela encontraram o refúgio moral e espiritual que haviam buscado em vão por outras sendas.

¡Honremos o Mestre, vulgarizando-lhe a Obra e levando o seu nome às mais ignoradas regiões do Globo! — Eis a melhor homenagem que poderemos prestar a Allan Kardec.

I. D. S.

ALÉXIS CARREL

pelo Dr. António J. Freire

VINDO da América do Norte, de passagem para Espanha, esteve, há dias, em Lisboa, o Dr. Aléxis Carrel, figura marcante e prestigiosa na vanguarda da ciência contemporânea, consagrado mundialmente como um dos mais fecundos e originais innovadores nos domínios da medicina e da biologia.

O autor de *O Homem, êsse Desconhecido* merece uma homenagem de grata admiração por parte daquêles que se interessam pelo estudo e propaganda do neo-espiritualismo. Nessa obra sensacional, publicada recentemente, tendo conquistado um sucesso mundial, traduzida em vários idiomas, incluindo o português, Carrel alia à sua valiosa mentalidade a nobre coragem de proclamar, com a autoridade do seu nome de sábio consagrado, a veracidade de alguns fenómenos supranormais, rompendo, assim, o círculo de ferro do misoneísmo unversitário.

O Homem, êsse Desconhecido está profundamente penetrado duma vibrante espiritualidade irredutível à arcaica ortodoxia, atitude rara nos sábios da sua categoria.

O fetichismo da matéria é ainda a nota tónica, predominando nos cenáculos académicos e nos sinédrios universitários. O paroxismo deslumbrante e superficial das aparências efémeras e transitórias *da forma* ofusca aos nossos cientistas contemporâneos a visão em profundidade do real, do eterno, do divino, contidos na essência espiritual da Vida. A dualidade irreversível Espírito-matéria é mutilada, deformada, escamoteado o Espírito, expressa pela ciência no monismo materialista, dando o primado à matéria, deificada nos últimos tempos na idólatra concepção do Éter-deus. E, no entanto, só o Espírito é movimento, é vida, é luz, reflectindo-se na vontade, na inteligência, no sentimento, na emoção estética, na imaginação criadora, nas mais nobres atitudes morais, de que a alma humana é o divino foco gerador e irradiante. A matéria é a ganga, a sombra do Espírito, a ilusão máxima dos nossos paupérrimos sentidos corporais, escravizados às contigências terrenas no nosso temporário exílio planetário, limitados às falsas concepções do tempo e do espaço, frágeis coordenadas onde assenta e se desdobra a ciência dos nossos dias.

O neo-espiritualismo proclama e demonstra, pela observação e pela experiência, a independência e soberania do Espírito, através da rica e multiforme fenomenologia supranormal do metapsiquismo, derivada do exercício das faculdades latentes da alma humana, logo que se libera, parcial ou totalmente, do seu instrumento e veículo somático, — o corpo carnal. Os inúmeros factos obtidos pela clarividência, na sua dupla modalidade — a *telepatia* e a *telestesia* —; a *escrita directa* (pneumatografia, A. Kardec), a *voz directa* (metafonia), fenómenos registados mundialmente por observadores da mais alta categoria científica: Crookes, Russel Wallace, Bergson, Gibier e muitos outros cientistas contemporâneos, demonstram duma forma irrefutável a falência do materialismo, o triunfo decisivo do Espírito sôbre a matéria. Abstraímos já os factos complexos e perturbantes da bilocação dos encarnados em manifesto paralelismo com as materializações ectoplásmicas dos desencarnados, de que são tipos clássicos: Katie King, Estela Livermore e Nephtés.

A exteriorização e projecção do duplo humano (bilocação), tantas vezes observada nos períodos preagónicos e agónicos e imediatamente ou a distância da morte corporal, prova insofismavelmente a existência e autonomia da alma humana e a sua sobrevivência em mundos supraterrestres e espirituais. Dada a nossa situação terrestre, o Espiritismo é, em última análise, o complemento objectivo e directo do animismo. Há um manifesto paralelismo entre os fenómenos anímicos e espíritas, homólogos na sua natureza, mecanismo e finalidade, em conseqüência de uns e outros serem função das potencialidades inerentes à alma humana. E, assim, tanto pelo método anímico, como pelo método espírita,

idênticos no seu dinamismo transcendente, comprovar-se-á a inanidade e insubsistência do materialismo, baseado nas falsas concepções do paralelismo psico-fisiológico e respectivo associacionismo. Seria ridículo, se não fôsse absurdo, tentar dissecar a alma na glândula pineal à maneira de Descartes ou procurá-la no «corpo caloso» onde pretendia localizá-la o dr. La Peyronie, médico do rei de França. O sistema nervoso está para a alma como o piano para o pianista. As funções cerebrais são apenas estações intermediárias de recepção e expedição no plano terrestre. O nosso encéfalo é, de facto, uma máquina maravilhosa na sua extrema complexidade, complexidade directamente proporcional à evolução da alma, que dirige, coordena e comanda o seu dinamismo, através do perispírito, quer na vida vegetativa, subconsciente, quer na vida de relação consciente, quer, por vezes, no exercício das faculdades anímicas supranormais. Os métodos ligados aos antigos filósofos do racionalismo, da especulação metafísica, da introspecção a-fim-de demonstrarem a existência e sobrevivência da alma humana são substituidos dentro do Espiritismo pelo método positivo, baseado na observação e na experiência, donde se conclue que o Espiritismo é, em síntese, «*a ciência da alma humana*», orientada no método positivo clássico, liberta dos processos e fantasias inerentes às filosofias e religiões tradicionais.

Admitida mesmo a sua modalidade doutrinária, o Espiritismo não poderá ser considerado uma nova religião, sejam quais forem os preceitos morais que decorram da sua estrutura científica. Determinada a sobrevivência e a finalidade humana dentro do seu complexo e variado dinamismo, o Espiritismo poderá então, *e só então*, estabelecer as bases lógicas e científicas duma Moral individual e social que marque as melhores atitudes humanas dentro do princípio evolucionista subordinado ao determinismo do Divino Plano da Criação.

Entre a vastidão incomensurável que vai do microscópio ao telescópio, limites da ciência contemporânea, existem realidades espirituais, fôrças psíquicas e cósmicas surpreendentes, reservatórios inesgotáveis de energias latentes, ultrapassando as máximas potencialidades electromagnéticas, dinamismos inteligentes e volitivos, novos mundos supraterrestres em íntima relação e solidariedade directa ou telepática com os organismos psíquicos da Humanidade que a ciência contemporânea intencionalmente procura desconhecer, opondo-lhe as barreiras do ridículo ou do silêncio. Mas *O Homem, êsse Desconhecido*, de Carrel, «o hóspede oculto», de Maeterlinck, o «dínamo-psiquismo», de Geley, o *élan* vital de Bergson, fórmulas simbólicas da mesma entidade espiritual que anima e vivifica o corpo humano, reagem sinèrgicamente contra os preconceitos e misoneísmo da ciência oficial. A alma humana, como a legendária Fénix, renascerá das próprias cinzas, sejam quais forem os autos de fé a que os sinédrios universitários e as doutas academias a condenem.

Como prémio de consolação, a ciência, dominada por uma grosseira idolatria, entronizou o éter espacial nos altares dos seus laboratórios, divinizando-o. É o «*Éter-deus*», o seu tábu, proteu admirável que brinca *às escondidas* com a ciência, não deixando captar-lhe a mínima partícula; prestidigitador consumado, esmagando os sábios preconceituosos empanturrados de ignorância; fazendo-lhes ruir os seus melhores conceitos e teorias, e só assim se compreende que a ciência tivesse deificado o éter cósmico.

Diz Alexandre von Humboldt: «*um cepticismo presunçoso que rejeita os factos sem examiná-los, é mais funesto que a credulidade que os aceita*».

Passons...

* * *

Num artigo recentemente publicado numa revista de medicina de que alguns trechos foram transcritos em «Vida Mundial», de 1 de Março, o dr. Aléxis Carrel critica a vida fútil e folgazã da mocidade contemporânea, chamando-a à reflexão, à disciplina, ao trabalho fecundo e activo, dentro da solidariedade colectiva. É, no fundo, um grito de alarme, uma advertência, um ensinamento de higiene moral.

De facto, a-pesar-de o mundo estar «a ferro e fôgo», debatendo-se numa conflagração truculenta, destrutiva e vandálica, tragédia dantesca que conturba as almas mais insensíveis, não se encontra em certos sectores da vida mundana a compostura, a piedade, que os terríveis acontecimentos que

OS FACTOS ENTRE NÓS

Interessantes curas obtidas no Grupo Espirita Paz e Caridade, de Aveiro

O nosso confrade Eduardo de Pinho das Neves enviou-nos uma carta, na qual relata interessantes fenómenos obtidos no Grupo Espirita Paz e Caridade, de Aveiro. *Estudos Psíquicos* começa, pois, a exercer a missão de porta-voz dos centros e grupos espiritas portugueses, que nestas colunas terão sempre o merecido acolhimento. Bom será que nos enviem comunicações identificadas aquêles grupos e centros, onde, porventura, se hajam obtido fenómenos dignos de ser conhecidos do grande público, visto que a luz não deve ficar debaixo do alqueire. Escusado será repetir que estamos inteiramente à disposição de todos, em benefício exclusivo da propaganda. Nem para outra coisa se fundou esta revista. Nem para outra coisa se mantém e se man terá, embora seja necessário um grande sacrifício da nossa parte.

O Grupo Paz e Caridade é composto por humildes confrades de reduzida cultura, segundo nos conta o nosso correspondente. Isso, porém, não impede que consigam mais do que outros a quem a cultura sobra. São ricos de humildade e esta circunstância vale o suficiente para merecerem do Além atenções especiais que muitos desejariam obter.

Na sessão de 20 de Janeiro de 1940, estavam presentes António de Oliveira, Idalino Felipe do Rosário, António Ferreira, Domingos Salvador, Eduardo Pinho das Neves, (médium psiográfico) e José da Silva Justiça. Feita a concentração, o Guia manda admitir aos trabalhos o filho mais velho do médium, a-fim-de ir treinando a mediunidade.

Na sessão de 16 de Fevereiro seguinte, o rapaz cai em transe e o Guia escreve:

— Ninguém se incomode. Nada haverá de mau. O Garibaldi é médium escrevente e de transe. Deve desenvolver as faculdades psicográficas e seguir as instruções que lhe forem dadas.

Garibaldi, o filho mais velho de Pinho das Neves, era sifilítico. Por duas vezes iniciou o respectivo tratamento, mas desistiu por falta de recursos.

Um dia, Pinho das Neves apelou para o seu Guia. Que lhe indicasse um medicamento barato, destinado à cura do filho. E recebeu as seguintes instruções:

—«Para a cura da sífilis, deve o teu filho tomar, de manhã, em jejum, chá de flor de laranjeira, misturado com chá de entrecasco de laranja azêda. Ao cabo de seis meses, manda o sangue à análise e verificar-se-á a cura. Podes mandar aplicar a receita a todos os doentes dêste género».

Durante êstes seis meses, Garibaldi desenvolveu as faculdades mediúnicas (a de transe muito mais do que a psicográfica), em sessões semanais no Grupo e bi-semanais em casa. Ao mesmo tempo emmagrecia extremamente, em virtude da medicação indicada pelo Espírito.

Em sessão particular de 18 de Setembro do mesmo ano, recebeu-se a seguinte comunicação, assinada pelo Guia:

«*O Grupo Paz e Caridade vai muito bem. Dentro de pouco tempo, lá se dará qualquer coisa de novidade*».

No dia 23. o Guia-Instrutor anuncia que um espírito se vai comunicar. O médium de transe é fortemente actuado. Apoia-se nos bordos da mesa, escorrega para o chão, faz cabeceira dos pés do médium psicográfico e parece estar adormecido. Pouco depois, afasta-se para a esquerda, arregaça as mangas do casaco e da camisa, faz gestos de lavar as mãos e de dar um golpe junto do estômago. Pelos movimentos característicos que executa, dá a impressão de estar a sofrer uma operação cirúrgica, servindo, ao mesmo tempo, de aparêlho ao operador.

O Guia escreve:

«Não tenhas dúvida. Estão a curá-lo dos seus sofrimentos».

---

nos circundam impõem aos sentimentos equilibrados e humanitários.

Diz o glorioso biologista, prémio Nobel e director do Instituto Rockefeller: «Cada qual procura fazer da própria existência uma espécie de fim-de-semana, uma festa ininterrupta, de segunda-feira a sábado. Procura-se encontrar o máximo prazer com o mínimo de esfôrço. A bela vida, para a maior parte dos adultos, é um ciclo de gozos, de cinema, de «rádio», de excursões, de excessos de tôda a ordem. Ora esta maneira indolente e fútil de levar a vida, totalmente indisciplinada, mina o nosso vigor e põe em perigo a nossa raça».

O dr. Carrel enaltece depois a vida disciplinada e remata dêste modo: «É aplicando constantemente as regras da disciplina consciente no cumprimento de todos os deveres, ainda os mais custosos, ou na luta contra os hábitos de preguiça, que o homem atinge a alta tensão do seu poder, que é a do seu querer. O homem que, diáriamente, se treina em pequenos exercícios de vontade, que sabe ser sistemàticamente ascético ou heróico nas pequenas coisas, encontrar-se-á preparado, como que robustecido por sólidos contrafortes interiores, quando o vento da adversidade o fustigar; sentirá a alegria da chama divina a entrar nêle, a penetrá-lo, a abrir horizontes novos»...

Garibaldi adormece outra vez. Ao cabo de seis ou sete minutos, levanta-se, senta-se na cadeira e conserva-se dormente.

O Guia volta a escrever:

«Não duvides. É a cura que se está a realizar».

O médium faz menção de vomitar clorofórmio e desperta.

«— Foi a surprêsa prometida — diz o Guia —. O Garibaldi tinha sintomas de tumor canceroso e foi operado pelo espírito A. J. A., assistido por E. F. P. e A. C. A. A esta cura muitas outras seguirão». (Estas iniciais correspondem a três médicos conhecidos em Aveiro e noutros pontos do país. Um dêles desempenhou um altíssimo papel na política republicana).

Realmente, a surprêsa foi grande. Mas também foi grande a incerteza, visto não haver sido consultada a medicina terrena para o caso da sífilis e Garibaldi julgar sempre que as dores sofridas eram provenientes dos alimentos que ingeria. E como do Além diziam que o emmagrecimento era efeito do medicamento...

Em 25 de Setembro, numa sessão particular, o espírito A. J. A. faz escrever:

«Estamos aqui para atestar o que fizemos. Operámos Garibaldi Ferreira Neves de tumor canceroso no estômago. A cura da sífilis está feita. O seu rosto deixará de ser macilento. Pode alimentar-se à vontade, excepto de comidas reimosas».

A-pesar dos espíritos assistentes «confirmarem», a incerteza continuava, até que na sessão do Grupo, de 25 de Setembro, Garibaldi cai em transe e estende-se em cima da mesa. Apalpa-se, em modos de auscultação. Leva as mãos ao nariz e faz maçagens.

O espírito A. J. A. faz escrever:

«O irmão Garibaldi está de perfeita saúde. Fizemos-lhe hoje uma pequena operação aos canais respiratórios, que se encontravam obstruídos desde a nascença e que lhe impediam a respiração nasal. Louvamos a Deus e damos por terminada a cura».

Era a verdade nua e crua. Garibaldi nunca respirara pelo nariz. Estava sempre com a bôca aberta. Agora está bom. Tem a bôca fechada o tempo que quere e assopra pelo nariz, a ponto de apagar um candeeiro de petróleo.

¿Como duvidar, agora, da operação do tumor canceroso, se o Garibaldi já não tem dores de estômago e apresenta o rosto de côr mais rosada? Só falta provar a cura da sífilis. Êle, porém, encontra-se tão bem, que não pensa em mandar o sangue à análise.

Por hoje, vamos ao último fenómeno.

Sessão de 7 de Outubro. Garibaldi cai em transe. A seguir, levanta-se e passeia. Parece um médico no consultório. Eduardo Pinho das Neves é conduzido para cima da mesa e julga estar submetido a uma operação. Após alguns minutos fazem-no levantar e escrever:

«O irmão Eduardo acaba de ser operado da hérnia. O ardor que sente é sinal da cura».

Sessão de 11 de Outubro. Idêntico trabalho e novamente escreve:

«O irmão Eduardo está curado. Pode desligar-se, que não lhe fará diferença alguma. Auscultei-o. Está muito são».

Há cinco anos que Pinho das Neves sofria duma hérnia. Não dava dois passos, sem auxílio da funda Agora, está de perfeita saúde.

E o nosso correspondente conclue:

«¿E não havemos de estar convencidos de que meu filho sofria de tumor canceroso e ficou curado, com a operação a que foi submetido? Creio ter feito muito bem em dizer na minha carta de Dezembro:

«O grupo Espirita Paz e Caridade, pelo porta-voz que lhe é oferecido, há de fazer sentir, ao generoso povo da nossa terra portuguesa, a protecção dispensada aos humildes, quando êles se esforçam por conservar a moral pura».

Aparição no momento da morte

São freqüentes as aparições de espíritos, no momento da morte. Ernesto Bozzano escreveu grande monografia, em que apresenta muitos casos interessantes e Flammarion coligiu centenas dêles, no livro «O Desconhecido e os Problemas Psíquicos».

O fenómeno que vamos narrar foi-nos enviado por V. C., funcionário dos Correios e Telégrafos de Lisboa e a autenticidade da assinatura é confirmada pelo nosso colaborador Manuel Tavares Grêlo.

Segue o relato, no seu extremo laconismo:

Em Abril de 1938, minha mulher estava sentada na cosinha, a costurar, quando viu sua tia, com hábito de freira, postada a meio da casa de jantar, que fica em frente da cosinha, separada apenas por uma porta que geralmente se encontra aberta.

Deu-se êste facto cêrca das catorze horas.

Minha mulher não se assustou, por ser de dia e estar uma luminosa claridade.

Três dias depois, recebemos a notícia do falecimento da tia referida, que se dera no dia em que foi vista a sua imagem.

O trespasse teve lugar de madrugada e a aparição deu-se, como disse, cêrca das catorze horas.

Outro pormenor a assinalar é a circunstância de minha tia ter sido enterrada com o hábito de freira, acima citado.

V. C.

Inteligência dos irracionais

«Nos irracionais desenvolvem-se igualmente as faculdades intelectuais».

«De milénios remotos, viemos todos nós, em pesados avatares».

Do livro «Emmanuel»

É um facto extremamente simples o que vou contar.

No dia 27 de Janeiro de 1941 desencarnou em Beja, na Rua do Pelame, onde sempre viveu, um rapaz de 11 anos chamado Avelino Velhinho Malveiro.

Vivia junto dêle um vizinho, chamado Bernardo, que é caçador e há anos mudou de residência para a Rua Tenente Valadim, transversal àquela onde morava, sendo a nova habitação distante uns 70 metros aproximadamente da anterior.

O vizinho Bernardo, como caçador, possuía cães e nasceu um cachorro preto a que denominaram Fiel. Brincava o Avelino, sempre que podia e era o dia quási todo, com o Fiel. A amizade entre a criança e o cão era enorme. O Fiel percebia tudo quanto o Avelino desejava.

A casa onde o Bernardo vivia foi vendida e, por êsse motivo, procurou outra residência ali perto.

Fêz-se a mudança. O Fiel procura a casa onde nas-

Ecos da imprensa espirita

O Revelador — Inteiramente remodelado e sob a direcção do conhecido propagandista Odilon Negrão, surgiu, novamente, *O Revelador*, órgão do Departamento de Propaganda da União Federativa Paulista, que tem a seu cargo a manutenção da emissora espirita Rádio Piratininga-PRH3, de 20 quilovátios na antena e que trabalha na freqüência de 620 quilociclos (483,9 metros de comprimento de onda). Esta poderosa estação radiodifusora foi inaugurada oficialmente em 30 de Março de 1940, todos os dias irradiando para o Brasil e grande parte da América as verdades fundamentais do Espiritismo.

O Revelador apresenta-se magnìficamente rejuvenescido e promete ser «repositório da variedade infinita das manifestações espiritas, constituindo-se, só por isso, em fôrça e vontade, a serviço do Bem, dentro da sociedade em que vivemos». Como programa de trabalho, adoptou a divisa de Kardec: «Trabalho, Solidariedade e Tolerância».

Saüdamos o campião que reaparece, pujante de seiva criadora, e fazemos votos para que a Campanha de Rádio Piratininga *pró-milhão de sócios* seja coroada de êxito.

❖

A Reincarnação — Com o número de Outubro último, entrou *A Reincarnação* no sétimo ano de existência, ao serviço da Causa, sob os auspícios da Federação Espirita do Rio Grande do Sul, de que é órgão oficial. Êste número insere valiosa colaboração de homenagem ao Mestre Allan Kardec, o imortal codificador do Espiritismo moderno. ¡Que *A Reincarnação* prossiga na sua rota e amplie cada vez mais o âmbito da tarefa!

❖

Alvorada duma Nova Era — Outro aniversário que nos é querido. Órgão da Sinagoga Espirita Nova Jerusalém e Cozinha dos Pobres, de S. Paulo, até há pouco redigido pelo grande benemérito António J. Trindade, aparece agora sob a direcção de Pedro Fernandes Alonso, seu antigo secretário. *Alvorada* promete voltar a sair «a tempo e horas» e esta notícia auspiciosa deve alegrar, certamente, os seus numerosos leitores. Se tal conseguir, ficará sendo um dos melhores instrumentos de propaganda, atento o seu carácter quinzenal e constituir um belo arquivo de 24 páginas a duas colunas, que se lê sempre com o maior agrado. Mil venturas a *Alvorada duma Nova Era*.

❖

Revista Espirita do Brasil — Mais um ano passou sôbre tão interessante publicação, dirigida por Deolindo Amorim, que tanto se notabilizou no último congresso de jornalistas espiritas brasileiros. É sempre com grande prazer que lemos esta revista, desde o tempo em que era dirigida pelo nosso amigo Dr. Henrique Andrade, razão por que não podemos deixar de lhe enviar o nosso abraço fraternal, incitando o seu director a continuar a luta há treze anos iniciada. Só com «Trabalho, Solidariedade e Tolerância», pode-

---

ceu e viveu anos aguardando que a porta se abrisse para procurar os donos e, nesta situação, a cena interessante inicia-se:

O Avelino diz-lhe: «Vai-te embora, Fiel, que o teu dono já não mora aí». Passadas horas, quando o cão procura novamente a casa: «Vai-te embora; Fiel, tu já não moras aí» e são períodos como estes, ditos algumas vezes e sempre obedecidos da mesma forma.

O Fiel, ao ouvir qualquer destas recomendações, deixa imediatamente a porta, encolhido, rabo entre as pernas, como estes animais fazem quando fogem com mêdo ou recebem intimações ou admoestações dos donos, olhando — com amizade — para o Avelino e dirigindo-se muito vagarosamente para a nova residência.

Êste facto realiza-se algumas vezes nesse dia e é observado por quási todos os vizinhos.

Nos dias seguintes o cão procurava o Avelino e não mais se chegou para a porta da residência onde nasceu e onde viveu.

Mostra bem a inteligência e a compreensão do animal.

Agora que o Avelino está no Espaço, êle, que nunca fêz mal aos animais, conto a amizade, a compreensão e o entendimento existente entre o Fiel e êle. Poderemos dizer como vem no «Emmanuel»: «Estendei até êles a vossa concepção de solidariedade e o vosso coração compreenderá, mais profundamente, os grandes segredos da evolução, entendendo os maravilhosos e doces mistérios da vida».

No Espaço pode o Avelino compreender hoje bem melhor todos estes factos e esclarecer os que tentam saber alguma coisa das Verdades ocultas de que nada sabem.

Aguardaremos que Deus permita que o Avelino nos possa dar lições sôbre a evolução dos irracionais, que êle tratou com tanto carinho e recebeu com tanta amizade.

J. C. M.

remos edificar em nós o *homem novo*, que servirá de base à remodelação social que almejamos. *¡Sursum corda*, amigo distante, mas sempre presente na lembrança doutro amigo!

❖

Jornal Espirita — Êste belo órgão riograndense, dirigido pelo incansável trabalhador Paulo Hecker, comemorou também um novo aniversário, manifestando a sua fé no futuro da Causa, que está concitando a atenção do grande público.

Como grande número de leitores desejariam que *Jornal Espirita* passasse a formato de revista, o seu director aguarda que a maioria se pronuncie nesse sentido. Nós somos velhos leitores dêste interessante jornal e já há muito que apresentámos êste alvitre ao nosso amigo Paulo Hecker, em virtude dos assuntos que ventila serem dignos de arquivo, onde os possamos fàcilmente compulsar.

A crise do papel e das matérias primas obrigou *Jornal Espirita* a aumentar o preço da assinatura. Oxalá êle saia triunfante de mais esta fase da luta em que há tantos anos anda empenhado.

❖

Reformador — Velho órgão incessantemente rejuvenescido, o *Reformador* entrou no 59.° ano de existência, sempre ao serviço do Espiritismo Evangélico, que tão estranhos milagres tem feito no Brasil distante, mas sempre presente na nossa alma de amigos sinceros e verdadeiros. Dirigido pela figura austera de Guillon Ribeiro, Presidente da Direcção da Federação Espirita Brasileira, e secretariado pelo nosso redactor-correspondente Dr. Carlos Imbassahy, apresenta-se com escolhida colaboração, mantendo as tradições antigas, do tempo em que ali trabalhava o Dr. Bezerra de Meneses, o velho *Max*, que tantas lutas manteve, na imprensa profana, com os adversários da Doutrina Espirita.

O *Reformador* é sempre lido com agrado e veneração por todos aquêles que se habituaram a seguir a obra que a *Casa de Ismael* está fazendo, sem um momento de fadiga, sem um instante de repouso.

Neste órgão amigo, saüdamos tôda a imprensa espirita brasileira, que tem feito incontestáveis sacrifícios para se manter na trincheira que fará ruír para sempre o pernicioso e antinatural materialismo.

❖

Boletim de la Agrupacion Estudiosa «Camilo Flammarion», de Buenos Aires, insere um artigo do nosso redactor-correspondente Dr. Luiz M. di Cristóforo, intitulado «Plataforma e Programa», de que extraímos os seguintes parágrafos:

«A significação espiritualista que se vai esboçando no mundo em desordem, tem um conteúdo e uma conseqüência: já não interessa saber se é verdade ou fantasia a concepção imortalista do homem. Ela está exuberantemente demonstrada e a própria ciência reconhece a demonstração, pela bôca de seus mais autorizados luminares. Ao doutrinarismo pagão sucede uma angústia que se resolve em ansiosa pregunta; e vencendo os sectarismos escolásticos, de tendências mais ou menos declaradas; desmascarando a impostura que, em dado momento, apareceu entre os homens, a Doutrina Espirita permanece como alta reserva na reconstrução do panorama humano».

«Em oposição ao despotismo, a Doutrina Espirita eleva o conceito de liberdade dentro da ordem, a acção transformada em método, a justiça hierarquizada a nível de culto e beleza subtilizada aos superiores limites do sentimento fervoroso. Frente ao neo-paganismo do materialismo económico que desemboca num Basil Zaharoff, nome que cem povos repudiam, a Doutrina Espirita demonstra a dialética construtiva dum Allan Kardec, nome que cem povos apregoam».

PROMETE A TI MESMO

Sê tão forte, que nada possa perturbar a paz da tua mente. Fala sempre de coisas sãs e prósperas que possam ajudar aos demais.

Dá aos teus amigos uma sensação de que valem muito.

Em tôdas as ocasiões vê o lado belo e bom das coisas e procura converter êste optimismo em realidade.

Pensa sempre em coisas boas e perfeitas, age em conseqüência delas e espera confiado o melhor fruto.

Trata de sentir o mais vivo entusiasmo pelo êxito dos outros como se fôsse teu próprio. Esquece os erros do passado e prepara-te para maiores conquistas no futuro. Mantém um temperamento alegre, jovial, e dispensa sempre um sorriso às pessoas com quem trates. Dedica todo o tempo em melhorar a ti próprio, e jámais em criticar os outros. Sê demasiado grande para que não fraquejes, demasiado nobre para que não sintas cólera, demasiado forte para não sentires temor e demasiado feliz para não teres contrariedades. Forma um elevado conceito de ti mesmo e proclama-o, não com palavras, mas com acções. Tem a firme convicção de que o mundo está contigo, emquanto fores fiel ao melhor que há em ti. Pensa cuidadosamente antes de falar, para que sejas sempre verdadeiro, bom e útil. Se não tens qualidades, é melhor conservares-te calado.

Prometheus

VELHOS PALADINOS

No dia 30 de Abril de 1938, regressou à pátria espiritual a Dr.ª Amélia Cardia, que tantos serviços prestou à Causa Espírita. Há, portanto, dois anos que o seu espírito elegante abandonou as pugnas terrenas, onde se afirmara exuberantemente.

A Dr.ª Amélia Cardia foi a primeira mulher portuguesa que freqüentou a Escola Médica de Lisboa, sendo, depois, nomeada interna dos hospitais e distinguida com honrosas e merecidas referências.

Em 1891 defendeu a tese «Febre histérica», após o que visitou os melhores hospitais estrangeiros, a-fim-de estudar os progressos da enfermagem e montar uma casa de saúde. No regresso, estabeleceu consultório na Praça Luiz de Camões, em Lisboa, cuja clientela era composta, na maioria, por gente pobre.

DR.ª AMÉLIA CARDIA

Tempos depois, ai por 1908, organizou os Serviços de Saúde no Bairro da Estrêla, que foram freqüentados pelos melhores cirurgiões da época.

Em 1916, abandonou a clínica e começou a escrever interessantes romances psicológicos, na sua Quinta de Camarate, bem como alguns dramas, característicos da sua fina observação e esclarecida inteligência. Dos romances, lembram-nos «Pecadora», Alforria», «Remorso», «Episódios da guerra», «Visionário», etc.

Em 1928, assumiu a direcção do Mensageiro Espirita, fundado nessa altura pela Federação Espirita Portuguesa. Ali desenvolveu extraordinária actividade, demonstrando quanto pode a vontade ao serviço duma causa justa. Os seus artigos eram vasados em puro vernáculo e deixavam transparecer uma têmpera de aço, capaz de enfrentar os maiores obstáculos e sustentar os mais ardorosos combates literários. Assim o demonstrou quando o jornal A Voz atacou o Espiritismo, apodando-o de fábrica de loucos. A Dr.ª Amélia Cardia tomou o passo ao crítico de má fé, mas êste fugiu desairosamente à controvérsia.

Um dos seus melhores livros é «Na Atmosfera da Terra», editado pela F. E. P. e baseado numa série de comunicações mediúnicas, recebidas por um indivíduo de reconhecida integridade de carácter.

Honremos a memória da Dr.ª Amélia Cardia, que tão alto soube erguer a bandeira da nossa Causa, sacrificando-se abertamente para que o Espiritismo se impusesse em todos os sectores da vida nacional.

A' 10, Março/Abril/41

O MUNDO DOS FLUIDOS

por Manuel Tavares

VIVEMOS cercados por inúmeras vibrações luminosas, caloríficas, sonoras, eléctricas e psíquicas; todavia, não as podemos sentir em tôda a sua plenitude, porque os nossos limitados sentidos não alcançam a gama completa dessas vibrações. Se tentarmos ultrapassar os limites máximo e mínimo que a Natureza nos traçou, dentro do campo infinito dessas vibrações, sentiremos as dolorosas conseqüências da nossa curiosidade ou do nosso arrojado atrevimento.

¿Quantos homens de ciência têm pago com a vida a ânsia dominadora do «mais além» e se dão em holocausto à humanidade por uma felicidade maior?

Para o nosso estado evolutivo — tanto físico como moral — a Natureza traçou barreiras inexpugnáveis e, se nos faz alguma vez a graça de remover os seus marcos fronteiriços, fá-lo com tanta parcimónia, quanto o estudo evolutivo geral da humanidade o permite, porque a Natureza não dá saltos.

Assim, um excesso de luz pode cegar-nos e a falta de luz priva-nos do sentido da vista, excepto quando a ausência dos raios luminosos se prolongar por muitos dias; um excesso de calor sufoca e produz a morte e um excesso de frio mergulha-nos num sono do qual só acordamos no Além; um som demasiado forte pode ensurdecer-nos e um som demasiado fraco passa despercebido; um choque eléctrico de alguns volts fulmina; um excesso de ondas psíquicas pode provocar-nos alteração no sistema nervoso, obliterar-nos até a vontade e, em certos casos, causar a morte.

Contudo, àquém e além dêsses limites ¡que extensa gama de vibrações existe ainda!

* * *

Tudo no Universo é vibração. Tudo quanto existe — mais ou menos compacto, mais ou menos fluídico — vibra com maior ou menor intensidade, O nosso corpo físico mantém-se em actividade, devido a uma série inumerável de vibrações de vária ordem comandadas pelo perispírito — corpo etéreo, corpo astral, duplo ou como quer que lhe chamem — repositório misterioso de fôrças ainda ignoradas, e ambos agem de harmonia com a vontade emanada da alma, mas só na parte que diz respeito à tradução do pensamento em movimento, porque na que diz respeito ao mecanismo da respiração, da digestão, da circulação do sangue e do funcionamento dos vários órgãos e glândulas — mecanismo em que a volição não intervém e que se realiza numa perfeita independência da alma, sendo os vários órgãos dependentes entre si — êsse, realiza-se, em virtude de qualidades inactas adquridas durante milhões de séculos de contínua evolução, desde o mineral até ao homem.

Todos êsses fenómenos são produto de vibrações mais ou menos intensas, como já dissemos. Onde quer que se reúnam dois ou mais electrões, existe vibração e existe matéria. Esta é mais ou menos rarefeita segundo a distância a que, entre si, se encontrarem os electrões. No estado sólido, a sua aproximação é tão grande, que a matéria se torna pesada e, na aparência, impenetrável. Dizemos — na aparência — porque, a-final, ela pode ser fàcilmente atravessada, não só pelos raios X ou ultra-violetas, como também pela vidência psíquica e pelos fluidos magnéticos humanos. Êste facto, só por si, destrói a concepção de matéria, se, porventura, não bastasse a sua transformação em estado líquido, gasoso ou fluídico. Do primeiro ao último dos estados da matéria, a coesão dos electrões e dos átomos vai deminuindo, ao ponto da matéria de que o corpo era constituído se tornar imponderável e invisível. Por êsse facto, não se pode, contudo, deduzir que a matéria tenha desaparecido e entrado no Nada. Ela continua a existir e, tanto assim, que podemos, por meio de um processo inverso, fazer o retôrno da matéria, do estado gasoso ao estado sólido.

A matéria de que o nosso corpo é constituído não desaparece, portanto, depois do fenómeno a que chamamos morte, tão certo

é que na Natureza nada se cria, nada se perde, tudo se transforma. Ela sofre apenas uma transformação para ir alimentar outros corpos. Ora, se a matéria continua a existir, ¿como seria possível deixar de existir o nosso ser pensante, que dirige a matéria e no qual se albergam todos os sentimentos bons ou maus, a inteligência, a memória, que são a nosso individualidade, o nosso *Eu?* ¿Que importa não encontrar a medicina, num cadáver, ao escalpelá-lo, êsse ser pensante, se ela própria não conseguiu ainda insuflar vida ao átomo, ao reünir alguns electrões? ¿Que importa não nos poder a ciência oficial explicar êsse enigma da alma, senão com razões confusas, dizendo-nos que o pensamento é uma secreção do cérebro — como se a matéria bruta tivesse a propriedade de pensar e raciocinar — se ela desconhece ainda a essência íntima da electricidade, do calor e de muitos fenómenos químicos? Seria arrojado dizer-se que o homem atingiu o apogeu da ciência e que nada mais lhe resta aprender.

Sabemos, aproximadamente, o que se passa no mundo da matéria, mas ignoramos duma maneira geral o que se passa no mundo dos fluidos, quando, a-final, é neste último que reside o potencial das fôrças que regem o Universo, que conservam, em suspensão, no infinito, essas massas formidáveis de matéria, obedecendo a um fim sábio e determinado que escapa à nossa fraca inteligência de criaturas finitas.

E como a ciência académica afirma hoje o que ontem negou, não nos admira que ela negue hoje os fenómenos psíquicos, para àmanhã os confirmar. Por emquanto, êles estão ainda fora do âmbito das academias — eivadas, como estão, pela ciência materialista. Todavia, já bastantes homens de ciência, ao tratarem de estudar êsses fenómenos estranhos que destróem muitas concepções científicas, se sentiram de tal maneira atraídos pelos novos horizontes que o mundo dos fluidos lhes fêz antever, que abraçaram entusiasticamente o Espiritismo e o defedem *à outrance*, fazendo afirmações que não só os honram pela sua sinceridade, como também confirmam a continuação da existência da alma, depois da morte fulminar o corpo físico, como um raio fulmina um velho cêdro.

William Crookes, o célebre físico e químico inglês, inventor do fotómetro de polarização e do miscrospectroscópio, dos raios catódicos e do estado radiante da matéria, foi um dêles. Crookes não só conseguiu provar a imortalidade da alma, como também conseguiu provar a possibilidade de comunicação dos mortos com os vivos, obtendo materializações de espíritos, das quais a mais importante foi a de Katie King, que durante três anos o auxiliou nas suas pesquisas, feitas com o mais rigoroso método científico.

Três anos de convívio com um espírito materializado, não são os três minutos que os materialistas gastam em negar os fenómenos que Crookes disse *serem, não só possíveis, como reais.*

Razão tinha Gustavo Le Bon para dizer que as experiências, na aparência mais convincentes, nunca constituiram elemento imediato de demonstração, quando elas viessem ferir ideas há muito tempo admitidas!

A DOUTRINA ESPIRITA

Todo o mundo fala de Espiritismo; a verdade, porém, é que, àparte pequeno número de iniciados e os poucos sábios e filósofos que se dedicaram ao seu estudo, o vulgo mantêm completa ignorância acêrca dêste ramo de ciência, que tão apaixonado interêsse desperta.

Emquanto alguns vêem nêle apenas uma religião nova, outros encontram-se ainda na lamentável fase dos primórdios da nova ciência, nas explicações por assim dizer infantis dos balbuceios do Espiritismo: alucinações, fenómenos inconscientes, ranger de tendões, fraudes e mistificações, etc., etc.

Para a grande maioria das pessoas, o Espiritismo reduz-se a práticas bizarras de infelizes ou alucinados que acreditam de boa-fé na comunicação com parentes mortos ou na visita de grandes nomes desaparecidos dêste mundo... Contudo, quando se estuda, pela primeira vez, o Espiritismo, experimenta-se uma verdadeira estupefacção, porque se vê, então, que os fenómenos espiritas, ou assim chamados, se reduzem a determinados tipos principais, de caracteres fixos e de grande precisão; que estes tipos de fenómenos estão sòlidamente estabelecidos e provados pelo testemunho inegável de milhares e milhares de investigadores; que têm sido escrupulosamente observados e comprovados, com todo o rigor dos métodos experimentais, por ilustres sábios de todos os países; e, finalmente, que a sua negação, pura e simples, equivale, presentemente, à confissão de ignorância.

Dr. Gustave Geley

Notas & Comentários

¡Sursum corda!

É sempre agradável ouvir palavras animadoras, quando se empunha um facho e se convida alguém a comungar numa doutrina. Então, as energias quebrantadas adquirem novo potencial e as almas entram em fases de evolução indescritíveis.

Acabámos de experimentar o fenómeno, calejados como estamos nesta luta permanente e cheia de escolhos, onde os alçapões surgem inopinadamente, dispostos a tragar o humilde cavouqueiro que só pensa em alicerçar o edifício, contra as possíveis inclemências do vendaval.

Essas vozes amigas provam, exuberantemente, a utilidade da acção que temos desenvolvido e continuaremos a desenvolver, sejam quais forem os obstáculos que tivermos de enfrentar. Nem para outra coisa fomos postos a esta dura prova. Nem para outra coisa oferecêmos a nossa palavra e a nossa pena. Servos dum Ideal que engrandece e dignifica, a êle dedicamos todo o entusiasmo da nossa vida e o esfôrço que podemos exercer.

Bem sabemos que somos humanos, portanto vulneráveis e falíveis, sobretudo quando a obra excede em muito as fracas possibilidades dos combatentes. Mas nem por êsse motivo desanimaremos um só instante, esquecendo o baluarte confiado à nossa guarda e que tanto custou a erguer de novo.

Sosseguem, pois, aquêles que temem o futuro do Centro e da revista. A acção de um completa a acção do outro. São duas trincheiras da Causa que não se renderão fàcilmente, nem a solicitações insidiosas, nem a ataques declarados, venham donde vierem.

O Centro será tabernáculo de paz, onde todos poderão trabalhar tranqüilamente. Estudos Psíquicos *será a revista que idealizámos ou deixará de existir. Será suficientemente livre para ser útil e suficientemente elevada para ser nobre. E quando não puder cumprir a sua tarefa, morrerá como nasceu, isto é, pobre de pecúnia, mas rica de ideal. Ao menos, terá sido coerente com os seus princípios e terá esboçado uma directriz que não envergonha a Causa, de que é modesta pregoeira.*

Situação difícil

Após dois meses de interrupção forçada, reapareceu o esplêndido semanário carioca Mundo Espirita, *timonado pelo nosso consócio e amigo Dr. Henrique Andrade, jornalista de pulso firme, a quem a Causa deve os mais assinalados serviços.*

Se grande foi o nosso regosijo pelo acontecimento, não foi menor a nossa mágoa por vermos o belo arauto registado no Departamento de Imprensa como «folheto de propaganda religiosa», o que implica a proïbição pura e simples de inserir anúncios nas suas páginas, receita esta que lhe permitia enfrentar as enormes despesas, inerentes a um semanário de grande formato e destinado a tôda a classe de leitores.

Vê-se, pois, que Mundo Espirita *vive horas amargas, que se reflectem no movimento espirita brasileiro, de que é um dos mais esforçados, senão o mais esforçado paladino.*

Felizmente, o simpático hebdomadário não está abandonado, pois bastou um sinal de alarme, para que à sua redacção acorressem numerosos confrades, a levar, não só a solidariedade pessoal, como a cooperação financeira, indispensável ao prosseguimento da luta, tão nobremente iniciada há nove anos.

Êsse gesto muito nos confortou — escreve o director de *Mundo Espirita* —. A nossa redacção viveu uma semana agitada, fremente de entusiasmo, cheia de novas esperanças para todos. E aos que nos vieram visitar encarecemos a necessidade de se fazer sentir a todos os nossos irmãos em crença que mais do que nunca precisamos de cerrar fileiras para a defesa da doutrina que prègamos, única capaz de suster a derrocada da humanidade, que se projecta nos pavorosos abismos por ela cavados para saciar a sua desmedida ambição, satisfazer o seu incontido orgulho e alimentar a sua insatisfeita vaidade.

Mundo Espirita *marcou lugar inconfundível na imprensa espirita brasileira. Era tão grande a sua popularidade, que muitos centros e agremiações o solicitavam para seu órgão.*

E Henrique Andrade a todos acolhia, em atitude fraternal, no desejo ardente de expandir a Idea Espirita, de levar a tôda a parte a luz que é necessário agitar do cimo dos telhados e do alto das montanhas. para que a humanidade beneficie do seu influxo consolador e regenerador.

Estamos certos de que a situação criada a êste jornal será neutralizada pela dedicação de todos os que desejam a Doutrina ennobrecida e prestigiada, E assim parece, como se lê no seguinte passo dum artigo da sua edição de 8 de Março:

A-pesar das dificuldades, temos sido compreendidos, o nosso esfôrço não tem sido infrutífero. Aqui estamos, novamente, para servir a doutrina espirita. Da solidariedade, da conjunção de vontades, depende o destino de *Mundo Espirita*, nesta fase que acaba de ser inaugurada sob o imperativo das circunstâncias que determinaram o interregno já notòriamente sabido de dois meses. A imprensa espirita, por não ter finalidade material, não se pode adstringir a círculos pessoais. Tudo quanto fizermos é para a doutrina. O jornal, portanto, é da Causa que defendemos e esposámos. Assim, também, o seu futuro está confiado à Causa, cuja propaganda exige de cada um, indistintamente, uma parcela de cooperação, seja por sentimento de solidariedade e simpatia, seja por dever de consciência.

Assim pensámos sempre, meu querido Henrique Andrade. Por isso, Estudos Psíquicos *compreende, perfei-*

tamente, a situação do seu valoroso jornal e faz os mais ardentes votos para que êle saia incólume da borrasca que o ameaçou. Os nossos confrades brasileiros saberão impedir o desaparecimento do primeiro jornal espirita verdadeiramente popular, que a sua inteligência e tenacidade souberam lançar em terras de Santa Cruz. E os irmãos portugueses saberão que o Espiritismo continua a ser propagado e defendido além-Atlântico por um lutador que não se rende, porque a seiva vivificante lhe vem dos próprios leitores que o elegeram entre muitos órgãos de boa e ncessária propaganda.

Referências amigas

A Revista Espirita do Brasil, *de Março último, dedica a sua «Crónica Internacional» ao movimento espirita português, fazendo merecida justiça às intenções dos que o orientam e augurando-lhe um futuro prometedor.*

Depois, aprecia a nossa imprensa espirita e tem para Estudos Psíquicos *as seguintes amáveis palavras:*

A imprensa espirita de Portugal, a-pesar da premência causada pela guerra, continua eficiente, facto que define o ardor dos confrades lusos. Dentre as suas publicações mais importantes, salienta-se *Estudos Psíquicos,* que pode ser considerada, sem favor, uma das melhores revistas espiritas do mundo, presentemente. Já nos referimos, certa vez, a esta notável publicação, louvando-lhe, não só o esmero, como a elevação intelectual. Nomes marcantes no pensamento espirita português colaboram em *Estudos Psíquicos.*

Pela parte que nos toca, agradecemos as imerecidas frases veïculadas pelo órgão da Liga Espirita do Brasil. Os conceitos emitidos obrigam-nos, porém, a maior esfôrço de aperfeiçoamento, já grangeando novos colaboradores, já introduzindo, na revista, outros melhoramentos, dentro, é claro, da modéstia a que não podemos fugir, de vez que a carência de recursos limita o âmbito da nossa vontade. Se pudéssemos aumentar-lhe o número de páginas e substituir-lhe o papel, como ardentemente desejamos, tudo fariamos para evolucionar e merecer as referências do nosso colega brasileiro.

«De-vagar se vai ao longe», — diz o rifão, e Estudos Psíquicos *tem apenas dezoito meses de existência periclitante, açoitada por dificuldades de tôda a ordem, que mal a deixam pôr pé em ramo verde...*

I. D. S.

O ESPIRITISMO

É tão grande e tão vasta a missão do Espiritismo bem comprendido, que não pode deixar de comover os corações de todos aquêles que o conhecem e sabem interpretar em tôda a sua beleza. É êle que abre os olhos aos negativistas e os deslumbra e arrasta para o espiritualismo. É êle que, numa generosidade que nada pede e tudo dá, prova a sobrevivência da alma aos incrédulos, duma maneira palpável, tão real, tão irrefutável, que só continuam a ser descrentes, conhecendo-o, aquêles a quem o seu propositado desleixo impede a investigação.

Maria O'Neill

CONFISSÃO

pelo Dr. Alfredo Mota

III

Um facto psíquicó observado por mim no Rio de Janeiro e que fêz de mim um deïsta, a-pesar-de religioso praticante em uma ordem religiosa onde exercia as minhas funções de médico interno, foi o que vou narrar.

Um amigo, dentista de profissão e presidente dum centro espirita sito nas proximidades da sua residência, convidou-me para assistir às suas reüniões, que eram às 21 horas não sei já de que dias da semana. Logo na primeira vez que compareci êle caíu em transe e falou desta maneira:

— Vejo um navio cargueiró que está a afundar-se perto do porto de Santos. Bateu nuns rochedos, fêz um grande rombo e ei-lo que se submerge pouco a pouco.

Já não sei se ouviu qualquer alaridó, mas o primeiro jornal do dia seguinte que me veio às mãos trazia em tipo gôrdo a breve história dêsse sinistro que condizia com a informação do vidente da sessão da véspera.

¿Em face disto a metapsíquica é ou não uma ciência? O facto ocorreu a muitas milhas da baía de Guanabara. A vidência portanto era muito longínqua. Todos os presentes à reünião espirita souberam do sinistro no próprio momento em que êle se deu.

¿Que mais procurava eu para não aceitar controvérsia em assuntos psíquicos?

Na posse do conhecimentó da verdade espirita nunca mais pude duvidar da existência de Deus e, de ateu que era até então, transformei-me num deista ferrenho, pelo que dou graças ao Altíssimo, a Quem peço a tôdas as horas da minha vida terrena que não me permita sair mais do caminhó da Verdade.

O catecismo neo-espiritualista é um livro de cabeceira que antes de adormecer compulso tôdas as noites...

Espinho, 4 de Abril de 1941.

BIBLIOGRAFIA

pelo Dr. Sebastião Elviro Martins

ESPÍTOLAS AOS ESPIRITAS, por *Osvaldo Melo* — Edição da Livraria da Federação Espirita Brasileira — 1940.

TRATA-SE duma obrinha de 120 páginas, psicografadas por Osvaldo Melo, destinada aos dirigentes dos centros e associações espiritas.

São 33 pequenos capítulos com as características das célebres epístolas de S. Paulo, dirigidas às várias igrejas por êle visitadas nas suas quatro acidentadas viagens de apostolização.

Nessas 33 cartas, escritas numa prosa chã e clara, nota-se a preocupação, nos dois espíritos que as ditaram, de que todos os militantes da nossa Causa devem ser coerentes, unidos, tolerantes, simples, desinteressados e sobretudo sintonizarem os actos com as palavras.

Para se atingir êsse objectivo, dizem Tiago e João — os espíritos que ditaram o opúsculo — que nada mais é preciso do que seguir o Evangelho e dêle haurir tudo o que é necessário para a boa execução dos postulados da nossa doutrina redentora. Em tôdas as páginas do livro é êsse o assunto predominante.

De facto, estas injunções paternais dos nossos amigos do Além, são imprescindíveis àqueles que têm responsabilidades directivas, para que se não esqueçam de manter a unidade e a coesão da doutrina codificada por Allan Kardec. Só assim ela poderá, com facilidade, resistir a todos os ataques demolidores dos sectores infensos.

Já o autor do «Livro dos Médiuns» dizia: «Não nos esqueçamos que o Espiritismo tem inimigos interessados em contradizê-lo e que vêem com despeito os sucessos que êle alcança».

Pois bem, para que êsses antagonistas se não aproveitem dos nossos possíveis deslises ou fraquezas, sigamos a estrada luminosa do Evangelho e fortaleçamos a nossa fé nesse manancial inesgotável de inspiração cristã.

As determinações das «Epístolas aos espiritas» devem ser bem acolhidas e seguidas, a fim de evitar que os adversários dos nossos princípios *pesquem em águas turvas...*

E, parafraseando o opúsculo em causa, afirmemos a nossa vontade de trabalharmos unidos e seremos fortes, dessa fortaleza espiritual contra a qual as trevas não prevalecerão...

GRANDEZA E MISÉRIAS DE LA MEDIUMNIDAD, por *Léon Denis* — Editorial «Vítor Hugo» — Buenos Aires.

TRATA-SE da terceira e última parte do belo livro de Léon Denis, «No Invisível», vertida em espanhol, num folheto de 80 páginas, e a que a casa editora chama, e muito bem — «*una síntesis filosófica de la mediumnidad*».

O assunto é por demais conhecido pelos nossos leitores.

Léon Denis, para demonstrar que a inspiração de tantas obras primas que enriquecem as literaturas de todo o mundo, só se pode atribuir à mediumnidade, cita os autores mais conhecidos, desde os profetas bíblicos até aos dos nossos dias. E afirma: «Assim o fenómeno da mediumnidade patenteia-se em tôdas as épocas. Tôdas as grandes obras são filhas do Além».

Parabens à Editorial «Vítor Hugo» por difundir, pela Argentina, tão belos princípios perfilhados já por milhões de adeptos em todo o mundo.

«EMMANUEL» — obra psicografada por *Francisco Cândido Xavier* — 3.ª edição da Livraria da Federação Espirita Brasileira — 1940 — 175 pág.

DEPOIS do «Há dois mil anos» e «50 anos depois», já mencionados nesta secção bibliográfica, cabe-nos agora a vez de analisar êste mimo literário, ditado pelo bondosíssimo espírito de Emmanuel, cujo título é o seu próprio nome, tão querido dos espiritas daquém e além Atlântico.

A obra consta de 36 pequenas, mas substanciosas dissertações mediúnicas, expondo magistralmente os mais difíceis e cruciantes problemas da actualidade, que pesam sôbre os ombros da geração actual.

Estes pequenos capítulos são outras tantas lições, cuja leitura nos deixa entrever, para um breve futuro, uma mudança radical em todos os sectores e actividades do nosso planeta.

Ao espírito arguto e sábio dêste nosso amigo invisível nada escapa, através da sua análise profunda e metódica.

Todos os problemas que ora preocupam os estudiosos, assim como os homens de Estado, são postos em equação com uma simplicidade admirável; e confessamos que não sabemos o que mais admirar: se a sua ciência polimórfica, se a sua habilidade na exposição clara dos assuntos, os mais díspares e controversos.

O que não resta dúvida é que as comunicações dêste luminoso espírito são apreciadíssimas por todos nós, porque têm o condão de nos fazer «*ver*» o que nos descreve e profetiza para os séculos porvindouros.

Nestas 36 dissertações há de tudo. Desde as elucidações evangélicas às críticas construtivas dos vários regimes sociais e políticos predominantes; desde a douta lição dos fluidos à renovação dos métodos de cura; em tôdas estas páginas admiráveis distinguimos o cunho inconfundível da sua prosa suave e penetrante de claridades evangélicas. Mesmo que não rubricasse os seus ditados mediúnicos, distinguir-se-ia imediatamente o autor, entre todos os outros, porque a sua personalidade literária tem um carácter especial que nos denuncia logo a marca de origem.

É essa a impressão que colhemos após a leitura

atenta de duas ou três produções literárias de Emmanuel.

* * *

Entre tantos assuntos ventilados, o que mais nos fêz meditar foi a sua assertiva de que «o futuro pertencerá ao Evangelho». E na página 113 afirma, sem temer contradição:

«A civilização está em crise, repetimos com os observadores do mundo. Pode-se apontar como uma das causas dêste estado caótico, a defecção espiritual da Igreja Católica, negando-se a cumprir as determinações divinas para disputar um lugar de dominação, no banquete dos poderes temporários do mundo». E mais adiante:

«A estabilidade da civilização ocidental, sua evolução para o socialismo de Jesus, dependiam da fidelidade da Igreja Católica aos princípios cristãos. Mas a Igreja negou-se ao cumprimento da sua grandiosa missão espiritual e o resultado têmo-lo na desesperação das almas humanas, em face dos problemas transcendentes da vida».

Êste passo é bem significativo e pleno de actualidade. Por êle se compreende quão diferente seria hoje a face moral e económica do planeta.

Se os princípios dimanados do Evangelho do Cristo houvessem sido respeitados e propagados nestes vinte séculos de civilização europeia, civilização que de cristã só tem o nome — outras teriam sido as perspectivas que os factos históricos nos patenteiam.

Porém a luta está travada, diz Emmanuel do Outro Lado dêste mundo material e relapso e, como êle, esperamos que o porvir humano pertença ao triunfo do Evangelho, porque nêle se contêm os germens da verdadeira e autêntica civilização cristã, que caracterizará o terceiro milénio...

«JOANA D'ARC MÉDIUM» — por *Léon Denis* — Edição da Livraria da Federação Espirita Brasileira — 1940 — 352 páginas.

O suplício da Virgem Lorena, em Rouen, em 30 de Maio de 1431, já fez correr muita tinta e gemer os prelos de todo o mundo. Em romances históricos, dramas, ensaios, poemas, e até em filmes mudos e falados nos foi contado e descrito êsse grande drama, que empolgou gerações após gerações. Não obstante, parece que há sempre qualquer *coisa* de novo, qualquer *facto* obscuro ainda a interpretar e a explicar.

A figura histórica da Pucela de Orleans, a-pesar-de tôda essa vasta literatura que a exalça e endeusa, ficou sempre incompreendida e legendária para a maioria dos leitores das obras que dela se têm ocupado exaustivamente.

Na Inglaterra, desde Shakespeare a Bernard Shaw; em França, desde Henri Martin a Anatole France; na Alemanha, desde Schiller a Schlegel e António Morosini na Itália, todos estes autores se consagraram ao estudo dos feitos da que na história da França é conhecida pela Donzela de Orleans.

¿Porventura estes historiadores e romancistas esgotaram o filão? Não; nenhum dêles conseguiu decifrar tôdas as incógnitas dêste problema histórico, porque todos até aqui se restringiram aos seus pontos de vista politicos e de seita das suas épocas. Nenhum dêles podia encarar Joana d'Arc sob o aspecto religioso e espiritual como o fêz agora Léon Denis na sua obra, porque todos eram materialistas. Ora, para se compreender os feitos surpreendentes da Virgem Lorena, que na história também é conhecida pela feiticeira, a heroína e a santa — só estudando-a à luz da teoria neo-espiritualista se poderia fazer uma idea completa da sua actuação, nos acontecimentos trágicos da França de Carlos VII.

* * *

A Léon Denis, o escritor mais *romântico* do Espiritismo, estava indicada a tarefa de nos *explicar*, melhor que ninguém, a personalidade da mártir de Rouen.

Em 352 páginas de texto bem documentadas, o autor faz-nos perpassar no seu *écran* maravilhoso tôdas as fases da vida da heroína, desde a sua partida da aldeia pacífica de Domremy ao suplício da fogueira, perante a satânica alegria dos seus carrascos.

Acentue-se, contudo, que nem todos os autores, ao analisarem Joana d'Arc, têm sido justos e imparciais. E o que mais estranho se torna é o facto de alguns dos seus compatriotas terem sido mais injustos para com a memória da libertadora da sua pátria, que os escritores estrangeiros.

Tanto Voltaire como Anatole France só a criticam e rebaixam, apodando-a de histérica e ignorante! Felizmente, os seus admiradores são mais numerosos que os detractores.

Léon Denis, com êste trabalho literário presta justiça à heroína, à santa, e coloca-a onde o seu valor e espírito excelso devem estar: no coração de todos os bons franceses e espiritas de todo o mundo.

A obra que ela executou sob a inspiração das *suas vozes* é inatacável e resiste bem às ironias e deturpações dos pretendidos *sábios* da historiografia. Como disse Henri Martin, «*nada de semelhante ainda se produziu na história do mundo*».

Quanto ao destino dos que concorreram mais para o trágico desfecho do seu drama, que Léon Denis compara ao do Mártir do Gólgota — bem triste foi.

Ouçamos, sôbre êle, o autor:

«Efectivamente, muitos dos que a julgaram e condenaram tiveram miserando fim. Todos se viram flagelados pelo desprêzo público e pelos remordimentos das consciências. Cauchon morreu acabrunhado de remorsos. O povo desenterrou-lhe o cadáver para lançá-lo a uma sentina. O promotor João d'Estivet expirou dentro de um esgôto. Alguns outros, vinte e cinco anos depois, em presença do novo tribunal, no correr do processo de rehabilitação, mais pareciam réus que testemunhas».

Joana d'Arc, porém, esquecida de que a Igreja a canonizou após quatro séculos de excomunhão, continua a velar pela França e por tôda a humanidade. O seu espírito puríssimo a todos perdoou, mesmo a criminosa atitude de Carlos VII, quando ela foi vendida aos inglêses.

Numa das suas mensagens do Além, recebidas por L. Denis, Joana diz o seguinte, a propósito da Igreja que a excomungou e depois canonizou:

«Tudo perdôo à Igreja, excepto a sua doutrina. Não lhe perdôo o andar espalhando êrros e o terror nas almas. A Igreja extingue-se. Bemdigamo-la pelo bem que fêz; lamentemo-la pelo mal que praticou.

.....

«Chegaram os tempos. O Espírito de Verdade anunciado pelo Cristo, vem próximo. O Cristianismo não

foi compreendido. Agora, outras verdades superiores vão luzir».

¡Quanto lucraria o mundo católico se se dignasse perfilhar a doutrina encerrada nesta mensagem do espírito sublime de Joana d'Arc!

LAS LEYS DE LA VIDA SUPERIOR — por *Annie Besant* — Edição da Editorial «Vítor Hugo» — Buenos Aires.

É um folheto de 46 páginas, que constitue o 10.º volume de uma série de publicações populares para a divulgação dos pontos de vista neo-espiritualistas, abrangendo também a corrente teosófica, fundada por H. P. Blavasty em 1875.

Annie Besant é uma autora muito conhecida pela sua vasta obra de divulgação e propaganda, tanto pelo livro como pela conferência, da Teosofia, que tem muitíssimos pontos de contacto com o Espiritismo, se bem que contraditada, em certos postulados, por alguns autores neo-espiritualistas.

Neste opúsculo, porém, só encontramos doutrina dignificante e altamente filosófica. A autora tem o segrêdo de expor delicados e profundos problemas inquietantes com brilho literário e profusão de argumentos, dignos de análise cuidadosa e atenta.

O MARTÍRIO DOS SUÏCIDAS, por *Almerindo Martins de Castro* — Edição da Livraria da Federação Espirita Brasileira — 1940.

SÓ conhecíamos o autor dêste interessante trabalho de 152 páginas através do seu folheto intitulado «Agrippino Grieco e as Mensagens do Além», onde êle, com raro brilho literário, descreve o estado de alma do grande escritor brasileiro, perante as realidades mediúnicas.

Porém, lendo agora esta sua última produção, na qual foca, com maestria, a situação tétrica do suïcida, só temos que louvar o seu autor, por atingir plenamente o seu objectivo: afastar da tentação os maníacos do suïcídio, pela antevisão dos sofrimentos atrozes que os esperam, se puserem tal idea criminosa em execução.

Tôdas as religiões e filosofias, como muito bem diz A. M. de Castro, condenam o suïcídio; nenhuma delas, porém, como a filosofia espirita, explica as sanções a que estão sujeitos os seus candidatos. Não obstante, todos os sectores adversos, materialistas ou religiosos, endossam à nossa Causa a responsabilidade de muitos tresloucados se escaparem da vida material pelo alçapão do auto-homicídio.

Contudo, estudando-se desapaixonadamente, e sem ideas apriorísticas, os nossos postulados, encontra-se nêles e condenação dessa praga social, que arranca muita alma do mundo visível para a lançar no báratro dantesco do arrependimento tardio. Êsse acto desesperado só serve para lhe demonstrar pràticamente a inanidade do negativismo materialista ou a improficuïdade dos dogmas religiosos.

O autor, para reforçar e autenticar a sua tese, descreve alguns casos de suïcídio dados em vários cenáculos espiritas; mas os testemunhos de mais realce são os que êle transcreve do livro do nosso compatriota Fernando de Lacerda, intitulado «Do País da Luz», referentes a Júlio César Machado, Antero do Quental, Camilo, Mousinho de Albuquerque e de Silva Pinto. E a propósito, cita a frase de A. do Quental: «*Os maiores martírios da terra são doces consolações em comparação com os mais suaves sofrimentos de um suïcida*».

Esta frase póstuma, atribuída ao nosso poeta-filósofo, exprime eloqüentemente a situação indescritível dos que tentam abreviar, pelo suïcídio, as provações impostas pela reencarnação.

* * *

Na página 81 surpreendemos a A. M. de Castro, quando se refere à comunicação de Mousinho de Albuquerque, um desabafo patriótico, no qual dá a entender que é português. Supeitámo-lo pelo interêsse dos relatos de espíritos suïcidas portugueses e por consagrar grande parte da sua obra à transcrição das comunicações dos escritores supra-mencionados.

Mas a nossa *quási* certeza de que o autor é português, filia-se no seu estilo dúctil e terso e na construção dos períodos, sem denotar as fatídicas inversões dos pronomes pessoais, de que tanto se abusa na Pátria do Cruzeiro.

Contudo, ainda lhe escaparam alguns deslises, certamente por insuficiência de revisão.

Apontemos êste, por exemplo, na pág. 110, linha 3: «*Êsse amigo disse-me há dias ter na véspera se posto em contacto*».

Êste problema da próclise e da ênclise dos pronomes já fez correr muita tinta aos gramáticos e filólogos de cá e de lá do Atlântico. Na polémica travada entre Paulino de Brito e Cândido de Figueiredo ficou bem acentuada a razão do escritor português, confirmada por José Veríssimo, no «Jornal do Comércio», do Rio, de 30-12-1907: «*A nossa colocação dos pronomes, embora fonèticamente explicável, é viciosa*».

Não discutimos nem impugnamos as divergências prosódicas e morfológicas que dão um certo encanto ao nosso idioma falado no Brasil, e que, no dizer facêto de Eça de Queiroz, é português adocicado.

Admitem-se ao cabôclo estes dizeres:

«*Mané, vá no meu quarto e me traga relógio, que tenho hoje de ir no sertão, e trate bem êle, ouviu?*»

¿Mas os brasileiros cultos admitiriam, porventura, esta construção? Não nos parece.

Nem Coelho Neto, Alencar, Gonzaga, Gonçalves Dias, Machado de Assis, Castro Alves, Rui Barbosa ou Bilac; nem Afrânio Peixoto ou Olegário Mariano perfilhariam tal doutrina sintática.

Afigura-se-nos que êste têma não é despiciente para os dois povos de idoma comum. A língua que Camões e Veira enriqueceram e imortalizaram pertence ao património dos dois países irmãos que consubstanciam a mesma pátria espiritual, mais pela identidade vocabular que pelos laços de sangue; logo, segundo a feliz expressão de Henrique Lopes de Mendonça, «*urge amá-la e dignificá-la, não permitindo que ela se corrompa ou se esfacele nos vários climas para onde o génio português a projectou*».

Releve-nos o nosso compatriota esta nótula à margem da crítica ao seu belo trabalho literário, e reiteramos-lhe os nossos calorosos profalças.

O Espiritismo deve ocupar o lugar que lhe reserva o seu destino e não aquêle para onde o pretendem levar influências estranhas.

De «Adelante»

Por êsse mundo...

— *Evolucion*, de Venesuela, publicou uma notícia, segundo a qual, em S. Luiz Patosí e em princípios de Fevereiro de 1940. uma senhora elegante saltou dum automóvel e mandou parar um *taxi* que passava na rua, pedindo ao condutor que a levasse a tôdas as igrejas da cidade. Depois das visitas, a senhora entregou-lhe um cheque, para que êle fôsse a um banco receber a importância. Quando lá chegou, soube que aquela senhora havia morrido dois meses antes. Foi tão grande a impressão sofrida, que o indivíduo faleceu, pouco tempo depois.

— Silvio Vieira, o maior barítono brasileiro da actualidade, distinguiu a «Hora Espirita Rariofónica» do Rio de Janeiro, tomando parte no seu programa de 7 de Novembro último, onde cantou a «Avé-Maria», de Alfredo Albuquerque, e «Por tus ojos negros», de Lepera.

— Com séde na Rua Conselheiro Crispiniano, 404, 1.º andar, Rio de Janeiro, acaba de se instalar o Departamento de Propaganda Espirita da União Federativa Paulista, dirigido pelo confrade Caetano Mero. Agora, sob a direcção e contrôlo do Departamento, o programa da Hora Radiofónica Espirita do Brasil continúa a ser apresentado na PRH-3, de S. Paulo, diàriamente, às 21 horas locais, excepto aos domingos, que é às 20.

— Na cidade de Sorocaba, Estado de S. Paulo, fundou-se o *Gabinete de Estudos Psíquicos*, sob a direcção de Gomide Bueno, que tem obtido interessantes resultados. As sessões de fenómenos físicos, têm sido realizadas com o auxílio dos médiuns Carlos Gomes e sua espôsa D. Alcídia de Sousa Gomes. Aos trabalhos costumam assistir muitos estudiosos pertencentes a vários centros existentes na mesma cidade.

— Segundo informação do *Daily Mail*, houve alguns soldados finlandeses que, na Linha Mannerheim, afirmavam ter visto aparições de anjos no céu.

— A Liga Espirita do Brasil obteve do Ministro da Educação daquêle país a subvenção de 10.000$000, que lhe vêm sendo concedidos desde 1937, nos termos do decreto-lei n.º 527, de 1 de Julho de 1938. O Balancete de Tesouraria desta prestante agremiação acusou em 31 de Março último o seguinte movimento:

Receita	68.202$000
Despesa	63.138$000
Saldo.....	5.064$000

A Liga tem 104 associações agregadas à sua obra. A título de curiosidade, damos mais as seguintes informações:

Pessoas atendidas no Ambulatório Central, em Outubro passado: 1612. Curativos ginecológicos, 27. Injecções aplicadas, 614. Intervenções cirúrgicas, 4. Tudo inteiramente gratuito.

— Sob a direcção do Dr. C. G. Shalders, continuam os trabalhos de experiências psíquicas, na Sociedade Metapsíquica de S. Paulo, com séde na *Casa dos Espiritas*, Rua Maria Paula, 158. Esta Sociedade tem editado algumas obras interessantes, entre as quais nos lembra «A Grande Esperança», de Richet; «Raimundo», de *Sir* Oliver Ledge; «Rumo às Estrêlas», de Dennis Bradley e «O Outro Lado da Vida», do Barão Carl du Prel.

— No Rio de Janeiro, o Espiritismo caminha a passo acelerado, no tocante à pesquisa científica. Em virtude das sessões da Gávea, sob a direcção do Dr. J. Aires Camargo, chamarem a atenção dos meios científicos locais, cogita-se na fundação dum Instituto de Investigações Psíquicas, semelhante ao de S. Paulo.

— A Federação Espirita do Rio Grande do Sul resolveu aproveitar as festas comemorativas do bi-centenário de Pôrto Alegre, a-fim-de realizar a 1.ª Exposição Estadoal de Jornais, Revistas e Obras Espiritas. Lamentamos não ter podido enviar a tempo o autógrafo que nos foi pedido, pois o atraso da correspondência impossibilitou-nos inteiramente de cumprir aquele honroso dever.

— O Centro Espirita «Seara de Jesus», de Nilópolis, fundado e orientado por senhoras, acaba de festejar a cobertura da séde própria, demonstrando assim que a mulher espirita é capaz dos maiores cometimentos para dignificação do Ideal. Os nossos parabens.

— No salão de entrada da Federação Espirita Brasileira, encontra-se em exposição a «maquette» do grandioso edifício do Hospital Espirita Pedro de Alcântara, em construção na Rua Alexandrina, fundação da Sociedade Espirita Obreiros do Bem, de que é presidente o nosso consócio Agostinho Pereira de Sousa. Lamentamos não poder publicar a fotogravura da «maquette», pela qual se verifica a extensão da bela obra, por cuja conclusão fazemos ardentes votos.

— O livro «Pigmeus contra gigantes», do incansável batalhador Leopoldo Machado, alcançou um extraordinário êxito de livraria. 5.000 exemplares esgotaram-se em trinta dias. No próximo número falaremos da obra e do autor.

— Os ambulatórios Médicos Espiritas do Rio Janeiro estão em pleno funcionamento, sob a direcção de competentes facultativos. Ali se atendem milhares e milhares de pessoas, diàriamente.

— Os espiritas pernambucanos instituíram em Outubro último a Semana Kardeciana, cuja Comissão Central foi constituída pela Federação Espirita Pernambucana, Liga Espirita Suburbana e Cruzada Espirita Pernambucana. Uma das mais sugestivas partes do programa foi o desfile e concentração dos alunos das escolas espiritas, em número de 500.

— As «Crónicas de Além-Túmulo», de Humberto de Campos, que se encontram à venda nesta redacção, acabam de ser traduzidas em castelhano, com o título: «Crónicas del Más Allá del Tumulo».

— O *Reformador*, órgão da Federação Espirita Brasileira, aumentou o preço de assinatura, em virtude da crise do papel, que se está a fazer sentir em tôda a parte. Preferiu adoptar esta medida, a ter que deminuir o número de páginas.

Crónica Estrangeira

por Isidoro Duarte Santos

¿As tempestades prejudicam as sessões de efeitos fisícos?

O professor F. V. Fitz-Simons, director do Museu de Pôrto Elizabeth (África do Sul) publicou há tempos um curioso artigo no *Psychic News*, relatando algumas sessões de *voz directa*, em que teve ocasião de apreciar os efeitos do temporal na eclosão dos fenómenos.

O articulista começa por declarar que todos os investigadores das ciências psíquicas sabem ou devem saber que não é aconselhável fazer sessões espiritas durante o temporal. Depois, conta o que se passou uma vez, num centro de Johnesburgo, composto por indivíduos com grande afinidade mútua e cuja médium é a menina Alice Lloyd, de vinte anos de idade.

Nestas sessões obtêm-se comunicações em *voz directa*, com auxílio da trombeta. A médium não cai em transe e os assistentes conversam àcêrca dos fenómenos.

— As nossas sessões — diz êle — não vão além de hora e meia e, durante êsse tempo, há sempre uma trombeta no ar. Vêmo-las perfeitamente na escuridão, em virtude da sua pintura fosforescente. Duvidar da realidade do fenómeno, seria indício de fraca mentalidade, insusceptível de compreender mais importantes coisas.

«Não há complicações neste fenómeno. A trombeta paira na atmosfera, desafiando a gravitação, e as entidades invisíveis utilizam-na para fazer vibrar o ar, tornando, assim, a sua voz perceptível aos nossos sentidos.

«Na sessão referida e apenas nos sentámos, uma trombeta se elevou e pairou no ar, chegando a tocar o teto da sala. Depois, viu-se um clarão através das cortinas corridas e a seguir o ribombar do trovão. A trombeta deu imediatamente uma volta à sala e pousou no lugar donde subira. A-pesar-de continuarmos sentados, ainda, durante meia hora, a trombeta não se levantou, dir-se-ia que as fôrças psíquicas estavam paralisadas. O trovão continuava a ribombar. Logo que a tormenta pareceu afastar-se, a trombeta elevou-se a cêrca de três metros e ouviu-se nitidamente a voz do espírito de Charles Bradlaugh: — «Desculpem. Sinto muito que o temporal nos obrigasse a interromper a palestra».

«Naturalmente, a atmosfera já não estava carregada de electricidade, visto que a trombeta trabalhou incessantemente, facilitando a comunicação dos espíritos com os seus amigos terrestres».

A seguir, Fitz-Simons conta outro caso passado em Pôrto Elizabeth, numa sessão com a médium Gertrude Barker, que, em dado momento, recebeu dos guias a advertência, segundo a qual deviam de interromper os trabalhos o mais depressa possível.

— ¿Porquê? — inquiriu Fitz-Simons.

— Porque os elementos não favorecem os trabalhos. Está iminente um temporal e qualquer descarga eléctrica inesperada poderia danificar a médium. Pode muito bem romper-se o laço fluídico que a prende ao corpo material. ¿Ignorais que o seu corpo fluídico e o seu espírito estão fora do corpo material, quando ela está em transe? Êsse corpo é simples carcassa, cuja fôrça vital utilizamos para a comunicação.

«Doutra vez, preguntei ao guia se a tempestade influïria nos espíritos, isto é, se os espíritos, naquela noite, se teriam afastado da sessão.

«— Não, — disse o guia. — Estivemos ali sempre, até acabar a tempestade. O relâmpago não pode matar-nos; todavia, não é coisa muito agradável passar na atmosfera carregada de electricidade. De resto, semelhantes tempestades só existem na atmosfera da terra. Nas regiões interplanetárias, não há êsses fenómenos desagradáveis».

Assim é, com efeito. As condições atmosféricas influem grandemente no resultado das sessões espiritas, visto que os médiuns são aparelhos delicadíssimos que reagem às mínimas alterações psico-físicas. Eis por que são oportunos os esclarecimentos do Professor Fitz-Simons, director do Museu de Pôrto Elizabeth.

Companhia teatral em que os espíritos fazem de «ponto»

O jornal *Ahora*, que se publicava, então, em Madrid, inseriu em Dezembro de 1933 os trechos seguintes:

«Em Barcelona, existe a mais extraordinária companhia teatral do mundo. Embora pareça inverossímil, é verdade incontroversa.

«Os membros desta companhia não receiam a crise teatral, nem a concorrência do cinema ou coisa parecida. Estão muito acima destas coisas, como se, para êles, tudo sucedesse em outro planeta. Realmente, assim é, porque os sêres a que nos referimos são espíritos. Claro que não são estas entidades do Além que aparecem no palco, mas fazem-se representar por cidadãos de carne e ôsso, que são uma espécie de intermediários, de *marionetes* movidos por invisíveis cordelinhos».

Ahora faz, seguidamente, a história e a génese da «companhia», ilustrando a narrativa com muitas gravuras relativas a diferentes cenas e o *fac-simile* dum cartaz em que o programa é anunciado.

Diz o articulista que existe em Barcelona uma seita especial, dedicada à propagação de doutrina com certos pontos de contacto com o cristianismo primitivo e cujo principal fim é seguir as indicações dos Espíritos, os quais, no entender dos membros da seita, regem, do outro mundo, os destinos do homem.

A seita, conhecida pelo nome de «Pureza Divina»

é dirigida por um indivíduo catalão que dá pelo nome de António Matias Zaragoça.

Um dia, Zaragoça realizou uma sessão de espiritismo com o auxílio de alguns familiares. Alguns espíritos que se comunicaram disseram-lhe que devia entregar-se à propagação da nova doutrina, dando, por isso, origem à fundação duma seita. Foi isto em 1923 ou 24. Em determinada altura, os seus espíritos guias deram-lhe a seguinte indicação:

— Deves formar uma companhia teatral que represente obras de propaganda da nossa doutrina. Não te preocupes com coisa alguma. Tudo correrá por nossa conta».

E assim nasceu o mais espantoso grupo teatral de todos os tempos. Intitula-se «Os Maravilhosos» e tinha dado cinco representações, quando *Ahora* inseriu a notícia, representações que constituiram êxitos estrondosos, em virtude da revolução operada na técnica teatral dos tempos modernos, devida, precisamente, a António Matias Zaragoça, director e primeiro actor da companhia.

Eis a forma como se preparam as representações: Em dada ocasião, o director do grupo recebe uma comunicação do Além. Sentado em frente duns linguados, a sua mão começa a escrever o programa, a-pesar-de êle não possuir qualquer bagagem literária, pois se limita a agir como transmissor.

Delineado o programa, trata-se de arranjar vestuário relacionado com o assunto da peça. O mesmo se faz, quanto à decoração. Geralmente, a obra é formada por quadros desconexos. Depois de preparado o vestuário, ninguém se lembra mais da peça, de que se não faz o mínimo ensaio.

À hora fixada, com o teatro cheio, o pano levanta e aparecem em cena os actores...

Vejamos como êles trabalham. É o redactor de *Ahora* quem dá a explicação:

«A semana passada — diz êle — houve uma destas representações no Teatro Parthenon, da Rua Balmes. Tinha vindo muita gente a Barcelona para assistir. Num intervalo, falámos com os actores.

— «¿Vocês não sabem, realmente, o que vão dizer, quando entram em cena?

— «Absolutamente nada. Os espíritos é que nos ditam tudo.

— «¿E nunca se deu qualquer «fiasco»?

— «Nunca. Às vezes, a acção... ou porque algum de nós se desconcentra, deixando de ouvir a voz dos invisíveis; mas intervém logo o nosso director que é um médium esplêndido e soluciona tudo.

— «¿Esta gente pertence tôda à seita?

— «Uma grande parte. Outros vieram, em reconhecimento do bem que receberam do nosso mestre, que tem curado muita gente atacada de doenças julgadas incuráveis pela medicina.

— «¿Mas isso não é curandeirismo?

— «Não senhor. As suas intervenções são puramente espirituais. Temos também uma escola, em que ensinamos as nossas doutrinas.

— «¿E os actores não são remunerados?

— «Nada disso. Vivemos do nosso trabalho nas fábricas, oficinas e escritórios. Fazemos tudo desinteressadamente, porque assim ajudamos a propagar a verdade».

Desde que a comunicação dos espíritos é um facto incontestável; desde que há médiuns psicográficos e clariaudientes que obtêm interessantes obras literárias e teatrais, ¿porque não admitir que os espíritos transmitam o argumento e o diálogo das peças a médiuns-encenadores e actores? O grande público sentir-se-á intrigado, mais pela novidade da notícia do que pela naturalidade do fenómeno. O que nenhum investigador conscienciosо pode é impugnar a possibilidade de representar uma peça nas condições em que trabalham «Os Maravilhosos».

¿São ou não são os vivos governados pelos mortos?...

Federação Espirita Brasileira

O *Reformador*, de Setembro último, publicou um magnífico relatório, sintetizando os trabalhos da Federação Espirita Brasileira, no ano social de Julho de 1939 a Junho de 1940. Por êle se verifica a importância de tão prestimosa e simpática associação, à qual nos temos referido nestas colunas. Vamos dar um resumo do movimento da Federação, no ano social referido, omitindo, é claro, certas particularidades que não interessam a esta secção.

Beneficência — No Natal de 1940, a distribuïção de donativos atingiu a cifra de 65 contos brasileiros. Distribuíram-se, igualmente, 1500 farneis de 15 quilogramas cada um. Durante o ano, foram pagas 231 pensões, no valor de 60 contos brasileiros.

Os médiuns receberam 143.832 receitas. Foram fornecidos 159.197 remédios homeopáticos e feitas 24.181 aplicações magnéticas.

Ambulatório — Houve 4.186 consultas e 351 doentes novos. Deram-se 1,120 receitas e aplicaram-se 2.096 injecções. Fizeram-se 778 curativos, 7 intervenções cirúrgicas, 12 exames laboratoriais e 10 radiografias. Êste Ambulatório está a cargo do Dr. Guillon Ribeiro Júnior e tem quatro grandes salas, magnificamente aparelhadas.

Livraria — Reeditaram-se quinze obras. Edições e reedições atingiram 235.600 volumes, contra 201.500 no ano anterior. As maiores vendas pertencem aos seguintes livros: «Evangelho segundo o Espiritismo» (9.135 exemplares); «A Prece» (8.898); «Livro dos Médiuns» (4.558); «Há dois mil anos» (3.968); «Novas Mensagens» (3.558); «Livro dos Espíritos» (3.463); «A Vingança do Judeu» (3.108); «Cinqüenta anos depois» (2.689); «Do Calvário ao Infinito» (2.227); «Brasil Coração do Mundo» (1.944); «A Grande Síntese» (1.635).

De 1931 até 1940, a Livraria editou 1.133.100 (um milhão cento e trinta e três mil e cem volumes), no valor de 837, 642$800 réis (oitocentos e vinte e sete contos, seiscentos e quarenta e dois mil e oitocentos réis).

Apraz-nos registar aqui o esfôrço incansável do seu administrador, o confrade José Vaz de Carvalho, cuja dedicação e método de trabalho muito têm concorrido para êste êxito sem precedentes.

Oficina gráfica — A Federação montou oficinas próprias, a-fim-de adquirir absoluta liberdade de movimentos. Possue uma linotipo moderna, duas máquinas impressoras (uma grande, inteiramente automática, de avultada produção horária, uma pequena semi-manual, e outra de cortar, com todo o material necessário). A montagem importou em duzentos e cinqüenta contos brasileiros. Brevemente montará oficina de encadernação e comprará outra linotipo, visto que a existente não supre as necessidades actuais.

Instrução da Infância — A Federação subsidia nove escolas primárias mantidas por associações adesas.

NOTICIÁRIO

Sessão solene

Realizou-se no dia 30 de Março p. p. uma sessão solene na nossa sede em homenagem a Allan Kardec, a qual decorreu brilhantemente, a-pesar-da simplicidade que revestiu.

Presidiu a ela o Dr. Sebastião Elviro Martins, Presidente da Mesa da Assembleia Geral, secretariado pelos nossos consócios António da Silva Teixeira e Joaquim Borges de Meneses.

Discursou em primeiro lugar o Dr. Elviro Martins, pondo em foco a obra do Mestre como codificador do Espiritismo e como evangelizador. Disse que êsse facto marcava uma etapa gloriosa na história da humanidade e que, se bem não tivesse o Mestre realizado uma obra completa, pela sua complexidade, conseguiu, contudo, para a sua época, fazer um trabalho admirável com um esfôrço hercúleo, preparando assim o caminho que novos pioneiros haviam também de trilhar com o maior vigor e novos dados científicos.

Seguiu-se-lhe no uso da palavra o nosso confrade Manuel Tavares, Presidente do Conselho Fiscal, que enalteceu a obra de Kardec pelas primícias que aos espiritas é dado hoje gozar, pois que, se não fôra ela, talvez que ainda hoje ignorássemos a razão das anomalias da vida e considerássemos a infinita bondade de Deus um grande enigma, desconhecendo quanta luz espiritual reside numa simples lágrimas.

Falou também sôbre o suïcídio e sôbre a caridade segundo os conselhos do Mestre e terminou com palavras de comiseração para com os incrédulos.

Seguiu-se o vogal da Direcção, Eduardo Matos, que em poucas mais sentidas palavras teceu um hino a Allan Kardec, um dos maiores orientadores da humanidade.

Tomou a seguir a palavra o tenente Isidoro Duarte Santos, Presidente da Direcção, que fêz uma ligeira biografia de Kardec frisando o facto dêle ser um céptico quando começou a freqüentar as sessões espiritas em casa de Madame Plainemaison e salientando o método experimental por êle adoptado. Explicou a proveniência do nome que o Mestre escolheu para subscrever as suas obra sôbre Espiritismo e a impossibilidade em que se viu de obter qualquer manifestação do Além em sua casa, exceptuando aquela — a única — em que o advertiam que refundisse um capítulo que estava escrevendo.

O orador referiu-se também à *Revue Spirite* que Kardec fundou com os seus próprios meios e sem ter então um único assinante.

O oradores foram muito ovacionados.

Em seguida deu-se começo a uma sessão espirita geral, no meio do maior recolhimento, tendo-se manifestado uma entidade que deixou os assistentes agradàvelmente impressionados pelos seus elevados conselhos e ensinamentos.

A certa altura, a médium teve uma visão que foi depois confirmada por uma vidente que se encontrava entre os assistentes. Viram ambas que em volta da sala se encontravam muitas entidades de vestes alvas formando uma cadeia que impedia o assalto que espíritos menos perfeitos, e colocados atrás dêles, pretendiam fazer à assistência. No centro da sala, viam, suspensa, uma luz brilhante que a iluminava fortemente. E no momento em que o Presidente da Direcção, visìvelmente comovido, dizia, no seu discurso, que a causa espirita jàmais estacionaria, uma das videntes viu, numa rápida aparição, o busto de Allan Kardec sôbre a cabeça do orador.

Assim terminou mais uma homenagem prestada ao grande apóstolo do Espiritismo pelo Centro Espiritualista «Luz e Amor».

Grupo Espirita Irmãos do Bem

No dia 8 de Abril corrente, foi inaugurado o Grupo E. Irmãos do Bem, destinado a curas psíquicas e magnéticas. São seus fundadores os nossos confrades srs. Eduardo Fernandes de Matos, Júlio dos Santos e Luiz Pereira de Almeida, que estiveram presentes na sessão inaugural.

Mais uma célula que se movimenta, a-fim-de pres-

Secção de Esperanto — Esta importante secção está a cargo do nosso colaborador e amigo Prof. Ismael Gomes Braga, figura de relêvo no meio espirita e o maior esperantista brasileiro da actualidade. São valiosíssimas e em grande número as obras didáticas editadas e organizadas por êste apaixonado vulgarizador da Língua Internacional. Durante o ano em aprêço, foram distribuídos 30.000 exemplares do livro «¿Porque devemos aprender o esperanto?» e 5.000 de «A Missão do Esperanto».

Reformador — Êste belo mensário, órgão da Federação, tem melhorado muito as suas secções e tem saido com a tiragem de 10.000 exemplares. É, porém, desejo da sub-gerência elevar a tiragem para 15 ou 20.000, logo que as condições financeiras o permitam.

Finalmente e a título de curiosidade, informamos que a Federação fechou aquele ano com 3.293 associados e mais de 200 associações filiadas, directa ou indirectamente.

É, na verdade, de grande relêvo a obra que acabamos de sintetizar, só lamentando que não tenhamos espaço para dar maior desenvolvimento ao assunto em questão. A Federação Espirita Brasileira trabalha constantemente para dignificar a Causa Espirita e não se poupa a fadigas, na sua missão de evangelizar, através de todos os meios ao seu alcance. Bem haja, por tão espinhosa tarefa. Que os Mensageiros do Alto a continuem a distinguir com o seu auxílio, sob os auspícios de Ismael, são os nossos votos mais sinceros.

Ano 10, Março/Abril/41

tigiar o Centro E. Luz e Amor, cuja posição se vai firmando dia a dia, com elementos novos que enfileiram nesta cruzada espiritualista.

Êste grupo está instalado no Centro, em cuja sede funcionará tôdas as têrças-feiras, às 21 horas, atendendo todos os sócios doentes que se acolham à sua protecção.

Oferta de livros

O nosso confrade sr. Major Eurico de Castro Zuzarte, de Elvas, assinante de *Estudos Psíquicos* e sócio do Centro E. Luz e Amor, teve a amabilidade de nos visitar e oferecer à Biblioteca do Centro bela porção de livros que muito contribuïrão para a difusão da Doutrina Espirita.

A tão prestimoso confrade e amigo apresentamos os nossos afectuosos cumprimentos, agradecendo o gesto que sobremaneira o distinguiu.

Para as vítimas do ciclone

De F. M. G., do Rio de Janeiro, recebemos o importante donativo de 1.000$00, destinados às vítimas do ciclone que há pouco assolou o nosso país. De harmonia com as instruções recebidas do generoso benfeitor, enviámos 200$00 ao *Diário de Notícias,* que tão nobre e desinteressadamente pôs as suas colunas ao serviço da solidariedade nacional. Os restantes 800$00 foram distribuídos por vinte famílias das que mais sofreram, em Portugal, com o ciclone e cujos nomes serão publicados no próximo número.

A F. M. G., os nossos maiores agradecimentos, em nome das vítimas contempladas.

Aumento voluntário de cotas

No próximo número, começaremos a publicar os nomes dos consócios que aumentaram, voluntàriamente, as suas cotas, em atenção ao apêlo publicado no n.º de Janeiro-Fevereiro.

A todos, os nossos sinceros agradecimentos.

Gentil oferta

A senhora D. Emília Tanqueiro, antiga sócia do Centro E. Luz e Amor, teve a amabilidade, que muito nos sensibilizou, de nos enviar, por intermédio da nossa prestimosa colaboradora D. Maria Veleda, seis casaquinhos de lã destinados à distribuïção que êste Centro fará oportunamente.

Às duas bondosas senhoras, a expressão sincera do nosso profundo reconhecimento.

As nossas conferências

Tem-se notado, últimamente, um grande entusiasmo pelas conferências realizadas na sede do Centro, como se verificou com as que estiveram a cargo dos srs. Drs. Fred e António J. Freire, às quais assistiram grande número de pessoas, que sairam absolutamente satisfeitas com a exposição apresentada pelos dois ilustres cientistas. Tanto um, como outro, prometem a continuação do seu concurso, facto que muito nos apraz registar nestas colunas.

Falta de espaço

Continua a faltar o espaço da revista para o original que lhe é destinado, motivo por que tivemos que retirar alguns artigos já compostos.

Que nos desculpem leitores e colaboradores.

Programa dos trabalhos do Centro, durante os meses de Maio e Junho, na Rua do Salitre, 149, 1.º

4 de Maio, às 21 horas — Sessão experimental, dirigida por Manuel Tavares.

10 de Maio, às 21 horas — Sessão experimental, dirigida por Isidoro Duarte Santos.

11 de Maio, às 16 horas — 3.ª conferência pelo Dr. Fred, da série intitulada «Concepções modernas sôbre origem, evolução e relações recíprocas de matéria, energia, princípio vital e intelectual, dos astros, da terra, do homem e do complexo alma-espírito».

18 de Maio, às 16 horas — Sessão experimental, dirigida por Manuel Tavares.

25 de Maio, às 21 horas — Sessão experimental, dirigida por Isidoro Duarte Santos.

31 de Maio, às 21 horas — Sessão experimental, dirigida por Manuel Tavares.

1 de Junho, às 16 horas — Conferência pelo coronel Faure da Rosa, intitulada «Religiões».

8 de Junho, às 16 horas — Sessão experimental, dirigida por Isidoro Duarte Santos.

15 de Junho, às 21 horas — Sessão experimental, dirigida por Manuel Tavares.

21 de Junho, às 21 horas — Sessão experimental, dirigida por Isidoro Duarte Santos.

22 de Junho, às 16 horas — Conferência pelo Dr. António J. Freire, intitulada «A Crise da Morte».

29 de Junho, às 16 horas — Sessão experimental, dirigida por Manuel Tavares.

Amigo de "Estudos Psíquicos":

A tua revista luta com dificuldades para se manter e terá que aumentar o preço da assinatura, para não morrer, à falta de recursos. Depende de ti a sua manutenção: auxilia-a, e ela continuará a circular e a defender a Causa Espirita. Auxilia-a, conseguindo-lhe mais um assinante.

Estudos Psíquicos

Pelo Progresso e Prestígio do Espiritismo

Pela União Fraternal da Família Espirita

DIRECTOR E PROPRIETÁRIO
Isidoro Duarte Santos

EDITOR
Pedro C. Dias de Sousa

ANO 2.º LISBOA, MAIO-JUNHO DE 1941 N.º 11

O Subconsciente e o Automatismo Psicológico

(Dissociação da Personalidade. Personalidades Mediúnicas)

pelo Dr. António J. Freire

O estudo do subconsciente, baseado na teoria do automatismo psicológico com as suas correlativas personificações ou «personalidades segundas», *(ainda que de natureza, origem e finalidades diversas)*, merece uma particular atenção e exame crítico por parte de todos aquêles que se interessem pelo prestígio e expansão do Espiritismo.

Alguns cientistas, baseados na elasticidade mórbida destas concepções do prof. P. Janet, têm desferido os mais violentos e injustificados ataques sôbre o Espiritismo, considerando os médiuns como histéricos psicópatas, automatistas impenitentes, mistificadores incorrigíveis, só tendo por atenuante o seu desequilíbrio nervoso.

Espirita algum medianamente culto poderá contestar a veracidade do automatismo psicológico e dissociação da personalidade, nem mesmo a extensa e prodigiosa esfera de acção do subconsciente, quer captando e assimilando inúmeras impressões-sensações, tanto em estados especiais de aparente vigília como no sono hipnótico e fisiológico, conhecimentos obtidos subsconscientemente à *margem da consciência normal* (criptopsiquia, e criptestésia), quer arquivando-as nos estratos mais ou menos profundos da memória (criptomnésia).

O problema da memória é, de facto, um dos mais transcendentes da fisio-psicologia. O Espiritismo, com a sua sistematização dos corpos fluídicos e espirituais do complexo humano (corpo somático, corpo vital ou duplo etérico, perispírito e espírito), conjugando as correntes vibratórias ascendentes e descendentes entre o psiquismo superior consciente e subconsciente e o psiquismo inferior cerebral, dá, talvez, a melhor solução provisória ao complexo problema da memória móvel e imóvel, superficial e profunda ou criptóide. À memória consciente e subconsciente clássicas, o Espiritismo integra ainda os conhecimentos adquiridos nas vidas passadas (palingenésia), como está comprovado experimentalmente pelas célebres experiências de

regressão de memória do coronel A. de Rochas e doutros experimentadores (1).

É sòmente depois do estudo dos dois meios, o meio natural, físico, e o meio supranormal, o *metéter*, empregando o termo do sábio prof. F. Myers, que se poderá compreender o mecanismo da memória nas suas complexas modalidades, e o dinamismo do subconsciente que é, em última análise, a resultante das faculdades latentes, potenciais do perispírito e do espírito à margem da vida psíquica consciente, constituíndo o subconsciente o metapsiquismo humano, a metaconsciência ou a superconsciência.

* * *

A noção do subconsciente é moderna. Foi introduzida na físio-psicologia pelo prof. Pierre Janet, *(L'Automatisme Psycologique*, Paris, 1889), tendo sido objecto, durante o século actual, das mais variadas e confusas especulações por parte de médicos, metapsiquistas e psicólogos.

O subconsciente é, para Janet, uma formação mórbida proveniente da desagregação ou separação permanente duma parte da personalidade, segmento que toma ao eu consciente o contrôlo de certas funções orgânicas e psíquicas com a conseqüente formação, por vezes, de personificações parasitárias ou «personalidades segundas».

Paralelamente ao automatismo fisiológico inato que engloba a nossa vida vegetativa (funções da circulação, digestão, endócrina, etc., independentemente da acção do eu consciente) — Janet, a-fim-de fundamentar a sua teoria do subconsciente, lançou mão das teorias subsidiárias do automatismo psicológico e da teoria da morbidez ou patológica como causas determinantes. Da actividade automática, inconsciente, de determinados centros do sistema nervoso dependeriam, paralelamente, tanto o automatismo fisiológico como o automatismo psicológico.

O notável prof. Grasset, fascinado pela atraente miragem do subsconsciente de Janet, tenta fundamentá-lo com o seu, não menos imaginário e hipotético «*poligono cerebral*», inspirado nos esquemas cerebrais de Wundt e Charcot.

Para Janet e Grasset a mediunidade é um subconsciente desagregado, dissociado definitivamente do eu consciente. Todos os fenómenos espiritas se explicam pela actividade intermitente dêste subconsciente mórbido. Os médiuns são, em última análise, doentes, nevrópatas, meros automatistas psicológicos, entrando no quadro da patologia.

Pela sua alta situação científica, os profs. Janet e Grasset exerceram grande influência na ciência contemporânea em desprestígio do Espiritismo e mesmo da metapsíquica, apavorando os médiuns.

A incompreensão de Janet, dos seus partidários e admiradores, derivou do facto de apenas terem estudado e observado no ponto de vista psico-patológico, nos meios hospitares, entre histéricos, pitiatas e outros nevrópatas. Mas o êrro fundamental do prof. Janet consistiu na sua precipitada e anticientífica generalização, abrangendo, na mesma origem mórbida e natureza causal, todos os fenómenos metapsíquicos (anímicos e espiritas) conjuntamente com os fenómenos, ainda que de natureza diversa, derivados do biomagnetismo (sonambulismo), hipnotismo, sugestão, etc.

Tanto Janet, como Grasset, a-fim-de escaparem a graves dificuldades, resultantes da fragilidade das suas precipitadas e intempestivas generalizações, declararam considerar de fraudes ou alucinações patológicas todos os fenómenos espiritas a distância: escrita directa (pneumografia, Kardec), voz directa (metafonismo), telepatia, telestesia, telequinésia (movimento a distância, sem contacto), teleplasmia (ideoplastias e materializações), desdobramento e projecção do duplo (bilocação), etc.

Os profs. Janet e Grasset adoptaram, assim, uma situação cómoda, baseados no caduco conceito — *magister dixit*... — mas em verdade, anticientífica. Demais, Janet procedeu com uma intencional reserva, ocultando as experiências de telepatia, a um quilómetro de distância, que realizou, no Havre, em 1885, com o dr. Gibier, tendo obtido resultados concludentes, como afirmam Gibier, Myers e Bret (2).

---

(1) A. de Rochas — *Les Vies Successives*, 2.ª ed. Leymarie, Paris, 1924.
Coronel A. Powell — *Le Corps Causal et L'Ego*, trad. franc., ed. Adyar, Paris, 1932.

(2) F. Myers — *La Personnalité Humaine (Sa survivance et des manifestations supranormales*, Paris, 1927.
T. Bret — *Métapsychique*, Paris, 1927.

Há ainda outra circunstância digna de reparo: os factos supranormais negados intencionalmente, aprioristicamente, pelos profs. Janet e Grasset, acorrentados a um grosseiro materialismo, têm sido verificados por sábios de categoria não inferior à sua: profs. Richet, Hans Driesch, Curie, d'Arsonval, Crooks, Russell Wallace, W. James, Lodge, Barrett, etc., embora aguns dêles não partilhem abertamente a teoria espirita, o que é secundário para êste caso.

Para refutar as incongruentes generalizações a que Janet levou o seu automatismo psicológico, seriam suficientes alguns fenómenos de ordem física ou objectiva, dentro da metergia (levitações, *aports*, assombramentos) ainda que dos mais elementares desta classe supranormal, pois, por desnecessário, não fazemos referência aos mais complexos desta classe: as ideoplastias e materializações ectoplásmicas.

Se da ordem física passarmos à categoria dos fenómenos parapsíquicos intelectuais ou subjectivos, excluíndo ainda os perturbantes e complexos fenómenos premonitórios, transcendendo o espaço e o tempo, que enriquecem em grande número a bibliografia espirita, limitar-nos-emos à mediunidade poliglota (xenoglossia e glossolália).

Factos devidamente autenticados comprovam que mediuns, alguns de idade inferior a cinco anos, expressam-se, durante o transe mediúnico nas sessões espiritas, em vários idiomas completamente desconhecidos no seu estado normal. São clássicos os casos de Laura Edmunds, Helena Smith, Eglington, Wriedt, Mary Burns, etc., (E. Bozzano-*Xenoglossia* — trad. port. 1933).

Médiuns, por vezes, incultos, analfabetos de dois e três anos de idade, falando e escrevendo correctamente dois, três e mais idiomas, de que não possuíam o mínimo conhecimento fora do transe espirita, deviam merecer dos profs. Janet e Grasst um estudo atento e refletido em vez de se limitarem a rotulá-los de nevrópatas sem prèviamente os ter examinado. Para homens de ciência desta categoria, êste facto traduz, moral e cientìficamente, um abuso inqualificável.

Sejam quais forem as capacidades elásticas que Janet pretenda dar ao seu subconsciente e o prof. Flournoy à sua criptomnésia, o exercício dum idioma, mesmo o mais simples, exige, pela sua complexidade gramatical, estudo demorado, persistente e reflexivo, irredutível às concepções dos ilustres profs. Janet e Flournoy.

O complexo mecanismo teórico e prático dum idioma não pode ser elaborado no subconsciente, «do pé para a mão», muito embora os médiuns poliglotas tenham percorrido de visita as melhores bibliotecas filosóficas do mundo. Seria indispensável admitirmos o atributo divino da omnipotência ao subconsciente de Janet, e o da omnisciência à criptomnésia de Flournoy. Ler por clarividência uns trechos num livro fechado e a distância — é um facto verificado inúmeras vezes — mas o exercício teórico e prático dum idioma implica um dinamismo supranormal infinitamente mais complexo. Do máximo pode sair o menos, mas a recíproca seria absurda.

Nem tudo o que é possível teòricamente, é pràticamente realizável. Da imaginação à realidade existem abismos profundos e intransponíveis.

Seria um contra-senso admitir que o idioma menos complexo saísse articulado de tôdas as suas peças durante o transe mediúnico como Minerva surgiu armada «de ponto em branco» da cabeça de Jupíter ou a mitológica Venus da espuma alvinitente do mar... O *milagre* operado pelas concepções dos proeminentes profs. Janet e Flornoy seria ainda mais transcendente e divino...

Não é certamente por *geração espontânea subconsciente* que floresce a mediunidade poliglota nas sessões espiritas, como cogumelos em florestas sombrias...

A sua orígem é *extrínseca;* por vezes, supraterrestre, como comprovam os próprios espíritos comunicantes estabelecendo a sua identidade em bases firmes (Bozzano, op. cit; M. Sage, *Madame Piper; proccedings).*

Seria possível admitir que um médium em transe pudesse falar um idioma empregado por êle numa das suas vidas passadas (palingenésia). A regressão da memória é um facto assente, (A. de Rochas-«*Les Vies Successives),* mas não conhecemos facto algum desta natureza realizado em sessões espiritas experimentais.

Jesus Cristo conferindo «*o dom das línguas*» aos seus apóstolos, certamente não se serviu do subconsciente do prof. Janet, nem, tão pouco, da reclamada criptomnésia do

prof. Flournoy, nem mesmo do célebre poligno cerebral do prof. Grasset.

Um espirita medianamente culto não pode contestar o poder criptóide do subconsciente, nem a autenticidade da criptomnésia. Estas concepções eram conhecidas dos pioneiros do Espiritismo, dezenas de anos anteriormente aos trabalhos de Janet e Flournoy, como veremos adiante. O que se impõe, por agora, é refutar o delírio das excessivas e anticientíficas generalizações dos notáveis profs. Janet e Flournoy.

O dr. J. Maxwell, médico e jurista, ocupando uma das mais culminantes situações na hierarquia da magistratura francesa, um dos mais proficientes e experimentados metapsiquistas contemporâneos, ainda que não partilhando a teoria espirita, consagra alguns capítulos da sua obra magistral «*Les Phénomènes Psychiques*» à refutação de algumas afirmações dos profs. Janet e Gasset e à reabilitação dos médiuns.

Transcrevemos alguns passos desta obra escrita com inteligência, cultura e probidade científica, elaborada depois de muitos anos de observação e experiências metapsíquicas.

«Os factos,—diz Maxwell— condenam os conceitos de Janet. Eu tenho muita consideração pelo homem distinto de que critico as idéias, mas ainda que admire os seus trabalhos, estou convencido que Janet só observou sensitivos incompletos. Janet considera os médiuns quási sempre, senão sempre, nevrópatas, francamente histéricos. As minhas observações pessoais contradizem as suas. Tenho visto muitos médiuns. Os melhores não eram nevrópatas. As mais belas experiências que tenho feito têm sido obtidas com médiuns não apresentando estigma algum histérico. Janet parece-me ter até aqui operado sòmente com doentes, não me admirando, portanto, que êle assemelhe os fenómenos automáticos dos médiuns aos dos histéricos. Eu tenho o dever de protestar contra a generalidade da conclusão de Janet sôbre o automatismo psicológico. Os factos dignos de serem obeservados diferem essencialmente daqueles que apresentam os histéricos. Estes factos não indicam uma «miséria psicológica», pelo contrário; eis porquê: 1.º — os fenómenos observados com bons médiuns não são da ordem dos que se registam entre os histéricos. Não são do género dos factos a que estamos habituados dentro dos hospitais. Os que, como eu, observaram estes factos *(raps,* movimentos sem contacto) não podem atribuí-los a movimentos inconscientes e involuntários, a ruídos contráteis dos tendões, à ventriloquia, como pretende insinuar Janet. As coisas passam-se como se uma fôrça qualquer fôsse produzida pelo médium e os assistentes podendo agir fora dos limites do corpo. Se êste facto é exacto, ¿pode-se considerar como secundário e sem importância? ¿Não abre, ao contrário, à psicologia futura a via de observação directa e da experiência, se, como eu tenho registado, esta fôrça conserva certas relações com a nossa consciência geral? Não é, pois, uma singular maneira de raciocinar a de Janet? Em segundo lugar, estes fenómenos não são indício duma «miséria psicológica dos médiuns», como pensa Janet. Para a comprensão dos factos supranormais observados por mim e por muitos outros experimentadores é necessário estar familiarizado com as obras de Gurney, Podmore, Sidgwick, Myers, Barrett, Hodgson, Lodge, Hyslop, C. du Prel, Perty, Hallenbach, Aksakof, Richet, de Rochas. Não é possível tratar da questão que preocupa Janet sem ter em conta os trabalhos dêstes sábios franceses e estrangeiros.

«Janet diz não ter lido a «Philosophie der Mystik» dum homem como C. du Prel. Janet deveria ler esta obra... e muitas outras. Parece-me estabelecido actualmente que a consciência impessoal (subconsciente) é susceptível de apreender impressões exactas independentemente dos sentidos, trazendo-as à consciência normal duma forma concreta ou simbólica. A forma destas mensagens *subliminais,* empregando a expressão de Myers, é sempre a mesma, seja verdadeira ou falsa; seja uma reminiscência, seja uma premonição. Êste facto é duma grande importância, porque nos coloca no caminho a seguir para descobrir o processo mental dêste fenómeno psicológico.

O histérico que simulará automàticamente um ébrio, um general, uma criança, dá-nos um espectáculo muito diferente do oferecido por um médium que, pela sua clarividência, observará telepàticamente um acontecimento longínquo ou terá a premonição dum acontecimento futuro ou revelará factos desconhecidos do médium e dos assistentes. Têm-se milhares de exemplos e eu tenho citado alguns em primeira mão.

¿É possível considerar como uma desagregação (automatismo psicológico subconsciente) esta faculdade extraordinária? É possível agrupar estes factos à categoria dos fenómenos banais de sonambulismo e histeria, únicos observados por Janet? A resposta negativa impõe-se à razão.

O mecanismo psicológico dêstes factos tão dissemelhantes entre si é provavelmente o mesmo, mas a causa do automatismo aparente, motor e sensorial, não é certamente o mesmo. O médium, por mim observado, que vê num espêlho, com antecipação de 24 horas, factos que se realizaram completamente no dia seguinte, tem uma importância considerável, indicando que o tempo e o espaço sendo função da consciência normal, não tem a mínima significação para a consciência supranormal.

«A concepção de Janet lembra-me a frase de Kant: «*o verbalismo das escolas superiores é, por vezes, um expediente para se furtarem a dificuldades, porque ali é defeso empregar-se a inteligente e honesta expressão — «não sabemos».* A expressão de Janet de «miséria psicológica» aplicada a médiuns, está neste caso. O médium capaz de perceber à distância, no espaço e no tempo, teria faculdades superiores às normais, não sendo, portanto, o ser inferior que imagina Janet.»

«É necessário responder às objecções feitas, sem dúvida, de boa-fé, mas por sábios mal ou incompletamente informados. O prof. Grasset, sábio por quem tenho grande respeito, acaba de publicar o último volume de «*Leçons de Clinique Médicale*», consagrando um capítulo a «*Le Spiritisme et la Science*». O prof. Grasset começa por declarar que tomará

Janet por guia porque as suas idéias luminosas, (textual): «*são e ficam para êle, Grasset, a única base científica actual de tôdas estas questões*». Julga-se sonhar, lendo esta afirmação, e, no entanto, está impressa e corre mundo.»

«Grasset vai tomar por guia Janet que nada tem visto e observado. Isto faz lembrar a fábula de La Fontaine, mas, desta vez, é o cego que trepa aos ombros do paralítico».

«De maneira que o prof. Grasset vai tratar um assunto tão grave, tão fecundo em conseqüências novas e imprevistas, sem ter consultado aquêles que têm descrito os fenómenos que Grasset vai apreciar e criticar. O prof. Grasset, que eu muito admiro e respeito, permitirá que um escritor e experimentador independente lhe diga que o seu dever de mestre era de não dar idéias tão incompletas aos seus alunos e leitores».

Lamentamos não ser possível transcrever aqui algumas dezenas de páginas que Maxwell consagra à crítica das obras dos profs. Janet e Grasset. Não seria difícil refutar os argumentos anti-espiritas dos eminentes profs. Janet e Grasset por qualquer espirita medianamente culto. Intencionalmente fizemos aqui esta longa transcrição do dr. Maxwell, devido à alta situação que ocupa na magistratura francesa, sendo também um consagrado metapsiquista, e, muito especialmente, por Maxwell não partilhar a teoria espirita.

O prof. Janet, pela sua situação culminante no mundo científico, foi, talvez, o homem que, directamente, mais concorreu para o desprestígio do Espiritismo, afastando muitos médiuns da sua actividade mediúnica com o justificado receio de virem a ser considerados nevrópatas e degenerados — «*misérias psicológicas*» — na infeliz e pejorativa expressão do prof. Janet.

Tarde, muito tempo depois da publicação das suas obras anti-espiritas, Janet penitenciou-se, parcial e discretamente, no *seu prefácio* à obra de J. Jastrow, «*Subconscience*». Transcrevemos alguns passos: «Depois da época, diz Janet, em que eu empregava o termo de «subconsciente» num sentido clínico, e um pouco «terra a terra», reconheço que outros autores têm empregado o mesmo termo num sentido infinitamente mais elevado. Tem-se designado por subconsciente actividades maravilhosas que parecem existir dentro de nós, sem que suspeitássemos da sua existência. Êste termo tem servido para explicar entusiasmos súbitos e predições de génio. Abstenho-me de discutir teorias tão consoladoras e que são, talvez, verdadeiras. Limito-me a lembrar que me ocupei de coisas diversas. Os pobres doentes, que eu estudei, não tinham génio algum. Os fenómenos que entre êles eram apresentados subconscientes, eram fenómenos bem simples que entre os outros homens fazem parte da consciência pessoal sem que isto excite nenhuma admiração. Êsses doentes tinham perdido a livre disposição e o conhecimento pessoal; tinham uma doença de personalidade; eis tudo.»

Em conclusão: o eminente prof. Janet, consagrado neuro-patologista, limitou as suas observações e experiências adentro dos hospitais, o que não o impedia de levar a sua generalização a todos os médiuns espiritas, sem o prévio e indispensável estudo teórico e prático do Espiritismo.

* * *

O prof. Janet não foi rigorosamente o inovador da teoria do subconsciente, baseado no automatismo psicológico, cujas publicações datam de 1889. A prioridade destas concepções, ainda que diferindo na terminologia e dinamismo, pertence, de facto, aos pioneiros espiritas, como comprova a sua bibliografia.

Allan Kardec, o venerando patriarca do Espiritismo, na sua obra, «O Livro dos Médiuns», cuja 1.ª edição foi publicada em 1857, expõe as modalidades, mecanismo e causas determinantes da psicologia automática. Mas, facto muito mais interessante e elucidativo, os próprios espíritos, vindos das regiões supraterrestres, através das suas comunicações por escrita automática (psicografia) e por incorporação, também desde o início do Espiritismo (1847), punham de sobreaviso os experimentadores espiritas relativamente aos diversos mecanismos dessas mensagens mediúnicas. Neste sentido transcrevemos alguns trechos duma comunicação espirita publicada em *La Revue Spirite*, de 1865, pág. 154: «É de absoluta necessidade não atribuir a espíritos elevados essas mensagens mediúnicas, sem fundo nem forma, reunindo o ridículo à banalidade, vindo assinadas por nomes ilustres de homens falecidos. A mediunidade verdadeira e digna só se pode exercer em cérebros providos duma instrução suficiente ou, pelo menos, de valor moral comprovado. Só os melhores médiuns recebem o afluxo espiritual; os outros recebem simplesmente a impulsão fluídica material

que arrasta as suas mãos *sem fazer produzir à sua inteligência outra coisa além do que ela contenha no estado latente*». Mais adiante continua: «A ciência tem falsos sábios; a mediunidade tem falsos médiuns no ponto de vista espiritual. Ensaio estabelecer aqui a diferença que existe entre os médiuns inspirados pelos fluidos espirituais e aqueles que só agem *sob a influência fluídica corporal*, cuja ressonância física *apenas determina a produção confusa e inconsciente das suas próprias idéias ou idéias vulgares sem alcance.*»

Allan Kardec comentando esta comunicação espirita no mesmo número de *La Revue Spirite*, entre outras judiciosas considerações, diz: «Ainda que o estudo desta parte integrante do Espiritismo — a mediunidade — esteja longe de estar completo, *nós estamos já distantes do tempo em que se acreditava que seria suficiente receber uma impulsão mecânica para se rotular de médium*, julgando-se aptos a receber comunicações dos espíritos. O progresso da ciência espirita, enriquecendo-se, dia a dia, de novas observações, mostra-nos a quantas causas diferentes e a influências delicadas, de que se não suspeitava, são submetidas as relações mentais com o mundo espiritual.»

As teorias do prof. Janet são de 1889; as observações de A. Kardec e *dos espíritos desencarnados* são de 1865, sendo transparente o conceito do autodinamismo psicológico e do subconsciente.

Logo nos primórdios do Espiritismo, os observadores e experimentadores da velha-guarda — da época heróica — como Jackson Davis, em 1855, Metzger e outros pioneiros espiritas, nas suas obras salientam as diversas causas determinantes da escrita automática (1).

Hudson Tuttle, célebre médium intuitivo norte-americano, do meado do século passado, insistiu sôbre a origem humana de muitas mensagens espiritóides.

Em A. Aksakof — «Animismo e Espiritismo», trad. port., 1890 — com a sua classificação dos fenómenos supranormais nas três classes: *personismo, animismo, espiritismo*, a questão da causalidade fica definitivamente determinada.

Por *personismo* considera Aksakof os fenómenos psíquicos inconscientes, produzidos nos limites da esfera corporal do médium, por vezes, expressos em *personificações*, adoptando nomes e carácter estranhos ao eu consciente do médium. A mesa falante, a escrita automática e a palavra inconsciente constituem os fenómenos rudimentares do mediunismo, provenientes do desenvolvimento da consciência. «Os factos desta categoria — diz Aksakof — revelam-nos o grande fenómeno da dualidade do ser psíquico, da não identidade do eu individual interior, inconsciente, com o eu pessoal, exterior e consciente, provando-nos que a totalidade do ser psíquico, seu centro de gravidade, não está no eu pessoal».

Por *animismo* considera Aksakof os fenómenos psíquicos insconscientes fora dos limites corporais do médium: telepatia, transmissão do pensamento, movimentos de objectos sem contacto (telequinesia), etc.

Por *Espiritismo*, designa Aksakof, os fenómenos de personismo e de animismo *na aparência, «porém que reconhecem uma causa extraordinária, supraterrestre, isto é, fora da esfera da nossa existência»*.

Êste resumo, extremamente sucinto, do pensamento de Aksakof, um dos mestres do Espiritismo, prova à evidência que os profs. Janet, Grasset e Flournoy não vieram dar novidades aos espiritas que, muito anteriormente aos trabalhos dêstes mestres consagrados na ciência contemporânea, já conheciam muito mais profunda e completamente a teoria, técnica e diferenciação das três classes dos fenómenos supranormais: *personismo, animismo e espiritismo*.

* * *

Os ataques dirigidos contra o Espiritismo visam especialmente os fenómenos supranormais da ordem intelectual ou subjectiva, nomeadamente os automatismos gráfico e verbal (psicografia e encorporação), precisamente os mais vulgares nas sessões espiritas experimentais. Impõe-se, pois, a necessidade de determinar as causas que podem provocar estes dois géneros de fenómenos.

Alguns espiritas, incipientes e nocivos, animados dum entusiasmo irreflectido, consideram tôdas estas mensagens provenientes de espíritos desencarnados; emquanto que os

(1) J. Davis — *The Present and Inner Life.*

adversários do Espiritismo pretendem englobá-los integralmente dentro do quadro do automatismo psicológico do médium, como produtos da dissociação, desintegração ou disjunção do seu psiquismo cerebral, à margem do eu consciente, e consecutiva formação e autonomia das «personalidades segundas». Tanto uns como os outros pecam nas suas insubsistentes e excessivas generalizações.

A observação e a experiência comprovam que a escrita automática pode ser provocada por causas de ordem variada, de causalidade e finalidade já diferenciadas e sistematizadas dentro do Espiritismo:

1.ª — *O automatismo psicológico* de origem mórbida, patológica, dominante nas psicopatias, particularmente na histeria e pitiatismo (Babinski), quando caracterizadas pela instabilidade da síntese psíquica com a conseqüente formação das personalidades alternantes parasitárias, falando ou escrevendo inconscientemente. Casos: C. Beauchamp, do prof. Morton Prince; Lúcia, do prof. P. Janet, Leónia, do prof. Binet, etc. Cumpre registar que alguns autores consideram o caso Beauchamp e outros, ainda que enquadrados no domínio da neuro-patologia, *como obsessões astrais intermitentes*. Nesta orientação, há curas espiritas comprovativas.

2.ª — *O Biomagnetismo* e o *Hipnotismo* podem determinar, pelos seus variados processos técnicos, a escrita automática nos *passivos*, por sugestão imediata ou post-hipnótica. É conveniente acentuar a diferença profunda que vai dum *passivo hipnótico* a um médium espirita. Os *passivos* são, em geral, médiuns inferiores, devido à sua extrema sugestibilidade, podendo, no entanto, produzir interessantes trabalhos anímicos, mas, raras vezes, acabam por apresentar fenómenos espiritas de valor. São portadores dum maior número de auto e hetero-sugestões, inconscientemente recalcadas, e, por vezes, autores, mais ou menos conscientes, de desagradáveis mistificações. Seja qual fôr a aparente analogia entre a hipnose e o transe mediúnico, a diferença é profunda na sua causalidade, finalidade e dinamismo. Nas sessões espiritas experimentais impõe-se uma decisiva preferência pelos verdadeiros médiuns espiritas, pondo de parte os *passivos hipnóticos* para outra ordem de trabalhos, assim como se devem excluir dessas sessões os hiper-sensitivos e histéricos, cujas doenças intensificar-se-iam pelo exercício dêsse género de trabalhos, aumentando-lhes o desiquilíbrio e dissociação na sua síntese psíquica. Esta selecção impõe-se como um dever moral.

3.ª — *A Telepatia* (comunicação mento-mental e emocional por meios extra-sensoriais entre o agente emissor e o percipiente receptor). As mensagens telepáticas podem influenciar os médiuns psicográficos intuítivos, emquanto que os médiuns mecânicos só podem ser actuados directamente. A acção telepática pode ser de orígem anímica, entre vivos, e de orígem supraterrestre provindo de espíritos desencarnados como agentes emissores. Há casos elucidativos registados na bibliografia espirita (G. Delanne, «*Les Apparations Materialisées des Vivants et des Morts*, 2 vls., in-8, 1909, Paris).

4.ª — *O Animismo*. Neste grupo devem ser abrangidos os factos de psicografia obtidos pelo desdobramento (bilocação) dum espírito encarnado indo actuar pelo seu duplo directamente sôbre o médium psicógrafo, (E. Bozzano, «*Las comunicaciones mediumnicas entre vivos*», trad. esp. Barcelona, 1936).

5.ª — *O Espiritismo*. Será desnecessário insistir sôbre as inúmeras mensagens espiritas psicografadas, obtidas pela acção directa de espíritos desencarnados, devidamente verificadas as suas identidades depois de rigorosa análise e minuciosos inquéritos. Seriam muito mais que suficientes as registadas em dezenas de volumes dos *Proceedings*, publicadas por sábios de renome mundial, membros das Sociedades de Investigações Psíquicas anglo-americanas. Neste grupo impõe-se o dever de incluir as sensacionais «correspondências cruzadas» *(Cross-correspondances)* psicografadas parceladamente, por médiuns desconhecidos uns dos outros, a grandes distâncias (Oliver Lodge — «*La Survivance Humaine*»). A todos aquêles que, de ânimo leve, supõem que a escrita espirita automática apenas produz banalidades, devemos lembrar, além de dezenas de artigos, as publicações recentes de «*A Grande Síntese*», trad. port., obtida pelo notável médium Ubaldi Pietro, obra de alto valor científico e filosófico, e o magnífico volume de Símbolo «*La Tombe Parle*», publicado sob o patrocínio do consagrado escritor espirita Azam, de *La Revue Spirite*.

Além das cinco causas determinantes já

mencionadas, outras, ainda que raras, podem provocar a escrita automática: *o sonambulismo espontâneo* e a *ideoloplastia*, em que os estigmas tomam a forma de mensagens gráficas epidérmicas.

* * *

As personificações histeróides e pitiáticas, em geral provenientes de auto-sugestões recalcadas, (por vezes autênticas mistificações), provocando a desintegração patológica do eu consciente, expressa nas «personalidades segundas», divergem das personificações hipnóticas, fictícias e temporárias, provocadas pela sugestão do hipnotizador que se apossa do psiquismo superior consciente, eclipsado durante a sugestão.

Êstes dois grupos de personificações, enquadrados no automatismo psicológico subconsciente de Janet, diferem profundamente, na sua natureza, causalidade, dinamismo e finalidade, das personalidades mediúnicas caracterizadas por uma acção espiritual supra terrestre, organizadas, e dirigidas, autónomamente e em plena liberdade de acção, durante o transe mediúnico, pela actividade de espíritos desencarnados. A demasiada extensão dêste artigo só nos permite examiná-las sucintamente:

a) as personificações histeróides e hipnóticas declaram-se de origem interna, intrínseca, considerando-se detentoras do eu consciente, usurpando a autocracia do agrupamento psíquico individual, emquanto que as autênticas personalidades mediúnicas declaram sempre a sua completa autonomia, afirmando insistentemente serem entidades de pessoas falecidas, há mais ou menos tempo, tendo apenas utilizado o dinamismo vital do médium para a sua manifestação terrestre, fornecendo, por vezes, as provas mais concludentes da sua identidade;

b) emquanto o rendimento moral e mental das personificações histeróides e hipnóticas se resume a *pastiches* de significado insignificante, meros títeres movidos pelo capricho flutuante de auto e hetero-sugestões, as personalidades mediúnicas apresentam, por vezes, mensagens escritas ou verbais do mais alto valor moral e mental, em função do valor e cultura do espírito comunicante e das capacidades e condições inerentes ao médium, e ao meio ambiente das sessões experimentais. Estas mensagens de valor variado, se muitas vezes são banais, em compensação, algumas vezes, ultrapassam infinitamente os conhecimentos conscientes e subconscientes dos médiuns e dos assistentes e, quando de *natureza premonitória*, transcendem o espaço e o tempo, acabando, em geral, por se realizarem integralmente.

Ultimamente, os cultos e perseverantes espiritas anglo-americanos, habilíssimos e engenhosos experimentadores, obtiveram, dos espíritos comunicantes, além das *cross-correspondances*, a que já fizemos alusão, os *book-tests* e os *newspaper-tests*. Nos *book-tests* o espírito comunicante dicta ou escreve trechos de livros raros, conservados em bibliotecas desconhecidas do médium e dos assistentes. Nos *newspaper-tests* o espírito comunicante apresenta trechos textuais de obras inéditas que só serão publicados tempos depois por escritores encarnados (G. Delanne — *Recherches sur la Médiumnité*, Paris, 1923).

Parece-nos, salvo êrro, e com o devido respeito por sábios e professores tão ilustres, que estas novas modalidades do mediunismo espirita são irredutíveis às concepções e acrobacias do automatismo psicológico subconsciente de Janet, à reclamada criptomnésia de Flournoy e ao polígono cerebral de Grasset.

É doloroso observar quanto os preconceitos de escola, traduzidos no mais empedernido agnosticismo, conturbam, obscurecem e desvairam talentos tão privilegiados e brilhantes, precipitando-os nas mais ilógicas e anti-científicas generalizações, incompatíveis com a natureza e dinamismo dos factos observados adentro do espiritismo.

A doutrina espirita tem um trabalho sumamente importante a realizar na reconstituïção espiritual do mundo. Não vem, como um novo dogma, a impôr a crença na imortalidade do espírito, por simples profissão de fé, nem a oferecer-se aos homens livres com os mesmos argumentos das religiões. O seu ideal é uma fôrça dinâmica que engrandece e desperta as fôrças morais e espirituais do homem, pela demonstração tangível da existência do espírito e sua evolução criadora pelas vidas sucessivas.

Humberto Mariotti

O PROBLEMA DA MORTE

pelo Dr. Sebastião Elviro Martins

I

O Problema da morte tem sido encarado, sob múltiplos e desencontrados aspectos, por variadíssimos autores de tôdas as épocas, conforme as idéias religiosas ou irreligiosas que professam; mas, até hoje, ninguém o esclareceu e o pôs em eqüação com tanto brilho e clareza, como os investigadores espiritualistas, como o demonstram os seus aturados e persistentes trabalhos, levados a cabo com uma proficiência inatacável.

Entre todos os perquiridores dêste grande e eterno problema, destaca-se o professor de teologia da Universidade de Reykjavik, Haraldur Nielsson, desencarnado em Março de 1928.

Êste digno e honrado pastor protestante, arrostando com o sarcasmo, a rotina e a inércia da sua Igreja e dos seus concidadãos, dedicou-se, durante mais de três lustros, aos problemas da vida *-postmortem* e, após aturadas investigações na Islândia e na Inglaterra, coroadas de êxito, chegou à conclusão de que o Evangelho do Cristo não colide com a filosofia espirita, nem proíbe a experiência dos fenómenos espiritóides, como pretendem certos corifeus das várias Igrejas Cristãs.

No seu pequeno livro, traduzido em cinco idiomas, intitulado «Minhas experiências espiritas» e vertido em português por Francisco Klörs Wernek, Nielsson expõe detalhadamente o esfôrço que consagrou às suas laboriosas pesquisas.

Mas não nos antecipemos. Debrucemo-nos um pouco sôbre êste inquietante problema, encarando as hipóteses explicativas mais correntes: materialista-agnóstica, católica, protestante, panteísta, e, finalmente, a que mais nos interessa: a hipótese espiritualista.

A hipótese materialista-agnóstica

Esta hipótese, a menos lógica e a mais vulnerável, tem, contudo, muitos adeptos, especialmente os que vivem mais para os sentimentos grosseiros ou que, fanatizados pelas idéias filosóficas positivas, só acreditam no que vêem e apalpam. Pertencem a êste grupo, especialmente, os fisiologistas acérrimos, porque, quando escalpelizam os cadáveres, não encontram a alma. Daí, a sua descrença na sobrevivência do espírito, após a morte do corpo físico.

A-pesar do estudo da filosofia oficial nos ensinar que possuímos corpo e espírito, nunca nos mostra como é que o espírito evoluciona e como se prova a sua existência. Dêste modo, a legião de estudantes, saídos dos Liceus e das Faculdades, já indiferentes pelos estudos filosóficos, continua a desconhecer e a descrer na maravilhosa ciência da verdadeira vida, que é a vida espiritual após a desencarnação.

Para o materialista, portanto, a única preocupação é gozar a vida, emquanto dura, e, quem vier depois, que feche a porta...

Uns são materialistas, porque só leram a filosofia positivista de Comte, Litré e seus continuadores; outros, porque, imbuídos de idéias envelhecidas, mantêm-se agarrados a elas, como últimos abencerragens.

Há-os ainda por comodismo, por indiferentismo, por ignorância e até por interêsse de seita ou *parti-pris.*

Os mais intransigentes, porém, são os que, a-pesar dos seus conhecimentos, só acreditam na ciência oficial, porque a consideram o modêlo-padrão e a única infalível e aceita pela maioria.

São aquêles que, como nos diz Allan Kardec no «Livro dos Espíritos», «por uma aberração da inteligência, só vêem nos sêres orgânicos a acção da matéria e a esta atribuem todos os nossos actos. No corpo humano, apenas vêem a máquina eléctrica; sòmente pelo funcionamento dos órgãos estudaram o mecanismo da vida, cuja repetida extinção observaram, por efeito da rutura de um fio, e nada mais enxergaram além dêsse fio.»

Encarada a vida física por êste prisma, o materialista vive, assim, despreocupado das conseqüências do seu ponto de vista, acêrca de tão momentoso problema. Entretanto, quando prestes a fazer a última viagem, se ainda lhe restam alguns vislumbres da moral cristã, em geral penetencia-se do seu êrro e entra no limiar do astral, mais conformado com a nova existência a empreender.

Há outros, porém, — como temos observado nas sessões espiritas — que persistem nas suas opiniões materialistas e com muita dificuldade são depois edi-

ficados pelos espíritos-guias, encarregados do seu progresso espiritual.

Há ainda um grupo de materialistas que modificaram as suas idéias porque descreram na eficácia dos dogmas ortodoxos e dos princípios que, até certo dia, respeitaram. Logo que, por acaso, tomam contacto com a nossa doutrina, um raio de luz penetra nos seus cérebros e convertem-se a ela, pela fé raciocinada, com alegria e confiança. Foi dêste grupo que vieram muitos pioneiros da nossa Causa e que a têm prestigiado. São estes os que melhor sabem compreender os nossos princípios filosóficos e doutrinários, porque, comparando-os com os que renegaram, os acharam mais lógicos e mais harmónicos com a ciência de Deus e a dos homens.

As várias categorias dos nossos adversários não terminam aqui. Elas são vastas, e se os leitores as quiserem verificar tôdas, remeto-os para «O Livro dos Médiuns», capítulo III, de A. Kardec, donde extraio o seguinte passo:

«Uma classe muito numerosa, talvez a maior de tôdas, que, entretanto, não pode ser classificada entre as oposicionistas, é a dos *indecisos;* êsses, são *espiritualistas* por princípio, a maior parte dêles têm uma vaga intuição das idéias espiritas, aspiração de alguma coisa que não podem definir; só lhes falta coordenar e formular os pensamentos; o Espiritismo é para êles um como traço de luz, a claridade que dissipa o nevoeiro; por isso, acolhem-no com solicitude, porque êle os tira das angústias da incerteza.»

A hipótese católica

Vamos agora analisar a hipótese católica.

A Morte, através do prisma católico, já não é encarada com a indiferença condenável do materialista ateu. O homem, aqui, já se inquieta, e bastante, com as conseqüências futuras, porque a sua preocupação de atingir o céu, leva-o a modificar-se moralmente e procura ser coerente com a doutrina cristã. Como o Inferno e o Purgatório são para êle etapas indesejáveis, procura, se é sincero, contribuir o mais possível para que Deus o não condene àquelas penas e o receba na sua mansão de paz beatífica e estática, eternamente no gôzo das bençãos celestiais...

Todavia, para muitos, para aquêles cuja consciência os acusa de qualquer pecado inconfessado, a Morte apresenta-se-lhes como tortura cruciante, fazendo-os descrer na eficácia do perdão sacerdotal. Para estes filhos de Deus, ilaqueados pelos dogmas que revestem a Religião Católica Apostólica Romana, o momento fatal da morte do corpo físico deve ser terrível. O seu espírito, conturbado e mortificado pela Dúvida, deve estar na espectativa que sentem os que, ao entrar no Inferno de Dante, pensam constantemente no célebre verso n.º 9 do canto III:

¡Lasciate ogni speranza, voi che entrate!

São estas as conseqüências dos dogmas que paramentam o Catolicismo. O espírito não pode pensar livremente nem discordar das determinações e princípios de Roma. Ou crês, ou morres! ¡Quantos materialistas não tem feito esta intolerância! Se o católico sincero e crente tem a sua consciência tranqüila, bem está, porque então a sua posição no momento solene da morte deve ser semelhante à do espirita e o passamento não o amedronta nem os suplícios do Inferno se lhe antolham horripilantes. Mas muito poucos devem ser estes católicos. Só os justos e os inspirados estarão verdadeiramente nêsse caso, tocados pela graça divina e dignos de recebrem as revelações celestiais. São os que constituem os quadros de honra das agiografias da Igreja, conhecidos pelo nome de Santos, mas que afinal não são mais nem menos do que espíritos superiores, embaixadores espirituais, com a missão de completar a obra de Jesus Cristo.

O maior número, a grande massa anónima dos crentes dêste rito, mercê da ignorância crassa e incapacidade de reflexão, essa, constitui o rebanho de Panurgo!

Isto explica muita perseguição à expansão das verdades reveladas através de tôda a Idade Média e a intolerância que a humanidade sofreu durante esta noite de dez séculos.

Mas a Providência invisível patrocinou sempre os espíritos e fortaleceu-os para suportarem estoicamente todos os ultrajes e tôdas as perseguições.

«A própria Igreja Romana — diz o Dr. Lobo Vilela no seu belo opúsculo «A morte é vida» página 29 — a própria Igreja Romana, que combate o Espiritismo como manifestação diabólica, quando os fenómenos se produzem dentro das suas muralhas, chama-lhes *milagres,* e *santos* aos que os produzem. Os anais religiosos mostram bem que a vida dos *santos,* assim como a de muitos homens ilustres, tem sido uma comunhão permanente com o mundo dos espíritos.»

Mas a Igreja não combate só o Espiritismo; ela combate tudo quanto possa alterar ou susceptibilizar os seus princípios e insubsistentes à lógica e aos factos incontroversos da ciência. Por isso a Igreja é a instituïção mais conservadora das suas prerogativas.

Para fazermos uma idéia das características dos dogmas da Ortodoxia Católica, que a tornaram cada vez mais distanciada da simplicidade da doutrina do Cristo, basta citar êste bocadinho de oiro: «Todos os

dogmas foram revelados à Igreja por Deus, e a quem não crer, anátema!

É portanto o monopólio da Verdade e a lei da rôlha. Daqui não se pode fugir. Ou crês, ou és anatematizado; mais claramente: excomungado...

A hipótese protestante

Para o protestante, a Morte é vista por um prisma um pouco diferente, se bem que ainda muito distanciado daquêle por que nós, espiritas, o encaramos.

Do opúsculo «O aspecto cristão da morte e do destino», do reverendo inglês W. M. Clow, de Glasgow, vamos compulsar alguns períodos, que nos edificarão a êste respeito. Vejamos êste, por exemplo:

«A morte é como uma porta para uma cidade sagrada; o cair num sôno, para despertar numa vida eterna; uma curta e rápida jornada para o lar de Deus. É o ponto de vista cristão da Morte.»

Depois, êste ilustre reverendo, usando e abusando dos textos bíblicos para se escudar nas suas afirmações categóricas, afirma que «as principais explicações da *Society for Psychical Research* parecem para a maior parte dos homens uma mentira.» E mais adiante, referindo-se ao «Raymond», do dr. Oliver Lodge, sentenceia: «Se não houvesse nenhuma outra prova da imortalidade, além mesmo das mais fortes e mais sadias provas dos relatos desta Sociedade, os homens seriam justificados na negação da vida futura.»

Quer dizer, para êste corifeu do protestantismo, nada valem as honestas e perseverantes investigações dos seus compatriotas William Crookes, Lodge, Conan Doyle e tantos outros.

¡Até que ponto as idéias preconcebidas cegam os homens! Mas o argumento decisivo e incontroverso para o nosso reverendo inglês Clow, é a Epístola aos Hebreus IX-27, que diz o seguinte: «*Está ordenado aos homens morrerem só uma vez, vindo após isto o juízo.*»

Nós sabemos muito bem que a exegese dos textos bíblicos é muito difícil, e essa dificuldade deu origem às variadíssimas seitas protestantes espalhadas pela Inglaterra e América. Sabemos, também, que os referidos textos devem ser interpretados, não à letra que mata, mas em espírito que vivifica. A êste propósito, elucida-nos bastante o seguinte passo, de Allan Kardec, do «Evangelho segundo o Espiritismo», 1.ª edição, pág. 294:

«Infelizmente, os adeptos da nova doutrina não se entenderam a propósito da interpretação das palavras do Mestre, cuja maior parte estava velada sob a alegoria e a figura; daí o nascerem, desde o começo, numerosas seitas, que pretendiam, tôdas, possuir exclusivamente a verdade, e dezóito séculos não bastaram para as pôr de acôrdo.»

Estas palavras sensatas e verídicas, já nos põem de sobreaviso sôbre a hermenêutica do supracitado versículo da Epístola de S. Paulo aos Hebreus.

E se elas não fôssem suficientes, bastava compulsar «A vida de Jesus», de Ernesto Renan, o celebérrimo escritor francês que, em 1860 e 1861, chefiou a missão científica, destinada à exploração da antiga Fenícia, residindo nas fronteiras da Galileia e percorrendo-a de lés-a-lés. Ali, nos próprios locais onde se desenrolou a vida do Mártir do Gólgota, Renan teve diante dos olhos um *quinto evangelho,* como êle diz. Pois bem, a-pesar-de êle admitir como autênticos os quatro evangelhos canónicos, surpreendemos-lhe esta afirmação: «Com efeito, certas partes do quarto evangelho foram-lhe acrescentadas *a martelo*»!

Mesmo comparando as várias versões dos textos bíblicos, conforme as diversas igrejas cristãs, êles por vezes desorientam-nos pelas suas pequenas discrepâncias.

Portanto, se nós, à luz das novas interpretações que os espíritos superiores deram aos textos sagrados, dissemos que «está ordenado aos homens morrerem só uma vez, em cada vida», creio que completamos o pensamento de S. Paulo sem o trair, nem desmentir alguns passos dos outros apóstolos, que confirmam a reencarnação, exuberantemente. Basta para isso ler o Evangelho de S. João, III-3-7; Mateus, XVII 10-13 e XXIV 3-4 e Lucas, IX 7-9. Estes são suficientes para nos demonstrar que o homem não morre só uma vez, senão alegòricamente. Mas pregunto: ¿porque é que Mr. Clow não cita êstes passos da Bíblia?

Continuando a folhear o referido opúsculo, verificamos que os protestantes só admitem o Céu e o Inferno. Ouçamos a prosa infalível de Mr. Clow: «As duas alternativas são o Céu e o Inferno. Em todos os credos antigos êstes dois estados do sêr são declarados absolutos, fixos e eternos.»

Creio que estas inspiradas afirmações de Mr. Clow são suficientes para nos fazer compreender a ética do rito cristão fundado por Lutero e Calvino. Há todavia um período no supracitado opúsculo em que o seu autor confessa o seguinte: «Quando nós tomamos o Novo Testamento, sômos enfrentados pelos dificultosos problemas da sua interpretação.» Isto diz tudo, e leva-nos a ser indulgentes para a sua retórica infalível. É esta a sua única opinião, com a qual, creio, todos nós, espiritas, concordamos, por ser uma coisa axiomática.

Ser tolerante é um dos princípios básicos da verdadeira Sabedoria.

A. Lobo Vilela

PELA VITÓRIA DO ESPIRITO

Concepções modernas acêrca de origem, evolução e relações recíprocas de matéria, energia, princípio vital e intelectual, dos astros, da terra, do homem e do complexo alma-espírito

pelo Dr. Fred

Todos os direitos reservados

I

O mais primitivo conhecimento que o homem tinha dos planetas era proveniente da luz irradiada para a Terra, sendo a intensidade desta luz que classifica o planeta e não a sua massa ou volume. Pela luz, pode avaliar-se a côr dos astros e pela sua análise deduzir-se a estrutura dêstes. Serve para isso um aparelho chamado espectroscópio, fundado no facto de cada elemento químico em incandescência comunicar às chamas uma côr característica. Por exemplo, se deitarmos qualquer sal de sódio numa chama incolor, esta fica corada de amarelo. Outro metal, daria outra côr. O espectroscópio consiste pois numa origem calorífica incolor, em que a substância a analisar é levada à incandescência (bico de Bunzen, arco voltaico, tubos de Geissler, etc.). A luz formada, atravessando uma ocular que paralelisa os raios divergentes da origem luminosa, incide num prisma de vidro; dá-se a dispersão da luz (em casos determinados e empregando. em vez do prisma, rêdes especiais ou uma fenda, dá-se a refracção da luz). Em qualquer caso, forma-se o chamado espectro óptico, que é recebido, através duma luneta focável, pelo ôlho do observador (pode-se-lhe também adaptar com vantagem uma câmara fotográfica).

O espectro visível consiste numa série de riscas diferentemente coradas, características para cada elemento, e a ordem por que se sucedem estas côres (radiações monocromáticas) é a observada no espectro solar ou arco-íris: vermelho, alaranjado, amarelo, verde, azul, anilado e violeta; é a escala luminosa chamada *gama cromática*. Conjuntamente com a imagem do espectro, o observador vê a imagem duma escala milimétrica graduada que indica o comprimento de onda da respectiva côr. Comprimento de onda duma radiação electro-óptica é o caminho que a onda percorre durante um período oscilatório. Esta distância para as radiações visíveis, varia entre 8 décimos milésimos de milímetro (para o vermelho extremo) e 4 décimos milésimos de milímetro (para o violeta extremo); na mesma medida em que diminui, o período, aumenta a freqüência da radiação.

Se examinarmos o espectro da luz duma estrêla (o Sol, por exemplo), veremos também uma série de riscas negras correspondentes a determinados comprimentos de onda (riscas de Fraunhöfer). É interpretando tôdas estas riscas que podemos saber a composição físico-química da estrêla, ou, melhor, da sua atmosfera incandescente.

É claro que, como no espectroscópio, só apreciamos as côres visíveis, isto é, os comprimentos de onda para nós perceptíveis, não quer dizer que não haja na estrêla mais elementos a que correspondam, «no espectro», zonas para nós invisíveis.

Os «espectros ópticos» formados duma sucessão contínua de riscas coradas, como o arco-íris, chamam-se *espectros de emissão*. Mas as radiações luminosas gozam da seguinte propriedade: são absorvíveis pela própria substância que as origina. Quer dizer, se um vapor metálico incandescente emite, por exemplo, uma radiação amarela, esta radiação será absorvida pelo vapor do próprio metal, se o encontrar no seu trajecto.

Assim, se uma origem luminosa emitir um conjunto de radiações visíveis (cada uma com o seu comprimento de onda); se êste feixe radiante complexo tiver de atravessar um meio em que existam alguns dos elementos da origem luminosa incandescente, há radiações absorvidas, que não aparecem, portanto, no «espectro óptico», e cujo lugar é assinalado pela ausência de luz: uma risca negra. Estes espectros ópticos, formados duma sucessão de riscas negras em fundo claro, cromático, chamam-se *espectros de absorção*. No mesmo aparelho — espectroscópio — cada risca negra de aborção forma-se no local em que apareceria por emissão, corada, se não tivesse sido absorvida. Isto é importante para o estudo da *constituïção das estrêlas*. Se encontrarmos riscas negras na análise espectroscópica da luz duma estrêla, deveremos concluir pela existência dos respectivos vapores na atmosfera da estrêla, salvo se fôr uma absorção causada pela atmosfera terrestre (riscas telúricas), o que é sempre fácil de distinguir.

Daqui a pouco, entraremos em mais pormenores sôbre a composição dos astros. Antes, porém, vamos dar uma idéia fugaz dos seus movimentos e da grandeza formidável da Natureza e o seu dCriador. Sol, planetas e satélites, movem-se todos na mesma direcção, girando em volta do seu eixo, mais ou menos inclinado sôbre o plano da sua órbita. Rodando os planetas e a nossa Terra em volta de si mesmos e em volta do Sol, todo o sistema solar se move em direcção a um certo ponto do céu, chamado *Apex*. Êste movimento de translação do sistema solar, realiza-se dentro da nossa constelação de Hércules e à velocidade de 20 km/seg. Vê-se que a mesma causa deve ter posto em movimento todo êste mundo, regulado pelas mesmas leis inteligentes e harmónicas em tôda a parte. É conveniente lembrar que a mecânica do céu é regulada como explicam as conhecidas leis de Kepler e a lei da atracção universal de Newton, que ensina: dois pontos materiais atraem-se com uma fôrça dirigida segundo a linha que as une, fôrça directamente proporcional ao produto das massas e inversamente proporcional ao quadrado das distâncias.

É esta lei que explica que tôda a matéria terrestre está sujeita à gravidade da terra.

Seja, desde já, porém, dito que a validade da lei de Newton foi bastante limitada por Einstein, que mostrou ser a lei inaplicável para valores ultra pequenos ou ultra grandes da distância entre as duas massas atractivas, o que acontece nos domínios intratómicos e nos espaços siderais. Duma maneira geral, pode dizer-se, segundo investigações efectuadas durante muitos anos, que as estrêlas seguem duas grandes correntes que se atravessam e se dirigem para pontos celestes determinados. Cada estrêla tem seu movimento próprio; mas, no seu conjunto, repito, tendem para um determinado alvo: *Apex*. As estrêlas mais velhas têm movimento, temperatura e composição diferente das novas.

Apresentemos algumas cifras para fazermos uma vaga idéia da imensidade dêste universo, em que giram cêrca de dez biliões de estrêlas. O Sol é 109 vezes maior do que a Terra; porém, o seu diâmetro é só metade do das estrêlas Sírius e Vega. A estrêla Capela, da constelação do Cocheiro, tem um diâmetro 20 vezes maior do que o Sol, o qual só nos parece o maior astro, porque é a estrêla mais próxima de nós; distamos dela só 150 milhões de km, como se verifica pela triangulação astronómica.

Dissemos, inicialmente, que os astrónomos classificam os astros, não segundo o seu tamanho, mas pela sua luminosidade. ¿Será o Sol, então, nesta escala, o mais luminoso? Não: 26 vezes mais luminoso é Sirius; 10.000 vezes mais, Denep; 80.000 vezes mais, Capela e Cánopus.

Há 22 estrêlas de primeira grandeza, nesta classificação. ¿Porque são, então, estas estrêlas mais brilhantes do que o Sol, que é, para nós, a de maior intensidade luminosa?

A distância da Terra e a temperatura interior da estrêla influem na luminosidade. A temperatura superficial do Sol é de 6.500° centígrados; a de Sírius é 11.000°; o Cocheiro por exemplo, que é 3.500 vezes maior do que o Sol, brilha pouco, só tendo a temperatura de 1.400° C.

Vemos a importância da distância. A lua dista da Terra 384.400 km; o Sol, repito, 150.000.000 km; Mercúrio dista do Sol 580.000.000 km; Marte 227.000.000 km, e o último planeta, Plutão, 9.015 milhões de km. ¿Ainda haverá astros mais distantes? A nossa estrêla fixa mais próxima, Alfa do Centauro, dista de nós 40 biliões de km....

Sírius dista de nós 150 biliões de km e a estrêla polar 460 biliões. Muito mais distantes, ainda, estão as nebulosas espirais que, nesta zona afastada, fogem de nós com a velocidade de 40.000 km/seg. ¿Existe, então, o infinito de Euclides?

¿E esta extensão, impròpriamente chamada espaço, não seria infinita mas só ilimitada, ou haverá limites nesta imensidade?

Como sabemos, a luz percorre no vácuo 300.000 km/seg. É costume avaliar em anos-luz as distância a que estão os astros, sendo um ano-luz a distância que a luz percorre num ano, equivalente a 10 biliões de km. Pois, se acendermos agora uma lâmpada em Alfa do Centauro, a luz só nos atingirá daqui a muitos anos.

Como há formações celestes, tão distantes que, — mesmo contando em anos-luz — a sua distância seria expressa com muitos algarismos, inventou-se uma nova medida: o *parset*, equivalente a 3,6 anos-luz; e há *kiloparset* e *megaparset* (1 milhão de *parsets*).

Os Gémeos distam da Terra 60 anos-luz. É impossível fazer-se uma idéia dêstes valores, visto que já a velocidade de translacção da Terra, 30 km, nos custa a conceber...

A Via Láctea, com os seus mil milhões de estrêlas, caminha à velocidade de 300 km/seg., em direcção da estrêla Capela, sendo a distância média entre duas estrêlas da Via Láctea mais que 100.000 vezes o raio da Terra. ¡Como nos parece agora pequena a velocidade do nosso sistema solar, no seu movimento em direcção da estrêla Vega, com a velocidade de 20 km/seg.!

Há uns 3 milhões de sistemas lácteos; mas, a ôlho nú, só conseguimos distinguir umas 2.500 estrêlas. As estrêlas andam com enorme rapidez e o aspecto geral do céu muda por completo em 10.000 anos.

Os raios luminosos das estrêlas de 15.ª grandeza precisam de 300 anos para chegar à Terra, quer dizer, iluminam-nos com raios que irradiaram nos tempos da guerra dos Trinta Anos. As estrêlas distantes, por exemplo, até 10.000 anos-luz, nem mesmo visíveis pela chapa fotográfica, emitiram os seus raios luminosos há 10 mil anos e nós recebemos as suas radiações com a qualidade da sua emissão originária. Deve haver também estrêlas que emitiram luz muito antes, até, da formação da Terra e cujos raios ainda não nos atingiram. Deve haver, igualmente estrêlas, formadas há poucas dezenas de anos e de que ainda não recebemos as primeiras radiações luminosas. Finalmente, deve haver estrêlas que ainda vislumbramos, mas já há muito apagadas.

A teoria da relatividade de Einstein modifica as noções de espaço e tempo. Se, por exemplo, um observador fictício olhasse, de avião, o relógio de um edifício, com os ponteiros nas 12 horas, por exemplo, e se afastasse do relógio com a velocidade da luz (300.000 km/seg.), seria para êle sempre meio-dia, porque os raios luminosos seguintes nunca o atingiriam.

Êste observador não teria a noção do tempo, ou, melhor, para êle o tempo seria infinito e o espaço nulo, porque não teria a noção de se afastar do relógio.

Se se afastasse do relógio com velocidade maior do que a da luz, «o que nem a teoria da relatividade admite» captaria as imagens saídas do relógio às 11 horas, 10 horas, 9 horas, etc.; emquanto o tempo, para êle decorreria ao contrário: apenas veria os acontecimentos passados, a começar pelos mais antigos. Pois bem: Aos habitantes das estrêlas, que caminhem com vetlocidade maiores do que a da Terra, aconteceria o mesmo: veriam os nossos actuais acontecimentos, como acontecimentos antigos, e os nossos antigos, como modernos.

Outro facto interessante: Einstein observou que as riscas do espectro luminoso duma certa estrêla, se deslocavam ligeiramente, retomando a mesma posição, no decorrer dum ano. Porque será? Supunhamos um rio que arrasta pedaços de madeira. Se estivéssemos parados dentro dêle, apanharíamos, por exemplo, 10 pedaços por segundo. Mas se corrêssemos rio acima, apanharíamos, no mesmo tempo, mais pedaços de madeira. Ora, a Terra move-se em direcção de estrêlas fixas; se uma estrêla tem no espectro uma risca de certo comprimento de onda e nós, «em cima da Terra», nos movemos em direcção à estrêla, apanhamos, no mesmo tempo, — deixem-me assim dizer, — mais pedaços de madeira, isto é, mais vibrações, e a côr «sobe» no espectro, pelo nosso movimento, em relação à estrêla: durante seis meses, aproximamo-nos dela e, durante outros seis, afastamo-nos.

Mencionamos estas teorias de Einstein, para mostrar que as observações espectrais, como todos os fenómenos, são relativas.

A velocidade das estrêlas também não é, sempre, a mesma.

Não se pode determinar, assim, o instante absoluto em que uma estrêla está mais próxima do Sol, isto é, no periélio. Anàlogamente sucede com o planeta Mercúrio, que atinge o periélio, antes do momento calculado.

Explica Einstein que a aparente variação de velocidade de Mercúrio, neste momento, reside na variação da sua massa, grandeza que não é constante na teoria da relatividade, aumentando com a energia adquirida. ¿Mas, porque mudou a massa? Porque, em virtude da aproximação do Sol, Mercúrio sofreu um aumento de velocidade, para que o conseqüente aumento da fôrça centrífuga equilibre a maior atracção solar, devida à diminuïção da distância. Êste acréscimo de energia corresponde a aumento de massa; a velocidade resultante diminui e o instante do periélio é avançado.

O nosso mundo consiste em sistemas bem regulados. Assim, o sistema dum astro com os seus satélites, chama-se *sistema solar;* muitos sistemas solares formam uma acumulação de estrêlas, ou *constelação;* e muitas constelações formam um *sistema lácteo,* havendo milhões dêstes sistemas.

¿Como vemos nós tantos mundos? Pelas radiações luminosas, transmitidas através dos espaços etéreos. À ciência baseada nestas comunicações luminosas chamamos *fotoquímica das estrêlas,* pois estas radiações, únicas comunicações das estrêlas — não falando das possíveis mensagens de entes transcendentes — permitem concluir a composição química dos astros.

Antes de estudar a estrutura dos astros, falemos do meio em que se propagam as radiações que dêles emanam.

Como a Física não considera a energia senão ligado à matéria, não se admitem ondas luminosas, sem um meio material em que se propaguem.

Quer a luz seja a propagação de ondas electromagnéticas, ou, simultâneametnte, o fluxo de corpúsculos imateriais, é sempre preciso conceber um meio em que se propague. Como se desconhece êste meio, idealiza-se um meio hipotético chamado «éter».

Não falemos agora dos «aéteres» dos teosofistas, dos rosacruzes, «aéteres» de vida, de luz, de reflexão, com os seus polos positivos e negativos; não falamos dêstes fluídos etéreos, de que se servem os ocultistas para explicar os fenómenos metapsíquicos, mas apenas nos referimos ao éter físico ou mecânico (Lodge, Kelvin, Helmholtz). Freqüentemente, os próprios ocultistas e, até, Bozzano (cf. «Enigmas da Psi-

cometria»), não distinguem os dois éteres; e não pode ser de outra maneira (sabendo que o *aéter* teosófico difere do espacial, seria melhor designar aquêle por outra palavra, e, em primeiro lugar, determinar, cientificamente, a sua constituïção).

Até hoje, nem se sabe o que é o *éter* físico, por não se tornar perceptível directamente aos nossos sentidos e instrumentos, a-pesar das teorias que o idealizaram com um conjunto de propriedades quási absurdas; ora, êste éter simultâneamente fluido (os corpos celestes movem-se nêle) e sólido (propagação da luz) não pesando, mas tendo enormíssima densidade (depende apenas da massa), sendo inerte, dielétrico, descontínuo e infinitamente elástico; estando fora da lei da gravitação, penetra tudo, confundindo-se com o próprio espaço. Se, na realidade, existisse, êste éter devia provocar uma estagnação na frente da Terra, que o penetraria, como um navio singrando no oceano. Então, êste «vento de éter» travaria o movimento da Terra, cuja velocidade diminuïria e, segundo a lei de Newton, tenderia para o Sol. Deviamos sentir estes turbilhões nas observações astronómicas. Esta célebre experiência crucial (interferómetro de Michelson-Morley em 1887) tem sido escrupulosamente repetida, dando inicialmente resultado negativo que foi preciso confirmar com novas hipóteses (contracção Lorentz-Einstein); todavia, ainda não se pode tirar uma conclusão definitiva, pois alguns autores (Miller, etc.), repetindo as experiências, verificaram a existência dum arrastamento parcial do éter (numa camada intermediária) a elevadas altitudes, embora tal resultado fôsse contestado. Outro fenómeno importante a favor da existência do éter seria a «aberração» da luz na camada intermediária (relacionada com a de Heaveside), tão notável nas observações astronómicas. Mesmo aceitando que o éter penetrasse os planetas, ou, melhor (visto o éter não ter movimento, mas sim a Terra), estes penetrassem no éter, devia a velocidade da luz ser variável nas direcções da propagação; ora, o seu valor é constante, para um certo meio.

As maiores dificuldades que se opõem à concepção do éter mecânico são os fenómenos da gravitação que sôbre os corpos tem acção atractiva, directamente proporcional às massas, quando cálculos de física-matemática levam, antes, a considerar as superfícies.

A desistência da teoria electromagnética de Maxwell fêz abandonar êste conceito, que a ninguém satisfazia, de éter físico. Mas o aparecimento das novas teorias explicativas dos fenómenos energéticos radiantes levou à concepção dum novo meio hipotético, também descontínuo e não homogéneo. Mais modernamente, o conceito modificou-se e admite-se hoje, com efeito, a existência dum éter espacial com um mínimo de propriedades a determinar, não sendo confirmadas as propriedades do meio em que actua (são, entretanto, definidas as qualidades electromagnéticas). Mesmo Einstein considera o éter como meio puramente físico e transmissor dos efeitos da inércia. Como sempre, somos forçados a conceber esta nova hipótese de trabalho. Moreux acha indispensável abandonar o antigo atomismo para adoptar a 4.ª dimensão do hiper-espaço.

Para Lodge, o éter tem, não só interacção na matéria, mas também interacção mental e espiritual. Para os espiritas, como Bozzano e outros, é também um outro éter (aeter) fictício que enche o espaço infinito e que explica todos os fenómenos transcendentais, assim como é matéria rarefeitíssima que compõe o chamado «fluído universal», duplo etéreo, perispírito, penetrando tudo e dissipando nêle os próprios átomos.

O conceito panteísta-espiritualista conduz à concepção do *Aeter-Deus* que transporta consigo a idéia directriz, inteligente e imanente que rege os fenómenos da vida do Cosmos. Êste *aéter-Deus* é imaterial, omnipotente, autoconsciente, em que se banha e de que se alimenta e do qual é saturado o corpo espiritual, à semelhança do corpo físico, com relação ao oxigénio do ar.

E é devido a êste *aéter* que tôdas as vibrações se conservam registadas, fixadas por êle ao lugar onde foram recebidas. Mesmo admitindo e aceitando que as formas fluídicas dos astros, das coisas, dos vegetais, animais e seres humanos, apareçam antes das formas reais moldadas por êste fluido, nem assim se explica que as formas fluídicas sejam formas etéreas, ectoplasma e aeter vitalizado. Ora, isto são palavras, pois ninguém sabe o que é «aéter». Muito menos podemos imaginar que todos os corpos sejam aéteres rarefeitos, matérias refinadas do *aéter*, que tôda a massa e atracção sejam energia dêste *aéter* (à qual regressam por radiação) e os electrões sejam girostatos constituídos por turbilhões etéricos e tôda a energia seja derivada de movimentos, isto é, de vibrações do *aéter*. Nem é também de admitir que o aéter (igual ao *Akasa* e *Koilon* dos orientalistas, ao *aor* dos Hebreus) seja uma forma de transição entre matéria e energia (vamos ver que a matéria nasce da energia), nem que êste *aéter-éter* (já se confundem o éter espacial com o fluídico) seja o pai do hidrogénio, menos e electrão. É impossível! Ficando o protão, que tem pêso, ¿como seria o éter imponderável? E como a metapsíquica quere ser uma ciência e há uma física, como uma fisiologia dos espíritos, tem que se pôr de parte o aéter fluídico ou, então, admitindo esta denominação, relacioná-lo com o éter espacial e, finalmente, saber em que consistem ambos

(¿gases rarefeitos, matéria quintessenciada, energia radiante?).

¿Que vem, então a ser, o éter? Apenas uma «espécie de muleta para a ciência». ¿Não se fizeram, acaso, observações em laboratórios para verificar se há ou não há, realmente, qualquer matéria cósmica, muito rarefeita que seja?

Acabamos de ver que se consegue determinar temperatura e composição dos astros pela análise espectral. Observou-se que várias estrêlas, por exemplo, as do grupo Orion, são duplas; podemos dizer que têm um perispírito. A nossa vista só distingue uma estrêla que é constituida por duas visinhas; o espectro luminoso dêsse par de estrêlas não é constante; as riscas variam com o movimento das estrêlas, mas não tôdas; as correspondentes ao cálcio, sódio, titânio, etc., não se modificam: não são, portanto, provenientes da luz das estrêlas, pouco condensada, mas de natureza química conhecida, portanto muito diferente do hipotético éter. ¿Será, então, esta matéria cósmica portadora das radiações? E conforme a densidade dessa matéria (que não é sempre a mesma em todos os pontos do Universo), ¿não será diferente a absorção e a intensidade da luz? E mesmo assim, tão quintessetnciada, esta matéria cósmica poderá interceptar completamente a luz. Ora, parece que o vácuo absoluto não existe; que há uma matéria extremamente rarefeite que se condensa em certos lugares, formando nebulosas e depois estrêlas e mundos. Todavia, matéria cósmica e éter são muito diferentes. Ninguém conhece a natureza dêste éter fictício, inter e entreatómico, em que se propagam, segundo uma das teorias, as ondas luminosas vindas das estrelas. Esta teoria está hoje posta de parte, por não explicar vários fenómenos luminosos recentemente descobertos, efeito Compton, (desvio de electrões pelo choque com elementos de radiação), efeito fotoelétrico, (emissão de electrões por um método irradiando luz), efeito Raman (choque de fotões com átomos), etc.).

Supõe-se hoje que as radiações luminosas consistem no transporte de corpúsculos sem massa, de natureza electromagnética, emitidos pela origem luminosa, chamados fotões. Êstes propagam-se mesmo no vacuo sem necessidade da intervenção do éter ou qualquer outro meio. Contudo, estes fotões existem associados a uma «onda», que os dirige. A favor da teoria das ondas, temos os fenómenos da interferência e os aneis da difracção. O comprimento de onda varia e é inversamente proporcional à quantidade de movimento dos fotões. O nosso espectro luminoso não é classificado apenas pelos comprimentos de onda das radiações que o compõem, mas também pela quantidade de fotões que são transportados. Quanto mais fotões da mesma velocidade, maior intensidade luminosa; quanto maior freqüência, mais vibrações da onda associada, mais a radíação, no espectro, se aproxima do ultravioleta. A trajectória da propagação das radiações é perturbada pela existência de quaisquer campos eléctricos ou magnéticos (da Terra ou de qualquer outro astro, mas independentes da gravitação universal.

Curso de Espiritismo "Jorge Spero" de Buenos Aires

O *Boletin de la Agrupacion Estudiosa Camilo Flammarion*, de Buenos Aires, insere o programa do Curso de Ensinos Espiritas «Jorge Spero» (ciclo de 1941), que nos deixou profundamente impressionados, em virtude da matéria a estudar e dos conferencistas escolhidos para tão formosa campanha de cultura espiritual. Damos, ao acaso, alguns títulos de conferências:

«Conteúdo ético-moral da escola espirita», «Os princípios da Vida: Espírito e Matéria», «A Morte e para lá da Morte», «A Mediunidade e os factores biotiptológicos», «Léon Denis, ou a filosofia duma nova cultura» e «A Posição do Espiritismo em face dos conhecimentos científicos e filosóficos», do nosso redactor-correspondente Dr. Luís M. di Cristóforo; «Caracteres essenciais do Espiritismo», «O Fenómeno da moldagem na obra de Geley», «Um testemunho terminante de reencarnação», «Os poetas e a poesia espirita» e «Espiritismo, Telepatia e Metapsíquica», de A. Barcón; «Um teorismo engenhoso: O polígono de Grasset» e «Ensaio de introdução aos estudos filosóficos», de H. J. Meson; «A geometria euclidiana e a não euclidiana» e «Sinopse dos conhecimentos astronómicos, desde os tempos primitivos até Copérnico», de F. Anguita; «O conceito da alma através dos tempos», de S. Volpe; «Uma viagem inter-planetária», de E. Perruelo», etc., etc. São, emfim, trita lições que devem ser esplêndidas, atendendo à craveira mental dos professores.

A última 2.ª feira de cada mês é destinada ao 2.º ciclo de Extensão Universitária e Cultural.

O MATERIALISMO

Afirmo sem hesitar que o materialismo é o maior e o mais grave êrro do espírito humano e que a evidência da sua absurdidade se demonstra por inúmeros fenómenos, de cuja realidade já não é possível duvidar.

Os partidários da ciência materialista julgam conhecer tôda a ciência humana; mas, não podendo explicar êsses fenómenos, negam-nos ou os consideram ilusões, como se tôdas as possibilidades houvessem de estar contidas no círculo dos seus conhecimentos, como se na terra e nos céus, conforme diz Shakespeare, apenas existissem as coisas imaginadas pela nossa filosofia.

C. Picone Chiodo

M/jun/41

RELIGIÕES

pelo Coronel Faure da Rosa

I

A palavra «religião» vem do latim *religio, onis*, de *religo, are*, que quer dizer ligar fortemente. Por extensão, talvez, deu-se-lhe um significado mais amplo e estabeleceu-se que a «ligação» é a do homem a Deus. Assim, «religião» significa para tôda a gente «o culto que se presta à Divindade».

Dizia Pasteur que «a idéia de Deus é uma forma da idéia do Infinito. Ninguém pode eximir-se a proclamar a existência do Infinito. A noção do Infinito tem o duplo carácter de impor-se e de ser incompreensível. Quando esta noção se apodera do entendimento, ao homem só resta prosternar-se.»

A vida terrena, tôda feita de contrastes, não pode deixar de ter uma fôrça psíquica em oposição à fôrça física. A essa fôrça psíquica é lícito chamar «magnetismo divino» que actua na alma humana como as fôrças físicas actuam no Oceano e na própria Terra.

O homem primitivo não podia imaginar o mundo como uma grande máquina obedecendo a princípios e a leis. Sem conhecer ainda outra causa do movimento e da acção, além dêle mesmo, o homem acreditava que detrás de todo o movimento e de tôda a acção havia um ente semelhante a êle. Desta maneira teriam nascido os inumeráveis deuses antigos antropomorfos.

E como o homem é sensível à lisonja e à súplica; como o homem se deixa enternecer por quem saiba fazer-lhe vibrar as cordas da sensibilidade, os deuses — na crença do homem primitivo — também deveriam ser acessíveis por processos semelhantes.

Letorneau afirma que as raças inferiores — como os habitantes da Terra de Fogo, da Tasmânia, da Austrália — não tinham nem templos, nem sacerdotes, nem ritos. A religiosidade consistia, então, em acreditarem na existência de espíritos, antropomorfos ou zoomorfos, espalhados pelas rochas, grutas, árvores... por tôda a parte e em tôdas as pessoas, coisas e animais.

Mas a idéia de comunicar com os espíritos, de influir nas suas decisões por meio de oblatas, de genuflexões, de preces... só muito mais tarde acudiu ao homem com o progresso da inteligência e do raciocínio. É então que se edifica o templo e que aparece o sacerdote, o doutor da lei, que, de boa ou má fé, se arroga o previlégio de comunicar com os espíritos.

A crença na imortalidade da alma é mais antiga do que a crença nos deuses. A magia foi a ciência do tempo em que o antropomorfismo reinava como senhor absoluto. Destinguiam-se duas espécies de magia: a malfazeja, denominada *Goécia* e cujos efeitos atribuíam aos génios maus, e benfazeja, chamada *Teurgia*, cujos actos eram tidos como produção dos génios bons.

No século XVI substituiram as palavras «*goécia*» e «*teurgia*» por estoutras expressões: «magia negra» e «magia branca». Ambas as magias, porém, eram conhecidas pelo nome comum de «feitiçaria», a qual podia ser definida como a arte de operar prodígios com o auxílio ou o concurso do «diabo».

Os escritores da época — tantos religiosos como laicos — apresentavam o feiticeiro como entidade que evocava os mortos, predizia o futuro, transformava os elementos... enfim, consideravam o feiticeiro uma entidade para quem o prodígio era um hábito corrente da vida normal. E tôda a gente acreditava nisto com uma fé tão arreigada, tão completa, como jàmais foi igualada em nenhum tempo, segundo afirma Michel Sage.

Esta superstição causou vítimas, porque os próprios homens instruídos, e até os sábios e os filósofos dêsse tempo, não opunham a menor objecção a tais crendices.

Para Tylor (1) a inteligência humana preocupou-se, ao princípio, com duas categorias de fenómenos biológicos: a diferença entre um corpo vivo e um corpo morto, e a causa da vigília, do sono, da doença, da morte. Em seguida, ocupou-se, também, com a natureza das formas humanas que aparecem nos sonhos e nas visões.

Lucien Henry (2) diz que «o agnóstico Spencer dá como ponto de partida das religiões a idéia do «duplo». O selvagem vê-se em sonhos, vê a sua própria imagem reflectida na água e acredita na existência de dois seres distintos que se assemelham: êle e o «duplo», duplo que subsiste depois da morte.»

(1) *Civilisation primitive.*
(2) *Les Origines de la Religion.*

O cientista alemão Cunow, citado pelo materialista Lucien Henry, sustenta a tese de que a idéia da alma nasceu da observação da natureza dêle mesmo. Tal asserção escandalizou Lucien Henry e por isso, simplesmente, o considera um pseudo cientista.

Lafarge, a quem Lucien Henry reconhece méritos excepcionais, escreve (1): «Há problemas da vida e da natureza que, desde sempre, preocuparam o espírito do homem. Desde que êle começou a reflectir, procurou resolvê-los como pôde e como lhe permitiam os seus conhecimentos. Os singulares fenómenos fisiológicos do sono e do sonho, que perturbaram Pascal e que ainda não tiveram explicação satisfatória, inquietam vivamente o selvagem que, para os explicar, inventou a alma...»

A simples circunstância de Lafarge falar em «espírito» e «alma», valeu-lhe que Lucien Henry achasse «eminentemente lamentável» que êle tivesse empregado termos que de alguma maneira exprimem idéias animistas...

Para ser cientista cem por cento, pelo visto, na opinião do incréu Lucien Henry, é indispensável pertencer ao grupo dos «sem Deus».

Entretanto, êle mesmo reconhece que a religião deriva do animismo: sem espírito, sem alma, nenhuma religião poderia existir, no que todos estão de acôrdo. Mas, para Lucien Henry, o animismo é uma criação da comunidade primitiva, uma invenção do selvagem, portanto, sem realidade.

Certo é, porém, que, a-pesar-de vivamente combatido pelos materialistas, o animismo é admitido pela grande maioria dos etnógafos, como o próprio Henry confessa.

Como apareceram as religiões?

São numerosas as teorias relativas à orígem das religiões, mas só me ocuparei das principais.

Teorias sôbre a origem das religiões

Segundo Max Muller, os primeiros objectos da adoração religiosa e do culto foram as fôrças da natureza, à frente das quais estava o sol. Todos os etnógrafos estão actualmente de acôrdo em reconhecer que os factos contradizem o naturismo.

As fôrças da natureza foram divinizadas, de-certo, numa etapa tardia do desenvolvimento social, pelos pastores e cultivadores.

Veio, depois, o culto dos antepassados e a crença na alma.

Max Muller reconhece que existe no homem um sentimento religioso inato, ou melhor, uma tendência para o Infinito, um desejo de compreender o incompreensível.

Escreve Max Muller (2): «A religião é uma faculdade do espírito que, independentemente — direi mais — que a despeito dos sentidos e da razão, torna o homem capaz de apreender o Infinito sob nomes e aspectos variáveis. Sem esta faculdade nenhuma religião seria possível, nem mesmo o culto mais desautorizado de ídolos e de feitiços, e, por pouca atenção que prestemos, poderemos ouvir, em qualquer religião, um gemido do espírito, um ruído do esfôrço para conceber o inconcebível, para exprimir o inexprimível, uma aspiração para o Infinito, para o amor de Deus.»

As *teorias pró-monoteistas,* segundo Creutzer, tiveram por promotor o inglês Andrew Lang, o qual, depois de combater o naturismo de Max Muller e de ter assegurado o triunfo da antropologia em detrimento da filologia védica — sob a dupla influência de Darwin e de Tylor — lançou uma nova teoria fundamentada no espiritismo norte-americano: a noção de Deus-Pai, que seria permanente; teria existido um monoteismo primitivo.

A argumentação de Lang para sustentar esta tese é simplicíssima: o selvagem sabe que é êele sòsinho que fabrica determinada ferramenta; por conseqüência, o mundo que o rodeia, por um raciocínio análogo, deve ser obra dum único criador. Mas, Deus não é só criador; também é legislador, porque o selvagem faz com que a mulher e os filhos lhe obedeçam e, êle próprio, observa escrupulosamente os tabos, os feitiços.

O etnógrafo alemão Honrad Preüss apresenta uma teoria pela qual a religião, as diferentes ideologias, e, mais geralmente, a própria vida social, derivam da magia, da feitiçaria.

Segundo os preanimistas, o animismo não é a forma primitiva da religião. O etnógrafo inglês Marrett, que emite a nova teoria, entende que o animismo foi precedido dum período caracterizado por aquilo a que êle chama «animatismo»; isto é, o homem primitivo, sob o império do mêdo permanente, atribuïria às coisas uma fôrça imanente e misteriosa. A crença nos espíritos teria sido precedida pela crença em um poder terrível, impessoal, destituído de todo o carácter físico, que só se manifestava nos corpos materiais, sem que, todavia, estivesse ligado a êles de maneira durável, constante.

O autor afirma que, a-pesar-de os preanimistas — e só êles — o animismo e a magia são as formas primárias da religião, como o demonstra o estudo dos elementos prearqueológicos e prehistóricos. Os mais

(1) *Le determinisme economique de Karl Max.*
(2) *Introduction à la Science de la Religion.*

antigos túmulos conhecidos, que testemunham a crença religiosa em um espírito ou numa alma, remontam à época musteriana — o homem de Neanderthal enterrado com as suas armas de silex.

Horvitt, que estudou as tribus do sudoeste australiano, conta que um dia um indígena lhe disse: «Se durmo, vivo num país longínquo e vejo também aqueles que há muito tempo morreram; e não só os vejo como também lhes falo.»

Para os psicoanalistas freudianos tudo é sexo; para os materialistas dialécticos tudo é estômago.

Mas Horvitt demonstra que a psicoanálise reduz o social ao individual, o individual ao sexual, e o civilizado ao primitivo. «O freudismo» — diz êle— «faz da religião, quer queiram quer não, um fenómeno eterno, inerente à humanidade.»

Um ferrenho materialista dizia que «a magia é essencialmente religiosa como a religião é essencialmente mágica. É um trocadilho irreverente que, apenas, consegue... fazer sorrir.

Levy Brühl afirma (1) que o homem, quando morre, deixa de fazer parte do grupo dos vivos, mas não deixa de existir. Ùnicamente passou dêste mundo para outro.

«Os mortos têm necessidade dos viventes, como os viventes necessitam dos mortos.» Embora esta frase de Levy Brühl seja intencionalmente sarcástica, certo é que sintetiza a portentosa atracção do neo-espiritualismo como o demonstra o facto espirita, — a comunicação entre os habitantes da Terra e os do Além.

«No fundo de tôdas as religiões antigas — escreve Lvisy (2) — encontramos um ciclo de festas que se destinavam, em primeiro lugar, não precisamente a santificar o ano, mas a governá-lo, a promover e a regular o movimento da natureza, o curso das estações e o da vegetação.»

Tylor diz que tanto nos povos selvagens como nos civilizados, a base real de tôda a filosofia é o animismo.

A palavra «Deus», em tôdas as religiões, é destinada a exprimir a idéia da fôrça universal, eternamente activa, que imprime movimento a tôda a natureza. Mas esta fôrça universal obedece a leis que os mais contumazes incréus reconhecem... E a idéia de *leis* implica, forçosamente, a idéia dum organizador, duma Inteligência Suprema que as fizesse, que as desse.

Sonhos espirituais

«É evidente» — escreve MacBride (3) — «que uma crença na sobrevivência da alma é parte fundamental da equipagem mental humana. Assim tem sido desde o princípio. A pesar-de ocasionalmente suprimida, lá está sempre no subconsciente, profundamente oculta nos recessos do nosso ser».

Foi a fôrça psíquica que criou o sonho espiritual a que se chama «Religião». Variável com as raças e com os indivíduos, êsse sonho espiritual começou por ser ingénuo e grosseiro. Depois, foi, simultâneamente, cruel e dôce, benéfico e malfazejo, Tornou-se, sobretudo, um instrumento de luta e de progresso.

Dentre os sonhos espirituais da Terra, sobressai o do Egito que criou Osiris, o deus único, belo, justo e perfeito e que entreviu a escala ascencional do progressso e a vida eterna.

Houve o sonho de Zoroastro, o legislador religioso da Pérsia que atribuía todos os acontecimentos dêste mundo à luta dos dois princípios, o Bem e o Mal, e prometia a vitória do Bem na consumação dos séculos. Para êle o fogo purificador era o símbolo da divindade. A religião de Zoroastro ainda hoje é professada na Índia pelos Parses que conservam a sua alta moral. O seu catecismo é do mais puro cristianismo.

Houve o sonho panteista de Brama e o de Buda, o reformador, a princípio ateista e que veio a reconhecer por Deus «O Grande Todo».

Houve os sonhos fantásticos, enormes, dos Fenícios e dos Assírios. Houve o grande sonho filosófico, o sonho dos gregos, do qual os romanos viriam a apoderar-se.

Houve o sonho monoteista de Moisés, inspirado pela mitologia egípcia, que continha o germen do cristianismo.

Houve o lindo sonho de Jesus de Nazaré cujo verbo místico, de alta espiritualidade e de moral pura, se robusteceu nas margens do Tibre e deu ao Ocidente uma religião e uma Igreja.

Finalmente, houve o sonho de Mahomet que, na sua orígem, foi afável e humano, mas, depois se tornou em sonho de conquistador, ambicioso e cruel.

O legislador religioso da Pérsia, Zoroastro, instituiu a festa anuel da igualdade — que o sonho fantástico da igualdade vem de muito longe.

O rei, então, costumava misturar-se com a multidão e conversar com aqueles dos seus subditos que êle tinha como mais úteis.

A' mêsa do rei sentavam-se agricultores e operários a quem costumava dizer: «Do vosso trabalho recebemos nós a alimentação; a nós deveis todos vós

---

(1) *L'Aure primitive.*

(2) *¿Y-a-t-il deux sources de la morale et de la religion?*

(3) Sôbre a Evolução.

a tranqüilidade e o bem-estar que disfrutais. Somos, pois, necessários uns aos outros. Vivamos em paz como irmãos.»

Nunca faltaram parlendas dêste género desde os mais recuados tempos. Como sempre, também, nunca elas impediram que os irmãos grandes oprimissem os irmãos pequenos... Na Índia ainda hoje se diz que «o peixe meúdo nasceu para ser comido pelo peixe graúdo.»

Mas certo é que o ideal existia... talvez tivesse existido sempre na alma da terra. De tempos a tempos, o ideal encarnava em um indivíduo que sabia exprimi-lo com palavras mais ou menos eloqüentes. Depois vieram fôrças inimigas que o sufocaram: a cupidez, a ambição, o egoismo. E os homens continuaram e continuam a matar-se, a despojar-se, uns aos outros. Entretanto, não se pode negar que cada uma das suas encarnações deixou entre nós mais calor, mais luz.

Um dia — bem longínquo de-certo — chegará o triunfo da fraternidade, a divina fraternidade que ninguém neste planeta ainda conhece. Foi êste o lindo sonho do dôce Jesus de Nazaré.

Religião estática e dinâmica — ciência das religiões

Bergson entende que há uma religião estática e outra dinâmica. A estática é a natural, nascida da função fabulosa; é contrapêso que conduz à acção dissolvente da inteligência. Esta religião estática é, pela sua essência, a das sociedades humanas fechadas que se opõem a outras sociedades humanas. A religião dinâmica é manifestada, ùnicamente, por certos indivíduos privilegiados que, graças à intuïção, reascendem directamente para a impulsão criadora donde provém. Esta religião dinâmica, universalista e actuante, é a dos místicos.

Bergson refuta a tese que pretende que o misticismo não é mais que uma manifestação de psiconevrose. «Não devemos admirar-nos» — escreve Bergson — «de o misticismo ser acompanhado, algumas vezes, de perturbações nervosas. Também se nos deparam dessas perturbações em outras formas do génio, assinaladamente nos músicos. Em ambos os casos são simples acidentes que tanto pertencem à mística, uns, como à música, outros.»

O misticismo leva ao êxtase, e «o êxtase é, simplesmente, o complemento e a conseqüência do apoderamento do espírito comunicante» (1).

As religiões originam formações colectivas de bem-fazer — diz Lakhowsky (2) — substituindo o nada pela esperança.

«Para nós que vivemos num século de progressos científicos, as concepções teológicas e filosóficas, conservam o seu valor porque são essencialmente espiritualistas e moralizadoras...»

Os espiritualistas — afirma Emile Durkeim, sociólogo francês — prestaram à ciência o grande serviço de combater tôdas as doutrinas que reduzem a vida psíquica a uma simples eflorescência da vida física.

Situação atroz é a do materialista que não acredita em nenhuma sobrevivência do nosso ser depois da morte. Para êle não há mais que desaparição pura e simples, tanto da personalidade como do organismo.

Existe a ciência das religiões, ciência nova cuja autonomia data, apenas, de algumas dezenas de anos (3).

«A ciência das religiões tem por objecto o estudo das religiões, da sua natureza e das suas manifestações...

«O homem, a princípio, é prisioneiro da natureza e dos sentidos; depois eleva-se acima da esfera da sensação e chega à afirmação da sua livre subjectividade; finalmente, a antítese resolve-se na religião perfeita ou absoluta em que a idéia se realiza.

Certos fenómenos biológicos, como o sono, levaram o homem a descobrir em si um princípio distinto do corpo: a alma. Esta alma pode abandoná-lo, reintegrar-se nele, errar livremente por onde quere...

Mas as crenças nada provam se as acções não forem condizentes. As pessoas julgam-se pelo que fazem e não pelo que crêem. Só uma coisa prova que a crença é sincera: procederem como ela manda; procederem conforme as idéias que defendem.

A verdadeira religião, tenha ela a denominação que tiver, não consiste nas manifestações externas nem nos exercícios do culto, mas na prática da Justiça e do Bem.

A Verdade ninguém a conhece. Os homens podem fazer suposições. Tudo o que aventamos não passa de hipótese. Com mais ou menos fundamento, é certo, mas sempre hipótese.

São os factos particulares que nos permitem tirar conclusões racionais por indução. Se as causas fôssem tão evidentes como os efeitos, o trabalho do homem seria insignificante. E o progresso, o aperfeiçoamento, só se consegue pelo esfôrço próprio.

Três grandes religiões dividem os homens: a dos budistas, a dos cristãos e a dos maometanos. Nenhuma delas está de acôrdo em nenhum dogma. Ne-

---

(1) Frederic Myers: *The Human Personality...*
(2) *L'Éternité, la Vie et la Mort.*
(3) Chantepie de la Saussaye: *História das Religiões.*

Ecos da imprensa espirita

Revista Espirita do Brasil, no seu n.º de Março, insere um bem elaborado editorial, intitulado «Dúvida e Formalismo», de que extraímos os seguintes passos:

Entre o que duvida por amor à verdade e o que tudo aceita por ociosidade mental, o bom senso prefere o primeiro ao segundo. No terreno dos fenómenos espiríticos, o exame deve preceder, sempre e sempre, qualquer anuência, porque é muito perigoso, senão contraproducente, endossar, aprioristicamente, determinadas manifestações, sem uma observação rigorosa, a bem da doutrina e da própria verdade. Os que se deixam fanatizar não discutem, não admitem probabilidade de êrro, emquanto a experiência, a grande mestra do mundo, aconselho examinar tudo, reflectir sôbre tudo, para evitar que as fraudes se anteponham à eloqüência da verdade.

E mais abaixo, acêrca dos fenómenos:

Muitos fenómenos, cuja divulgação implica em responsabilidade não pequena, devem ser antecedidos de exame, para que experiências posteriores, muitas vezes ocorridas em sectores contrários ao Espiritismo, não tenham motivo de gáudio ou de ufamia. Os fenómenos reais, que constituem o património inabalável do Espiritismo perante a ciência e a fé, não temem devassa. Mas as manifestações divulgadas precipitadamente ou acobertadas pelo apanágio do fanatismo, podem envolver no bôjo grandes transtornos à doutrina.

Palavras de boa, de sensata propaganda, que é necessário transcrever e levar a tôda a parte onde haja nücleos espiritas que carecem de orientação, para que seus trabalhos sejam fôrças concorrentes, em vez de factores de desagregação doutrinária.

❖

Boletin de la Agrupacion Estudiosa Camilo Flammarion, de Buenos Aires, publica um Editorial de Tito Lívio Bancéscu, em que se analisa a posição do espirita, na sociedade em que vivemos:

O verdadeiro espiritista — escreve — deve ser um homem superior, no mais amplo sentido da palavra. Porque o verdadeiro espiritista não se limita a assistir, com pontualidade, às reüniões, a pagar, religiosamente, as suas cotas, a praticar alguma caridade às furtadelas. Tal espiritista não se diferenciará do crente vulgar que freqüenta a igreja, em busca da absolvição dos pecados cometidos durante a semana, a-fim-de poder cometer outros na semana seguinte. Para o crente, o templo é uma espécie de cabotagem, onde pode descarregar o fardo de seus pecados. Não sei o que sucederia a essa pobre gente, no dia em que os templos sectários desaparecessem do mundo; pois, espiritistas há que acorrem às reüniões, ou para entreter os ócios, ou devido à possibilidade de evocar o espírito dalgum ser querido, ou curar, simplesmente, o reumatismo. Como se vê, esquecem-se os verdadeiros objectivos que se devem ter em conta, na luta doutrinária. Ser espiritista dêste género, não altera em nada a essência das coisas, isto é, a estrutura moral do homem. O espiritista *de verdad* é um indivíduo superior, repito, e superior pelo seu comportamento e seu exemplo, em primeiro lugar, pois se salienta da multidão — desde o lar até aos postos mais eminentes — visto que em tôda a parte procura fazer autocrítica e alijar parte do seu lastro de imperfeições humanas.

A meditação dos postulados espiritas leva a conclusões, segundo as quais é indispensável esfôrço permanente, a-fim-de harmonizar palavras e acções, num sacrifício que nos aperfeiçõe e nos resgate. Sem trabalho, sem renúncia, não há progresso moral, donde se conclui na improficuïdade da acção que não tenha por lema sintonizar os preceitos da doutrina com as normas inflexíveis impostas ao indivíduo, como realidade social.

❖

Psychic News, de 19 de Abril, publica um artigo a quatro colunas, acêrca do médium Kenneth Hilberry, ultimamente apanhado em fraude e que, durante alguns anos, conseguiu obter interessantes fenómenos, verdadeiros testemunhos da sua mediunidade. Infelizmente, Hilberry iludiu aquêles que acreditaram na sua triunfal carreira de médium, que acaba de terminar, mercê de fraudes premeditadas. Eis o que diz M. Barbanell, em editorial intitulado «Fraude»:

Publicamos na primeira página um relato de fraude, expondo os factos sem qualquer reserva ou hesitação, por entendermos ser êste o nosso dever perante o Espiritismo. E a-pesar-de algumas pessoas nos terem incitado a suprimir a notícia dêste embuste de-

---

nhuma delas está de acôrdo quanto ao pormenor da crença, mas tôdas elas se encontram na mesma linha de cumiada: a Entidade Suprema; chame-se Deus, Brama, Buda, Allah... Supremo Arquiteto, Suprema Inteligência, Supremo Ser ou Autor das Coisas...

As opiniões são livres e a sua objectivação livre é, igualmente, desde que não escandalize as opiniões contrárias. Mas as opiniões só valem o que valer a conduta de cada um. Só os nossos actos nos são levados em conta e não as nossas opiniões.

Estas três grandes divisões são os troncos: os ramos são numerosos e variados.

Diremos algo acêrca de cada uma delas.

O ESPIRITISMO

O Espiritismo é causa de liberdade. Mal crê, quem crê que o Espiritismo é szmbolo de liberdade. É causa viva de liberdade, é fôrça actuante de liberdade e de luta pela dignidade de viver essa liberdade. O Espiritismo é reivindicação de idéias em função de liberdade criadora. O Espiritismo é fôrça e consciência; é amor e responsabilidade; é função e é humanidade; é justiça e é verdade; é integridade, dignidade e civismo. Quer dizer: o Espiritismo é o novo homem. É a nova consciência do homem. É verbo e é realidade, ao mesmo tempo; é profundidade e elevação humana; é ideologia e comportamento; é meio e fim de elevadas aspirações de superação da dignidade de viver. É credo filosófico e verdade científica; é norte moral e postura social. É conhecimento e acção. Por isto, cremos na função superior do Espiritismo e na acção superior do homem. Um e outro são manifestações da mesma realidade.

Do «Boletin da Agrupación Estudiosa Camilo Flammarion»

---

liberado, insistindo em que a sua divulgação prejudicaria a Causa, declaramos não aceitar semelhante maneira de ver. A nosso doutrina é baseada na verdade, que não pode ser prejudicada por qualquer exposição de fraude, pois já nos alvores do Espiritismo Moderno os sinceros adeptos usavam o mesmo critério, por sentirem a obrigação de dar a maior publicidade aos impostores.

.....

Nenhum movimento poderia ter sobrevivido perto dum século, se tivesse por base a decepção e a fraude. Temos, pois, o dever de proteger o público contra os médiuns fraudulentos. Para nós, o Espiritismo é um depósito sagrado. Seremos os guardas duma grande verdade.

.....

A fraude não é inerente ao Espiritismo, mas àquêles que a exploram, em benefício de interêsses pessoais. A fraude existe, porque os embusteiros pretendem imitar os verdadeiros fenómenos psíquicos. Se não houvesse autênticas notas de banco, não haveria notas falsas. Todos os médiuns e instrumentos do mundo espiritual devem ser julgados pelas suas acções.

.....

Uma parte da nossa tarefa é provar a sobrevivência. Eliminar a fraude é outra parte. Emquanto fôrmos honestos nas nossas exposições e nas nossas defesas, seremos respeitados por tôda a gente. Com a queda de Kenneth Hilberry, terminou um capítulo, mas a história do Espiritismo prossegue. A sua verdade não pode ser negada, lá por que apareceu um espertalhão nas nossas fileiras.

Só a rectidão de procedimento impõe o homem e as idéias que se defendem. Bem andou Maurice Barbanell em veïcular, pelas colunas de *Psychic News*, êste caso de fraude mediúnica. É para que não se afirme que o Espiritismo é alfôbre de intrujões vulgares, dando-se a entender que a mentalidade dos verdadeiros adeptos está abaixa de tôda a discussão.

Vingança e perdão

pelo Dr. A. D. Pratas

A vingança e o perdão definem, pelo seu antagonismo, o grau de evolução espiritual do homem em cujo coração uma ou outro se manifesta.

A vingança nasce do ódio, assim como o perdão se gera do amor.

Aquela excita, êste acalma. Aquela provoca o desassocêgo no próprio que tal sentimento nutre; êste, o perdão, pelo contrário, oferece-lhe o bem-estar, uma como que volúpia de prazer espiritual, que lhe faculta sentir-se feliz e satisfeito consigo mesmo.

A vingança embrutece; o perdão santifica. A vingança cega os homens; o perdão ilumina-os. A vingança perturba os ânimos; o perdão esclarece-os. A vingança causa a intranqüilidade, a dissenção e quantas mil desgraças; o perdão gera a tranqüilidade, a união e o bem de todos.

A vingança empana os bons sentimentos com que o homem se deve ornamentar; o perdão, pelo contrário, enaltece-os, abraça-os e obedece-lhes.

A vingança destrói; o perdão constrói. A vingança mata; o perdão salva e vivifica. A vingança, emfim, vive nas trevas em que repousam... — repousam?... Não!... — em que se agitam as almas pouco evoluídas; o perdão vive na luz que intensamente faz brilhar as almas sãs, as almas em que apenas a virtude encontra guarida.

Felizes, pois, os que sabem perdoar, — não sete vezes, mas setenta vezes sete vezes —, porque êsses pertencem ao número daquêles àcêrca de quem Jesus disse (Mat. VI-14): «se vós perdoardes aos homens as ofensas que tendes dêles, também vosso Pai celestial vos perdoará os vossos pecados»; *mas desgraçados daquêles em cujo coração a vingança se enraïzou, pois que, contrastando com os que sabem perdoar, incorrem êsses na seguinte sentença com que Jesus completou o seu pensamento:* «Mas, se não perdoardes aos homens, tão pouco vosso Pai vos perdoará os vossos pecados».

Coimbra, 13/XII/1940.

ALLAN KARDEC

UMA VONTADE

pelo Dr. Luís M. di Cristóforo

(Redactor-correspondente de «Estudos Psíquicos» na Argentina

Nem sempre às causas se deve a primeira segurança dos assertos.

A. de SOLIS

Vidas há, cuja trajectória é todo um cântico. Foi assim a de Allan Kardec, um cântigo de vontade inquebrantável, vontade dirigida para um só fim. Sempre devotado e sincero, o seu objectivo era idealista.

ALLAN KARDEC

Se a capacidade da sua alma estivesse à altura da sua vontade, Kardec teria sido um génio. Teve muito dinamismo, mas faltaram-lhe asas. Contudo, vibrou. Identificou-se, transfundiu-se e multiplicou-se com as idéias que sustentava. Nesse sentido, o seu exemplo é de rigorosa austeridade. Kardec enche tôda uma época, não do Espiritismo francês, mas do Espiritismo mundial, época para a qual contribuiu com denodo e conseguiu captar inteiramente. Todavia, essa época passou. Já não torna a voltar.

A época a que nos referimos vibra e palpita na obra kardeciana e talvez com mais pujança do que a pujança do mestre em relação à sua própria época. O Espiritismo chegou até êle, como as coisas chegam aos visionários, isto é, imperfeitamente. E a sua tarefa ficou incompleta, tal como sucede à obra de todos os visionários. Tem, porém, a seu favor, um poder aliciante que soube dominar em absoluto. É um mestre à sua maneira, com todo o empirismo que a sua doutrina — como coisa que começa — pode arrogar-se ou ter necessidade de possuir. Cria uma modalidade inconfundivelmente kardeciana, quanto à apresentação e resolução dos problemas doutrinários: certo nos juízos, pródigo nas imagens, religioso no estilo e místico no fundo. Eis aí Kardec. É um romântico do Espiritismo. A sua pena, às vezes, flui em cintilações felicíssimas. Escreveu muitíssimo. Muitos lugares comuns e algumas coisas boas, sabendo procurá-las. Nas «Obras Póstumas», encontra-se o melhor da sua personalidade. Eis a síntese da ubiqüidade moderna de Kardec no Espiritismo. Hoje, impõe-se a revisão das suas obras fundamentais, para que possam grangear adeptos modernos. Ou, então, arquivá-las totalmente num velho museu, onde ninguém possa discuti-las.

Estudando sèriamente Allan Kardec, surpreendemo-nos cheios de melancolia característica, melancolia esperançosa, funda espiritualidade em surtos luminosos e grande nostalgia do Além. E adensamo-lo, em impulso meditativo, que é o mesmo que dizer — em dor. Na exposição dos seus princípios, torna-se cada vez maior, para cair, seguidamente, na sua cabal explicação. E decai, em virtude da grande loucura que esteriliza os melhores esforços: fala num idioma que empresta ao seu Ideal e não na sua própria linguagem, a linguagem que nasceu consigo. Kardec fala religiosamente, porque a dor o eleva à categoria de símbolo. Se falasse como espírita, isto é, como homem, é possível que a dor o tivesse levado à vindicação; e em vez de ser um pensador que se manifesta, converter-se-ia num jogral que palra.

Há problemas que lhe escapam das mãos. Para satisfazer suas ânsias novas, só consegue percorrer caminhos velhos. Foi o seu êrro inicial.

Kardec teve a sua hora, disse a sua palavra, cumpriu a sua missão, mas não deixou de ser um criador. Tanto assim, que a geração que lhe sucedeu e à qual pertencemos, sente a fôrça e a alegria de saüdá-lo, na aurora duma nova éra para a doutrina.

Mas Kardec legou-nos ensinamentos um pouco esquecidos: nem homens, nem nomes; sòmente idéias e princípios. Desprezando o primeiro, (de que tanto se

abusa), nós utilizamos o segundo. Sem sermos kardecistas, compreendemos Allan Kardec.

Quando a grandeza passada, se acaso a houve, não estimula o presente, embora o sastifaça, podemos chamar-lhe uma desgraçada hipoteca. Kardec teve o defeito de estudar demasiadamente os mortos. Se as práticas espiritas nos limitassem às comunicações com os desencarnados — o que, de certo modo, equivaleria a olhar para trás — apenas conseguiriam matar os germes construtivos, que pode ter cada um dos seus elementos, e apagar todo o sentimento original e criador, provocando o amortecimento da sensação crítica e a paralização do principal fim do Espiritismo.

Como se vê, já determinámos claramente, e uma vez mais, a posição de Kardec. Em todo o caso, nunca faremos o que desejamos para nos reduzirmos, fatalmente, à modelação do trabalho realizado. Podemos dizer que os nossos mestres deixaram, aparentemente, de existir, revivendo em nós, nas nossas práticas. A verdade, porém, é bem diferente. Seguir-nos-ão, reprimindo-nos; e só continuaremos a reproduzir as migalhas que permitam a margem limitada que os mestres sabem deixar àqueles que os seguem, como verdadeiros discípulos. Pela nossa parte, saberemos ser continuadores.

O clássico, quando nos leva à perda da sensação vivificante de criar, de saber fazer, pensar e sentir cada momento do nosso próprio ritmo, é extremamente nefasto. A obra consiste, realmente, em libertar o Espiritismo da velha técnica tradicional. Se no Espiritismo há, de facto, tradição, ela deve ser uma fôrça e jàmais um fardo, por mais glorioso que seja. Só assim explicaremos a nossa doutrina como fôrça que se universaliza, buscando o caminho ainda não encontrado. Êsse caminho é para o espirita uma atitude impulsionadora e criadora.

Acêrca dos fundamentos científicos do Espiritismo, é forçoso reconhecer que a Kardec pertence a concepção doutrinária da primeira hora, mediante a aplicação racional dos fenómenos rudimentares, até então obtidos. A idéia espirita buliçosa, que até êsse momento latia imprecisamente e constituía os pródromos duma inquietação e dum sentimento, em face de princípios e factos novos, adquire sùbitamente um novo sentido com Kardec: o sentido do princípio integralista, o sentido da ciência integral inquirido por Kardec e que foi achado por Crookes, Delanne e Geley.

E com o mesmo ritmo com que a nova doutrina se expandia, alguns núcleos e esforços sãos, sonhadores e infatigáveis, enunciavam a sua posição e respeito do ideal comum, com a sua contribuïção fenomenológica, com suas avançadas conclusões filosóficas e doutrinárias, tudo tendente a uma organização cada vez mais perfeita. As inquietações contribuiram para a realização, embora, como soe acontecer, não tivessem acertado com a explicação primária. E foi assim que o conhecimento provocou cisões. Os inquietos apareceram como traidores, traidores por possuirem uma melhor idéia da verdade. A qualificação foi o preço do progresso. Como tôdas as gerações novas, somos portadores da nossa cultura — cultura profundamente humana — trazemos a nossa própria sensibilidade. A nossa retícula possui um só perfil e não esqueçamos que o perfil do que sentimos e do que anhelamos é o mais verdadeiro dos nossos perfis. Cremos que não basta a sêde de agir, sem a condição de compreender. Esperamos um novo dia para o Espiritismo. Nos nossos lares, êsse novo dia surgirá dum congresso nacional amplíssimo reconhecido pelas autoridades, pela qualidade dos seus componentes e pela orientação que tiver, pois encontrará meios de limitar uma desordem que nada justifica, mas que, assim o entendemos, assinala a responsabilidade dos que nada fazem para isso, embora pese às organizações e aos cargos em que, incidentalmente, possam ser investidos.

(Tradução de I. D. S.)

Reflexões do Além

(Mediúnico)

por Henrique Magalhães

Sêde humildes, para poderdes obter as graças do Senhor. O cultivo da humildade deve ser a vossa maior preocupação. Estudai os ensinos de Jesus impregnados da humildade por Êle prègada, e tereis justificado, aos olhos de Deus, o vosso esfôrço.

Fazei esforços para conseguir plantar em vossos corações a árvore do amor que vivifica.

Orai pelos que erram, pois que as vossas preces os ajudarão a sair do lamaçal vicioso em que chafurdam.

Só agrada a Deus, aquêle que faz esforços para se desenvencilhar dos vícios.

Orai e vigiai, disse Jesus. Para que a oração dê resultados apreciáveis, torna-se necessário pôr em movimento o motor da vontade ao serviço do pensamento. Assim, a oração que se fizer eleva-se ao ponto visado, confortando aquêles a quem foi dirigida.

Vigiai, no recôndito do vosso EU, os vossos pensamentos, pois, pode ser que, nos escaninhos do vosso espírito, se esconda o traidor da vossa evolução.

Não perdoeis sete vezes, mas sim, setenta vezes sete vezes, disse Jesus. Só no perdão achareis motivo de reconciliação. Só pela reconciliação conseguireis amar-vos e caminhar para a perfeição.

Não se ria o vosso coração, quando o coração do vosso irmão chorar.

Defendei o direito, nem que, para isso, tenhais de sofrer as investidas dos grandes da Terra. Nos seus ataques, jàmais conseguirão vencer a Luz, que emana do Altíssimo.

Notas & Comentários

Dr. Lôbo Vilela

Os leitores sabem que o nosso estimado colaborador Dr. Lôbo Vilela se encontra no Brasil, onde o levaram questões particulares relacionadas com a Editorial «Inquérito», a cuja direcção e administração pertence. Por êste motivo, ficámos privados dos seus artigos magistrais, que tanto realce davam às colunas de Estudos Psíquicos. *Não foi, pois, sem viva emoção, que abrimos o* Reformador *de Fevereiro último e lemos o excerto dum livro que o Dr. Vilela tem no prelo e que em breve folhearemos, para nosso regalo espiritual.*

Eis os comentários ao assunto, feitos pelo órgão da Federação Espirita Brasileira:

«Os espiritistas do Brasil, pelo menos os estudiosos e cultos, não desconhecem êste nome, que representa uma bagagem de bons e reais serviços à difusão da Doutrina Espirita, principalmente em Portugal, sua pátria, onde goza de merecido conceito de pioneiro da «primeira hora», com António Freire, Pedro Cardia, Faure da Rosa, Isidoro Santos e outros valores de vanguarda.

«Fundador do Federação Espirita Portuguesa, director activo e efectivo da Revista de Espiritismo, *Lôbo Vilela, como legítimo cientista que é, pois que é engenheiro e, portanto, mentalidade afeita a disciplinas matemáticas, se tem distinguido pelo apuro analítico dos seus trabalhos, cujo maior mérito, ao que se nos afigura, está menos na originalidade das idéias, do que na facilidade com que aborda, por dilucidá-las, as mais áridas teorias psicológicas, popularizando-as, por assim dizer.*

«O artigo com que, por nímia gentileza sua, valorizamos êste número de Reformador, *constitui parte dum capítulo de mais um livro de sua autoria e vale como premissa de aferência do valor intrínseco dessa obra já no prelo e cujo título é «Destino Humano».*

«Por êste excerto, é fácil inferir a grande erudição do prezado confrade, ao demais servida por dialética impecável, de boa extirpe literária.

e o nosso abraço pessoal ao ilustre confrade, aqui o

«Com êste eco, renovamos o nosso agradecimento aguardando com mais freqüência.»

O excerto intitula-se «Incorporação Espirista» e é boa amostra do que será o livro anunciado.

Sociedade dos Médicos Espiritas

O homem põe e Deus dispõe e nem sempre o «diabo está atrás da porta», como se diz vulgarmente. Andaram os médicos alópatas brasileiros a pedir excomunhão para a Hora Espirita Radiofónica *que, a-pesar-de tudo, continua a emitir os seus magníficos programas; andaram a vituperar o Espiritismo, tratando-o como peste altamente contagiosa, digna de «cordão sanitário» a cargo das autoridades policiais; representaram ao Presidente Getúlio Vargas, pedindo a interdição, pura e simples, das praticas espiritas... e, a-final, tudo foi contraproducente e inútil, ou, antes, producente e útil para a Causa, que já dispõe duma Emissora de 20 quilovátios em S. Paulo, onde os espiritas se contam por centenas de milhar, não esmorecendo o entusiasmo e a esperança de alcançar* um milhão de sócios *para a manutenção de Rádio Piratininga, — a Estação dos Espiritas.*

Pois, agora, está em formaçãoa Sociedade dos Medicos Espiritas Brasileiros, como se depreende da seguinte local de Mundo Espirita.

«Lançada pelas nossas colunas a idéia do nosso culto confrade Dr. Levindo Melo, sugerindo a formação duma Sociedade dos Médicos Espiritas, *logo encontrou eco, o que bem revela a sua feliz inspiração. Assim é que, logo que o nosso jornal começou a circular, o vespertino* Vanguarda *se referiu, imediatamente, ao assunto, apoiando-o com palavras de incitamento e aplauso.*

«Compreendendo a necessidade da fundação dum cenáculo de médicos espiritas — e são vários os médicos que, militando na doutrina, não fazem reserva da sua qualidade de espiritas — êste jornal também aplaude a grandiosa iniciativa, para cuja propagação continuam abertas as suas colunas — e encarece o pronunciamento dos nossos confrades médicos, pois são numerosos os que, em diferentes pontos do Brasil, a exemplo de Inácio Ferreira, Areobaldo Lélis e tantos outros, prestam grande serviço à Doutrina, mas não têm meio de intercâmbio constante com os demais colegas e confrades desta capital e outros centros populosos. Ora, uma Sociedade nos moldes idealizados pelo Dr. Levindo Melo, além de aproximar os médicos, farmacêuticos e dentistas adeptos do Espiritismo, proporcionará grande desenvolvimento cul-

BIBLIOGRAFIA

MONUMENTO DE CARLO BOURLET (ESPERANTO MODELO). Edição da Livraria da Federação Espirita Brasileira.

PROSSEGUINDO na tarefa de vulgarizar o Esperanto, a Livraria da Federação Espirita Brasileira reüniu uma série de artigos do grande amigo do Brasil, Carlo Bourlet, escritor em Esperanto, e lançou-os numa edição cuidada, como homenagem ao introdutor, no Brasil, da língua internacional, em boa hora criada por Zamenhof.

Êste interessante livro destina-se a servir de leitura nos cursos superiores de Esperanto.

I. D. S.

PIGMEUS CONTRA GIGANTES, por *Leopoldo Machado*. Edição do autor. 206 páginas.

LEOPOLDO MACHADO é um extraordinário temperamento de lutador que ao Espiritismo tem dedicado todo o seu entusiasmo e tôda a sua inteligência. Depois de triunfar na tribuna e no jornalismo, aproveitando as horas de folga do Gimnásio que dirige em Nova Iguassu, Estado do Rio, êste nosso amigo e colaborador lembrou-se de fundar a *Hora Espirita Radiofónica*, que todas as 5.as feiras faz vibrar o éter, levando aos quatro cantos do Brasil o verbo inflamado de oradores espiritas. Rodeou-se de elementos fortes e a idéia materializou-se, dando origem a que alguns médicos, entre êles o Dr. Carlos Fernandes, se insurgissem contra o empreendimento, chegando a recorrer ao Presidente da República e ao Ministro da Educação Nacional, para que a «peste rôxa dos espiritas» fôsse posta em bom recato. Ora, o prof. Leopoldo não se conteve e foi para a grande imprensa refutar, uma a uma, as razões do esculápio. E tão bem se houve na emprêsa, que os seus artigos constituiram êxito estrondoso. A prova disso está no invulgar acolhimento dêste livro, onde estão incluídos os 26 belos artigos do autor, publicados em *A Nota, Mundo Espirita* e *Diário da Noite*. Cinco mil exemplares esgotados em 30 dias é o melhor reclamo desta obra, cuja sugestiva capa representa, por si só, a mais flagrante caricatura dos *gigantes* (materialistas e dogmáticos), acossados pelos *pigmeus* do Espiritismo, escudados na Moral, na Filosofia, no Bom Senso e na Lógica. Caricaturista e escritor prestaram um grande serviço à Doutrina. E os nossos leitores vão ter excelente ocasião de apreciar um polemista que sabe dignificar a Causa, sacrificando-se por ela.

I. D. S.

O CONSOLADOR — Obra psicografada por *Francisco Cândido Xavier*, ditada por *Emmanuel* — Edição da F. E. Brasileira — 1941 — 208 páginas.

É com o maior prazer intelectual que analisamos mais um livro ditado pelo bondoso e sábio espírito de Emmanuel ao seu médium predilecto F. C. Xavier.

Como nos anteriores, encontramos de tudo: desde as ciências aplicadas às especializadas; desde as abstratas aos ensinamentos evangélicos, vistos à luz meridiana do Espiritismo construtivo e tolerante.

Ler êste autor espiritual é adquirir a certeza da existência dos desencarnados e na sua benéfica influência sôbre os encarnados.

Bem fêz portanto o Grupo Espirita Luís Gonzaga, de Pedro Leopoldo, em coligir e publicar estas centenas de preguntas e respostas que consubstanciam um feixe admirável de sãos ensinamentos, vindos do plano invisível e ditados por um espírito evoluidíssimo e culto, como o de Emmanuel.

No capítulo das religiões encontram-se explicadas as aparentes divergências dos vários credos cristãos.

«O cristianismo é a síntese, em simplicidade e luz, de todos os sistemas religiosos mais antigos, expressões fragmentárias das verdades sublimes trazidas ao mundo na palavra imorredoura de Jesus», diz-nos Emmanuel a pág. 154 dêste livro.

Porém, as formas antagónicas que os vários credos saídos da árvore cristã tomaram, preocuparam os componentes do grupo espirita Luís Gonzaga. E por isso preguntaram a Emmanuel qual foi a tarefa da Reforma.

Interessava-nos saber a opinião pessoal do autor sôbre êste assunto já tratado nas colunas desta revista. Eis a resposta clara de Emmanuel:

«A Reforma e os movimentos que se lhe seguiram vieram ao mundo com a missão especial de exumar a «letra» dos Evangelhos, enterrada até então nos arquivos da intolerância clerical, nos seminários e nos conventos.» Satisfaz-nos plenamente esta resposta. A missão da Reforma foi útil, embora os actuais crentes dêsse rito estejam cristalizados. Mais uma razão para que o Espiritismo seja tolerante e não veja nos seus irmãos, que seguem outros credos religiosos, antagonistas declarados, mas sim colaboradores indirectos dos princípios estabelecidos no «*amai-vos uns aos outros*» de Jesus.

S. E. M.

---

tural, facilitando estudos científicos que muita luz trarão aos conhecimentos do Espiritismo. E, felizmente, no Brasil já existem médicos espiritas, públicos e notórios, em número capaz de formar um cenáculo. Resta, apenas, que haja união e trabalho».

Sabemos que outros médicos têm acorrido ao apêlo em questão, motivo por que auguramos o maior êxito à iniciativa do Dr. Levindo Melo. ¡Para a frente, amigos! O Espiritismo deve ser invulnerável aos ataques e motejos de tôda a espécie com que o mimoseiam católicos, protestantes, agnósticos e materialistas.

CONFISSÃO

CARTA AOS MEUS COLEGAS MÉDICOS

EM 1912, quando, no cargo de primeiro assistente da primeira secção, tive a intenção de ir para o Brasil, o que só poderia fazer demitindo-me do cargo oficial em estava investido, fui à Foz apresentar ao director da antiga Escola Médico-Cirúrgica, Dr. Cândido Pinho, a minha demissão e parti para o Rio de Janeiro.

Uma vez lá, regularizei a minha situação perante o Brasil e comecei a fazer a clínica que aqui me tinham ensinado; mas logo me fez espécie ouvir falar com saüdade do Dr. Murtinho, falecido havia pouco tempo. Soube então que fôra médico homeópata e ministro de Estado...

Depois, fui observando factos interessantes, como os de encontrar na rua, sãos e escorreitos, indivíduos que eu tinha tratado e abandonado, convicto da sua morte próxima.

Preguntava-lhes a rir:

— Você ressuscitou?

— Não, não morri. A família resolvera chamar um médico homeópata e êle pôs-me como vê.

Outros e outros factos foram calando em mim e resolvi comprar livros de Hahnemann e estudar teórica e pràticamente a homeopatia.

Praticando-a no meu consultório com aquêles que a aceitavam, fui caindo na verdade, até ficar só homeópata e desdenhar de quem me não quisesse assim.

Foi dêste modo que aqui reentrei em 1933 e ainda não pude dar a quem me procura senão remédios homeopáticos e tenho curado conscientemente muitos doentes.

Meditando, verifico que, antes de me dedicar à hemeopatia, tinha estudado e praticado o Evangelho de Jesus e o Espiritismo, em que também achei muita verdade. Em suma, estou transformado, científica e religiosamente, e hoje creio piamente em Deus.

¿Porque não me imitais, queridos colegas? É bem triste que prefirais amuar-vos comigo, como tenho notado, a procurar saber a razão da minha transformação. Hoje, tenho a consciência de ser útil aos sofredores.

Bani a vossa filosofia materialista, porque o seu fundador, Augusto Comte, quando morreu, lamentava aquêles que ainda o seguiam. E esta filosofia deletéria é contagiosa para os que vivem uma filosofia. Tornai-vos espiritualistas práticos e sabereis quanto vale termos a consciência de nós mesmos.

Hoje apenas sei amar e perdoar, como me ensinou Jesus.

Amigo dos colegas e de todos, amigos e animigos,

DR. ALFREDO MOTA

CACHOEIRA DOS PIRILAMPOS, obra psicografada por *Gustavo de M. Pontes,* atribuída ao espírito de António de Aquino. Edição da «Cabana de Lysis» — Rio de Janeiro, 1933 — 235 páginas.

ESTA pequena obra mediúnica é, afinal, um hino de louvor ao espírito de Augusto Comte, o fundador da filosofia positivista, que tanto tem dado que fazer aos filósofos espiritas.

Nestas páginas, porém, Augusto Comte aparece-nos revestido duma auréola, que *ignorávamos.*

António de Aquino defende tanto o antigo filósofo materialista, que chega a irmaná-lo com Cristo.

São do autor estas palavras: «Na época actual do progresso humano, são dois os esteios do seu evoluir: Comte e Cristo. A Ciência e a Cruz; o cérebro e o coração; uma completando outra, façamos dessas duas criaturas distintas o ser verdadeiro da nosso crença».

Não compreendemos muito bem o entusiasmo com que o espírito de António de Aquino defende e proclama tão calorosamente as *virtudes* dum filósofo que, sem querer, contribuiu imenso para êste ambiente de descrença com que todos os espiritualistas se têem de bater.

¡Comte, que depois de 1845 se esforçou por extrair da sua filosofia uma religião da humanidade, da qual se intitulou grande sacerdote, pode agora agradecer, no Além, o panegírico póstumo que outro espírito lhe traçou, a ponto de o igualar a Cristo!...

Tirante êste senão, a doutrina exposta constitui uma série de lições de filosofia moral muito aceitáveis, sob muitos pontos de vista.

Por exemplo, esta frase: «*Renunciar à terra, à riqueza, ao luxo, é libertar-se dela*», revela a ética do frade que renunciou as mundalidades e se sente reconfortado dentro das paredes nuas da sua cela.

A edição é bem cuidada.

S. E. M.

Por êsse mundo...

— A *Revista Espirita do Brasil*, de Dezembro passado, insere o depoimento de Leopoldo Machado, no inquérito ali aberto e intitulado: «¿Porque se tornou espirita?». Êste nosso amigo diz que o livro que mais influiu na sua conversão ao Espiritismo foi «Na Sombra e na Luz», de Vítor Hugo, psicografado por Zilda Gama.

— A União Espirita Suburbana festejou em 1 de Dezembro último o «Dia das Vóvozinhas», como preito de homenagem às velhinhas de todos os asilos.

— A *Revista Espirita do Brasil* publicou, no número de Janeiro último, o depoimento do nosso redactor-correspondente Dr. Carlos Imbassahy, relativo ao inquérito que esta revista tem inserido, sob o titulo «¿Porque se tornou espirita?» Da sua resposta sucinta, se verifica: que estudou o Espiritismo por... *acaso;* que veio do catolicismo; que lê tôdas as obras, religiosas e científicas, relacionadas com o Espiritismo; que foi o livro de Léon Denis, «Depois da Morte», o que mais influiu na sua conversão e que se convenceu pelas obras e pelos factos.

— O Dr. Francisco Klörs Werneck concluiu a tradução da bela monografia «Breve História dos «*Raps*», contendo muitos *clichés* relativos aos primeiros tempos do Espiritismo.

— Em 23 de Novembro de 1940, mais de 30.000 espiritas se reüniram no *Gimnasium* do Estádio Municipal de Dacaembi (S. Paulo), em homenagem à União Federativa Espirita Paulista e à Sociedade Rádio Piratininga. *O Revelador* publica curiosos aspectos dessa concentração gigantesca de confrades nossos, que enchiam o *Gimnasium*.

— O nosso representante no Rio de Janeiro, Henrique Magalhães, realizou uma importante conferência na Liga Espirita do Brasil, intitulada «Vultos do Espiritismo no Brasil», em que fêz pormenorizada biografia de Anália Franco, fundadora de setenta e uma instituïções e que tanto se distingiu no magistério e literatura moral fluminense.

— Os jornais espiritas brasileiros e doutros países estão a recorrer ao aumento do preço da assinatura, para enfrentar a carestia do papel e das matérias primas, que aumentaram extraordinariamente. Mais vale aumentar o preço, do que morrer.

— Em 8 de Fevereiro último passou o 64.º aniversário da Sociedade Constância, de Buenos Aires, a cujo acto assistiram muitos sócios e agremiações congéneres.

À veneranda sociedade, apresentamos os nossos cumprimentos.

— A Fundação Marieta Gaio, de que é 2.º Tesoureiro o nosso prezado confrade e amigo sr. José Carlos de Chelmicki Afflalo, do Rio de Janeiro, publicou o Balanço do movimento da tesouraria, relativo a 31 de Dezembro de 1940. As pensões e os donativos avulsos atingiram a quantia de 94.854$500, tendo fechado com o saldo de cerca de 175.000$000.

— A Federação Espirita do Estado de Espirito Santo visitou, pelo Natal, a Penitenciária desta região brasileira, tendo distribuído aos presos grande quantidade de doces, cigarros, frutas e bombons. Em seguida houve leitura dos Evangelhos e procedeu-se à visita do estabelecimento penal.

— A Universidade Espiritualista Americana, de Rosário, organizou, em Março p. p., um magnífico programa de conferências e de cursos, dignos do mais alto louvor: Dia 4, Curso de desenvolvimento espiritual; dia 6, Curso de História dos Iniciados Religiosos; dia 8, conferência «O Homem Futuro»; dia 15, conferência «O temor e as suas conseqüências na vida espiritual»; dia 22, conferência «Liberdade e filosofia»; dia 28, curso de quirologia. Etc., etc. Estes trabalhos estiveram a cargo dos nossos confrades Dr. Saltzmann, Gurfinkel, Santiago Bovisio, Núñez Regueiro e D. Isabel Libert.

— O Prof. Leopoldo Machado acaba de publicar mais um livro, intitulado «Doutrina Inglória», acêrca do contrôlo da natalidade à luz do Espiritismo. Obra de grande valor científico e doutrinário, tem a propriedade de demonstrar, perante a moral cristã, o êrro de certas práticas, seguidas, infelizmente, por grande número de indivíduos que ignoram o mal que fazem à sociedade.

— O nosso colaborador e amigo sr. Dr. António Lôbo Vilela, actualmente no Rio de Janeiro, tem no prelo um livro importantíssimo, que os espiritas portugueses devem ler: «Destino Humano», se intitula a obra; e basta o nome que a subscreve, para se inferir do seu valor e da sua oportunidade.

— A Editorial Vítor Hugo, da Argentina, propõe-se editar tôdas as obras espiritas excluídas do mercado, após a guerra de Espanha. A iniciativa deve-se a Humberto Mariotti, director de *La Idea*, de Buenos Aires.

Aguardamos a chegada dessas obras, que muito valorizarão a bibliografia da especialidade. Oxalá não deixem de incluir os livros do Dr. Geley, que tanta falta fazem ao público português e hispano-americano.

— *The Two Worlds* publicou um artigo acêrca da «Realidade do fenómeno psíquico», em que se prova que os raios infra-vermelhos tornam visível a matéria ectoplásmica. O articulista relata várias sessões com o médium Charles Basham e afirma ter observado formações de substâncias psíquicas, com aspecto de radiações douradas. Estas sessões foram realizadas à luz dos raios infra-vermelhos.

— *Aurora*, o belo quinzenário fundado há 48 anos por Inácio Bitencourt, reapareceu em Abril passado, mudando a redacção para a Rua do Carmo, 65, 4.º andar, Rio de Janeiro.

— Desencarnou Oscar Breyer, director de *A Reincarnação*, órgão da Federação Espirita do Rio Grande do Sul. Antigo Director de Fazenda Municipal, Oscar Breyer pertenceu à direcção de várias sociedades espiritas daquêle Estado brasileiro e até chegou a compor a revista *Eternidade*, editada pelos centros *Allan Kadec* e *Dias da Cruz*. Grande espírito e grande coração.

Crónica Estrangeira

por Isidoro Duarte Santos

Como um soldado se tornou espirita

The Greater World publicou há pouco um artigo do sr. Oliver Casson, narrando a sua conversão ao Espiritismo. Diz êle que as experiências adquiridas no estrangeiro o levaram a aplicar aos outros o espírito cristão. Mais tarde, prostrado num hospital, verificou que havia uma lacuna na sua vida.

Um dia — continúa — foi transmitida uma mensagem a certa senhora, descrevendo o seu filho e a convivência dêste, bem como a máquina em que trabalhava, avisando-o de que tivesse cuidado com as mãos. E acrescenta:

— Quási que senti o sofrimento causado pelo acidente, quando transmiti a mensagem. Mas aquela senhora esqueceu-se de comunicar o aviso ao filho e no dia seguinte aconteceu o que estava previsto.

«Certa noite tempestuosa ouvi distintamente a voz do meu guia, aconselhando-me a seguir outro caminho para casa. Obedeci, a-pesar-de ter que percorrer maior distância do que costumava. Se eu tivesse seguido o caminho usual, teria sido vítima de gravíssimo acidente, pois o caminho fôra obstruído pela queda dumas árvores.

«Em 1934, tive a sorte de fazer uma viagem à Escócia, a qual durou sete meses, período êsse que me deu muita experiência e felicidade. Uma velhinha de 82 anos, há pouco falecida, disse-me: «Não sinto que tenha morrido. Desembaraçar-me-ei dêste velho corpo e rejuvenescerei. Só lamento não ter conhecido esta maravilhosa verdade, há mais tempo». O seu sorriso era testemunho da sua sinceridade. Vejo-o agora distintamente; e, por vezes, quando me sinto um pouco acabrunhado, as palavras e o sorriso desta senhora constituem para mim um verdadeiro tónico.

«Há cêrca de quatro anos, recebi uma mensagem por intermédio dum jovem médium, avisando-me de que deveria fazer uma viagem a região estranha que distava 400 milhas da minha residência e onde os guias espirituais me tinham destinado certa missão. Fiquei surpreendido, visto já ter combinado certos encontros para os lados de Aberdeen. Aceitei a comunicação, calculando que não teria dificuldades em realizar a viagem, embora os meus recursos me parecessem insuficientes. Contudo, durante as cinco semanas seguintes, fiz um percurso de 400 milhas em Oxford. Dias depois, estava empregado. Resolvi então, cumprir o resto da mensagem e, com auxílio dos espíritos-guias e dalguns colaboradores, realizei o que me fôra destinado. Há dez meses que o sr. Harry Johson abriu um novo Centro Espirita em Headington».

¡É curioso como os nossos amigos do Além preparam tudo para nos levarem à modificação da vida e até dos próprios hábitos! Conhecemos muitos indivíduos que vieram para o Espiritismo por diferentes vias. Alguns dêles não acreditavam em Deus e outros combatiam ferozmente a nossa doutrina. Hoje são confrades prestimosos e dedicados. Verificam que o *riso de Voltaire* não passa de riso de estupidez...

Grande concentração espirita em S. Paulo

Promovida pela *Alvorada duma Nova Era,* de que é director o sr. António J. Trindade, realizou-se em Outubro último, em S. Paulo, uma grande concentração espirita, aproveitando, para o evento, o aniversário do nascimento de Allan Kardec.

A Associação Paulista de Imprensa, gentilmente cedida pelo seu presidente, Dr. José Maria Lisboa Júnior, serviu para a primeira reünião, cuja mêsa foi constituída pelo Dr. Lisboa, António J. Trindade, 1.º tenente Augusto Machado, como representante do Interventor Federal, Dr. João Baptista Pereira, presidente da Sociedade Metapsíquica de S. Paulo, Antenor Ramos, prof. Romeu de Campos Vergal, D. Maria Francisca Cotrim, Pedro Fernandes Alonso, Dr. Calazans de Campos, Domingos de Azevedo Neto, João Teixeira Paula e Coronel Amando Simões.

Fizeram-se representar muitas associações e jornais espiritas, não só do Estado de S. Paulo, como do resto do Brasil; e o acontecimento serviu admiràvelmente para efectivar a verdadeira confraternização entre espiritas, donde saïrão as directrizes de novo movimento que venha fortalecer ainda mais os alicerces da nossa Causa.

Os discursos proferidos pelos representantes das várias agremiações que assistiram à memorável concentração foram correctos e elevados e souberam corresponder ao generoso acolhimento das autoridades estaduais. Pode classificar-se de congresso o que se passou na Associação Paulista de Imprensa, na Sinagoga Espirita Nova Jerusalém, em Santos e Campinas, tão importantes foram as teses defendidas e comunicativo e entusiasmo de todos os que ali acorreram.

A primeira tese foi defendida pelo Dr. Romeu de Campos Vergal, ex-deputado espirita, e intitulava-se «O Espiritismo e os Problemas de Assistência Social notadamente a Educação». Os trabalhos realizaram-se na Casa dos Espiritas, Rua Maria Paula.

O primeiro postulado do expositor era assim enunciado: «A expressão Fora da Caridade não há Salvação», deve ser substituída pela expressão «dever de realizar a solidariedade humana», contra o qual se ergueram os srs. coronel Amando Simões, Pedro Fernandes Alonso, Dr. Calazans de Campos, César Bianchi, António J. Trindade e Dr. João Baptista Pereira, defendendo enèrgicamente a máxima kardeciana, que jámais poderá ser substituída, pois *sem caridade,* o

homem é como o sino que tange mas não sôa, no dizer de A. Simões, que foi o primeiro a discordar.

A segunda tese: «A Metapsíquica como base científica do Espiritismo» teve por defensor o Dr. Noraldino de Melo Castro, de Belo Horizonte, que, durante hora e meia, concitou a atenção os ouvintes, demonstrando, exuberantemente, que as investigações metapsíquicas só têm provado a realidade do Espiritismo.

A terceira, «A Revelação, a Reencarnação e a Mediunidade em face dos Evangelhos», esteve a cargo de João Teixeira Paula e foi defendida no Teatro Municipal de Campinas, teno-se o conferente mostrado à altura do assunto.

O Dr. Ary Lex defendeu a tese «As Teorias Espiritas em face da Medicina». Da sua bem elaborada exposição ressaltou que o Espiritismo não precisa de ser conduzido pelo braço. A medicina é que não pode prescindir dos conhecimentos que o Espiritismo lhe fornece, àcêrca de certas moléstias.

A tese seguinte foi defendida em Santos, pelo Dr. Calazans de Campos. Intitulava-se «A Acção da Impensa Espirita como factor da Fraternidade Humana» e a sexta e última foi defendida na Sinagoga Espirita pela Sr.ª D. Maria Francisca Cotrim e intitulada «A Mulher e o Espiritismo na Sociedade».

Ambas as teses foram brilhantemente defendidas.

Os trrbalhos terminaram por uma bela saüdação de Antenor Ramos, um dos secretários permanentes da Concentração.

A revista *Estudos Psíquicos* foi a única publicação espirita estrangeira que ali esteve representada. Encarregou-se da missão o sr. Homero Pereira, por incumbência do nosso querido representante no Rio de Janeiro e apreciado colaborador Henrique de Magalhãis.

Congratulamo-nos com o magnífico resultado desta grande concentração espirita, lamentando que os espiritas doutras regiões não intensifiquem cada vez mais estas paradas de fôrça espiritual, que justificam e dão extraordinário realce à nossa propaganda.

Estranho caso de precocidade

O grande cotidiano *Notícias Gráficas*, de Buenos Aires, publicou há pouco um telegrama datado de Rosário, acêrca dum menino-prodígio que está assombrando a medicina oficial, a ponto de algumas estações radiodifusoras se terem referido ao assunto, assim como a imprensa argentina.

Trata-se dum menino de origem modesta, filho de trabalhadores do Chaco Santafezino. Chama-se Jorge Fernandes. A família surpreendeu-se muito com as inclinações do pequeno, pois que, emquanto os rapazinhos da mesma idade se entretinham a brincar, êle se dedicava, com sofreguidão, ao estudo da química, enchendo papéis de fórmulas, números, letras e sinais, etc. Foi quando resolveram consultar o médico a-fim-de procurar o explicação de tão estranho caso.

Jorge saía de casa tôdas as manhãs e sentava-se debaixo das árvores a estudar, não admitindo que o interrompessem.

Desde há muito demonstrara tendência para misturar anilinas e colorir os líquidos.

A-propósito lembramos que tem uma irmãzinha de catorze anos, igualmente inteligente e que, segundo referem algumas pessoas que acompanharam Jorge à Faculdade de Ciências Médicas, é um portento na interpretação da teoria da relatividade.

O garoto deixou os sábios boquiabertos. Chegou à Faculdade, acompanhado pelo doutor Adolfo Elias, professor de química analítica qualitativa e director do Laboratório de Química Nacional, o qual fez a apresentação a professores e alunos. Pois Jorge Fernandes demonstrou conhecer absolutamente as bases da química inorgânica, além da teoria completa dos métodos de preparação de diversos compostos e a obtenção dalguns simples. Depois, traçou, numa lousa, fórmulas e sinais e explicou com grande propriedade como se preparava o gás metano.

Começando a prova em meio da incredulidade geral, acabou por receber fartos aplausos, com que todos coroaram a exposição que lhes era apresentada.

Um dos professores, não se conteve e exclamou:

— ¡É extraordinário! Emquanto nós necessitamos, muitas vezes, de consultar certas fórmulas, êste menino conhece-as tôdas!

Um dos professores afirmou que Jorge Fernandes faz lembrar Tomaz Alva Edison.

As experiências interessaram tão vivamente o Dr. David Staffieri, decano de Faculdade de Ciências Médicas, Farmácia e Ramos Menores a Universidade do Litoral, que êste o vai submeter a nova prova, sendo natural que se façam diligências no sentido de proporcionar ao garôto os meios de se aperfeiciar no estudo da química, esperando, assim, oferecer à Ciência daquele país um investigador susceptível de realizações excepcionais.

Mais uma vez a hipótese reencarnacionista é posta em relêvo, mesmo por alguns dos que assistiram às experiências e que faziam gala da sua descrença.

A Nova Revelação

Muitos espíritos, mais filosóficos do que o meu, se têm sentido atraídos pela feição religiosa dêste assunto e grande número de inteligências mais científicas do que a minha têm volvido a atenção para os fenómenos psíquicos. Até agora, porém, que eu saiba, ainda ninguém tentou demonstrar a exacta relação que existe entre os dois aspectos do problema. Entendo que, se me fôsse dado lançar alguma luz sôbre êsse ponto, muito teria contribuído para resolver a questão que mais importa à humanidade.

A senhora Piper, célebre médium, proferiu em 1899 algumas palavras que o Dr. Hodgson registou. Achando-se em estado de hipnose, foi levada a falar do Espiritismo religioso e declarou:

«No século vindouro, o Espiritismo ter-se-á tornado maravilhosamente acessível ao entendimento humano. Anunciar-vos-ei, além disso, uma coisa cuja realização podereis comprovar. A percepção das nossas relações com o Além será precedida de uma guerra terrível que abalará diversas partes do mundo. Antes que, pela visão espiritual, os mortais possam ver a seu lado os amigos que deixaram de viver na terra, mister se faz que o mundo inteiro seja purificado e por aquele meio é que êle alcançará a perfeição.

«Amigos, reflecti muito».

Tivemos a guerra terrível nas diferentes partes do mundo. Aguardamos que se cumpra o resto da predição.

Dr. ARTUR CONAN DOYLE

NOTICIÁRIO

Ecos do nosso aniversário

Mundo Espirita, do Rio de Janeiro, teve a amabilidade de se referir ao aniversário de *Estudos Psíquicos*, em termos que muito nos penhoram. São dêle os seguintes parágrafos que agradecemos.

«Tendo completado o seu primeiro aniversário o Centro Espiritualista Luz e Amor, de Lisboa, Portugal, na sua nova fase de vida sob a direcção segura de Isidoro Duarte Santos, a quem muito deve o Espiritismo de Além-mar, *Estudos Psíquicos*, que é o órgão oficial do Centro e, sem contestação possível, a mais completa e autorizada revista portuguesa de Espiritismo, também encerrou o seu primeiro ano de luta, na arena do jornalismo.

«É, pois, motivo de grande júbilo para todos que se iluminam nas páginas dessa revista, onde as mais brilhantes expressões de cultura atestam a grandeza da doutrina dos espíritos, estudada sob o seu tríplice aspecto.

«*Mundo Espirita* transmite, nestas linhas, a *Estudos Psíquicos*, na pessoa do seu ilustre director, que também é nosso colaborador, Isidoro Duarte Santos, as suas mais calorosas felicitações e os seus mais sinceros votos de contínuas e perenes prosperidades.»

«Ideal Cristão»

Com amável dedicatória, recebemos a oferta do 1.º e 2.º volume do *Ideal Cristão* (36 números) e um volume de *O Mundo Maior*, destinados à Biblioteca de *Estudos Psíquicos*. O oferente, nosso dedicado confrade António B. da Fonseca Baptista, no desejo de tornar conhecida a revista que em boa hora fundou, tem comprado várias colecções e obtido outras gratuitamente por intermédio de sócios do Centro Espirita Perdão e Caridade, que não coleccionam aquela publicação.

A êste prezado confrade, os nossos agradecimentos, fazendo votos para que a sua acção continui a exercer-se no meio espirita.

Para as vítimas do ciclone

Como dissemos no último número, o nosso Centro distribuiu 1.000$00 pelas vítimas do ciclone, sendo 200$00 enviados ao *Diário de Notícias* e os restantes 800$00 distribuídos em donativos de 40$00 aos seguintes indivíduos, cujos recibos acusamos em nosso poder: Maria Água-doce, Joaquina da C. Soares, Genoveva Lebrinha e Maria Henriqueta Bate-forte, de Beja; Maria Augusta Bernardes, Henrique Delgado, António Mota e João Esgaio Laborinho, da Nazaré; Francisco dos Santos, Maria André Viegas, Maria Roupinha e Joaquim Soares, de Faro e Pêra; Manuel do Nascimento, António Lopes, Guilhermina Zôrra e Francisca Faria, de Sagres; Olívia Carvalho Solano, Carolina S. Pereira, Ermelinda R. Peniche e Joaquina Rosa Salgueiro, de Alhandra.

«Psychic News»

Segundo carta que recebemos de Maurice Barbanell, director do magnífico semanário espirita londrino *Psychic News*, verificamos que a sua redacção nada sofreu ainda, a-pesar dos constantes ataques aéreos alemães à cidade de Londres. *Psychic News* continua a circular e a ter larga distribuïção no exército e marinha britânicas. Congratulamo-nos com a notícia, enviando um abraço de felicitações ao grande paladino.

Beneficência

Henrique da Silva Horta ..... 50$00

As nossas conferências

Nos últimos dois meses, realizaram conferências no nosso Centro os prezados confrades Dr. Fred, coronel Faure da Rosa e Dr. António J. Freire, respectivamente subordinadas ao título de «Concepções modernas sôbre origem, evolução e relações recíprocas de matéria, energia, princípio vital e intelectual dos astros, da terra, do homem e do complexo alma-espírito», «Religiões» e «A crise da morte», tendo, tôdas elas, continuado a despertar o maior interêsse, como se verificou pelo número de assistentes, que encheram literalmente, a sala.

À conferência do sr. Dr. Freire presidiu o ilustre cientista Professor Doutor Baptista Ramires, figura simpática e veneranda que se dignou honrar-nos com a sua presen«a. Êste facto desvaneceu-nos profundamente, visto termos podido apreciar a extrema bondade e a elegância moral de S. Ex.ª, de quem nos confessamos admiradores e amigos, pedindo-lhe que continui a acompanhar a nossa modesta obra. Êste distinto confrade prometeu colaborar em *Estudos Psíquicos*, logo que possa desenvencilhar-se de certos trabalhos científicos que tem entre mãos. Por tudo, o nosso sincero agradecimento.

Assembleia Geral

No dia 19 de Junho, realizou-se na séde do Centro a Assembleia Geral destinada a eleger nova Direcção e demais cargos vagos nos corpos gerentes, tendo sido apresentadas duas listas. Venceu a seguinte lista, por 92 votos contra 17:

DIRECÇÃO

Presidente — Tenente Isidoro Duarte Santos
Vice-Presidente — Manuel Tavares
1.º secretário — Capitão Joaquim Estevão Rodrigues

2.º secretário — Eduardo da Silva Tavares
Tesoureiro — Amadeu Alves Dinís
Vogais — Rufino A. Lopes Bragança
» — Mário Alpoim de Azevêdo
» — Joaquim Dias

SUBSTITUTOS

Pedro Cardia
Joaquim Borges de Meneses
Alípio Ferreira da Costa
António Joaquim de Amorim
Damião Teixeira
José Correia
José A. Pais de Carvalho
José Águas Serra

CONSELHO FISCAL

Presidente — Capitão Carlos Nunes de Castro Paiva
Relator — Alfredo Nunes

SUBSTITUTOS

Major Eurico de Castro Graça Zuzarte
João José Pilar
Henrique da Silva Horta

ASSEMBLEIA GERAL
(SUBSTITUTOS)

Coronel José Augusto Faure da Rosa
Ricardo Lino Correia
Joaquim Pama
Francisco P. Andrade Júnior.

Não foram substituídos os seguintes confrades: Da Mesa da Assembleia Geral — Dr. Sebastião Elviro Martins, João José Alves, Custódio Rodrigues e António Alexandre, bem como o sr. António Castanheira de Moura, do Conselho Fiscal.

Estes corpos gerentes exercerão o mandato até 30 de Junho de 1942.

Grupos Espiritas

Formarm-se mais os seguintes grupos espiritas familiares:

Grupo Espirita Allan Kardec, dirigido pelo nosso prestimoso confrade sr. António Joaquim de Amorim e funcionando na Travessa da Glória, n.º 22, 4.º E. e o Grupo Espirita Joana d'Arc, dirigido pela nossa estimada consócia sr.ª D. Emília Baptista, funcionando na Travessa do Monte, 62, 1.º, D.

Passeio de Confraternização

No dia 7 de Setembro próximo, realizar-se-á um passeio de confraternização a Sintra, encontrado-se aberta a inscrição ao preço de 7$50, ida e volta.

Saüdações amigos

A *Revista Espirita do Brasil*, órgão da Liga Espirita do Brasil, enviou-nos fraternais saüdações, pedindo-nos que sejamos intérpretes dos seus desejos de paz e prosperidade, extensivos a tôda a imprensa espirita portuguesa.

ESTUDOS PSÍQUICOS

Em virtude do nosso apêlo ter sido apenas ouvido por alguns confrades dedicados, à frente dos quais se encontra o nosso estimado colaborador Dr. Alfredo Mota, que nos conseguiu 14 novos assinantes, somos obrigados a aumentar o preço da assinatura que, a partir de hoje, será de 15$00 por cada seis números.

É com grande mágua que fazemos esta declaração, verificando a indiferença que existe nas fileiras espiritas, relativamente aos seus órgãos de propaganda.

«Estudos Psíquicos» não tem receitas próprias e vive exclusivamente da assinatura. Assim mesmo, dentro das 32 páginas que contém, oferece mais abundante e variada leitura do que qualquer outra revista do seu género. O pequeno aumento sofrido, não deve, pois, influir no orçamento do leitor que se interesse por estes assuntos.

De resto, esta solução não resolve inteiramente o problema. Simplesmente o atenua, visto que só a afluência de assinantes de paga certa nos fornecerá os elementos indispensáveis à manutenção da revista.

Continuamos, portanto, a apelar para todos os amigos e simpatizantes, esperançados em que novos tempos surjam, mais propícios à difusão dos ideais espiritas.

Ao ilustre confrade Deolindo Amorim, director daquela revista, os nossos agradecimentos, com a retribuïção sincera dos nossos votos de felicidades.

Programa dos trabalhos do Centro, durante os meses de Julho e Agosto, na R. do Salitre. 149, 1.º D.

Dia 13 de Julho, às 16 horas — Conferência pelo Dr. Fred, intitulada «Pela Vitória do Espírito».
Dia 20 de Julho, às 16 horas — Sessão experimental.
Dia 27 de Julho, às 16 horas — Sessão experimental.
Dia 3 de Agôsto, às 16 horas — Sessão experimental.
Dia 10 de Agôsto, às 16 horas — Sessão experimental.
Dia 17 de Agôsto, às 16 horas — Sessão experimental.
Dia 24 de Agôsto, às 16 horas — Sessão experimental.
Dia 31 de Agôsto, às 16 horas — Sessão experimental.

Estudos Psíquicos

Pelo Progresso e Prestígio do Espiritismo

Pela União Fraternal da Família Espírita

DIRECTOR E PROPRIETÁRIO
Isidoro Duarte Santos

EDITOR
Pedro C. Dias de Sousa

ANO 2.º LISBOA, JULHO-AGOSTO DE 1941 N.º 12

MECÂNICA PSÍQUICA

pelo coronel Faure da Rosa

NO começo da segunda metade do século XIX — escreve René Sudre (1) — havia uma única teoria que procurava explicar o movimento das chamadas «mesas falantes»: a dos movimentos inconscientes daquêles que pousavam as mãos nas mesas. O conde de Gasparin, porém, em 1854, demonstrou que uma mesa podia mover-se, sem o contacto das mãos, facto incontroverso desde que préviamente se espalhe no tampo da mesa uma camada leve de farinha, ou de de qualquer outro pó. Tendo procedido assim, Gasparin verificou que a camada de farinha permanecia intacta.

Não obstante Gasparin ter sido apoiado pelo professor Thury, de Genebra, o movimento sem contacto continuou a ser negado e foi, até, umas das alegações extravagantes e charlatanescas do magnetismo animal. Foram os inglêses que reabilitaram as experiências e as idéias de Gasparin. A fôrça psíquica de Crookes, susceptível de se transmitir aos corpos materiais através da água e do ar, não é mais que o fluido de Gasparin e a fôrça «ecténica» (2) de Thury. Tal fôrça é uma das modalidades do ectoplasma, cuja teoria foi estabelecida por Richet e Morselli, a seguir às experiências com Eusápia Paladino.

Depois de Crookes, experimentou-se medir esta fôrça, capaz de agir mecanicamente a distância, capaz de deslocar objectos, de levantar mesas e de as manter no ar, sem apôio visível. Para conseguirem essa medição, empregaram balanças e dinamómetros a que adicionaram registadores movidos por um sistema de relojoaria, de maneira que tornasse o fenómeno tão objectivo, quanto possível.

Os sábios italianos já tinham verificado que Eusápia Paladino podia aumentar ou diminuir o pêso de uma mesa suspensa, por um dos cantos, ao gancho dum dinanómetro, sem lhe tocar.

Nas experiências realizadas no Instituto Psicológico de Paris, em 1906, Eusápia, com-

(1) *La Mecanique Psychique*. Tradução e adaptação, dos livros de W. J. Crawford — «*The reality of psychic phenomena*», «*Experiments in psychical sience*» e «*The structures at the Goligher Circle*». Crawford era doutor em ciências e professor de mecânica aplicada, na Universidade de Belfast.

(2) De *ectenia*, extensão. Fôrça pela qual se produzem os fenómenos a distância, longe do médium.

pleta e sòlidamente atada, conseguiu provocar a levitação duma mesa, cujos quatro pés metidos em prismas de madeira, assentavam em contactos eléctricos. Viu-se, pela primeira vez, instalando a médium numa balança romana, que o seu pêso aumentava em quantidade igual, pouco mais ou menos, ao pêso da mesa.

O liame fluídico entre o médium e os objectos deslocados era invisível, muitas vezes; mas, com Eusápia, viam-se mãos, mais ou menos nebulosas, agarrar os objectos e transportá-los, através do espaço. A teoria da telequinésia, isto é, da acção a distância, foi sendo elaborada pouco a pouco.

Com o ectoplasma que o médium emite e que tira da sua própria substância, são modelados membros, cujas impressões podem ser recolhidas na argila. Alguns médiuns aproveitam o seu ectoplasma, ùnicamente, no fabrico de alavancas, pinças, fios... em resumo, no fabrico de ferramentas fluídicas, curtas e reduzidas à forma mecânica essencial. As esplêndidas experiências de Ochorowicz e as de Schrenck-Notzing, com a médium Stanislawa Tomczyk, confirmam, em todos os pontos, estas induções. Se cotejarmos estas experiências com aquelas em que o ectoplasma modela figuras, o problema das materializações apresenta-se sob um duplo aspecto: as criações artísticas e as criações utilitárias, quer sejam devidas, segundo a teoria espírita, à intervenção de espíritos desencarnados, — quer se devam, segundo os animistas, à colaboração, mais ou menos inconsciente, do médium e do operador.

Crawford deduz três teorias principais: uma da levitação das mesas; outra dos «raps», e a terceira do ectoplasma. Começou por estabelecer que, em uma levitação completa, o pêso da mesa sobrecarrega o médium, (1) excepto o duma pequena parte da reacção (3 %), que é suportada pelos assistentes.

Vê-se, pois, que tudo se passa como se a médium levantasse a mesa com as mãos. Sudre observa que não é preciso ser muito entendido em mecânica para, desde logo, supôr que, nêste caso, o médium está ligado à mesa por um liame rigido, embora invisível: é a *ponte*, a *alavanca* do médium, da mesa de Crawford. Esta alavanca não é uma substância inerte; é uma substância viva, capaz de exercer esforços autónomos fora de tôda a previsão lógica.

Quando os corpos a levitar eram leves, o médium erguia-os com a sua alavanca estendida; quando eram excessivamente pesados e o esfôrço os torcia, o médium dava à alavanca a curvatura necessária para obter um ponto de apôio no solo.

A teoria dos «raps» é uma conseqüência da alavanca. Assim como os operadores invisíveis fabricam hastes para levantar a mesa, igualmente as fabricam, de outro modêlo, para darem pancadas e produzirem vários ruídos, desde o choque do martelo de forja, até à fricção da lixa na madeira. A extremidade das hastes materializa-se para êste fim. E, dêste modo, chegamos à teoria do ectoplasma, cujo pêso e método de corantes adoptado, e cujas impressões deixadas na argila, são, inteiramente convincentes.

É de pasmar — nota Sudre — como um resultado que, *á priori*, constituía uma presunção de fraude — a impressão das meias da médium na argila — é de pasmar como, pelo contrário, se torna em a prova mais brilhante da existência do ectoplasma e da sua origem.

«Num laboratório de mecânica» — diz Crawford — «nós aplicamos, por exemplo, uma fôrça dum certo número de quilogramas a certa parte de determinada máquina e podemos esperar, sempre, o mesmo resultado. No domínio psíquico não é de esperar que a mesma causa produza sempre os mesmos efeitos. Os nossos instrumentos, no trabalho científico ordinário, obedecem à nossa vontade, ao passo que no trabalho psíquico obedecem, muitas vezes, a tudo menos a nós, e são os factores desconhecidos que predominam.»

O professor Crawford teve a coragem de declarar formalmente no prefácio do seu primeiro livro *(The reality of psychic phenomena)* que estava *«pessoalmente convencido de que os operadores invisíveis são os espíritos dos sêres humanos que passaram ao Além»*. Quer dizer, Crawford fêz profissão de fé espirita.

Os dois anos de trabalho que se seguiram, mais lhe robusteceram a fé espirita. No seu segundo livro *(Experiments in psychical*

(1) Éste facto foi rigorosamente verificado nas experiências efectuadas por Schrenck-Notzing e Grunewald com aparelhos registadores devidos a êste último.

science). Crawford repete: «*Eu tenho tôda a certeza de que os operadores são homens desencarnados*... Vi e ouvi o bastante, em vários grupos, para me persuadir de que o homem, realmente, não morre, quando é atingido pela morte física, mas passa a um outro estado de existência...»

Sudre observa que a convicção de Crawford não é uma crença religiosa; é uma hipótese científica que em nada afecta o rigor da sua observação.

Ao mesmo tempo que rejubilava com o interêsse crescente do público pelos seus trabalhos, Crawford não se indignava com a atitude dos jornais que — convictos de que se tratava de mais uma superstição a demolir — combatiam a nova ciência. «A julgar pelos artigos hostis que, de vez em quando, aparecem na imprensa — escrevia êle — qualquer pessoa mal informada poderia concluir que os fenómenos psíquicos e, em geral, as questões psíquicas, são pura invencionice e que os homens que dêles se ocupam, ou são invencioneiros ou papalvos. A atitude de superioridade da maior parte da imprensa é muito divertida...»

Crawford recomendava aos próprios investigadores: «Limitai-vos a observar, com a maior atenção, uma pequena parte de determinada fenomenologia, porque o assunto é tão vasto que nenhum homem o pode abarcar. *Não percais tempo a verificar eternamente a realidade dos fenómenos. Quando estiverdes convencidos de que êsses fenómenos são autênticos, não tenteis convencer tôda a gente;* é impossível.

«Eu quero trabalhar para a descoberta das leis psíquicas que são tão reais como as leis físicas, a-fim-de que, no futuro, deixe de haver mistério. E quando o mistério tiver desaparecido, desaparecerão, também, os negociantes do mistério».

Infelizmente, a morte arrebatou-o muito antes de levar a cabo o seu propósito.

É sina de todos os homens de ciência que mais dedicada e corajosamente têm estudado os fenómenos supranormais, serem mofados, perseguidos, maltratados, caluniados... De nada vale chamarem-se Crookes (o descobridor do *talium*, o inventor do radiómetro e dos tubos que têm o seu nome); Richet (o descobridor da *seroterápia* e da *anafilaxia)*; Oliver Lodge (físico e professor), Maxwell (magistrado)... são todos considerados «ingénuos» pelos cientistas seus pares, eufemismo galante de néscio ou de parvo.

Crawford não podia ser exceptuado.

Em 1922, Fournier d'Albe publicou o livro «*The Goligher Cercle*» (O Grupo Goligher), em que insinua que os membros dêste grupo, à excepção do experimentador, eram todos fraudadores. Crawford ingressou, portanto, na extensa lista dos «ingénuos».

Êste Fournier d'Albe recebera de Crawford o encargo testamenteiro de continuar as experiências por êle executadas durante seis anos, com o maior rigor científico. Pois a êste Fournier d'Albe bastaram três meses e vinte sessões para ter o condão de descobrir fraudes e mais fraudes. Uma das que êle aponta e que mais o teria ferido: percebeu, ou julgou perceber, à luz fraca da lanterna vermelha, que o pé da médium se movia para erguer um pequeno tambor ou qualquer outro objecto. É preciso conhecer mui pouco da psicologia da suspeita para não adivinhar que, a partir dêsse momento, todos os fenómenos foram tidos por artificiosos. É preciso, também, ignorar a psicologia da mediunidade para desconhecer que semelhante desconfiança, aumentando de mais em mais a hostilidade, viria a paralisar a faculdade da médium. Foi o que aconteceu e as sessões acabaram.

René Sudre, metapsiquista exigente, principalmente em tudo que respeita à fenomenologia supranormal, declara que «foi de ânimo leve que Fournier d'Albe tentou demolir — numas escassas vinte sessões em que a falta de método era evidente — um trabalho que custou ao honesto Crawford anos de provas engenhosas e de contra-provas severas.

É sabido que, quando os médiuns actuam a distância, movem os membros ou soerguem o corpo. O próprio Crawford o notou: «No grupo em que trabalha a médium Kathleen Goligher — escreve êle — passam-se coisas que podem parecer fraudulentas a um observador superficial. Por exemplo: acontece que o corpo da médium, ou parte do corpo, executa movimentos espasmódicos, quando se produzem violentos «raps». Ora, isto não representa mais que reacções; mas quem andar à cata de fraudes, imediatamente atribui os movimentos a impostura... Esta semelhança acidental dos fenómenos verdadeiros e dos fenómenos simulados é muito desconcertante para quem faça experiências pela primeira vez. Tal semelhança tem sido

fatal a muitas obras do domínio psíquico, cheias de promessas».

A calúnia, ainda no Além o perseguiu. Crawford suïcidou-se em 30 de Julho de 1920, durante o acesso duma febre cerebral causada pelo excesso de trabalho profissional e pelas condições criadas pela Grande Guerra de 1914-1918. Aproveitaram-se dessa circunstância para insinuar que fôra a descoberta de fraudes nas experiências do grupo Goligher e, portanto, o desabamento de tôda a sua obra, que o levara a êsse acto de desespêro. Ora, numa carta escrita quatro dias antes da sua morte e dirigida a David Gow, director da «*Light*», dizia Crawford : «Sinto-me muito deprimido mentalmente. ¡E tão bem me sentia há algumas semanas atrás !... Não são os trabalhos psíquicos a que eu me entregava com muito prazer... Estou-lhe muito reconhecido por ter dito que essa obra ficará. Foi tão conscienciosamente feita que não é possível encontrar lacunas ou êrros materiais».

McCarthy Stephensen, que tomou parte nas experiências do Dr. Crawford com a médium Kathleen Goligher, depois casada com Donaldson, demonstra a autenticidade dos fenómenos produzidos e, assim, prova que foram caluniosas as suspeitas de fraude que os detractores lançaram naquela médium. Escreve Stephensen : (1) Vi a mesa erguer-se e voltar-se. Eu estava sentado em cima da mesa e fui atirado ao chão. Senti a fôrça fluídica nas axilas, e, a meu pedido, senti que me davam pancadas na sola dos sapatos... Com tôda a minha fôrça, tentei empurrar a mesa — que, apenas, pesava doze libras, pouco mais de cinco quilos — mas a fôrça psíquica foi mais potente do que a minha, não obstante o esfôrço por mim empregado ter-me feito transpirar. A fôrça fluídica parecia que tomára a forma de alavancas, com ventosas nas extremidades. Até se ouviam as ventosas colarem-se à mesa».

O processo de contrôlo fotográfico era constituído por três aparelhos fotográficos de raios infra-vermelhos, o que permitiu poder-se afirmar a autenticidade dos fenómenos produzidos pela médium Goligher. Donaldson — marido da médium — gastou tempo e dinheiro, mas conseguiu desmascarar os Fournier d'Albe e outros impostores : as emanações ectoplásmicas foram fotografadas nas melhores condições de *contrôlo* científico.

* * *

Crawford quási que só se ocupou da mediunidade física. Em 138 sessões, apenas 4 foram destinadas à captação da «voz directa».

Crawford conclui que os fenómenos são originados por projecções flexíveis, semelhantes a vergônteas, que saem do corpo do médium.

São estas vergônteas que, verdadeiramente, produzem os fenómenos: levitações, movimentos de mesas, «raps», toques, etc.

Crawford regista as seguintes características de uma das vergônteas:

1.ª Sai directamente do corpo do médium e, pelo mesmo processo, o corpo a reabsorve. Não pode alongar-se indefinidamente. Quando as condições são favoráveis, a extremidade chega até 1m,5 do médium e pode mover a mesa. É comparável a um feixe de projecções filamentosas, finas e fixadas ao médium como as raízes duma árvore se fixam ao terreno.
2.ª Pode descrever um grande ângulo e, assim, fazer mover corpos sólidos. Também pode deslocar-se até certo ponto num plano vertical.
3.ª Pode ser fixada ou detida, à vontade, dentro dos limites da sua extensão, e, igualmente, transformar-se em alavanca.
4.ª Pode transmitir fôrças de atracção e de repulsão.
5.ª A extremidade livre pode prender um corpo sólido, por adesão.
6.ª Todos os movimentos provêm do interior do corpo do médium.
7.ª As dimensões são muito variáveis, bem como a forma e o estado da sua extremidade livre. Para a produção de «raps» ordinários, parece que uma certa quantidade de matéria se concentra junto da extremidade. Para outras manifestações sonoras, tais como: a imitação de uma bola a saltar, o barulho de serragem e o de unhas a raspar, etc., parece que há modificações particulares. Na levitação, a extremidade livre recurva-se e cola-se à mesa.

(1) *Revue Spirite*, Janeiro de 1937 — p. 23.

Crawford não sabe qual seja a composição da vergôntea e qual seja o processo por que adquire as propriedades de corpo sólido. A sensação que a sua substância produz ao contacto da mão, debaixo da mesa e afastada do chão, é a de que se toca num pequeno reptil.

Crawford está convencido de que a substância das materializações e a que sentiu debaixo da mesa, são iguais, na essência, com esta diferença, apenas: ao passo que a primeira — a das materializações — saía, às vezes, da bôca do médium e era perfeitamente visível, a segunda — a de debaixo da mesa — não era visível. A substância condensada debaixo da mesa, deve ser, portanto, de qualidade mais rudimentar e constituir uma fase menos avançada da materialização; estava completamente inerte e, quando Crawford a atravessava com a mão, a mesa caía.

Esta mesma substância, fria, húmida, reptiliana, sentiu-a Crawford próximo das axilas do médium quando os «raps» se ouviam nessa região, no começo duma sessão.

Duas das experiências — as que figuram com os números 59 e 60 — provam que se exerce uma pressão mecânica, que vai do médium para a mesa levitada e que a mesa cai se a linha fôr cortada.

O «processus» preliminar da levitação consiste no assentamento de uma espécie de liame, muito pouco consistente, entre o médium e a mesa ou entre o médium e o prato da balança. Admite-se que êste liame seja feito de alguns fios de substância semelhante à matéria orgânica que sai da bôca do médium, mas ainda mais fina e fora da zona de visibilidade.

Schrenck-Notzing mostrou que a matéria filamentosa do seu médium se contraía e se movia com a mesma aparência de finalidade, como se estivesse viva e fôsse consciente.

Richet (1) diz que a explicação dos fenómenos de levitação dada por Crawford está absolutamente conforme com a que êle tirou das suas experiências com Eusápia Paladino, e considera as de Crawford as melhores que se têm realizado, depois das que se efectuaram com Eusápia e Home.

O professor Barrett, que assistiu a uma das sessões, confirmou que a mesa se movia sem contacto e que se produziam «raps», inexplicáveis pelas causas mecânicas habituais.

Kathleen Goligher era médium não profissional e tinha então (1917) vinte e um anos de idade.

Logo que a sessão principiava, ouviam-se, imediatamente, ruídos — tape... tape... tape... — no sobrado, junto da médium. Depois, os ruídos tornavam-se cada vez mais fortes, na mesa e nas cadeiras dos assistentes. Por vezes, os sons eram como marteladas, tão intensas, que se ouviam fora da sala e faziam tremer o sobrado e as cadeiras. Imitavam, admiravelmente, diversos ruídos: o passo de um homem, o trote dum cavalo, a fricção dum fósforo, uma bola a saltar...

Richet considera da maior importância os factos extraordinários metòdicamente observados no Grupo Goligher, com tôdas as precauções e com um espírito científico rigoroso. A realidade das ectoplasmias, reveladas nas experiências feitas com as médiuns Eusápia Paladino, Marthe Béraud, Stanislawa Tomczyk, ficou definitivamente demonstrada com as experiências de Crawford, das quais êle tirou excelentes fotografias.

---

(1) *Traité de Metapsychique*, p. 551.

O CRISTO

O Cristo é o protesto vivo. Mas protesto de quê? ¿Da carne contra a inteligência? Não!

¿Do direito contra o dever? — Não!

¿Da atracção física contra a atracção moral? — Não e não!

¿Da imaginação contra a razão universal? ¿Da loucura contra a sabedoria? — Não, mil vezes não, mais uma vez não!

O Cristo é o dever real que protesta eternamente contra o direito imaginário. É a emancipação do espírito, que rompe a servidão da carne. É o devotamento revoltado contra o egoísmo. É a modéstia sublime que responde ao orgulho: ¡Eu não te obedecerei!

O Cristo está só. O Cristo está viúvo. O Cristo está triste. Porque?

É que a mulher prostituíu-se. É que a sociedade é acusada de roubo. É que a alegria é egoísta, é ímpia.

O Cristo é julgado, é condenado, é executado e adoram-no.

Isto passou-se num mundo talvez tão sério como o nosso...

Eliphas Levi

CAMILO FLAMMARION

UM CARÁCTER

(Tradução de I. D. S.)

pelo Dr. Luís M. di Cristóforo

(Redactor-correspondente de «Estudos Psíquicos» na Argentina)

Evocar o nome de Flammarion é enunciar todo um sistema de labor humano: a astronomia. O nome de Flammarion evidencia claramente a sua operosidade dominadora, de germinação fortificante. Qualquer pregunta que se relacione com Flammarion tem sempre a astronomia como resposta.

Poderão criticar-lhe o procedimento, ameüdadas vezes ardente, mas ninguém conseguirá abalar-lhe a acção, dirigida com equilibrio para os seus objectivos.

A sua obra pausada, mas de extraordinária envergadura, leal nos fins, sincera consigo mesma por cima de tudo o que pudesse debater-se em torno dela, encerra um aproveitável ensinamento.

Nem contemplação, nem disfarce: sempre a defesa airosa daquilo que se crê e sente, razoavelmente, como verdade. Dignidade na acção, honradez no gesto; exemplo em tôdas as conjunturas. Foi primoroso representante (poeta da ciência) dum ciclo áureo que opulentamente integrara e conformara uma bagagem própria e diferenciada. As suas investigações responderam a novas necessidades, em demanda de resposta às suas inquietações; e assim ampliou contìnuamente a intensidade das investigações que empreendeu.

CAMILO FLAMMARION

O génio de Juvissy era entusiasta como um poeta e subtil como um crítico. Tudo em bela desordem — como a bela desordem da sua clássica e branca cabeleira — desordem que, ordenadamente, tendia a qualquer coisa nova que viesse aumentar os conhecimentos humanos. Solitário à sua maneira, constrói para todos. Gostou sempre das humanidades múltiplas. A sua vida resumiu-se num gesto galante: não crê na sinceridade de todos, mas tudo confia da sinceridade dos que trabalham e pensam para a humanidade.

Como astrónomo de largas vistas, estuda, observa e investiga os problemas da alma, isto é, dum mundo de planetas, pessa a um mundo de sentimentos. Sabe que êste último é tão grande ou maior do que aquêle e que o conhecimento de um ilumina o conhecimento do outro.

Reconhece a ciência oficial como o triunfo do mediocrismo. Sincero em extremo, sempre proclamou o regrêsso da ciência ao espírito, demonstrando que êsse retôrno triunfante não poderia denegrir a filosofia, nem matar as especulações científicas, que certamente evolucionariam, se aumentassem em veracidade, beleza e objectivo moral. Esta sêde de progrêsso parece um auto-retrato.

Era extremamente esforçado, chegando a afirmar — quanta certeza! — que, se o número de espiritas aumentasse, em detrimento

da qualidade, tal fenómeno revelaria decadência doutrinária, visto que o triunfo da mediocridade, como sucede em arte e literatura, é um triunfo sufocante e negativo.

É que as coisas espirituais — dizia êle, finalmente — não são questão de número, mas de acção. Dir-se-ia viver na Argentina de hoje, na nossa presente organização social.

* * *

Flammarion possuía a arte da ciência ou a ciência da arte. Realmente, êle foi e continua a ser ainda, por muitas razões, um caso raríssimo de trabalho intelectual, de legítimo valor, talentoso, sensitivo e criador, pois tôda a sua vida é magnífica trajectória de dinamismo exemplar.

Para êle, só havia uma perfectibilidade humana, qualquer que fôsse o rumo moral ou estudioso que se escolhesse. «Na ascensão das almas — afirmava êle, com dialética vibrante e cheia de poesia — tanto valem as qualidades morais, como as intelectuais. Arrebatado desde os verdes anos por semelhantes inquietações com Hugo e Kardec, Flammarion trilhou por vezes sozinho, outras vezes acompanhado, arborizados caminhos que de-certo contemplaram a ambrosia de três almas, três gigantescos mestres, simultâneamente iguais e diferentes no superior e glorioso processo de esboçar as suas inquietudes, discorrendo interpretações e transfundindo entre si a excelsitude espiritualizada das suas sensações de humanidade.

Podemos calcular como teriam sido essas práticas. Ao lado do sereno Kardec, a impetuosidade quási irreverente de Hugo e a virilidade de Flammarion. Porque, na verdade, Flammarion é um exemplo viril. Virilidade de estar sozinho e, antecipadamente, contra tudo e todos. Virilidade de se impor por si próprio e, antecipadamente, também contra tudo e todos.

Recordemos o êxito mundial do seu livro «Pluralidade dos Mundos Habitados», que êle escreveu antes dos vinte anos. Essas práticas denunciaram balisas; aquêle conhecia as misérias da alma; o outro conhecia as misérias da humanidade; êste conhecia a miséria dos mundos e de tantas civilizações e humanidades extintas. Um compreendia a insignificância da alma; outro, a insignificância da humanidade e êste a dos mundos. Três princípios gémeos e um só fim: a elevação racional do ser humano.

Tal como a vida dos grandes homens, a vida dêste grande carácter que é Flammarion, foi uma vida docemente agitada, em prol do que êle entendia por verdade. A sua acção dirigiu-se inteiramente para melhor ubiqüidade e compreensão da verdadeira transcendência dos problemas da alma.

«Um filósofo enxertado em sábio», — dizia o engenheiro Gabriel Delanne, a respeito do doutor Camilo Flammarion, que foi um sofredor de grandes paixões, de grandes dores, na luta incansável pela verdade. Em todo êle há segurança, fácil e profunda segurança.

Quem o lê, ama-o. Admira-o, que é o mesmo, pois ler uma obra de Flammarion—qualquer que seja, dentre as da sua enorme produção — é sintonizar um cântico de vida, um sentimento amoroso, é ler optimismo, é respirar beleza e, principalmente, sentir pura emulação. ¡Oh, como as generosas virtudes das grandes almas estimulam! Na pequenez que dissecam, achamos a nossa pequenez; na grandeza que esboçam, queremos ver reflectidas as nossas grandezas. Flammarion é um sólido vínculo entre as ânsias espirituais dos nossos mestres (êle é, talvez, o mais característico de todos) e as ânsias de estudo que nós próprios devemos criar. Flammarion reaviva-nos a chama idealista que julgamos mais apagada, precisamente, porque a sua trajectória é dum idealista construtor por excelência.

Escritor de fibra, dir-se-ia compreender tôda uma raça de escritores; eterno poeta, foi um autêntico escritor científico; filósofo por vocação, não podia deixar de escrever com a elegante simplicidade das verdades que se expõem à luz meridiana, à zombaria das multidões e ao espírito negativista dos interessados. Não podia deixar de brilhar para se impor, embora pese a todos êles.

Senhor dum novo sentimento e possuïdor duma preciosa convicção de supervida, ressalta nele, acima das suas numerosas e belas qualidades, a ingénita qualidade de homem. De homem e de carácter.

Enamorado dos céus, trabalhou para que na terra os homens tivessem um ideal. Escrutando os céus, trabalhou para a terra. Crítico à sua maneira, foi sempre construtivo; com o fôgo do seu carácter e o lirismo varonil de tôda a sua existência em magnífica atitude,

podia ter triunfado em qualquer ramo a que se dedicasse.

* * *

Como é grande, tudo à sua volta se engrandece. A sua acção desenvolve-se, firmemente, em prol da ciência da alma — como lhe chama — e por ela trabalha sem desfalecimento, com ardoroso contágio.

Flammarion é o impulso vigoroso e fertilizante, o raciocínio ilustre e claro, a tenacidade infatigável, feita carne e posta ao serviço da humanidade, voltada para um ideal de libertação. Identificado com a essência das grandes causas, polarizava os anelos que emprestam irresistibilidade e beleza atractiva proveniente da sua fervorosa sinceridade, irmanada no afã louvável do bem colectivo e do império da beleza e da verdade sôbre as coisas e os homens.

De certo modo, Flammarion empunhou o estandarte vanguardista, revelador da eterna indagação. Lembremo-nos do significado apoteótico da sua despedida a Kardec, aquêle «até logo, até à vista», ao qual a pátina do tempo deu o verdadeiro sentido histórico da sua consagração.

Pois êle empunhou êsse estandarte com decisão exemplar, dignissima, imaculada, com gesto que só os grandes possuem, em atitude viril e intangível.

Flammarion possuiu e interpretou uma consciência idealista, altamente espiritualizada, e soube expor com facilidade e convicção, mercê de incontida fôrça criadora de atávico sentido conquistador. A sua palavra e o seu gesto, sempre judiciosos e sensatos, são sementes fecundantes e germinadoras.

Ao passar por tôdas as fases do espírito humano, aponta o caminho aos que procuram dessedentar-se e encontra, a-final, o seu próprio caminho.

É um cérebro másculo. Todo o seu pensamento, enflorado de poesia, sintetizava o verdadeiro conhecimento científico. Com factos, prometia aos outros a sua própria idealidade.

Era genialmente inclinado às mais belas correntes do século e por isso a sua ascensão foi uma luta superante. A sua convicção espiritual representou magnífico exercício para os seus continuadores. Sentia, pensando, — ou pensava, sentindo — porque tinha a formosa conquista do equilíbrio entre o cérebro e o coração.

Como homem de ciência, foi, sobretudo, um grande sonhador, um grande coração; e como homem de sentimento, foi um intelectual, um autêntico estudioso. Coerente com suas convicções idealistas, innovador ardente, investigador cheio de nobreza, foi um artista à sua maneira.

«Poeta dos céus», como lhe chamou, acertadamente, Michelet, constitui um verdadeiro carácter: faltava-lhe ambiente e criou-o; faltavam-lhe os meios e criou-os; faltava-lhe alento e criou-o; finalmente, faltava-lhe ciência e criou-a. Ao falar de astronomia, não se sabe onde ela começa e onde começa Flammarion.

Eternamente jovem, a sua vida é uma trajectória ascendente; o seu cordial sorriso à flor dos lábios deu sempre foros de cidadania a uma nova ordem de coisas e estudos, áridos antes do seu sorriso e depois complexos e atraentes, mercê do seu exemplo, do seu formoso e edificante exemplo...

Reflexões do Além

(Mediúnico)

por Henrique Magalhães

Sede sinceros para com os vossos irmãos. Na sinceridade dos vossos actos encontrareis motivos de elevação moral para os vossos semelhantes. Se assim procederdes, Deus vos concederá o galardão da vitória.

O homem de bem nunca deixa de trabalhar em benefício do seu semelhante, encontrando nêsse mister motivo de alegria.

Procurai ser benevolentes. Na brandura das vossas palavras dais o exemplo aos coléricos, concorrendo dessa forma para que êles se tornem brandos.

«Não leveis alforge nem alparcas», — disse Jesus: — «ide e prègai o evangelho». Sêde vós outros os continuadores dessa prègação.

¿Qual de vós é capaz de resistir à calúnia? Todo aquêle que se munir com a couraça da tolerância, está apto a resistir-lhe.

O PROBLEMA DA MORTE

pelo Dr. Sebastião Elviro Martins

II

ENCAREMOS agora o problema da Morte, segundo o conceito panteísta.

O panteísmo veio-nos da Índia, como muitos outros princípios filosóficos que revolucionam o pensamento humano, na eterna busca da Verdade.

Quem, na Europa, lhe deu foros de cidade, foi Spinoza, e depois Fichte, Schelling, Hegel e Schopenhauer, no século XIX. Baseia-se na teoria da unidade da substância, segundo a qual Deus é tudo. Allan Kardec, no seu livro «O Céu e o Inferno», cap. I, faz os seguintes comentários a esta doutrina:

«O panteísmo pròpriamente dito considera o princípio universal da vida e inteligência como constituindo à Divindade. Deus é concomitantemente espírito e matéria; todos os sêres, todos os corpos da natureza compõem a Divindade, da qual são as moléculas e os elementos constituitivos; Deus é o conjunto de tôdas as inteligências reünidas; cada indivíduo, sendo uma parte do todo, é Deus êle próprio; nenhum sêr superior e independente rege o conjunto; o universo é uma imensa república sem chefe, ou antes, onde cada qual é chefe com poder asoluto».

Esta síntese magistral mostra-nos *a priori* que tal doutrina é um absurdo inconcebível. Felizmente, só uma pequeníssima parte da humanidade perfilha estes princípios. ¿Calculem agora os meus caros confrades para onde irá o espírito do panteista que desaparece do mundo terráqueo? ¿Para onde vai a sua personalidade? Mergulhará no nada ou, como êles querem, pulverizar-se-á no Todo Universal, tal qual a água dos rios se confunde com a dos mares.

Dêste modo, o homem só tem três alternativas, como muito bem nos diz ainda o nosso Mestre: «o nada, a absorpção ou a individualidade da alma antes e depois da morte».

O panteísmo, a meu ver, só se admite como expressão poética, porque só os vates têm certas liberdades para exprimirem os seus devaneios literários, a seu belo prazer, ainda que êles colidam com os sãos princípios da razão e do bom senso de todos os povos civilizados.

A hipótese espiritualista

Resta-nos agora encarar o problema da morte, segundo a hipótese espiritualista, que nos parece mais racional e que se harmoniza com a ciência e a própria religião.

Tôdas as religiões reveladas asseveram que a Morte não é o fim da Vida, mas sim o seu lógico prolongamento. Porém, o seu próprio facto infunde tal terror, que até hoje os filósofos não se têm cansado de pressupôr o que haverá para além dessa ponte fatal que todos transporemos.

Já Platão, no seu livrinho intitulado «Fédon» no qual Sócrates, antes de tomar a cicuta na prisão, e em vivo diálogo com os seus amigos, nos conta como êste discreteou sôbre a alma e a morte. Ouçamo-lo:

«Se a morte fôsse a dissolução de tôda a existência, seria para os maus um extraordinário benefício o libertarem-se, depois da morte, e ao mesmo tempo, da alma e dos vícios; mas, como a alma é imortal, ela não tem outro meio de libertar-se dos seus males, nem há salvação para ela, senão tornando-se boa e sábia».

Sócrates, além de afirmar a crença na imortalidade da alma, acrescenta que «cada alma gasta muitos corpos, sobretudo se vive um considerável número de anos». É a teoria da reencarnação. Como se vê, as idéias que Allan Kardec sistematizou, são tão antigas como o mundo. Coube-lhe a honra de as correlacionar com a ciência, despindo-as de tôda a ganga, que foram adquirindo, para chegarem até nós.

* * *

Seria muito interessante seguir, através da História, a seqüência destas idéias sublimes, se o escôpo dêste artigo não fôsse ultrapassado.

Assim, demos um salto para os autores dos nossos dias e debrucemo-nos atentamente sôbre o livro intitulado «A Morte», de Maurício Maeterlink. Vale a pena analisá-lo, porque êste célebre autor belga é um espírito intelectualmente evoluído e cujas especulações filosóficas àcêrca do problema da morte e seus corolários, nos fazem meditar duas vezes. É pena que as suas permissas não tenham chegado a conclusões seguras e irrefragáveis, porque as suas páginas são tão belas e cheias de misticismo, que nos chegam a empolgar.

Maeterlink é um grande pensador e um incansável

investigador dos mistérios do sêr e do destino das almas. A sua ânsia de atingir a Verdade é semelhante à dos Titãs da Mitologia grega para escalarem o Olimpo. Mas assim como os Titãs não conseguiram o seu intento, porque foram fulminados pelos raios de Júpiter, também Maeterlink, depois das audaciosas congeminações do seu espírito invulgar, nunca chega a uma conclusão axiomática que o satisfaça. Divagando sempre e pairando nas altas regiões incognoscíveis, o seu espírito torna-se insaciável de infinito. Por isso, acumula argumentos sôbre argumentos, teorias sôbre teorias, num rosário interminável de preguntas, para, alfim, reconhecer a inanidade do seu laborioso esfôrço.

Mas analisemos a obra que nos propusemos apreciar, porque foi ela que nos inspirou êste trabalho.

A edição que possuímos é a 3.ª e foi editada en. 1924 e traduzida pelo já falecido Dr. Cândido de Figueiredo.

O autor propõe-se estudar as várias hipóteses explicativas da Morte, especialmente a teosófica e a espiritualista, que são as únicas, diz êle, que se podem discutir sèriamente. E assim, documentando o seu livro com as opiniões de afamados pensadores e com as conclusões interessantíssimas a que chegou a *Society for Psychical Research,* de Londres, chega a parecer-nos que o seu espírito, atormentado pela Dúvida, chega finalmente a pôrto de salvamento. Mas, não; eternamente insatisfeito, quere mais e mais e depois perde-se num labirinto inextricável de proposições interrogativas, que nos fazem lembrar o método socrático, mas que nada adiantam. É, portanto, um contínuo círculo vicioso, do quel se não desembaraça nunca.

Qual Ícaro, cujas asas são derretidas pelo Sol, por querer subir além do que Dédalo lhe aconselhara, assim o espírito de Maeterlink, no desejo incontido de rasgar o véu que até hoje encobriu os arcanos de Deus, nada mais consegue do que suposições e dúvidas sôbre dúvidas. Daí o seu cepticismo intermitente, em relação a tôdas as filosofias e religiões. Os segredos de Deus são invioláveis e os próprios espíritos superiores não sabem, nem podem revelar-nos êsses segredos. Daí, a origem de tantas religiões e de tantos sistemas filosóficos...

* * *

Maeterlink, depois de nos falar àcêrca da sobrevivência da nossa consciência e de afirmar que «a maior parte das religiões bem o compreendem assim», continua: «É assim que a Igreja Católica, remontando às esperanças mais primitivas, nos assegura não só a manutenção integral do nosso eu terrestre, senão também a ressurreição em nossa própria carne».

Seguem-se os capítulos que tratam das hipóteses afins: a teosófica e a espirita, comentando depois as aparições e as comunicações com os mortos. São estes capítulos que se nos afiguram mais transcendentes e da máxima importância para nós, espiritas.

Por fim, estuda as últimas experiências da correspondência cruzada e da reencarnação. Os últimos capítulos constituem uma série ininterrupta de interrogações, na esperança de descobrir qualquer fio de luz que o guie nas trevas em que se vê envolvido.

É por êste esfôrço constante de querer arrancar o segrêdo da Esfinge, que Maeterlink merece que o estudemos e nos interessemos pela sua obra.

Como disse acima, êle também estuda magistralmente a reencarnação, mas como não é dêsse capítulo que tratamos neste momento, ficará para outro artigo, que constituïrá o seu natural complemento.

No capítulo que trata das comunicações com os mortos, Maeterlink comenta as sessões científicas que Myers, Hodgson, Oliver Lodge e William James realizaram durante muitos anos com a médium senhora Piper e chega à conclusão de que se não deve duvidar da autenticidade de tais fenómenos. Destes quatro investigadores, o mais curioso e impaciente de saber onde estão, o que sentem e o que fazem os espíritos, é Myers; por isso, êle promete aos seus amigos, logo que tenha transposto as regiões de além-túmulo, prestar-lhes a melhor colaboração, para completar as suas investigações.

E cumpre o prometido. Um mês depois da sua morte, Oliver Lodge interroga a senhora Thompson em transe. Myers manifesta-se prontamente, mas também não adianta nada ao que já se sabia da vida dos mortos, no mundo invisível.

Por sua vez, Hodgson promete, quando transpuser a cortina da eternidade, ajudar os seus amigos a decifrar aquêle enigma que tanto os intriga. E cumpre a promessa ao fim de oito dias da sua desencarnação. É êste o caso mais importante citado no livro que estou analisando e que, diga-se em parêntese, se eu não tivesse lido um trabalho magnífico de Ernesto Bozzano que, a seguir, comentarei, as minhas convicções espiritas talvez ficassem um pouco comprometidas.

Nesta célebre sessão, William James, o pai do pragmatismo, pregunta a Hogdson:

«— Hodgson, ¿que tens tu a dizer-nos, a respeito da outra vida?

— Não é uma vaga fantasia, mas uma realidade, responde êle.

— Viveis como nós? — repete W. James. — Tendes fatos, casas? — acrescenta sua mulher.

— Sim, sim, casas; mas fatos, não. Não, isto é absurdo! Esperem um momento; preciso sair.

— Mas voltarás?

— Sim.

E nada daquilo que desejam saber ficou esclarecido.

Êste insucesso causa desapontamento a Maeterlink, porque, seguindo-se o seu pensamento, adivinha-se fàcilmente que seria para êle uma grande satisfação encontrar o fio condutor que o levasse ao simples conhecimento do *modus vivendi* dos desencarnados.

Até mesmo quando está plenamente convencido da autenticidade das aparições dos fantasmas, sem desmentir ou contestar a sua realidade, especialmente a de Katie King, outro *eu* de Florence Cook, segundo êle, tão bem estudado por William Crookes, surpreendemos a Maeterlink esta afirmação:

«Em todo o caso, não fazem revelação nenhuma sôbre a existência de além túmulo; e Katie, tão nova, tão viva, a quem se podiam contar as pulsações, a quem se ouvia bater o coração e que foi fotografada, que distribuía, pelos circunstantes, aneis dos seus cabelos, que respondia a tôdas as preguntas, não disse uma palavra sôbre os segredos do outro mundo».

O autor de «A vida das abêlhas», tem actualmente 79 anos, e é de supôr que tenha continuado a investigar estes assuntos. Não sei se êle alguma vez compulsou os belos trabalhos de Ernesto Bozzano, nos quais êste ilustre cientista italiano compilou uma série de casos bem elucidativos acêrca da forma como vivem e agem os espíritos, no invisível. Se Maeterlink já os leu, certamente a sua opinião a esta hora deve estar muito modificada.

Neste livro « A Morte», porém, êle não podia citar Bozzano, porque só depois de escrita e editada «A Morte» é que Bozzano se converteu ao Espiritismo, depois de ter sido seu acérrimo adversário...

Por isso, se Maeterlink fizesse uma nova edição portuguesa, agora esgotada, nunca escreveria os períodos que passamos a transcrever:

«Aquêles fantasmas, mais ou menos perturbados, atormentados freqüentemente por pesares insignificantes, ainda que viessem do outro mundo, nunca nos trouxeram, acêrca dêsse mundo, cujo prodigioso limiar transpuseram, uma só revelação tópica. Evaporam-se ràpidamente e desaparecem para sempre. ¿Serão acaso os primeiros clarões de outra existência ou os últimos desta?»

Mais adiante, porém, a-pesar destes contratempos imprevistos, o grande pensador flamengo afirma, com certa convicção científica:

«Entretanto, é curioso verificar que há realmente seres que regressam, espectros e fantasmas. Mais uma vez a ciência vem confirmar aqui uma crença geral da humanidade e ensinar-nos que uma crença de tal género, por mais absurda que ao princípio nos pareça, merece sempre ser examinada com cuidado».

Que tal? ¿Não parece quási uma profissão de fé? Mas não nos iludamos. O pensamento dêste escritor é mais escorregadio do que a enguia. Quando julgamos que o temos bem seguro, escapa-se-nos imediatamente. Êle não se quer sujeitar a nenhuma corrente filosófica ou religiosa. O seu pensamento é livre e incoercível. Só a verdade e o desejo constante de devassar o seu reino o impulsiona. Por isso, o surpreendemos a cada passo a monologar, a construir uma teia de hipóteses inverossímeis, das quais não consegue libertar-se, fàcilmente.

Mas êle não culpa os homens, nem a ciência; é coerente e honesto nos seus processos críticos. Mantém-se sempre à margem de todos os preconceitos de seita, porque só quer investigar, saber onde está a Verdade. Como ninguém a pode monopolizar e tôdas as tentativas são úteis para a alcançar, êle regista tôdas as opiniões, sem perfilhar nenhuma delas.

Maeterlink, portanto, é difícil de qualificar. Se nos preguntassem como classificá-lo, responderiamos que o grande pensador belga é um eclético, mesclado de um vago misticismo intermitente, mas eternamente insatisfeito. Por outras palavras: um crente vencido, mas não convencido...

Mas continuando a análise do nosso autor, surpreendemos-lhe esta opinião, aliás sensata, a propósito das possibilidades científicas do Espiritismo:

«Não é em trinta anos que se constrói a mais arrojada ponte que se tem pretendido lançar sôbre o rio da morte. A maior parte das ciências têm atrás de si séculos de esforços ingratos e de incertezas estéreis; e entre as mais novas poucas haverá, entendo eu, que, como esta, possam mostrar, desde as primeiras horas, as promessas duma colheita, que não é talvez o que ela julgava ter semeado, mas em que já se anunciam muitos frutos desconhecidos e curiosos».

Dêste modo, se infere que Maeterlink é sincero, porque presta a devida justiça a todos os paladinos duma ciência que ainda tem muitos frutos a dar e reconhece que o Espiritismo ainda não disse a última palavra.

Segue-se, depois, o capítulo da reencarnação e suas conseqüências. Mas êste assunto, repetimos, será objecto dum novo e último artigo.

Sofrer e lutar pelo cumprimento do dever que nos impusemos é moral e lógico. Por isso, o segrêdo está em ver bem pelo que se sofre, pelo que se luta.

Quando o ideal ou o lema fôr justo, caminhai ávante. O triunfo está assegurado.

Nada se consegue, senão lutando. É lutando que se aparece na terra e é lutando que se abandona a terra.

(Comunicação do Alto, por REPER-SIAM)

PELA VITÓRIA DO ESPÍRITO

Concepções modernas acêrca de origem, evolução e relações recíprocas de matéria, energia, princípio vital e intelectual, dos astros, da terra, do homem e do complexo alma-espírito

pelo Dr. Fred

II

FRAUNHOFER, Bunzen e Kirchhoff, foram os mais importantes investigadores que se preocuparam com a análise espectral.

Tôdas as substâncias incandescentes, sem serem gasosas, produzem um espectro contínuo, igual para tôdas elas; todos os gases incandescentes produzem um espectro descontínuo, característico de cada gás. Ora, o espectro solar é contínuo. ¿Quer isto dizer, que o Sol é um corpo sólido ou líquido? Não. Sabemos calcular a sua densidade e temperatura e sabemos ao certo que é uma enorme massa gasosa incandescente, embora estes gases estejam condensados na periferia pelo arrefecimento parcial dalguns componentes do vapor. Se um gás ou vapor fôr constituído por vários elementos químicos, obtém-se um «espectro» que é a sobreposição de todos os «espectros» dos elementos. É o que acontece no espectro solar, que é a sobreposição dos «espectros» de todos os elementos conhecidos na Terra. As riscas negras que nêle aparecem são causadas principalmente pela absorção parcial de algumas radiações na atmosfera solar: cromosfera. Êstes estudos fazem-se melhor durante os eclipses totais do Sol, no momento em que a lua, tapando o Sol, permite melhor distinguir as camadas periféricas.

As riscas do espectro dum elemento são, em geral, mais do que uma, correspondentes a diversos comprimentos de onda, distribuindo-se do vermelho ao violeta. O número de riscas visíveis depende muito do grau de disperção do aparelho. Contudo, são particularmente visíveis as cinco riscas do hidrogénio, as do cálcio, (no violeta), do hélio, do ferro, do carbono, etc. A proporção dos elementos no Sol é muito diferente. Assim, Russel avaliou que, para 1000 átomos de hidrogénio, há um átomo de metal, e os principais são: sódio, ferro, silício (todos ionizados, devido à alta temperatura). Foram até agora cêrca de 60, os elementos identificados no Sol, entre êles, recentemente, o azoto, o enxôfre e o oxigénio (riscas telúricas).

Mostremos em duas palavras a importância do hidrogénio no estudo das estrêlas. Qualquer porção de matéria do interior duma estrêla tem tendência a ser atraída para o centro de gravidade. Se tôda a matéria obedecesse à gravidade, devia resultar o colapso da estrêla, o que não acontece, devido a uma fôrça que a equilibra, originada pela pressão dos gases e da radiação no interior da estrêla (sabe-se que a energia radiante exerce pressão sôbre as superfícies em que incide). Para esta pressão de radiação ter efeito, visto que é muito elevada, devido à altíssima temperatura interior do astro, êste último deve ter um grande poder de absorção, por sua vez dependente da estrutura opaca do astro e da alta percentagem de hidrogénio, até 70 %.

Outras razões da importância do hidrogénio: os elementos de alto número atómico tendem a destruir-se espontaneamente (desintegração), libertando energia radiante.

Supõe-se assim que, nas estrêlas, a grande libertação de energia radiante é proveniente destas transmutações dos núcleos atómicos. O elemento mais simples que se conhece é o hidrogénio, seguindo-se-lhe o hélio; seria a transformação dum no outro que libertaria a maior parte da energia solar, visto êstes elementos constituírem 70 % da matéria astral.

Isto está de acôrdo com o facto do pêso atómico do hélio ser menos de quatro vezes o do hidrogénio, como era de esperar, atendendo às suas estruturas.

Outra interpretação da origem da energia solar baseia-se na transmutação do carbono em azoto.

As estrêlas também têm diferentes espectros, conforme as idades. Distinguem-se três tipos, segundo a côr das estrêlas: o primeiro tipo é caracterizado, no espectro, por riscas largas e intensas de hidrogénio; o segundo tipo, por apresentar dêste elemento uma série de riscas muito mais finas; e o último, quási só pela presença de riscas correspondentes a metais. Duma maneira geral, as estrêlas novas, grandes, com a temperatura relativamente baixa (3000° C.) são as menos condensadas. São as de côr vermelha. As estrêlas-anãs são as mais velhas, de matéria mais condensada e também à mesma temperatura, 3000° C.

Se as estrêlas de luz vermelha se condensam, a

sua pressão interna cresce, aumentando a temperatura e a freqüência das vibrações, donde resultam, no espectro, novas radiações para o lado do violeta. Evidentemente, a côr da estrêla «sobe» na gama, aproximando-se do branco. É o caso da estrêla Sírius. Chama-se a êste processo de condensação com aumento de temperatura até 10.000° C. superficiais e subida de côr, o «ramo ascendente» da vida da estrêla, começando, desde já, com o resfriamento, o «ramo descendente»: a côr branca «desce», acompanhando a queda da temperatura, e a estrêla torna-se amarela, etc., até voltar a vermelho, quando atinge a temperatura inicial, fenómeno que se dá, quando a estrêla é velha e de matéria condensada. Aparecem então no seu espectro óptico as riscas de Fraunhofer mais escuras, devido à absorção pelo carbono formado.

¿Porque diminui a estrêla de volume, quando se condensa? Segundo a teoria einsteiniana, qualquer perda de energia é acompanhada duma perda de massa. Um Sol vermelho, se não tiver sido formado recentemente, é porque já está moribundo (o nosso Sol por exemplo). Os gases então esfriam e porisso liquefazem-se, formando uma crosta que é o comêço da extinção da estrêla. Mas talvez desta estrêla extinta nasça uma nova matéria, um novo astro...

¿Como se forma então uma estrêla? Há várias teorias; a mais conhecida é a de Kant-Laplace que descrevemos um pouco simplificada: há uns 5 milhões de anos, em qualquer ponto dos espaços, uma nebulosa foi animada de rotação que lhe fêz adquirir, pela fôrça centrífuga, uma forma esferoidal e depois lenticular. Com a rotação contínua, a nebulosa aqueceu, formando uma grande massa ígnea chamada Sol, condensando-se e tomando um núcleo. Da irradiação de calor solar, resfriando proporcionalmente a sua superfície, resulta uma contracção mais forte, embora lenta; e a diminuïção de volume origina o aumento da velocidade rotatória, levando ainda a uma maior condensação. Com o aumento da velocidade, cresce a fôrça centrífuga, adiantando-se a nebulosa. Então esta fôrça centrífuga, vencendo a atracção do centro, faz destacar da zona equatorial uma massa em forma de anel que acompanha o movimento rotatório da nebulosa em condensação. O anel começa assim igualmente a tornar-se incandescente, solidificando-se também. Como a velocidade liniar dos pontos do bordo externo dos aneis destacados é maior que a do interno, inclina-se o eixo de rotação em relação ao plano das suas órbitas.

Também as nebulosas-anelares aquecem com o aumento da rotação, irradiando calor; mas como o fluxo das radiações emitidas não é constante em tôda a superfície, as zonas em que a intensidade radiante é menor são as primeiras a arrefecer e a contrair-se, determinando a formação do núcleo dum planeta, que assim acaba de nascer (e foi Neptuno primeiramente).

A nebulosa não segue a sua evolução como o Sol. Da mesma maneira, os satélites nasceram dos planetas.

Das nebulosas (que têm uma forma espiral e, depois, veremos porquê), nascem, portanto, planetas, ou, em maior grau de condensação, as estrêlas embrionárias. Forma-se primeiro uma nebulosa e depois pela rotação a forma evidencia-se mais e mais, originando o nascimento da estrêla nova que há-de ter uma temperatura superficial de 3.000° C. e côr vermelha (ex.: Antares). A evolução seguinte é: estrêla amarela, 6.000° C. (ex.: Capela); estrêla branca, 10.000° C. superficiais, 40 milhões internos (ex.: Sírius, Vega, Altair). Começa depois a evolução descendente: aumento de condensação, envelhecimento, e forma anã, côr amarela, temperatura 6.000° C. (ex.: Centauro); depois: forma anã, mas vermelha, 3.000° C. (Wolff), formação da crosta e extinção. Cada forma tem o seu espectro característico: as estrêlas vermelhas têm o espectro indicando abundância de carbono; nas amarelas predominam os metais ionizados e nas brancas predomina o hidrogénio e o hélio. É claro que há estrêlas intermédias entre estas classes-tipo; é o caso do nosso Sol, que tem baixa temperatura, pouca luminosidade, pequeno diâmetro, mas bastante hidrogénio.

Portanto, o nosso Sol, tão importante para nós, é no macrocosmos... um nada.

Jean Jeans explica a formação dos mundos pelo choque dum Sol primitivo com uma nebulosa. Como o Sol, matéria gasosa, não pode chocar no verdadeiro sentido da palavra, penetrou na matéria da nebulosa arrastando atrás de si uma cauda de gases quentes, o que se pode comparar com um charuto a arder. Êste conjunto consistiria em várias nebulosas formadas pela rotação e distantes umas das outras 2 milhões de anos-luz. Seriam estas que teriam formado os primeiros globos-planetas, dos quais resultariam, por sua vez, satélites, como explica Laplace, isto é, destacando-se do plano equatorial, antes do comêço duma condensação acentuada. As massas mais pequenas, com tendência a um resfriamento mais rápido, evolucionam mais depressa (é o caso da nossa Lua).

Foram muitas as objecções feitas à teoria de Laplace que não explica os movimentos retrógrados de certos planetas e satélites (cf. adiante) nem porque são inclinados os eixos de rotação dos planetas sôbre o plano das suas órbitas (apenas Júpiter tem o seu eixo quási perpendicular).

Uma esfera em rotação, deve ser achatada e destacar aneis, quási em disco (Ligondés). Se o nosso

Sol, do qual se destacam aneis, possuía esta forma, devia ter ficado com ela, quando arrefeceu.

Segundo a hipótese de Laplace, não se compreende que uma anel de Saturno seja gasoso, que Fobos gire mais rápido do que Marte, que o anel interior de Saturno gravite mais lentamente do que o seu planeta-mãe e que, a-final, uma massa gasosa emitida no espaço, se condense, em vez de se dissociar.

Surgiram então várias teorias novas, das quais a mais interessante é a de Arrhenius que, fundamentalmente, nos repete o que Faye e Ligondes nos mostraram: que a nebulosa não seria quente, mas de temperatura -273° C., sem movimentos moleculares e apenas constituída por hidrogénio e hélio que resistem bem às temperaturas baixas da matéria rarefeita do espaço. Arrhenius completa a teoria de Laplace com a consideração de pressão de radiação da energia solar que, segundo Einstein, é equivalente à massa.

Supondo uma pequena esfera nas visinhanças do Sol, a fôrça repulsiva da pressão de radiação venceria a fôrça atractiva newtoniana. Da mesma maneira, os astros podem lançar no espaço pequenas matérias cósmicas electrizadas, pouco densas, que vão constituir as caudas dos cometas, assim como, chegando à atmosfera terrestre, podem constituir as chamadas auroras polares e outras manifestações electromagnéticas. Estas matérias cósmicas electrizadas ligadas à nebulosa, tornam-se luminosas pela própria radiação que as expeliu. As radiações, especiamente as ultravioletas, serão detidas também pelas nebulosas, cujo núcleo nascerá à custa de astros mortos e meteóritos, atraídos por ela.

Começa, então, a condensação do núcleo pelo movimento rotatório da nebulosa, que produz também o seu aquecimento, mas cuja temperatura, aliás, já tinha sido elevada pela penetração de meteóritos quentes (fase estelar). Temperatura e pressão aumentam; uma estrêla condensa-se, vive e morre. Um choque de dois astros mortos pode levá-los à desagregação, de forma que os gases hidrogénio e hélio se libertam em espiral, produzindo nova nebulosa, novo astro e, como diz Laplace — um planeta e, dêste, um satélite. Se qualquer astro penetrar na nebulosa em rotação, com velocidale liniar contrária e superior, resultarão satélites retrógrados! Assim é a circulação dos mundos: astros que renascem, morrem, e chocam entre si, formando nebulosas e novos astros.

No limitado âmbito do nosso trabalho, é impossível mencionar tôdas as teorias cosmogónicas, tais como: hipóteses de cataclismo, colisões, a teoria planetesimal de Chamberlain, segundo a qual os planetas se formaram à custa de estrêlas, a teoria de captação de cometas pelo Sol, etc., etc.

Passemos a descrever o modo como Moreux e Bélot explicam as formações espirais das nebulosas.

Bélot não se contenta com o facto duma nebulosa primitiva poder explicar a origem dos mundos.

Como as nebulosas revelam turbilhões, fôrças atractivas e repulsivas; e como todos os planetas têm, pelo menos, dois movimentos principais, deveria haver duas nebulosas primitivas, sendo uma propagadora da outra. Admitem-se, por isso, uma nebulosa amorfa e outra ultra gasosa, a qual em virtude da sua enorme velocidade e pressão enrijesse da mesma forma que um jacto de água, sob enorme pressão, se torna quási impenetrável. A nebulosa ultragasosa chocaria com a amorfa, formando um sistema vibratório de ondas estacionárias, com máximos e mínimos de vibração. Vejamos como da via láctea se destacou uma massa nebulosa que era o nosso proto-Sol e êste, animado de rotação, teve de atravessar obliqüamente outra parte da via láctea. Dêste choque e afundamento dum corpo em rotação numa massa amorfa, resultou escorregamento e desprendimento do material nebuloso como que em «fôlhas» enroladas pela rotação, como as que um apara-lápis desprende. Como as rotações dos movimentos iniciais eram oblíquas, a rotação resultante fêz-se numa nova direcção.

Emquanto o nosso proto-Sol penetrava a nebulosa, estes fenómenos repetiram-se mais quatro vezes, resultando sempre novas inclinações da rotação (é o que explica as direcções dos eixos dos planetas). No final da travessia, a translação retarda e a subentendida sexta «fôlha» não chega a enrolar-se, antes se fragmenta em milhares de salpicos (que constituem o enxame dos asteróides), perturbação esta causada pela atracção de Júpiter, já formado. Resultou também como que uma massa de «pó cósmico» que a pressão de radiação expulsava e que foi aumentar a massa dos vizinhos Júpiter e Saturno, formando as zonas e aneis e dando-lhe a enorme velocidade rotatória que possuem. Ao diminuir de velocidade, o proto-Sol desprende, do extremo anterior livre, grandes gôtas de material que constituirão o cortêjo de cometas.

A geração dos satélites é análoga à dos planetas. Da condensação da matéria destas «fôlhas» é que resultaram os plenatas do nosso sistema solar, cuja disposição é, numa superfície cónica, de vértice no proto-Sol. Qualquer linha imaginária que passe por todos os planetas, será uma espiral, dando o nome à teoria. Os cálculos de Bélot mostraram que o «passo» dêste hélice corresponde às distâncias relativas dos planetas ao Sol, como indica a lei de Bode.

A teoria cosmogónica de Moreux parte da observação de Novae, de vida relativamente efémera. Supõe que o aparecimento das Novae pode corresponder à passagem duma estrêla (relativamente obscura) ou duma nuvem escura de natureza semelhante a um con-

junto de partículas sólidas. Pelo choque das duas massas e pela sua parcial volatilização, nasce esta luminosidade excepcional das Novae. Antes de diminuir de intensidade luminosa, a nova estrêla envolve-se em nebulosidades análogas às que marginam os núcleos das nebulosas espirais. Analisando, pelas fórmulas da mecânica, o que se passaria em semelhante encontro, Moreux encontrou, para a forma resultante, a equação característica duma curva espiralóide, sendo o primeiro ramo da espiral formado pelo derramamento dos corpúsculos da visinhança em rotação e o segundo ramo da espiral desenhado pelos corpúsculos mais distantes perturbados nas suas órbitas, chocando entre si sob diminuïção das suas velocidades individuais e atraídos secundàriamente pela estrêla perturbadora.

O que nenhum dêstes sistemas indica é donde surgiu a primeira matéria, a primeira nebulosa e o primeiro movimento. Demonstraremos no decorrer dêste trabalho que a primeira nebulosa — no caso que dela resultasse todo o nosso Universo — nasceu de «fluido» cósmico, isto é, energia e pensamento divino que se materializaram nos elementos de mais baixo número atómico (hidrogénio e hélio), materialização que se realizou à temperatura de zero absoluto, em que tôda a matéria, matematicamente, se dissolverá.

Há de, também, chegar-se à conclusão de que tôda a matéria se desmaterializará, regressando à sua fonte de energia, com libertação de energia calorífica.

Quando morre, uma estrêla ainda pode conservar o seu centro de incandescência por muitos milhares de anos, sendo até susceptível de evolucionar.

Talvez se explique assim o aparecimento de estrêlas novas, por exemplo, da Perseus, em 1901, distante da Terra 110 anos-luz e cujos raios luminosos caminham para nós desde a Revolução Francesa.

¿Será possível que estrêlas novas resultem de choques ou fricções com poeiras cósmicas, choques que lhes diminuam a sua velocidade rotatória, fundindo a crôsta, de forma que o interior ígneo se exteriorize sob a forma de nebulosas, donde nascerá uma nova estrêla? ¿Ou haverá dissolução própria dos astros com perda de massa e dispêndio de energia, que seria, segundo Nernst, recuperada pelo «éter»? Estas estrêlas novas, das quais umas trinta aparecem anualmente no nosso sistema lácteo, são muitas vezes estrêlas antigas com luz muito fraca que aumentam inesperadamente a luminosidade, até 40 mil vezes, e até 100 milhões de vezes, nas chamadas super-novas. Uma grande catástrofe!

Consumida esta nova energia, a estrêla volta, lentamente, a extinguir-se.

No seu máximo de luminosidade, estas novas estrêlas apresentam um espectro de grande absorção, permitindo calcular a temperatura da superfície em cêrca de 10.000° C., o que representa enorme superfície de radiação, quer dizer, aumento intenso de volume do astro. Pelos deslocamentos das linhas espectrais, podemos avaliar as velocidades dos envólucros das estrêlas que se deslocam à velocidade de 1.200 km. por segundo. Por isso, se aparecer hoje uma super-nova, sabemos que o seu envólucro deve ter sido projectado no espaço. É interessante saber que uma super-nova irradia, num só ano, tanta energia como o Sol, em 45 milhões de anos. ¡Nêste mundo está tudo tão bem regulado! Falta de energia, não deve haver, visto que, quando esta escasseia, surge uma super-nova, fornecendo nova energia para cêrca de 50 milhões de anos.

A super-nova descoberta por Kniper tem a temperatura de 30.000° C. e a densidade de 35 milhões de vezes a da água. Preguntem como se harmoniza esta grande densidade com a natureza gasosa da estrêla. Quanto mais sólido é um corpo, mais coerentes são as suas moléculas e maior a sua densidade.

Ora, vemos aqui o que ensina Einstein, isto é, que a densidade depende muito menos da massa do que da energia, equivalente à massa. Se pesássemos o nosso Sol, encontraríamos um valor mínimo, em relação à sua natureza e dimensões.

As leis da Natureza

As leis da Natureza regem o movimento dos átomos nos seres vivos, como nos inorgânicos: a mesma molécula passa sucessivamente do mineral ao vegetal e ao animal, neles encorporando-se, segundo as leis que organizam tôdas as coisas.

A molécula do ácido carbónico a exalar-se do peito do moribundo em seu leito de dor, vai ligar-se à flor do jardim, à relva do prado, ao tronco da floresta. A molécula de oxigénio que se desprende dos últimos ramos do anoso carvalho, vai ligar-se ao cabelinho louro do recemnascido, no seu berço de sonhos. Nada podemos modificar na composição dos corpos. Nada nasce, nada morre. Só a forma é perecível. Só a substância é imortal. Constituimo-nos da poeira dos antepassados, os mesmíssimos átomos e moléculas. Nada se cria, nada se perde. Uma vela que ardeu completamente, deixa de existir aos olhos do vulgo e nem por isso deixará de existir integralmente. Se lhe recolhêcemos as substâncias consumidas, reconstituila-iamos com o seu pêso anterior.

CAMILO FLAMMARION

— NEM TODOS OS QUE DIZEM «SENHOR! SENHOR!» —

por Henrique Magalhães

NEM todos os que dizem: «Senhor! Senhor!», são ministros da palavra, mas, sim, aquêles que cumprem a vontade de Deus.

Surgirão falsos ministros da palavra, mas os seus caminhos serão obstruídos, e o seu julgamento estará nas suas próprias iniqüidades; porque a árvore da mentira não pode dar frutos da verdade.

Dirão: Abominai os bens do mundo, — e a alma dêles vive nas riquezas e nas comodidades; — aconselharão a humildade, — e o orgulho lhes reside no coração e nos olhos; — dirão: sêde misericordiosos e caritativos, — e na bôca se lhes aninham a injúria e a maldição, e acumulam o ouro e a prata, afrontando a miséria dos outros.

Prègarão a mansidão, — e guardam o ódio contra os seus inimigos, considerando-o como obra de zêlo pelo Senhor; dirão: sêde honestos, — mas a lascívia domina nos seus desejos, e o adultério nos seus leitos. — Êsses não são os ministros da palavra, mas sim hipócritas; e, por isso, os seus ensinos são abomináveis. Se da sua bôca saem palavras de verdade, essa bôca é indigna da palavra e profana o dom de Deus. São os sepulcros branqueados, de que fala Jesus.

— Não é só dizendo: «Senhor! Senhor!», que entraremos no reino dos Céus. Guardai-vos, irmãos meus, do canto dessas sereias. Procurai o espírito que vivifica e deixai a letra, que mata. Sêde prudentes, e não vos deixeis levar pelo canto dos abutres.

Quereis seguir o Cristo? Folheai o Evangelho; lêde as suas máximas; assimilai a sua essência, e ponde-as em prática. ¿Quem ousará seguir os ensinamentos dêsse código santo, quem terá a coragem precisa de enfrentar os seus próprios erros, as suas más tendências e vencê-las?

Prezadíssimos leitores, todos vós, eu sei, ansiais por alcançar esta vitória, êsse reino, anunciado por Jesus. Todos vós ansiais êsse reino de paz, de alegria, onde só predomina o amor. Entretanto, ¡quão poucos se esforçam para lá chegar!... E isto, porque ninguém quer abdicar dos gozos da terra. Vêde, e observai: — contam-se a dedo, êsses tais. É que a maioria dos homens diz, com os lábios: «Senhor! Senhor!» — mas o seu coração está cheio dos prazeres do mundo. Só êstes os satisfazem, e é por isso mesmo que os procuram. Esquecem-se desta máxima do Cristo: — «A rapôsa tem sua toca, e as aves o seu ninho; mas o Filho do Homem não tem onde reclinar a cabeça». Todo o tempo de que podia dispor o Mestre, o empregava a curar os enfermos e a prègar o verdadeiro reino de Deus.

E nós, o que fazemos? Procuramos seguir-lhe o exemplo? Sonde cada um a sua própria consciência e verá que os seus pensamentos divagam por outras paragens.

Somos cristãos, ou não? Se o somos, não devemos responder com a palavra, mas, sim, com o sentimento e com as nossas acções. Em vão, diremos que o somos, se as nossas obras desmentirem o que a nossa língua afirma. Em vão, ficaremos entusiasmados com a leitura das revelações obtidas, se não traduzirmos o nosso entusiasmo em factos que se harmonizem com a magnitude das instruções reveladas.

Cumpre-nos, sobretudo, não esquecer, que o Espiritismo é o verdadeiro Cristianismo e que tudo o que é alheio às doutrinas evangélicas, à palavra do Cristo, deve ser alheio e contrário à nossa palavra e ao pensamento que há de guiar-nos, como uma estrêla, na jornada dos nossos estudos religiosos.

Alheio e contrário à palavra e ao espírito de Jesus, é o império do orgulho; alheio e contrário é a hipocrisia, é o apêgo aos prazeres e bens temporais; é o egoísmo, a ociosidade, a revolta, o ódio e a lisonja.

A cena bíblica do paraíso repete-se todos os dias; a árvore da ciência não morreu, cresce e estende os seus ramos sôbre a terra. E a serpente enroscada no tronco da árvore, senão no coração de cada um dos homens, convida-os maneirosamente à infração da Lei.

Resistir-lhe; eis o nosso dever e o nosso galardão.

Quem semeia, colhe. Prezadíssimos leitores, semeai boas obras, obras meritórias e de abnegação, e quando chegardes à pátria do além, ser-vos-ão servidos os seus frutos sazonados, como prémio do vosso esfôrço.

Que assim seja.

Rio de Janeiro.

Notas & Comentários

Ponto final

O órgão da Federação botou fala aos peixes do mar estagnado em que navega. Enfunou doze rotundas e suculentas páginas e ei-lo singrando, todo ancho, piloto matreiro cingido ao leme já sem galdropes, tomando o Letes pela Terra da Promissão. E, qual temerário brigantim, lá vai por recifes e baxéis, na pavorosa ilusão que lhe transforma inermes cordeiros em lobos esfaimados, de fauces hiantes... O pior foi o calafate, que ficou em terra... E a salsugem morde-lhe, prestes, o ámago do cavername... Que Nossa Senhora dos Navegantes o bafeje com a sua protecção e não se esqueça de lhe pôr a mão debaixo...

Mas iamos dizendo que o órgão botou fala. E, desta vez, bem grossa que ela foi. Teve a palavra o nunca assás decantado sr. Carinha, que amontoou cartas e recartas acêrca do pobre Centro E. Luz e Amor, a que chamou «cadáver», um «cadáver a que pretendem dar vida» e que «só prejuízos acarreta à Federação».

Foi assim mesmo, sem tirar, nem pôr; e, se não é facécia, bem no parece, tal a incongrüência do taumaturgo que põe um «cadáver» a falar, como pé de salsa ou beldroega de «Anatómico Jocoso», coisa em que o palrador jàmais, de-certo, ouviu falar...

Pois sossegue, homem de Deus. Aplaque o nervosismo com um bom calmante e lembre-se de que o Sol, quando nasce, aquece o rico e o pobre, o justo e o injusto. Lembre-se, também, de que o homem é tão fraco, que não pode acrescentar um milímetro à sua altura. E não imite os fariseus de antanho, que coavam mosquitos e enguliam camelos. Não invente inimigos onde os não há.

Nós, os do Luz e Amor, «de saüdosa memória», não terçaríamos armas indignas de perfeitos homens de bem, não recorreríamos à insídia para aniquilar ou minar uma associação congénere, à qual só poderíamos augurar triunfos espirituais.

Recolha, pois, a durindana, glorioso cavaleiro manchêgo. Não transmude em elmo de Mambrino a velha bacia do... lavatório. Está entre gente amiga, entre irmãos em crença, susceptíveis de lhe apertar a fita das sandálias e perdoar-lhe os maus pensamentos que lhes tem dirigido.

O nosso Centro é pobre, mas é honesto. Não faz mal a ninguém. Muitos desgraçados já beneficiou e beneficiará ainda, se Deus lhe der vida e saúde.

Recolha, pois, a durindana e não encare o perigo com óculos de aumentar...

Sejamos francos, sejamos leais. Tenhamos, ao menos, a coragem de reconhecer a esterilidade das lutas entre irmãos, lutas desagregadoras e funestas, que só beneficiam os adversários do Espiritismo.

Nós não combatemos a Federação. O nosso desejo era vê-la grande e forte, era vê-la prestigiada e dignificada aos olhos de portugueses e estrangeiros. O nosso desejo era que o seu órgão fôsse uma verdadeira alavanca moral e mental que se impusesse por si própria. Então, sim, então aplaudiríamos os novos timoneiros e dar-lhes-íamos todo o nosso apôio.

E como remate desta «nota», aqui declaramos, para que conste:

1.º — O Centro Espiritualista Luz e Amor não foi reorganizado para combater a Federação. Assim, desafia quem quer que seja a desmentir-nos, com factos ou com documentos;

2.º — O Centro Espiritualista Luz e Amor não foi dissolvido, embora a maioria da Assembleia Geral se tivesse manifestado nesse sentido. Para que honvesse dissolução, era necessário cumprir os Estatutos na parte respectiva, nomeando uma Comissão liquidatária. Os Estatutos não foram cumpridos. Não houve, portanto, dissolução, tendo o dinheiro e os haveres do Centro entrado, ilegalmente, na Federação;

3.º — O Centro Espiritualista Luz e Amor tem o seu alvará visado pela autoridade competente, única que pode julgar da legalidade ou ilegalidade desta associação;

4.º — Todos os seus livros de actas estão em ordem, como pode, fàcilmente, verificar-se. A última acta da direcção antiga, lavrada e assinada pelos respectivos membros, adiou os trabalhos «sine die», como também se pode verificar. Aqui se desafia quem quer que seja a impugnar a veracidade desta declaração;

5.º — O Centro Espiritualista Luz e Amor não considerou sócios tôdas as pessoas que não devolveram a circular, distribuída em 1939, quando da sua reorganização;

6.º — O Centro Espiritualista Luz e Amor lamenta que a sua acção tenha sido, malèvolamente, desvirtuada e incompreendida e aguarda a ocasião de desfazer mal-entendidos com todos aquêles que, de facto, desejem a verdadeira confraternização entre agremiações congéneres;

7.º — O Centro Espiritualista Luz e Amor perdoa as ofensas recebidas e está pronto a colaborar com a Federação, desde que os seus actuais dirigentes mostrem espírito de compreensão e lealdade.

E com isto terminamos a «nota» e o «comentário», prometendo não mais voltar ao assunto.

P. S. — Muitos dias após a redacção desta nótula, recebemos uma carta do secr-tário do Conselho Superior Deliberativo da Federação Espirita Portuguesa, sr. Joaquim Camacho, informando-nos de que, depois de apreciarem uma proposta «apresentada por tôda a Direcção da aludida Federação, por unanimidade resolveram (visto a comunicação, documentada, publicada no n.º 3 da Revista de Espiritualismo, *de Julho de 1941)» considerar-nos incurso no art. 10.º dos Estatutos, acrescentando: «Fica V. Ex.ª avisado a apresentar, por escrito, querendo, a sua defesa, dentro do praso de 30 dias, a contar do recebimento desta carta, que é expedida com aviso de recepção».*

Vai entre aspas o mistifório. O seu, a seu dono.

Os dirigentes da malograda Federação notaram que ainda havia alguns sócios que era preciso irradiar e puseram a funcionar o... lavatório do sr. Carinha. ¡Como, mesmo de longe, a nossa presença os incomodava!... Agora, devem ficar tranqüilos. Isidoro Duarte Santos, sócio n.º 88 da Federação Espirita Portuguesa, antigo director da Revista de Espiritismo *e do* Mensageiro Espirita, *convidado, em 1938, por Sousa Carvalho, a dirigir o novo órgão daquela colectividade, com «uma boa gratificação», e a «fazer um ciclo de conferências ao Brasil, gastando, se para tanto fôsse necessário, os quarenta contos da herança do Comendador Moreira», encargos que não aceitou, vai ser irradiado duma associação a que, durante muitos anos, prestou o seu concurso, material, moral e intelectual.*

Se é esta a moeda dos insensatos, ninguém se admire de nela serem pagos os serviços desinteressados que se prestam ao Ideal.

E tudo porquê? Por não termos concordado com os orientadores duma Federação decadente e apática; por termos ajudado a reorganizar um Centro que é um luzeiro e termos fundado uma revista que honra a Doutrina. Foi êste o nosso «crime», o nosso «grande e horrível crime».

Pois fiquem sabendo que aqui não se temem irradiações. Nesta tribuna, fala-se alto e bom som a linguagem da verdade. E se não pedimos licença a ninguém para defender a Causa dos seus inimigos externos, muito menos a pediremos para defendê-la dos inimigos internos, sempre que êles, travestidos de lobos, desçam ao povoado...

Exemplo de fraternidade

A contrastar com o procedimento da Federação, vamos transcrever uma notícia respigada no Reformador, *órgão da Federação Espirita Brasileira, que acaba de nos chegar às mãos. Trata-se dum flagrante exemplo de fraternidade cristã, dado por um bispo brasileiro. Segue a notícia, subordinada ao título que nos serve de epígrafe:*

O Rev.mo Sr. D. Salomão Ferraz, bispo da Igreja Católica Livre do Brasil, realizou no «Cine Universo», de Assis, Estado de Minas, uma brilhante conferência sôbre o tema «A árvore da vida e a saúde das Nações», no dia 4 de Maio de 1941.

Escolhido para apresentá-lo ao público de Assis, foi o nosso confrade Dr. Paulo Botêlho de Camargo, presidente do Centro Espirita «Irmão Pedro», que desempenhou com brilhantismo e de todo o coração essa tarefa. Até aí, nada de surpreendente, porque os espiritas costumam ser tolerantes e respeitadores das crenças alheias. Mas não ficamos só aí. O sr. bispo foi ouvir uma conferência espírita na mesma cidade e, convidado pela presidência, fez a prece de encerramento da reünião, prece perfeitamente espirita. Além disso, compareceu como presidente de honra à reünião do *Esperanta Instituto de Assis*, onde procedeu à cerimónia da entrega de prémios aos 15 alunos que mais se distinguiram.

Não houve sòmente tolerância, mas verdadeiro e brilhante exemplo de fraternidade cristã. Graças a Deus, êsses exemplos vão surgindo um pouco por tôda a parte. Em dois grupos de Juiz de Fora, funcionam aulas de esperanto e o professor é um metodista, em perfeita afinidade com os nossos confrades espiritas, que dirigem os grupos e são alunos dos cursos.

Parece que os construtores do *terceiro milénio* já se estão fazendo sentir.

Apraz-nos registar estas palavras animadoras, para, de algum modo, esquecer a intolerância de certos irmãos que arvoram pendões de guerra, em nome de princípios que dizem defender; e atacam colectividades congéneres, pelo simples prazer de desagregar e destruir; e servem-se da malevolência e da insídia, para aniquilar emprêsas que trabalham desinteressadamente na difusão do Ideal Espirita. ¿Que poderão fazer êsses tais, inçados de egocentrismo, a irradiar pensamentos negativos que, em choque de retôrno, incidem fortemente sôbre a sua própria obra?

Parece que os destruïdores do terceiro milénio *já se estão a fazer sentir...*

Quem não fôr capaz de dominar os seus ímpetos, de vencer o egoísmo, de impôr silêncio à inveja, à vaidade, à maledicência, de esmagar debaixo do tacão a negra víbora do Mal, não é digno de pertencer aos grémios que tem como um dos principais objectivos difundir a moral exemplificada por Jesus.

Maria Veleda

Ecos da Imprensa Espirita

Revista Espirita do Brasil responde ao padre Arlindo Vieira, a-propósito duma carta que êste sacerdote enviou a um jornalista carioca, na qual apodava o Espiritismo de *credo exótico*, insinuando que em S. Paulo os comunistas fazem propaganda à sombra da nossa doutrina.

O espirita suficientemente esclarecido — escreve o articulista — não precisa doutra ideologia além do Espiritismo, porque esta doutrina racionalmente se opõe a tôdas as concepções violentas, por julgá-las contraproducentes, rotuladas com qualquer que seja o título. Vê-se que o padre Arlindo Vieira forçou uma oportunidade para aludir à doutrina espirita, ligando-a ao comunismo. Mas, homem culto que é, investigador de diferentes filosofias, bem sabe que entre Espiritismo e comunismo se levanta uma barreira de separação definitiva. ¿Qual a base do comunismo igualitário? O materialismo, bem o conhece o padre A. Vieira. ¿Em que se baseia o Espiritismo? Na reencarnação, o que também não ignora o ilustre sacerdote. Ora. ¿como conciliar duas doutrinas que se repelem filosoficamente, pois uma se firma na imortalidade da alma. na justiça de Deus pela reencarnação, emquanto outra se fundamenta na matéria e na igualdade violenta? O mais elementar raciocínio mesmo sem apôio em cultura filosófica, logo encontra a impossibilidade de harmonizar Espiritismo e Comunismo. Baseado no materialismo histórico, já de princípio o Comunismo se coloca em positivo e irreconciliável antagonismo perante o Espiritismo. O comunismo revolucionário prega e admite a igualdade pela violência; o Espiritismo, ao contrário, pela sua filosofia reencarnacionista, justifica as desigualdades humanas, mostrando, ainda mais, ser absolutamente impossível que as criaturas vivessem nas mesmas condições.

«O espirita sabe que nenhuma reforma transformará radicalmente o mundo, nem implantará a felicidade na terra, emquanto o homem se não transformar espiritualmente e se não cumprir todo o curso da lei divina. O Espiritismo é, pois, um antídoto contra todos os *ismos* de violência.

E mais abaixo, como conclusão da magnífica resposta, que não tínhamos dúvida em subscrever na íntegra, lemos os seguintes períodos, que oferecemos ao leitor amigo, para que os faça circular :

Quando as massas populares estiverem esclarecidas pela doutrina espirita, quando a reencarnação fôr geralmente compreendida, nenhum «messias» improvizado conseguirá seduzir e empolgar o povo. Do mesmo modo que a doutrina espirita, pela lógica da sua filosofia, destrói o superhomem de Nietzche e procura varrer da imaginação popular a ilusão perigosa e absurda da igualdade social, mostrando que a felicidade não está no estômago e, muito menos, nas glórias efémeras, mas no progresso moral, só conseguido pelo trabalho, pela educação cristã, sem fanatismo e sem dogma. O Espiritismo não aceita nenhum credo extremista, porque a sua doutrina, tendo por base o Amor, não pode aproveitar reivindicações insufladas pelo ódio. Dia virá, pois, em que a doutrina espirita terá de ser difundida como matéria de educação popular, porque o conhecimento da reencarnação não deixa a menor dúvida, quanto aos pontos sensíveis da questão social: a luta de classe, a desigualdade humana, o problema do estômago. Só o Espiritismo esclarece suficientemente a causa das desigualdades e dos sofrimentos, mostrando a ineficácia das lutas.

«O espirita não se deixa iludir pela miragem dos *paraísos* idealizados, pelos reformadores precipitados. É contrasenso querer conciliar comunismo com Espiritismo, quando ambas as doutrinas estão em campos francamente opostos: uma é matéria; outra é espírito. Uma crê na fôrça; outra crê no amor. Uma não admite Deus; outra vê em Deus a causa primária da criação. Uma pretende que todos se igualem; outra, seguindo o Evangelho, acha que a igualdade é impossível, porque, de indivíduo para indivíduo, o sentimento varia e a igualdade absoluta anularia a justiça divina, enfeixada nesta sentença imutável e sábia: «a cada um, segundo as suas obras».

Demos maior desenvolvimento a esta transcriação, por concordarmos em absoluto com as palavras judiciosas e desassombradas, escritas em resposta a um ilustre prelado brasileiro que em má hora se lembrou de fazer insinuações injustas, acêrca da doutrina espirita.

O articulista da *Revista Espirita do Brasil* encarou a questão à luz dum elevado critério. À insinuação negativa, contrapôs a verdade sem véu, alicerçada em argumentação irrespondível.

❖

Mundo Espirita, de 24 de Maio, refere-se, pela pena do seu director, a certos oradores que, ao falar em reüniões solenes, se deixam levar pelo entusiasmo e tecem comentários imprudentes, pouco dignos de banquetes espirituais, onde se comunga cristãmente, acabando, muitas vezes, «por dizer o que não pretendiam e falando em assuntos que a assistência não tinha interêsse de apreciar na ocasião». E continua:

Antes dêsse entusiasmo sadio, arrebatador, bem natural nos que defendem uma Causa, como a nossa,

é indispensável prudência, contrôlo das ideias que exteriorizamos, cautela com as palavras que proferimos. Tanto neófitos, como veteranos da doutrina, estão sujeitos aos arrebatamentos. É questão de temperamento. Mas é necessário vigiar constantemente em tôrno do nosso estado psicológico, para nos contermos nos momentos de entusiasmo e delírio. Mais do que nunca, a advertência evangélica «orai e vigiai», deve ser aplicada entre nós.

As reüniões espiritas, sejam festividades ou conferências, nem sempre são assistidas só por elementos do nosso meio; nem sempre, portanto, o auditório é intimo, como se pensa. E quem fala sôbre a doutrina, pode muito bem evitar comentários chocantes, desde que o Espiritismo constitui, por si só, uma fonte cada vez mais pródiga de assuntos. ¿Porque descambar, então, para o terreno da crítica pessoal, do ataque às crenças alheias, da censura condenatória, quando a missão do orador espirita é essencialmente prègar a doutrina, explicá-la aos que a não conhecem, mostrar a grandeza moral do Espiritismo e a sua influência na regeneração do homem?...

Temos, ainda, de nos compenetrar de uma realidade cada vez mais flagrante: Devemos, pela nossa condição humana, adaptar-nos aos imperativos de cada época, de cada situação, embora conservando os nossos princípios filosóficos, religiosos e doutrinários. O próprio sentido evolucionista da doutrina já nos mostra a necessidade de acompanhar a tendência da época, harmonizando, assim, as aspirações espirituais com os deveres de ordem humana, com as normas da sociedade. O clima do momento é o mais impróprio possível para ataques ideológicos, censuras directas ou veladas em matéria de religião ou doutrinas. Desta realidade, todos devem estar capacitados. Por outro lado, a hora é bem propícia para a propaganda espirita, visto que o mundo está precisando de lenitivo espiritual. Pregue-se, pois, a doutrina, leve-se a palavra do Evangelho a tôda a parte. E, para assim dizer, jàmais será necessário estigmatizar, atirar pedras às sôltas, porque, aos poucos, as ovelhas saberão procurar o rebanho do Senhor. Por isso, indispensável se torna conciliar a prudência com o entusiasmo, mui especialmente na tribuna.

Por cá, também há quem necessite de ler as palavras altamente oportunas e judiciosas do Dr. Henrique Andrade, que parecem arrancadas às famosas epístolas do Apóstolo dos Gentios. Sim, pregue-se a Doutrina com nobreza de carácter, nunca descendo ao ataque pessoal, que deve estar fora de tôda a crítica elevada; pregue-se a Doutrina, olhos fitos na sua grandeza moral e procurando sintonizar actos e palavras, porque nada existe mais contagioso do que um exemplo desinteressado e belo; pregue-se a Doutrina, honrando a Causa, facilitando o ingresso de estranhos na filosofia que orienta a nossa propaganda. Mas não sejamos desleais, nem truculentos, não usemos expedientes farisaicos e saibamos aguardar oportunidade para desfazer equívocos, quer entre amigos, quer entre adversários. Só assim teremos direito ao nome de espiritas.

❖

Boletin de la Agrupacion Estudiosa «Camilo Flammarion», de Buenos Aires (Maio de 1941), publica um artigo do Dr. Inácio Ferreira, intitulado «Espiritismo, Ciência Suprema», de que transcrevemos alguns passos. Depois de se referir à ignorância, à desorientação e incerteza dos psiquiatras, ante certos casos a que os médicos chamam *loucura periódica e histérica*, acrescenta:

São centenas, milhares de casos, que os recursos médicos, com seus vastos laboratórios e ricas terapêuticas, se mostram incapazes de curar, cometendo o crime da indiferença perante êsse permanente desafio à sua glória e à sua grandeza. São centenas, milhares de casos abandonados, depois duma luta extenuante, esgotados todos os recursos e tôdas as experiências e que se erguem — por vezes — qual espectro, desafiando a sabedoria dos homens. Neurose, histeria, loucura periódica, esquizofrenia: termos sem significação, incapazes, sequer, de aglutinar sintomas para as suas respectivas classificações clínicas, incapazes de explicar a origem, a marcha e o prognóstico daquilo que deveriam representar e ser. E os cientistas actuais, esquecidos da sua responsabilidade em face da ciência e, posìvelmente, em face da própria evolução, educados em ambiente familiar de ensino religioso, como seus antepassados, continuam apáticos e indiferentes às pesquisas que corrigem os erros, indiferentes às investigações que perquirem a verdade.

Entanto, os profetas profetizarão... Entanto, os videntes verão... Entanto, os endemoninhados existirão e continuarão a pulular por tôda a parte, por todos os lugares do orbe, como imensas luzes irradiadas do infinito, iluminando a consciência dos investigadores. É enorme crime para a ciência moderna não investigar estes casos de loucura que os conhecimentos deixam abandonados e consideram desesperados, por não os poderem encarar.

A-pesar-de tudo, nada há que não tenha origem, causa e fim determinados. Eis o Espiritismo, os médiuns e os obsediados. Trabalhar, investigar e pesquisar, eis o que compete á Medicina dos homens e à ciência material. A acção inteligente ou inconsciente dos impròpriamente chamados mortos é, fora de tôda a dúvida, uma verdade, e por todos os hospitais do mundo têm passado êsses pobres loucos sem *lesões orgânicas*, mas cujos espíritos sofrem as conseqüências de actos passados, redivivos agora, através do ódio e da vingança das suas vítimas...

Hoje um, amanhã outro, os esculápios vão abandonando o reduto materialista, certos de que a verdadeira ciência ou arte de curar se encontra noutro campo, onde as possibilidades se multiplicam e os horizontes se alargam, apresentando novas perspectivas, do ponto

de vista terapêutico, principalmente no ramo da psiquiatria. Inácio Ferreira, médico ilustre, director do Sanatório Espirita de Uberara, onde se dedicou, inteiramente, à terapêutica psíquica, é verdadeiro, autêntico testemunho, de quanto valem os nossos princípios, uma vez aplicados à Medicina oficial.

É preciso «bater a cabeça do prego», é preciso insistir na propaganda dos novos métodos de cura, para que a humanidade se liberte do «massacre» a que a sujeitam a maior parte dos médicos, fiados na irresponsabilidade profissional — um dos maiores crimes que se podem admitir numa sociedade civilizada.

❖

La Idea, de Buenos Aires, expõe a sua opinião acêrca da verdadeira prática da doutrina. Estamos absoutamente de acôrdo. O Espiritismo deve ser elevado e racional. Dêste modo, tem que fechar as portas a tôdas as formas de superstição e de crendice.

Eis alguns tópicos dêsse artigo:

«O facto de se fazer girar a doutrina em torno do curandeirismo e de práticas viciosas, deu como resultado temer-se o estudo e os renovadores que, tendo bebido as águas puras da Doutrina, não podiam aceitar as falsas interpretações, a exploração e a mentira, que buscavam refúgio nos centros espiritas.

A grandeza do ideal impõe outra tarefa. Acima de tudo, os grupos devem propagar as verdades que constituem o corpo de doutrina do Espiritismo, popularizando a profunda cultura que êle encerra e as enormes possibilidades que faculta aos que, nobremente, lhe procuram conhecer a essência.

.....

Para isso, os centros espiritas devem ser focos de cultura, onde o pensamento humano encontre o campo apropriado ao seu desenvolvimento, onde as almas possam assimilar as verdades eternas que imprimem na fronte do pensador o sêlo inconfundível proveniente do contacto com o mundo invisível.

Êste desejo constitui a razão de ser da Confederação Espirita Argentina.

A Caridade é paciente, é benigna; a caridade não é invejosa, não obra temerária, nem precipitadamente; não se ensoberbece. Não é ambiciosa, não busca os seus próprios interêsses, não se irrita, não suspeita mal. Não folga com a injustiça, mas regosija-se com a verdade. Tudo tolera, tudo crê, tudo espera, tudo sofre.

(S. Paulo, 1.ª Corint., Cap. 13, v. 4 a 7)

CONFISSÃO

IV

pelo Dr. Alfredo Mota

Educado numa escola médico-materialista, fiz parte dum curso que realizou uma festa de troça a Hipócrates, pai da medicina, mas de orientação filosófico-materialista. Estudos ulteriores transformaram-me filosòficamente e há muito tempo já que só me interessa a ciência espiritualista. A verdade é tão pouca no materialismo, que já se não deve admitir a lei dos contrários em medicina curativa.

A comissão de quarenta médicos, nomeados em Berlim para estudar pràticamente a acção dos remédios pela homeopatia, há-de provar ao mundo científico, ainda que êle não queira, que é com ela que está a verdade, na arte de curar. A lei dos contrários que serviu a fundação no Egito, dez mil anos A. C., à alopatia, já há muito devia ter sido proscrita, visto Samuel Hahnemann ter podido provar que não era servida pela verdade tôda. Drogas medicinais só podem ser dadas pela lei dos semelhantes e em doses mínimas, que é o fundamento da Homeopatia. Assim ministradas, curam e nenhum mal fazem a quem as usa, ao passo que a alopatia serve para ajudar a morrer, muitos anos antes do que permite a evolução da humanidade. Posso provar isto com a prática exclusiva da homeopatia, que venho usando há anos e que me tem criado alguns adeptos.

Já pretendi, num artigo, provar o que afirmo nêste momento, mas o director da revista médica a quem ofereci o meu trabalho, não só o não publicou, como ainda por cima — segundo me disseram — me apelidou de charlatão. Nenhum mal lhe quero, porque só sei amar e perdoar quem defende o êrro alopático que há muito proscrevi e que os médicos, que têm uma Ordem como os portugueses, podem defender a favor dos seus interêsses materiais.

Fique, pois, assente que sou médico homeópata exclusivamente e que nunca mais praticarei alopatia, visto a escola alopática não ter defesa possível. Vivem ainda mais os que se tratam pela homeopatia e os que podem prescindir de remédios de botica. Os

Crónica Estrangeira

por Isidoro Duarte Santos

Sessões de efeitos físicos em S. Paulo

As sessões de efeitos físicos realizadas no Centro Espirita Estrêla do Céu, da capital carioca, têm concitado a atenção de centenas de estudiosos dos fenómenos psíquicos. *Mundo Espirita* transcreveu, em números sucessivos, as impressões de várias personalidades que assistiram e ficaram convencidas em face das materializações que presenciaram. O mesmo semanário publicou em 29 de Março o relato duma sessão na Sociedade Metapsíquica de S. Paulo, de que é director o Dr. C. G. S. Shalders, homem prático e experimentado que já ocupou o cargo de Director da Escola Politécnica da mesma cidade.

Transcrevemos, pois, com a devida vénia, o relato dêste ilustre psiquista:

Sessão na sede da Sociedade Metapsíquica de S. Paulo. Médium: Orceny Fraga. Assistência: 20 pessoas, entre elas, um engenheiro e um juiz da cidade de Santos, que assistiam pela primeira vez.

A médium ficou sôlta na cadeira. Quando o espírito, Francisco Sousa, manifestou a sua presença, pedi-lhe que nos desse outra vez um molde da mão em parafina, mas que desse a mão fazendo figa para os assistentes incrédulos (brincando) e que amarrasse a médium e a pusesse em cima da mesa.

Como de costume, êle assobiou durante tôda a sessão, acompanhando a música de diversos discos. Tocou gaita uma três vezes; numa delas, procurou tocar o Hino do Natal.

Em certa altura, desligou a corrente eléctrica que aquecia o balde com parafina, mas não percebi quando êle o fez, embora outras pessoas o tivessem percebido. Quando lhe preguntei se tinha desligado a corrente, respodeu-me (assobiando):

— ¡Há que tempo!...

No fim da sessão, que durou cêrca duma hora e quarenta minutos, encontrámos no balde de água fria dois moldes em parafina: um, de mão com o polegar metido entre o primeiro e segundo dedo, como fazendo figa (conforme eu pedira) e o outro de mão bem maior, segurando a gaita, que ficou colocada dentro da mão, sem que a parafina cobrisse os buracos das notas, mostrando assim que quem produziu o fenómeno enxergava o que fazia, embora em completa obscuridade.

A médium estava completamente amarrada, desde os tornozelos até à cabeça, sentada na cadeira, em cima da mesa. Algumas voltas da corda passavam-lhe pelo rosto, deformando a testa e a bôca, dentro da qual assentava uma volta da corda, com um nó bem dado, em cima dos lábios. Assim procedendo, o espírito tem em vista mostrar que os assobios não são feitos através da médium.

Preguntado, Francisco disse acharem-se presentes 25 espíritos, entre os quais estava Deolinda, que se manifestou com as fortes palmas habituais.

Durante a sessão, as cornetas luminosas foram levitadas, descrevendo movimentos variados no espaço, ora rápidos, ora vagarosos e ora se mantinham paradas. Chegaram ao teto, onde bateram repetidas vezes e fizeram movimento de raspagem. Ouviram-se freqüentes pancadas sôbre as mesas, às vezes tocando o «Zé Pereira». As tampas dos baldes fizeram muito barulho em várias partes da sala. Batiam umas nas outras, fazendo efeito de matrácula.

Extinguindo-se, novamente, a luz, para o espírito desamarrar e despertar a médium, êste pôs a cadeira no chão, desamarrou-a, lançou as cordas na direcção do engenheiro e do juiz, que assistiam pela primeira vez, e acordou a médium, tudo em muito pequeno espaço de tempo».

O Dr. Shalders declara, mais, em nota ao seu depoïmento, que o espírito deixara na sessão anterior duas luvas em parafina, mas de mão com os dedos estirados e que, ao começar a sessão mencionada, pedira à mesma entidade que deixasse o molde de mão fechada, fazendo figas aos incrédulos presentes. Pois, em vez dum, deixou dois moldes: um, com o polegar metido entre o indicador e o superior e outro, segurando uma gaita, com as falanges dos dedos vergadas sôbre o instrumento.

---

melhores médicos oficiais ainda são aquêles a quem o receituário cabe numa unha.

Estudem homeopatia, caros colegas na arte de curar.

Espinho, 22/4/941.

Um inquérito interessante

A *Revista Espirita do Brasil* tem publicado uma série notável de «entrevistas», subordinadas ao título geral «¿Porque se tornou espirita?» e nas quais têm deposto figuras eminentes de professores, médicos, advogados, contando o seu «caso», o motivo que os levou a estudar o Espiritismo, qual a sua religião de origem, como orientam os estudos e as obras que lêem, o livro que mais influiu na sua conversão à Doutrina, como concebem o Espiritismo, se êste seria útil à humanidade praticado só como ciência, etc., etc.

Foi, na verdade, uma feliz lembrança esta de trazer a público semelhantes depoïmentos, para edificação das multidões que observam a atitude de intelectuais

de escol que fazem profissão de fé sem preocupações, dando assim um alto exemplo de carácter e dignidade moral que não será muito fácil esquecer.

Temo-nos referido a estas «entrevistas», em pequenas nótulas, na secção «Por êsse mundo...», e só hoje lhes podemos dedicar o espaço e a atenção que merecem.

Esta magnífica iniciativa honra, sobremaneira, o seu autor e dá à *Revista Espírita do Brasil* foros de verdadeiro órgão de propaganda, visto que tais «casos» produzem efeito surpreendente no leitor que ainda não formou opinião acêrca do nosso Ideal.

Que nos lembre, têm desfilado, no mencionado inquérito, o nosso colaborador prof. Leopoldo Machado, o Dr. Carlos Imbassary, nosso redactor-correspondente, o Dr. Inácio Ferreira, director do Sanatório Espírita de Uberara, o Dr. Levindo Melo, clínico notável e jornalista, o Dr. Areobaldo Lelis, médico e vice-presidente da Federação Espírita do Estado do Espírito Santo, o prof. Francisco do Nascimento, incansável propagandista, e o Dr. Azevêdo e Silva, antigo cultor de direito e escritor de grande merecimento.

Todos êstes depoïmentos são dignos de apreciação e divulgação. Por isso, lamentamos não poder transcrevê-los na íntegra, pois concorreríamos, indubitàvelmente, para a formação moral das pessoas que nos lêem e que, nos exemplos citados, encontrariam estímulo necessário e oportuno.

Provas de identificação dadas por um aviador morto em acidente e por um marinheiro morto em combate contra o «Graf Spee»

O *Psychic News* de 17 de Maio publica interessante relato duma sessão espírita realizada na África do Sul, em que um espírito transmitiu palavras destinada aos pais, que viviam a muitas milhas de distância. Aquêle relato é feito através da seguinte carta, enviada por um confrade da Rodésia do Sul a Ellis George, de Princetown, Bridgend, Gales do Sul, Inglaterra:

«O sr. ficará surprêso ao receber esta carta dum desconhecido e mais surprêso ficará ainda com o seu conteúdo. Creio que será mais fácil dizer-lhe a causa que me levou a escrever estas linhas. É que eu sou espírita e numa sessão experimental, a que assistiam treze pessoas, comunicou-se uma entidade que, pela forma como se manifestou, deu logo a entender que tinha desencarnado havia pouco tempo.

«Em seguida, disse chamar-se Evan George e declarou ter um irmão residente na Gales do Sul, a quem eu prometi escrever, depois de me ser facultado o respectivo enderêço.

«Passou, depois, a descrever a sua desencarnação, ocorrida durante uma batalha naval, e demonstrou pouco desejo de evocar acontecimentos que lhe causavam tristeza, afirmando que sentia muito que seus pais sofressem tanto com a sua morte.

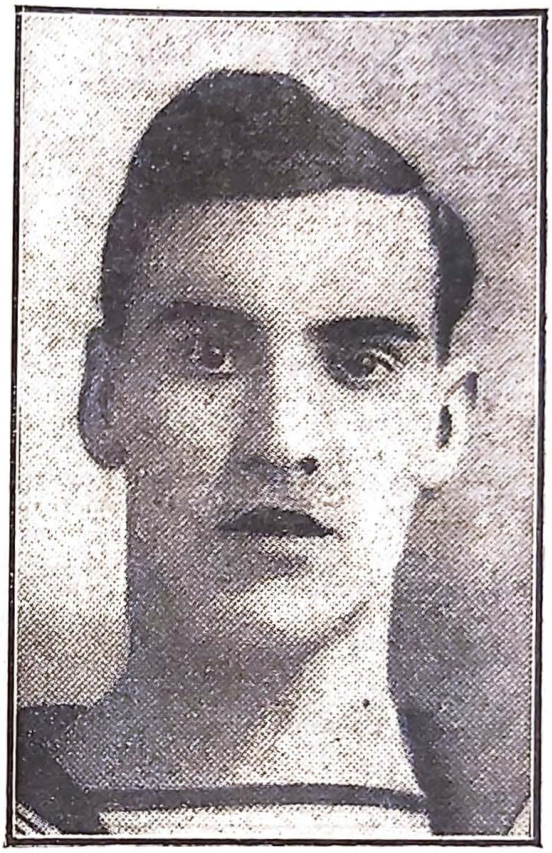
«Disse também que os visitara, encontrando-os sentados em frente do fogão a contemplar uma fotografia sua, que êles tinham mandado ampliar e encaixilhar. Acrescentou que seus pais estavam desolados e, a-pesar-de tentar impressioná-los, sofreu imenso por não poder cientificá-los da sua presença.

«Êle gostaria que o sr. lhes desse a conhecer que morreu para o mundo físico, mas que continua a viver no mundo espiritual.

«Peça-lhes que acreditem e que procurem qualquer médium conhecido, que êle tentará manifestar-se e provar que continuará junto dêles, se êles facilitarem a sua aproximação.

«Faça isto, visto que lhe dará muita felicidade, permitindo-lhe continuar a progredir nos planos em que se encontra.

«O sr. pode não acreditar nos fenómenos do Espiritismo. Eu, porém, dou-lhe a minha palavra de honra



O MARINHEIRO MORTO EM COMBATE CONTRA O «GRAF SPEE»

que a alma sobrevive à morte do corpo, procurando imediatamente o seu lugar e não ficando adormecida até ao *dia de juízo*, como as igrejas erradamente julgam.

«Mas não se fie só na minha palavra. Procure a prova. Só lhe peço que faça uma experiência. Dirija-se, sem receio, a um médium e creia que encontrará a prova de que necessita».

Evan George era artilheiro a bordo do cruzador «Exeter» e foi mortalmente ferido no histórico recontro do Rio de La Plata, onde o couraçado alemão «Graf Spee» encontrou o inglório epílogo da sua carreira de corsário.

Segue-se uma carta de W. A. Thomas, de Nantymoel, Bridgend, Gales do Sul, confirmando o relato feito e acrescentando que os pais de Evan mostra-

vam desolação e tinham *estado sentados em frente do fogão, a contemplar uma fotografia ampliada de seu filho.*

Declara, também, serem correctos todos os pormenores da comunicação, tanto mais notável, quanto é certo ter sido enviada por um completo desconhecido.

É de notar que os pais do artilheiro são protestantes e não acreditam no Espiritismo.

* * *

O outro caso deu-se numa sessão realizada em Miami, Florida, América do Norte, com a médium Rev. Mary Olsen. O espírito comunicante, William George Bruce, deu um enderêço de County Down, na Irlanda, onde vivera, informando que havia desencarnado num acidente de aviação, próximo de Starcross, Dawlish, South Devon, em 17 de Maio de 1937, quando o aeroplano se dirigia para Buckfastleigh.

Depois, pediu que enviassem esta mensagem a I. Mortimer, de Dawlish, que auxiliara os seus companheiros feridos, cujos nomes e endereços mencionou, terminando por dirigir saüdações aos seus amigos e afirmando que não tinha morrido. Em seguida, desenhou o seu retrato numa fôlha de papel que fôra previamente examinada pelos assistentes, os quais verificaram que o papel não tinha quaisquer sinais de lápis. Mais ainda: lavraram uma acta, reconhecida por notário, declarando que, durante a sessão, tinham ouvido o som dum lápis sôbre o papel, que, novamente examinado, deixou em todos a impressão de que, tanto desenho, como escrita, eram de origem extraterrestre.

Psychic News informa que tentaram comunicar com os parentes de Bruce e quiseram obter uma fotografia do «môrto», a-fim-de ser comparada com o desenho em questão. A resposta veio, de facto, mas lacónica, dizendo que não desejavam entrar em apreciações sôbre o assunto.

Seja como fôr; do que ninguém poderá duvidar é da autenticidade da mensagem, que deu a indicação exacta da pessoa a quem se destinava.

Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro

A iniciativa do Dr. Levindo Melo, a quem fizemos referência nas «Notas & Comentários» do último número, chegou ao seu termo natural. Está, finalmente, organizada a *Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro,* como ficou assente na 3.ª reünião preparatória, sob a presidência do Dr. Henrique Andrade, director de *Mundo Espirita,* que tão solicitamente acompanhou o belo empreendimento, que já conta com inúmeras adesões de médicos, advogados, engenheiros, professores, farmacêuticos, cirurgiões-dentistas, escritores, físicos, químicos, oficiais do exército e da armada, etc., etc.

A título informativo, damos alguns tópicos dos Estatutos desta colectividade, aprovados em Assembleia de 11 de Junho de 1941, publicados no *Diário Oficial* de 20 do mesmo mês (Secção I, pág. 12.624), data em que entraram em vigor.

Os seus fins são os seguintes: Investigar, cientificamente, os fenómenos espiritas, anímicos e os animicos-espiritas, em estudo comparativo; investigar e estudar, cientìficamente, o magnetismo animal, o hipnotismo, a mediunidade e os fenómenos espiritas, relacionados com a Medicina em geral e com a psiquiatria em particular; estudar especificadamente a Metapsíquica e a Biologia; pesquisar as leis que regem os fenómenos espiritas e anímicos; estudar o médium, sob o ponto de vista neuropsiquiátrico; fazer estudos comparativos de moral, religiões e filosofias; promover o intercâmbio científico com institutos nacionais e estrangeiros; difundir a cultura médico-espirita e defender o Espiritismo, no plano elevado do pensamento e de maneira impessoal, se atacado por cientista ou instituto científico.

Para a consecução dêste objectivo, deverão ser organizadas:

1.º — Um laboratório de investigações psíquicas.

2.º — Uma biblioteca, de ciências gerais e de Espiritismo e Metapsíquica em particular, especialmente psiquiatria, neurologia, fisiologia, histologia, citologia e anatomia; de psicologia e psicanálise; de moral, de religião e de filosofia.

3.º — Um museu — com moldes de gêsso ou parafina, fotografias, mensagens auto-psicográficas, desenhos e outros objectos de origem espirítica, tudo devidamente autenticado e sujeito a prévio exame do Departamento de Investigações Experimentais.

4.º — Um arquivo.

Publicará também uma revista científica e realizará congressos, nacionais e internacionais, de Espiritismo científico.

Havendo possibilidade, será criado um Hospital, como estabelecimento de caridade e de estudo dos fenómenos espiritas que se relacionem com a Medicina em geral; um Sanatório, como estabelecimento de caridade e estudo dos fenómenos espiritas que se relacionem com a Psiquiatria em particular; uma estação radio-difusora e um observatório astronómico, não só para estudo e pesquisa, mas também para difusão prática e popular da Astronomia.

A Sociedade terá um Gabiente da Presidência, Sala de sessões, Departamento de Investigações Experimentais, Departamento de Estudos Filosóficos, Departamento de Difusão Cultural, Biblioteca, Arquivo, Museu, Secretaria, Tesouraria e Portaria.

Os departamentos têm a seguinte organização:

Departamento de Investigações Experimentais — 1.º — Secção de Medicina e Psiquiatria. 2.º — Secção de Física e Electrologia. 3.º — Secção de Química e Fotografia. 4.º — Laboratório de Investigações Psíquicas.

Departamento de Estudos Filosóficos — 1.º — Secção de Moral. 2.º — Secção de Religião. 3.º — Secção de Filosofia.

Departamento de Difusão Cultural — 1.º — Secção de Imprensa. 2.º — Secção de Rádio. 3.º — Secção de Cinematografia.

O cargo de Director de Departamento só pode ser desempenhado por um médico. As secções de Medicina, Psiquiatria, Física, Electrologia, Química e Fotografia, serão preenchidas por especialistas do género.

A Sociedade tem membros-correspondentes, nos Estados e no Estrangeiro, os quais podem ser tôdas as pessoas de reconhecida idoneidade científica ou in-

(Continua na pag. 394)

Por êsse mundo...

— A Liga Espirita do Brasil acaba de instalar uma sucursal em Manaus, Estado do Amazonas, graças ao seu Delegado, sr. Artur da Trindade. ¡Magnífica expansão duma obra que já não cabe nos âmbitos que lhe haviam circunscrito!

— Recebemos o primeiro número do belo quinzenário *Aurora*, do Rio de Janeiro. Traz um artigo de fundo do Dr. Henrique Andrade, que passou a ser orientador dêste jornal. Não podia ter sido feita melhor escôlha. Ao jornal e ao orientador, as nossas felicitações amigas.

— *O Farol*, de Niterói, alvitra a fundação duma Associação Mutualista Espirita, com o fim de socorrer os associados, quer na doença, quer custeando funerais e subsidiando as viúvas, como se faz nas lutuosas.

— *Mundo Espirita* informa que, por iniciativa da União Espirita Estudantes da Terceira Revelação, um grupo de confrades fará subir à cena no próximo mês de Outubro e no Teatro República do Rio de Janeiro a peça em três actos, intitulada «A Vida de Bezerra de Meneses», da autoria de Orlando Portela. Trata-se duma peça retintamente espirita que será dedicada àquêle semanário.

— Entrou no terceiro ano de acção proficiente e meritória a Hora Espirita Radiofónica, do Rio de Janeiro, dirigida pelo nosso amigo e colaborador Leopoldo Machado e outros pioneiros da Causa, que semanalmente usam do microfone para expôr as verdades espiritas.

— *En la senda de Jesus*, órgão do Centro Espiritista Allan Kardec, de Gerli, Avelaneda, Argentina, veïculou a notícia, segundo a qual se prepara a fundação dum diário exclusivamente espirita naquela região. É tentativa deveras arrojada, cuja realização importa grandes esforços e vastos recursos materiais. Todavia, os animadores da emprêsa estão convencidos de que atingirão o seu fim, estribados em comunicações mediúnicas que têm recebido.

— Bardell Smith, do Belsidi Park Healing Centre, conseguiu obter fenómenos de voz directa ao fim de quinze escassas sessões experimentais, com auxílio de E. Lightfoot, presidente do mesmo centro e médium curador.

— O cinema Broadway, do Rio de Janeiro, está a exibir a fita (Três Almas Solitárias», baseado na nossa doutrina e que constitui um verdadeiro compêndio de ciência espirita, apresentado em forma de romance, em que sobressaiem os fenómenos da intuïção, da encarnação e desencarnação e possibilidade da volta do espírito ao plano terrestre. Filmes dêstes são sempre instrutivos, quando realizados com intuitos culturais e sem preconceitos nocivos.

Em Londres também se exibe, actualmente, a fita espirita «Topper Returns» (A volta de Topper), na qual o grande actor Joan Blondell desempenha o papel da rapariga assassinada que volta do Além para salvar Topper da morte, depois de resolver muitas situações embaraçosas. Topper é desempenhado por Roland Young.

— O problema reencarnacionista continua a preocupar os nossos confrades inglêses, como demonstra o *Psychic News* de 24 de Maio último, em artigo de James M. Mc Lintock.

— Na Austrália, acaba de fundar-se uma Sociedade de Investigações Psíquicas, com o objectivo de provar a sobrevivência.

— A Federação Espirita Pernambucana criou o *Núcleo Espirita Juvenil*, com o fim de promover a cultura e educação dos novos, dentro dos ensinos evangélicos. Reünirá no primeiro domingo de cada mês, para estudo dum ponto doutrinário e preleção acêrca de assuntos educativos.

— Rádio-Piratiminga, potente estação de 20 quilovátios-antena, construída e mantida por espiritas, em S. Paulo, acaba de organizar a *Hora dos Centros Espiritas*, dedicada tôdas as quintas feiras às melhores agremiações espiritas do Brasil.

— Em Dezembro p. p., realizou-se no Pará o *1.º Congresso Espiritualista*, promovido pela Confederação Espirita «Caminheiros do Bem». Foi iniciador dêste movimento o Dr. Steliano da Costa Homem, actual Presidente da mesma Confederação.

—*Psychic News* informa que os prisioneiros ingleses que se encontram em campos de concentração alemães, pedem jornais e livros espiritas. Este belo semanário acaba de distribuir 28.000 exemplares e 2.850 livros espiritas pelos combatentes de terra, mar e ar, graças a uma subscrição permanente aberta nas suas colunas, a qual tem sido bem acolhida pelos leitores.

— George H. Lethem vai abandonar a direcção da *Light*, conhecida revista espirita inglesa, que circula semanalmente em todos os territórios do Reino Unido. Após dez anos de trabalho profícuo, Lethem abandona a luta, por motivos de saúde. Suceder-lhe-à R. C. Cammell.

— A *União da Mocidade Espirita de Uberara*, Estado de Minas Gerais, acaba de eleger nova directória, à qual preside o formoso espírito do Dr. Inácio Ferreira, actual director do Sanatório Espirita da mesma cidade. Os nossos cumprimentos ao esforçado pioneiro que tanto tem pugnado pela Causa, em terras brasileiras.

— As primeiras manifestações espiritas das irmãs Fox foram perpetuadas em 1927, em Rochester (América do Norte), segundo a idéia apresentada por *sir* Artur Conon Doyle e posta em prática pelo Congresso Espirita Internacional de Paris (1925), com a colaboração da senhora Cadwallader, directora do *Progressive Thinker* e o auxílio material de todo o mundo espirita. Numa das faces do monumento, está gravado o seguinte:

Erigido em 4 de Dezembro de 1927 pelos espiritas do mundo inteiro em comemoração da revelação do Espiritismo Moderno em Hydesville (N. Y.), em 31 de Março de 1848 em homenagem à mediunidade, base de tôdas as demonstrações em que se apoia o Espiritismo.

A morte não existe.

Não há mortos.

O monumento foi erigido num terreno pertencente à Plymouth Spiritualist Church, de Rochester. Além dêste monumento, foi inaugurado um bloco de granito em Hydesville, a 25 milhas de Rochester, no qual se lê o seguinte:

Aqui nasceu o movimento Espirita Moderno. Neste local existia a moradia das Irmãs Fox cuja comunicação mediúnica com o mundo espirita foi estabelecida em 31 de Março de 1848.

A morte não existe.

Não há mortos.

Esta pedra foi colocada aqui pela senhora Cadwallader.

— No próximo mês de Julho, realizar-se-á em Buenos Aires o Quarto Congresso Espirita Argentino.

— Em Cuba, o Espiritismo caminha a passos de gigante. As concentrações móveis a que dão o nome de caravanas e que actuam inteligentemente em quási todos os pontos do país, têm imprimido excelentes directrizes à propaganda, unificando e fortalecendo as agremiações espiritas.

— A Livraria da Federação Espirita Brasileira prepara nova edição da «Divina Epopeia», de Bittencourt Sampaio. Trata-se do Envangelho de S. João, em verso heróico.

Crónica Estrangeira

(Continuação da página 392)

telectual filiados no Espiritismo, desde que se submetam ao Estatuto.

É motivo de exclusão o facto de qualquer membro utilizar a mediunidade própria ou alheia, para auferir lucros materiais e receber pagamento por actos que devam ser de caridade e que, pela aparência, os leigos considerem Espiritismo.

Para Presidente, Vice-Presidente da Sociedade e Director de Departamento de Investigações Experimentais, só pedem ser eleitos médicos que sejam membros efectivos. Deixarão de ser directores, os membros que deixarem de ser adeptos do Espiritismo, que renunciarem os seus cargos ou que não comparecem a três reüniões consecutivas da Directoria, sem motivo justificado.

Segundo o art.º 25, os membros e os sócios não respondem subsidiáriamente pelas dívidas da Sociedade. Em caso de dissolução, o Museu, o Arquivo e a Biblioteca reverterão, em partes iguais, para a Federação Espirita Brasileira e Liga Espirita do Brasil.

A Sociedade não poderá exigir pagamento por seus trabalhos ou pela actividade de seus departamentos, secções, membros ou sócios; e, a-fim-de evitar interpretações equívocas, deixa ressalvados os seguintes princípios, que adopta, quanto ao médico em face do doente:

1.º A Medicina é sacerdócio; 2.º A Arte de curar é uma profissão que a caridade sublima e o mercantilismo degrada. 3.º O médico tem o direito de fixar os seus honorários, mas deve considerar, sempre, a situação económica do doente. 4.º Só o necessitado — permanente ou temporário — merece tratamento gratuito, a título de caridade.

Segundo o § 5 do art.º 36, foram aclamados componentes do Conselho Provisório e, portanto, membros efectivos natos da Sociedade, as seguintes pessoas:

Dr. Levindo Melo (médico); Capitão Dr. Telémaco Gonçalves Maia (médico); Dr. Rocha Garcia (médico); 1.º tenente Dr. Fernando Dias Campos (médico); Dr. Serafim Lôbo (médico); Dr. Marques Braga (médico); Dr. Jaques Mongruel (médico); Dr. José Cunha Ferreira (médico); Dr. Saladino de Gusmão (engenheiro e advogado); Dr. F. L. Azevedo e Silva (advogado e escritor); Dr. Carlos Imbassahy (advogado e escritor); Prof. Leopoldo Machado (escritor); Prof. Olegário Tavares (dentista e escritor); Deolindo Amorim (jornalista); Milton de Andrade (jornalista).

Finalmente, foi aclamada a seguinte Directoria provisória, que regerá os destinos da Sociedade até à primeira quinzena de 1942:

Presidente — Dr. Levindo Gonçalves Melo (médico);

Vice-Presidente — Capitão Dr. Telemaco Gonçalves Maia, (médico);

1.º Secretário — 1.º tenente Dr. Fernando Dias Campos (médico);

2.º Secretário — Deolindo Amorim (jornalista);

Tesoureiro — Dr. Saladino de Gusmão (engenheiro e advogado).

Por êste resumo poderemos avaliar a grandeza do empreendimento, motivado, como tivemos ocasião de acentuar, pela campanha contra a *Hora Espirita Radiofónica*, que já vai no seu 3.º ano de acção.

Assim respondem os verdadeiros espiritas aos ataques dos seus adversários.

¡Para a frente, irmãos brasileiros! Para a frente com decisão, coragem e almas plenas de confiança no futuro, que se desenha prometedor de muitos e saborosos frutos!

BIBLIOGRAFIA

pelo Dr. Sebastião Elviro Martins

ESPIRITISMO E MEDICINA, pelo *Dr. Inácio Ferreira* — Edição da Livraria da F. E. Brasileira. 174 páginas.

DEPOIS do livro *Conselhos ao meu filho*, analizado nestas colunas, temos o prazer de apresentar à curiosidade dos nossos leitores mais uma obra do eminente director do Sanatório Espirita de Uberara, onde tem desenvolvido uma obra digna de todos os elogios, em prol dos que sofrem, sem distinção de credos religiosos.

«Espiritismo e Medicina» é uma coletânea de 15 artigos, todos êles defendendo os pontos de vista espirita perante a «medicina amiga» materialista e convidando esta a descer do seu orgulho e a aceitar esta nova ponte de passagem para a Verdade, que é Deus.

Inácio Ferreira é lutador e persistente. Convencido dos factos espiritas, não cede perante os ataques da ciência oficial.

«Pisamos terreno científico, diz êle, e, dentro da ciência, importa-nos a verdade e os factos, firam êles a quem ferir, prejudiquem ou desmoralizem a quem quer que seja.»

E por isso êle evangeliza e consagra-se a lenir as dores físicas e espirituais dos seus doentes. ¿Quando é que em Portugal haverá sanatórios espiritas e médicos como Inácio Ferreira?

A REENCARNAÇÃO, por *Gabriel Delanne*, edição da Livraria da Federação Espirita Brasileira, 1940. 323 páginas.

NESTE belo livro do engenheiro francês Gabriel Delanne, ultimamente traduzido pelo actual Presidente da Federação Espirita Brasileira, registam-se argumentos e factos conducentes à aceitação da hipótese espirita das vidas sucessivas, como axioma irrefutável.

Se bem que ainda haja muitos opositores a esta teoria, mesmo nos países anglo-saxónicos, ela todavia vai ganhando adeptos e não tardará muito que se torne universal.

Nenhuma filosofia, como a da palingenése, explica os aparentes contrastes de situações sociais e desigualdades psíquicas, observadas em tôda a parte.

Há quem lhe oponha a teoria da hereditariedade, mas esta, à luz dos factos acumulados pelos filósofos espiritas, tornou-se muito vulnerável e incapaz de nos explicar muitos problemas até agora insolúveis.

«A hereditariedade psíquica é inadmissível, visto como sabemos que a alma não é fabricada pelos pais; assim, a reencarnação é a única explicação lógica das anomalias aparentes» — diz, e muito bem, o autor dêste livro admirável.

Posto assim o problema, desde que a teoria espirita adopta o ternário do homem, a sua solução afigura-se-nos lógica e simplificada pelos princípios em que assentam os seus postulados.

Diz-nos o dicionário que um postulado é um princípio reconhecido, mas não demonstrado; pois bem, a teoria reencarcionista, vista através dêste último livro do continuador de A. Kardec, não só é um princípio reconhecido pelas mais antigas religiões do Oriente, como está sobejamente demonstrado pelos factos observados e rigorosamente autenticados pelos autores mais distintos e competentes de todos os países.

Bastavam os casos de Laura Raynaud e das filhas gémeas do Dr. Samona, descritos pelos Drs. Durville e Samona, para abalar de vez a hipótese da hereditariedade física, tábua de salvação a que ainda se agarram os náufragos das teorias rançosas e bafientas.

Delanne, pois, com o seu livro *A Reencarnação* vem, neste ponto, destruir, pelos alicerces, todo o edifício materialista e agnóstico.

Baseando-se nos admiráveis estudos de Claude Bernard, o pai da fisiologia moderna, o autor demonstra a inanidade da doutrina, segundo a qual o sistema nervoso é o registador de tôdas as sensações.

Só a teoria espirita, admitindo o perispírito como modelador e organizador do corpo físico, e, ao mesmo tempo, como repositório integral da memória, nos dá a chave dêste vasto e complexo problema da vida *ante e post mortem*.

Por êste pequeníssimo resumo, poderão os nossos leitores avaliar o altíssimo serviço que Delanne prestou à nossa Causa. É um livro que merece ser lido por todos os espiritas e mesmo não espiritas, porque uns e outros só terão a ganhar com a sua leitura.

«FENÓMENOS DE TRANSFIGURAÇÃO, por *Ernesto Bozzano* — Tradução do Dr. *Francisco Klörs Werneck* — 1940 — Rio de Janeiro.

ERNESTO Bozzano, o iminente pesquisador espirita italiano, consagrou inúmeras monografias ao estudo das variadíssimas faculdades supranormais, completado com os substanciosos e profundos comentários que êsses fenómenos lhe sugeriram.

Esta pequena monografia de 72 páginas, de que ora nos ocupamos, é uma resenha de quinze casos, escolhidos em várias publicações estrangeiras, de transfiguração do rôsto dos médiuns, especialmente da Sr.ª Bullock, de Manchester, Inglaterra. Êste fenómeno, ainda raro, explica-o Bozzano pela «*superposição ectoplásmica sôbre o rôsto da médium*» ou então «*por contracção dos músculos faciais*».

Como os leitores vêem, o fenómeno é deveras interessante e, desenvolvido, enriquecerá a galeria dos médiuns célebres como Florence Cook e Eusapia Paladimo.

Tôdas as objecções à interpretação desta manifestação supranormal, formuladas pelos adversários do Espiritismo, foram cuidadosamente postas em relêvo pelo autor italiano. Bozzano impugna-as tôdas e chega chega à conclusão de que só a hipótese espirita explica êste e outros insólitos fenómenos, já vulgarizados pela literatura espiritualista de todo o mundo.

NOTICIÁRIO

Beneficência

Da Comissão de Benificência do C. E. L. A. — que depôs o seu mandato — recebeu-se o respectivo saldo na importância de 141$50, o qual, acrescido de 50$00 oferecidos pelo nosso prestimoso confrade Henrique da Silva Horta, e das importâncias que formos recebendo, será distribuido por ocasião do Natal a alguns necessitados, bem como agasalhos já em nosso poder e os que a bondade dos nossos consócios e leitores nos quiserem enviar.

Sessões experimentais gerais

A-pesar-de o mês de Agôsto convidar muitas pessoas, no nosso país, a deixar a capital para irem retemperar as suas fôrças ou melhorar a sua saúde, com novos ares e novas águas, as sessões experimentais gerais que se realizam todos os domingos na nossa sede, durante o referido mês, foram regularmente concorridas.

A Direcção está animada dos melhores desejos de intensificar as ditas sessões, tencionando, se possível, realizar duas delas semanalmente.

O Grupo Espirita Allan Kardec — recentemente formado — além das sessões familiares que realiza na Travessa da Glória, preenche a sessão do último Domingo de cada mês, na sede do Centro.

Estatutos

Com o aumento sempre crescente de sócios que se acolhem ao nosso baluarte — não só com o fim de receberem os ensinamentos que do Alto nos são dados e assistirem às conferências que amiúde se realizam, como ,também, para receberem tratamentos magnéticos que lhes aliviem os seus padecimentos — surgiram novas necessidades, que os Estatutos, por antiquados, já não podem satisfazer. Assim, a Direcção do Luz e Amor vai refundi-los, actualizando-os, dando-lhes uma feição moderna que satisfaça, o mais possivel, tôdas as exigências. Em tempo oportuno será convocada uma reünião da Assembleia Geral, com o fim de se pronunciar sôbre as alterações que forem propostas e sôbre as que a mesma Assembleia Geral entenda dever introduzir nos mesmos Estatutos.

Lar de Jesus

Com sede no Centro Espirita Fé, Esperança e Caridade, de Nova Iguassu, Estado do Rio de Janeiro, acaba de fundar-se o *Lar de Jesus,* instituïção de amparo á infância e velhice desamparada, cuja comissão realizadora é composta pelas senhoras Leopoldo Machado, Olga Moreira, Idalinda A. Matos e Filomena Januzzi Basílio, que nos enviaram uma circular, pedindo donativos para as crianças e velhos a amparar.

Aos nossos leitores e amigos recomendamos o pedido feito, podendo, se assim o entenderem, remeter os donativos, directamente, para Nova Iguassu, ou para a redacção desta revista, o que, desde já, muito agradecemos.

Aceita-se dinheiro ou quaisquer objectos que a caridade dos nossos irmãos queira enviar.

Novo ciclo de conferências

O 3.º ciclo de conferências, a iniciar no próximo mês de Outubro, será inaugurado pelo nosso colaborador sr. Coronel Faure da Rosa, uma das mais belas figuras de propagandista que o Espiritismo conta nas suas fileiras. Mentalidade forte, vasta erudição, verbo elegante, tudo nele se conjuga para a afirmação dum raro temperamento de lutador que sabe engrandecer e prestigiar a Doutrina.

«*O homem que dormiu cinqüenta anos*», será o tema do seu novo trabalho, que, a avaliar pelos precedentes, já do conhecimento de muitos confrades, que tiveram o prazer de ouvi-lo, confirmará o alto conceito em que todos nós o temos há muitos anos.

Programa de trabalhos do Centro durante Setembro e Outubro

Dia 7 de Setembro, ás 16 horas — Sessão experimental.

Dia 14 de Setembro, 16 horas — Sessão experimental.

Dia 21 de Setembro, às 16 horas — Sessão experimental.

Dia 28 de Setembro, às 16 horas — Sessão experimental.

Dia 5 de Outubro, às 16 horas — Sessão esperimental.

Dia 12 de Outubro, ás 16 horas — Sessão experimental.

Dia 19 de Outubro, às 16,30 horas — Conferência pelo Coronel Faure da Rosa, intitulada «O homem que dormiu cinqüenta anos».

Dia 26 de Outubro, às 16 horas — Sessão experimental.

Auxiliai «Estudos Psíquicos», conseguindo-lhe novos assinantes. Só assim poderemos enfrentar o novo ciclo que se aproxima.

Composto e impresso na Tipografia, SILVAS LIMITADA — Rua D. Pedro V, 120 — LISBOA

Ao Coronel Faure da Rosa, grande colaborador e grande amigo,

Ofereço,

com um abraço fraternal de sa-
udação, estima e simpatia.

Lisboa, 8-XII-943

Isidoro Duarte Santos

Estudos Psíquicos

Director e Proprietário

Isidoro Duarte Santos

2.º VOLUME

1942 a 1943

RUA DO SALITRE, 149, 1.º — LISBOA

INDICE DAS MATÉRIAS CONTIDAS NO PRESENTE VOLUME

Pág

N.º 13

A Teoria Electrónica, *pelo Dr. António J. Freire* 1
A Verdade Surge, *por Léo* 5
Reflexões do Além, *por Henrique Magalhães* 6
Religiões, — III — *por Faure da Rosa*..... 7
Confissão, *pelo Dr. Alfredo Mota* 11
Gustave Geley — uma capacidade —, *pelo Dr. Luís M. di Cristóforo* 12
O Problema da Morte — III — *pelo Dr. Elviro Martins* 14
Ecos da Imprensa Espirita 17
Pela Vitória do Espírito — III — *pelo Dr. Fred* 18
Bibliografia, *por I. D. S.* 22
O Sexto Sentido, *por Manuel Tavares* 23
Notas & Comentários 24
Por êsse mundo... 26
Crónica Estrangeira, *por Isidoro Duarte Santos* 27
Noticiário 31

N.º 14

Os Fenómenos do Espiritismo (I), *por Isidoro Duarte Santos* 33
O Poder Mental (I), *pelo Dr. António J. Freire* 39
Sem Religião?, *por Léo* 43
Religiões (IV), *por Faure da Rosa* 45
Pela Vitória do Espírito (IV), *pelo Dr. Fred* 50
A Nossa Prédica, *pelo Dr. Luís M. di Cristóforo* 54
O Evangelho do Cristo (I), *por Fernando da Cruz Ferreira* 55
Dr. Alfredo Mota 57
D. Frei Bartolomeu dos Mártires, *por J. A. Costa* 57
Bibliografia, *pelo Dr. Elviro Martins* 58
Notas & Comentários 60
Crónica Estrangeira, *por Isidoro Duarte Santos* 61
Por êsse mundo... 62
Noticiário 63

Pág.

N.º 15

O Poder Mental (II), *pelo Dr. António J. Freire* 65
Uma História de Macacos, *por Faure da Rosa* 69
Que estará para acontecer?, *por Léo* 71
A Reencarnação (I), *pelo Dr. Elviro Martins* 72
Pela Vitória do Espírito (V), *pelo Dr. Fred* 76
Os factos entre nós 81
O Evangelho do Cristo (II), por *Fernando da Cruz Ferreira* 82
Bibliografia, *por I. D. S.* e *S. E. M.* 85
Notas & Comentários 87
Marco Postal 88
Crónica Estrangeira, *por Isidoro D. Santos* 89
Por êsse mundo... 94
Noticiário 95

N.º 16

Diversões dum crítico — A propósito duma Conferência — *por Isidoro Duarte Santos* 97
Influência do Naturismo no Espírito (I), *por Faure da Rosa* 103
A Reencarnação (II), *pelo Dr. Elviro Martins* 105
Espiritualismo, *por Léo* 109
O Evangelho do Cristo (III), *por Fernando da Cruz Ferreira* 111
Uma Conferência, *por Faure da Rosa* 112
Pela Vitória do Espírito (VI), *pelo Dr. Fred* 114
Do Alto — Exortação e Aviso, *por Reper-Siam* 117
Espiritismo e Teosofia (I), *por Haydi de Tebelen* 119
Os factos entre nós — Uma cura interessante 121
Bibliografia, *por Isidoro Duarte Santos*..... 122
Crónica Estrangeira, *por Isidoro D. Santos* 123
Noticiário 124

N.º 17

O Neo-espiritualismo na sua marcha e elevação cristã, *por Adolfo Ramires* 129
A Reencarnação (III), *pelo Dr. Elviro Martins* 134

Pág.

A Campanha das «Novidades» contra o Espiritismo 138
O Evangelho do Cristo (IV), *por Fernando da Cruz Ferreira* 144
A Conferência de Faure da Rosa no Cinema Condes 145
Espiritismo para Homens, *pelo Dr. Luis M. di Cristóforo* 148
Novas Exortações, *por Reper-Siem* 150
Carta aos Confrades de Lisboa, *por H. Magalhães* 152
Espiritismo e Teosofia (II), *por Haydi de Tebelen* 153
Notas & Comentários 155
Crónica Estrangeira, *por Isidoro Duarte Santos* 156
Por êsse mundo... 158
Noticiário 159

N.º 18

Espiritualidade. Influências diversas do sentimento, *por De Veritas* 161
Influência do Naturismo no Espírito (II), *por Faure da Rosa* 167
Espiritismo, *por F. Noronha* 169
Fela Vitória do Espírito (VII), *pelo Dr. Fred* 171
Vantagens e Inconvenientes das sessões Espiritas, *por José G. Losa* 176
O Evangelho do Cristo (V), *por Fernando da Cruz Ferreira* 179
Espiritismo e Teosofia (III), *por Haydi de Tebelen* 181
Bibliografia, *por Isidoro Duarte Santos* 183
Oração, *por Um Estudante do Evangelho* 183
Crónica Estrangeira, *por Isidoro Duarte Santos* 184
Notas & Comentários 188
Por êsse mundo... 190
Noticiário 191

N.º 19

O Dr. Alexis Carrel e os Fenómenos Supranormais (I), *por Faure da Rosa* 193
Mistérios da Natureza. A Espiritualidade acima da Ciência, *por De Veritas* 199
As Escrituras Sagradas atestam a Mediunidade e os Fenómenos Espiritas, *pelo Dr. A. D. Pratas* 205
O Sono da Morte, *por F. Noronha* 210
Espiritismo e Teosofia (IV), *por Haydi de Tebelen* 213
Crónica Estrangeira, *por Isidoro Duarte Santos* 215
Notas & Comentários 219
Senhor! Senhor!, *por Maria Veleda* 220
Por êsse mundo... 221
Noticiário 223

N.º 20

Ciência e Verdade, *por F. Noronha* 225
«Estudos Psíquicos» e os leitores 230
O Dr. Alexis Carrel e os Fenómenos Supranormais (II), *por Faure da Rosa* 231
O Espiritismo na Bíblia (I), *por Isidoro Duarte Santos* 234
O Espiritismo Emancipador da Mulher (I), *por Haydi de Tebelen* 239
O Evangelho do Cristo (VI), *por Fernando da Cruz Ferreira* 242
Missionários, *por Léo* 244
Amigos de «Estudos Psíquicos» 245
Crónica Estrangeira, *por Isidoro Duarte Santos* 246
Uma carta do Major Zuzarte 251
Notas & Comentários 252
Por êsse mundo... 254
Noticiário 255

N.º 21

A Nossa Posição 257
O Dr. Alexis Carrel e os Fenómenos Supranormais (III), *por Faure da Rosa* 259
O Espiritismo na Bíblia (II), *por Isidoro Duarte Santos* 261
A Lição do Leiteiro, *por Romeu A. Camargo* 265
Figuras que partem. A desencarnação de Léo 266
O Espiritismo Emancipador da Mulher (II), *por Haydi de Tebelen* 267
Do Alto — O que está para acontecer, *por Um Desconhecido* 270
A Paz Espiritual, *por Ângelo da Costa Cabral* 271
Maria Emília de Carvalho Gonçalves, *por Maria Veleda* 274
Estudo Àcêrca da Vidência, *por Hector Catalán* 275
Amigos de «Esudos Psíquicos» 277
Budha e as Vidas Sucessivas, *por J. A. Costa* 278
Bibliografia, *por Isidoro Duarte Santos* 279
Crónica Estrangeira, *por Isidoro Duarte Santos* 280
Notas & Comentários 285
Por êsse mundo... 287
Noticiário 288

N.º 22

Um Passo em Frente 289
Alegria de Viver (I), *por Faure da Rosa* 291
«A Luz Deve Sempre Progredir», *por F. Noronha* 295
A Boa Propaganda — Faure da Rosa Realizou no Pôrto Uma Conferência Àcêrca da Reencarnação 298
Extraordinária Identificação 299
O Evangelho do Cristo (VII), *por Fernando da Cruz Ferreira* 303
O Espiritismo na Bíblia (III), *por Isidoro Duarte Santos* 305
Figuras que Partem — General Cabral de Quadros 310
O Espiritismo Emancipador da Mulher (III), *por Haydi de Tebelen* 311
Bibliografia, *por Isidoro Duarte Santos* 313
Crónica Estrangeira, *por Isidoro Duarte Santos* 314
Notas & Comentários 317
Por êsse mundo... 318
Noticiário 319

Pág.

N.º 23

«Atribulações de Esperidião», *por Maria Veleda* 321
A Fraude no Espiritismo, *por Leopoldo Machado* 323
Alegria de Viver (II), *por Faure da Rosa* 325
Os Vivos Vistos Pelos Mortos, *por M. Maeterlink* 329
Saber, Conhecer, *por F. Noronha* 331
O Espiritismo Emancipador da Mulher (IV), *por Haydi de Tebelen* 333
Hans Anderson descreve a sua desencarnação. A História do Grande Rei 336
Surge et Ambula, *por Amadeu Santos* 338
Estudos Filosóficos — A Existência da Alma, *por Álvaro Ramos Pereira* 339
As Três Idéias da Imortalidade, *pelo Dr. Luis M. di Cristóforo* 340
A Verdade, *por M. Maeterlink* 342
Ecos da Imprensa Espírita 343
Bibliografia, *por Isidoro Duarte Santos* 344
Crónica Estrangeira, *por Isidoro Duarte Santos* 345
Notas & Comentários 349
Por êsse mundo... 351
Noticiário 352

N.º 24

Rádio Piratininga foi encerrada? 353
Alegria de Viver (III), *por Faure da Rosa*... 356
O Espiritismo emancipador da mulher (V), *por Haydi de Tebelen* 358
Do Alto — Caminho a seguir, *Reper-Siam*... 362
O Espiritismo conduz à loucura?, *por F. Noronha* 363
Estudos filosóficos — Natureza da alma, *por Álvaro Ramos Pereira* 366
O futuro da ciência, *por «sir» Oliver Lodge* 368
O Evangelho do Cristo (VIII), *por Fernando da Cruz Ferreira* 370
Ide e prègai o Evangelho, *por Henrique Magalhães* 372
Dr. Gustave Geley 373
O verdadeiro amigo (lenda árabe) 373
Solidariedade social, *por Pedro Cardia* 374
Bibliografia, *por Isidoro Duarte Santos* 377
Crónica estrangeira, *por Isidoro Duarte Santos* 378
Por êsse mundo... 383
Noticiário 384

Estudos Psíquicos

Revista de Estudos Psíquicos e neo-espiritualismo experimental

DIRECTOR E PROPRIETÁRIO
Isidoro Duarte Santos

EDITOR
Pedro C. Dias de Sousa

ANO 3.º LISBOA, SETEMBRO-OUTUBRO DE 1941 N.º 13

A TEORIA ELECTRÓNICA

(ASPECTOS GENÉRICOS)

pelo dr. António J. Freire

A doutrina transformista, sistematizada no século passado, revolucionou a biologia, introduzindo-lhe dois novos conceitos: a unidade de vida e a evolução ancestral das espécies zoológicas. O evolucionismo é um dos conceitos mais fecundos e generalizadores do pensamento contemporâneo.

A doutrina electrónica, sistematizada no século actual, revolucionou as ciências físico-químicas, desmoronando as colunas basilares da sua construção atomística, dois princípios considerados intangíveis como dogmas: a lei da conservação da matéria, de Lavoisier, e a lei da conservação da energia, de Meyer.

A teoria electrónica impôs novos conceitos às ciências físico-químicas, remodelando-as em novos princípios: a **radioactividade,** a **unidade da matéria,** a **evolução da matéria,** a **desintegração do complexo atómico.**

O evolucionismo abrange, pois, não só os reinos orgânicos, mas ainda o reino inorgânico, isto é, todos os reinos da Natureza, todo o Universo. A evolução, assim generalizada na sua máxima amplitude, transforma-se num maravilhoso instrumento para o estudo e melhor compreensão da dualidade: Espírito-matéria, Vida-forma, paralelos e independentes nos seus níveis evolutivos.

A matéria nasce por condensação do éter; vive da energia do éter; dissocia-se e desmaterializa-se, regressando ao éter primordial.

O éter é o «protoplasma da matéria», **involucionando** num arco descendente por «vortex» turbilhonares até se crucificar na matéria desde a primitiva rebulosa; **evolucionando** num arco ascendente por radioactividade a-fim-de recuperar a sua origem supra-terrestre.

A matéria, como os mundos, — nascem, vivem e morrem — no éter infinito e eterno, para, como a Fénix, renascerem de novo mais mais fortes e vigorosos, numa maior acumulação de experiências, vividas e instintivamente sentidas, numa ascenção incoercível e infinda para o Foco original, em ciclos intermitentes de vida e de repouso, palingenésicos, no infinito do espaço e do tempo (manvantaras alternando com pra-

laias, através de períodos multi-milenares) (1).

Matéria, fôrça, energia, termos irredutíveis, constituíndo dois mundos nìtidamente separados perante a ciência do século passado, têm actualmente o mesmo significado e origem expressos no conceito do éter cósmico. A matéria traduz-se, em última análise, em energia condensada, em estado potencial, que, pela sua desintegração, dá lugar à energia dinamizada, libertando as fôrças activas que movimentam, fecundam e dirigem o Universo.

O átomo é um sistema solar em miniatura, com o seu núcleo positivo e os seus electrões negativos, animados nas suas órbitas elípticas de velocidade vertiginosa da ordem da luz. O multimilenário aforismo de Hermes Trimegista, (Tábua da Esmeralda) tem actualmente a consagração da ciência: **«O que existe em baixo** (na terra) **é como o que existe no alto** (nos céus) **para fazer os milagres duma só coisa. E como tôdas as coisas são provenientes do Um, assim tôdas as coisas são nascidas do Universo por adaptação».**

Os alquimistas e os filósofos hermetistas da época medieval, proclamando o panvitalismo (hilozoísmo) e a unidade da matéria através das suas transmutações dos elementos químicos (pedra filosofal), estão agora reabilitados dos sarcasmos com que a ciência, precipitada e irreflectidamente, os tem ridicularizado há séculos.

À medida que a ciência avança no domínio dos fluidos, das radiações e das vibrações, vai redescobrindo o que já era do conhecimento da Sabedoria Antiga, aproximando-se dos mundos supra-terrestres: astral e espirituais. Logo que o Espiritismo esteja integrado no estudo da ciência oficial — o que será apenas questão de tempo — o triunfo do Espírito sôbre a matéria será definitivo e completo, abrindo um novo ciclo na evolução espiritual da humanidade. O egoísmo será vencido pela solidariedade e altruismo. A Humanidade conquistará o seu devido lugar na hierarquia do Divino Plano da Criação.

* * *

A concepção electrónica foi obtida pelo concurso dos mais notáveis físicos contemporâneos: J. Thomson (Lord Kelvin), os Curies, Rutherdorf, Oliver Lodge, Becquerel, G. Lebon, etc.

Ao lado dêstes eminentes cientistas, destaca-se, a justo título, o sábio W. Crookes. Crookes foi precursor da remodelação das ciências físico-químicas com os seus notabilíssimos trabalhos de física molecular no vácuo sôbre gases rarefeitos (tubo ou ampola de Crookes), descobrindo os «raios catódicos», constituídos por descargas de «electrões», correspondendo a grãos ou crepúsculos de essência e de natureza eléctrica, animados de velocidades de 1/10 a 3/10 da ordem da luz (300.000 quilómetros por segundo). Por repetidas experiências de técnica delicada e complexa em que também tomaram parte os notáveis físicos: Villard, Lorentz, Sody, Perrin, etc., ficou demonstrada a homogeneidade dos electrões, sendo da mesma natureza eléctrica para todos os elementos químicos, diferindo, de corpo para corpo, no seu número, velocidade e na orientação do seu movimento orbitário.

W. Crookes descobriu, assim, um quarto estado da matéria — **a matéria radiante** — expressa na radioactividade, quando até à sua memorável descoberta apenas existiam os três estados clássicos — sólido, líquido e gasôso.

Crookes, baseado na homogeneidade dos electrões, foi levado à **unidade da matéria,** provindo daí o **protilo** como o tipo primordial, o ancestro donde se originou por descendências e combinações milenárias tôda a matéria física planetária nas suas múltiplas modalidades e poliformismo.

Assim foi descoberta a unidade e evolução da matéria inorgânica e a radioactividade como sua propriedade geral, de intensidade variável, atingindo a sua maior acuïdade no urânio e tório e muito mais acentuada no rádio (Curies, Becquerel, etc.).

Crookes, descobrindo os «raios catódicos», deu implìcitamente uma base firme para importantes descobertas de outros físicos, entre as quais merece especial relêvo a dos «raios X», devida a Roentgen e que, atravessando os corpos sólidos e opacos, veio prestar relevantes serviços à medicina na sua dupla aplicação: a radioscopia e a radiografia (2).

---

(1) C. Jinarajadasa — **L'Evolution Occulte de l'Humanité** — trad. franc., Paris, 1923.

(2) W. Crookes, falecido em 1910, foi uma das mais vigorosas e fecundas mentalidades contemporâneas. As suas memoráveis descobertas em astronomia e nas ciências físico-químicas ficaram célebres. Descobriu o electroscópio, o espectroscópio, o

* * *

Desde Lavoisier, o patriarca da química moderna, o átomo era considerado o último termo da matéria, a unidade química por excelência, indessecável, indestrutível, eterna, diferindo na sua natureza, de corpo para corpo simples, consideradas como espécie distinta e definida em tôdas as arquitecturas moleculares.

Fôrça e matéria eram dois termos irredutíveis, distintos, de essência diversa, aliados no trabalho mecânico, mas sempre autónomos na sua natureza e funções.

A energia era apenas um «modo», uma «qualidade», mais ou menos abstrata na sua essência íntima como a electricidade.

O mundo físico era formado por dois mundos profundamente separados pela irredutibilidade das suas propriedades, irreversíveis na sua natureza íntima: o mundo da matéria — o ferro, o carbone, o cobre, a prata, a platina, etc.; o mundo da energia — o calor, a electricidade, a luz, o magnetismo telúrico, etc. A dualidade dêste imponente edifício era travejada nas duas leis supremas, dogmáticas: as leis da conservação da matéria e da energia.

Os raios catódicos de Crookes fizeram oscilar os alicerces desta construção científica, demonstrando experimentalmente que a energia e a matéria eram termos, não irredutíveis, mas indissoluvelmente ligados na mesma origem, na intimidade da sua essência homogénea, na mesma comunidade da sua natureza intrínseca, através da sua dualidade de condensação etérica e desintegração dos respectivos electrões, em última análise, meras expressões crepusculares eléctricas, modalidades, para o nosso planeta, do protilo ancestral.

A electricidade, a luz, o calor, emfim, tôdas as variedades de energia, não são simples «qualidades», mais ou menos abstratas e imateriais como se supunha, mas realidades substanciais, materiais, susceptíveis de pêso e medida por artifícios de técnica científica extremamente complexos para os não iniciados nos laboratórios físico-químicos. Tôdas as modalidades da energia são resultantes de desequilíbrios electrónicos na arquitectura atómica com a consecutiva emissão e projecção dos electrões de quantidade e direcções variadas, através de ondas vibratórias de comprimento e velocidade próprios a cada modalidade de energia.

Assim como Haeckel, animado duma intuição genial, ainda que desvirtuada pelo seu agnosticismo, pretendeu determinar a «unidade de vida» — tão necessária à construção do seu sistema monista, orientado num panteísmo materialista — idealizando a sua decantada «monera», ainda que em bases fragmentárias e insubsistentes, — Crookes, não é demais repetir, estabeleceu em bases sólidas a unidade da matéria e da energia no seu «protilo», elemento primordial de condensação do éter para o nosso mundo físico, patriarca ancestral de tôda a geração dos corpos químicos. Crookes, descobrindo o quarto estado da matéria — «a matéria radiante» — abriu uma larga e luminosa avenida para que a ciência avance para o mundo astral onde já melhor poderá compreender o sentido da Vida no seu significado espiritualista.

* * *

Para Lord Kelvin, um dos maiores físicos da actualidade, a matéria provém dos movimentos turbilhonares do éter espacial, criando, em certos pontos, centros de condensa-

---

fotómetro de polarização, o radiómetro, o microspectroscópio, etc.

A óptica fica-lhe devendo a solução de alguns dos problemas mais complexos do mecanismo, natureza e velocidade da luz.

O Espiritismo deve-lhe também assinalados e inolvidáveis serviços.

W. Crookes inicia a fase científica do Espiritismo com as suas célebres experiências, realizadas, de 1870 a 1874, com os médiuns Douglas Home, Kate Fox e Florence Cook, tendo obtido a materialição completa, integral, dum espírito falecido numa recuada época, Katie King, que Crookes estudou durante três anos consecutivos, em colaboração com outros sábios inglêses, facto que teve uma repercussão mundial.

Crookes observou e experimentou várias categorias de fenómenos espiritas e anímicos de ordem objectiva ou física. Em tôdas as suas experiências seguiu um método rigorosamente científico, inventando e adaptando variados aparelhos registadores.

A severidade do contrôlo e o espírito crítico que presidiram a estas experiências, aliados à situação culminante de Croookes no mundo científico, muito concorreram para que o Espiritismo tomasse grande expansão nos meios cultos da Europa e da América, despertando interêresse por parte de alguns sábios anglo-saxões, mais libertos do que os latinos de preconceitos de escola e do misoneísmo.

W. Crookes — **Recherches sur les Phénomènes du Spiritualisme**, trad. franc., Paris, s. d.

Engenheiro G. Delanne — **Les Apparitions Matérialisées des Vivants et des Morts** — 2 vols. in 8.°, Paris, 1911.

ção de energia, animados de movimentos rotatórios.

Gustave Lebon, um dos mais hábeis investigadores da radioactividade e que melhor tem estudado a energia electrónica, designa-a «energia intratómica» (1). Esta energia, trazendo em potencial as fôrças cósmicas mais potentosas, produz pelo seu arranjo e dinamização as múltiplas e variadas formas da matéria e da energia.

À clássica concepção da inércia e da indestrutibilidade da matéria dos químicos do século passado opõem-se os modernos conceitos: actividade permanente da matéria pela radioactividade, expressa na energia intratómica; vida e evolução da matéria, abrangendo todos os corpos da Natureza, manifestando-se no seu máximo de intensidade nos corpos radioactivos, particularmente, no rádio.

Segundo G. Lebon, um dos princípios fundamentais da química do século passado — «nada se cria; nada se perde» — deve ser substituído na actualidade por um novo princípio de significado oposto, assim expresso: «só a vida produz a vida; tudo é criado, tudo se transforma numa evolução contínua e eterna».

Dentro da intimidade dos seus átomos, a matéria é um potentoso laboratório dispondo duma fôrça colossal, duma actividade contínua e intensa, ainda que detentora duma sensibilidade extrema e delicada, reagindo à menor influência como demonstrou o prof. Bose por uma série de engenhosas experiências de reacção eléctrica para a «fadiga dos metais» e acção dos excitantes e tóxicos sôbre substâncias metálicas («histerésia magnética») etc.

São instrutivos e duma clareza sintética alguns dos pensamentos de G. Lebon **(Hier et Demain — Pensées brèves** — Paris, 1925):

«A ciência é tão segura quando se limita ao domínio dos factos, quanto incerta na sua interpretação. A matéria e a fôrça, que pareciam, tempos atrás, constituir dois mundos separados, apareceu hoje como formas diferentes duma mesma coisa. A matéria que era considerada como um elemento inerte, imagem do repouso, só subsiste devido à imensa rapidez do movimento turbilhonar dos átomos que a compõem. A matéria é velocidade, e não repouso. Sob a sua aparente imobilidade, a matéria mais estável, por exemplo: um bloco de mármore, possui uma vida intensa e uma impressionabilidade extrema, fàcilmente reveladas por certos instrumentos, tais como o balómetro. As novas experiências sôbre a variação da massa com a sua velocidade, sôbre a identidade da matéria e da fôrça, sôbre a radiação da energia por elementos de grandeza variável denominadas — **quanta** — e por conseguinte sôbre a substituïção do descontínuo ao contínuo nos fenómenos, é suficiente para demonstrar a fraca solidez dos pricípios científicos considerados até agora como inabaláveis. A mais colossal destas fôrças, a energia intratómica, (por mim descoberta), era tão desconhecida há alguns anos, como foi a electricidade durante longos séculos. Um minúsculo fragmento de metal contém uma quantidade imensa de energia intratómica. No dia em que a ciência consiga desagregar inteiramente os átomos dum corpo, terá entre as mãos uma origem colossal de energia que tornará inútil o emprêgo da hulha, transformando completamente as condições da nossa existência».

Segundo as experiências de Lebon, confirmadas por outros sábios investigadores, a quantidade de corpúsculos emitidos pelos elementos nímicos é variável de corpo para corpo. Para um grama de urânio ou de tório é de 70.000 por segundo, atingindo no rádio a elevada cifra de 100.000 triliões.

Um grama de cobre, desde que fôsse susceptível de ser desmaterializado instantaneamente, produziria uma energia equivalente a sete biliões de cavalos-vapor, fôrça suficiente para fazer percorrer um combóio de mercadorias quatro vezes em volta da terra.

A ciência, por emquanto, só consegue dissociar quantidades mínimas de matéria — milésimas de miligrama —; mas, se pudesse obter a desmaterialização de alguns quilogramas, captando e orientando a respectiva energia intratómica, a fôrça assim obtida seria incomparàvelmente superior à de tôdas as minas de carvão existentes.

No dia em que a ciência solucione êste magno problema, a vida planetária no ponto de vista material, transformar-se-á num éden paradisíaco pela facilidade, abundância e barateza da fôrça-motriz.

---

(1) G. Le Bon — **L'Évolution de la Matière**, Paris.
Idem — **L'Évolution des Forces**, Paris.
Ibidem — **La naissance et l'évanouissement de la matiére (Mercure de France**, 1908).

As manifestações telepáticas dos moribundos, a transmissão do pensamento, a acção psíquica dum sêr humano sôbre outro, à distância, e a previsão do futuro, em sonho e em estado sonambúlico, constituem, para mim, *factos positivos*. Parece-me lógico iniciar por aí a minha investigação do mundo invisível.

Camille Flammarion (L'Inconnu)

A VERDADE SURGE

por Léo

Chegava-me às mãos uma colecção de Estudos Psíquicos, que eu já ouvira elogiar, mas que não conhecia. No n.º 10 vi uma comunicação do senhor Eduardo de Pinho das Neves, chefe do Grupo Espirita Paz e Caridade, de Aveiro, que me feriu a atenção. Logo me pareceu o caso digno do interêsse daqueles que lutam pelo desenvolvimento dos fenómenos espiritas, neles procurando a confirmação dessa Verdade que é a natural ambição das nossas almas.

Sempre fui de opinião que só indo ao encontro dos factos, onde quer que êles se assinalassem, poderiamos chegar a obter alguma coisa com o desenvolvimento que é já corrente lá por fora, e de que nós, em Portugal, tão longe andamos ainda.

Assim, resolvi prontamente ir a Aveiro, verificar, eu própria, até que ponto a ciência nos garantia a autenticidade daquelas já tão sedutoras promessas. Escrevi, pedindo licença para ir assistir a algumas das sessões. Logo me foi concedida essa autorização, com tôdas as facilidades, para que o meu desejo fôsse plenamente satisfeito.

Cheguei a Aveiro com tenção de me demorar dois ou três dias; estive lá tôda uma semana. E confesso que não senti passar o tempo. De tal modo me interessou o que encontrei, que o meu espírito aí se absorveu inteiramente. Todavia, deparou-se-me um trabalho revestido da mais completa simplicidade, como também da mais translúcida, pura e convincente sinceridade.

Tôda a ciência exige rigoroso exame — esta, talvez mais ainda do que qualquer outra — mas também é certo que a simplicidade de processos facilita grandemente as comunicações e que por vezes a dúvida e o rigor das exigências de contrôlo prejudicam muito, ou completamente, a realização dos fenómenos. Com isto, de modo algum quero dizer que as possamos dispensar, — na nossa existência nada de proveitoso se obtém, que não seja à custa de longo e paciente trabalho — e se elas podem ser prejudiciais e retardam por vezes o bom resultado das provas que desejamos, por outro lado, são absolutamente indispensáveis e é com justa razão que as devemos exigir.

O grupo Paz e Caridade, de Aveiro, sob a direcção do Snr. Eduardo de Pinho das Neves, que é ao mesmo tempo o seu primeiro médium, vai progredindo de maneira consoladora. Se não me engano, o seu chefe nunca assistiu a qualquer trabalho no género. Tem lido, e o seu «instinto» foi-o guiando. Talvez por essa razão, a sua técnica surpreendeu-me, de começo, emquanto a não compreendi. Dada a explicação, apreciei logo — tenho particular antipatia pelo vulgar, por tudo que é copiado — a originalidade de processos, porque também logo surpreendi a sinceridade de que êle era animado. Um homem sério, tendo levado tôda a sua vida sob um perfeito rigor moral, soube suportar os revezes que de repente o assaltaram, sem terror, com a resignação e até a bonomia dum verdadeiro crente. Os altos espíritos teriam encontrado nele terreno apropriadamente aperfeiçoado para os seus trabalhos de propaganda espirita e de curas psíquicas.

Eu, o que aqui quero dizer, em reconhecimento do que me foi concedido, é que tenho provas do valor espiritual dêsses trabalhos, de modo a não me ser permitido duvidar dêles. Por mais rebeldes que fôssem as minhas dúvidas, os meus preconceitos de exigências de contrôlo nas provas científicas, forçoso me foi aceitar a sua simplicidade, e crer.

O grupo é composto de trabalhadores dos mais humildes, como trabalhador humilde tem sido o seu chefe, mas a ânsia de Verdade, a necessidade de aperfeiçoamento espiritual, a leitura de livros sãos e a sua natural delicadeza, fazem dêle uma pessoa de convívio agradável e são, donde transborda a sua sinceridade e o seu espírito de justiça, calmo, doce, resignado, que lhe dá certa superioridade. De resto, todos os componentes do grupo, desde o seu filho, o médium Garibaldi, — dupla mediunidade, de encorporação e de escrita semi-automática — como todos os ou-

tros, se me apresentaram com a compostura e correcção de pessoas conscientes dos seus deveres.

Foi a primeira vez na minha vida que me encontrei, socialmente, com o povo. Devo confessar — e é com prazer que faço em público esta confissão — que sempre impressionou exageradamente a minha sensibilidade qualquer contacto com pessoas dum meio diferente do meu, cujos hábitos de sociedade, ou antes a falta dêles, me chocava, a ponto de me martirizar. Crente, estimando a humanidade em geral, principalmente a sofredora, não me era no entanto possível vencer essa espécie de repugnância, mais forte do que eu. Não se tratava de preocupações tôlas sôbre categorias sociais, para mim; tudo era a boa educação, arrepiando-me a falta de hábitos de bem-viver, de «savoir-faire».

Pois eu sabia que em Aveiro ia entrar em comunicação com gente do povo, e foi cheia de interêsse e boa vontade que fui de encontro a êles. Rodeada pelo povo, senti-me bem, senti-me feliz, enlevada no interêsse que me despertam estes estudos, ao contrário do doloroso enfado que causa em mim a vida de sociedade, a vida banal. Recebi, pois, uma lição que não quero esquecer. E é aqui que mais uma vez agradeço ao grupo Paz e Caridade de Aveiro — de que, com muita honra por me unir espiritualmente aos seus humildes componentes, me fiz sócia — o delicado e bondoso acolhimento que me dispensaram, em especial ao seu chefe e a seu filho Garibaldi, aquêles que eu melhor conheci e que mais se incomodaram comigo.

No meu coração ficou gravada a cidade de Aveiro, que além da beleza natural que lhe dá a sua ria, os seus canais venezianos, a sua costa de mar revôlto, num delicioso contraste ao lado dessa ria serenissima, as suas extensas salinas, duma brancura e pureza como eu não vira ainda, o seu aeródromo de S. Jacinto, o seu museu, as suas igrejas, tudo que constitui o seu património natural e artístico, até a bela «silhouette» de José Estêvão Coelho de Magalhães, numa estátua de esplêndido recorte, em que essa figura de orador é duma elegância masculina impressionante, tudo que os meus olhos viram e o meu espírito apreendeu, tudo ficou gravado em mim.

Bendito seja Aveiro!

O senhor Eduardo de Pinho das Neves pediu-me que fôsse portadora dum pedaço da alma do grupo Paz e Caridade, para o Centro Luz e Amor o repartir com todos os espiritas de Lisboa. Êste pedido foi-me depois repetido, textualmente, pelo guia do Grupo. Aqui me desligo da incumbência.

Reflexões do Além

(Mediúnico)

por Henrique Magalhães

Sêde sempre os fieis depositários dos ensinos de Jesus.

Sêde cumpridores dos vossos deveres. Quem assim procede, jàmais terá de arrepender-se.

«Ai de vós, que lêdes as escrituras nas sinagogas, e depois despojais as viúvas». Palavras de Jesus aos fariseus. — Reflecti nesta advertência, e fazei o possível para que ela não vos atinja.

Procura em ti a causa das tuas provações.

Se fôrdes acoimados injustamente, não revideis. O silêncio é a vossa maior defêsa.

O bom samaritano curou as feridas daquêle que estava caído na estrada. Procurai vós outros seguir-lhe o exemplo, curando todos os que vos surjam no caminho, quer doentes morais, quer doentes físicos.

Sêde sinceros em todos os vossos actos.

Não procureis acumular o que a terra destrói. Os bens perecíveis levam-vos, muitas vezes, aos maiores êrros.

Seja o vosso proceder de acôrdo com o que manda a vossa consciência. Esta, jàmais vos engana.

Sêde sempre benígnos e mansos de coração. A mansidão é, por sua natureza, o grande veículo que vos leva a ser cordatos.

Nota da redacção—*Já depois de composto êste artigo, tivemos conhecimento de que alguns elementos do grupo espírita Paz e Caridade, de Aveiro, entre os quais o seu director, sr. Eduardo de Pinho das Neves e seu filho Garibaldi, fundaram um novo grupo curador, intitulado «Grupo Espírita Humildade», cuja sede é na Rua João Mendonça, 5.*

Na secção Noticiário, *referimo-nos à constituïção do novo grupo, indicando os nomes dos seus componentes.*

RELIGIÕES

S/Out/41

pelo Coronel Fauce da Rosa

II

Budismo

BUDA foi o grande reformador da idéia religiosa entre os orientais. Buda significa *sábio, iluminado*. Presume-se que êle tivesse nascido seis séculos antes do Cristo. O seu nome de família era Sidarta Gotama. Também era conhecido por «Sakiamuni», palavra que quer dizer «Sábio da casa dos Sábios».

A doutrina de Buda é de bondade e de generosidade: «Não é com ódio, mas sim com amor que se apazigua o ódio» — prègava êle constantemente.

Em mais dum passo da sua doutrina — escreve Adeodato Barreto (1) — Buda nega a existência dum deus pessoal e providente... Não obstante êsse ateísmo filosófico da primitiva doutrina budista, esta evoluíu para uma religião deísta e até idólatra, tendo o próprio Buda sido erigido em Deus.

O Karma, ou lei de causa e efeito, é uma lei de justiça inexorável. As nossas boas ou más acções seguem-nos como uma sombra.

Assim como o balanço entre o *Deve* e o *Haver* produz aumento ou diminuïção de *património social,* assim do balanço entre as boas e as más acções de uma vida inteira resulta aumento ou diminuïção de «dharma», um «dharma» mais ou menos pesado, isto é, a missão que cada um deve cumprir em vida futura para resgate de faltas passadas. O «Dharma» ou «Dhamma» vem a ser a «Lei do Dever», quer dizer, o mínimo de impiedade e o máximo de boas acções, de misericórdia, de generosidade, de verdade e pureza.

É o espírito que, por si mesmo, escolhe a forma corpórea para cumprir o «dharma» que mereceu na existência anterior.

Mais: o homem deve não só cumprir o seu «dharma», mas também ajudar os outros a cumprirem o que lhes coube.

No seu período de expansão, o Budismo adquiriu formas novas, tendo-se convertido, a sua antiga metafísica, abstracta e intelectualista, numa religião popular em que as crenças e os deuses primitivos se amalgamaram estreitamente com os novos princípios. O próprio Buda, de filósofo e moralista agnóstico, foi transformado num deus salvador do género humano.

Tôda a sua doutrinação instigava ao desprendimento dos desejos, à vida singela e pura. Nada de cada um louvar a sua própria religião, depreciando sem motivo as religiões alheias. O dever do homem justo é respeitar e honrar tôdas as religiões em tôda a parte.

A finalidade é alcançar o Nirvana (a Bem-aventurança), e para o alcançar é forçoso seguir o «Caminho do Meio» isto é, o caminho das oito ramificações que compreende: fé pura, vontade pura, linguagem pura, acção pura, meios de existência puros, aplicação pura, memória pura, meditação pura. «É êste, ó monges» — dizia Buda — o «Caminho do Meio, que o Perfeito descobriu, que desanuvia a vista e o espírito, que conduz ao repouso, à ciência, à Iluminação, ao Nirvana» (2).

«Só a concórdia é boa — explicava Açoka, o grande apóstolo do Budismo — e eu entendo por tal que nós devemos ouvir e ter prazer em ouvir das crenças uns dos outros...»

A acção de Açoka foi tão generosa e humanitária que lhe deram o nome de «Dharmaçoka Piyadaci», que significa «aquêle que quer o bem de todos».

O Budismo atraía as consciências pela magia da sua doutrina. Não a recomendava a «espada», nem a impunha o impulso vigoroso de um *braço secular.*

Buda deseja ir para Benares e ali *fazer girar livremente a roda da lei* (da doutrina), *tocar o tambor da imortalidade neste mundo de cegos.* A libertação da morte fôra encontrada: o Iluminado (Buda) escapa das ma-

(1) Civilização Hindu
(2) H. Oldenberg: *Le Bouddha.*

lhas da morte desde que consiga fugir à rêde das dependências. Tudo que é mortal fica debaixo dêle e tudo que é imortal está na sua posse. Pela primeira vez um homem se tornou perfeito vidente, perfeito espírito (1).

Reis e príncipes prestavam homenagem a Buda. Aquêle que pretendesse seguir, com firmeza, a sua doutrina, tinha que se fazer monge, cortar o cabelo e a barba; vestir o hábito amarelo, fazer voto de castidade e dedicar a vida inteira à autolibertação. Não havia, porém, votos perpétuos. Em qualquer altura, os monges podiam abandonar a vida monástica, — que a base fundamental da doutrina budista era a liberdade pessoal.

Houve uma seita concorrente, a dos Jinas (os vencedores) que se entregavam às mais fantásticas extravagâncias: andavam quási sempre nus (diziam êles que as suas vestes eram o próprio espaço), faziam a apologia das macerações e das curas pela fome e pretendiam ser radicais em tudo.

Até na comunidade de Buda havia adeptos da doutrina dos Jinas e, entre êles, seu próprio filho e uns primos seus. Um dêstes, Devadata, conspira contra o Mestre, exige que sejam estabelecidas leis que não permitiam aos monges aceitar quaisquer convites, que os obriguem a viver na floresta, a só vestirem trapos recebidos por esmola e a não comerem peixe.

Segundo a lenda, Devadata é o «Mau por excelência». Procura por todos os meios matar Buda, mas as suas tentativas são infrutíferas: a bondade de Buda vence-o sempre. Devadata, então, manda um emissário armado de escudo e lança, mas até êsse, quando vê o Sublime (Buda), começa a tremer e fica completamente estarrecido. Buda dirige-se-lhe e diz-lhe com brandura: «Amigo, não tenhas receio». E imediatamente aquêle que pretendia assassiná-lo se converteu.

A lenda do elefante selvagem não é menos interessante: — Havia, em Rajagaha, um elefante chamado Nalagiri, que era bravo e matava gente. Devadata foi a Rajagaha, aproximou-se da jaula do elefante e disse aos guardas: «Escutai, homens; nós somos amigos do rei e dêle tudo conseguimos. Assim, ser-nos-á fácil elevar qualquer pessoa a um lugar superior, melhorar a sua alimentação e aumentar o seu salário. Escutai, pois, com atenção: quando o asceta Gotama (Buda) passar por aqui, soltai o elefante Nalagiri e deixai-o correr livremente pela rua».

Os guardas anuíram.

O Sublime (Buda) levantou-se ao amanhecer, vestiu o seu hábito e, levando a tijelinha das esmolas, entrou, com os monges, em Rajagaha, a-fim-de fazer o seu peditório. Nisto, o Sublime atravessa a rua, e os guardas que o esperavam soltam o elefante e deixam-no correr em liberdade. O elefante vê o Sublime que se aproxima, e, de tromba erguida e orelhas arrebitadas, pronto para atacar, investe contra Buda.

Os monges que observavam a atitude do elefante advertiram Buda instigando-o a retroceder, que se tratava do elefante «mata-gente». Buda não acede: continua o seu caminho imperturbável.

Tôda a gente que habitava naquela rua subira aos andares superiores e até aos telhados para melhor gozar o espectáculo; e tôda a gente dizia que o asceta seria vítima do elefante. Mas, o elefante, em vez de o atacar, deixa descair a tromba, baixa a cabeça, aproxima-se de Buda e posta-se na sua frente.

O hábito da concentração confere aos monges uma tal hipertrofia da vontade, que ao seu domínio se rendem tôdas as funções orgânicas, mesmo aquelas que a ciência oficial classifica de reflexas. Entre as numerosas sentenças budistas, há duas curiosas e expressivas: «O mar — diz uma — que no seu seio não conserva sêres sem vida, cadáveres, repelindo todos os corpos mortos, é como a comunidade dos monges que expulsa todo aquêle cuja alma esteja apodrecida e cheia de desejos». Diz a outra: «O gôsto da água do mar é um único: o do sal. A comunidade dos monges também tem um único gôsto — a libertação».

Últimas palavras de Buda: «Em verdade vos digo, monges, que tôdas as criações estão sujeitas a perecer. Lutai, pois, sem desfalecimento». E exalou o último suspiro.

É em Ceilão que, ainda hoje, o Budismo conserva a sua tradição mais fiel à doutrina do Mestre e onde conta cêrca de oito mil monges.

Cristianismo

Cinco a seis séculos depois do desencarne de Sidarta Gotama, o Buda, nasce Jesus de Nazaré que, mais tarde, viria a prègar doutrina de tanta bondade e doçura, de tanta generosidade, que muitos budistas acreditavam

(1) Rod. V. Delius: *A Vida e a Doutrina de Buda.*

que Jesus era o *Buda Maitreya*, que significa o «Buda da Bondade», cujo aparecimento teria sido profetizado pelo próprio Sidarta Gotama, fundador do Budismo.

Jesus de Nazaré veio a ser o Cristo, isto é, o Redentor, o Messias cuja vinda ao mundo os profetas teriam anunciado, também.

Certos historiadores pretendem que a moral do Cristianismo já existia entre os egípcios, fundamentando tal parecer no interrogatório a que Osiris (1) submete a alma, do qual se verifica que a alma para ser absolvida e admitida à presença de Deus deveria provar que tinha respeitado os deuses, que fôra equânime com os homens livres, bondosa com os escravos e caridosa com os pobres e os fracos.

A moral cristã, que nenhuma outra excede, encontra-se, tôda, nesta curta máxima: «Não faças a outrem o que não queres que te façam a ti», máxima já prègada por Confúcio, cinco séculos antes do Cristo, e que êle assim explicava: «Tu não necessitas senão desta lei, porque ela é o fundamento de tôdas as outras».

O Cristianismo, que teve o seu berço na Judéa, ràpidamente se espalhou pela Europa e pelo Norte de África.

Os progressos do Cristianismo excitaram o ódio dos pagãos idólatras, pelo que os cristãos tiveram que sofrer os mais atrozes suplícios e numerosas perseguições dos imperadores romanos. O último perseguidor foi Diocleciano cujo reinado ficou conhecido pela *era dos mártires*. Dez anos durou a perseguição dêste imperador, o qual, por fim, endoideceu e abdicou.

Os primeiros cristãos proscreveram as imagens com o receio de que o povo regressasse à idolatria, mas a necessidade de exaltar a devoção e de facilitar a fixação do pensamento, fê-las readmitir. E, assim, diante dêsses e de outros símbolos, os cristãos queimaram incenso como os seus antepassados pagãos o tinham queimado diante dos ídolos.

Nada morre, tudo se renova.

Mais do que as outras religiões, o Cristianismo inspirou legiões de artistas e deu-nos maravilhas de beleza psíquica.

Outros historiadores pretendem que o Mitraísmo antecedeu o Cristianismo alguns séculos — cêrca de catorze — e que esta religião copiou daquela.

«Mitra é a luz, não a do Sol, nem a da Lua e das Estrêlas; indistinta porque não é vista e tudo vê, emblema da Verdade e da Justiça que dá fôrça aos juramentos e aos contratos».

O Mitraísmo tinha atractivos, é certo; mas o Cristianismo avantajava-se-lhe. Ao passo que o Mitraísmo era de feição essencialmente militar, o Cristianismo, pelo contrário, era essencialmente popular e muito menos secreto.

O mais ardente cultor e propagandista do Mitraísmo era o Soldado, mas as derrotas sofridas desprestigiaram a doutrina, porque Mitra era, para os sectários, o deus dos exércitos.

Renan, na sua obra magistral «*Les origines du Christianisme*» diz que para ser lógico devia ter começado a sua história pelo povo hebreu, pelo que entendia que o Cristianismo começava no século VIII antes do Cristo. E acrescentava: «...Isaías foi o primeiro fundador do Cristianismo. Jesus nada mais fez do que dizer em linguagem popular e encantadora o que já tinha sido dito setecentos e cinqüenta anos antes em hebreu clássico».

Efectivamente, no Velho Testamento, em Isaías, encontramos os seguintes versículos bem elucidativos:

Capítulo I.

11 — ¿De que me serve a mim a multidão das vossas vítimas? — diz o Senhor; já estou farto delas; não quero mais holocaustos de carneiros, nem gorduras de animais nédios, nem sangue de bezerros, nem de cordeiros, nem de bodes.

13 — Não ofereçais mais sacrifícios em vão; o incenso é para mim abominação. Neoménia (2) e sábado, e outras festividades, não sofrerei; os vossos ajustamentos são iníquos.

15 — E quando estenderdes as vossas mãos, apartarei de vós os meus olhos; e quando multiplicardes as vossas orações, não as atenderei; porque as vossas mãos estão cheias de sangue.

16 — Lavai-vos, purificai-vos, tirai de diante dos meus olhos a malignidade de vossos pensamentos; cessai de obter perversamente.

17 — Aprendei a fazer bem; procurai o que é justo; socorrei o oprimido, fazei justiça ao órfão, defendei a viúva.

Capítulo LVIII.

7 — Parte o teu pão ao que tem fome, e

---

(1) Um dos deuses do antigo Egito, protector dos mortos.

(2) *Neoménia*, festa que se celebrava no Egito e na Grécia por ocasião da lua nova.

introduze em tua casa os pobres e os perseguidos; quando vires o nú, cobre-o, e não desprezes a tua carne.

8 — Então romperá a tua luz como a aurora, e a tua saúde mais depressa nascerá, e a tua justiça irá adiante da tua face, e a glória do Senhor te recolherá.

10 — Quando tu desentranhares a tua alma para com o faminto, e encheres a sua alma aflita, nascerá nas trevas a tua luz, e as tuas trevas tornar-se-ão como o meio-dia.

Islamismo (1)

O Alcorão, ou antes o «Corão», livro sagrado dos maometanos, corresponde à Bíblia dos cristãos, é uma codificação, informe e incoerente, de preceitos morais, religiosos, civis e políticos, misturados com exortações, promessas e ameaças relativas à vida futura, e com descrições tiradas, com mais ou menos fidelidade, da antiguïdade bíblica, das tradições árabes e até da história dos primeiros séculos do cristianismo. Aí se encontram alusões a acontecimentos contemporâneos da época, aos esforços que a nova religião fazia para conquistar o ascendente sôbre o culto idólatra e as lutas que teve de sustentar.

Maomet foi o Messias desta religião. Em geral, as populações estimavam-no. A sua inalterável probidade deu origem a que lhe chamassem *el-Emin*, isto é, o leal, o fiel.

Maomet tinha quarenta anos quando principiou a prègar aos árabes a nova religião.

Os árabes eram muito tolerantes para tôdas as divindades fôsse qual fôsse a sua origem, contanto que respeitassem o culto das suas e não tocassem nem nos usos nem nas superstições que faziam parte dos costumes.

Maomet era guerreiro, em contraste com o pacífico Buda e o dôce Jesus de Nazaré.

Duma vez, Maomet, à frente de três mil homens, para se vingar da tribu dos Koraíza, constituída por judeus e árabes, seus inimigos, pôs cêrco às suas fortalezas e, por fim, obrigou-os todos a capitular por falta de víveres. Maomet mandou degolar os chefes inimigos e dividiu entre os mussulmanos as mulheres com os filhos e tôda a propriedade, quer mobiliária, quer imobiliária. Para Maomet, a mulher era «propriedade mobiliária» do homem... doutrina ignominiosa que ainda hoje tem partidários.

As tribus árabes submetidas por Maomet abraçaram, sem custo, o islamismo.

A obra de Maomet só se completou depois de vinte anos de esforços perseverantes, de lutas, de guerras. Nos primeiros dez anos de esperanças frustradas, apenas colheu zombarias, insultos, ódios.

Foi no monte Arafat, perto de Meca, que Maomet pronunciou uma alocução em seguida repetida por um caraixita de voz retumbante, o precursor, talvez, do altifalante. Essa alocução resumia os principais preceitos contidos no Alcorão: prègava a justiça, a humanidade, a bondade, a fraternidade entre todos os muçulmanos, o bom tratamento das mulheres, a probidade nas relações da vida civil, e condenava o embolismo, isto é, o acrescentamento de dias aos meses lunares.

Maomet era um mundano, como hoje se diria. Pintava o cabelo, coloria as unhas e punha colírio *(kohl)* nas pálpebras, exactamente como praticam as sécias de agora. Gostava de se mirar ao espêlho ou num vaso com água límpida, para melhor ajustar o turbante.

Citam-se estas palavras de Maomet que bem definem os seus gostos: «As coisas que mais amo neste mundo são as mulheres e os perfumes, mas o que mais me reconforta a alma é a oração».

Maomet desposou quinze mulheres e de doze teve filhos. Nove destas mulheres sobreviveram a Maomet, mas como êle proïbira que os muçulmanos as desposassem depois da sua morte, nenhuma delas tornou a casar.

Tão grande número de mulheres está em contradição com o preceito do Alcorão que proïbe aos mussulmanos terem, ao mesmo tempo, mais de quatro mulheres legìtimamente casadas, mas era prerrogativa que Maomet reivindicara na qualidade de chefe espiritual e de profeta.

O seu porte tinha uma expressão de bondade e de afabilidade. Nunca era o primeiro a deixar quem com êle tratasse e jàmais era, também, o primeiro a retirar a mão da daquele que lha apertasse.

No capítulo LVIII do Alcorão censura-se àsperamente por ter recebido com impaciência um homem pobre. Entretanto teve o cuidado de se precaver das impertinências e grossarias dos seus concidadãos.

Depois da tomada de Meca levaram à sua presença um dos seus inimigos mais encarniçados. Recebeu-o sem lhe dar palavra e acabou por lhe perdoar. — «Calei-me — explicou êle aos seus companheiros — à espera que um de vós se erguesse e matasse êste

(1) Kasimirski: *Le Koran.*

homem». — «Nós esperávamos um sinal teu, profeta!»

— Não pertence ao profeta fazer sinais de inteligência que seriam uma traição», — retorquiu Maomet.

Esta resposta equivalia a dizer-lhes como, de futuro, deveriam interpretar o silêncio do profeta perante um prisioneiro inimigo.

A tradição conservou muitas passagens da vida de Maomet em que o descrevem como homem muito doce, muito humano, muito bondoso para todos aquêles que lhe eram dedicados.

Em poucas palavras se podem resumir os princípios fundamentais do islamismo: unidade absoluta de Deus, sem Trindade nem Filho de Deus; o Santo Espírito é o anjo Gabriel; os anjos são mensageiros de Deus que morrerão um dia para ressuscitarem no dia do julgamento derradeiro; sem a crença num único Deus e na vida futura não há salvação; as penas do inferno podem não ser eternas se Deus assim o quiser.

O Alcorão admite um purgatório. As delícias do paraíso são reservadas para os crentes que tenham praticado o bem. Tais delícias estão pintadas com traços grosseiros e sensuais, mas são, sem dúvida, os mais atraentes para um povo cheio de vida como é o dos árabes. Efectivamente, a promessa dum paraíso com cursos de água, jardins florescentes, verdura, frescura suave, mulheres sempre jóvens, devia parecer o cúmulo da felicidade a homens queimados pela ardência do sol, rodeados de planícies e de montanhas áridas, muitas vezes privados de água e não encontrando na outra metade do género humano — a metade feminina — senão curtos momentos de prazer, porque os maometanos não viam e não encontravam nas mulheres coisa nenhuma que os elevasse acima dos brutos.

É, contudo, de admirar que os primeiros tempos do islamismo ofereçam exemplos duma grande pureza de costumes, duma castidade, dum ascetismo, dum espiritualismo, — que não eram de esperar num povo assim acalentado com promessas do paraíso maometano.

Maomet disse, por fim: «Deixo-vos uma lei que vos preservará do êrro, uma lei clara e positiva, um livro mandado do Alto».

Ler no próximo número um artigo do Dr. António J. Freire, intitulado «O PODER MENTAL *(Formas astro-mentais)*. Egrégoras».

CONFISSÃO

MALDITA FILOSOFIA

pelo Dr. Alfredo Mota

Quando me lembro que já defendi idéias como as que Augusto Comte criou ou reviveu para acabar desdizendo-se, até coro de vergonha: Se à evolução cabia passar por êles, que lhe havemos de fazer? O que não tem remédio, remediado está.

Mas nesta altura da vida preserverar na prática do materialismo é um êrro que precisamos de profligar até à morte última. Sobretudo em ciência é que não tem lugar. Na religião desculpa-se, em nome da parte dogmática, mas esta mesma há-de modificar-se mais cêdo do que pensam os seus adeptos; o êrro não pode ser eterno, nem Deus pretende a sua eternidade. Logos só quer o progresso dos seus filhos, mas que êles o acompanhem por sua boa e livre vontade.

Um condiscípulo, professor positivista de destaque, que contribuiu para a minha nomeação de 1.º Assistente da nossa Faculdade de Medicina, disse-me que os nossos colegas clínicos odiavam a clínica homeopática, porque o fundador de tal doutrina (Samuel Hahnemann) morreu pobre; contudo, a prática dessa doutrina tem produzido milagres nas minhas mãos, como, por exemplo, a cura radical dum menino a quem o seu médico assistente tinha dito que a morte era certa e que só o procurassem para lhe passar a certidão de óbito. E, a-pesar-de pouca concorrência que a homeopatia tem neste atrasado Portugal, posso apresentar mais erros, se os meus colegas clínicos me quizerem ler. ¿Mas como, se êles nem me falam, nem respondem a cartas que lhes tenho escrito, sôbre outros assuntos, mesmo que a verdade dos factos seja patente? Outro condiscípulo que me reptou a discutir a doutrina, disse-me no momento azado para isso que a não discutia, porque a ignorava totalmente. Tal qual eu era, quando só sabia o que me ensinavam na minha escola-mãe.

Mas esta tem de sair do marasmo em que vive ainda. Vencido o meu preconceito de escola, perante os factos observados, dirigi-me a um colega no estrangeiro, pedindo-lhe conselhos. Disse-me: estude primeiro o Organon da Arte de Curar *de Samuel Hahnemann, depois a «Matéria Médica Homeopática» e comece a praticar a homeopatia.*

GUSTAVE GELEY

UMA CAPACIDADE

pelo Dr. Luís M. di Cristóforo

Tradução de J. D. S.

Redactor correspondente de «Estudos Psíquicos» em Buenos Aires

Geley é uma elegante figura da escola espirita. Foi êle quem mais e melhor soube fazer pelo Espiritismo, com novo sentido e novo culto da vida. Viu realizada a sua mais cara vocação: integrou o elemento vivificante do

GUSTAVE GELEY

fenomenismo espirita num classicismo de cujas raizes soube extrair a seiva necessária para a sua interpretação moderna do Espiritismo.

A obra de Geley contribuiu sempre para a formação duma clara e definida consciência idealista entre os homens, especialmente nos que se dizem espiritas, sem a noção de responsabilidade que tal qualificativo encerra.

Com a sua obra e o seu exemplo, sustentou que à escola espirita incumbe a tarefa de reformar a estrutura dum mundo eivado de erros que tudo asfixiam.

Em oposição à rotina, Geley trouxe experimentação nova; e, contra os preconceitos alheios, ergueu a recta decisão que encerra o triunfo e a causa dos grandes valores.

Por cima do seu apurado cientifismo, tôda a obra de Geley deve ser encarada como acção de objectivos práticos.

Através das dificuldades das várias interpretações, Geley fez brilhar a luz da sua convicção, transformada em fenómeno e definição, entre um mundo de interêsses e pseudo-sábios, eivados de tartufismo. Estudou alguns caracteres obscuros e relevantes do Espiritismo, relacionando-os com o futuro prometedor que lhes reservavam os novos métodos de investigação a que seriam sujeitos. futuro cheio de ardentes possibilidades, segundo o permitisse a audaz serenidade da nova doutrina, escudada pelos seus lídimos representantes.

Melhor do que ninguém, Geley soube determinar as condições necessárias e a própria essência dos factos materiais mais aparentes. explicando o que muitos não conseguiram explicar, sendo êste um dos seus melhores títulos de glória.

Como verdadeiro sábio, legou-nos a mais nobre das atitudes: manter a significação moral que encerra tôda a investigação.

É possivel que seja esta a mais adequada interpretação da verdadeira essência da doutrina espirita. Também nos legou uma característica da sua indubitável capacidade, consubstanciada na quási fria serenidade com que encarava tôdas as questões que passavam pelo cadinho da sua análise. Estas condições tornaram Geley o prototipo da capacidade. Assim era, porque tudo quanto via e experimentava era por êle aclarado e fundamentado. Explicava tudo o que via e sentia. Eis uma linha espirita que nasce e morre com Geley.

* * *

Antes de mais nada, Geley foi uma capacidade intrépida que conseguiu encontrar o conceito exacto, a linguagem leve, o princípio vificante e a expressão genial.

A sua capacidade venceu os detractores e, com desprezadora imutabilidade, destruiu as objecções feitas ao sistema que apresentava à consideração dos mais idóneos. A sua sagacidade venceu a maioria e todos os Sudres que pululavam em tôrno das suas magníficas vitórias.

Pôs ao serviço do Espiritismo as suas notáveis faculdades de investigador sincero, bem como a sua lógica de ferro e a sua grande habilidade para deduzir princípios dos factos, integrando-os nas principais idéias em que baseava a sua interpretação doutrinária.

Aparentemente insensível, os seus irredutíveis inimigos ideológicos jàmais lhe conseguiram denegrir a capacidade e a rectidão doutrinária de sempre.

Geley conhecia perfeitamente as várias escolas da vanguarda espirita e por isso constituiu uma bandeira — e das mais valiosas — dentro e fora dessas escolas. Foi um homem sincero consigo mesmo, imperturbável e capaz de usar os mais vigorosos processos para apurar a verdade e examinar uma convicção; foi um homem que procurou àvidamente as produções fenoménicas de novo aspecto científico e a sua acção exerceu-se com grande intensidade, como conquista de laboratório.

Descreve sempre pormenorizadamente e muitas vezes ao correr da pena, imprimindo verdadeira elegância poética ao seu estilo. Artífice do fenómeno, experimentador exímio, a sua palavra transformou-se logo em conceito penetrante.

As suas obras inseparáveis estão ligadas pelo mesmo sôpro renovador. O fio com que inicia o primeiro ciclo de «As provas do transformismo e os ensinamentos da doutrina evolucionista» — a sua estreia — é o mesmo com que finaliza as deduções filosóficas incompletas da «Origem e significação dos fenómenos metapsíquicos». A sua obra magnífica revela exuberantemente a elevada noção que êle tinha duma doutrina, novo virtuosismo com que se distinguiu na nossa escola. Essa foi, em verdade, a sua obra, o seu fruto e a sua elevada contribuïção em prol dum novo movimento humanista. Assim, Geley foi também um homem de extraordinária compreensão.

A sua trajectória revela uma grande capacidade e a sua opinião nunca foi debalde consultada. A sua concepção do Espiritismo é, sobretudo, uma concepção contrária a todo o sistema religioso.

Tôda a sua investigação científica demonstra sonho esplêndido que se interrompeu de forma radical. Todos os seus esforços se baseavam e orientavam num plano de intercompreensão, de esclarecimento entre o conceituado como clássico e aceito nos estudos naturais e psicológicos e o novo traço que caracteriza o Espiritismo como ciência de integralidade humana. Nem outro significado pode encerrar a sua obra revisionista do clacissismo estudioso.

* * *

Como capacidade, evidencia grande talento criador e uma profunda habilidade. Nas fileiras espiritas, é o mais categorizado prototipo de teórico e construtor, sem detrimento das duas condições tão difíceis de reünir. É que Geley, como verdadeira capacidade, não só compreende, como também realiza.

Tudo concorre, com o seu assentimento, para que se transforme em campo de acção, visto que, sòmente realizando, se conseguem as grandes capacidades.

Em Geley, não encontramos, felizmente, nem estilo rebuscado, nem apostolicismo ou pessimismo. Era simples, claro e optimista, como os próprios factos que estudava. Geley nasceu pedagôgo para o Espiritismo: tôdas as suas investigações são pedagogia. Experimentou como escreveu, isto é, sem escrúpulos, analisando e controlando tudo, sem excepção.

Nunca provocou polémicas, mas também lhes não fugiu. À discussão das palavras e dos papéis, preferiu a dos princípios e dos fenómenos, podendo afirmar-se que foi sempre um experimentador e filósofo de nascença. Dêste modo, principiou cêdo, tendo sido espicaçado pela dúvida religiosa, como os gigantes são espicaçados por simples grãos de areia. O seu despertar foi um impulso—e que impulso!—que só acabou em transição, quando capotou o avião que o conduzia, ennegrecendo a lembrança duma partida escamoteadora.

Espírito de vanguarda, Geley ergueu o Espiritismo à altura da sua época. Recebeu de Kardec uma doutrina e transmitiu-nos uma escola, que recebemos dêle e dos seus discípulos. Por isso, reputamos Geley a melhor

O PROBLEMA DA MORTE

pelo Dr. Sebastião Elvico Martins

III

Resta-nos agora, para nos instruirmos acêrca das lamentáveis lacunas, que o estudo de Maeterlink nos legou na sua obra «A Morte», pôr em evidência as conclusões a que chegou outro cientista não menos digno da nossa atenção. Queremos referir-nos a Ernesto Bozzano, notável investigador da pátria de Dante, que escreveu uma monografia de 160 págs., intitulada «A Crise da Morte» onde, pacientemente, compara 17 comunicações de espíritos, que narram como passaram para o Outro Lado, quais foram as suas impressões, como vivem e como agem.

Êste operoso investigador, como se sabe, tem-se dedicado, com uma paciência beneditina, à apreciação de todos os casos de fenómenos psíquicos, encontrados nos arquivos respectivos. O seu mérito principal é o de saber comparar tôdas as facêtas que êles apresentam e tirar daí ilações e conclusões que, postas a correr mundo, tomam vulto e carácter científico extraordinários. O seu labor tem sido exaustivo e os resultados a que tem chegado são admiráveis e de um valor inestimável para o desenvolvimento e prestígio do Espiritismo.

As características das obras de Ernesto Bozzano são diametralmente opostas às de Maeterlink. Emquanto êste procura investigar, especulando, construindo hipóteses, enredando-se na teia das suas congeminações admiráveis, mas falsas; aquêle, num estilo didático, mas corrente, escalpelizando fria, mas conscientemente, escudado nas bases científicas do Espiritismo, dá-nos uma obra admirável e consola-nos o espírito sedento de verdade. Por isso, as suas monografias são àvidamente lidas em todos os continentes e esgotam-se num ápice. Tôdas elas constituem uma análise profunda e completa dos fenómenos psíquicos verificados nos momentos preagónicos dos moribundos, mas o que nos interessa, por agora, é o que nos informam os espíritos desencarnados, como transpuseram as fronteiras do invisível, como vivem e como agem.

São essas lacunas que Maeterlink nos deixou e que Bozzano, na sua monografia «A Crise da Morte», vai preencher.

Êste livro admirável é constituído por 17 mensagens de espíritos desencarnados e que, analisadas em todos os pormenores, são tôdas concordes nos seus pontos e solidárias nas suas doutrinas. Alguns dêstes relatos, obtidos por médiuns que desconheciam os princípios espiritistas, são admiráveis pela clareza e concisão com que descrevem o cenário e o *modus vivendi* dos desencarnados. Bozzano, a cada comunicação, junta-lhe o seu comentário, breve ou longo, conforme a necessidade de explicar ao leitor as contradições aparentes. Nesta colecção de «Revelações Transcendentais», como êle lhe chama, chega-se às seguintes conclusões, reveladas pelos próprios espíritos:

1.º — Sono reparador, após a morte acidental e com sofrimento;

2.º — No momento da morte, «visão panorâmica» de todos os acontecimentos da sua vida terrena;

3.º — «Corpo etéreo» condensar-se acima do «corpo somático»;

4.º — «Lei de afinidade», como detalhe fundamental, ou seja a atracção mútua dos espíritos dos parentes mais próximos;

5.º — A fôrça criadora do Pensamento e Vontade com os quais os espíritos constroem tudo o que necessitam para o seu *habitat*, no mundo invisível.

---

realização de Kardec, visto que só uma grande capacidade podia interpretar uma grande vontade. É que a magnificência espírita necessitou, primeiramente, da característica vontade kardeciana, e depois da capacidade geleana, como a sua melhor e mais qualificada continuação.

Kardec foi farol que iluminou até onde pôde. Geley foi o barco que aportou onde quis.

É por isso que um e outro são homens-sínteses do Espiritismo. Assinalam duas épocas, são dois estádios diferentes que se completam. Sem Kardec, não se justifica Geley, mas a obra de Geley é a melhor explicação e continuação da de Kardec. Descrever o Espiritismo sem êles, era inconcebível, como inconcebível seria descrever a fôrça vital que constitui a essência do nosso movimento ou o próprio movimento. É que Geley é a realização duma obra de que Allan Kardec foi o justo prefácio.

A-pesar-de muitos esforços contrários, Geley ilumina e continuará a iluminar as dúvidas que se apresentam aos estudiosos da Doutrina.

São estas as principais conclusões a que chegou Bozzano, mas se só citássemos estas e não ampliássemos outras, também interessantes, muito pálida ficaria a nossa idéia a êste respeito.

Vamos, portanto, dentro dos limites do espaço, desenvolver um pouco mais os tópicos desta importante monografia.

Todos nós sabemos que os espíritos desencarnados são acolhidos no mundo espiritual pelos nossos guias e parentes. No 2.º caso descrito neste livro, por exemplo, quando o espírito relata que, quando transpôs o além, não viu ninguém perto dêle, concluiu que os espíritas se tinham enganado. Mas logo que êste pensamento o dominou, imediatamente se lhe apresentaram dois espíritos acolhedores e benévolos. Isto, portanto, confirma a teoria de que o pensamento e a vontade são os fios condutores dos desejos dos espíritos.

Quanto à autenticidade das revelações dos espíritos, ainda que pese aos misoneístas, não sofre dúvida. Ouçamos Bozzano:

Se tôdas as personalidades mediúnicas descrevem as mesmas condições do meio espiritual, com os mesmos detalhes fundamentais e secundários e com os mesmos relevos de fundo, isso demonstra que as condições de meio assim descritas são autenticamente espirituais, ao mesmo tempo que objectivas, permanentes, reais, absolutamente reais.

Mais adiante, quando o nosso autor italiano verifica que todos os espíritos afirmam que são o pensamento e a vontade as grandes fôrças de que êles dispõem, para a execução de tudo que necessitam no seu mundo, surpreendemos-lhe estas afirmações concludentes e incontroversas:

Assim é que se chegaram a eliminar as formidáveis objecções que induziam a maioria dos pesquizadores a atribuir uma origem puramente subconsciente a tôdas as revelações transcendentais, objecções que, irremovíveis na aparência, desaparecem, ao contrário, como o nevoeiro em face do sol, ante a grande verdade psicológica de que se trata, verdade que é também reconhecida como experimentalmente demonstrada no mundo dos vivos.

No relato do 13.º caso, o espírito fala na existência de outras esferas, infinitamente superiores àquela em que vive, e isso confirma um dos postulados da nossa doutrina. Ouçamo-lo:

«Os espíritos eleitos que as habitam executam, pelo poder da vontade, coisas que vos parecerão impossíveis, o que não impede sejam verdadeiras. É dessas esferas que se desprendem as «centelhas da vida» sob a forma, por assim dizer, dum «fluxo vital» que atinge o vosso mundo e é absorvido pelo reino vegetal».

Como se vê, o segundo mistério da vida no universo, que a ciência oficial ainda não descobriu, por esta afirmação do espírito comunicante, chega-se a uma solução que, se não resolve por completo o problema, que devora e consome tantos cérebros peregrinos, pelo menos levanta a ponta do véu da grande incógnita da Vida. Para ser universalmente aceita, só resta que a ciência oficial desça do seu olímpico pedestal e que renda preito aos pioneiros espiritas, que são as suas guardas-avançadas na busca da Verdade.

Só por estes e outros resultados admiráveis a que chegou o Espiritismo, devia esta ciência ser respeitada e digna de estudo dos homens de boa vontade. Mas, infelizmente, os preconceitos arreigados inibem-nos de, desapaixonadamente, *verem* e *apreenderem* os factos, tais quais se apresentam na sua simplicidade eloqüente. ¡Mas os tempos são chegados e em breve êles serão do conhecimento de todos e a sua luz irradiará por tôda a parte! Então, sim, a humanidade, na posse plena do seu presente e no maravilhoso conhecimento da vida futura, será mais perfeita, mais moral e menos materialista. É a conclusão que tiramos ao lermos esta monografia de Bozzano. Continuemos, porém, a sua análise.

Na descrição do 15.º caso, em que se trata da mensagem do espírito de Rudolfo Valentino, o grande artista do cinema mudo, há um período interessantíssimo, que não quero deixar passar em branco. Diz êle:

Afirmam-me que a substância, sôbre que se exerce a fôrça do pensamento é, na realidade, mais sólida e mais durável, do que as pedras e os metais no meio terrestre.

E comenta Bozzano:

A ciência, com efeito, já demonstrou que a solidez da matéria é pura aparência. Segue-se que o atributo *solidez* não constitui mais do que uma questão de *relação* entre o *indivíduo* e o *objecto*.

Isto explica-nos muitos e variados fenómenos supranormais, tanto anímicos como espiritas.

Os milagres do Cristo e dos seus apóstolos; as materializações de fantasmas e tôda a fenomenologia disseminada pela bibliografia psíquica, tornam-se-nos absolutamente explicáveis e coerentes com as leis científicas. Só são inexplicáveis e consideradas *inspirações satânicas* para os nossos opositores de tôdas as barricadas. Para nós, não; êles tornam-se simples e plausíveis, atendendo a que a solidez da matéria é relativa ao mundo que habitamos. Além disso, como a ciência humana é insuficiente para nos decifrar e apagar os grandes pontos de interrogação que se vão acumulando, à medida que avançamos na senda do progresso, temos que nos socorrer da ciência divina, que Deus, misericordiosamente, através dos seus mensageiros, lança sôbre nós a flux. É por isso que o Espiritismo, não sendo uma ciência ou uma filosofia fechada, progride a olhos vistos em tôda a parte, por ser mais obra divina, que humana.

*

Para terminarmos a análise do livro de Bozzano, só nos resta citar os dois últimos casos. Num, declara

o autor que não chegou a encontrar um só exemplo de defunto caído nas esferas infernais, «que tenha vindo a transmitir mediùnicamente a narração da sua triste aventura»; noutro, põe-nos ao facto da revelação dum espírito que atingiu o último ciclo evolutivo de purificação.

O primeiro, ainda está dentro dos moldes dêste trabalho; o segundo, pertence já aos domínios da reencarnação, e só será analisado oportunamente.

Êste penúltimo caso narrado na «Crise da Morte» torna-se interessantíssimo e esclarece-nos que os espíritos, gravitando nas *esferas de provação* correspondentes ao Inferno dos cristãos, não suportam êsse sofrimento eternamente, porque é transitório. É desnecessário acrescentar que êsses sofrimentos são morais e não físicos, como afirma uma grande parte dos católicos.

A redenção é a estrada aberta a todos os pecadores e arrependidos. Deus não seria misericordioso se não facultasse a todos a possibilidade de atingir as esferas destinadas aos espíritos superiores.

E Bozzano, a-propósito, diz-nos que os espíritos endurecidos no mal, só quando sôa a hora do arrependimento são assistidos por espíritos missionários e estes lhes facilitam comunicar-se com os vivos. É por isso que tôdas as comunicações até agora obtidas pertencem a espíritos já livres dessa *gehena*, ou que, pela sua evolução, não chegaram a passar por lá. Seja, porém, como fôr: todos os espíritos são conformes em declarar que o Inferno não existe, mesmo os que morreram na crença dos dogmas católicos.

*

Chegámos ao fim da jornada que empreendemos.

Passámos em revista as várias hipóteses explicativas do problema eterno da Morte. Esta palavra, que tanto horror causa, exerce um poder tão grande no mundo dos vivos, que estes, para a não pronunciarem, criaram inúmeros termos eufemísticos para a designarem. Como a linguagem é o veículo do pensamento entre os vivos, estes criaram variadíssimos vocábulos para exprimirem a sua idéia. Mas isto não obsta a que ela continui a ser o que sempre foi: o prolongamento da vida, através de novos ciclos evolutivos, conforme a hipótese espiritualista.

Já é tempo de a humanidade compreender as verdades cientificamente provadas pelos mensageiros de Deus. Rompamos com todos os dogmas esterilizantes e incongruentes. Analisemos a Verdade à luz dos factos e da ciência de inspiração divina.

Felizmente, já se vislumbra um clarão nas trevas. O facto da Igreja Oficial Inglêsa reconhecer por maioria a autenticidade do Espiritismo é já uma grande conquista para a nossa Causa. Só falta torná-la pública. Veremos se o Arcebispo de Cantuária terá coragem para arcar com essa responsabilidade. ¡Calculem-se as conseqüências dêsse reconhecimento, num país que é o núcleo do maior e mais importante império do planeta!

¡O Espiritismo progride, o Espiritismo vencerá todos os obstáculos! ¡O tempo trabalha por êle e a ciência é o seu baluarte inexpugnável!

Os dogmas das ortodoxias religiosas têm sido destruídos sucessivamente pelos arietes demolidores, empunhados pelos soldados invencíveis do exército científico do Mundo! É percorrer a História e verificar como todos êles se afundaram ridiculamente. A luta da luz contra as trevas tem sido ingente, mas vitoriosa. A observação e a experiência, base de todo o progresso, foram os inimigos figadais do obscurantismo secular, que mergulhou a humanidade no sofrimento e na ignorância.

Os anátemas religiosos são tão estéreis, como estúpidos. O maior êrro das religiões foi agarrarem-se demasiado à letra dos textos sagrados e julgarem que êles estavam em contradição com as descobertas, dia a dia mais evidentes e axiomáticas.

Para fazermos uma idéia da insensatez e inanidade dos dogmas ortodoxos, basta citar estes factos, pertencentes à história moderna:

O clero denunciou o uso do método antiséptico no tratamento dos doentes, inventado por Lord Lister, Pasteur e Summelweis.

¡Quando, em 1728, se introduziu o uso das batatas na Escócia, o clero condenou o seu uso entre os cristãos, porque a Bíblia não as mencionava!

Sabe-se o que sucedeu a Galileu, por afirmar que a Terra girava à volta do Sol, demonstrando o heliocentrismo, contra o geocentrismo, defendido pela Igreja.

Copérnico escapou à perseguição, porque morreu; mas Giordano Bruno, seu adepto, foi queimado vivo, com o estigma de *monstro de impiedade!*

A lei da gravidade, descoberta por Newton, foi impugnada, como atentado contra os desígnios da Providência.

O quinino, introduzido na Europa em 1638, foi anatematizado como invenção do demónio, e só 15 anos depois se generalizou em Inglaterra.

Benjamim Franklim, o inventor do pára-raios, segundo a opinião do clero, atentou contra a teoria teológica de que «*a tempestade é a voz de Deus...*

O uso do clorofórmio, a introdução do caminho de ferro e tantos outros inventos úteis, foram consideradas *invenções de Satanaz*.

O próprio uso do gás era para a ortodoxia uma blasfémia, porque, dizia o clero, «a escuridão é o sinal para todos os cristãos devotos irem para casa».

Até o uso do guarda-chuva, que tanto celebrizou Teófilo Braga e Chamberlain, foi contraditado, porque a Bíblia dizia que «O pai, que está no céu, manda a chuva para o justo e para o injusto»...

O Espiritismo, então, como ciência dos nossos dias, não têm contra as perseguições de que tem sido objecto. Basta citar esta opinião de um padre: «O Espiritismo é a fraude mais danada até agora vomitada pela bôca do Inferno!»

Paremos aqui. Não vale a pena revolver mais a História. Pelos antecedentes, tiramos os conseqüentes. E, assim, o Espiritismo, como desbravador dêste áspero e tortuoso caminho da humanidade, será de futuro o seu grande farol, que lhe indicará o seu norte e a tornará mais feliz, encaminhando-a pela senda recta e luminosa, que a conduzirá a Deus.

*

Depois destas digressões, chegámos à conclusão de que a nossa vida não termina no sepulcro, e também não começa no berço. Assim como o sono é o espaço entre duas vigílias, a morte é o intervalo entre duas vidas cíclicas. Para chegarmos a esta convicção, foi necessário que Deus, por intermédio dos seus mensageiros, no-lo fizesse compreender.

Sendo assim, como a lógica e a evidência dos factos nos demonstram, não devemos chorar os mortos queridos, porque isso irá perturbar o seu espírito desencarnado, e impossibilitá-los-á de examinar, com o devido cuidado, a «visão panorâmica» da sua vida terrena. Sejamos, pois, calmos e serenos nas câmaras funerárias, evitando as explosões de dôr que, embora sinceras e naturais, são perniciosas para os que partem para o Além.

E para terminarmos, entoemos êste hino à Morte, que Léon Denis escreveu no cap. XIII do seu livro «Depois da Morte»:

«Digamos adeus às teorias que fazem da Morte a porta do nada ou o prelúdio de castigos intermináveis. Adeus, lúgrebes fantasmas da teologia, dogmas medonhos, sentenças inexoráveis, suplícios infernais! ¡Chegou a vez da esperança e da eterna vida ¡Não são negras trevas, mas sim luz deslumbrante, o que surge dos túmulos!»

E parafraseando o final do opúsculo já citado do Dr. Lôbo Vilela, direi:

¡Louvado seja Deus, que, na sua infinita misericórdia, depositou em nós um germe do seu amor, uma centelha da sua luz!

Ecos da Imprensa Espírita

La Idea, de Buenos Aires, publica um artigo de Elias Toker acêrca das «condições requeridas para ser-se director consciente de sessões mediúnicas». Eis alguns passos dêsse artigo:

Hoje em dia — escreve — a principal característica do nosso ambiente traduz-se em completo «analfabetismo» em relação à psicologia experimental, da parte dos que assumem funções de maior responsabilidade: dirigir sessões.

Logo que possuam certo grau de sensibilidade magnética e muita credulidade mística, já alguns se julgam indicados para dirigir sessões experimentais, o que dá lugar às mais ridículas manifestações amalgamadas de mil e uma fantasias mentais, como comprovamos na maioria dos «nossos» centros e sociedades, que crêem praticar o Espiritismo.

Depois de referir a existência de muitos factores determinantes do caos nas sessões, passa a estudar a questão dos directores:

¿Que poderemos nós esperar, por exemplo, dum indivíduo que, assumindo a responsabilidade de dirigir sessões mediúnicas, o que envolve profundas inquietações ideológicas no tocante ao Espiritismo, continua apegado a crenças católicas, ou cristianismo mistificado por religiões de diversas matizes e apela para as orações e invoca a protecção dos «santos»?

O «director» sente-se como tal, porque o «guia» «descobriu» a sua competência para tão delicada função. E não dão um passo, não movem uma cadeira, nem se arriscam a «perigosas» experiências que permitam proporcionar algo de novo, porque o «guia» não o permite. ¿Aonde nos poderão conduzir tais «directores»? ¿Que pode esperar-se de tal torpeza? ¡Que pena ver-se tanta mediocridade à frente da mais delicada função, como é a direcção funcional da mediunidade!...

E mais abaixo:

Não pretendemos criar métodos difíceis e complicados, que a nada conduzem, nem humilhar os homens de escasso conhecimento. Cremos, todavia, que deve haver um sentido de responsabilidade naqueles que se colocam à frente duma instituïção e se dispõem a manipular o «desconhecido».

¿Que responsabilidade pode ter o indivíduo que se não pode libertar de crenças e idéias arreigadas, a que rende culto tradicionalista? ¿Que iniciativa, que actividade, que autoridade pode ter um indivíduo que, «ungido pela fé», aceita a escravidão que lhe impõe o «espírito-guia»? Em tais ambientes, formados por tão maus «directores», só pode haver entorpecimento moral, espiritual e material dos assistentes.

Finalmente, esboça os caracteres que devem adornar a personalidade do verdadeiro director.

Valor. Romper tôdas as cadeias que o aprisionam, tais como, idéias, sentimentos religiosos, sociais e políticos, herdados dos seus maiores; romper com organizações e directrizes observadas por antecessores que se supõem «insuperáveis»; desenvolver no espírito grande sêde de saber, de aprofundar, impulsionando tôdas as iniciativas que possam conduzi-lo e aos que o rodeiam a melhor compreensão dos valores morais do Espiritismo. Só assim os directores poderão orientar as sessões mediúnicas para a sua verdadeira missão: vulgarizar o Espiritismo Ideológico, Filosófico e Moral.

A independência do espírito é o mais raro dos fenómenos. Tôdas as religiões são boas e respeitáveis, quando elevam o pensamento para um ideal superior, quando consolam o aflito e suavizam as misérias. ¡Mas que se não explorem e se não mate em seu nome!...

Camille Flammarion

ÍNDICE

Está impresso o índice do 1.º volume de «Estudos Psíquicos», que será enviado, com o número 14, a quem o requisitar.

PELA VITÓRIA DO ESPÍRITO

Concepções modernas acêrca de origem, evolução e relações recíprocas de matéria, energia, princípio vital e intelectual, dos astros, da terra, do homem e do complexo alma-espírito

pelo Dr. Fred

III

A massa do Sol é $2,10^{33}$ gr; densidade — 1,4 (Terra 5); distância à Terra — 149.450.000 km; velocidade de rotação — 24,65 dias; velocidade de translação do sistema solar para Vega — 20 km./segundo; tempo de retôrno à posição inicial do eixo do sistema solar no seu giro — 250 milhões de anos. Camadas periféricas do Sol: fotosfera (zona mais luminosa com grânulos sólidos igneos e liquidos em suspensão); camada inversora; cromosfera (vapores metálicos. riqueza em hidrogénio e cálcio; corôa (abundante em corpúsculos electrizados provenientes da pressão das radiações solares). Da cromosfera, salientam-se as chamadas protuberâncias, ricas em hidrogénio e cálcio; na fotosfera, distinguimos faúlhas e manchas. Para explicar a sua origem, há várias teorias: irregularidades de rotação, erupções vulcânicas, turbilhões horizontais, queda de meteóritos, como nas crateras da lua; ilusões ópticas por dispersão anormal, resfriamento até 3.500 graus centigrados (hipótese mais provável, visto que, nos flancos das manchas, predominam gases quentes e brilhantes: as denominadas faúlhas).

Com a sua temperatura superficial de 6.000° c. na periferia e 6 milhões no centro, o Sol exerce enorme e contínuo trabalho, sob forma de energia radiante de cêrca de 520 mil triliões de kw, fornecendo à Terra uns 250 biliões.

Sabemos que uma parte da energia solar reside nos carvões, sob a forma de energia química, que se liberta durante a combustão. A energia libertada pela combustão, de todo o carvão da Terra, não é superior à que o Sol nos envia em 22 dias. Podemos medir com rigor a intensidade da energia solar, recebendo as radiações numa chapa metálica escurecida por negro fumo, princípio êste duma instalação para a recôlha de energia solar, por intermédio de espelhos que refletem as radiações para uma tubagem de cobre enegrecido e cheia de água, que, vaporizando-se, produz energia mecânica.

Analisando as radiações solares no espectro, vemos que o máximo de intensidade que podemos apreender se confina entre o amarelo e o verde, radiações de freqüência de 600 biliões de ciclos/seg., correspondentes ao comprimento de onda de 0,00055 m/m, resultado que está de acôrdo com as medições fotométricas que, realmente, mostram ser essas as radiações que melhor nos sensibilizam a retina. O nosso sentido visual não pode perceber tôda a espécie de radiações solares. Apenas nos é permitido ver radiações de certos comprimentos de onda, aos quais chamamos de luz. O espectro visível (vermelho, alaranjado, amarelo, verde, azul, anilado e violeta), encontra-se entre os comprimentos de onda 0,0004 e 0,0008 m/m, respectivamente, das radiações violetas e vermelhas. ¿E as côres branca e preta? Sabemos da escola que um corpo é preto, quando absorve tôdas as côres que nêle incidem, e é duma certa côr, quando as absorve tôdas, menos essa, que difunde. Sabemos também que o branco não é côr simples, mas sim a mistura de tôdas as do espectro (e nessa proporção) ou, pelo menos, de duas que se dizem complementares. Assim, um corpo parece-nos branco, porque a nossa vista é incapaz de separar as diferentes côres componentes do branco. Numa orquestra, o nosso ouvido consegue fàcilmente distinguir as diferentes freqüências musicais dos instrumentos; mas, para as côres, não possuimos esta fôrça analizadora, necessitando para isso dum meio artificial: a dispersão pelo prisma. Um corpo que não absorva radiação alguma visivel, deve reflectir a côr da luz que nêle incide. Mas os corpos, nestas condições, são transparentes; logo, incolôres.

Isto, para os corpos sem luz própria; para as origens luminosas, naturais ou não, a côr depende da temperatura. Assim, por exemplo, Sírius e Alfa de Lira são brancos, devido às suas temperaturas de 15.000° c.

Também há fenómenos luminosos, sem que as substâncias emissoras estejam incandescentes: luminicências (químico, electro e foto-luminescência). Nas luminicências distinguem-se a fosforescência e a fluorescência, conforme persiste ou não o efeito.

O espectro prolonga-se para o lado vermelho, isto é, do maior comprimento de onda visivel: é a região infra-vermelha das radiações calorificas das ondas hertzianas de grande comprimento, ondas longas

de T. S. F. até 30.000 metros e das radiações de corrente alterna. Qualquer corpo, acima de 500° c., emite radiações visíveis, vermelhas, naturalmente; e à medida que a temperatura se eleva, vai emitindo novas radiações de maior freqüência e a sua côr «sobe» no espectro. As radiações infra-vermelhas já invisíveis são perceptíveis pelo sentido do tacto e pelos termómetros; as hertzianas são-no, apenas, pelos seus efeitos, em detectores especiais.

O espectro luminoso prolonga-se também para o lado dos pequenos comprimentos de onda: são as regiões do ultravioleta, dos raios X, dos raios gama, e, possìvelmente, dos raios cósmicos.

Tôdas estas radiações electromagnéticas obedecem às mesmas leis: reflectem-se, refractam-se, interferem, polarizam-se. As diferentes propriedades dependem só da diferença de comprimento de onda. A opacidade dos objectos, a absorção da luz, a escuridão da noite, etc., são deficiências dos nossos olhos, que não conseguem ver a multiplicidade de radiações de tôda a ordem que constantemente banham o espaço.

Qualquer radiação exerce pressão sôbre as superfícies que impressiona. A pressão total das radiações solares sôbre a Terra equivale a 75 mil toneladas.

Já na parte visível do espectro temos radiações importantes para o nosso corpo. O azul acalma (o verde também), anemiza, desinflama, é antinevrálgico; a luz vermelha hiperemiza, excita, tendo os raios termoluminosos (lâmpada infravermelha) acção mais penetrante do que os térmicos. Muito mais importantes para o organismo são os raios ultravioletas, cujo poder químico oxidante, dissociante, ionizante, fermentativo, bactericida, esterilizante, antitóxico, estimulante do metabolismo e da pele, tónico e energético (clorofila, protoplasma), todos conhecem.

Os raios X, são visíveis para certos indivíduos clarividentes, têm tôdas as propriedades das radiações electromagnéticas, a mesma velocidade de propagação (300.000 km. por segundo), mas de comprimento de onda muito curto, variável com a freqüência de produção, de poder incomparavelmente mais penetrante (mais duro).

A energia libertada, quando um gerador influencia uma ampola de Coolidge, não é só de radiações X, mas também caloríficas e em tal grau, que torna o anticatodo incandescente. Na ampola a funcionar, os electrões libertados chocam com o anticatodo metálico. A perturbação produzida neste é que dá origem à emissão da radiação X. Estes vencem a opacidade dos objectos, tornam-nos transparentes para estes raios, impressionam chapas fotográficas, ionizam gases, tornando-os condutores, transmitem propriedades fluorescentes a certos compostos, originam raios X secundários, têm importantes propriedades biológicas (diagnose e terapia de doenças, estímulo e destruïção de células e micróbios) e vantagens industriais (fotografia de fracturas de peças metálicas, de armas, de encomendas, de produtos alimentícios, de tecidos falsificados, de conchas perolíferas, de brilhantes, cristais e pinturas, cujas tintas recentes deixam atravessar os raios X, em vez de os reter, como sucede com tintas antigamente empregadas. Tôdas as radiações electromagnéticas se nos apresentam como vibrações transversais, sendo transportadas pelos tais fotões de que já falámos.

Falta mencionar as radiações *gama*, cuja descrição reservamos, para explicar a sua origem na ocasião da descrição pormenorizada da matéria e da transformação da matéria em energia.

¿A-final, donde provém a energia solar?

Comparemos êste astro com uma bola de carvão de pedra: em 35 mil anos estaria reduzida a cinza. ¿Porque não se daria o mesmo com o Sol? Helmoltz julgou que o Sol se nutrisse de meteóritos ígneos e de poeiras cósmicas e que da contracção da massa resultasse um acréscimo de energia. Modernamente, admite-se que a rotação dos electrões periféricos liberta tôda esta energia ou o próprio núcleo. Aceitando que todos os elementos são condensação do elemento mais simples, — o hidrogénio, — podia a energia solar provir da desintegração dos seus elementos e dar origem a outros mais simples, o que está de acôrdo com a abundância de hidrogénio e elementos leves no Sol. Por exemplo, da desintegração dum grama de rádio (em radon e hélio), liberta-se um milhão de calorias por ano, energia que faria ferver 10.000 m^3 de água. Como consegüência desta destruïção, a massa solar devia diminuir. (Há quem julgue que todo o Sol era constituído por urânio).

A energia solar podia também provir da libertação de energia molecular latente que, pouco a pouco, se convertesse em energia radiante. Se aproveitássemos tôda a energia atómica do carvão, em vez de, «estùpidamente», o queimarmos, a energia da destruïção dum só átomo faria com que um grande paquete navegasse durante dez anos, sem carburante algum. A massa de um grama, à temperatura de quási 273 graus negativos, contém energia atómica correspondente a 22 biliões de calorias.

Ensina Arrhenius que o calor solar provém da combinação endotérmica, sob alta pressão, de matéria solar que chocou com matéria de meteóritos. Se o calor nasceu por êste processo, também pelo mesmo processo será restituída ao espaço a grande energia lentamente acumulada. A-final, seria possível que todo o Sol estivesse em estado de desmaterialização progressiva, tendendo para a aniquilação da matéria, com a correspondente libertação de energia. Eddington calculou que as estrêlas gigantescas têm densidade muito grande, comparada com a do ar e admite que tôdas as estrêlas estejam em estado de gás perfeito, ionizado. No interior desta massa

gasosa equilibravam-se três fôrças: a fôrça elástica expansiva dos gases, de dentro para fora; a fôrça de gravitação, de fora para dentro, tendendo a comprimir a massa interior; e a fôrça de pressão da radiação, que tende, também, a aumentar o volume do astro. Esta fôrça aumenta consideràvelmente com a temperatura e seria capaz de levar à explosão do astro.

As temperaturas enormes a que estão os núcleos dos astros, a velocidade de oscilação dos átomos aproxima-se da da luz e não é de admirar que os átomos choquem uns com os outros, resultando dêstes recontros intrastelares e interatómicos a extraordinária energia radiante dos astros. Com tais choques, uns átomos ganham ou perdem os seus electrões, encontrando-se, portanto, no estado ionizado. Por isso, no nosso Sol, poucos elementos deve haver com os átomos completos, isto é, sem serem ionizados. O resto deve ser gás em caos. E como a maioria dos núcleos atómicos ficam nus, resulta uma diminuïção de volume, proveniente da condensação, e, finalmente, aumento de densidade.

Resumindo: tôda a energia, nas suas várias manifestações, seja som, luz, electricidade, magnetismo, fenómenos químicos e mecânicos, ou matéria, vem, na maior parte, do Sol. Diz Spencer: «As mudanças geológicas são o resultado do calor devido à condensação da nebulosa e que não foi dispendido. As fôrças manifestadas nas acções vitais, fôrças psíquicas e fôrças sociais, vêm da irradiação solar».

Já mostrámos que também há outras fontes, tais como, choques de estrêlas supra-novas, etc., donde se conclui que é a energia proveniente dos astros que nos ajuda a viver, dando calor, água, ar, electricidade, fenómenos bioquímicos e alimentos.

Cada transformação de energia é acompanhada de trabalho, consumo ou absorpção, embora, no fim de contas, a parcela proveniente do Sol não seja por êste recuperada. Êste astro dissocia-se, pois, como tôda a matéria, na Energia Potencial Universal, onde teve a sua origem (1).

Há igualmente quem admita que o Sol é frio e sólido, sendo luminoso como polo negativo electromagnético, no sistema planetário. O calor terrestre seria devido à acção dos fluidos electromagnéticos solares convertidos em calor, quando penetram na atmosfera da Terra.

Herschel até concluiu que, a-pesar-de igneo, o Sol pode muito bem ser habitado por seres, cuja constituïção seja adequada à sua elevada temperatura.

*

¿A energia do Sol acabará ou não? Uma potência qualquer deve ter-lha transmitido, deve ter criado a nebulosa e o seu movimento. Dizem os rosacruzes que o fogo nebuloso central é a primeira manifestação do fluido universal de Deus. Uma fôrça qualquer deve ter providenciado para que a primeira energia emanada desta fôrça divina se condensasse em matéria nas nebulosas e nos planetas. A-final, esta fôrça divina criou a Terra e fez aumentar a sua massa à custa de energia e electricidade solar. Portanto, tôda a matéria consiste em cargas eléctricas condensadas, sempre movimento vibratório emitindo energia, sendo a matéria energia armazenada, emanada de Deus.

As transformações entre as diferentes formas de energia também revelaram leis seguras e inteligentes. Sabe-se que a elevação de temperatura aumenta a energia cinética dos movimentos moleculares, cuja conseqüência é o afastamento crescente das moléculas, diminuindo a estabilidade da matéria, que passa sucessivamente ao estado líquido, depois a gás e ainda com maior potencial calorífico ao estado de dissociação completa.

E vice-versa: quando se arrefece suficientemente um gás, a velocidade das moléculas diminui; estas aproximam-se, atraem-se, e o gás liquefaz-se.

¿Será que tôda a matéria foi feita por condensação de átomos distantes, de gases, que passaram primeiramente ao estado líquido? ¿Estes gases muitíssimo rarefeitos seriam, a-final, condensações dos tais fluidos? ¡Como é interessante o «zero absoluto», (temperatura limite de 273° negativos), em que não pode, matemàticamente, existir matéria, por os seus movimentos atómicos se paralisarem! Para a Física, o frio não existe, sendo êste considerado apenas como ausência de calor, porque logo que haja matéria, há espaço-tempo, movimento molecular, calor (2), isto é, logo acima do zero absoluto há emissão de radiações electromagnéticas. É êste movimento que se anula a 273° negativos, perdendo-se a noção de matéria, sem extinção do movimento vibratório. Que estranha natureza! Arrefecendo um gás abaixo da sua temperatura crítica, êste liquefaz-se sob pressão, quer dizer, fica mais «material» do que estava. Já se alcançou, momentaneamente, a temperatura de 272°,1 negativos, quási o zero absouto, em que hidrogénio e hélio são sólidos.

Parece que dum maior arrefecimento devia resultar o máximo de solidificação; matemàticamente, porém, a matéria aniquila-se, se bem que se levante o problema da legitimidade da aplicação à Física de tôda a conclusão matemática. Que acontece então? *Natura non facit saltus?* Quando a matéria desaparece, nasce a energia.

A matéria não pode existir sem a

---

(1) Em conformidade com o segundo princípio da termodinâmica, cada transformação de energia liberta calor; desta maneira, o mundo já devia ter-se extinguido por excesso de calor (entropia de Clausius), o que não aconteceu em virtude de fôrças antagónicas compensadoras.

(2) Em harmonia com a lei dos contrastes, não se pode conceber calor sem haver, simultaneamente, frio.

energia, nem a energia sem a matéria.

Todo êste pseudo dualismo de matéria e energia há de ser pôsto de parte. Nem sempre se pode distinguir matéria de energia. Os electrões, por exemplo, não são matéria, nem são energia: são uma forma transitória entre ambas. Os raios *alfa* estão mais próximos da matéria; os raios *gama* estão mais próximos da energia.

Muito interessantes, neste sentido, são as concepções de Bozzano, que nos ensina, pela fotografia do pensamento, pela ideoplastia e materialização da fôrça pensante, que a idéia não é atributo da matéria; pelo contrário, modela-a e organiza-a. Todo o complexo celular do corpo seria um produto-retrato ideoplástico do dinamo-psiquismo, necessitando o espírito da matéria, como instrumento transmissor para exercer a sua acção. Bozzano conclui que talvez os objectos não sejam reais, mas simples formas-pensamentos, cessando estas criações mentais, logo que termine, por um só instante que seja, a acção constante do pensamento criador que as alimenta.

Como a fôrça actuante nas manifestações mediúnicas pode provir da vontade subconsciente do médium, as nebulosas devem provir da vontade ideoplástica de Deus. Assim, todo o Universo poderia ser um sonho, uma grande fantasia divina e apenas existir como forma-pensamento. Sendo tudo derivado do pensamento de Deus, o cérebro humano sê-lo-ia igualmente, podendo ser considerado como uma objectivação do dinamo-psiquismo, e, conseqüentemente, deveria ter a faculdade de perceber as outras formas-pensamentos com tôdas as suas leis, porque o homem cogita. Não podemos conhecer as intenções que levaram Deus a lançar as suas impressões ao espaço, para, a-final, a humanidade sofrer, como hoje sofre. Não é lícito meditar se foi mero capricho, divertimento ou deliberação sincera, bem intencionada e santa (1).

*

Vimos como nascem e morrem as estrêlas. Um planeta môrto (2) bem conhecido é a nossa lua, desprendida do plano terrestre de maior fôrça centrífuga, antes do resfriamento. A lua, mais pequena do que a Terra, teve de sofrer, portanto, arrefecimento rápido. Girou de tal maneira à volta da Terra, que deixou de revestir a forma esferoidal e tornou-se um globo ovóide, tendo o centro de gravidade perto da superfície inferior, devido à relativa proximidade da Terra e conseqüente concentração de massa nesta face, sempre voltada para o astro-mãe.

A lua, cuja revolução sinódica em volta da Terra se completa em cêrca de 30 dias, tem um movimento de livração que permite certo balanço livre do seu eixo, em relação à órbita, de forma que podemos ver, às vezes, um pouco do hemisfério oposto, cuja zona superior contém os gases e líquidos especificamente leves, os «fluidos etéreos» e uma espécie de atmosfera susceptível de permitir a vida.

A parte inferior virada para a Terra seria morta.

Haverá vida na lua? É muito problemático, certamente.

A lua não deve ter condições de vida. Falta-lhe ar e água. Além disso, gira de forma que em cada parte da sua superfície deve haver dias e noites de duração correspondente a 14 dias. De dia e graças à pouca reflexão dos raios solares, reina ali uma tempratura de 120° negativos. Isto, num dos hemisférios, sendo no outro a temperatura de 100° negativos. A lua só reflete a luz do Sol e com intensidade 500 mil vezes menor.

Todos conhecem os *films* e romances fantásticos que tratam dos vôos à lua. É necessário uma velocidade inicial de 12 km./seg. para que o foguete possa sair da gravitação terrestre. Mas, como o homem não está adaptado para estas velocidades, a aceleração faz-se pouco a pouco. Só ao fim de vinte minutos se alcançaria a velocidade máxima, atingindo-se a altura de 7.000 km. Claro que um avião não serve. Para a sua ascensão, o foguete requere carburante. Segundo os cálculos, eram precisas 100 mil toneladas de carburante para afastar da Terra uma só tonelada do pêso do foguete, ou 7,5 milhões da quilos de pólvora. Um transporte impossível. Então, como carburante, experimentou-se o hidrogénio, reünido ao oxigénio numa câmara especial, que resistisse à fusão. Mas, mesmo assim, eram precisas muitas toneladas de hidrogénio.

Várias outras experiências, — por exemplo a da pressão da radiação solar, a energia eléctrica e radioactiva, — só permitiram o vôo até à estratosfera. ¿E como resolver o problema de regular a velocidade do foguete? «¿Como evitar o atrito que podia causar a inflamação do carburante? ¿Como dirigi-lo, de modo que se evitasse o choque? ¿E como voltar depois?» ¿E como, levando observadores vivos, se toleraria o frio do espaço, se agüentaria o choque da partida e a sensação terrível de cair no vácuo?

Os últimos planetas expelidos, portanto os mais novos e mais pró-

---

(1) A lua, considerada pela teosofia como planeta físico da 3.ª cadeia, ainda não está desintegrada, como soe acontecer ao fim duma cadeia, e ainda possui vida (basta que gire e tenha poder atractivo); a sua matéria há de constituir o globo físico da 5.ª cadeia do nosso sistema de evolução.

(2) Não somos partidários da concepção antropomórfica de Deus, visto que não se harmoniza com a nossa lógica ver em Deus o criador do universo. Admitimo-lo existente desde sempre como Realidade Absoluta, a que então podem chamar Deus; podendo parecer que, freqüentemente, fazemos mitxelânia, quando, por exemplo, falamos «dum Deus que emana» etc. É, porém, intencionalmente e por razões morais que assim continuaremos a escrever. Finalmente, pouco importa a definição de Deus, desde que se aceita causalidade e finalidade absoluta.

ximos do Sol, são Mercúrio e Vénus, chamados inferiores na Astrologia, sendo também os mais próximos da Terra, seguidos por Marte, Asteróides, Júpiter, Saturno, Urano, Neptuno e outros recentemente descobertos, como Plutão.

Urano, com os seus três anéis, todos com diferentes velocidades de rotação, porque em diferentes graus de condensação, mostra-nos ainda bem como os planetas nasceram das esferas equatoriais das nebulosas. Em tôdas as religiões se fala apenas dos sete planetas, sete génios, sete espíritos diante do trono, etc. Apoiado numa chamada lei de Bode, que compara as distâncias dos planetas entre si e o Sol, verificamos que Neptuno não a satisfaz, por isso que a Astrologia actual ainda pouco se preocupa com êle, embora a futura tenha de contar com êste planeta para os seus horóscopos.

Todos estes planetas giram em volta do Sol, no sentido levógiro, ou directo (ao contrário do movimento dos ponteiros do relógio) (1); os mais pequenos e mais próximos do Sol, já solidificados, mais maciços, descrevem órbitas mais pequenas, tendo poucos satélites. Todos os planetas têm os seus eixos de rotação inclinados sôbre o plano das suas órbitas, sendo estas pouco oblíquas em relação à nossa eclítica (desvio máximo, 8°).

O eixo de Neptuno é o mais inclinado, mostrando-nos, por isso, sempre, o seu polo Norte; o de Júpiter é quási perpendicular. As zonas em que os planetas nos aparecem em volta da nossa eclítica, chamam-se zodiacos, caracterizados pelas doze constelações: Aries, Touro, Gémeos, Cancer, Lião, Virgem, Balança, Escorpião, Capricórnio, Aquário e Peixes. A inclinação do eixo de rotação, cujo ângulo varia 50" por século, deve-se ao facto, segundo o qual o nosso polo Norte foi outrora polo Sul, modificação que levou uns 2,5 milhões de anos e que explica os restos de flora e fauna encontrados no subsolo dos polos gelados, bem como as modificações climatéricas da Terra. As distâncias médias dos planetas ao Sol são: Mercúrio, 58 milhões de km.; Vénus, 107; Marte, 227; Júpiter, 777; Saturno, 1.425; Urano, 2.867; Neptuno, 4.492; Plutão, 9.015.

(1) Einstein explica a gravitação e, portanto, a rotação dos planetas, pela deformação do *continuum* — espaço-tempo — na proximidade duma massa material (espaço geométrico curvo). O átomo seria como que um ponto singular do espaço-tempo.

Bibliografia

por J. D. S.

O CHANCELER DE FERRO, *de J. W. Rochester,* romance mediúnico, recebido pela médium *W. Krijanowski.* Livraria da Federação E. Brasileira. 1941. 466 pag.

Este romance pertence à triologia «O Chanceler de Ferro», «Herculanum» e « A Vingança do Judeu». O espírito do Conde J. W. Rochester ditou-o com o fim de dar a conhecer o panorama social do Antigo Egito, nos tempos faraónicos. De facto, podemos dizer que êste livro empoigante e fértil em imprevistos é um verdadeiro capítulo da grande história das almas que, através dos séculos, vão descrevendo a sua trajectória. Uma vez iniciada a leitura já se não abandona mais, tal o interêsse da narrativa, cada vez mais sugestiva e atraente, até à última linha, em que se cantam hossanas ao Egito libertado do jugo estrangeiro, que tantas dores e agonias lentas provocara.

«Herculanun» é o dealbar do Cristianismo em luta com o poder da Roma dos césares. Romance igualmente belo e cujas personagens vêm do Egito para se afirmar numa civilização diferente, prestes a sossobrar em ondas de dissolução moral.

«A Vingança do Judeu», finalmente, é a corôa de glória, a chave de ouro desta sublime triologia literária. O leitor é prêso de constante vibração espiritual, dir-se-ia viver intensamente as cenas descritas, cheias de colorido e demonstrativas do orgulho duma raça que a fatalidade histórica tem enchido de vexames e perseguições.

Ler estes livros é preparar a inteligência para as grandes Verdades Reveladas que o Espiritismo espalha em todo o mundo.

STELLA, romance de *Camille Flammarion.* Livraria da Federação E. Brasileira. — 1941 — 340 pág.

O nome de Flammarion é suficiente para recomendar êste romance, verdadeiro romance de amor puro, em que a mulher é exaltada, através de páginas soberbas que nos enchem de delícias espirituais. «Stela» (Estela) é uma aristocrata que abandonou o seu meio, cheio de engano e corrupção, e despertou para a Verdade que zomba dos preconceitos e prepara as almas para novos rumos, dando-lhes uma existência suave, alheia a sentimentos impuros, subordinada às mais elevadas directrizes.

Ao mesmo tempo, Flammarion polvilhou as páginas dêste livro com vulgarização astronómica interessante, como tem feito em muitas outras obras de real merecimento.

SONHOS ESTELARES, por *Camille Flammarion.* Livraria da Federação Espirita Brasileira — 1941 — 274 pág.

Mais uma obra do genial «poeta do ceu», como lhe chamou Michelet, o historiador de Joana d'Arc. Sim, mais uma obra, um precioso escrínio de quadros maravilhosos, que tão alto guindam a ciência astronómica e a maleabilidade literária de Camille Flammarion. Ler estas páginas, não é só adquirir conhecimentos, mas também recrear o espírito ávido de sensações novas e avaliar a grandeza infinita do infinito Criador dos Mundos. Nenhum livro nos dá mais exacta noção da nossa pequenez e inferioridade, em comparação com o majestoso desfilar dos sistemas planetários, ante a nossa visão estarrecida.

Obra de alto conceito, destinada a vasta difusão, «Sonhos Estelares» termina com uma conferência do matemático Newcomte, director do Observatório Naval dos Estados Unidos, acêrca de «A Filosofia do hiper-espaço e a quarta dimensão», que de-certo interessará a muitos estudiosos.

S/Out/41

O SEXTO SENTIDO

por Manuel Tavares

Entre a vida terrena e a espiritual, há uma enorme diferença resultante de dois mundos diametralmente opostos, mas que, ao mesmo tempo, demonstra como tudo no Universo é relativo.

Na vida terrena, os nossos sentidos físicos obedecem a leis físicas que regem o mundo material. Assim, a vista e o tacto não podem atravessar a matéria confinada nas suas três dimensões e o ouvido só é impressionado pelas ondas sonoras que atravessam a atmosfera. São órgãos constituidos especialmente para um mundo material, como os órgãos dos peixes são próprios da vida aquática e os órgãos locomotores das aves o são para vôos atmosféricos.

Todavia, as sensações visuais, tácteis e auditivas, não estão propriamente nos olhos, nos dedos e nos ouvidos (1), mas no cérebro, para onde são transmitidas por meio da rêde de nervos espalhados por todo o corpo, tal como uma central telefónica ou telegráfica, ligada a todo o país por meio da sua rêde. Por seu turno, a alma, o nosso Eu psíquico, recebe essas sensações coadas pelo cérebro e dá-lhes uma realidade tão relativa, quão relativo fôr o estado da sua evolução.

A alma é, pois, o centro principal de tôdas as sensações e estas seriam em maior número e mais diversas, se, em vez de cinco sentidos, o corpo humano possuísse mais um — o sexto sentido — que lhe proporcionasse a faculdade de poder, com a vista — que neste caso seria já uma vista espiritual — penetrar a matéria, perceber os fluidos, tomar conhecimento com o mundo invisível e comunicar com os encarnados e desencarnados, por meio da transmissão do pensamento.

O órgão dêsse sentido existe no corpo humano. Será um órgão embrionário e, duma maneira geral, tendo talvez afinidades com a evolução psíquica; mas, de facto, existe. Se assim não fôsse, não seria possível a mortal algum possuir aquelas faculdades e está provado que há e tem havido pessoas que as possuem — às quais se deu o nome de médiuns e iluminados — embora essas faculdades sejam restritas, dependam dum meio especial e pareçam estar subordinadas a um comando superior que as limita e dirige. Não são, portanto, faculdades independentes, absolutas; e a razão é simples, como simples é o facto de só muito poucas pessoas as possuirem.

Se êsse sexto sentido fôsse geral, como são os outros cinco, isso produziria no mundo, no estado actual da nossa civilização, uma revolução tal, que inverteria a ordem social, lançando a confusão nas almas e prejudicando a nossa evolução moral. Estamos ainda muito atrazados e somos ainda indignos de tal mercê. É por êsse motivo que, até nas raras pessoas a quem foi concedida, ela está subordinada a vários factores, dos quais o principal é a direcção superior e invisível a que está sujeita.

* * *

Na vida espiritual não há sentidos especiais. O espírito, livre das peias materiais, possui então em maior grau tôdas as faculdades sensoriais que o cérebro humano transmitia ao espírito quando encarnado, além das que lhe são próprias, em relação ao meio fluídico em que vive.

Encontrando-se o espírito envolvido pelo seu corpo fluídico e achando-se num plano onde tôdas as coisas que o cercam são tão fluídicas como o seu próprio corpo, é natural que, devido à relatividade do meio, o seu corpo pareça tão material aos espíritos perturbados ou inferiores que nele habitam, como o era quando encarnados. Até mesmo aos espíritos lúcidos de categoria menos que inferior, essa ilusão deva ser ainda por muito tempo bastante real, ao ponto de julgarem ver pelos olhos, ouvir pelos ouvidos, tactear pelos dedos, falar pela bôca e cheirar pelo nariz, quando a-final tôdas essas sensações estão apenas localizadas no espírito, que as traduz livremente e sem auxílio de qualquer órgão intermediário.

É na situação de espírito livre que o sexto sentido, ou, por outra, o sentido que nos falta se manifesta em tôda a sua pujança.

Êle já não é, pròpriamente, um sentido, mas uma faculdade espiritual que permite ao espírito comunicar-se pelo pensamento, atravessar corpos opacos, vêr através da matéria, transportar-se com a velocidade do pensamento, perder a noção de tempo e espaço, e, sendo superior, assistir a um eterno presente, com o desaparecimento do passado e do futuro, numa manifestação maravilhosa do poder omnipotente de Deus e da Sua infinita misericórdia para com os espíritos que souberem vencer as provas rudes, colocando acima de todos os interêsses materiais e egoísticos o princípio espiritual e divino que dá a vida ao Universo.

Esta última faculdade é a resultante de um trabalho árduo e laborioso que deu ao espírito uma evolução tal, que lhe alargou os seus horizontes espirituais, assim como a um viajante terreno que, depois de ven-

(1) Verifica-se êsse facto no estado cataléptico com exteriorização da sensibilidade.

Notas & Comentários

No limiar do terceiro ano

Ao entrar em novo ano de pugnas doutrinárias, Estudos Psíquicos saúda, jubilosamente, tôda a família espírita portuguesa, especializando colaboradores e leitores, a quem envolve num grande abraço de reconhecimento. Não esquece, também, tôda a imprensa, portuguesa, brasileira e estrangeira, que tem propagado a Doutrina ou veiculado algumas notícias do movimento espírita mundial.

Dois anos decorreram cheios de espectativa e de ansiedade, durante os quais tivemos de lutar valorosamente, terçando armas leais e procurando atrair valores positivos que em grande parte concorreram para cimentar os alicerces desta obra, que há de manter-se, custe o custar, em holocausto às Verdades Eternas que propagamos.

Embora não conseguíssemos atingir os objectivos colimados, mercê de múltiplos obstáculos que surgiam a cada passo, pondo à prova a nossa tenacidade e espírito de sacrifício; embora tivéssemos que despender grande parte de energia na resolução de questões inglórias, para que fomos impelidos, bem contra vontade; embora houvéssemos sido obrigados a aparar sérios golpes, dirigidos à acção que permanentemente desenvolvemos, a-fim-de obter triunfos para a Causa, estamos certos de que o nosso trabalho não foi em vão e que dêle resultaram evidentes benefícios.

Felizmente, estamos imunizados contra calúnias, intrigas e vitupérios, por mais venenosos que sejam os seus germes. Por outro lado, não ignoramos que as grandes causas só triunfarão, quando os adeptos forem dignos delas. Eis, porque, nesta trincheira, todos se esforçam por evolucionar e bem cumprir, sem temer que os apontem a dedo, como fauna digna de manicómio. E suportaremos alegremente todos os vexames que nos impuserem, desde que a nossa oblação enalteça o Ideal que servimos abnegadamente.

Continuaremos, pois, a trabalhar no sector que tomámos à nossa conta, sem pruridos de orientadores, nem veleidades impróprias de quem conhece bem o limite das suas faculdades e a resistência das suas fôrças.

Estudos Psíquicos passou momentos difíceis, quási angustiosos; mas conheceu, também, a dedicação de amigos sinceros que, a par do óbulo material, lhe trouxeram colaboração espontânea e novos assinantes que substituíram alguns de menos fé que pecúnia. E assim como soubemos resistir ao desalento, quando o ânimo parecia extinguir-se, soubemos, igualmente, gozar os instantes felizes, verdadeiramente compensadores.

Cientes de que sem esfôrço nada se consegue de duradoiro, aqui estaremos de guarda ao baluarte, prontos à defesa enérgica, mas cristã, sempre que inimigos ou adversários desleais o distingam com seus ataques preconcebidos.

O programa não foi modificado. Continuamos a pensar, como no dia em que o primeiro número visitou, nervosamente, o leitor amigo.

O primeiro volume desta obra chegou ao seu termo normal. O segundo volume vai começar, com a

---

cer todos os obstáculos que encontra na ascenção de uma montanha, vê alargar o seu horizonte visual ao achar-se na máxima altitude. As restantes faculdades, a-pesar-de gerais, são, porém, limitadas, como é natural, para os espíritos inferiores, que as possuem em maior grau, à medida que vão evolucionando.

Na vida espiritual produz-se também um fenómeno interessante: é o poder que a vontade possui de plasmar imagens formadas pelo pensamento consciente ou inconsciente, do que resulta tornar-se mais forte a ilusão dos espíritos inferiores ou pouco cultos, ao irradiar o seu pensamento. Essas imagens têm vida mais ou menos prolongada, segundo a intensidade do pensamento que as originou. Porém, quando elas são produto de pensamento elevado e forte de uma entidade superior, existirão emquanto durar a necessidade da sua existência, tanto na parte respeitante às necessidades sociais, — chamemos-lhes assim — dos vários agrupamentos de espíritos, como às do seu progresso espiritual.

É uma verdade incontestável que o pensamento tem forma e côr, até mesmo quando promana dum espírito encarnado; mas, como é fluídico, é para nós invisível.

Contudo, a sua existência mais ou menos prolongada e a sua forma mais ou menos compacta, surtem os seus efeitos, segundo a intenção de quem a plasmou.

Por estas singelas palavras, vemos que o mundo terreno e o mundo espiritual são, entre si, mundos diametralmente opostos, mas cujos extremos se tocam, tornando-se um a continuação do outro. Se, porém, os analisarmos no ponto de vista da sua relatividade própria, observamos neles uma certa analogia que os torna quási semelhantes.

Assim, terminamos como começámos: tudo no Universo é relativo.

mesma elevação mental e espiritual, com o fim exclusivo de exercer propaganda criteriosa, demonstrando que o Espiritismo deve ser estudado, antes de ser criticado.

Temos esperança no ciclo que se abre diante de nós, como grande incógnita que se irá desvendando, à medida que a ampulheta do tempo esgotar a provisão dos dias.

E sem louvores nem subserviências, visto que tudo se faz em nome da Causa, diremos a uns e outros, homens sadios e de boa vontade:

— Amigos, novo ano principia! ¡O Ideal exige mais trabalho, mais dedicação, mais sacrifício! ¿Há por aí quem queira acompanhar-nos na faina proveitosa de trazer algumas ovelhas ao aprisco?

«¡Quem tem ouvidos de ouvir, oiça!»

O legado de Firmino da Assunção Teixeira

Em 1 de Junho de 1932, Firmino da Assunção Teixeira fez o seu testamento no notariado de Emídio Pereira dos Santos, Póvoa do Varzim, do qual testamento extraímos os seguintes parágrafos:

— Lega à Federação Espirita Portuguesa, com sede em Lisboa, provisòriamente na Costa do Castelo, 68, 1.º, vinte por cento do remanescente da sua herança, cuja importância servirá para ajudar a construção da sua sede em Lisboa e para fundo de propaganda espirita; — Lega mais à Federação vinte por cento do remanescente da sua herança, à qual faz incumbência de guardar esta importância com o fim exclusivo (o sublinhado é nosso) para, de futuro, a Federação socorrer os centros espiritas legalmente constituídos em Portugal e Ilhas, dando preferência aos centros que mais trabalhem na propaganda espirita em Portugal.

A primeira parte do legado foi gasta na construção da sede própria, sita à Rua da Palma, cujas despesas ultrapassaram em muito o orçamento feito.

A segunda parte ficou à disposição dos centros espiritas, alguns dos quais chegaram a receber o que de direito lhes pertencia. Mas esta situação caducou em 1937, porque os actuais dirigentes da Federação utilizaram o legado no pagamento das dívidas existentes, nunca mais se importando com os legítimos direitos dos centros, a-pesar dêstes haverem diligenciado pela resolução do assunto.

Nós concordámos com a utilização do legado no pagamento de dívidas a credores impertinentes, certos de que não havia, então, outro meio de sair do abismo que se escancarava; contanto, que os centros não fôssem prejudicados, isto é, que as primeiras receitas do arrendamento do prédio da Rua da Palma, hoje transformado em cinema, fôssem destinadas a saldar os compromissos para com os mesmos centros e a reconstituir o legado.

Os centros, porém, deviam ter sido consultados. Cremos que nenhum dêles se oporia, visto tratar-se de salvar a Federação, em péssimas condições económicas. Pois, não só não foram consultados, como nunca mais obtiveram resposta a preguntas feitas acêrca do legado. Quem vai à Federação, só traz evasivas, indecisões, paliativos, dignos de quem se quer furtar a cumprir a lei.

¿Está a Federação a reconstituir o legado? Eis uma coisa que ninguém sabe, que ninguém pode saber, além duns tantos felizardos que devem viver no segrêdo dos deuses. E dizemos que ninguém sabe, porque os dirigentes da Federação não apresentam contas há muitos anos. Podem, querem e mandam. São olímpicos, voluntariosos, absolutos, quando, a-final, a Doutrina manda ser correcto e tolerante, dentro da dignidade individual que se deve manter. Mas dignidade individual não é desprêzo pelos direitos alheios.

O Centro Espiritualista Luz e Amor é um dos que se julgam com direito ao rendimento do legado. A sua obra de constante propaganda está à vista de todos. Pobre, sem recursos que lhe garantam desafogada existência, mesmo assim trabalha para que a palavra falada e escrita seja dinamizada com o maior vigor e para que os desenganados da medicina obtenham o alívio necessário às suas enfermidades.

Pouco nos interessa que certas pessoas não dêem ou não queiram dar pela nossa existência; o que, realmente, nos preocupa é o fortalecimento da Causa, que para outra coisa não vivemos. Pela Causa, tudo esquecemos e perdoamos, desde que haja provas de sinceridade, desde que haja intuitos de verdadeira colaboração.

A Sociedade Portuense de Investigações Psíquicas queixa-se, mais uma vez, de que os actuais dirigentes da Federação não satisfazem os seus constantes rogos a respeito do legado e acrescenta que não deseja levantar questões judiciais com aquêles confrades, visto que os homens passam e darão contas a um tribunal supremo, a que todos estão subordinados.

Apreciando tão belos sentimentos, seja-nos, porém, lícito dizer que temos de pugnar pelos nossos direitos, até à sua cabal satisfação.

Sejamos tolerantes, mas sejamos também dignos de nós próprios e de quem pôs à nossa disposição um meio de propaganda que outros pretendem destruir em proveito de desígnios, por emquanto ignorados.

O homem julga que manda, mas, ao contrário, nada mais faz que obedecer, submetido pelo instinto à vontade da lei. Instituïções, leis, tôdas as manifestações sociais são forma e não substância, são a veste exterior de fôrças biológicas. Os verdadeiros responsáveis, mais ou menos iludidos ou guiados, são os puros, que suportam o pêso da própria involução. Os chefes são simples transmissores de ordens que não seriam compreendidas, nem obedecidas, se não proviessem dum comando mais profundo, que a todos domina.

De «A Grande Síntese»

Por êsse mundo...

— O Dr. Ildefonso da Silva Dias assumiu a direcção de *A Reincarnação*, órgão da Federação Espirita do Rio Grande do Sul, ao qual já vinha, há muito tempo, prestando os seus serviços.

— O Asilo «Esperança» e a Sociedade Espirita «Bezerra de Meneses» estão a distribuir uma série de biografias ilustradas, relativas a Paulo, Apóstolo, Vicente de Paulo, Bezerra de Meneses, Cairbar Schutel, etc. Bela propaganda.

— O nosso amigo Dr. Francisco Klörs Werneck está a traduzir a obra do Dr. Carl A. Wicland. «Trinta anos entre os mortos» e a publicá-la na *Revista Internacional do Espiritismo*, do Brasil.

— Na cidade brasileira de Franca, S. Paulo, acaba de instalar-se a Casa de Saúde Allan Kardec, organização apreciabilíssima que reflete a acção dos confrades que ali trabalham, cheios de fé e de entusiasmo. Consta de três majestosos pavilhões de dois andares, com instalações confortáveis para 200 internados, além de pavilhões especiais para outros serviços.

A assistência médica está entregue aos Drs. J. Matias Vieira e Tomás Novelino e a parte espiritual é dirigida pelo Centro Espirita Esperança e Fé.

A Casa de Saúde Allan Kardec é um verdadeiro património que muito honra o Espiritismo no Brasil.

— O Grupo Espirita Pedro de Macaé, Brasil, tem obtido interessantes fenómenos de *transporte, materialização* e *moldagens em parafina*.

— A Liga Espirita do Brasil compõe-se, actualmente, de 85 associações, sendo 68 no Distrito Federal e 17 no interior. Mantém 5 escolas primárias, com cêrca de 400 alunos e um Ambulatório Médico que, no último ano, acusou o seguinte movimento: Pessoas atendidas: 18.637; curativos ginecológicos, 781; intervenções cirúrgicas, 97; injecções aplicadas, 6.725. Total — 26.240.

A mesma Liga inaugurou há pouco um Consultório Jurídico, destinado a prestar assistência judiciária às associações espiritas. É director dêste Consultório o Dr. Celestino Vasques de Freitas.

— A Coligação Cristã Brasileira de Socorro às Vítimas da Guerra, realizou ultimamente, no Teatro Carlos Gomes, do Rio de Janeiro, um torneio evangélico dominical, em que se fizeram ouvir representantes de várias religiões, ventilando assuntos de natureza evangélica. No primeiro domingo de Junho passado, tomaram parte no intercâmbio o nosso redactor-correspondente Dr. Carlos Imbassaby e o nosso consócio Agostinho Pereira de Sousa, Presidente da Direcção da Associação Espirita Obreiros do Bem, que está a construir o Hospital Espirita Pedro de Alcântara, a que nos temos referido.

Êste estudo comparativo é de alto interêsse para os estudiosos das religiões e da filosofia.

— *Psychic News* conta o impressionante caso dum indivíduo profundamente desesperado que não queria sobreviver à espôsa, vítima dum forte bombardeamento aéreo. Era tal o seu desespêro, que escreveu ao *Daily Telegraph*, protestando contra os ritos e fórmulas com que a igreja anglicana acompanha os enterros ao cemitério. Tais fórmulas nenhum alívio lhe deram. Foi então que Maurice Barbanell, director de *Psychic News*, lhe enviou o seu livro «Êles serão consolados». E do resultado da leitura dizem-no os seguintes parágrafos, que extraímos do artigo:

«Um dia o pobre homem foi encontrado sôbre a sepultura da espôsa, onde jazia atravessado e com o corpo todo molhado. Tinha ali passado a noite. Duas vezes fôra ao cemitério com um revólver no bôlso...

— «Depois li o seu livro» — disse-me êle. «Li-o muitas vezes... O seu livro desembriagou-me... Agora já não quero morrer... Salvou-me a vida».

— Com grande surpresa, lemos em *Mundo Espirita* uma local, noticiando a renúncia de Leopoldo Machado ao lugar de director-presidente da Hora Espirita Radiofónica, do Rio de Janeiro, de que era fundador. Para o substituir, foi convidado o nosso prezado amigo e colaborador professor Ismael Gomes Braga, que aceitou o cargo.

— Desencarnou o grande pioneiro espirita Leopoldo Cirne, um dos mais activos presidentes da Federação Espirita Brasileira, cujo órgão, o «Reformador», dirigiu cêrca de 18 anos. Deixou os seguintes trabalhos: «Memória Histórica do Espiritismo», «Doutrina e Prática do Espiritismo» e «O Anti-Cristo, senhor do Mundo». Há muito tempo que trabalhava numa obra de fôlego, intitulada «O Homem, colaborador de Deus», deixando inacabado o último capitulo.

— Na India, os médicos curadores têm feito curas verdadeiramente milagrosas, tais como asma crónica,

Crónica Estrangeira

por Isidoro Duarte Santos

Experiências psíquinas na América do Norte

Segundo lemos em *Mundo Espirita*, uma das mais importantes revistas cientificas norte-americanas *(The Scientific American)* empreendeu há pouco a investigação metódica dos fenómenos psíquicos, tendo acudido ao apêlo a médium Ann Ericson, a qual aceitou espontâneamente o convite da Comissão de Investigações Psíquicas, declarando não ter inconveniente em se apresentar perante os investigadores, uma vez que o ambiente fôsse satisfatório e não prejudicasse as comunicações espiritas. Acrescentou que desde muito nova possuía o dom da sensibilidade que lhe permitiu estabelecer relações com o Além.

— É necessário — escreveu ela — é necessário absoluto silêncio nas minhas sessões, para não prejudicar as correntes invisíveis que ligam o meu corpo aos corpos etéreos que me enviam as suas mensageiras.

Informou também que recebera notáveis comunicações de Isabel, a última dos Tudores, que se interessa muito pelos nossos problemas, terminando por dizer que pode e quer apresentar provas concretas das suas relações com o espírito da grande rainha, diante de qualquer comissão legítima de pesquisadores da verdade que intente investigar e ver por si mesma as manifestações do espírito da rainha Isabel Tudor.

Em face das declarações da médium, a Comissão de Investigações Psíquicas procurou local adequado à comunicação com os espíritos daquela época e soube que o sr. William Randolph Hearst comprara e levara para os Estados Unidos uma das cornijas da «Casa Velha», conhecida por «Alojamento do Rei», em Sandwich, Inglaterra, devido ao facto de Henrique VIII ali se ter alojado algumas vezes.

Estas peças de madeira datam dos tempos de Isabel e pertenciam aos aposentos da rainha, construídos em 1572.

Dunninger, que era o presidente da Comissão, viu grandes possibilidades psíquicas na habitação de Hearst, sugerindo-a imediatamente à senhora Ericson, que a aceitou, tendo os preparativos sido feitos pelo Dr. Armand Hammer, encarregado da venda da colecção Hearst.

E uma sessão se realizou, na noite de 17 de Março...

Eis o que Dunninger, velho investigador, disse nessa noite aos representantes da imprensa de Nova-York:

«O que hoje parece impossível, será ámanhã coisa comum. Aqui não há preconceitos, não estamos contra, nem a favor de qualquer religião. Trata-se dum esfôrço científico para alcançar o fundo da alma. É uma comissão investigadora que não procede com truques e subterfúgios. O que buscamos é a verdade dos fenómenos psíquicos.

«¿Há fantasmas, espíritos de vampiros que vêm do outro mundo a êste e acêrca dos quais nada sabemos? Em nosso esfôrço para encontrar os factos, sob a denominação de fenómenos espiritas, poderão ajudar-nos os médiuns que possuam faculdades que necessitamos de estudar».

Antes de apagarem as luzes, a sr.ª Ericson pediu silêncio absoluto e disse nada poder garantir, mas que esperava comunicar com o espírito de Isabel.

Pouco depois, a médium começou a falar:

— Não percam de vista a Rússia...

Algumas pessoas declararam ter ouvido pancadinhas e estálidos na mesa, junto da qual estava a sr.ª Ericson, Dunninger, Peck, membro do Conselho Universal de Investigações Psíquicas e um membro do *Scientific American;* e, durante a experiência, Dunninger e Peck conservaram entre as suas as mãos da médium.

— Há muitos que duvidam, mas eu tenho motivos para acreditar que o meu país se salvará e que Hitler será destroçado. (Devia ser, talvez, a rainha Isabel a dar a sua opinião). Chegar-se-á a uma crise, entre Abril e Maio, e esta guerra não terminará. Haverá um período de cinco anos de tormenta, de oceano a oceano, de irmão contra irmão, de nação contra nação.

A seguir, a voz da sr.ª Ericson elevou-se mais e os sons sucederam-se com mais rapidez, a-pesar da médium ter as mãos prêsas nas mãos dos dois investigadores citados. Sùbitamente, Dunninger declarou, com voz alterada:

— Há uma substância invisível nos lábios da médium. Creio ser indicação de ectoplasma. Sim, é ectoplasma. Não vêem?

Depois duma pausa, todos os olhos procuraram captar na escuridão aquêle fenómeno psíquico.

Terminada a sessão, a sr.ª Ericson estava caída sôbre a mesa. De-

ram-lhe água. Ela parecia continuar em transe.

Todos notaram a demonstração ectoplásmica e dois dos assistentes viram os espíritos manifestantes, que eram, segundo afirmação da médium, a rainha Isabel e o Conde de Essex.

A Comissão era composta pelas seguintes individualidades: Dunninger, presidente; Walter C. Alvarez, da Clínica dos Irmãos Mayo; Vincent Bendix, da Bendix Aviation Corporation; Thornwell Jacobes, reitor da Universidade de Oglethorne; Valdemar Kaemnffert, redactor científico do *New-York Times;* Daniel Kape, advogado; Joseph H. Krauss, director do *Science Observer;* M. Luckiesh, director da General Electric: A. Paul Peck, membro do C. U. I. P.; A. D. Rathbone, secretário.

História espantosa dum manuscrito

O relato que se vai ler é o resumo dum artigo publicado na revista *Carteles,* da Havana, pelo jornalista americano e investigador de ciências psíquicas sr. Allan C. Whintropp, que se mantém neutral, quanto à apreciação dos fenómenos, visto nem ser absolutamente céptico, nem absolutamente crente na continuação da vida no Além.

Como não possuímos aquela revista, socorremo-nos da tradução feita por *Alvorada de Uma Nova Era,* de S. Paulo, que acaba de nos chegar às mãos. Eis o resumo do caso:

O sr. Whintropp previne o leitor acêrca das intenções que o moveram à publicação do seu trabalho. E escreve:

— A minha única missão, como jornalista, é aproximar-me dos factos curiosos, originais, inexplicáveis, e obter os antecedentes necessários, garantindo-me contra falsidades e imposturas e, uma vez seguro de que o caso se produziu como foi divulgado, expô-lo ao leitor, a-fim-de que êste chegue a conclusões que o satisfaçam. Os espiritas, ou, pelo menos, aquêles que têm conhecimento profundo da matéria, verão nestes mistérios a confirmação das suas teorias. Os incrédulos, por sua vez, buscarão uma razão lógica que os esclareça.

O caso passou-se com o professor Nichola Andrey Woodright, então catedrático de filosofia positiva da Universidade de Michigan e adversário acérrimo do Espiritismo. Durante quinze anos, escreveu livros, realizou conferências, publicou monografias, com o fim de robustecer a tese materialista, chegando a manter controvérsias com outros professores que acreditavam na sobrevivência.

Em 1928, Woodright começou a escrever um livro importantíssimo, trabalhando até altas horas da noite, num pequeno escritório, anexo a copiosa biblioteca que êle enriquecia de obras inestimáveis. Ninguém podia interrompê-lo e poucas pessoas tinham permissão de o visitar. E em Fevereiro de 1930, morria sùbitamente dum aneurisma, deixando 27 capítulos escritos, dos 30 que deviam completar a obra ansiosamente esperada pelos seus admiradores, que eram muitos. Era tal a espectativa, que tudo se preparava para lançar a primeira edição em Junho. O que é certo é que o facto entristeceu todos os interessados, visto que os três capítulos que faltavam deviam, certamente, corresponder às conclusões finais onde se fixaria a tese do autor.

Depois de muitas deliberações, a Universidade dirigiu-se à família do professor, a-fim-de adquirir a obra, senão para a editar, ao menos para a utilizar no ensino.

Logo que Woodright corrigia os originais, entregava-os a sua filha Mary, de 18 anos, que os dactilografava. Depois de verificar a transcrição, destruia os originais ou guardava-os, conforme o caso.

Reconheceu-se, finalmente, que era um dos mais profundos tratados filosóficos escritos pelo ilustre catedrático.

Arquivaram-se os 27 capítulos, tendo a família recebido dois mil dólares pelo trabalho. Mas o tempo decorria e o silêncio pairou sôbre Woodright e o seu livro...

Em 1934, ingressa na Universidade um jovem californiano de 22 anos, chamado Charles Newmann, magro, pálido e de vivíssima inteligência, tendo conquistado imediatamente os primeiros lugares, principalmente em História e Sociologia.

Um dia, o professor de História dissertou e ordenou aos ouvintes que escrevessem sôbre a matéria citada.

«Newmann pegou na pena — continua Whintropp — e começou a escrever com rapidez extraordinária. E quando os outros estudantes terminaram a tarefa, ainda o californiano continuava a escrever, alheio a tudo que o rodeava.

«Após duas horas de trabalho, tinha escrito umas sessenta tiras de papel; depois, com passo de autómato, entregou-as ao professor e retirou-se maquinalmente.

«Quando examinou as tiras, o professor ficou surpreendido ao verificar que ali não havia nada de História. Era uma dissertação erudita acêrca de filosofia positiva, escrita numa linguagem e com uma letra que não eram habituais em Newmann.

«O professor, tomado de grande perplexidade, dirigiu-se ao reitor e mostrou-lhe o monte de tiras. Êste último, apenas as analisou, pôs-se em pé e declarou que aquela letra era exactamente igual à letra do defunto Woodright.

«As tiras de Newmann tinham um cabeçalho que dizia: «Capítulo 28».

«A notícia expandiu-se, como pólvora.

«Newmann foi convidado a explicar o sucedido, mas declarou que não tinha escrito aquilo e que desconhecia em absoluto a matéria ventilada».

Três dias depois, o estudante recebia o capítulo 29, sem dar razão do acontecimento e com a mesma caligrafia do capítulo 28, a qual os peritos examinaram, reconhecendo-a

como igual à letra do professor de filosofia.

Newmann ficou alarmadíssimo, com semelhantes fenómenos, de que não tinha a mínima consciência, e anunciou aos professores que abandonava aquêle estabelecimento de ensino, para evitar publicidades ruïdosas. A-pesar da oposição dos catedráticos, Newmann antecipou as férias e seguiu para S. Francisco da Califórnia. Passados dezassete dias, o estudante assistia a certa representação com uma família amiga, quando foram convidados a ir à residência solarenga dum rico ex-congressista, chamado Carl V. Ingres, que acolheu gentilmente os hóspedes, oferecendo-lhes magnífico repasto, no fim do qual Newmann visitou a Biblioteca com o dono da casa. Apenas lá entrou, dirigiu-se ràpidamente para a secretária e pegou numa caneta, começando a escrever febrilmente em fôlhas de papel que ali existiam.

Ingres não fez reparo, julgando que se tratava de simples apontamentos; e como o papel se ia esgotando, preguntou-lhe se desejava novas fôlhas.

Newmann não respondeu e continuou a escrever da mesma maneira.

Ingres dispunha-se a interrogar novamente o estudante, quando êste, chegado ao fim da última fôlha, abriu sem vacilar a gaveta da extrema esquerda, onde havia muitas fôlhas, e tirou uma grande porção delas, como se tudo aquilo lhe fôsse familiar. Entretanto, o dono da casa retirava-se discretamente e Newmann prosseguia no seu trabalho, como nos casos anteriores.

Ingres comunicou o caso aos outros convidados, que se dirigiram à biblioteca, onde viram o seu amigo entretido na escrita automática.

Ao terminar a obra, recuperou a sua expressão habitual, parecendo conservar vaga lembrança do ocorrido.

— É curioso — disse êle aos amigos — Sinto-me como se despertasse do sono. É a primeira vez que tenho noção do que acontece...

Depois, acrescentou, pegando nas tiras de papel:

— Já terminei a obra... parece. O próprio doutor Woodright mo disse em sonho. Vi-o numa biblioteca espaçosa, com uma grande janela sôbre païsagem agreste... Veio até mim dum pequeno salão, seu escritório particular; e dirigindo-se a uma estante, tirou um livro de capa dourada, detrás do qual havia tiras manuscritas, que me entregou, dizendo: «São as últimas. Copie-as. Não o incomodarei mais». Parte delas estavam destruídas pela humidade ou por qualquer líquido, motivo por que, onde não podia ler-se a escrita, o professor Woodright me ditava as palavras omitidas.

No dia seguinte, Newmann telefonou ao reitor da Universidade e contou-lhe tudo. Quando regressou a Detroit, tinham sido descobertos, na biblioteca de Woodright, os originais dos três capítulos, que estavam detrás dum livro de capa dourada... Nem o professor os tinha corrigido antes da morte, nem a própria filha dêles tinha o mínimo conhecimento.

Newmann nunca tinha visitado a casa de Woodright e ignorava a topografia da biblioteca.

E o jornalista americano termina assim o seu artigo:

«Quando as tiras de papel de Woodright foram confrontadas com as de Newmann, parte escritas na Universidade e as restantes na residência de Ingres, em S. Francisco, viu-se que eram perfeitamente iguais, com a mesma ortografia, a pontuação no mesmo lugar e feita do mesmo modo. Em nenhuma linha havia qualquer palavra a mais e os próprios traços de união e divisão das sílabas estavam exactamente nos mesmos lugares. A única diferença era que os originais encontrados na biblioteca de Woodright estavam destruídos nalguns pontos e os de Newmann incluíam as palavras que não podiam ser identificadas nos primeiros.

«Newmann nunca trabalhou como médium, nem interveio em quaisquer experiências psíquicas ou espíritas, antes ou depois dêste curioso episódio. Após a formatura, retirou-se para a Califónia, onde vive, afastado das práticas ocultistas.

«O livro do professor Woodright foi editado. Todos os pormenores expostos são rigorosamente exactos e comprovados.

«Agora, leitor, ¿que pensa você dêste mistério?»

Congresso espirita Pan-Americano

A Confedaração Espirita Argentina dirigiu há pouco uma súplica interessante, proposta a tôdas as nações americanas, no sentido de se realizar no próximo ano um Congresso Espirita Pan-Americano em Buenos Aires. Eis a exposição dos motivos que levaram aquela operosa agremiação a tão grande empreendimento, subscritos pela Comissão pro-Congresso Pan-Americano, composta por Humberto Mariotti, Henrique L. Pérez e Naum Kreiman:

1.° — A Federação Espirita Internacional, com sede em Paris, desapareceu como instituïção organizadora.

2.° — A Confederação Espirita Argentina crê do seu dever indicar ao Espiritismo americano a necessidade de criar uma Federação Espirita Americana, capaz de mobilizar o pensamento espirita em busca duma cultura espirita americana.

3.° — A América, terra virgem, será regada pelos verdadeiros ideais do espírito, para que a vida de seus povos não seja conduzida ao precipício, no instante em que se esboroa a velha cultura europeia.

4.° — Americanismo não significa separação da América do resto do mundo, não implica divisionismo internacional, cultural ou económico. Americanismo é, para nós, símbolo e fonte de inspiração duma nova cultura para tôda a humanidade.

5.° — O Espiritismo é o grito de justiça e de libertação do género humano. O espírito, realidade posi-

tiva do homem e do mundo, é a fôrça indestrutivel que impulsiona a vida dos sêres, que move os processos históricos, que cria a cultura, que evoluciona através de suas experiências, desde o plano das revelações humanas até às mais elevadas culminâncias, constantemente superadas pelo hálito criador e vivificante de vidas úteis e proveitosas ao género humano.

Êste é o nosso pensamento e a nossa posição em face do mundo; e faremos os maiores esforços por esta causa no desejo de que a América cumpra o seu verdadeiro destino histórico: — terra fecunda, onde os homens realizem plenamente o conteúdo espiritual da sua vida.

6.° — Sustentar as seguintes teses, no 1.° Congresso Espirita Pan-Americano: *a)* Os valores da Filosofia Espirita; *b)* A Filosofia Espirita e a Ciência; *c)* A Filosofia Espirita e a Moral; *d)* Sociologia Espirita; *e)* Criação duma Federação Espirita Americana; *f)* Organização do movimento espirita.

Esta exposição foi seguida da proposta a que aludimos, concebida nos seguintes termos:

Art. 1.° — Organizar o 1.° Congresso Espirita Pan-Americano na República Argentina, Buenos Aires, durante o mês de Maio de 1942.

Art. 2.° — Participarão no referido Congresso tôdas as federações e sociedades, bem como todos os espiritas em geral dos países das três Américas: América do Norte, América Central e América do Sul.

Art. 3.° — Sustentar as seguintes teses no Congresso (são as seis teses acima referidas).

Art. 4.°—Poderão fazer-se, igualmente, declarações de carácter geral, relacionadas, com o Espiritismo.

Art. 5.° — Cada Delegação ou representante proporá os meios mais variáveis e eficientes para desenvolver o mais possível a propaganda.

Art. 6.° — Propor-se-á a realização do 2.° Congresso Espirita Pan-Americano para o ano de 1946 e que tenha lugar na América Central, em lugar e data que os representantes dessa América acharem mais convenientes.

Art. 7.° — Nas nações onde houver uma ou mais Federações ou Sociedades, formar-se-á uma comissão especial encarregada da organização e preparativos dos Congressos.

Art. 8.° — Dar conta ao IV Congresso Espirita Argentino, a realizar no corrente ano, acêrca das sugestões e proposições realizadas a respeito dêste Congresso, bem como dar aos simpatizantes oportunidade de apresentarem novas idéias.

Art. 9.° — Logo que se conte com o assentimento de regular número de Federações e Sociedades das três Américas para realizar o Congresso, organizar-se-á uma subscrição inter-americana para enfrentar as despesas de Secretaria e Propaganda que êsse acto exigir.

Tudo o que se fizer para a realização de tão importante Congresso será louvável e merecerá o apôio dos espiritas de todo o mundo. Pela nossa parte, faremos o que pudermos, no sentido de tornar conhecido êste empreendimento.

A velha Europa encontra-se doente e não tem fôrça para reagir contra o esterquilínio deletério que se opõe à germinação de idéias de paz. Temos que olhar para outro hemisfério, já que êste não responde aos nossos anseios espirituais. Tem a palavra o continente americano, terra de liberdade bem compreendida, onde o Espiritismo lançou raízes fortes e está causando a admiração do mundo. Que sejam felizes na emprêsa. Nós estaremos vigilantes e saberemos repetir o eco dos seus triunfos.

Se o espaço infinito nos deslumbra por sua imensidade sem limites, a eternidade sem começo e sem fim ergue-se, talvez ainda mais formidável, diante da nossa contemplação terrificada. As vozes do passado falam-nos do fundo do abismo: falam-nos do futuro.

Camille Flammarion

AS TAXAS POSTAIS

Quási tôda a imprensa portuguesa se tem referido à última remodelação das taxas postais, tendo a «Gazeta do Sul» desempenhado interessante papel nas reclamações contra as taxas de cobrança, que são absolutamente proïbitivas.

«Estudos Psíquicos», que luta com dificuldades para se manter, não pode efectuar cobranças por intermédio dos correios, sob pena de sossobrar irremediàvelmente. Nesta conformidade, apelamos para a dedicação dos nossos assinantes, que muito nos obsequiarão, enviando-nos directamente a importância das assinaturas, cuja recepção acusaremos por meio de postal e da revista, onde passaremos a responder, em nova secção, que em breve será inaugurada.

Igual pedido fazemos aos sócios do Centro que residem na província, alguns dos quais já nos enviaram as suas cotizações até o fim do ano corrente, gentileza que muito agradecemos.

NÚMEROS ESGOTADOS

Estão esgotados os números 1, 3 e 6 desta revista. Havendo alguns assinantes que desejam completar as suas colecções com aquêles números, agradeceríamos que os não-coleccionadores no-los enviassem, a trôco de importância a estabelecer, conforme o seu estado de conservação.

Noticiário

Jornais e revistas

Recebemos a visita das seguintes publicações: *Reformador, Revista Espirita do Brasil, Mundo Espirita, Alvorada duma Nova Era, Jornal Espirita, O Revelador, O Farol, Amor à Verdade, A Alvorada, Arauto da Fé, Aurora, Revista Internacional do Espiritismo, Estrêla do Bem, A Reincarnação, Conquista Espirita, O Espiritualista* (atrazado), *Rosendo, Cristianismo, En la senda de Jesus, Boletin de la Associacion Estudiosa Camilo Flammarion, La Idea e Psychic News*, tôdas do estrangeiro.

Também recebemos os nossos colegas portugueses: *Além, Luz e Caridade, A Rosa Cruz, Osiris, Região de Leiria, Gazêta do Sul* e *Comércio de Leixões*.

A todos, os nossos cumprimentos.

Jantar de homenagem ao director do «Alem»

Segundo relataram os diários portuenses, a Sociedade de Investigações Psíquicas daquela cidade ofereceu em 15 de Outubro corrente um jantar de homenagem ao nosso confrade e velho amigo Manuel Cavaco, a quem nos prendem laços de verdadeira afinidade espiritual.

Presidiu o Dr. António J. Freire e assistiram mais de cinqüenta pessoas, representantes dos meios cultos, nos quais o homenageado conta sólidas dedicações. Estavam presentes redactores do *Comércio do Porto*, do *Primeiro de Janeiro* e do *Jornal de Notícias* e falaram muitos oradores, enaltecendo as qualidades morais dum homem de extraordinário dinamismo que põe acima de tudo o amor à Causa, defendendo o Ideal Espirita com tôda a fôrça do seu entusiasmo.

Estudos Psíquicos associa-se à justíssima homenagem, enviando ao seu amigo um grande abraço de estima, portador da nossa admiração e solidariedade.

Que êle continui por muito anos à frente do *Além*, que soube manter com o seu talento e contínua dedicação, são os nossos votos mais sinceros.

As nossas conferências

No dia 19 de Outubro, foi inaugurado o novo ciclo de conferências, na sede do Centro Espiritualista Luz e Amor, tendo o nosso prezado colaborador sr. Coronel Faure da Rosa deliciado os ouvintes com uma bela exposição, intitulada «O homem que dormiu cinqüenta anos», extraída duma novela de Richet, na qual se estudam os contrastes entre duas civilizações.

A sugestão do tema e a maneira elegante como o orador fez a leitura do seu trabalho, calaram no ânimo da assistência, que premiou o conferente com uma carinhosa salva de palmas.

Nova colaboradora

Com o artigo «A Verdade Surge», inicia hoje a sua colaboração em *Estudos Psíquicos* uma nossa irmã em crenças, dotada dum grande discernimento e rara elegância mental. Que seja benvinda! Que continui a trazer-nos o seu quinhão de verdade, nesta santa cruzada de espalhar o Espiritismo filosófico, moral e científico! Estas colunas humildes e simples muito se honram com a sua presença, com a disposição de quem deseja dar à Causa os anelos do seu coração e os vôos da sua inteligência.

Trancrições

A *Revista Internacional do Espiritismo* tem transcrito várias nótulas da nossa «Crónica Estrangeira», entre elas, «Meu filho está salvo» e «Fenómenos Psíquicos no momento da Morte». *O Revelador* transcreveu igualmente, o artigo do nosso colaborador Dr. A. Dias Pratas, intitulado «Considerações sôbre o perispírito».

«Em legítima defesa...»

«Em legítima defesa (Carta-Aberta ao sr. Carlos José da Costa Carinha, vice-presidente da Direcção da Federação Espirita Portuguesa)»

Sob êste título e sub-título aparecerá brevemente um folheto da autoria do nosso colaborador, sr. Dr. António J. Freire.

A edição é do autor, sendo o produto da venda repartido em partes iguais pelas caixas de beneficência da Sociedade Portuense de Investigações Psíquicas e do Centro Espiritualista Luz e Amor. O preço é de 1$00 (um escudo), incluindo o porte do correio.

Na redacção desta revista, aceitam-se pedidos, acompanhados da respectiva importância.

Grupo Espirita Humildade

Acabamos de receber uma carta do nosso confrade de Aveiro, sr. Eduardo de Pinho das Neves, comunicando-nos que a maioria dos componentes da fracção que constituia o Grupo n.º 2 (Grupo Curador) do Grupo Paz e Caridade, de Aveiro, inaugurou em 6 de Outubro corrente um novo Grupo, intitulado *Grupo Espirita Humildade*, com sede na rua João Mendonça, 5, e do qual fazem parte os seguintes confrades:

D. Leontina Cabral Hogan (Léo);
Garibaldi Ferreira Neves
João Calixto
João Simões Neto
António de Oliveira
José Pereira da Silva
Eduardo de Pinho das Neves.

---

anemia perniciosa, como se demonstra num folheto dedicado ao grande pioneiro espirita hindu V. D. Rishi, em homenagem ao seu espírito organizador, por ter fundado e mantido o Centro Espiritual de Curas, em Combatore, no sul da Índia.

— O médium inglês W. T. Parish realizou há pouco uma cura extraordinária, a-pesar da lei últimamente aprovada na Câmara dos Comuns, proïbindo aos médiuns o exercício das suas faculdades. Pois W. T. Parish salvou uma mulher desenganada pelos médicos e que aguardava o momento de morrer, vitimada pelo cancro. No próximo número, falaremos do caso na «Crónica Estrangeira».

Tôda a correspondência deve ser dirigida para a Rua João Mendonça, 5, Aveiro.

Por intermédio desta revista, saúda o novo Grupo tôda a família espírita portuguesa.

Pela nossa parte, agradecemos as saüdações, fazendo votos para que o novo agrupamento, tão gentilmente distinguido por uma brilhante colaboradora de *Estudos Psíquicos*, continui a dignificar a Doutrina, chamando a atenção do público para as suas curas.

Estas colunas estarão sempre ao dispor dêstes humildes obreiros e de todos quantos trabalharem desinteressadamente pelo prestígio da Causa Espírita.

Oferta de livros

Mais uma vez a Fundação Marieta Gaio, do Brasil, distinguiu o Centro Luz e Amor com uma oferta de livros, amabilidade que muito agradecemos. Aos seus dirigentes, a expressão sincera do nosso reconhecimento, por semelhante gesto vir fortalecer a vida duma agremiação que luta com dificuldade para se manter.

Os que nos deixam

No dia 14 de Outubro corrente, desencarnou em Espinho o nosso colaborador Dr. Alfredo Mota, grande amigo de *Estudos Psíquicos*. A sua acção em prol desta revista pode considerar-se verdadeiramente notável, motivo por que muito sentimos o seu passamento. Impetramos, pois, o auxílio dos nossos guias, no sentido de acompanharem aquêle bom amigo, dando-lhe o amparo de que o seu espírito necessite, na nova jornada que empreendeu.

Aos Centros e Grupos da Província

Como já tivemos ocasião de dizer, repetimos hoje:

— *Estudos Psíquicos* continua a ser e será porta-voz de todos os centros e grupos espíritas que no-lo solicitem, estribados em fundamentos racionais, isto é, que pratiquem a doutrina subordinados às regras preconisadas pelos investigadores de são critério.

Estudos Psíquicos estará sempre convosco, prezados irmãos! Veïculará as vossas aspirações, propagará os vossos alvitres e relatará os vossos trabalhos. Será voso órgão, já que nasceu para unificar tôda a família espírita, afastando e destruindo os germes dissolventes que provocam a sizânia. Podeis contar com o seu apôio incondicional, com o seu conselho amigo, com a sua vigilância rigorosa. Fazemos questão de auxiliar as agremiações que vivem ignoradas e quantas delas produzindo obra de grande valor».

Transcrevemos estas palavras do nosso n.º 8, que assinalou o aniversário desta revista. Como as nossas intenções se não modificaram ainda, elas estão, portanto, actualizadas e aproveitamos o ensejo para saüdar efusiva e fraternalmente todos os Centros e Grupos que acorreram ao nosso seio, bem como os que desejarem ter por porta-voz uma revista como *Estudos Psíquicos*, certos de que encontrarão sempre nela o carinhoso acolhimento que se deve proporcionar a irmãos em crença, lutando por um ideal nobre e desejosos de progredir na senda de Jesus.

Auxílio aos necessitados

Aproximando-se a época do Natal e desejando nós, a exemplo dos anos anteriores, distribuir donativos pelos nossos irmãos necessitados, abrimos, desde já, a respectiva subscrição, certos de que algumas lágrimas poderemos estancar, numa quadra em que se esquecem momentaneamente as paixões e se olha com mais carinho pelo semelhante.

P. G. S. F.	10$00
H. S. F.	5$00
D. Maria Gonçalves Duarte Santos	10$00
H. E. F. S. P.	5$00
Isidoro Duarte Santos	10$00
Manuel Tavares	5$00
Estêvão Rodrigues	10$00
J. Dias	5$00
A. Diniz	5$00
J. B. M.	5$00
J. Vendrell	22$50
A. L. G.	5$00
	97$50

Sessões de tratamento magnético

Com uma assistência razoável e, por vezes, infelizmente super-abundante, os grupos de tratamento magnético do C. E. L. A. prosseguem com tôda a boa vontade e dentro das suas possibilidades, aliviando o sofrimento de pessoas que a êles acorrem na esperança de um alívio ou de uma cura.

Sentindo-se auxiliados pelos seus amigos do Além, êsses grupos intensificam cada vez mais os seus trabalhos numa alegre satisfação do dever cumprido e dando de graça o que de graça recebem. Já funcionam alguns grupos de tratamento, onde certas curas se têm operado, razão para não afrouxar no trabalho empreendido.

Grupos Familiares

A Direcção do C. E. L. A. insiste novamente com os seus associados para que formem mais grupos familiares, pois só em pequenos agrupamentos o meio será homogéneo e, portanto, propício à obtenção de boas comunicações. Prestar-se-lhes-á tôda a assistência espiritual, para que realizem cabalmente a sua missão, integrados no Centro e de acôrdo com o respectivo regulamento, que será franqueado aos seus directores.

Biblioteca

Todos os dias úteis, das 21 às 24 horas, um director de serviço receberá na sede do Centro tôdas as pessoas que desejem qualquer informação, estando à disposição dos sócios os livros da respectiva biblioteca durante êsse espaço de tempo, bem como os jornais e revistas espíritas, nacionais e estrangeiras, endereçadas ao Centro e a *Estudos Psíquicos*. Além disso, estabelecer-se-á um serviço de leitura nos domicílios, mediante determinadas condições, constantes do Regulamento da Biblioteca, em elaboração.

Programa dos trabalhos do Centro E. Luz e Amor, em Novembro e Dezembro de 1941

Dia 2 de Novembro, às 16 horas — Sessão experimental.

Dia 9 de Novembro, às 16 horas — Conferência pelo Dr. Fred, intitulada «Pan-vitalismo e pan-psiquismo».

Dia 16 de Novembro, às 16 horas — Sessão experimental.

Dia 23 de Novembro, às 16 horas — Sessão experimental.

Dia 30 de Novembro. às 16 horas — Conferência pelo Dr. António J. Freire, intitulada «Os habitantes humanos do mundo astral».

Dia 7 de Dezembro, às 16 horas — Sessão experimental.

Dia 14 de Dezembro, às 16 horas — Sessão experimental.

Dia 21 de Dezembro, às 16 horas — Conferência pelo Dr. António J. Freire, intitulada «Os habitantes não humanos do mundo astral».

Dia 28 de Dezembro, às 16 horas — Sessão experimental.

Estudos Psíquicos

Revista de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental

DIRECTOR, EDITOR E PROPRIETÁRIO — ISIDORO DUARTE SANTOS

ANO 3.º LISBOA, NOVEMBRO-DEZEMBRO DE 1941 N.º 14

OS FENÓMENOS DO ESPIRITISMO

por Isidoro Duarte Santos

I

VASTO, muito vasto mesmo é o tema que vai preencher estes artigos. E tão vasto êle é, tão cheio de elementos de estudo, tão adequado a lucubrações filosóficas de grande alcance, que não ousaremos ir além de pálido resumo, pois nem o tempo nos sobra para semelhantes digressões, nem o nosso fraco saber suportaria a responsabilidade duma aventura, para a qual não estamos apetrechados neste momento.

¿E porque desejamos fazer análise e exposição de factos? É que não há nada como um facto para abalar o cepticismo dos homens superiores, pois já Lamarck dizia que, além dos factos, só há opiniões; e que as verdades positivas só se encontram nos factos que o homem pode observar. Não admira, pois, que nos escudemos nos fenómenos do Espiritismo, para demonstrar a veracidade da Doutrina e impô-la aos olhos dos profanos, principalmente daquêles que aguardam, com paciência e resignação, o dia em que serão iluminados.

Nesta época de comodismo, o facto conta mais do que as palavras. O facto é qual marca de fogo, que deixa vestígios indeléveis. Richet dizia que um facto bem controlado valia por cem observações. E tinha razão, o grande fisiologista. Nós podemos estar convencidos da existência de qualquer coisa que não vemos ou não sentimos, só por que o raciocínio nos conduz ao estado de credulidade. Perante a consciência, não temos dúvidas àcêrca da verdade de certa afirmação ou dedução científica. Tal convicção, porém, transforma-se em inabalável certeza, em face de prova tangível que, num instante, pode muito bem destruir edifícios seculares considerados eternos, ou afirmar princípios baseados em hipóteses algo duvidosas.

A Doutrina Espirita não teria galgado as fronteiras da ciência oficial, se os factos não tivessem vindo em seu auxílio, demonstrando a realidade da sobrevivência.

Pois que esta geração foi inoculada de vírus materialista, só aceitando como verdade o que podemos tocar ou impressiona os nossos sentidos, — permita-se-nos a expressão — ¿porque não havemos de acompanhar o gôsto e o ritmo da época, porque não havemos de combater o materialismo no seu próprio reduto especulativo, usando as armas que êle usa?

Provemos que os nossos métodos se baseiam na mais rigorosa experimentação e que não temos necessidade de impor teo-

rias indemonstráveis, tantas e tantas provas nos é dado possuir, tantos e tantos factos podemos apresentar.

A filosofia espirita, só por si, é mais que suficiente para levar à meditação e ao estudo dos grandes problemas do ser e do destino. Todavia, é melhor vulgarizar as experiências dos mestres que à ciência dedicaram o seu trabalho aturado, incansável, persistente, porque os seus testemunhos inconcussos não deixam lugar à dúvida.

Na verdade, ¿quem poderá duvidar das afirmações de Crookes, Wallace ou Aksakof, acêrca de experimentação científica? ¿Quem poderá duvidar da palavra de Zoëllner, de Gibier, de Flammarion, no tocante aos seus trabalhos astronómicos e biológicos? Ninguém, certamente. A palavra dêstes eminentes sábios é respeitada e acatada em todos os institutos e academias do mundo. Porque não acatar, igualmente, as suas afirmações, relativas aos fenómenos psíquicos, que tão pormenorizadamente estudaram e analisaram? Não usaram, porventura, métodos idênticos, num e noutro campo da acção desenvolvida? Se esta geração, como dissemos, é infensa ao reconhecimento de verdades indemonstráveis, não tem direito ao combate sistemático às inovação que surjam e pareçam, por estranhas e insólitas, derrogar as leis da Natureza.

A ciência, a verdadeira ciência, não deve ter prevenções de espécie alguma. Deve encarar, friamente, todos os fenómenos, dos mais simples aos mais complexos, abstraíndo convicções antecipadas, pois só assim produzirá obra honesta e duradoira.

A comunicação dos Espíritos

A comunicação dos espíritos é tão velha como o mundo. Todos os povos antigos, desde os vedas aos romanos, participaram da crença na imortalidade da alma. A-pesar disso, só alguns eleitos, como os anacoretas e os cenobitas, podiam tomar parte no intercâmbio com os desencarnados.

Jacoliot fala-nos da teoria hindu concernente aos Pitris, que eram espíritos que viviam no Espaço, após a morte do corpo. Era tão rigorosa a escôlha dos iniciados, que o segrêdo da evocação se destinava aos que tivessem, pelo menos, quarenta anos de noviciado e obediência passiva.

Os chineses também evocavam os seus antepassados e tal costume perpetuou-se de geração em geração, até os nossos dias.

A Grécia não era estranha à evocação dos mortos, como se vê na «Ilíada», o maior poema da antiguidade. As pitonisas espalhavam-se pelos templos e proferiam oráculos, orientando a política externa e escolhendo a época das guerras de conquista.

O mesmo costume chegou à Itália.

Emfim, tempo houve em que as manifestações atingiram grande desenvolvimento. Haja em vista os possessos de Lundun, os convulsionários das Cevenas e os visionários do cemitério de S. Médard.

O século dezanove pode denominar-se o século da filosofia materialista. O método experimental alargou consideravelmente a sua órbita e teve inúmeros adeptos, em detrimento do espiritualismo da época, o qual mergulhava, pouco a pouco, na indiferença e no esquecimento. A matéria apaixonava a Ciência, farta de metafísicas e ávida de coisas concretas e palpáveis. Para ela, o espírito era abstracção inútil e a existência de Deus não podia admitir-se, emquanto não fôsse cientìficamente demonstrada por *A* mais *B*, como numa operação algébrica. Era a revolta do feitiço contra o feiticeiro. Porque não bastava afirmar, rotundamente, que o sangue circulava nas veias ou que o magnetismo fazia curas, para as quais a medicina não tinha remédios adequados. Era preciso demonstrá-lo por *A* mais *B*, era preciso dar a prova irrefutável, que não deixasse dúvidas nos espíritos fortes, impantes de orgulho materialista.

Augusto Comte fundou o positivismo, ou a religião sem Deus, que «desprezava a indagação das causas». Êste filósofo pretendia uma religião demonstrada, que satisfizesse, ao mesmo tempo, ao sentimento, à imaginação e ao raciocínio.

Büchner, por seu lado, estabelecia novas teorias, com a publicação do seu livro «Fôrça e Matéria», criando irreverentes e afastando a mocidade do princípio religioso.

Os intelectuais queriam factos incontroversos, queriam provas evidentíssimas da existência do Criador.

E foi neste *mare magnum*, neste tre-

mendo conflito entre a Ciência e a Religião, que eclodiram os primeiros fenómenos ostensivos do Espiritismo, os tais factos que os homens reclamavam, porque, até então, a experimentação pertencera ao domínio das ciências ocultas. E a religião das religiões, que Augusto Comte não soubera criar, surgiu com o advento da nossa Doutrina, que não satisfaz, apenas, ao sentimento, à imaginação e ao raciocínio, mas assenta em bases experimentais que estão ao alcance de todos os investigadores e afrontam tôdas as idéias preconcebidas.

Os primeiros fenómenos

Êsses primeiros fenómenos consistiam em pancadas misteriosas que se ouviam em certa casa de Hydesville, na qual residia a família Fox, hoje ligada para sempre ao movimento espirita universal. Antes, porém, habitara na mesma casa Miguel Weakman, que preferiu abandonar o prédio, a indagar do que se tratava.

As filhas da senhora Fox interessaram-se pelos fenómenos, que se tornavam cada vez mais intensos, a ponto de os vizinhos se alarmarem e os curiosos afluirem ao local, em busca dos invisíveis brincalhões que tão pouco cerimoniosamente incomodavam pessoas pacatas que necessitavam de sossêgo para o seu trabalho cotidiano.

Uma das irmãs lembrou-se de convencionar um alfabeto especial e por êsse meio vieram a saber que se tratava dum espírito. Levantou-se grande borborinho. As autoridades intervieram no caso e as pobres raparigas foram desfeiteadas e infamadas. Por pouco, não foram linchadas pela multidão apaixonada e enraivecida. Valeu-lhes um popular decidido que generosamente acorreu em defesa delas.

Nomearam comissões para estudar a origem das pancadas. A família Fox é acusada de impostura e excomungada pela igreja metodista. Por fim, os fenómenos revelaram um assassínio, cuja vítima fôra sepultada na cave da casa.

Foi isto em 1848.

Eis como Hemma Hardinge resume os acontecimentos, no seu livro «Modern American Spiritualism»:

«Os cônjuges Bell habitavam uma casa em Hydesville. Um dia, passou por lá um mercador ambulante, a quem os Bell deram hospitalidade. Assustada, a senhora Bell saiu, ficando seu marido em companhia do hóspede recem-chegado. Daquela data em diante, não mais se viu o mercador e dentro de poucos meses o casal mudava de residência, apressadamente.

Vieram os Weakmann, que também partiram assustados e, finalmente, a família Fox, que testemunhou, como os precedentes, as misteriosas pancadas produzidas nas paredes.

Seguiram-se outras manifestações de «assombramento»: à noite, acordavam todos alarmados com os rumores duma furiosa luta entre dois indivíduos, à qual sucedia um estertor e se ouvia o rumor de sangue que esguichava. Depois, notava-se o baque dum corpo humano, que tombava exânime. Parecia ainda que alguém arrastava um cadáver e o descia pela escada que conduz à adega. Percebia-se mais o som de uma enxada que cavava a terra, um martelo que batia pregos num sarrafo de madeira e um balde que apanhava terra. Por fim, era o silêncio.

As meninas entraram em conversa com o «mistério» e souberam, de acôrdo com os sinais convencionados, que o espírito produtor dos fenómenos fôra um mercador, de nome Rosma, de 31 anos de idade, assassinado por Bell, com o fim de lhe roubar 500 dólares que trazia consigo. Acrescentou que fôra sepultado na adega, a dez pés de profundidade, e indicou o ponto onde se devia cavar para encontrarem os seus ossos.

Feitas as escavações, achou-se, de facto, uma prancha de madeira, debaixo da qual existia um espaço vago, onde se viam os cacos dum alguidar, cal, carvão, cabelos humanos, alguns ossos e fragmentos de crânio.

O mais importante é que haviam passado 56 anos. Ninguém mais pensava no episódio. Na adega em questão desmoronou uma parede e verificou-se, então, que se tratava dum muro postiço, construído cêrca de 80 centímetros da parede mestra. No espaço interposto, havia um esqueleto, onde jazia uma vasilha de pôr a tiracolo, como usam os mercadores ambulantes. Esta vasilha servia para demonstrar a identidade do assassinado».

O assassino, para maior tranqüilidade, mudou a sepultura ao cadáver, talvez com mêdo da acção da polícia.

A perseguição às irmãs Fox acelerou a rapidez do movimento espirita. Quanto mais a imprensa ridicularizava as mesas girantes, então muito em voga, maior reacção se operava nas multidões, convencidas de que alguma coisa havia para além da campa.

A violenta campanha desenvolvida contra os fenómenos chamou a atenção dos sábios. Fundaram-se jornais, editaram-se livros, levou-se a questão ao Conselho Legislativo de Washington, por intermédio duma petição subscrita por 15.000 assinaturas. Os fenómenos multiplicavam-se por tôda a parte.

Como a conversação pela mesa fôsse demorada e fastidiosa, as entidades invisíveis sugeriram a construção da prancheta, que ainda hoje é usada por muitos investigadores.

Mais tarde, reconheceu-se que bastava o médium empunhar um lápis, para que traçasse caracteres automáticos no papel. Obtiveram-se, dêste modo, desenhos, músicas e mensagens de grande valor intelectual.

Depois, veio a escrita directa sôbre ardósias hermèticamente fechadas e seladas, vieram as formas luminosas, entre elas, mãos e figuras humanas envolvidas em clarões fosforescentes.

A pouco e pouco, as aparições tornavam-se mais consistentes e muitas pessoas puderam tocar os fantasmas, que acabaram por ser colhidos pela fotografia.

O Juíz Edmonds, membro da Côrte Suprema, primeiro magistrado de Nova York, presidente do Senado, converte-se ao Novo Espiritualismo.

Os jornais profanos e evangélicos invectivam-no e o sábio responde, serenamente, com o seu livro «Spirit Manifestations», que produziu sensação nos Estados Unidos.

O sábio não se atemoriza. Pelo contrário, redobra de energia.

— Como julguei tratar-se de fraude e tinha intenção de esclarecer o público, resolvi prosseguir nos meus estudos; mas as minhas investigações conduziram-me a resultado oposto.

Quer dizer: o Juíz Edmonds estava convencido de que desmascarava os farsantes e acabou por se curvar, inteiramente, à realidade dos fenómenos.

O mesmo aconteceu ao Professor Mapes, da Academia Nacional dos Estados Unidos e a um professor da Universidade de Pensilvânia, chamado Robert Hare, que repetiu as experiências de Faraday, acêrca das mesas girantes, mas não foi bem sucedido. Tôdas as suas tentativas para explicar os fenómenos segundo as leis da Física moderna, foram inúteis, chegando, finalmente, à conclusão de que a nova fôrça física era dirigida por inteligências independentes.

Êste sábio construíu um disco e adaptou-o à mesa, de maneira que o médium não pudesse ver as letras que estavam gravadas na parte dum quadrante, voltado para os espectadores. O médium, por sua vez, permanecia na outra extremidade da mesa e só podia ver a parte do disco que estava em branco. Estas experiências foram publicadas em livro e tiveram êxito estrondoso. Era a Ciência que fazia o seu depoimento, não eram charlatães que abusavam da credulidade pública.

As controvérsias atingiram o auge e a verdade mais uma vez venceu a mentira. O Espiritismo triunfava, arredava todos os obstáculos, captava os homens de ciência. Quem estudasse a doutrina sem intenções malévolas, ficava prêso, era mais um adepto a juntar àquêles milhares que se multiplicavam, dia a dia, em tôdas as cidades da América do Norte, onde tudo é grande, a começar nos acampamentos espiritas, cujas sessões ao ar livre chegam a comportar seis a sete mil pessoas.

A repercussão na Europa

Estes fenómenos prestes se tornaram conhecidos na França e na Inglaterra, onde a experiência das mesas se difundiu, com a rapidez dos grandes acontecimentos.

Na França, serviu de divertimento frívolo nos salões e em tôda a parte onde havia meia dúzia de pessoas reünidas. Por tudo e por nada consultava-se a mesa, sem método, sem objectivo elevado, por mero passatempo, até que alguns anos mais tarde, aí por voltas de 1857, o Barão de Guldenstubbé publicou o livro «De la Realité des Esprits», relatando as primeiras experiências de escrita directa obtida em França. A imprensa recebeu esta obra de espada em riste e acabou por ridicularizar alguns estudiosos que persistiam na pesquisa dos fenómenos. Pouco depois, surgia a primeira grande obra de Allan Kardec, intitulada «O Livro dos Espíritos». Foi uma espécie de rastilho providencial que levou o povo a meditar, em vez de condenar, pura e simplesmente, sem exame prévio, as chamadas mesas girantes. Allan Kardec demonstrou no seu livro que das pequenas coisas nascem as grandes e que aquilo que muitos tomavam por simples distracção, «encerrava as mais profundas deduções filosóficas», tais como a prova da imortalidade da alma humana.

Pobre Allan Kardec! Por pouco, não caíu o Arco do Triunfo e a Nossa Senhora de Paris, tanta e tão grande celeuma se levantou contra o livro!

Que não havia espíritos, diziam os próceres da Academia, assim como Babinet e Chevreuil, que optavam pela fraude no movimento das mesas. O Conde de Gasparin afirmava, por sua vez, que as res-

postas dadas eram devidas à acção magnética. Outros, como Roggers, atribuíam tudo à acção automática dos centros nervosos, isto é, o cérebro, a matéria activa da medula alongada, o cordão espinal e as glândulas dos nervos do abdómen. Mas isto já era alguma coisa. Admitia-se a existência de fôrças psíquicas que dominavam a matéria... equivalente a um desvio da ciência no sentido do reconhecimento da física transcendental que acabava de aparecer com os fenómenos.

E dentro de pouco tempo o Espiritismo invadiu as camadas intelectuais e abriu caminho pelas vias mais apropriadas. Vítor Hugo foi um dos primeiros a converter-se à nova doutrina. As suas sessões com Madame de Girardin tornaram-se célebres, como nos conta Augusto Vacquerie, no seu livro «Miettes de l'Histoire». Eis as palavras com que o autor de «Os Miseráveis» acolheu a môfa dos críticos sem base:

«— A mesa girante e falante foi muito ridicularizada. Mas tal zombaria não tem valor. A Ciência devia sondar todos os fenómenos. Desviar a atenção do Espiritismo, é desviar a atenção da verdade».

O dramaturgo Vitorian Sardou era grande médium desenhador. A «Revista de Espiritismo» publicou, não há muitos anos, alguns dos seus curiosos desenhos.

O historiador Bonnemère não hesitou em escrever:

«Como tôda a gente, também zombei do Espiritismo; mas o que eu tomava pelo riso de Voltaire, era apenas o riso do idiota, muito mais comum do que o primeiro».

E tocou a vez a outros grandes sábios e literatos. Flammarion, por exemplo, um dos maiores astrónomos de todos os tempos, escreveu uma dezena de volumes acêrca do Espiritismo e seus fenómenos. Teófilo Gautier escreveu uma novela intitulada «Espirita». Lachâtre, George Sand e Balzac, partilharam, igualmente, das mesmas idéias.

Só a célebre Academia de Medicina de Paris se lembrou, em 1859, de atribuir os fenómenos a um músculo rangedor da perna. Esta descoberta sem rival deve-se a Jobert de Lamballe. Fixemos o nome, que vale a pena. *Jobert de Lamballe.* E tanto assim é, que a própria Academia louvou êste sábio por tão *famosa descoberta,* de-certo a mais importante do século dezanove, muito mais importante do que a dos micro-organismos, atribuída ao genial Pasteur...

É curioso verificar que o movimento espirita tocou, principalmente, os homens de ciência, os chamados intelectuais de labovatório. Eis o nome dos seis componentes da Comissão fundada em França para estudar os fenómenos: Sully Proudhomme, da Academia Francesa; Ballet, da Academia de Medicina; Beaunis, da Faculdade de Medicina de Nancy; Richet, o grande fisiologista Richet, da Faculdade de Medicina de Paris; Coronel de Rochas, director da Escola Politécnica, e Mariller, director das Conferências na Escola de Altos Estudos.

Se os fenómenos não fôssem dignos de estudo, certamente não mereceriam a atenção de tão conspícuos senhores.

* * *

Em Inglaterra, também se realizaram importantíssimos trabalhos, dirigidos por individualidades da maior envergadura e probidade científica. Todavia, os mais conhecidos e que mais influência exerceram no ânimo da opinião pública devem-se a *Sir* William Crookes, o grande químico que descobriu o *thalium* e o quarto estádio da matéria, a que chamou *radiante.* Homem tão positivo e habituado a trabalhos de laboratório, a pesar e a medir o infinitamente pequeno, não seria dado a fáceis credulidades, nem poderia ser induzido em êrro pelas supostas artimanhas de médiuns iletrados.

Pois êste sábio, considerado em todo o mundo como um dos maiores luminares da Ciência moderna, estudou e experimentou, durante quatro anos, e sucedeu-lhe o mesmo que aos outros experimentadores. Ouçamos o que êle escreveu em 1870, na *Quaterly Review* (Revista Trimestral), órgão da Academia de Ciências de Inglaterra:

«O espiritualismo (1) fala de corpos de 30 a 50 quilos de pêso, que são elevados no ar, sem intervenção de fôrças conhecidas; mas o sábio químico está habituado ao uso de balanças, sensíveis a pesos tão diminutos,

(1) *Espiritualismo* e *espiritualista* são os termos usados em Inglaterra para designar *Espiritismo* e *espiritista.*

que seriam necessários dez mil para perfazer um grão. Portanto, é natural pedir a essa fôrça que se diz guiada por inteligências e eleva até o teto um objecto pesado, que faça mover, em determinadas condições, balança tão rigorosa e equilibrada.

«O espiritualista fala de pancadas em diferentes partes dum aposento, emquanto duas ou mais pessoas estão plàcidamente sentadas em qualquer mesa. O experimentador científico tem o direito de pedir que essas pancadas sejam produzidas no tubo do seu fonógrafo.

«O espiritualista fala de aposentos assombrados e até danificados por um poder sobrehumano. O homem de ciência pede simplesmente que um pêndulo, colocado numa campânula de vidro e apoiado em sólida alvenaria, seja pôsto em oscilação.

«O espiritualista fala de objectos de mobília que se movem duns aposentos para outros; mas o sábio constrói instrumentos que dividem uma polegada num milhão de partes, sendo-lhe lícito duvidar da exactidão das observações efectuadas, se a mesma fôrça for impotente para mover o ponteiro do aparêlho, no simples espaço de um grau.

«O espiritualista fala de flores salpicadas de fresco rócio, de frutos e de sêres viventes transportados através de sólidas paredes de tejolo. O investigador científico pede naturalmente que um pêso adicional (que fôsse a milésima parte dum grão) seja depositado num dos pratos da sua balança, quando ela está no mostrador, fechado à chave; e o químico pede que se introduza a milésima parte de um grão de arsénico, através das paredes dum tubo de vidro, no qual se tenha encerrado, hermèticamente, certa porção de água.

«O espiritualista fala de manifestações de um poder equivalente a muitas centenas de quilogramas, que se produz, sem causa conhecida. O homem de ciência, que crê firmemente na conservação da fôrça e que pensa que ela nunca se produz, sem o esgotamento de qualquer coisa que a substitua, pede que as ditas manifestações se produzam em seu laboratório, onde êle as possa pesar e medir, submetendo-as às suas próprias experiências».

É verdadeiramente digna de aprêço a desconfiança com que *Sir* William Crookes se abalançou à investigação dos fenómenos. Pois êste sábio químico escrevia em 1876, após as suas experiências com a médium Florence Cook e enfrentando os sarcasmos dos seus colegas da Academia:

— Eu não digo que os fenómenos são possíveis. Digo que são reais.

Antes dêste sábio empreender as suas pesquisas, já a Sociedade Dialética de Londres, sob a presidência de *Sir* John Lubbock, tinha nomeado uma Comissão, de que faziam parte eminentes professores, os quais, após 18 meses de estudo, concluiram a favor da realidade dos fenómenos. Nessa Comissão estava o célebre Wallace, émulo de Darwin e que no seu livro «Miracles and Modern Spiritualism» (Os miligres e o moderno espiritualismo) fez a mais desassombrada profissão de fé espirita. E no número das testemunhas ouvidas figurava o professor Augusto de Morgan, presidente da Sociedade Matemática de Londres, bem como Cromwell Varley, engenheiro-chefe das linhas telegráficas inglêsas, que depuseram em favor dos factos espiritas. Emfim, na Inglaterra também foi grande o movimento, a que muitos sábios deram notório impulso.

Na Alemanha sucedeu o mesmo. Sábios como Kerner, astrónomos como Zoellner, fisiologistas como Weber, todos dedicaram a sua melhor atenção às investigações psíquicas. O professor Zoellner, da Universidade de Leipzig, escreveu a «Física Transcendental», onde narra as experiências que fez com o médium Slade. Um dos fenómenos que mais o intrigou foi a passagem da matéria através da matéria, como um raio de sol através do vidro.

Na Rússia, na Itália, na Bélgica, na Holanda, na Escandinávia, na Espanha, na Áustria, em Portugal, em tôda a parte onde havia homens ávidos de perscrutar e saber, os fenómenos psíquicos foram objecto de minucioso estudo, por parte de investigadores esclarecidos e que, cépticos a princípio, acabavam por confessar a realidade dos factos observados.

REFLEXÕES

Compenetrai-vos desta verdade: — O mal gera o mal, e o bem gera o bem. Quem quiser o segundo, deve renegar o primeiro.

Não procureis ser mais que os vossos irmãos. A modéstia é uma grande virtude.

Se fôsseis caritativos, o vosso Mundo estaria isento de misérias. Procurai exercitar-vos nêsse mester e em breve fareis dum mundo de prova, um mundo de regeneração.

Não discuteis. A discussão geral mal-entendidos.

Sêde sempre amáveis.

Procurai, no vosso íntimo, a causa dos vossos desgôstos.

Sêde humildes. A humildade é uma das melhores virtudes.

O PODER MENTAL

GENERALIDADES. A AURA HUMANA

pelo Dr. António J. Freire

O pensamento e a vontade constituem dois polos onde gravita tôda a actividade humana; — coeficientes máximos do seu índice *evolutivo* quando dirigidos no sentido do Bem e do Altruísmo, e do seu índice *involutivo* quando orientados no sentido do Mal e do Egoísmo.

O pensamento e a vontade são as fôrças propulsoras que orientam, condicionam e dinamizam o nosso psiquismo humano, podendo ultrapassar, nas suas modalidades supranormais, os limites impostos pela fisiologia e psicologia clássicas.

O pensamento e a vontade, como elementos plásticos, criadores e organizadores, independentemente do respectivo corpo físico ou somático que lhes serve de veículo e substrato, transcendem os limites da biologia materialista e agnóstica.

As manifestações culminantes do pensamento — génio, inteligência, imaginação, memória, consciência moral — ascendem a Humanidade ao vértice da escala zoológica, diferenciando-a nitidamente da sua ancestralidade animal. É um novo mundo que surge.

O poder ideoplástico e criador do pensamento é hoje um facto comprovado experimentalmente. Para alguns pensadores neo-espiritualistas, o Universo, o Cosmos, na sua complexidade e infinitas modalidades, é, em última análise, a materialização do pensamento de Deus, expresso no Divino Plano da Criação, tendo por essência o condicionamento do dinamismo da evolução espiritual, o triunfo decisivo e derradeiro do Espírito eterno sôbre a matéria efémera e transitória.

A Vida, no seu mais alto significado, nas suas múltiplas manifestações, traduz-se em pensamento e vontade, em idéias e realizações.

No nível actual da nossa evolução, o *pensamento-emoção* sobreleva infinitamente, em quantidade, o pensamento puramente mental e abstracto.

No presente estágio, a Humanidade vive numa atmosfera emotiva incomparavelmente mais intensa do que a intelectual, predominando as paixões inferiores derivadas do orgulho e do egoísmo, onde estão radicados os sucessivos cataclismos sociais da época contemporânea.

Entretanto, é ao pensamento que compete, pela sua superioridade hierárquica no psiquismo humano, educar, corrigir e orientar a natureza e sentido das emoções e dos sentimentos, despertando e vivificando a consciência moral pelo exercício das virtudes cristãs. A meditação, a concentração mental, a prece, são métodos eficazes, quando devidamente compreendidos e aplicados, para a vitória do espírito sôbre a alma passional. Sem êste auto-domínio, a evolução humana será dolorosa e demorada, oscilando num círculo vicioso de erros e de sofrimentos, até à compreensão pela Humanidade das suas melhores atitudes para conquista do seu destino glorioso e divino.

* * *

A teoria das *idéias-fôrças*, de Fouillée, acolhida com singular entusiasmo pela *élite* contemporânea, não tem a amplitude e originalidade que lhe foram atribuídas. Com três séculos de anterioridade, Van-Helmont ultrapassou a concepção de Fouillée, reconhecendo o poder ideoplástico, a exteriorização e a projecção, a distâncias consideráveis, das formas-pensamentos.

«O que denomino «espíritos do magnetismo» — diz Van-Helmont — não são espíritos que nos venham do céu e muito menos do inferno, mas provenientes dum princípio inerente à criatura humana, tal como a faísca que se desprende da pederneira».

«Graças à vontade, o organismo pode desprender uma pequena parcela de «espírito» que reveste forma determinada, transformando-se em «ser ideal».

A partir dêsse momento, êsse «espírito vi-

tal» torna-se em coisa algo como intermediária entre o ser corpóreo e os sêres incorpóreos. Assim é que pode locomover-se à vontade, não mais submetido às limitações do tempo e do espaço. Mas não se veja em tudo isto a conseqüência de poderes demoníacos, quando apenas se trata duma faculdade espiritual do homem, a êle intimamente ligada».

«Até aqui hesitei em revelar ao mundo êste grande mistério, graças ao qual o homem fica sabendo que tem ao seu alcance uma energia obediente à sua vontade, ligada ao seu potencial imaginativo, capaz de actuar exteriormente e influir sôbre pessoas distantes, mesmo muito distantes (cit. de E. Bozzano, «*Pensamento e Vontade*», trad. port. 1932).

Como se conclui desta transcrição, os filósofos alquimistas dos séculos XVI e XVII, Van-Helmont, Vanini, Agripa, etc., tinham já nessa época recuada um conhecimento preciso e claro da exteriorização e projeção a distância das formas-pensamentos (telepatia e telestesia), e da actividade extrínseca das energias biomagnéticas, base dos encantamentos, sortilégios e amuletos, curas a distância, e doutras complexas operações mágicas, empregadas tanto no sentido do bem, como do mal (teurgia e goécia). A-fim-de evitar os malefícios a que a sua vulgarização e *modus operandi* poderiam dar lugar, os prudentes e atilados alquimistas empregavam uma terminologia confusa e simbólica, incompreensível para os profanos, só acessível a iniciados e hermetistas.

* * *

Uma das maiores e das mais nefastas ilusões em que o mundo vive, êrro gravíssimo, de conseqüências deploráveis para a evolução espiritual da Humanidade, consiste na falsa suposição de que os seus pensamentos e sentimentos, os mais íntimos e secretos, ficam confinados dentro dos seus cérebros ou nos seus corações, ocultos nos refolhos da sua consciência mais recôndita, sem repercussão exterior.

A observação e experiência modernas demonstram, clara e insofismavelmente, a intensa e decisiva influência vibratória dos pensamentos-emoções, por vezes, exercendo a sua acção a distâncias astronómicas, de mundo a mundo, actuando individual e colectivamente, influenciando também as fôrças cósmicas, tanto no sentido do bem, como do mal, em função da natureza bemfazeja ou malfazeja dos pensamentos-emoções originais projectados para os meios etéricos e metetéricos correlativos aos mundos terrestre, astral e mental.

A telepatia espontânea e experimental (transmissão, a distância, de pensamentos, sentimentos e emoções *por mais extra-sensoriais* entre o agente ou emissor e o percipiente ou receptor) é actualmente um facto assente e positivo dentro do neo-espiritualismo e das ciências metapsíquicas.

Diz criteriosamente o sábio investigador prof. Richet: «só a ignorância ou a má-fé podem negar a telepatia», (*Traité de Metapsichique*, 2.ª ed., Paris, 1923).

* * *

Todos os actos, constituindo a trama das nossas vidas de relação, dentro na nossa actividade social, desde os mais simples aos mais complexos, dependem da estreita associação de três factores: 1.º — o pensamento que, estimulado pela emoção-desejo, o planeia e lhe dá forma; 2.º — a vontade, o esfôrço volitivo, que, reünindo e enfeixando as energias mentais e emocionais, as impulsiona e dinamiza para a realização objectiva; 3.º—a comparticipação completamente motora do corpo físico ou somático para a sua exteriorização material, que nada mais é do que a projecção e materialização da forma-pensamento-emoção no meio físico, executada imediata ou mediatamente.

O pensamento, mais ou menos mesclado de sentimentalidade e emotividade, é, em última análise, o general comandante de tôdas as nossas realizações no campo incomensurável das actividades sociais e psíquicas da alma humana.

Sendo o poder mental o ponto de partida para tôda a actividade humana, quer no meio físico e terrestre, expresso na vida de relação, quer no meio metetérico e espiritual, expresso no metapsiquismo humano, impõe-se lògicamente o dever indeclinável de cultivarmos todos os pensamentos e sentimentos dentro duma rigorosa higiene moral e cultural no sentido da nossa evolução espiritual, orientando-a nos moldes evangélicos do Cristianismo, fundamentando todo o exercício da nossa actividade dentro do princípio eterno e universal da Fraternidade humana exemplificado por Jesus Cristo, o Homem Divino.

* * *

Cada alma, na sua dupla modalidade, transmissora e receptora, é um poderoso e contínuo centro de irradiações mento-emocionais, sem tréguas nem repouso, transmitindo vibrações em todos os sentidos, variando essas ondas vibratórias em altura, amplitude, comprimento e velocidade, como forma, côr, intensidade e duração, em função da natureza e qualidade dos pensamentos-emoções e do grau de concentração da vontade que os impulsiona e vitaliza no percurso da sua trajectória.

Para alguns investigadores e clarividentes, a amplitude e velocidade das ondas mento-emocionais ou telepáticas ultrapassam as ondas hertzianas e da luz (300.000 quilómetros por segundo), o que nos dá a sensação ilusória do dom da ubiquïdade inerente à fôrça-pensamento.

* * *

O homem interior, invisível à vista normal, é incomparavelmente mais complexo do que o seu veículo material, mero instrumento da sua actividade psíquica durante o curto período limitado ao seu estágio terrestre, indispensável à sua evolução espiritual, regida pelas leis reencarnacionista e kármica.

Assim como o nosso corpo carnal ou somático tem as suas funções fisiológicas diferenciadas em órgãos, sistemas e aparelhos maravilhosamente estruturados e adaptados à vida vegetativa e à vida de relação, assim também os corpos perispirituais e espirituais que o vivificam, condicionam e orientam, têm, paralela e anàlogamente, corpos fluídicos e psíquicos sistematizados nas suas funções vital, emocional, mental concreto e abstracto, volitiva, intuitiva e ainda animados doutras faculdades da mais elevada espiritualidade embora embrionárias e latentes na grande maioria da Humanidade, dentro do actual ciclo evolutivo.

Em síntese: o futuro progresso da Humanidade traduzir-se-á na transformação dêsse potencial anímico, por agora em estado latente e virtual, a um estado futuro de dinamização e de actividade no decorrer de inúmeros milénios através do espaço e do tempo, senão do infinito e da eternidade, a-fim-de atingir o Homem-perfeito, o Demiurgo, sendo dada a essência divina do espírito humano (a mónada).

Todos êsses corpos perispirituais e espirituais do complexo humano estão patentes na *aura* ambiente de cada indivíduo, não constituíndo segrêdo para os clarividentes e para certos experimentadores do valor do coronel Rochas d'Aiglun, Lefranc, Leadbeater, A. Besant, dr. Baraduc, Lancelin, Durville, etc.

A *aura humana* (metasoma dos metapsiquistas) é constituída pelo envólucro fluídico, etério, do corpo carnal, de forma ovóide, de volume e côres variáveis, resultante do aglomerado dos corpos psíquicos que, interpretando-o, se projectam além da sua periferia numa extensão variável, de indivíduo para indivíduo.

As auras humanas, em geral, não irradiam além de meio metro da periferia do corpo físico, mas as auras de Buda e de Jesus Cristo irradiavam a longas distâncias, por vezes, quilométricas. A aura do nosso Logos envolve e interpenetra todo o seu Sistema Solar, o que determina a sua omnisciência e omnipresença dentro do seu sistema de mundos planetários, explicando-se assim a transcendente afirmação de S. Paulo: «*N'Êle temos a vida, o movimento e o ser*».

Dentro da aura dum Logos, ou de um Demiurgo, pela correlação vibratória mental e emocional do seu campo de vida, nas esferas da sua divina actividade criadora, facto algum, pensamento ou sentimento, Lhe poderá ficar oculto. Tôdas as atitudes individuais das criaturas sujeitas à sua divina influência —pensamento, sentimentos, intenções, atitudes psíquicas, expressas ou recônditas, ficam como que cinematografadas e fonografadas na Luz Astral onde se alinham com ordem, método e *verdade* os arquivos imarcessíveis da actividade integral de cada mundo onde os clarividentes instruídos e treinados podem ler, como em livro aberto, a História colectiva e individual de todos os ciclos da Civilização humana e da Criação desde os seus mais recuados primórdios.

Os maravilhosos fenómenos de *psicometria*, observados nos últimos anos, revelam a existência da Memória da Natureza impressa em todos os corpos inorgânicos e orgânicos terrestres, permitindo antever o mecanismo dos Registos Astrais, abrindo novas vias de investigação ao estudo da geologia, arqueologia, oceanografia, etc., (E Bozzano, *Enigmas da Psicometria*, trad. port. 1934).

* * *

Sob o ponto de vista individual, a aura é para o clarividente um objecto de estudo dos mais interessantes, transcendentes e instrutivos. Na aura de cada indivíduo reflectem-se sentimentos, emoções, pensamentos, aspirações, tendências, hábitos, carácter, pendores, patenteando o seu grau evolutivo espiritual, expressos num complexo aglomerado de imagens de cambiantes policromos, de forma, volume e vibrações variadas, traduzindo o nível do progresso mental e moral a que ascendem.

A vidência natural ou espontânea das auras humanas não é vulgar.

A cromática psíquica e metapsíquica, desde o corpo astral até aos corpos espirituais, é de difícil visibilidade e, por vezes, de interpretação eriçada de obstáculos porque as côres e respectivos matizes dos nossos corpos fluídicos apresentam colorações opalecentes, arco-íris, numa trama tão fina e delicada que se tornam irredutíveis à gama das côres terrestres.

Poucos são os clarividentes ocidentais que sabem ver e interpretar correctamente o corpo vital do duplo etéreo onde circula o prana, expressando as suas variações morfológicas e cromáticas os vários estados mórbidos e patológicos; menos ainda são os clarividentes que analisam e compreendem a estrutura e mecânica do corpo astral onde se geram e organizam os sentimentos, emoções, desejos, paixões; raros os videntes que saibam compreender o delicado mecanismo do corpo mental concreto e as formas-pensamentos a que dá origem incessantemente com os seus maravilhosos matizes amarelos mais ou menos brilhantes em função do egoísmo ou do altruísmo que os impulsionam e originam; mais raros ainda, raríssimos, de facto, os clarividentes privilegiados que saibam enfrentar o corpo mental abstrato, mais geralmente denominado *corpo causal,* correspondendo ao resplandecente *augoedeis* dos gnósticos e ao corpo glorioso de S. Paulo, onde está arquivada a história integral de tôda a evolução de cada indivíduo depois da sua humanização, através dos ciclos reencarnacionistas e kármicos inerentes ao seu progresso espiritual.

O exercício da clarividência muito tem concorrido para o estado do metapsiquismo humano, particularmente para a descrição pormenorizada das auras e das formas do pensamento-emoção.

No Oriente, pelo treino metódico da Raja-Yoga e particulares condições de higiene social, alimentar e moral, existem clarividentes de reconhecido valor. Foi nessa escola que se desenvolveram os admiráveis, extraordinários e cultos clarividentes, A. Besant e W. Leadbeater, falecidos recentemente, cuja valiosa e vastíssima bibliografia é uma das mais preciosas dádivas legadas à Humanidade nos últimos tempos (1).

(1) A. Besant et W. Leadbeater — *Les Formes-Pensées.*
W. Leadbeater — *L'Homme visible et invisible.*
W. Leadbeater — *De la Clairvoyance.*
A Besant — *Le Pouvoir de la Pensée.*

PELA PAZ UNIVERSAL

A humanidade esqueceu-se de que não veio à terra para usufruir comodidades, mas para cumprir uma missão de sacrifício. Em face desta guerra tremenda que ameaça subverter o mundo, é nosso dever apelar para as fôrças do Bem, utilizando tôdas as nossas possibilidades.

A todos os leitores que queiram contribuir para a paz universal, rogamos ergam a sua prece fervorosa todos os domingos ao meio dia em ponto, rogando a Deus, com tôda a fé, que ponha termo à medonha carnificina. A fôrça que nos ajudará não está nas palavras, mas no sentimento. Ponhamo-nos em condições de atrair êsse auxílio e teremos praticado um acto bom que redundará em benefício colectivo.

Irmãos e amigos! ¡Só a prece servirá de refúgio, quando tôdas as esperanças morrerem para o homem! Refugiemo-nos, pois, na prece e formemos uma grande muralha psíquica contra a violência que esmaga e inutiliza a mais bela prerrogativa do indivíduo: trabalhar em paz, a caminho da verdadeira evolução espiritual.

SEM RELIGIÃO?...

por Léo

Sim, talvez. Creio que ninguém deixará de obter provas psíquicas pelo facto de não ter crenças religiosas. Tanto mais que, segundo parece, os fenómenos de materialização, tão impressionantes, serão principalmente realizados por espíritos inferiores. Porque êsses, mais aproximados da matéria a que a sua situação os prende, possuem as melhores condições para realizar tais provas. Portanto, a falta de religião não inutilizará os trabalhos espíritas, nem prejudicará a observação experimental no seu rigor científico.

Eu costumo respeitar qualquer opinião. E num campo em que tudo, se não é inteiramente desconhecido é, pelo menos, quási sempre invisível, só nos sendo permitido observar o que, com intenção oculta, nos querem mostrar, neste campo de dúvidas, de experiências e de incertezas, tudo pode ser verdade como tudo pode ser mentira. Respeito, pois, tôdas as idéias, desde que elas tragam provas de criterioso raciocínio, de observação ponderada, e de sincera convicção. Respeito tôdas as religiões, porque tôdas conduzem à mesma finalidade: aproximar de Deus. A intransigência que leva à pretensão de que a razão só está do nosso lado, considerando até desprezíveis as outras religiões, é uma infantilidade agressiva que merece palmatória.

São precisamente aquêles que nunca se deram ao trabalho de examinar a verdade da sua proclamada fé — não há Fé sem crença e para crer é preciso saber em quê — que mais tenazmente se opõem às novas revelações. Êsses crentes superficiais, convencidos de que a religião deve ser aceite sem reflexão e sem estudo — é especialmente cómodo para quem tem mais que fazer — são os que principalmente se manifestam, ainda que sem qualquer autoridade, apresentando como estandarte a velha sabedoria dos outros e a sua aflitiva ignorância.

O Espiritismo existe, com religião ou sem ela. Mas, a mim, parece-me impossível concebê-lo sem a visão religiosa. Que é a religião? A crença numa fôrça superiormente poderosa e perfeita, a imagem e a origem do Bem. Ponde de parte essa fôrça: o que fica? Pequenas fôrças dispersas, tendo perdido a sua verdadeira significação espiritual, que é a marcha para o bem, a evolução, a sua razão de ser: quero dizer, o sentido das suas existências através das diferentes vidas por que são obrigadas a passar. A religião é, pois, a crença na principal razão que dá forma e vida ao Espiritismo. A existência de espíritos desencarnados, não se nos apresenta com outra explicação que não seja o seu caminho para o Bem Supremo. É aí que está encerrada a religião, é aí que está a significação da vida dêste Mundo, como a do Universo. Concebê-los fora dessa idéia religiosa, seria nadar num mar revôlto sem procurar a direcção da costa, pôrto de salvamento.

¿Que as religiões exigem reformas? Assim o creio. E as Entidades, que são o seu fundamento e a sua expressão, terão de ser encaradas de modo diverso. A possibilidade de comunicarmos com os espíritos elevados, aproximando-os de nós, tira-lhes em parte êsse místico sublimado que lhes dava o inatingível. É, com a devida distância, como a diferença que existia entre os palacianos que lidavam com os reis e o lapuz dos confins da província, julgando que o rei era de ouro. Nem por isso os cortesãos deixavam de ter respeito e dedicação pelo seu rei, antes pelo contrário, eram êles — sendo bons — os únicos que os sabiam tratar, considerando-os no seu devido valor. Simplesmente, não os julgavam de ouro; mas conhecendo a importância da situação por êles ocupada e reconhecendo-lhes as qualidades, melhor que ninguém os apreciariam, podendo mais sinceramente respeitá-los.

Assim, quando a humanidade tiver a convicção de que é possível comunicar com as Divindades, não se lhes dirigirá automàticamente, como quem cumpre um dever enfadonho, de cujo resultado nada sabe ou inteiramente duvida, e de que o respeito é apenas uma convenção. Mas há de dirigir-se-Lhes consciente e respeitosamente, querendo-Lhes com aquêle amor feito de admiração e de submissão, que apenas podemos sentir perante uma superioridade incontestável. A Verdade é só uma, sempre a mesma, mas a sua definição vai sendo remodelada a pouco

e pouco, em harmonia com a evolução dos homens, adaptando-se à compreensão dêles e ao seu desenvolvimento espiritual.

Nesse admirável «San Michele», Axel Munthe diz, a propósito de crenças: «A Igreja Católica não explica coisa alguma e continua sendo a maior potência do Mundo; a Igreja Protestante esforça-se por tudo explicar e, pouco a pouco, cai em migalhas».

Todavia, parece-me que chegou o momento da Igreja Católica explicar qualquer coisa, para que o seu prestígio não enfraqueça. Bem sabemos que cada religião possui determinadas revelações que avaramente esconde, apenas conhecidas dos iniciados, porque o vulgo as não compreenderia. Mas o vulgo, hoje, para crêr, tem também necessidade de compreender. E será preciso modificar certos símbolos, demasiadamente velhos.

Concordo com Axel Munthe, quando êle diz que os homens de hoje perdem excessivo tempo a ler e a ouvir as idéias dos outros. Melhor seria que êles se dispusessem um pouco mais a escutar os seus próprios pensamentos. «Nós podemos aprender a ciência alheia, mas a «sagesse», essa, devemos procurá-la em nós mesmos. A Fonte da Sabedoria brota do nosso próprio sêr, entre os profundos abismos dos nossos pensamentos e dos nossos sonhos solitários».

Porém, cada um de nós pensa e sente a seu modo. A posição do sol variando constantemente, constantemente modifica a situação do nosso planeta, não havendo dois minutos em que as ondas cósmicas actuem com a mesma fôrça na superfície da terra, e é essa, segundo Lakhovsky, a causa das diferenças que existem em cada pessoa, e a razão por que não há dois homens iguais, física e moralmente. «De momento para momento, as radiações modificam-se e as suas vibrações, e de cada uma delas nasce um efeito diverso, daí resultando, pela ocasião do nosso nascimento, a variação das nossas tendências, dos nossos gostos, da personalidade de cada indivíduo» — diz o mesmo autor.

Eu não sei se Lakhovsky terá sempre razão nas suas deduções, mas é certo que a natureza se encarregou da brilhante tarefa de nos diferençar, a todos. E assim como seria impossível fazer compreender a um ignorante o que o estudioso conquistou à custa do seu trabalho, também o estado espiritual de cada um, diferindo igualmente, coloca-nos em bem diversas condições para receber, ponderar e desenvolver qualquer assunto espiritual. Isso faz-me recordar a pitoresca frase do Padre Manuel Bernardes, a propósito dos poetas ímpios, que consideravam os temas religiosos impróprios para a poesia: «Porque não podem pintar por fora as idéias que não têm dentro».

Por mim, como a Igreja Católica, aquela em que nasci e fui criada, nada explicava que me satisfizesse, abalei em procura duma solução. Do que sofri até encontrá-la, só o saberá quem tenha passado pela mesma tortura. Sabendo que o Espiritismo oferecia a prova real das suas afirmações, a êle me cheguei, desconfiada talvez, mas cheia de interêsse, numa ansiedade que reflectia bem a minha instintiva inclinação para aquela revelação luminosa, que assim se abria à nossa observação, na sua parte experimental científica.

¿Quem, na ansiedade de saber, com sincero desejo de crêr e a necessidade imperiosa de se explicar a si próprio, desprezaria tal oportunidade?

MARCO POSTAL

Correspondendo ao apêlo que fizemos no último número, tiveram a amabilidade de nos pagar directamente a sua assinatura os seguintes confrades, a quem reconhecidamente agradecemos:

Fernando Alves, de Maiorga, até o n.º 18; *Manuel da Rosa Nunes*, de Campo Maior, até o n.º 18; *Adelino Antunes de Matos*, de Ceira, até o n.º 18; *António dos Santos* e *Alfredo Lopes Xisto*, de Coimbra, até o n.º 18; *Aníbal Gonçalves Portugal*, de Mamodeiro, até o n.º 18; *D. Maria Cecília de Carvalho* e *D. Maria Ferreira Soares*, de S. Tiago de Castelões, até o n.º 18; *Manuel do Rêgo Dias*, de Fonte do Bastardo, até o n.º 18; *António Proença Barata*, de Gonçalo, até o n.º 18; *João José Matias Baptista*, de Lagos, até o n.º 18; *Luiz Pires*, de Leiria, até o n.º 19; *José Ferreira Elias*, de Leiria, até o n.º 18; *José Fonseca de Figueiredo Cardoso*, de Lisboa, até o n.º 18; *D. Elisabete Valdez*, de Lisboa, até o n.º 18; *Mário Guterres Gomes*, de Macau, até o n.º 18; *António de Matos*, de Rosmaninhal de Mação, até o n.º 18; *João da Silva Gomes*, de Malange, até o n.º 18; *João Martins de Oliveira*, de Freixo da Serra, até o n.º 18; *Aníbal Cardoso Gomes* e *António Joaquim Gomes*, de Cabaços, até o n.º 18; *D. Maria Alice Enes da Silveira*, de Ponta Delgada, até o n.º 19; *Joaquim M. M. Marques Júnior*, do Pôrto, até o n.º 18; *José Afonso Gonçalves*, de Praia de Âncora, até o n.º 18; *Tenente Joaquim Vieira de Figueiredo*, de Santarém, até o n.º 18; *João Pereira da Cruz*, de Covêlo de Valadares, até o n.º 18; *Leonel Zacarias Pachêco*, de Praia da Vitória, até o n.º 18; *Crisanto de Melo*, de Aveiro, até o n.º 18.

Como, a-pesar-de tudo, temos de recorrer à cobrança postal, pedimos a todos os assinantes se dignem dar bom acolhimento a êsses recibos, não nos sobrecarregando com a sua devolução, que teríamos de pagar como se tivessem sido cobrados.

Àqueles que não desejem continuar a assinar *Estudos Psíquicos*, agradecemos a devolução dêste número, evitando-nos, assim, prejuízos graves incomportáveis com os nossos fracos recursos.

RELIGIÕES

pelo Coronel Faure da Rosa

(Concusão)

Guerras religiosas

A-PESAR das três religiões-troncos (Budismo-Cristianismo-Islamismo) prègarem a Bondade e a Tolerância, as lutas, as guerras, as perseguições existiram sempre desde os primórdios de cada uma delas. Félix le Dantec (1) observa que uma das coisas mais interessantes da história das religiões, é o facto de ter havido guerras de religião.

São oito as guerras que figuram na história com a epígrafe de «guerras de religião» e ensangüentaram a França de 1562 a 1598. Como não podia deixar de ser, porque o homem, em geral, põe o seu interêsse material acima de tudo, o conflito religioso degenerou em guerra política: dum lado a realeza e do outro as casas aristocráticas dos Guises e dos Bourbons. A primeira guerra começou com a matança de Wany. A oitava e última, foi a que durou mais: de 1585 a 1598, treze anos.

Por detrás destas guerras encontram-se razões económicas e de ordem pessoal, como sempre foi, é hoje e, assim, será sempre, emquanto o planeta que habitamos fôr o planeta de expiação.

O egoísmo não tem sòmente por domínio o interêsse material. O homem é um lutador na ordem do pensamento como em tudo o mais: *cada um quer ter razão*. Daí, cada um julgar-se detentor da Verdade. Cada religião ensina a *sua* verdade.

As oito cruzadas empreendidas desde o século XI ao século XIII pela Europa cristã contra o Oriente muçulmano, e as perseguições aos maometanos, são outros tantos exempos de guerras religiosas mundiais. As lutas que devastaram a Inglaterra no tempo do *Convenant* (2), são exemplos dos extremos a que conduz a intolerância religiosa.

A *Saint-Barthelemy* (3) é, talvez, a página mais triste do fanatismo religioso.

Na Holanda, a luta entre católicos, luteranos e calvinistas, durou mais de oitenta anos.

¡E quantos corpos vivos não queimou a inquisição só em Espanha e Portugal!...

M.me Roland, republicana e estóica, mulher de grande inteligência e grande coração, atirada para o cadafalso, em 1793, pelo ódio dos «montanheses», seus inimigos políticos, antes de pousar a bela cabeça no cepo, pronunciou esta frase célebre que a História regista: ¡«Ó Liberdade! ¡Quantos crimes se cometem em teu nome!»

Semelhantemente, todos nós podemos bradar: ¡Ó Deus, ó Cristo! ¡Quantos crimes se têm cometido em teu nome!»

Em tôdas essas guerras e lutas religiosas exerceram-se as maiores crueldades; mas, ao mesmo tempo, quantos prodígios de coragem!

Ainda hoje se verifica que o novo verniz de *homem civilizado* não impede que, esgravatando ao de leve, se encontre logo o homem antigo, o homem das cavernas.

A verdadeira fraternidade estabelece-se entre os homens, não pela comunidade de religião, mas pela justiça e pela bondade.

Amai-vos uns aos outros, prègava Jesus de Nazaré. E os homens, o que têm feito, o que estão fazendo, é despedaçarem-se recìprocamente.

Beethoven, êsse grande génio musical, dizia que nada conhecia no mundo superior à bondade.

Problemas de sempre

O homem, desde que se lhe desenvolveu o raciocínio, debalde luta pela solução dos intrincados problemas *do ser* e *não ser; do infi-*

---

(1) *O Egoismo.*

(2) Lutas que os escoceses tiveram que sustentar para manter a sua religião quando Carlos I de Inglaterra quis impor o rito anglicano.

(3) Matança dos protestantes ordenada por Carlos IX, rei de França, a instigações da mãe, Catarina de Médicis. A conseqüência directa da *Saint Barthelemy,* foi a quarta guerra civil em França, a quarta guerra religiosa (1572-73).

nito e finito; da imortalidade ou imortalidade da alma; da sobrevivência ou aniquilamento da personalidade.

O Budismo, com inexcedível clareza de imagens (1), mostra a impossibilidade de o homem jàmais conseguir a demonstração de tais problemas com a precisão com que resolve problemas algébricos.

A dúvida há-de alcançar sempre o homem.

«*Ser* e *não ser*». O rei Pasênedi, de Hôsala, conta que um dia se encontrou com a monja Khêinâ, discípula de Buda de afamada sabedoria.

O rei interroga-a acêrca da santa doutrina.

— Reverenda, ¿o Perfeito existe depois da morte?

— O Bem-aventurado não revelou que o Perfeito existisse depois da morte, — respondeu a monja.

— Nesse caso, reverenda, ¿o Perfeito não existe depois da morte?

— Isso não revelou o Bem-aventurado, grande rei, — que o Perfeito não exista depois da morte.

— Assim, reverenda, ¿o Perfeito existe depois da morte e, ao mesmo tempo, não existe?

A resposta da monja é sempre a mesma: o Bem-aventurado não o revelou.

O rei, pasmado com tamanha insistência, pregunta:

— ¿Qual é a causa, reverenda, qual é a razão porque o Bem-aventurado o não revelou?

A monja retorquiu:

— Permite-me, agora, grande rei, que eu, também te faça uma pregunta, à qual responderás como te parecer. Tens tu um homem, um calculador, capaz de contar a areia do Ganges e que possa dizer: «há ali tantos grãos de areia, ou tantas centenas, ou milhares, ou centenas de milhar de grãos de areia»?

O rei confessou que não tinha.

— ¿Tens tu um calculador, capaz de medir a água do grande Oceano e que possa dizer: «ali dentro há tantas medidas de água, ou tantas centenas ou milhares ou centenas de milhar de medidas de água»?

Que não, que não tinha, — disse o rei.

— ¿E porquê?... Porque o grande Oceano é profundo, imensurável, insondável. O mesmo acontece, ó rei, se se quiser conceber o ser Perfeito com os atributos de nome e de corpo (2). Êsses atributos de nome e corpo, estão abolidos no Perfeito; a raiz dêles está destruída como a da palmeira desarraigada e posta de lado, de maneira que nunca mais poderá desenvolver-se, produzir novos rebentos. O Perfeito, ó grande rei, está isento de ver o seu ser medido com as medidas do mundo corporal. Êle é profundo, imensurável, insondável, como o grande oceano. Que o Perfeito exista depois da morte, não é exacto; que o Perfeito não exista depois da morte, também não é exacto; que o Perfeito exista e não exista depois da morte, também isso não é exacto.

O rei ficou satisfeito com a resposta da monja. Vejamos porquê.

Na verdade, a pregunta acêrca da sobrevivência do Perfeito não logrou resposta.

¿E porque a deixou a monja sem resposta?

Porque a existência do Perfeito é como o mar, insondável à fôrça de profundo. O pensamento dos humanos terrestres não dispõe de definições capazes de darem idéia exacta de tal profundidade, Atributos como o *ser* e o *não ser*, são bons para o finito, para o condicionado. Aquêle que pretenda aplicá-los ao puro incondicionado, assemelha-se ao homem que tente contar os grãos de areia do Ganges ou as gotas da água do mar.

Tal é o motivo alegado para não responder à pregunta da imortalidade do Perfeito.

Mas, dar semelhante motivo, ¿não equivale a responder e responder com um *sim?*...

É impossível falar do *ser* no sentido vulgar da palavra; e ainda menos o é falar do *não ser*. É uma suprema realidade que o espírito do humano terrestre não pode conceber, que a linguagem não pode exprimir, e que as almas ávidas de eternidade vêem brilhar ao longe, num esplendor envolvido de mistério.

Identidade ou não identidade do «ser» através das várias existências

O Budismo não podia achar melhor imagem que a da chama para explicar a natureza do «ser», — escreve H. Oldenberg.

A chama que, na aparência, se mantém, sempre, semelhante a si mesma, está em permanente geração e constante destruïção; e, ao mesmo tempo, encarna o poder torturante e devorante do calor, o inimigo da bemdita frescura, o inimigo da felicidade, da paz.

---

(1) H. Oldenberg: *Le Bouddha.*

(2) A monja referia-se, de-certo, aos elementos de que se compõe a vida terrestre: sensações, representações, formações, conhecimento.

Como o monge Nagasêna tivesse dito que não era o mesmo ser nem eram seres diferentes que, alternadamente, se revezavam na série das existências, o rei Milinda pediu ao monge que fizesse uma comparação.

Nagasêna, então, preguntou ao rei se a luz que um homem acendesse não arderia tôda a noite. O rei respondeu que sim, que arderia tôda a noite.

— E durante o primeiro quarto da noite (1), ¿a chama será a mesma que durante a metade da noite que se lhe segue? — tornou a preguntar Nagasêna.

O rei respondeu negativamente.

— E durante a metade da noite — pregunta ainda o monge — ¿a chama será a mesma que durante o último quarto da noite?

Que não, diz o rei; que a chama não é a mesma.

— ¿Como é, então, ó grande rei — volta o monge a interrogar — que a luz durante o primeiro quarto da noite é uma, durante a metade da noite é outra, e durante o último quarto ainda outra?

— Não, reverendo; — replica o rei. A luz o que fêz foi arder tôda a noite, abastecida pelo mesmo alimento.

— Pois de idêntico modo, ó grande rei, se fecha a cadeia dos elementos do ser: um nasce, outro vai-se, Sem comêço nem fim, o ciclo fecha-se. É por isso que não é nem o mesmo ser nem um outro ser, aquêle que, em último lugar, é absorvido pelo Conhecimento (2).

Pode-se dizer que o Ser é o «processus» governado pela lei da causalidade, pelo Devir (3) que a cada instante se destrói e de novo se cria. Aquilo a que chamamos um ser animado, não é mais que um cantão particular neste império do Devir, uma chama neste mar de chamas.

Assim como o fogo se conserva consumindo elementos sempre novos, assim — no meio do afluxo e do desaparecimento de elementos sempre novos provenientes do mundo sensível — assim, se conserva a continuïdade da percepção, da sensação, da acção, da dor; e o olhar errante, alucinado pela aparência duma imobilidade constante, crê perceber aí um ser, uma causa.

Filosofia religiosa do Amor, da Harmonia e da Beleza

Há cêrca de trinta anos apareceu no Ocidente, introduzida por Ynayat Khau, uma filosofia religiosa que se dizia do «Amor, da Harmonia e da Beleza», à qual chamaram «Sufismo», de *saf*, palavra árabe que significa «puro» (4). Assim as palavras «Sufismo» e «Sufi», vêm a significar, respectivamente, «pureza» e «puro», o que equivale a dizer que a ordem dos «Sufis» é a ordem dos «puros».

O «Sufismo» participa das três religiões principais, religiões-troncos: Budismo, Cristianismo e Islamismo.

Pretendem os seus adeptos que o «Sufismo» existe desde o princípio da criação e que, principalmente, se encontra na época dos profetas hebreus.

À semelhança dos Mandamentos da Lei de Deus, os ensinamentos «sufis» são dez:

1.° — Há um só Deus, o Eterno, o Único ser; nada existe além dêle.

2.° — Há um só Senhor, o Espírito Guia de tôdas as almas, que constantemente as conduz para a luz.

3.° — Há apenas um livro santo — o sagrado livro da Natureza, a única escritura que pode esclarecer.

4.° — Há uma única religião — o progresso na verdadeira direcção do caminho do Ideal, que deve ser a finalidade da vida de cada alma.

5.° — Há uma única lei — a lei da reciprocidade, que deve ser observada com a própria consciência e o sentimento de viva justiça.

6.° — Há uma única fraternidade — a fraternidade humana que une os filhos da terra, indistintamente, dentro da paternidade de Deus.

7.° — Há uma única moral — o amor que brota da abnegação e floresce em actos de bem-fazer.

8.° — Há um único objecto de louvar — a beleza que ergue o coração de cada adorador, através-de todos os aspectos do Visível e Invisível.

9.° — Há uma única Verdade — o verdadeiro conhecimento do nosso ser, interior e exterior, que é a essência de tôda a sabedoria.

---

(1) Na antiguidade usavam dividir a noite em quatro partes ou quartos.

(2) O monge queria referir-se àquêle que — rico de sabedoria, desprendido do prazer e do desejo — desde êste mundo atinge a Libertação da morte, o repouso, o Nirvana, a mansão eterna.

(3) Movimento progressivo pelo qual as coisas se transformam.

(4) *Soul's Phenomenon, by Cherifa Lucy Goodenough*, livro editado por *The Sufi Publishing Society, Ltd.* — Londres.

10.º — Há um único caminho, o aniquilamento do ilimitado que leva o mortal à imortalidade e no qual reside tôda a perfeição.

O objecto da ordem dos Sufis é espalhar o conhecimento da Unidade, a religião do Amor e da Sabedoria e provar, assim, que a variedade de crenças pode deixar de existir.

Pretendem os sufis que o coração humano, tão atreito a egoismos e a interêsses inevitáveis, só sinta necessidade de transbordar de amor, e que todos os ódios causados pelas distinções e diferenças sejam desenraizados. A guerra actual é a maior das desilusões.

A ordem dos Sufis procura descobrir o poder latente do homem, o segrêdo de tôda a religião, o poder do misticismo, a essência da filosofia, sem interferir nos costumes ou nas crenças. Procura, também, unir os dois polos, Oriente e Ocidente, pelo intercâmbio de pensamentos e ideais; que a fraternidade universal se fortifique e que o homem possa comunicar com o homem através das estreitas fronteiras nacionais e raciais.

Esta religião tem vários membros de diferentes categorias. Uns pertencem ao círculo de estudos e freqüentam a biblioteca e assistem aos comícios públicos. Outros assistem às aulas de Religião Comparativa, de Metafísica e de Literatura. Os licenciados freqüentam as classes de Concentração, Cultura Moral, etc.

«Iniciados» são os investigadores fervorosos da verdade, ùnicamente, que desejem ser elucidados sôbre o lado exotérico do misticismo. Os iniciados são autorizados a conhecer o que respeita ao Misticismo, Silêncio, Exoterismo, Ocultismo e Psicologia. Além dêstes há membros honorários e por correspondência. A propaganda é activa e actuam ou tentam actuar por sugestão e pelo mistério. O silêncio de que se rodeiam destina-se a afinar a sensibilidade e é por isso que todos os seus conferentes pedem uns momentos de silêncio.

Tôdas as filosofias religiosas se inspiram na humanidade, na tolerância, na cooperação. O pior é que os seus executores têm todos as mesmas taras ancestrais de crueza, de egoismo feroz.

Tôdas as Religiões se unificam

Há anos, um hindu, num discurso feito em Londres, proferiu as seguintes palavras de concórdia:

«Deus ama em cada país a forma de culto observada nêle. Escuta na mesquita os devotos que recitam orações, contando as contas do rosário; é íntimo do muçulmano e amigo do hindu; é confidente do cristão e companheiro do judeu. E os homens de espírito e de alma elevados, que não viram na diversidade de seitas e nos diferentes cultos de religião senão efeitos do Poder do Altíssimo, gravaram os seus nomes de maneira imortal nas páginas da História».

Poderá objectar-se, talvez, que foi grande a audácia dêste hindu em querer penetrar o Pensamento de Deus, de quem, certamente, não tinha procuração; mas ninguém de boa fé pode contestar que as suas palavras são de tolerância, de conciliação, de paz.

A nós espiritas, ou que queremos sê-lo, acode-nos esta pregunta:

¿O Néo-Espiritualismo é uma religião?...

Dizem uns que o Espiritismo não é, não pode, não deve ser uma religião. Outros procuram demontrar por *a* + *b* que sim, que o Espiritismo é uma religião, com os seus templos e os seus sacerdotes.

Tudo depende, penso eu, da noção que cada um tiver de «religião» e da convicção mais ou menos segura e fundamentada da *sua* noção ser a única verdadeira.

Só o crente fanático pode acreditar que lhe é possível conhecer a Verdade.

Todos os caminhos vão dar a Roma: melhores ou piores, mais curtos ou mais longos, certo é que todos lá vão dar.

Eu creio que tôdas as religiões são boas desde que os seus adeptos queiram e saibam cumprir os seus preceitos, sem excessos que conduzam ao fanatismo e sem deixarem de acatar as leis naturais que de Deus são.

¡A intolerância dos fanáticos!... «Crê ou morres», era o lema dos exércitos conquistadores que faziam a guerra em nome do... Cristo!

Marco Polo, êsse grande aventureiro herói, dizia que as gentes eram valentes nas armas mas adoravam Maomet: portanto, era preciso ou convertê-las ou exterminá-las.

O fanatismo gera convertidos falsos, hipócritas, tartufos e os «videirinhos» que têm artes de medrar em tôdas as religiões.

Iolán Foldes — escritora sueca, *grand-prix* do romance em 1936 (¹) — apresenta-nos um húngaro, emigrado em Paris que é o tipo dêstes «videirinhos»: burlão, libertino e ma-

(¹) *La Rue du Chat qui pêche.*

draço. Sabe que, às segundas-feiras, o templo protestante distribui socorros; que às terças se almoça de graça na Casa dos Teósofos; que às quartas o Banco Rottischild dá de 5 a 10 francos a quem pedir; que às quintas-feiras encontra de jantar na Casa dos Vegetarianos, com a condição de, primeiramente, assistir à conferência; que às sextas-feiras a comunidade judaica dá esmolas; que aos sábados os franco-maçons distribuem víveres em pequenos pacotes aos refugiados políticos; finalmente, sabe que aos domingos pode contar com a generosidade dos Católicos.

É claro — explica a escritora — que é preciso, em cada dia da semana, mudar de religião e de nacionalidade, mas isso não faz mal. Dentro dos bolsos, o «videirinho» tem papelada de sobra, para as ocasiões oportunas, que o autoriza a receber socôrro de diversas origens.

¿Que devemos entender por «religião» no seu significado mais lato?...

Substanciosa e clara é a definição de Romain Rolland (¹):

«Numerosos espíritos que são ou se crêem livres de tôda e qualquer religião, vivem mergulhados num estado de consciência supra-racional que êles rotulam de Socialismo, Comunismo, Humanitarismo, Nacionalismo e até Racionalismo. Não é o objecto do pensamento que determina a sua origem, que permite decidir se êle tem ou não relação com a religião: o que vale é a qualidade do pensamento.

«Se êle se orienta, intrèpidamente, na investigação da verdade, a todo o custo, com inteira sinceridade e disposto a todos os sacrifícios, — eu denomino-o religioso. Porque tal pensamento pressupõe a fé em um fim do esfôrço humano, superior à vida do indivíduo, às vezes da comunidade presente, e até da humanidade inteira.

«O próprio cepticismo, quando está nas mãos de naturezas vigorosas e verdadeiras até à medula; quando é a expressão da fôrça e não da impotência, — participa do grande Exército da Alma Religiosa.

«É conhecida a frase trágica acêrca do Cristo: «*estará em agonia até ao fim do mundo...*» Quanto a mim, não creio em um Deus pessoal, nem, sobretudo, em um Deus da única Dor. Mas creio (dor e prazer misturados e com êles tôdas as formas da vida), creio que só é de Deus aquilo que, no homem e nos homens e no universo, é um nascimento perpétuo. A criação renova-se a cada instante.

«A religião não é, nunca foi uma obra concluída: é o acto e a vontade de agir incessantemente; é uma obra por acabar indefinidamente. É o brotar incessante da nascente, jàmais a estagnação.

...«Eu quero aos rios como aos sêres vivos. E compreendo que os meus antepassados lhes vasassem vinho e leite. Ora, de todos os rios, o mais sagrado é aquêle que, a todos os momentos, emerge, das suas areias, das suas geleiras. Está aí a Fôrça primária, a que eu chamo religiosa.

«Essa Fôrça é comum à arte e à acção; às ciências e às religiões; a todo êsse rio da Alma que, do insondável e sombrio reservatório, arrasta o irresistível pendor para o oceano do ser consciente, realizado, dominado. E assim como a água ascende em seguida, em vapores, do mar para as nuvens do céu, que realimentam, — assim os ciclos da criação se encadeiam incessantemente. E da nascente ao mar, e do mar à nascente, tudo é a mesma Energia, o mesmo Ser, sem princípio nem fim, ao qual me é indiferente que chamem Deus (¿e que Deus?), ou Fôrça (¿e que Fôrça.), seja esta a chamada matéria (¿que matéria?).

«(¿E não é essa a Fôrça que, igualmente, designa as energias do Espírito?)

«Palavras, palavras!... A essência é a Unidade, não abstracta, mas viva. É ela que eu adoro como os grandes crentes e os grandes ignorantes que, conscientes ou inconscientes, a trazem em si».

A Igreja queimou corpos vivos, é certo; inventou suplícios tão atrozes que a crucificação se pode considerar suave; torturou heréticos ao canto de salmos; emfim, dominou a barbaria, adoptando outra barbaria mais violenta, mais cruel. Talvez a época de então exigisse essa homeopatia e, assim, se explicaria o dizer do povo — «Deus escreve direito por linhas tortas».

Nós não temos o direito de julgar os acontecimentos tão recuados com a nossa mentalidade de hoje. ¿Que dirão de nós, das nossas guerras actuais, os vindouros, daqui a mil ou a dois mil anos?

É certo que a Igreja de tôdas as confissões religiosas causou muita dor, mas ninguém

---

(¹) *La Vie de Ramakrishna.*

PELA VITÓRIA DO ESPÍRITO

Concepções modernas acêrca de origem, evolução e relações recíprocas de matéria, energia, princípio vital e intelectual, dos astros, da terra, do homem e do complexo alma-espírito

pelo Dr. Fred

IV

SE compararmos as distâncias e as velocidades translatórias, vê-se que estas são maiores ou menores, conforme maior ou menor fôr a distância dos planetas.

O tempo de translação de Mercúrio é de 88 dias, com a velocidade e 167.000 km/h; o de Vénus é de 224,5 dias (123.000 km/h); o da Terra, 365,25 dias (104.000 km/h); o de Marte, 1 ano e 332 dias (85.000 km/h); o dos Asteróides, cêrca de 5 anos, o de Júpiter, 12 anos (46.000 km/h); o de Saturno, 29,5 anos (33.000 km/h); o de Urano, 84 anos (24.000 km/h); o de Neptuno, 165 anos, à velocidade de 19.000 km/h; o de Plutão, 468 anos.

Como já foi dito, todos os planetas giram, de acôrdo com as leis de Newton e de Kepler, embora teòricamente pudesse dar-se o caso de um planeta sair da sua órbita, sem por isso provocar grandes revoluções; apenas implicaria variação de velocidade, conforma a distância (processo diferente nos minúsculos sistemas solares representados pelos átomos, em que os electrões giram também à volta de núcleos em órbitas determinadas, como planetas em volta do Sol, apenas com a diferença de que podem, na realidade, mudar duma órbita para outra).

Além dêste movimento de translação, os planetas têm um movimento de rotação sôbre o seu próprio eixo, de ocidente para oriente, gastando os seguintes tempos para cada rotação:

Mercúrio e Vénus, incerto, mas cêrca de 24 horas; Marte, 24,5 horas; Júpiter 10 horas; Saturno 10,5 horas; Urano, 8,5 horas; Neptuno e Plutão, desconhecido; Sol, 25,3 dias.

O terceiro movimento dos planetas é o do arrastamento do sistema solar em forma de hélice para o *Apex* — (Vega e Deneb), à velocidade de 20 km/s.

Se Sírius, caminhando para nós com a velocidade de 25.000 km/h, passar dentro de 1 milhão de anos pela posição onde está agora a nossa Terra, nessa altura já o Sol se terá afastdao 600 biliões de km da sua posição.

Toos os dias a Terra anda uns 2 milhões de km ao encontro da Vega e só muito raramente se dá o choque entre duas estrêlas. Contudo, em 1901 fomos testemunhas do choque duma estrêla do Perseus com outra massa, isto à distância de 300 anos-luz, tendo-se realizado, portanto, esta catástrofe, havia 3 séculos. A massa foi completamente desfeita em nebulosas, que voaram pelo espaço.

Mercúrio é o planeta mais denso (5,33) e mais próximo do Sol, por isso, dificilmente visível, sendo quási sempre envolvido na luz do crepúsculo e da aurora. Quando está em oposição, podemos estudá-lo melhor (a última vez foi em Novembro de 1940).

O seu diâmetro equatorial é de 4.500 km. A sua distância angular ao Sol é de 29°, e o seu plano de órbita sôbre a ecliptica é o mais inclinado (7°0'11') e o mais excêntrico (0,2056).

O que mais trabalho deu, até hoje, aos observadores, foi a questão dos pontos brancos na sua superfície. Já falámos do avanço de Mercúrio, quando chega à proximidade do Sol (periélio), sendo êste facto explicado por Einstein pelo aumento da massa.

Haverá vida em Mercúrio? Vida, pròpriamente como nós a conhecemos, não, porque, no hemisfério voltado para o Sol, reina uma temperatura de 400° C., de forma que já não pode haver água liquida indispensável à vida (transporte das substâncias alimentares, osmose, dissolução dos sais, dissociação electrolitica, regulação da temperatura do corpo, hidrogel do protoplasma). No outro hemisférico, sempre noite, há frio intensíssimo, também incompatível com a vida; mas ainda não sabemos se Mercúrio terá rotação

---

pode negar que derramou muita consolação, muita alegria.

Façamos como Joana d'Arc recomenda numa mensagem que nos mandou do Além: «Abençoemos a Igreja pelo bem que fêz, e lastimêmo-la pelo mal que causou».

ERRATA — No meu segundo artigo, sob a mesma epígrafe — *Est. Psiq.*, n.º 13, pág. 7, linhas 7 e 8 — saiu «Sábio da casa dos Sábios»; deve ser: «Sábio da casa dos Sákias».

própria. Além disso, a atmosfera é muito espessa (espectro de absorção, não admitindo vida (1).

A superfície da nossa estrêla de Alva — **Vénus** — é quási sempre invisível, por causa da sua densa atmosfera, sabendo-se que, no seu equador, deve existir temperatura insuportável. Vénus, o planeta mais brilhante do nosso céu, não irradia luz própria. A forma altera-se, continua e semelhantemente às fases da Lua e de Mercúrio. A sua densidade é de 5,22, portanto, entre a densidade da Terra e de Mercúrio. O seu diâmetro equatorial é de 12.240 km; a inclinação do equador sôbre a órbita é de 85°; da órbita sôbre a ecliptica 3° 23'37".

A proximidade do Sol origina-lhe uma camada grossa de vapor de água, como outrora na Terra o ar húmido e sobreaquecido cobria os pântanos, de que resultava a formação de carvões.

Se houver vida em Vénus que se possa adaptar à temperatura de cêrca de 80° C., será semelhante à da nossa era primária, com clima quente e húmido e vegetação abundante.

Um dos planetas mais estudados, e dos quais mais se tem falado, é **Marte**, com as suas diversas manchas coloridas, supostos pântanos, que mudam de aspecto com as estações, tornando-se brancas no inverno. Outra explicação é a que deriva na liquefacção não de vapor de água, que falta na sua atmosfera, mas de ácido carbónico. As manchas mais escuras, tendo a mesma origem, baseiam-se em terrenos mais escuros. Um ano de Marte é duas vezes o nosso, mas os dias são como os terrestres.

A inclinação do eixo é tal, que Marte nos mostra sempre os dois polos. Marte tem dois satélites, Deimos e Fobos, que fazem três revoluções durante um dia marciano. Densidade, 3,93. Diâmetro equatorial, 6.800 km; Inclinação do equador sôbre a órbita, 24° 50'; Da órbita sôbre a eclíptica, 1° 51' 1". Excentricidade da órbita, 0,0933.

Ora, há pouco, a Terra esteve sob o domínio de Marte, o Deus da Guerra.

Êste planeta esteve em oposição com o Sol e a Terra em 1939, quando começou a catástrofe que tem avassalado o mundo. Em 1942, reinará a pior constelação que alguma vez houve no céu: Saturno, Urano e Neptuno.

Há-de ser um ano cruel e sanguinolento. Ao menos, resta-nos uma consolação: desde há dois mil anos, o horóscopo mundial está dominado pelo signo dos Peixes, símbolo da variabilidade dos caracteres (egoismo), e por volta do ano de 1960 todo o mundo entrará (devido à precessão dos equinócios) no signo do Aquário, símbolo duma concepção mais idealista, altruista e adiantada. Ora, o Aquário é signo de Fevereiro, e há actualmente muitas pessoas nascidas neste mês e em fins de Janeiro, o que vai predispondo a Humanidade para as idéias novas. Deus queira! Mas em 1956 haverá nova oposição de Marte, Terra e Sol, com aproximação de Marte da Terra, maior ainda do que no ano de 1939.

Haverá uma guerra religiosa? (2)

Marte, em oposição, tem a côr ligeiramente vermelha; o seu diâmetro é metade do da Terra, o seu volume é de cêrca de um quinto do terrestre, de forma que os corpos lá existentes pesam menos de metade do que se estivessem à superfície terrestre. Como é óbvio, nós seríamos muito mais leves, se lá estivéssemos.

Como, pelos instrumentos ópticos, vemos partes claras, escuras e verde-castanho, supôs-se que havia continentes desertos e arenosos e florestas que mudavam de côr com as estações. Onde há flora, deve haver água. Schiaparelli descobriu os chamados canais marcianos, o que originou discussões violentas, parece que hoje decididas no sentido de que pode haver canais, não como obras de irrigação feitas por quaisquer sêres, mas como formações da natureza, resultantes de outras condições diferentes das da Terra (3).

O espectro indica, entretanto, vapor de água, sendo esta devida a degêlos, no polo visível para nós.

Há ou não há vida em Marte, semelhante à nossa?

Para haver vida, deve haver carbono, oxigénio; ora, em Marte, êste elemento existe só na proporção de 1 para 1.000. A côr vermelha dos continentes parece indicar que tôdas as suas rochas estão oxidadas; portanto, Marte deve ter já tirado todo o oxigénio da atmosfera, como acontecerá, também, um dia, ao nosso globo. Enfim, como ainda tem um pouco de oxigénio, um pouco de água e alguma vegetação, talvez lá haja pouca vida, algo diferente da nossa, embora a atmosfera mais leve de Marte e a sua distância maior ao Sol (em comparação com a Terra), permita uma temperatura média anual só de 20° negativos.

Os **Asteróides** são pequenos planetas destroçados, que giram entre as órbitas de Marte e Júpiter. Até hoje, conhecemos uns mil, que percorrem a sua órbita em cêrca de 5 anos. As dimensões dêles são pequenas: Vesta, 400 km. de diâmetro; Céres, 350 km.; Pallas, 200 km.; Maia, 25 km.

Estas massas tão reduzidas trazem consigo atmos-

---

(1) A teosofia admite que a vida da nossa 4.ª ronda, quando deixa a terra, passa para Mercúrio; dêste, para os globos astral e mental inferior da nossa cadeia terrestre; então, entrará na 5.ª ronda da nossa 4.ª cadeia.

(2) Continuação da guerra actual que, talvez no fundo, já seja uma guerra religiosa, uma espécie de cruzada.

(3) A teosofia, que considera Marte habitado por homens, desde a 3.ª ronda da nossa cadeia terrestre, julga os canais construídos por homens lunares da 2.ª ordem.

fera rarefeita que nos permite estudar os asteróides. Como o movimento dêstes planetas é uniforme, julgamo-los provenientes doutro planeta, além dos conhecidos, que se tivesse desagregado.

Assim, não será impossível que o desacôrdo dos movimentos retrógrados de certas luas se explique, pela intervenção dum planeta desfeito. Laplace explica que, quando os anéis se destacaram dos seus sóis, deveria ter havido em vários pontos menor intensidade de radiação, de forma que estes arrefeceram mais depressa, condensando alguns núcleos, de que resultaram os asteróides. Entre os grandes planetas conhecidos, haverá, provàvelmente, outros. Assim, entre Marte e a Terra, existe um pequeno destrôço chamado Eros, tendo sido talvez projectado por aquêle grande planeta transmarciano. Entre o Sol e Mercúrio descobriu-se há pouco o planeta Vulcano. Também se admite a existência doutro planeta entre a Terra e Marte, chamado Luna, do qual resultou, tanto a nossa Lua, como Eros hoje ligado à órbita marciana.

Existem muitas dúvidas sôbre se as transformações violentas sofridas pela Terra não foram causadas por planetas que explodiram. O dilúvio glacial explicou-se, primeiramente, pelo enfraquecimento dos raios solares, mas esta interpretação não está de acôrdo com o facto de tôda a Terra ,mesmo nos polos, ser enriquecida de vegetação. Outras teorias apareceram, tais como, deslocamento dos polos, isto é, do eixo de rotação e um satélite que girava fora do plano do equador terrestre, de forma que refletia raios solares, ainda beneficiando os polos. Mais provável, todavia, é a interpretação que vamos dar adiante.

O planeta mais gigantesco é **Júpiter**, sendo muito achatado, devido ao seu rápido movimento de rotação (10 dias, segundo a observação das faixas equatoriais). Densidade, 1,30. Diâmetro equatorial, 143.000 km. Inclinação do equador sôbre a órbita, 3° 5', e da órbita sôbre a ecliptica, 1° 18' 31".

O eixo de rotação é quási perpendicular ao plano da sua órbita, de forma que não deve haver estações, sendo o dia igual à noite.

Júpiter tem uma atmosfera muito densa, cuja análise espectral indica, além dos gases comuns aos outros planetas, a presença de vapor de água e dum gás desconhecido, — nebúlio.

Um corpo humano colocado em Júpiter, aumentaria sensivelmente de pêso, tendo, por isso, menor mobilidade.

O pêso dum corpo num planeta depende da massa do planeta e da do corpo e da distância entre os seus centros de gravidade. Assim, variam os pesos dum mesmo objecto nos diferentes planetas: Em Vénus, Urano e Neptuno, pouco mais pesariamos do que na Terra; muito menos em Mercúrio, e quási nada na Lua.

Haverá vida em Júpiter? Não parece impossível. Júpiter, conquanto receba menos radiação solar do que a Terra, possui calor próprio, sendo ainda planeta em formação. Júpiter tem 9 luas que gravitam em volta dêle, com velocidades diferentes, tendo as duas últimas movimento retrógrado. Pela observação dos eclipses dum dêstes satélites, é que Roemer imaginou um processo de determinação da velocidade da luz no vácuo interestelar.

Como os satélites giram em tôrno do planeta com velocidade constante, o intervalo de tempo entre dois eclipses consecutivos deve ser constante. Roemer observou que não é assim e que os eclipses observados, quando o Sol está entre a Terra e Júpiter, parecem atrazados de cêrca de 17 minutos em relação aos eclipses, quando a Terra está entre o Sol e Júpiter. Roemer teve a idéia feliz de que esta diferença correspondia ao tempo que a luz necessita para percorrer o diâmetro da órbitra terrestre, na segunda posição. O valor achado (300000 km/s) era concorde e foi confirmado por outros processos.

Um planeta interessante é **Saturno**, mais achatado ainda do que Júpiter. A sua densidade é de 1,54. Diâmetro equatorial, 123200 km. Inclinação do equador sôbre a órbita, 26° 48' e da órbita sôbre a ecliptica, 2° 29' 33". O seu eixo de rotação é inclinado uns 48° sôbre o plano da órbita, de forma que a desigualdade das estações é muito mais acentuada do que na Terra, durando, porém, mais, visto que o ano de Saturno é vinte vezes o ano terrestre. Saturno tem um belo aspecto, devido aos seus anéis concêntricos, que nos refletem a luz solar em várias graduações. Estes aneis, dos quais cada um teria a espessura de 20 km, não giram em bloco, mas cada um com a sua velocidade, sendo, também, diferentes as suas estruturas: um, mais grosso, outro mais denso, consistindo todos êles numa infinidade de partículas cósmicas. Saturno é acompnahado por 10 satélites, o último dos quais, Febe, gira em sentido retrógado.

Admite-se que Saturno, no inicio da sua formação, ainda gasoso, gravitou em sentido contrário ao de agora, tendo mudado de sentido após milhares de séculos, devido às marés solares. Em vez de todos os satélites acompanharem o novo movimento, o último permaneceu fiel ao antigo.

Em volta de Urano existe uma atmosfera rica em vapor de água, hidrogénio, nebúlio, etc. Quatro luas lhe giram em volta, as duas últimas no mesmo sentido do dos últimos satélites de Júpiter e Saturno.

Também **Neptuno** tem movimento retrógrado, ao contrário do seu satélite.

Neptuno tem atmosfera tão densa e está a tão grande distância, que ainda não pôde ser convenientemente estudado. (Densidade 1,55; diâmetro equatorial 50000 km).

Plutão é um planeta de 15.ª grandeza e cuja órbita, de forte inclinação e excentricidade, leva 250 anos a percorrer. A sua massa é análoga à da Terra.

Falta dar uns pormenores sôbre os **cometas e as estrêlas** para depois descrevermos origem e evolução da Terra.

Os **cometas**, dos quais conhecemos uns 300, têm forma característica. O seu núcleo (cabêça) é formado de partículas cósmicas, projectadas do Sol pela pressão de radiação, podendo ser um aglomerado de meteóritos, cujos fragmentos foram captados pelo cometa em formação. A cauda dos cometas, que não é indispensável, consiste em corpúsculos mais afastados, matéria mais gasosa (óxido de carbono e azoto). A cauda orienta-se sempre em sentido inverso do do Sol, naturalmente pela pressão da radiação solar.

As caudas dos cometas são transparentes, difundindo a luz solar, tendo também luz própria, devido às partículas cósmicas da corôa solar, cujo carácter eléctrico da matéria rarefeita da cauda se pode ainda mais evidenciar (como nos tubos de Crookes e de Geissler). Os cometas têm massa relativamente pequena. Uns, giram em volta do Sol, no sentido directo; outro, no retrógrado, e cujas trajectórias, umas são elipses, outras parábolas, curva aberta, tendendo para o infinito.

O espectro óptico revela a existência de gases (hidrogénio, azoto, óxido de carbono, cianogénio, vapores de sódio, etc.), bem como de matéria condensada.

O cometa mais conhecido, porque se aproxima mais da Terra, é o chamado de Haley, que descreve uma órbita de 78 anos, à velocidade de 54 km/s.

Os meteóritos e estrêlas cadentes devem derivar dos cometas.

As estrêlas cadentes costumam cair em grande quantidade, em certos meses, parecendo vir dum único ponto do céu; assim, a chuva de estrêlas de Agôsto vem da constelação de Perseu; as de Outubro, de Orion; as de Novembro, de Andrómeda e do Leão.

Os meteóritos, freqüentemente luminosos devido ao calor originado pelo atrito com a atmosfera terrestre, consistem, principalmente, em rochas siliciosas, ferro, níquel, sódio e magnésio, combinados com enxôfre e fósforo, e até hidrocarbonetos.

Há meteóritos — centelhas, provenientes de explosões dos próprios meteóritos na atmosfera, e outros (bólidos) que pesam milhares de toneladas, animados alguns de velocidades fantásticas e com temperatura de 5.000° C.; outros mais lentos, menos quentes, podendo recobrir-se de neve, na alta atmosfera terrestre.

Pormenores acêrca das estrêlas

Constelação: Ainda não explicámos o que são **constelações**, das quais se conhecem umas oitenta, distantes entre si 100.000 anos-luz. Relembramos os nomes de alguns agrupamentos conhecidos: a Ursa Maior, Orion, Pégaso, Centauro, Hércules, etc. Tôdas as estrêlas (mesmo as chamadas fixas), têm movimento próprio, além do seu movimento aparente diurno e anual, de Oriente para Ocidente.

Posição: Chamamos «declinação» à distância angular da estrêla ao equador celeste; à outra coordenada denominamos «a ascensão recta». A distância das estrêlas à Terra calcula-se pela trigonometria; mas, a-fim-de utilizar uma base suficiente para resolver o triângulo, toma-se o próprio diâmetro da órbita terrestre (a medição leva, portanto, seis meses).

Assim, por exemplo, o deslocamento aparente anual da Alfa-Centauro é de 3,5 (aberração), estando esta estrêla 80 mil vezes mais distante de nós do que o Sol.

Determinamos a posição das estrêlas pela latitude e longitude na esfera celeste, cujo polo (do eixo mundial), está situado no prolongamento do eixo terrestre.

Classificação: Classificamos as estrêlas conforme o ângulo sob o qual nos aparece a sua luz (paralaxe), conforme a sua velocidade rotatória e luminosidade. As estrêlas mais brilhantes são vinte e duas, sendo as mais conhecidas: Sírius, Centauro, Vega, Capela, Altair, Deneb, Algol (1). A ôlho nú são visíveis umas 7.600. Depois da 7.ª grandeza, já precisamos de binóculos e telescópios; além da 17.ª grandeza, temos de recorrer à fotografia. Até hoje, conhecemos uns 600 milhões de estrêlas, até à 21.ª grandeza. (Segundo os cálculos deve haver uns 30 mil milhões). A mais próxima de nós é a Alfa-Centauro (41 biliões de km), cuja luz leva 4,5 anos-luz a chegar até nós.

A seguir, vem a estrêla numerada 21185 — Lalande de 7.ª grandeza, distante de nós 7 anos-luz; Sírius está à distância de 9 anos-luz.

A estrêla polar fica a 450 biliões de km., isto é, 45 anos luz. A mais brilhante, Sírius, tem uma companheira; é, portanto, uma estrêla dupla como o conhecido Algol.

Há também estrêlas quádruplas e sêxtuplas, confirmadas espectroscòpicamente. Sírius afasta-se da Terra com uma velocidade de mil milhões de km. por ano. Diz Nordmann *(Einstein et l'Univers)*: «Se o Cosmos (finito e infinito) é esférico, os raios do Sol podem convergir, depois da sua volta ao Universo, num ponto diametralmente oposto, onde se formaria um Sol-imagem, Sol-fantasma que representasse o Sol-objecto como era há milhões de anos, quando emitia os raios que formavam o Sol duplo. O Sol-objecto já podia ser extinto, ao passo que o Sol-imagem ainda brilhava.

---

(1) Will Durant («A filosofia da vida») diz: «Claro que as estrêlas não existem como as vemos. Sírius pode ser simples massa de matéria escura que emita partículas com tal velocidade, que se tornem luminosas pelo caminho.

Na Via-Lactea, que é banhada de luz zodiacal e cujo diâmetro é de milhões de anos-luz, encontram-se as estrêlas mais novas, sendo aquela talvez berço genético dos astros. Quanto mais envelhecem, tanto mais aumentam as velocidades e mais se afastam da Via-Láctea (1).

A cintilação — Aspecto das estrêlas

As observações mais interessantes acêrca das estrêlas são: 1.°)—O dia sideral é 4 minutos mais curto do que o dia solar, avançando diàriamente 4 minutos, ou seja 1°, em relação ao Sol. 2.°)—A cintilação, que distingue fàcilmente as estrêlas dos planetas. Tendo estes diâmetros grandes, aparecem-nos como discos luminosos, emquanto as estrêlas nos aparecem apenas como pontos brilhantes. A cintilação é freqüentemente acompanhada de variações cromáticas, que se explicam pelas refracções e dispersões que as radiações sofrem, quando penetram na atmosfera terrestre, que decompõe a luz sideral como um prisma.

O espectro óptico das estrêlas é de absorpção, mostrando que possuem, além do núcleo (gases), uma fotosfera envolvida por uma camada inversora e absorvente (cromosfera). O grande astrónomo Secchi estabeleceu várias classificações das estrêlas, conforme o seu espectro. O primeiro tipo é o das «estrêlas brancas», de temperatura elevadissima, revelando-nos especialmente hidrogénio, hélio, magnésio, pouco cálcio e sódio: Vega, Sirius, Rigel, Altair, etc. Do segundo tipo, são as estrêlas amarelas, indicando a presença de hidrogénio, ferro, silício, cobre, chumbo, prata e carbono: estrêla polar, Capela, Aldebaran, Sol, etc. O terceiro tipo é composto de estrêlas avermelhadas que revelam, além dos outros elementos, titânio e manganês: Pégaso e Betelgeuse, etc. Finalmente, do 4.° tipo são as vermelhas, pouco quentes, pouco brilhantes, com abundante presença de carbono, completa ausência de hidrogénio, hélio e cálcio.

Falta descrever as **nebulosas**, que devem ser umas 900 mil. Devem ter temperatura de 223° C. neg. e matéria extremamente subtil, com movimentos moleculares muito rápidos, em tôdas as direcções.

A massa da mais conhecida, Andrómeda, é 8 milhões de vezes superior à do Sol, e a sua distância de nós é de 1 milhão de anos-luz (há outras, cuja radiação leva 150 milhões de anos-luz a chegar até nós). As nebulosas são constituídas, sobretudo, por gases resistentes a estas baixas temperaturas, como o hidrogénio, o hélio e o nebúlio. Os corpúsculos cósmicos projectados da corôa solar, sob a pressão das radiações, penetram no meio nebuloso, carregando-o de electricidade e tornando-o luminoso: Orion, Andrómeda, Cão de Caça. Os espectros ópticos das nebulosas espirais revelam, freqüentemente, que estas se estão encaminhando para a condensação.

Kapteyn demonstrou que há duas correntes de nebulosas, uma que foge de nós, para além da Via-Láctea, com a enorme velocidade de 700 a 800 km/s, em direcção ao seu *Apex*, perto da constelação do Capricónio, e outra que se aproxima de nós.

Nas teorias cosmogónicas, já falámos da importância as nebulosas na formação dos Mundos.

---

(1) Diz Nordmann *(Einstein et l'Univers)*: «Fora da nossa Via-Láctea há talvez outros Universos, inacessíveis para nós, porque, devido a fenómenos de absorção cósmica da luz, são òpticamente isolados do nosso Universo.

A NOSSA PRÉDICA

pelo Dr. Luiz M. di Cristóforo

A obrigação específica da escóla espirita é trabalhar com energia e rectidão, de forma que introduza verdadeira claridade na confusão espantosa de valores que se verifica na actualidade e em tôdas as ordens da actividade humana.

É necessário compreender que a demonstração da bondade contida nas idéias, expressão meridiana de ideais superiores para o verdadeiro progresso do homem e, por isso mesmo, da humanidade, é demonstração que deve radicar na nossa capacidade realizadora.

Os valores demonstram-se em função de realização. Saber, para compreender, é a única fórmula da essência espirita. Não basta agitar, com espirito mais ou menos demagógico, as possiveis soluções que obtêm ou podem obter os problemas, na verdade complexos, que nos atormentam na hora presente.

Há que ir mais além de noções fragmentadas, que só têm valor intrinseco. A situação presente é susceptivel de ser ampla e favoràvelmente superada no sentido do verdadeiro progresso humano, a que temos aludido, e, também, para o feliz desenvolvimento de tôda a humanidade, em comunhão fraternal, atendendo à perfeição fecunda do humanismo superior da escola espirita, lealmente interpretada nos seus fundamentos primordiais mais puros.

Nos momentos de angústia é que se provam os ideais de redenção, à luz do conhecimento libertador; e mesmo que as circunstâncias sejam desagradáveis para os foros e respeitos humanos, a época é favorável para que encontremos, no meio de tanto caos e confusão

O EVANGELHO DO CRISTO

por Fernando da Cruz Ferreira

I

Vivemos no mundo da ilusão. A verdade não está naquilo que vemos, mas precisamente no que não vemos.

Atrás do que cai sob o domínio dos nossos olhos, é que ela se oculta. Jogando com as faculdades do espírito e não com os sentidos, é que se surpreende a realidade das coisas.

Ainda hoje há muita gente que supõe a terra fixa, porque não a vê mover-se. Outros há que imaginam as côres como propriedade dos corpos; e se lhes dissermos que as côres não existem e são apenas aparências ou impressões particulares produzidas na retina pela luz, segundo a sua natureza própria ou conforme a maneira como é reflectida pelos corpos, duvidarão da nossa integridade mental.

São conhecidos os fenómenos de miragem, que se observam nos desertos arenosos da África, onde o viajante, por ilusão óptica, vê nitidamente na atmosfera a imagem de objectos distantes, como oásis, lagos e até cidades.

E assim somos enganados a cada instante pelos nossos sentidos, a-propósito daquilo que nos afecta como expressão de realidade e não passa de ficção.

Dentre tôdas as ilusões, a maior e a de mais sérias conseqüências é a morte.

Nada nos parece mais real e verdadeiro do que ela. É o epílogo fatal da vida, segundo o juizo geral.

A própria ciência oficializada, longe de combater êsse funesto êrro, é a primeira a fortalecê-lo, apresentando pretensas documentações em seu abôno. Não lhe aproveitam, neste particular, os exemplos do passado com respeito às muitas quimeras sustentadas e difundidas como dogmas intangíveis pelo ensino escolástico da época.

E, por ser assim, a morte, no sentido em que é considerada, vem gozando foros de realidade inconteste, de um facto inconfundível e inexorável, não passando, no entanto, da maior de tôdas as ilusões de que a humanidade tem sido e continua sendo vítima.

Já disse alguém, com bastante justeza, que a pior mentira é a que mais se parece com a verdade.

A morte está exactamente nesta condição: parecendo, segundo todos os aspectos, a última palavra no cenário da existência humana, não é mais do que uma simples dissimulação da vida.

A vida, eis a realidade verdadeira. É ela que vence, é ela que triunfa sempre, sobrepondo-se a tôdas as metamorfoses, a tôdas as contingências a que se submete em sua maravilhosa trajectória pela senda da eternidade.

A vida não é o que vemos: o que vemos são apenas as suas manifestações através das formas organizadas. ¿Quereis saber o que é a alma? — dizia o Padre António Vieira —, olhai para um corpo sem ela. O corpo com todos os seus órgãos: o corpo intacto, completo e perfeito, não passa de cadáver se lhe escapa a alma, sede da vida. Sem que lhe falte coisa alguma do que se vê, falta-lhe tudo, porque lhe falta a vida que se não vê.

As sementes oferecem-nos outro exemplo edificante. Dividamos em algumas fracções uma semente em óptimas condições germinativas.

Reünindo cuidadosamente essas partes, sem que das mesmas se perca a mais insignificante parcela, reconstituamo-la e lancemo-la à terra: jàmais germinará. Porquê? Porque,

---

amoral, um farol iluminado pelo estudo desinteressado.

Êste serviço social prestado pela escola espírita necessita de todos os nossos esforços, de maneira que a sua projecção humanista penetre na espessura de múltiplos interêsses subalternos que se opõem ao decidido progresso e libertação do homem.

(Do *Boletin de la Agrupación Estudiosa Camilo Flammarion, de Buenos Aires)*

ao fragmentá-la, evolou-se aquilo que os nossos olhos não vêem e que é tudo: a vida.

A vida não é a forma organizada, por mais complexa que essa forma seja. Ora, como vemos a forma e não vemos a vida que a anima, tomamos, por isso, o efeito pela causa, concedendo à morte o império sôbre a vida, quando, em verdade, é esta que fatalmente reina sôbre aquela.

Difícil, no entanto, tem sido convencer o homem dêste facto. A ilusão da morte de tal forma o dominou, que êle se obstina em considerá-la como a mais flagrante realidade.

A ressurreição, sendo, como é, um fenómeno natural que a cada instante se exerce no meio em que nos achamos, é ainda considerada como utopia pela ciência mundana e como milagre pela fé dogmática.

A passagem do Homem-Deus sôbre a terra, assinalando o acontecimento mais extraordinário da história humana, teve por objecto, em síntese, revelar ao homem a imortalidade através-de um testemunho positivo, palpável, categórico.

Jesus veio a êste mundo exemplificar o poder da vida sôbre a morte: morreu para que todos vissem como se morre; ressuscitou para que todos vissem como se ressuscita.

O epílogo da sua existência terrena não foi a agonia do Calvário: foi a ascensão de Bethania.

Da mesma sorte, o triunfo majestoso do seu ideal não se verificou no patíbulo da Cruz, mas sim nas suas aparições a Madalena, aos dois peregrinos de Emaúz, e, finalmente, aos onze apóstolos, no cenáculo de Jerusalém.

O Cristianismo é por excelência a religião da vida, em oposição às religiões da morte.

« Deixai aos mortos o cuidado de enterrar os seus mortos». «Deus não é Deus de mortos: para Êle todos vivem». Assim predicava o Mestre Divino.

Não obstante, os seus discípulos, testemunhas oculares da imortalidade manifesta em seu Mestre, dificilmente se renderam à evidência dessa revelação, a maior, certamente, de tôdas que, em sua misericórdia, o Céu tem outorgado à terra.

Paulo, o insigne pioneiro da nova fé, convertido pelo Cristo redivivo, insistia sôbre a imortalidade, fazendo girar em tôrno dêsse assunto tôdas as suas prédicas e epistolas.

Jesus ressuscitou: eis a nova alviçareira para a humanidade.

Eis a esperança!—mais que a esperança:— eis a fé; mais que a fé: — eis a certeza, — eis o facto positivo e palpável da continuïdade da vida além do túmulo.

É necessário — acentuava o converso de Damasco — «que êste corpo corruptível se revista de incorruptibilidade», «que esta forma mortal se revista de imortalidade» —: «semeia-se em vileza, ressuscita-se em glória».

O derradeiro inimigo a vencer é a morte. Quando, pois, êste corpo perecível e mortal se revestir de glória e imortalidade, então diremos: tragada foi a morte na vitória! ¿Onde está, ó morte, o teu poder?

São estas, verdadeiras palavras de vida, testemunhando mais uma vez a eterna verdade: nada morre, nada se extingue, nada se aniquila na Natureza.

É a vida e não a morte, que domina a criação, entoando o Cântico sublime da imortalidade.

É o espírito que vence a morte, e não a morte que vence o espírito.

A própria matéria não é destruída na sua mais pequenina parcela. Seu aniquilamento é aparente, é ilusório; as formas se desfazem para se organizarem em seguida, sob novos e mais perfeitos aspectos.

A ressurreição é a aurora perenal que envolve o Universo; é o sol da vida, sol sem ocaso, pairando majestoso no levante sempiterno.

Hosanas a Jesus ressuscitado, imagem da vida eterna, testemunho vivo da vida eterna, testemunho vivo da imortalidade, símbolo do triunfo do Espírito sôbre as formas perecíveis.

Tu és, como o disseste, a ressurreição e a vida; o que crê em ti, ainda que esteja môrto, viverá; e todo o que vive e crê em ti, nunca morrerá.

Quando um facto ou uma doutrina se tornam universalmente aceites, dispensam em absoluto que cada estudioso refaça o caminho para convencimento próprio. A inércia da mente humana e do corpo social é considerável: crenças bem fundamentadas custam a firmar-se e crenças sem base alguma levam longo tempo a desaparecer. Mas os períodos da ansiedade, dúvida e controvérsia, não duram tôda a vida. Representam uma fase que temos de transpor.

Oliver Lodge

Em virtude de termos de inserir a notícia referente à distribuição de donativos efectuada pelo Natal, fomos obrigados a retardar a saída do presente número, do que pedimos desculpa aos leitores.

DR. ALFREDO MOTA

O facto de já termos o último número organizado e composto, inibiu-nos de prestar mais desenvolvida homenagem ao nosso saüdoso e dedicado amigo Dr. Alfredo Mota, sùbitamente desencarnado, há pouco, em Espinho, onde exercia clínica homeopática.

O Dr. Alfredo Mota era laureado pela Faculdade de Medicina do Pôrto, de cujo corpo docente fez parte, como 1.º assistente. Foi estagiário da Faculdade de Medicina de Paris, com longa prática em sanatórios anti-tuberculosos de Davos-Platz. Durante

Dr. Alfredo Mota

17 anos, exerceu clínica em climas tropicais, especializando-se no tratamento da sífilis, moléstias de pele e vias urinárias, em cuja clínica chegou a obter verdadeiros milagres.

Esteve 20 anos no Rio de Janeiro, onde trabalhou na sua profissão. Há uns nove anos que regressara, abrindo, então, em Espinho, um consultório de clínica homeopática. Tinha muitos clientes espalhados por todo o país que o consultavam por escrito, tendo realizado, mesmo de longe, algumas curas surpreendentes. O fervor com que se dedicara à nossa Revista era a prova mais evidente da grande estima que lhe consagrava.

Que êle alcance no Além tôdas as facilidades necessárias à sua evolução espiritual, são os nossos mais sinceros votos.

D. Frei Bartolomeu dos Mártires

pelo coronel J. A. Costa

LONGOS anos passaram já sôbre as primeiras impressões, colhidas em qualquer livro, ácêrca do virtuoso prelado, que foi Bartolomeu dos Mártires. E essas impressões não se desvaneceram através do tempo, antes mais têm radicado a minha admiração pela figura espiritual do grande Arcebispo de Braga.

Há muito que admirar e aprender nas grandes virtudes do modesto Arcebispo, que, fugindo do mundo e do fausto, só se sentiu bem no silêncio da sua cela do Convento de Santa Cruz de Viana.

A sua caridade para com os desvalidos, a sua modéstia e humildade tão grandemente demonstradas na resistência que ofereceu à sua escôlha para a mitra de Braga, a disciplina e moralização, que reclamou, no Concílio de Trento, para o clero, a começar pelas mais altas dignidades da Igreja, afrontando com dignidade a má vontade da memorável assembleia, revelam-nos, no grande Arcebispo, uma espiritualidade de que o Concílio, certamente, se não quiz aperceber.

A elevação moral, de que em tôdas as circunstâncias deu provas, deixa compreender que só um espírito altamente evoluído poderia conduzir o Arcebispo, com tanta nobreza de alma, através dos obstáculos, que por vezes se lhe depararam.

Quando reclamou a «reformação dos ilustríssimos e reverendíssimos Cardiais», ¿quem poderia ouvi-lo, se «de maus frades e de maus padres vira êle, de Braga e Trento, cheio o mundo católico»?

Nota discordante, a sua intervenção...

De lá regressou o bom, o santo Arcebispo, como lhe chama José Caldas, absolutamente desiludido e mais desiludido e aborrecido, quando, ao chegar a Braga, teve de se defrontar com a rara insolência dos capitulares e a hostilidade de outras dignidades eclesiásticas, não só de Braga, como de Guimarães.

Os conseqüentes desgostos levaram-no, mais uma vez, a solicitar a dispensa de tão árduas funções.

Conseguindo renunciar à mitra, foi acolher-se à paz e ao silêncio da sua modesta cela do convento, que êle mesmo fundára, e ali terminou os seus dias na Terra.

Ao passar por Viana, lá fui junto da sua arca tumular, em modesta homenagem à sua memória. Desconhecia, então, o estado de desordem em que dentro do moimento se encontram os seus despojos. Foi José Caldas, quem, no seu livro «D. Frei Bartolomeu dos Mártires», nos explica a origem dessa desordem:

—«Era a obra canibalesca da escória política da revolução patuleia, quando, na ânsia tôrpe de encontrar o anel, que o Papa Pio IV oferecera ao santo Ar-

nº 14, Nov/Dez/41

Bibliografia

pelo Dr. Sebastião Elviro Martins

O PROTESTANTISMO E O ESPIRITISMO por *Benedito A. da Fonseca* — Edição da Livraria da Federação E. Brasileira — 1941 — 231 páginas.

A tese defendida neste livro pelo autor, antigo reformista, é aliciante para quem deseje revidar os ataques à nossa Causa, vindos do sector protestante, o nosso mais próximo inimigo.

O conhecimento profundo e variado que Benedito da Fonseca revela da Biblia, valeu-lhe imenso para aparar todos os golpes com que o mimosearam. Mas êle não se intimidou com nenhum argumento *infalível*... Nem mesmo com o célebre versículo 27 do cap. IX da carta de Paulo aos Hebreus, no qual aquêle apóstolo afirma que *está ordenado aos homens morrerem só uma vez, vindo depois disso o juízo...*

As questões, sempre palpitantes e sujeitas à controvérsia, da reencarnação, evocação dos mortos, eternidade das penas, a maléfica influência de Satanás, a ressurreição dos mortos, as curas mediúnicas, o Céu, o Inferno, etc., tudo neste pequeno livro está tratado magistralmente, em prosa simples e amena, com seu fiozinho irónico, de forma a amenizar a escabrosidade dos assuntos, por vezes áridos e sediços.

Mas, a-par da monotonia das citações bíblicas, de que o autor se socorre constantemente, encontramos páginas interessantes, de boa prosa e melhor propaganda da Causa Espirita.

Na pág. 142 há um período, que não resisto à tentação de transcrever, pela sua lógica incontroversa. Ei-lo:

«O Protestantismo tem prestado grande serviço à humanidade. Isso é inegável. Foi ao Protestantismo que, em tempo próprio, Deus confiou a missão de traduzir e espalhar Biblias em tôdas as línguas. O Protestantismo foi o precursor do Espiritismo, como São João Baptista o foi do Cristo.

Por esta amostra se aquilata o espirito de concórdia e de tolerância que predomina nas nossas fileiras, porque se reconhece o valor e a utilidade do credo religioso implantado na Europa no século XVI.

Podem os sequases das crenças adversas controverterem os nossos postulados, mas o que não podem é proclamar a nossa intolerância, como o prova o autor dêste livro. E se o leitor quiser tirar a prova do que afirmamos, leia o livro, que não se arrependerá.

---

cebispo na sua despedida, ali tinha posto suas mãos sacrilegas.» — «A violação fôra não sòmente infame, mas brutal».

Como disse já, a minha admiração pelas virtudes do grande Arcebispo não tem sofrido quebra, antes pelo contrário, mas eu desejaria que se não pudesse ter escrito dêle: «posto que em seu coração bem mais castelhano que português.»

JESUS NEM DEUS NEM HOMEM — Estudos coordenados pelo *Dr. Guillon Ribeiro* — Edição da F. E. Brasileira — 1941 — 101 pág.

O Dr. Guillon Ribeiro, Presidente da Federação Espirita Brasileira, inspirado no texto da obra famosa de Roustaing, coligiu umas notas sôbre a debatida questão da personalidade do Cristo.

Segundo o Catolicismo, Jesus é Deus feito homem: segundo o Protestantismo, é o Unigénito e o Mensageiro da Fé em Deus, milagrosamente ressurgido ao terceiro dia.

Nenhumas destas definições dogmáticas satisfaz plenamente uma grande parte dos crentes, especialmente os espiritas.

Como Fundador, Protector e Governador dêste planeta, Espírito puríssimo e dispensado de novos avatares, visto através da hipótese espirita, a sua personalidade agiganta-se e humaniza-se.

Foi assim que o autor o considerou.

Nem Deus nem homem, mas Espírito puríssimo, embaixador extraordinário do Pai, revestido dum corpo tangível e aparentemente idêntico ao dos homens para que estes o crêssem e lhe seguissem os mandamentos. Jesus nunca disse que era Deus, como o vulgo afirma. O advento do Espiritismo destruíu a lenda da divindade que lhe tem sido atribuída.

Os nossos prolfaças, pois, ao eminente e douto confrade brasileiro, pela publicação dêste livrinho útil e indispensável na hora que passa. A tese nêle defendida é lógica e convincente, para quem não tenha o espírito obnubilado pelo espesso véu dos dogmas estéreis e incongruentes.

MORTE APARENTE E SOBREVIVÊNCIA DA ALMA — por *Francesco Zingaropoli*, tradução de *Francisco Klörs Werneck*.

TRATA-SE dum opúsculo de 66 páginas, onde Werneck, proficiente investigador espirita, nos dá conta de vários factos ocorridos com pessoas, que descrevem o que *viram e sentiram* durante o despreendimento do seu espírito do corpo físico, em ocasião de operações cirúrgicas ou de desastres.

O caso de morte aparente, provocada pela catalepsia, acontecido com o Dr. Wiltse e estudado por Myers e Hodgson, é o mais importante registado nêste opúsculo interessantíssimo. Por êle se pode avaliar quantas vítimas têm sido enterradas vivas, porque a crise durou mais tempo que o normal, e o óbito foi verificado pelos representantes duma ciência impotente para resolver os problemas psíquicos!

É pena que o Cristo não possa vir, pessoalmente, aos túmulos dos letárgicos, repetir o *surge et ambula*, para evitar tantas vítimas imoladas à infalibilidade científica de hoje!

O PROBLEMA DA SOBREVIVÊNCIA pelo *Dr. A. Lôbo Vilela* — Edição da Livraria da Federação Espirita Brasileira — 1941 — 144 páginas.

O livrinho que ora vamos analisar é pequeno no tamanho, mas grande pelo conteúdo espiritual e horizonte filosófico que nos entremostra, com a certeza duma convicção inabalável e indestrutível.

Firma-o o nosso erudito compatriota Dr. Vilela, cujo nome tem uma projecção enorme nos círculos espiritas dos dois continentes de fala portuguesa, banhados pelo Atlântico.

O assunto, desenvolvido magistralmente, através das suas poucas páginas não é novo. Êle mesmo o diz na nota prévia: «Grande parte do conteúdo dêste opúsculo fazia parte dum volume editado em Portugal com o título «A Morte é Vida».

Dadas, porém, as tendências dos campos infensos de se manterem na negativa obsecante da sobrevivência do espírito ao corpo somático, a doutrina expendida nas suas páginas de ouro é sempre oportuna, porque marca a posição de vanguarda aos nossos quatro princípios fundamentais, a saber: a *evolução*, as *vidas sucessivas*, o *karma* e a *comunhão entre os vivos e os mortos*.

* * *

No capítulo V, intitulado «*Da idéia de Deus*», o autor dá-nos uma síntese admirável da evolução da história do pensamento humano.

Primeiro, cita o progresso intelectual do homem, desde os acanhados limites dos seus conhecimentos perante a natureza, a ponto de chegar a personificar os astros, o fogo, a água, as plantas e os animais; daí o tornar-se *naturalista, totemista* e *feiticista*. Depois, evoluindo sempre, tenta compreender os mistérios da criação, pluraliza os deuses e torna-se *politeísta*.

Com a concepção do *Belo*, deifica a natureza e é panteísta. Surge depois o *antropomorfismo*. Não pára aqui e, mais tarde, inquietado pelo problema do destino humano, refugia-se no *esoterismo*. Porém, a par dêste, cultiva o *exoterismo*, com liturgia pomposa, para impressionar a fé.

E o autor, em estilo empolgante e convincente, revelando uma formação profundamente filosófica, conduz-nos ao ponto crucial da questão actual: o *idealismo* e o *materialismo*, dois fulcros, sôbre os quais assentam as bases das duas idéias antagónicas.

Nenhuma delas, porém, atinge a compreensão de Deus, porque partem de premissas divergentes. Conciliar essas duas concepções adversas, é função primacial do Espiritismo.

As idéias de Deus, conjecturadas pelo *Artista, pelo Moralista e pelo Sábio*, são contrárias e exclusivistas. Só o *Filósofo*, como diz o Dr. Vilela, pode conceber a síntese das três aspirações:

(Do Belo, do Bem e da Verdade).

Diz Carl du Prel que «na hora da morte o sábio e o ignorante encontram-se no relativo à sorte que os espera depois do último suspiro. E pregunta: «¿Qual o género de vida que nos espera no Além»? e a resposta foi sempre: *ignoramus, ignorabimus!*

¿E porquê? Porque a teologia afirma a crença na imortalidade sem provas verosímeis, e a fisiologia nega-a, baseada no axioma, muito falível, da observação e experiência... física. Mas para conhecer tôda a verdade, por meio da experiência, diz, e muito bem, Du Prel: *seria preciso que o homem tivesse tantos sentidos quantas as fôrças que há na natureza.*

Essas fôrças — e são tantas! — até agora nenhum sábio as descobriu. Essa, a impotência das ciências físicas e biológicas, incapazes de darem uma solução cabal ao problema máximo do destino humano.

No nosso entender, o autor de «*O Problema da Sobrevivência*» pôs o problema em equação, se bem que ainda sujeito à discussão da solução, como se diz em matemática. Atente-se em que o Espiritismo ainda não nos deu tudo quanto dêle temos a esperar.

Eis, *grosso modo*, o que nos sugeriu a leitura desta obra admirável. Já pela sua factura, já pela magistral lição que o autor nos dá, vale a pena lê-la. Por isso, a recomendamos, especialmente aos sócios e assinantes desta revista. Com a sua leitura, acumularão fàcilmente argumentos suficientes para a defesa dos nossos postulados basilares, em qualquer campo da oposição.

A edição é esmerada; e a sintaxe, a-pesar do livro ter sido editado no Brasil, não apresenta os deslises da próclise e da ênclise dos prenomes.

BOA NOVA — Obra psocografada por *Francisco Cândido Xavier* — Edição da Livraria da Federação Espirita Brasileira — 1941 — 204 páginas.

ESTAMOS em presença de mais um trabalho mediúnico, ditado pelo espírito de Humberto de Campos, ao operoso médium F. C. Xavier e editado pela Federação Brasileira.

É constituído por 30 pequenos capítulos, formando um resumo dos quatro Evangelhos canónicos. A sua leitura é agradável, amena, e o seu estilo adapta-se maravilhosamente a êste assunto especial da Vida do Cristo.

Ler êste livro é ficar com uma idéia muito clara da vida de Jesus e do seu Evangelho prègado e exemplificado na Terra Santa, cenário maravilhoso e inspirador de tantas obras primas, profanas e religiosas.

O seu autor, infatigável obreiro do mundo invisível, atingiu o seu objectivo ao ditar as páginas sinceras e convincentes da sua «*Boa Nova*». Nesta época incerta e dolorosa, em que o futuro da humanidade depende das circunstâncias trágicas que ora a subjugam, a leitura dêste livro dá-nos um grande prazer espiritual.

A doutrina do Evangelho, que êle consubstancia, é, de facto, a única que redimiria esta pobre humanidade sofredora. Por o não respeitar nem seguir é que ela sofre e anseia por um mundo melhor que êste em que, penosamente, tem de viver até cumprir os seus imperiosos deveres, impostos pelo Karma.

Como propaganda de princípios cristãos, reputo êste livro muito útil e atraente.

O leitor curioso de saber encontrará nele tudo o de que necessita para comprender a doutrina expendida e exemplificada pelo doce Nazareno aos seus discípulos e às multidões famintas de amor e de promessas de um mundo melhor. É êsse apostolado que o Espiritismo moderno se não cansa da propagar através do livro, da conferência e até da rádio. Que as penosas experiências de hoje sirvam de lenitivo para os dias porvindouros, eis o que, nesta época atribulada, devemos desejar a tôda a humanidade que sofre e espera, com os olhos fitos no doce e manso Rabi!

Notas & Comentários

Dr. António Lôbo Vilela

Após quinze longos meses de ausência em terras do Brasil, regressou a Lisboa o nosso amigo e colaborador Dr. António Lôbo Vilela. Não podemos ocultar a nossa grande satisfação, extensiva a todos os seus admiradores, que são muitos, que são todos os espiritas conscientes que lhe compreendem e apreciam a obra.

A sua passagem pelo Rio de Janeiro ficou assinalada com a publicação de dois livros magníficos: «O Problema da Sobrevivência» e «O Destino Humano», ambos à venda no nosso depósito de livros.

Chamamos a atenção dos leitores para a secção de «Bibliografia», onde é feita a análise duma destas interessantes produções. Por essa análise, embora resumida e perfuntória, poder-se-á avaliar a envergadura mental do nosso eminente colaborador, que nos últimos anos tem desenvolvido enorme actividade literária e científica, através-de prefácios, traduções e obras didáticas de reconhecido valor, como «Sôbre o ensino das Matemáticas Elementares» e «Sôbre a Didática da Matemática», que mereceram os aplausos da crítica mais severa.

A marcha do Espiritismo

É com grande satisfação que verificamos a expansão cada vez maior do Espiritismo, não só através de jornais e revistas da especialidade, mas também de cotidianos de larga circulação, que espalham os factos e as teorias, cientes de que algo contribuem para a vulgarização duma verdade que se afirma em tôdas as latitudes, a-pesar-de certos preconceitos que disputam a existência numa luta de vida ou de morte.

Agora, coube a vez ao Diário de Lisboa que, na sua edição de 7 de Outubro último, inseriu um artigo de Artur Lôbo de Ávila, intitulado: «A procura da verdade. O Espiritismo rehabilitado em Roma» e do qual extraímos os seguintes passos:

«Como é sabido, a Igreja condenou, sob pena de excomunhão, a prática do Espiritismo, receando os seus efeitos nos espíritos fracos ou ignorantes, promovendo actos inadmissíveis e até a loucura.

«O sr. Laponi, médico preferido de Leão XIII, era um sábio e um espirita profundo e escreveu um livro valioso sôbre o Espiritismo e as curas de doenças, realizadas em todos os tempos, pelo chamado magnetismo. Pediu o Dr. Laponi ao Pontífice que lesse o seu trabalho e o autorizasse a publicá-lo. Leão XIII assim fez, impondo-lhe a declaração, no livro, de que essa terapêutica só deveria ser permitida aos médicos.

.....

«É justo reconhecer que o Espiritismo tem por base princípios da melhor moral: a justiça, o desprêzo da riqueza e o conhecimento da verdade, *tanto quanto é possível, neste mundo, à luta, que é da Natureza, entre* o Bem e o Mal. *Um* médium *não responde, ou manga com o ambicioso que deseja saber o número da* sorte grande; *ao mesmo tempo, êsse* médium *ajudará a justiça a descobrir um criminoso e a defender um inocente, indevidamente acusado.*

«Há bastantes anos, assistindo eu a uma sessão espirita, um médium *deu a um general de engenharia, idoso, mais que ilustrado, sábio que desejava saber em que ano morreria, esta resposta, que ficou lavrada na acta:* general, engenheiro, velho, tu não podes saber quantos anos o Senhor te reserva!

.....

«Com eqüidade se pode, portanto, considerar o Espiritismo puro como prática do Bem e da Virtude.

A seguir, refere-se a um artigo de Ugo Moraldi, publicado no Corriere della Sera, *no qual, a-propósito das investigações de Alexandre Volt e de Galvani, o autor faz considerações a respeito de* fenómenos misteriosos *da vida: movimentos de objectos sem contacto, aparições, formações ectoplásmicas — sustentando que é preciso buscar mais uma vez e com novos instrumentos científicos as causas dêsses fenómenos, fixando-os com a máquina fotográfica, noticiando também a constituïção da* Sociedade Italiana de Metapsíquica, *de que é presidente o notável psiquiatra Fernando Cazzamalli, onde se têm obtido resultados apreciáveis.*

Felicitando o Diário de Lisboa *pela inserção do artigo de Artur Lôbo de Ávila, fazemos votos para que a imprensa portuguesa saia do círculo estreito em que vegeta, no tocante à reserva mantida acêrca duma doutrina racional, susceptível de orientar a ciência em muitas e laboriosas pesquisas, das quais poderá resultar mais perfeito conhecimento da verdade.*

O paraíso não existe. Talvez que venha a existir daqui a um decilião de anos. Aquêles que ali forem repostos por serôdia justiça, julgarão ter morrido na véspera. Ter sido, é ser. A sucessividade é condição absoluta do nosso espírito; mas, no objecto, a sucessividade e a simultaneidade confundem-se. Quando, em presença da morte, preguntamos intimamente se a noite será longa, somos tão ingénuos como as crianças que fazem idêntica pregunta ao deitar-se, porque anseiam pela luz do dia, durante o qual se divertem.

Renan

n.º 14, Nov/Dez/41

Crónica Estrangeira

por Isidoro Duarte Santos

Médium que infringe a lei, por curar o cancro e outras doenças...

Custa a acreditar, mas é assim mesmo e o caso passou-se na livre Inglaterra, onde o Espiritismo tem caminhado a passos de gigante. Até há pouco, os médiuns curadores exerciam ali a sua missão, sem que a polícia desse pela sua existência. Agora, o caso é diferente, sobretudo depois de aprovado um projecto de lei engendrado por ilustres esculápios, com o fim de se defenderem contra a diminuïção da clientela...

W. T. Parish, de quem já temos falado nestas colunas, é o médium em questão, que infringiu a lei, curando o cancro e anunciando o facto com a publicação duma carta da filha da doente.

A notícia respigámo-la do *Psychic News* de 6 de Setembro, em artigo do seu director, o bem conhecido propagandista Maurice Barbanell, segundo o qual não foi só o médium quem infringiu a lei, mas também êle, director do jornal, por haver publicado a carta, e a correspondente, por a ter escrito, e a própria doente, por «anunciar» a cura, dizendo que estava melhor...

Psychic News infringe, novamente, a lei, noticiando a cura e extraíndo alguns parágrafos da carta enviada a Parish pela senhora B. Hewitson, de Disraeli Road, Londres, S. W. 15, relembrando a hora em que telefonou ao médium, dizendo-lhe que sua mãe sofria dum cancro do estômago. E, noite e dia, ela, seu marido e dois amigos mantiveram-se em concentração, ao mesmo tempo que o médium exercia a acção psíquica na cura a distância. E a cura realizou-se.

Outro caso é o da mulher cega de um ôlho e a quem uma intervenção cirúrgica inoportuna roubara a vista do outro. Tratava-se da sr.ª Gaywood, então residente em Tottenham, Court Road, West London, e agora vivendo no campo, perto de Dorking. A doente escreveu ao médium, com o auxílio duma régua, que colocava sôbre o papel para guiar a pena, visto estar inteiramente cega.

— Estou absolutamente só — dizia ela —. Perdi o contacto com tôda a gente, mas tenho fé nos meus espíritos amigos. Quero falar com o médium curador sr. Parish. Sei que me ajudará, se tiver tempo para isso. Como não descobrira meio de lhe falar e não tinha quem escrevesse por mim, escrevi eu a carta.

Parish respondeu logo, dizendo que ia tratá-la. Passadas algumas semanas, a sr.ª Gaywood começou a ver, agradecendo o esfôrço dum médium curador que se encontrava a muitos quilómetros de distância e que nunca chegou a conhecer a enfêrma, sôbre quem incidiam os seus tratamentos.

Além destas, muitas outras curas têm sido realizadas por W. T. Parish. Um indivíduo foi curado duas vezes, em três anos. Da primeira vez, sofria de úlcera gástrica e foi restabelecido por cura a distância. «Efectivamente — escreveu a espôsa do enfêrmo — os médicos não querem acreditar que êle tivesse uma úlcera. Da segunda vez, o médico aconselhara uma operação de concreção biliar. A espôsa escreveu novamente a Parish, pedindo-lhe que exercesse a cura a distância. Um mês depois, a mesma senhora escrevia ao médium: «Devo agradecer-lhe o grande auxílio que já lhe prestou. A semana passada tinha o médico em seu poder oito radiografias do estômago de meu marido. Pois agora não encontra o mínimo vestígio de concreção biliar».

Um rapaz que estava no hospital soube que os médicos se preparavam para lhe amputar uma perna. Mas teve um amigo que escreveu a Parish e a perna foi salva. Uma senhora que fôra auxiliada a distância, durante uma séria operação, há cêrca dum ano, escreveu também para declarar que, após as experiências do hospital, teve alta com a indicação de «diabetes curada». O próprio doutor se admirou, dizendo que era coisa rara.

O director de *Psichic News* diz que viu tôdas estas cartas e conhece os nomes e endereços dos correspondentes, acrescentando:

«Os médicos podem inconscientemente zombar da cura espírita, mas ela exerce-se, a-pesar-de tudo».

Parish continua a consagrar-se por completo ao serviço da humanidade. Cura enfermos, anima outros curadores e inspira muitas pessoas. E às vezes, para cumprir o seu dever, tem que transgredir... a lei. Nada há que possa impedi-lo de desempenhar a sua missão.

Em Sorocaba, cidade do Estado de S. Paulo, há uma agremiação espírita intitulada «Sociedade Beneficente Allan Kardec, que está empenhada na realização do seguinte programa:

1.º — Auxílio pecuniário aos sócios, por motivo de doença ou desastre.

2.º — Auxílio pecuniário às famílias dos sócios falecidos, destinado ao funeral dos mesmos.

3.º — Assistência médica, farmacêutica, hospitalar, dentária e judiciária.

4.º — Construção de Hospital Espírita, Maternidade e Albergue Nocturno.

5.º — Auxílio aos sócios para construção de casa própria.

6.º — Assistência aos necessitados.

7.º — Departamento das senhoras espíritas.

8.º — Curso gratuito de corte e costura, flores, etc., para as filhas dos sócios.

9.º — Escola dominical «Pequeninos de Jesus».

10.º — Instrução cívica, moral e religiosa.

11.º — Jornal espírita.

Por êsse mundo...

— Um chefe da polícia inglêsa assistiu a uma sessão pública no Royal Cinema de Blackburn, onde obteve uma comunicação dum polícia amigo, que desencarnara havia muito tempo. O guia da médium disse: «Está presente um espírito chamado Joseph Thwaites ou Fate, que pertenceu à polícia». E indicou um jovem colocado em certo lugar da platéia. «¿Há aí alguém que use uniforme azul? — continuou. «Sim» — foi a resposta. Em seguida, ouviu-se uma voz que mais de cem pessoas reconheceram. Era uma mensagem dirigida ao chefe do Polícia de Blackburn.

— O cónego L. W. Grensted, que redigiu o célebre relatório das experiências espiritas, sonegado pelo Arcebispo de Cantuária, chefe da Igreja de Inglaterra, publicou um esplêndido artigo em que justifica a sua crença na comunicação dos espíritos. Documento de altíssima importância, a êle nos referiremos pormenorizadamente, logo que o espaço no-lo permita.

—Em virtude duma lei recentemente publicada em Inglaterra, a polícia começou a perseguir aquêles que se dedicam à leitura da *buena dicha*. Em compensação, admite a publicação na imprensa de previsões astrológicas, sem que os seus autores sejam molestados.

— A revista espirita brasileira *Novo Horizonte* acabou de publicar um romance de Alexandre Dias, intitulado «O Mistério das Sombras», que vai ser editado em livro.

— A Liga Espirita do Brasil patrocina oito ambulatórios, onde os doentes são tratados gratuitamente, sem distinção de crenças religiosas, nacionalidade ou posição social.

— A Directoria da Federação Espirita Brasileira foi reeleita em Agôsto passado, dela fazendo parte os seguintes confrades: *Presidente,* Guillon Ribeiro; *Vice-presidente,* M. Quintão; *1.º Secretário,* Ubaldo Ramalhete Maia; *2.º Secretário,* Alfredo Félix da Silva; *3.º Secretário,* João de Oliveira e Silva; *Tesoureiro,* F. V. da Rocha Garcia; *Procurador,* Manuel Jorge Gaio; *Director da Assistência aos necessitados,* J. L. Paiva Júnior; *Gerente do «Reformador»,* António Wantuil de Freitas.

— *The Greater World,* de Londres, de 31 de Maio último, publica um artigo de fundo, intitulado «O trabalho dum grande missionário», em que o nosso confrade e compatriota Severiano Ivens Ferraz é apontado como verdadeiro exemplo de propagandista. A êste pioneiro se deve a vulgarização das alocuções de *Zodíaco,* não só em Portugal, como no Brasil, onde se encontra há muitos anos.

— Segundo informa *Psychic News* de 13 de Setembro, *sir* Oliver Lodge deu provas da sua sobrevivência, materializando-se numa sessão em que trabalhava a médium Helen Duncan. «Albert» — o espírito guia, é que anunciou a materialização, dizendo: «*sir* Oliver Lodge» e acrescentou que o famoso cientista desejava falar a sua espôsa. Lodge apareceu e disse: «o agente que aqui me trouxe para demonstrar a continuïdade da vida após a morte, foi meu filho Raimundo».

— No último relatório do Director da Livraria da Federação Espirita Brasileira, datado de 1 de Julho passado, lê-se o seguinte período, extremamente elucidativo: «Vê-se, por esta simples exposição de algarismos, que se transmudou na mais concreta realidade o sonho acariciado por alguns membros da Directoria da Federação Espirita Brasileira de transformar a Livraria na coluna mestra do seu edifício material, fazendo face, com a sua renda, à maior, senão à totalidade dos seus compromissos de ordem financeira».

— O *Reformador,* órgão da Federação Espirita Brasileira, aumentou a sua tiragem para 10.000 exemplares.

— As vendas da Livraria da Federação Espirita Brasileira atingiram, no último ano, a quantia de 607.556$000 reis, mais 26.675$000 reis que no exercício anterior. As obras que tiveram maior expansão foram «O Evangelho segundo o Espiritismo», de que se fez a 26.ª edição, e «O Livro dos Médiuns», de que se fez a 16.ª.

— O censo da população brasileira, relativo a 1940, informava que havia 20 % de espiritas, ou seja um total de *nove milhões.*

— A *Federação dos Espiritas* de Pôrto Rico, criou a «Escola dominical Espiritista do Ar», como órgão e instrumento de vulgarização do Espiritismo pela rádio e cujos programas são transmitidos aos domingos pela emissora *W R P P.* A mesma Federação transmite também, tôdas as quintas-feiras de manhã, um programa intitulado «A voz do Espiritismo em Pôrto Rico», irradiado pela emissora *W P A B.*

— A Associação Espirita «Obreiros do Bem», do Rio de Janeiro, que está a construir um grande hospital espirita na capital fluminense, informa que o seu ambulatório «Allan Kardec» continua a funcionar todos os dias úteis, socorrendo tôdas as pessoas que ali acorrerem.

O corpo clínico presta serviço gratuitamente e é composto pelos seguintes médicos: Dr. Benedito Godoy Ferraz (homeópata), chefe do Ambulatório; Dr. J. Octaviano Riedel de Carvalho, Dr. A. M. Abreu e Dr. António da Costa Carvalho, todos de clínica geral; e Dr. António de Assis Moura, cirurgião. O lema da Associação é: «O Bem é o nosso fanal. A caridade, o nosso roteiro. A Fraternidade, o nosso alvo».

— O Centro Espirita Pátria do Evangelho, do Rio de Janeiro, vai lançar os fundamentos do *Retiro dos Espiritas,* destinado a acolher os velhinhos já esgotados de energia, sem recursos e desamparados.

Noticiário

Transcrições

A *Revista Internacional do Espiritismo* e outras publicações estrangeiras continuam a honrar-nos com transcrições de artigos desta revista. No seu n.º de Agôsto, aquela revista transcreveu a nótula «Como meu filho provou a sobrevivência», extraída da nossa «Crónica Estrangeira».

Também o nosso colega *Além*, órgão da Sociedade Portuense de Investigações Psíquicas, se dignou transcrever a *Nota* que escrevemos no n.º 12 de *Estudos Psíquicos*, sob o título «Ponto Final», acompanhando-a de comentários altamente desvanecedores para nós, e que consideramos imerecidos, porquanto, reconhecendo a nossa inferioridade e a fraqueza dos meios que empregamos, apenas nos resta apelar para as fôrças que nos restam, a-fim-de canalizá-las o melhor possível, com proveito para a Causa.

«Região de Leiria»

Este magnífico semanário leiriense, criteriosamente dirigido pelo nosso confrade e amigo sr. J. Baptista Santos, iniciou há pouco uma secção permanente, intitulada «Curiosidades», na qual transcreve várias nótulas da «Crónica Estrangeira», da autoria do nosso Director. O gesto da *Região de Leiria* é altamente significativo e vai levar muitos leitores a interessar-se pelos fenómenos psíquicos e espiritas.

Àquele jornalista apresentamos a expressão do nosso vivo reconhecimento.

Instituto Espiritualista Português

Subscrita pelo seu Presidente da Direcção, recebemos uma carta do Instituto Espiritualista Português, comunicando-nos a sua reorganização, após a dissidência do Centro E. Perdão e Caridade, verificada em Junho último.

À nova colectividade agradecemos a participação que nos foi feita, desejando-lhe as maiores prosperidades na missão em que se investiu.

Natal de 1941

Como em 1940, voltámos êste ano a distribuir alguns donativos pelos necessitados, os quais necessitados, infelizmente, estão em desproporção com a exiguidade dos nossos recursos. O momento é de crise universal, o que nos obriga a ficar muito aquém dos nossos desejos mais veementes. Prouvera que os tempos mudassem e que reinasse a paz entre os homens. Poderíamos, então, abalançar-nos a obra de maior fôlego que nos permitisse exercer a caridade em maior escala, contribuindo, assim, para a extinção da miséria moral e social.

A todos quantos nos enviaram donativos, aqui deixamos consignado o nosso indelével reconhecimento, em nome dos contemplados.

Segue a lista dos donativos:

Transporte do n.º 13 da revista — 97$00.

E. F. M., 20$00; J. C. N. S., 5$00; Armando Mendes Madeira, 5$00; F. M. G., do Rio de Janeiro, 1.500$00; Alfredo Nunes, 5$00; E. D., 5$00; Anónimo, 5$00; F. F., $25; Damião Teixeira, 7$50; Um sócio, $50; D. Maria Apolinária R. Santana, 2$00; Grupo Espirita Irmãos do Bem, 44$00; Rufino A. Lopes Bragança, 5$00; J. Vendrell, 9$00; Grupo Espirita Allan Kardec, 50$00; Hermínio Augusto Neves, 2$50; Mário de Jesus, 2$50; João José Alves, 5$00; Guilherme Miguel Afonso, 5$00; Eduardo Matos Cortes, 5$00; Francisco Matos, 3$00; D. Maria Clementina França, 5$00; M. P., 2$50; D. Cecília de Figueiredo, 5$00; D. Catarina Gomes de Figueiredo Pais, 5$00; António Gomes Parreira, 5$00; D. Delfina do Nascimento Silva, 3$00; Dr. Fred Wachsmann, 10$00; Júlio Ferreira, 2$50; José Tarriño y Hernandez, 2$50; S. A. S., de Faro, 10$00; Centro Luz, de Coimbra, 10$00; Uma camponesa, 10$00; Grupo Espirita Luz e Amor, 15$00; Bernardo Correia de Almeida, de Alcobaça, sufragando a alma de sua saüdosa espôsa Amélia Assunção Almeida, 10$00; Manuel de Sousa Neves, de Calvos, 2$50; Uma desconhecida, 10$00; Caixa de Beneficência do Centro Espiritualista Luz e Amor, 140$00; Francisco Elias de Carvalho Simão, de Ovar, 20$00; Albano António Ribeiro, do Pôrto, 5$00; Anónima, 20$00; venda de seis exemplares do folheto «Em legítima Defesa», 6$00 — Total: 2.082$75.

Foram contemplados 112 pobres; 60 com senhas de 25$00 e 52 com senhas de 10$00. As senhas de 25$00 correspondiam a vários géneros de mercearia, no valor de 20$00 e a 5$00 em dinheiro; as de 10$00 foram distribuídas só em dinheiro.

Enviámos também cinco senhas para cada um dos seguintes jornais: *O Século, Diário de Notícias, República* e *Diário de Lisboa*.

Para o Govêrno Civil, foram enviadas 3 senhas de 25$00 e 7 de 10$00.

Foram também distribuídos seis casaquinhos de malha e um enxoval, com cinco peças, para um recemnascido. O enxoval é oferta da Sr.ª D. Luciana Perdigão.

Como no ano passado, todos os donativos foram distribuídos na sede do Centro, incluindo os respeitantes às senhas enviadas para os jornais e Govêrno Civil, perfazendo a importância de 2.020$00 que, com 25$00 de despesa, soma 2.045$00, restando, portanto, um saldo para o ano seguinte de 37$75.

Oferta de livros

O nosso prezado confrade e amigo, Dr. Lôbo Vilela, teve a gentileza de oferecer ao Centro E. Luz e Amor cinqüenta exemplares do seu recente livro «O Problema da Sobrevivência».

É uma obra admirável baseada num têma de capital importância para o Espiritismo. Desnecessário se

nº 14, Nov.º/Dez.º/41

torna dizer da maneira como o autor desenvolve êsse têma, visto êle ser um Mestre em Espiritismo.

Em nome da Direcção do Centro, agradecemos ao nosso querido amigo esta valiosa oferta.

As nossas conferências

Como dissemos no último número, o novo ciclo de conferências do C. E. L. A. foi inaugurado pelo nosso distinto confrade sr. Coronel Faure da Rosa, cuja conferência teve por título: *O homem que dormiu cinqüenta anos* e que foi realizada no dia 19 de Outubro findo.

Como em tôdas as conferências que êste nosso velho amigo nos dá a honra de fazer no Centro, foi ouvido com muito interêsse, não só pela maneira impecável, elegante e alegre da sua dicção, como também pelo assunto escolhido — extraído de uma novela de Charles Richet — em que pôs em confronto duas civilizações distanciadas cinqüenta anos uma da outra, mas já tão diferentes entre si.

Nos dias 24 e 25 do mesmo mês, Cruz Ferreira, o apóstolo evangelizador a quem a Causa espirita tanto deve, de passagem por Lisboa, realizou uma conferência em cada um dêsses dias, sendo a última a pedido de alguns sócios. Ambas versaram sôbre os Evangelhos, que o orador conhece a fundo, e deixaram a assistência numa disposição de espírito propícia para a execução das grandes máximas do Cristo-Jesus.

Em seguida à primeira conferência e também a pedido, Cruz Ferreira fez uma sessão de curas magnéticas, com vários doentes que se achavam presentes.

O Dr. Fred, vigoroso conferencista, realizou no dia 9 de Novembro uma notável conferência subordinada ao título: *Pan-vitalismo e pan-psiquismo*. Como as anteriores por êle realizadas no Centro, esta foi cheia de lições para assistência, que ouviu o orador sempre com crescente agrado.

No dia 20 de Novembro coube a vez ao denodado propagandista do Espiritismo sr. Dr. António J. Freire, que versou o têma: *Os habitantes humanos do mundo astral*, tendo realizado outra conferência, como complemento desta, no dia 21 de Dezembro, sob o título: *Os habitantes não humanos do mundo astral*.

A sua erudição, a fluência das palavras e a maneira fácil como expôs estes assuntos deixaram encantados quantos a ela tiveram o prazer de assistir, porque, além disso, o Dr. António Freire sabe tornar compreensíveis os assuntos mais transcendentes, não só por meio da palavra, como também por meio de esquemas elucidativos.

Colaboração

Por um lapso do nosso colaborador, dr. António J. Freire, o artigo da sua autoria que anunciámos no número anterior desta revista para êste número, subordinado ao título «O Poder Mental (Formas astro-mentais. Egrégoras)», será publicado no próximo número, sendo o segundo da série que inicia hoje sob o mesmo título.

Caixa de Propaganda

Do nosso estimado consócio de Coimbra, sr. Braga Júnior, recebemos a importância de 15$00 para a Caixa de Propaganda e de J. C. N. S., 5$00.

Muito agradecidos.

Auxílio a «Estudos Psíquicos»

Recebemos também, para auxílio desta revista: de F. M. G., do Rio de Janeiro, 300$00; de Adelino Antunes de Matos, de Ceira, 5$00; e de Joaquim Vieira de Figueiredo, de Santarém, 5$00.

A todos, os nossos sinceros agradecimentos.

Auxílio ao Centro

Para êste fim, recebemos 100 angolares oferecidos pelo nosso confrade sr. João da Silva Gomes, de Malange, e que por lapso não foram mencionados oportunamente. Recebemos também 50 angolares enviados pelo confrade sr. Armando Vieira, também de Malange. Os primeiros foram convertidos em 93$00 e os últimos em 46$50, ao câmbio do dia.

Do nosso consócio e amigo, sr. Aires dos Santos Pinto, recebemos 50$00; de F. M. G., do Rio de Janeiro, recebemos 500$00.

A estes prestimosos confrades, o nosso vivo reconhecimento.

Programa dos trabalhos do Centro nos meses de Janeiro e Fevereiro de 1942.

Dia 4 de Janeiro, às 16 horas — Sessão experimental, dirigida por Isidoro Duarte Santos — Médium — D. Maria Pinheiro.

Dia 11 de Janeiro, às 16 horas — Conferência pelo coronel Faure da Rosa, intitulada «A Médium Piper».

Dia 18 de Janeiro, às 16 horas — Sessão experimental, dirigida por Manuel Tavares — Médium — D. Maria Pinheiro.

Dia 25 de Janeiro, às 16 horas — Sessão experimental a cargo dos grupos «Allan Kardec» e «Joana de Arc».

Dia 1 de Fevereiro, às 16 horas — Conferência pelo Dr. António J. Freire, intitulada «Origem e finalidade do Espiritismo».

Dia 8 de Fevereiro, às 16 horas — Sessão experimental dirigida por Isidoro Duarte Santos — Médium — D. Maria Pinheiro.

Dia 22 de Fevereiro, às 16 horas — Sessão experimental a cargo dos grupos «Allan Kardec e «Joana de Arc».

Dia 1 de Março, às 16 horas — Conferência pela Ex.ma Sr.a D. Ivone de Sousa, intitulada «Espiritismo e Teosofia».

Ao fechar o presente número, «Estudos Psíquicos» envia aos seus amigos, colaboradores e leitores os melhores cumprimentos de Boas-festas e um Novo-Ano muito feliz, com votos de saúde e paz espiritual.